



alphaspirit.it@shutterstock.com

FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

1

Figuras de linguagem

A linguagem é capaz de se ressignificar de acordo com o contexto de uso. Os sentidos de uma palavra, de um gesto ou de uma imagem podem extrapolar a simples definição prevista em um dicionário e receber um valor mais amplo, complexo e, muitas vezes, instigante.

Esse caráter inovador da linguagem é o que a torna viva. Uma simples palavra, aplicada em diferentes conceitos e combinações, pode se transformar em algo completamente diferente, tornando possível a expressão das mais variadas ideias. Esse tipo de construção é facilitado pelas figuras de linguagem. Neste capítulo, estudaremos quais são elas e o modo como impactam a apresentação de uma mensagem.

Introdução

As figuras de linguagem são construções usadas em uma mensagem para torná-la mais expressiva, ou seja, enfatizar o sentido transmitido por ela. Por esse motivo, é comum denominarmos as figuras de linguagem de recursos expressivos: muitas vezes, é graças a elas que um texto é capaz de persuadir o leitor, emocioná-lo ou fazê-lo entender o mundo a partir de um novo ponto de vista. Veremos, neste capítulo, as diversas figuras de linguagem e estudaremos a forma como atuam para potencializar os efeitos de um texto.

Linguagens figurada e literal

Conceito

As figuras de linguagem são criadas a partir do emprego da chamada linguagem figurada, que também pode ser denominada linguagem conotativa. Quando dizemos que uma palavra é usada em sentido figurado, isso significa que a definição prevista em um verbete de dicionário foi relativizada e ampliada em determinado contexto, permitindo que esse vocábulo sofra um processo de resignificação que amplia o seu significado. Observe, a seguir, um trecho do conto machadiano chamado “Verba testamentária”. Nele, algumas palavras foram usadas em sentido figurado, em especial o vocábulo “lousa”.

Esquecer é uma necessidade. A vida é uma lousa, em que o destino, para escrever um novo caso, precisa apagar o caso escrito.

ASSIS, Machado de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2.

Há algumas situações que precisam ser superadas para que outras possam ser vividas. Essa mensagem é transmitida por Machado a partir de uma relação comparativa entre uma lousa e a vida: um texto em um quadro negro precisa ser apagado para que outro seja escrito, assim como é possível viver muitas experiências em nossa história, mas cada uma em seu devido tempo. Nesse processo, para vivenciar algo novo, precisamos abandonar, “apagar” o passado.

Observe que esse sentido só pode ser alcançado porque o vocábulo “lousa” foi empregado para além de seu sentido dicionarizado. A palavra, dentro do contexto, foi usada com valor comparativo para representar as fases da vida. Limitá-la à definição prevista em um verbete eliminaria a possibilidade de compreender esse ensinamento machadiano em sua totalidade. Desse modo, portanto, devemos dizer que tal palavra está empregada em sentido figurado.

Compare, agora, o emprego do mesmo vocábulo em outra sentença, criada para um anúncio virtual:

A lousa quadriculada Olímpica possui uma superfície escura que permite a fácil aderência das cores de um giz. Seu formato curvilíneo permite uma ampla visualização de diversos ângulos. Além disso, seu tamanho reduzido favorece sua instalação nos mais variados ambientes.

Repare que, diferentemente da linguagem machadiana, o anúncio empregou a palavra “lousa” com o mesmo sentido previsto em dicionário, sem atribuir a ela valor comparativo. Aqui, portanto, o vocábulo foi usado em seu sentido literal, que também pode ser chamado de denotativo.

Considerando essas definições, compare os textos a seguir para determinar em qual deles a palavra “sal” é utilizada em sentido figurado e em qual é utilizada em sentido literal:

Vós, diz Cristo, Senhor nosso, falando com os pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal.

VIEIRA, Padre Antônio. *Sermão de Santo Antônio*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000257.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

O consumo excessivo de sal está diretamente relacionado com o surgimento de casos de hipertensão. O aumento da pressão ocorre porque, quando o sal chega à corrente sanguínea, uma grande alteração no equilíbrio dos líquidos internos acontece. O excesso da substância leva à retenção de água e a uma sobrecarga no coração, ocasionando o aumento de pressão.

SANTOS, Vanessa S. dos. Riscos do excesso de sal na alimentação. *Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/saude-bem-estar/riscos-excesso-sal-na-alimentacao.htm>. Acesso em: 12 jul. 2021.

No primeiro texto, retirado de um sermão do Padre Antônio Vieira, é atribuído à palavra “sal” um valor comparativo: assim como essa substância é utilizada para temperar os alimentos, Cristo espera que seus seguidores espalhem o amor para que as pessoas possam desfrutar suas vidas de modo mais completo. Nesse caso, portanto, “sal” é usado em sentido figurado. Já no segundo texto, retirado de um site educativo, o mesmo vocábulo é empregado com o sentido dicionarizado, o que nos leva a concluir que seu uso é literal.

Considerando esses exemplos, é adequado concluir que a conotação é comumente empregada na criação de textos literários, como poemas e contos, enquanto a denotação é frequentemente usada em textos técnicos, como um manual de instruções ou uma receita médica.

A partir da compreensão desses conceitos, podemos iniciar o estudo das figuras de linguagem e dos efeitos produzidos por elas em um texto.

Classificação das figuras de linguagem

Para facilitar o estudo das figuras de linguagem, vamos dividi-las em três grupos, de acordo com o efeito de sentido gerado por elas dentro de um texto. Para que essa divisão seja intuitiva, analise um trecho do poema “Violões que choram”, de João Cruz e Sousa, reproduzido a seguir:

Ah! plangentes violões dormentes, mornos,
Soluços ao luar, choros ao vento...
Tristes perfis, os mais vagos contornos,
Bocas murmurejantes de lamento.

Noites de além, remotas, que eu recordo,
Noites da solidão, noites remotas
Que nos azuis da fantasia bordo,
Vou constelando de visões ignotas.

Sutis palpitações à luz da lua.
Anseio dos momentos mais saudosos,
Quando lá choram na deserta rua
As cordas vivas dos violões choro

Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.

[...]

Vozes veladas, veludas vozes,
Volúpias dos violões, vozes veladas,
Vagam nos velhos vórtices velozes
Dos ventos, vivas, vãs, vulcanizadas.
Tudo nas cordas dos violões ecoa.

CRUZE SOUSA, João da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.

A leitura do texto chama a atenção do leitor a partir de uma construção inusitada: o sentimento do eu lírico é fundido ao som do instrumento, como se o estado de espírito angustiado pudesse ser refletido pela melodia do violão. Essa fusão torna-se bastante evidente quando algumas qualidades e comportamentos humanos, como a capacidade de chorar e soluçar, são atribuídos ao instrumento e ao som produzido por ele, ampliando a capacidade do texto de expressar o sentimento do eu lírico. Observe que esse valor figurado, pelo qual o instrumento recebe a capacidade de sentir, surge apenas em contexto. Esse fenômeno de ressignificação conceitual dá origem às chamadas **figuras semânticas**, que também podem ser classificadas como **figuras de palavras** ou **de pensamento**.

Porém, a leitura do texto revela outro aspecto que desperta a atenção do interlocutor: a força expressiva do poema é resultado da repetição de algumas palavras, como “vozes”, “vento” e “violão”, que enfatizam a capacidade da melodia de expressar o sentimento do eu lírico. Essa repetição não pode ser considerada acidental, visto que realça a importância do instrumento em seu papel de representar, pelo som, aquilo que sente o enunciador. Sem ela, portanto, muito do sentido do texto seria perdido. Considerando isso, podemos dizer que esse mecanismo de ênfase foi gerado estruturalmente, o que podemos associar ao uso de **figuras sintáticas**, também conhecidas com **figuras de construção**.

Ainda na análise do poema, outro aspecto se destaca na leitura: a sonoridade instigante do texto é motivada pelo recorrente emprego da consoante “v”, a qual, dentro do contexto, remete a um som semelhante ao vento soprando com força. Conclui-se, desse modo, que tal repetição também é proposital e altera a camada sonora do poema, o que ilustra o emprego das **figuras de som**.

Sendo assim, podemos classificar as figuras nos seguintes grupos:

Figuras semânticas	Atuam no sentido do texto ao ressignificar uma ou mais palavras dentro de um contexto.
Figuras sintáticas	Atuam na estrutura do texto ao promover mudanças na construção dos períodos e parágrafos.
Figuras sonoras	Atuam na sonoridade do texto ao destacar ou simular um som a partir das palavras.

Figuras semânticas

Considerando que as figuras semânticas modificam o sentido do texto a partir da ressignificação das palavras ou expressões, podemos subdividi-las a partir das relações de **comparação, oposição, intensidade** e **realce**. A tabela a seguir agrupa as figuras a partir dessas relações.

Comparação	Oposição	Intensidade	Realce
Metáfora	Antítese	Hipérbole	Sinestesia
Alegoria	Paradoxo	Eufemismo	Apóstrofe
Catacrese	Oximoro	Gradação	
Metonímia	Ironia		
Antonómiasia	Preterição		
Personificação			

Relações de comparação

Metáfora

Também denominada “símile”, pode ser considerada a figura de linguagem que dá origem às demais. Isso porque, em alguma medida, todas as figuras de linguagem dependem de um sentido comparativo, em menor ou maior grau.

A metáfora é criada a partir de uma relação de qualificação. Nela, um termo é usado para atribuir um valor figurado a outra palavra. Observe os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Seus olhos são um oceano.

Nessa construção, a palavra “oceano” é usada para atribuir uma característica ao vocábulo “olhos”. Essa característica precisa estar necessariamente relacionada a algum valor contido em “oceano”: pode, por exemplo, ser associada à profundidade, ou ainda à imensidão e até mesmo à instabilidade das águas. Nesse sentido, é possível que o enunciador da sentença considere o olhar da pessoa a quem se dirige como algo instigante e misterioso, assim como traiçoeiro, visto que nunca é possível se sentir plenamente seguro no oceano, tendo em vista suas constantes mudanças de estado.

Exemplo 2:

Sua voz é uma trombeta.

Nessa construção, as possibilidades de interpretação caminham no mesmo sentido da sentença anterior: trombeta pode representar figuradamente uma característica positiva – algo intenso – tanto quanto uma característica negativa, como algo irritante. Portanto, é adequado concluir que o enunciador da sentença intencionou enaltecer ou depreciar a voz da pessoa a quem se refere.

Tendo compreendido o conceito de metáfora, veja agora como ela se aplica no poema a seguir, de Machado de Assis.

Livros e flores

Teus olhos são meus livros.
Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia
A página do amor?
Flores me são teus lábios.
Onde há mais bela flor,
Em que melhor se beba
O bálsamo do amor?

ASSIS, Machado de. Livros e Flores. In: *Falenas*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000058.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2021.

No primeiro verso, ao dizer “Teus olhos são meus livros”, o eu lírico se utiliza do recurso da metáfora para sugerir que ele pode ver, nos olhos da amada, que seu amor é correspondido, associando esse sentimento à melhor leitura possível, metaforizada pela expressão “página do amor”. Na segunda estrofe, mais metáforas são utilizadas. O eu lírico associa os lábios da amada a flores, ressaltando que não há lugar mais aprazível do que esse (os lábios da amada), o que se nota, principalmente, na metáfora dos dois últimos versos (Em que melhor se beba/O bálsamo do amor?).

Com isso, podemos resumir a metáfora como uma figura em que há uma relação de comparação implícita entre dois termos ou expressões. Essa comparação é criada porque um deles, com sentido figurado, atribui uma característica ao outro.

! Atenção

Quando a metáfora estabelece uma conexão entre os termos comparados, ela pode ser denominada simplesmente “comparação”. Dentre os elementos conectivos que estruturam a comparação, podemos destacar expressões como “tal qual”, “feito”, “igual a”, entre outras.

Alegoria

Podemos entender a alegoria como um agrupamento de metáforas. Isso significa que um texto alegórico é composto de diversas metáforas organizadas com o objetivo de transmitir determinada ideia de modo figurado. Nesse sentido, as fábulas infantis, as parábolas bíblicas e contos de fadas devem ser considerados alegorias, pois todo seu desenvolvimento é estruturado a partir de imagens conotadas.

Para compreender melhor esse conceito, leia a seguir uma conhecida fábula comumente transmitida oralmente entre gerações:

A cigarra e as formigas

Num belo dia de inverno as formigas estavam tendo o maior trabalho para secar suas reservas de trigo. Depois de uma chuvaram, os grãos tinham ficado completamente molhados. De repente, apareceu uma cigarra: — Por favor, formiguinhas, me deem um pouco de trigo! Estou com uma fome danada, acho que vou morrer. As formigas pararam de trabalhar, coisa que era contra os princípios delas, e perguntaram: — Mas por quê? O que você fez durante o verão? Por acaso não se

lembrou de guardar comida para o inverno? — Para falar a verdade, não tive tempo — respondeu a cigarra. — Passei o verão cantando! — Bom. Se você passou o verão cantando, que tal passar o inverno dançando? — disseram as formigas, e voltaram para o trabalho dando risada.

A cigarra e as formigas. In: ABREU, Ana Rosa et al. *Alfabetização*: livro do aluno. Brasília: Fundescola/SEF-MEC, 2000. v. 2. p. 99. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001614.pdf. Acesso em: 22 jul. 2021.

A fábula é repleta de imagens metafóricas que facilitam sua interpretação: a cigarra, por exemplo, representa pessoas que se comportam de modo imediatista, irresponsável, enquanto as formigas representam aqueles indivíduos que buscam viver de modo prudente e, por esse motivo, julgam-se superiores aos demais. Além disso, até mesmo as estações do ano, como verão e inverno, podem representar determinados momentos da vida, por exemplo: a situação de gozar de uma boa remuneração ou enfrentar um período de desemprego, respectivamente. Considerando isso, compreendemos o uso da alegoria a partir dessa sucessão de metáforas.

De modo conclusivo, podemos dizer que a metáfora se desenvolve no nível de uma oração ou sentença, enquanto a alegoria é criada no nível do texto.

Catacrese

Muito comum em diálogos cotidianos, faz parte da rotina das pessoas e, muitas vezes, sequer percebemos seu emprego.

A catacrese é utilizada para nomear objetos, ações ou situações que não possuem uma nomenclatura adequada e, por isso, exigem uma construção figurada para referir-se a elas. É o caso de expressões como “pé da cadeira”, “asa do bule”, “braço do sofá”, todas criadas para suprir a necessidade de classificar partes inomináveis de alguns objetos. Outras expressões como “virar a página”, “tocar o barco” ou “cair a ficha” também são consideradas catacreses.

Tendo em vista que se trata de expressões metafóricas de uso recorrente, as catacreses são tidas como “metáforas desgastadas”, já que estão incorporadas no cotidiano, de modo que seu sentido figurado é facilmente compreendido pela maioria das pessoas.

Metonímia

Desenvolvida a partir de um processo de substituição, a metonímia é criada quando um termo de sentido figurado é usado para se referir a outro de sentido literal. A estrutura principal dessa figura, portanto, é a permuta entre termos. Para compreendê-la, analise os dois exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Há conquistas que são alcançadas apenas com muito suor.

Repare que a palavra “suor” não pode ser considerada apenas em sentido literal, tendo em vista que algumas conquistas, como a aprovação no vestibular, não exigem a prática de exercícios físicos. Sendo assim, esse vocábulo assume um sentido figurado, de valor mais amplo, e que representa, na realidade, o termo “esforço”. Ocorreu nessa sentença, portanto, uma permuta de “esforço” por “suor”.

Exemplo 2:

Você merece que seu trabalho lhe dê um teto para viver.

Observe que, novamente, o vocábulo sublinhado não pode ser considerado literal, uma vez que ninguém pode morar no teto de uma casa. Sendo assim, essa palavra assume sentido figurado na sentença e é usada no lugar de outro termo. Nesse caso, houve a substituição de “casa” ou, ainda, “moradia” pelo vocábulo “teto”.

Analise, a seguir, mais um exemplo de metonímia, retirado de uma obra de Marina Colasanti:

Em pouco, o jardim vestiu o cetim das folhas novas. Em cada tronco, em cada haste, em cada pedúnculo, a seiva empurrou para fora pétalas e pistilos. E mesmo no escuro da terra os bulbos acordaram, espreguiçando-se em pequenas pontas verdes.

Mas enquanto todos os arbustos se enfeitavam de flores, nem uma só gota de vermelho brilhava no corpo da roseira. Nua, obedecia ao esforço do seu jardineiro que, temendo viesse a floração romper tanta beleza, cortava rente todos os botões.

COLASANTI, Marina. *A mulher ramada. Doze reis e a moça no labirinto do vento*. 12. ed. São Paulo: Global Editora, 2006.

Observamos que a narrativa se desenvolve a partir da chegada da primavera em um jardim. Todas as árvores e arbustos, como esperado, começam a florescer nessa estação, exceto a roseira. Na história, ela é a única que permanece sem vida, como se ainda estivesse no outono. Considerando essa interpretação, percebemos que a expressão “gota de vermelho”, de sentido figurado, representa a palavra “rosa”, de sentido literal. Sendo assim, a mesma sentença poderia ser redigida da seguinte forma, sem o uso da metonímia: **nem uma só rosa brilhava no corpo da roseira.**

A metonímia, portanto, pode ser conceituada como uma figura de substituição por semelhança, em que ocorre uma permuta de um termo literal por um figurado.

A seguir, observe algumas das relações de substituição metonímica mais comuns nos vestibulares.

Sentido figurado	Sentido literal	Análise
Comprei um <u>Apple</u> .	Comprei um <i>smartphone</i> da marca Apple.	A marca foi usada no lugar do produto .
Comi três <u>pratos</u> cheios.	Comi macarrão em três pratos cheios.	O recipiente foi usado no lugar do conteúdo .
<u>Machado de Assis</u> me emociona.	Os livros de Machado de Assis me emocionam.	O autor foi usado no lugar da obra .
Depois da aula, vou dormir no <u>Pedro</u> .	Depois da aula, vou dormir na casa do Pedro.	O proprietário foi usado no lugar da propriedade .
Preciso ir à <u>nutricionista</u> .	Preciso ir à consulta de uma nutricionista.	O profissional foi usado no lugar do serviço prestado.
No <u>coração</u> de mãe, sempre cabe mais um.	Uma mãe sempre pode oferecer amor aos filhos.	O concreto foi usado no lugar do abstrato .
Respeite meus <u>fios brancos</u> de cabelo.	Respeite minha idade avançada.	A consequência foi usada no lugar da causa .
É impossível viver sem a <u>chama que brilha no céu</u> .	É impossível viver sem o sol.	O efeito foi usado no lugar do agente .

Repare, porém, que há infinitas formas de criar uma metonímia. Por esse motivo, é fundamental compreender essa figura a partir de seu dispositivo de substituição – muitas vezes, inclusive, não há um nome específico para a permuta realizada. Lembre-se: toda metonímia consiste na troca de um termo literal por um figurado.

! Atenção

Alguns gramáticos definem um tipo especial de metonímia chamado de sinédoque. Nela, uma parte de algo é usada para se referir a um todo, como no exemplo a seguir:

Temos 50 cabeças de gado.

Nessa sentença, a parte (cabeça) é usada para representar o todo (boi).

Antonômiasia

Pode ser considerada um tipo de metonímia. Corresponde a uma denominação atribuída consensualmente a uma pessoa e empregada para se referir a ela.

Observe os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

O rei do futebol completou 80 anos recentemente.

Nesse exemplo, a expressão “rei do futebol” é usada para se referir a Pelé.

Exemplo 2:

Poucas lideranças políticas foram tão implacáveis quanto a dama de ferro.

Nessa sentença, a expressão “dama de ferro” é usada para se referir a Margaret Thatcher.

Exemplo 3:

O bruxo do Cosme Velho é o maior escritor do Brasil.

Nessa sentença, a expressão “bruxo do Cosme Velho” é usada para se referir a Machado de Assis.

Perífrase

Muito semelhante à antonomásia, a perífrase corresponde a um título ou expressão consensualmente atribuído a um lugar, objeto ou a qualquer substantivo não humano. Veja os exemplos a seguir:

Exemplo 1:

Ainda quero conhecer a cidade luz.

Nessa sentença, a expressão “cidade luz” é usada para se referir à Paris.

Exemplo 2:

Sempre consulto o pai dos burros quando não conheço uma palavra.

Nessa sentença, a expressão “pai dos burros” é usada para se referir ao dicionário.

Exemplo 3:

A história muda de rumo após a descoberta do ouro negro.

Nessa sentença, a expressão “ouro negro” é usada para se referir ao petróleo.

Personificação

Também chamada de prosopopeia, trata-se de uma figura em que uma característica essencialmente humana é atribuída a algo não humano, como os animais, a natureza, os objetos, dentre outros. Muitas vezes, a personificação é usada para expressar uma ideia de forma mais clara ao relacioná-la a um comportamento humano. Veja os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Tinha havido um desastre, mas Baleia não atribuía a esse desastre a impotência em que se achava nem percebia que estava livre de responsabilidades. Uma angústia apertou-lhe o pequeno coração.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Rio de Janeiro: Record, 2020.

Nesse trecho da narrativa de *Vidas secas*, a personificação ocorre porque a personagem Baleia, uma cadela cuidada pela família de Fabiano, recebe do narrador a capacidade humana de pensar sobre uma situação, bem como concluir um raciocínio. No contexto da história, essa

prosopopeia é fundamental para estabelecer um dos aspectos críticos do texto, tendo em vista que a cadelinha é, por diversas vezes, mais humanizada pelo narrador do que seus próprios donos.

Exemplo 2:

No último instante, Mimosa, a égua branca, vaidosa e fútil, que puxava a aranha do Sr. Jones, entrou, requebrando-se graciosamente e chupando um torrão de açúcar.

ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. Cornélio Procópio: Uenp, 2015. p. 6. Disponível em: www.ccp.uenp.edu.br/e-books/lituniv/2015-gorwell-rev_bichos.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

Nesse pequeno trecho da narrativa de *A revolução dos bichos*, a vaca chamada Mimosa recebe duas características humanas: a vaidade e a futilidade. A personificação é fundamental para o desenvolvimento dessa narrativa, visto que todo o texto atribui aos animais competências humanas.

Exemplo 3:

[...]
E eu disse: “O tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,
Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais;
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?”
E o corvo disse: “Nunca mais”.

Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atônito, embora a resposta que dera
Difícilmente lha entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
Cousa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta
Num busto, acima dos portais,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome: “Nunca mais”.

[...]
POE, Edgar Allan. *O corvo*. Tradução de Machado de Assis. Disponível em: http://paginapessoal.utfpr.edu.br/mhlima/O%20CORVO%20MachadoAssis.pdf/at_download/file. Acesso em: 12 jun. 2021.

Nesse poema narrativo, a figura de um corvo que invade o quarto do eu lírico é personificada na medida em que a ave, representando o tempo ou a própria morte, torna-se capaz de compreender o homem e estabelecer com ele um diálogo.

Relações de oposição

Antítese

Figura pela qual palavras ou ideias opostas são aproximadas em um mesmo texto. Pode ser criada a partir da linguagem verbal bem como da linguagem visual. É importante destacar que toda antítese apresenta sentido lógico. Para compreender a construção dessa figura, analise os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Nasce o sol, e não dura mais que um dia,
Depois da **Luz** se segue a **noite** escura,
Em tristes sonhos morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.
[...]

MATOS, Gregório de. *Inconstância dos bens do mundo. Seleção de obras poéticas*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000119.pdf. Acesso em: 12 jun. 2021.

Nesse poema de Gregório de Matos, o autor faz uso dos conceitos opostos de “luz” e “noite” para, de modo metafórico, defender a tese de que a vida é instável e no decorrer de seu curso enfrentamos diversas mudanças, muitas delas independentes da nossa vontade. Percebe-se que, do ponto de vista lógico, a existência desses conceitos é coerente com a realidade.

Exemplo 2:



Nessa imagem, os conceitos de velhice e juventude são aproximados a partir da figura de um homem idoso e um jovem adulto. Novamente, a aproximação de opostos respeita a lógica do mundo natural e é coerente com a realidade. Esse detalhe, observado tanto no poema quanto nessa fotografia, é fundamental para compreendermos a próxima figura de linguagem.

Paradoxo

Trata-se de uma figura que conserva grande semelhança com a antítese, tendo em vista que também é estruturada a partir de conceitos ou imagens opostas. A diferença entre elas, entretanto, é substancial: diferentemente da antítese, o paradoxo sempre aparentará ser incoerente com a realidade e corresponderá a um desafio lógico. Isso significa que a construção dessa figura exige uma leitura atenta para que ela possa ser interpretada de modo coerente, porque, em uma análise menos cuidadosa, ela sempre parecerá desconectada do mundo real.

Para compreender o paradoxo de modo adequado, avalie os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Estamos vivendo dias de completa escuridão.

Perceba que, em um primeiro momento, os conceitos opostos aproximados nesse exemplo parecem incoerentes: como um dia pode ser completamente escuro? Figuradamente, entretanto, é possível depreender dessa sentença que vivemos em dias sem esperança, por exemplo.

Exemplo 2:

Estamos vivendo noites completamente iluminadas.

Novamente, a construção aparenta, em um primeiro momento, falta de coerência: como uma noite pode ser inteiramente iluminada? A sentença demanda uma análise metafórica do enunciado, o que permite interpretar, dentre outras possibilidades, a mensagem de que os momentos difíceis podem ser enfrentados com otimismo.

Esses exemplos iniciais, portanto, nos auxiliam a compreender o paradoxo como um desdobramento da antítese, ressaltando, porém, que se trata de uma figura de aparente incoerência com o mundo natural. Para aprofundar a compreensão desse recurso, compare a imagem a seguir com a fotografia anteriormente analisada.

Exemplo 3:



Interpretando a imagem, é possível perceber sua aparente falta de lógica: como um homem idoso pode se olhar no espelho e se enxergar ainda jovem? Se, por um lado, a fotografia que exemplificou a antítese anteriormente é coerente com o mundo natural, por outro, essa imagem paradoxal desafia a lógica. Entretanto, ao analisar a imagem, é possível depreender alguns significados; por exemplo, que o senhor, apesar da idade avançada, ainda se sente jovem, ou que sente saudades de sua época de juventude.

Com isso, podemos concluir que todo paradoxo sempre representará uma construção verbal ou visual que desafia a noção de realidade e coerência em um primeiro momento. Porém, todo paradoxo pode ser explicado a partir de uma interpretação cuidadosa de seus elementos.

! Atenção

Na antítese, a aproximação dos opostos é realizada a partir de ideias distintas e separadas entre si. No paradoxo, todavia, a aproximação é realizada de modo simultâneo, fazendo que os conceitos ou palavras opostos estejam unidos em uma mesma ideia.

Oximoro

Considerado por muitos gramáticos um tipo de paradoxo, o oximoro também faz uma aproximação de opostos com aparente incoerência em sua construção. A diferença entre as duas figuras, entretanto, se dá na questão estrutural: no oximoro, as palavras ou ideias contraditórias fazem

parte de uma expressão, o que torna mais evidente a falta aparente de lógica do texto e o que reforça os sentidos opostos. Para compreendê-lo de modo mais efetivo, avalie os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Estamos vivendo dias escuros.

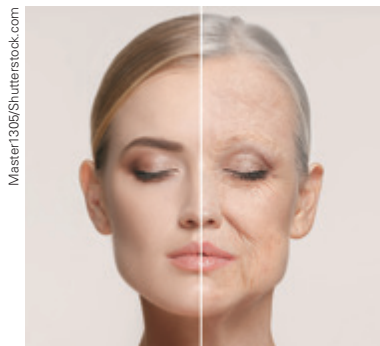
Novamente, a sentença cria um efeito de estranheza e aparente falta de lógica: como um dia pode ser escuro? Observe que, diferentemente do paradoxo, as palavras opostas fazem parte da mesma expressão, estando visualmente próximas, em uma construção que reforça a contradição dos conceitos.

Exemplo 2:

Estamos vivendo noites luminosas.

Nessa sentença, mais uma vez, o sentido se mostra incoerente com o mundo natural e exige uma interpretação mais cuidadosa para ser compreendido. Repare que, fazendo parte de uma mesma expressão, o caráter supostamente ilógico da aproximação dos opostos se torna mais evidente.

Exemplo 3:



Nessa imagem, vemos novamente os conceitos de juventude e velhice, trabalhados nas duas figuras anteriores. A aproximação realizada aqui, no entanto, reforça a contradição da imagem e pode ser classificada como um oxímoro.

Ironia

Devemos considerar a ironia uma figura em que uma sentença é produzida para transmitir a ideia oposta do que enuncia. Essa definição pode ser melhor compreendida quando traçamos uma analogia com a linguagem matemática: na ironia, **a sentença diz X querendo, na realidade, dizer Y**. Considerando essa definição, avalie os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Meu amigo teve a brilhante ideia de secar minhas roupas no forno a gás.

Nessa sentença, o caráter irônico é evidente e pode ser percebido sem a necessidade de analisar o contexto em que está inserido. O enunciador atribui à ideia do colega brilhantismo quando, na verdade, a considerou o oposto completo, tendo em vista que se trata de uma péssima sugestão.

Exemplo 2:



Niquel Nausea de Fernando Gonçales

Observe que, no último quadro, a postura física do ratinho que diz “É o novo Drummond” revela que ele, na verdade, achou as rimas feitas pela outra personagem péssimas. Desse modo, portanto, devemos considerar sua fala irônica.

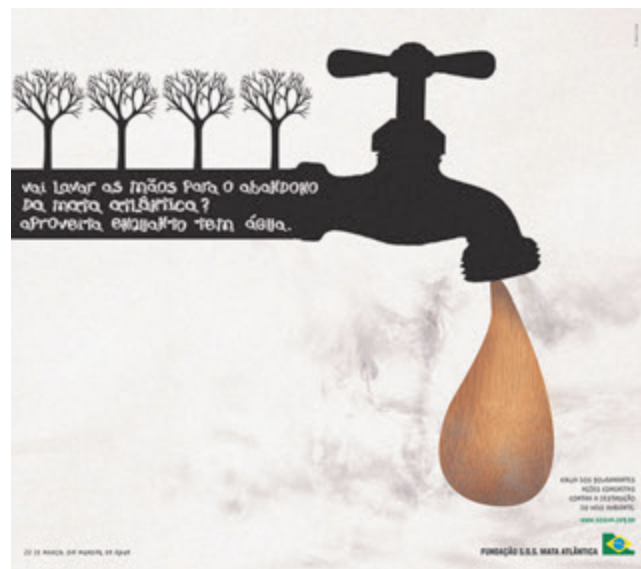
Exemplo 3:

Chocolates são alimentos saudáveis e fazem bem à saúde. Podemos consumi-los todos os dias e em todas as horas!

Analise cuidadosamente essa sentença: se ela tiver sido produzida em um contexto de educação alimentar, por um nutricionista que está advertindo seu público sobre a obesidade e os perigos do açúcar em uma dieta, devemos considerá-la irônica. Em um contexto diferente, porém, é possível que ela não carregue esse valor de ironia: caso ela tenha sido dita por uma criança na pré-escola para seus colegas de turma, é provável que tenha a intenção de transmitir a mensagem de maneira literal.

Sendo assim, podemos concluir que há ironias que dependem do contexto em que são produzidas. É importante ressaltar que, na maioria das ocorrências dessa figura, é o contexto que permite interpretar a intenção irônica do enunciador.

Considerando essa afirmação, analise a propaganda a seguir, criada pela ONG SOS Mata Atlântica.



Fundação SOS Mata Atlântica

A partir do contexto, é possível entender que o enunciado “Aproveita enquanto tem água” é irônico, tendo em vista que o enunciador é consensualmente conhecido por seu trabalho de preservação da Mata Atlântica, e, dessa

forma, sua intenção é expressar o oposto: devemos usar a água de modo responsável. Nesse sentido, o texto verbal contribui para o efeito irônico do texto, visto que a imagem da torneira pingando, que conota escassez ou desperdício, bem como a figura das árvores secas, deixam claro a necessidade de nos responsabilizarmos pelo uso desse importante recurso.

Sarcasmo

Trata-se de um recurso expressivo frequentemente associado à ironia. A maior parte dos exames vestibulares, inclusive, considera a ironia e o sarcasmo a mesma figura.

Consideramos sarcasmo uma intenção enunciativa de deboche ou escárnio. Analise o exemplo a seguir.

[...] Marcela amou-me durante 15 meses e 11 contos de réis; nada menos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

No contexto da história, é possível entender que a intenção do narrador é expressar o oposto do enunciado, ou seja, explicitar que o amor de Marcela, na realidade, nunca existiu e que, portanto, sua relação com a moça era pautada apenas pela questão financeira. Notamos que o enunciado sugere desgosto; portanto, podemos apontar o emprego de sarcasmo na sentença.

Preterição

Figura de linguagem semelhante à ironia, é criada quando um enunciador diz não falar sobre algo, embora, na realidade, já esteja falando sobre isso. Pode ser intencionada pelo enunciador, o que gera efeito de humor na maioria dos casos, ou ocorrer por simples distração. Analise os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Custa-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era. Não digo também que era dos mais inteligentes, por um escrúpulo fácil de entender e de excelente efeito no estilo, mas não tenho outra convicção.

ASSIS, Machado de. Conto de escola. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=1979&co_midia=2. Acesso em: 12 jun. 2021.

Observamos que, ao falar sobre o próprio desempenho, o narrador do texto nega que irá falar sobre si de modo pedante sendo que, na verdade, já o havia feito. Nesse caso, devemos considerar que a finalidade da figura é gerar comicidade no texto.

Exemplo 2:

Acho muito deselegante falar sobre a vida das pessoas, sabe? Mas, realmente, ele está se comportando muito mal. Não sei como a mãe daquele garoto suporta o filho. Acho que a postura da mulher é muito covarde, entende? Mas quem sou eu para falar sobre a vida dos outros?!

Nessa sentença ficcional, porém facilmente imaginável no cotidiano, o enunciador critica a postura de fofocar sobre a vida alheia, mas é exatamente o que faz na sequência em sua fala. Nota-se, portanto, o uso involuntário da preterição.

Relações de intensidade

Hipérbole

É gerada a partir de um exagero, proposital ou acidental, criado em uma ideia ou expressão. No cotidiano, é muitas vezes usada como mecanismo de ênfase para facilitar a comunicação oral. Veja os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Se a aula não acabar, vou morrer de fome!

Exemplo 2:

Eu não escuto uma bobeira como essa há milhares de anos.

Nos textos literários, a hipérbole promove, quase sempre, uma ampliação no sentido do texto. Para compreender o modo como esse efeito é gerado, leia o poema a seguir.

Exemplo 3:

Corrente, que do peito destilada,
Sois por dois belos olhos despedida;
E por carmim correndo dividida,
Deixais o ser, levais a cor mudada.
[...]

MATOS, Gregório de. In: BARBOSA, Frederico (org.). *Clássicos da poesia brasileira*. São Paulo: Klick, 1997.

Nesse texto, Gregório de Matos descreve a sensação do choro a partir de uma imagem exagerada quando compara as lágrimas que escorrem no rosto a uma corrente de água, o que configura, portanto, uma intenção de enfatizar o sentimento de tristeza.

! Atenção

É importante não confundir a hipérbole com os superlativos (palavras usadas para expressar qualidades exuberantes, de grau elevado). Por exemplo, vocábulos como “riquíssimo”, “ilustríssimo”, ou expressões tais quais “estou muitíssimo cansado” não devem ser considerados hiperbólicos porque são criadas de forma literal, sem que haja intenção de exagero.

Eufemismo

Recurso considerado o oposto da hipérbole, tendo em vista que é criado a partir da intenção de suavizar uma palavra ou ideia. Observe os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Um dia, todos ficaremos sem o colo dos nossos pais.

Nessa oração, a expressão “ficar sem o colo dos pais” tem por finalidade suavizar a ideia da morte.

Exemplo 2:

Do outro lado da sala é possível escutar o que você diz.

Nesse exemplo, a ideia suavizada é de que o interlocutor fala demasiadamente alto.

Exemplo 3:

Esses cabelos brancos revelam muitas experiências de vida.

Podemos considerar que todo o sentido da oração é eufemístico, tendo em vista que a finalidade do enunciado é tornar a ideia de velhice desejável.

Gradação

Muito semelhante à enumeração, corresponde a um agrupamento de ideias que se direciona a um clímax ou a um anticlímax. Para que ocorra uma gradação em uma sentença, é preciso que pelo menos duas ideias sejam agrupadas no enunciado. Analise as sentenças a seguir:

Exemplo 1:

Espero um dia me apaixonar, aprender a amar uma pessoa e, claro, viver para sempre ao lado dela.

Observamos que há uma evidente enumeração nesse exemplo, criada a partir dos verbos “apaixonar” e “amar”, bem como a partir da expressão “viver para sempre”. Considerando que essas ideias caminham para enfatizar o sentimento ou desejo do enunciador, devemos considerá-las como gradação crescente, ou, ainda, ascendente.

Exemplo 2:

Nos apaixonamos assim que nos conhecemos.
Nos meses seguintes, discutíamos por qualquer motivo.
Hoje, nenhum dos dois sequer se suporta.

Essa sentença revela um caminho diferente da gradação avaliada no exemplo anterior: entre “apaixonar”, “discutir” e “não se suportar”, há uma enumeração que enfatiza o desgosto progressivo entre os amantes. Desse modo, devemos classificá-la como gradação decrescente, ou, ainda, regressiva.

Tendo em vista que os dois tipos de gradação intensificam um sentimento, é preciso atenção ao diferenciar o clímax e o anticlímax. O primeiro efeito é gerado quando o agrupamento resulta em uma ideia eufórica, ou seja, desejável. O segundo efeito, porém, resulta de um agrupamento que leva à disforia, ou seja, a uma ideia indesejada. Considere esse comentário para avaliar a sentença a seguir.

Exemplo 3:

Eu era pobre. Era subalterno. Era nada.

MONTEIRO, Lobato. *Negrinha*. São Paulo: Pandorga, 2019.

A análise desse exemplo ilustra com clareza a gradação, tendo em vista que a enumeração das ideias enfatiza a mensagem a partir de seu agrupamento. Nesse caso,

ao interpretar o emprego da figura, reparamos que o sentimento expresso por ela é negativo, o que configura, portanto, um caso de anticlímax. Dessa forma, devemos classificá-la como gradação regressiva.

Relações de realce

Sinestesia

Corresponde à mescla de diferentes campos sensoriais humanos (visão, audição, olfato, paladar e tato) na mesma expressão. Comum em textos literários, é frequentemente usada para expressar de modo espontâneo as sensações experimentadas pelo enunciador da mensagem. Leia a seguir um trecho do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

[...] No quarto, desfazendo a mala e tirando a carta de bacharel de dentro da lata, ia pensando na felicidade e na glória. Via o casamento e a carreira ilustre, enquanto José Dias me ajudava calado e zeloso. Uma fada invisível desceu ali, e me disse em voz igualmente macia e cálida: "Tu serás feliz, Bentinho; tu vais ser feliz.

[...]

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv00180a.pdf>. Acesso em: 29 jul. 2021.

Repare que a expressão descritiva “voz macia e cálida” é usada pelo eu lírico para se referir a uma voz agradável, que tranquiliza. Considerando que os adjetivos “macia” e “cálida”, pertencentes ao campo tátil, estão relacionados ao substantivo “voz”, do domínio auditivo, a expressão pode ser considerada sinestésica.

As próximas sentenças também apresentam sinestesia. Leia-as com atenção.

Exemplo 1:

Não canta, geme em U – geme um gemido aveludado, lilás, sonorização dolente da saudade.

MONTEIRO, Lobato. *Negrinha*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 135.

Essa expressão sinestésica criada por Monteiro Lobato relaciona os sentidos da audição (gemido), do tato (aveludado) e da visão (lilás) e exemplifica o prazer do narrador ao ouvir o canto do pássaro.

Exemplo 2:

Seu olhar frio e indiferente não me cativa.

A sinestesia, nesse exemplo, é bastante simples e facilmente perceptível a partir da junção dos campos da visão (olhar) e do tato (frio).

Apóstrofe

Muito comum em discursos religiosos, políticos e no cotidiano, a apóstrofe representa uma interpelação no fluxo de uma sentença. Essa interpelação é estruturada para que o enunciador convoque um interlocutor por meio de um vocativo. É importante ressaltar que a interrupção da sentença pode ser observada no início ou no desenvolvimento de um período.

Analise os exemplos a seguir para compreender essa figura.

Exemplo 1:

Vozes d'África

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?

Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
Onde estás, Senhor Deus?...
[...]

ALVES, Castro. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000010.pdf. Acesso em: 19 jun. 2021.

Observe que o primeiro verso do poema traz uma convocação dirigida a Deus, a partir das expressões vocativas “Deus! ó Deus!”. Trata-se, portanto, de uma apóstrofe.

Exemplo 2:

Precisamos nos unir, povo brasileiro, para defender a democracia no país!

Veja que, nesse período apelativo, o enunciador se dirige diretamente aos interlocutores, marcados como “povo brasileiro”, o que reforça a sensação de proximidade pretendida por ele.

Figuras sintáticas

Diferentemente da esfera semântica, as figuras consideradas sintáticas são aquelas que alteram a estrutura do texto e, eventualmente, produzem um efeito de sentido a partir da alteração realizada. Podemos classificá-las a partir das relações de apagamento, repetição, ruptura e inversão, conforme o quadro a seguir.

Apagamento	Repetição	Ruptura	Inversão
Elipse	Polissíndeto	Silepse	Quiasmo
Zeugma	Anáfora	Anacoluto	Hipérbato
Assíndeto	Epístrofe		
	Pleonasmo		

Relações de apagamento

Elipse

Trata-se de uma figura de linguagem muito comum em diálogos cotidianos e em gêneros textuais diversos, como notícias e até mesmo contratos jurídicos. A elipse corresponde ao apagamento de uma palavra ou expressão de uma sentença – é frequente que esse apagamento seja facilmente apreendido no contexto em que foi feito. Analise o exemplo na tirinha a seguir.



No segundo e terceiro quadros, é possível perceber o apagamento de algumas palavras, tanto nas falas de Filipe quanto nas de Mafalda. Quando a garota responde “não”, infere-se que a sentença completa seria “não, meu pai não está doente”; de modo semelhante, quando o menino pergunta “sua mãe, então?”, compreendemos que a fala sem apagamentos vocabulares seria “sua mãe é quem está doente, então?”.

Com isso, podemos chegar a duas leituras possíveis dessa tirinha: as personagens fazem uso das elipses porque, no contexto em que estão dialogando, é desnecessário completar as orações, ou ainda, o emprego das elipses é proposital porque, considerando que há alguém doente na casa, é adequado falar baixo e pouco para não incomodar o enfermo com o barulho da conversa. Dessa forma, concluímos que é possível recuperar as palavras elípticas e o motivo que gerou os apagamentos em virtude do contexto da tirinha.

Há, porém, outros mecanismos além do contexto que podem auxiliar na percepção das elipses. Para compreendê-los, veja a tabela a seguir.

Elipse por contexto	Elipse por terminação verbal	Elipse por pontuação
<p>Sentença original: — Nome? — Amanda. — Idade? — 29.</p> <p>Palavras elípticas: — (Qual é seu) nome? — (Meu nome é) Amanda. — (Qual é sua) idade? — 29 (anos).</p>	<p>Sentença original: Precisamos convencer essas pessoas, afinal, não acreditaram em nós.</p> <p>Palavras elípticas: (Nós) precisamos convencer essas pessoas, afinal, (elas) não acreditaram em nós.</p>	<p>Sentença original: Eu dou aula de Língua Portuguesa, e meu colega, de Geografia.</p> <p>Palavras elípticas: Eu dou aula de Língua Portuguesa, e meu colega (dá aula) de Geografia.</p>
<p>Análise: As elipses são depreendidas pelo teor contextual e representam uma ocorrência muito comum na língua falada. Nesse sentido, podemos afirmar que aceleram a comunicação ao eliminar do enunciado palavras facilmente recuperáveis.</p>	<p>Análise: Tendo em vista a terminação (ou desinência) dos verbos “precisar” e “acreditar”, é correto associar a cada um deles um pronome específico. Por esse motivo, o sujeito desses verbos é denominado oculto ou desinencial.</p>	<p>Análise: A elipse corresponde ao apagamento do verbo “dar” e do substantivo “aula”. Esse tipo de construção é bastante comum em situações cotidianas de comunicação.</p>

! Atenção

Em textos formais, é comum que o uso da elipse seja feito para garantir mais fluidez à leitura. Nessas situações, a elipse deve ser considerada um mecanismo de coesão textual, responsável pela progressão harmoniosa do texto. Estudaremos casos assim no capítulo reservado à coesão textual.

Zeugma

É considerada um subtipo de elipse. Alguns exames vestibulares, inclusive, não diferenciam essas figuras.

O zeugma corresponde ao apagamento de um termo anteriormente enunciado no texto. Analise o exemplo a seguir:

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.
[...]

DIAS, Antônio Gonçalves. *Melhores poemas*. São Paulo: Global, 2012.

Observe que, na última linha da segunda estrofe, o verbo “ter” foi suprimido pelo autor. Considerando que já havia sido empregado no texto, podemos considerar esse apagamento um zeugma.

Assíndeto

Para compreender o assíndeto de modo mais claro, analisaremos brevemente a etimologia dessa palavra: de origem grega, ela é resultado da junção do prefixo de apagamento “a” com o verbo “syndéo”, cujo significado é “conectar”, “unir”. Assim, a figura corresponde ao apagamento de termos conectivos entre palavras ou orações. Veja os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Vim, vi, venci.

Nesse período, comumente associado ao imperador romano Júlio César, há três orações independentes que não estão conectadas entre si. No exemplo, as vírgulas foram usadas no lugar das conjunções.

Exemplo 2:

Consolo na praia

[...]
Perdeste o melhor amigo.
Não tentaste qualquer viagem.
Não possuis casa, navio, terra.
Mas tens um cão.
[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*. Rio de Janeiro: Record, 2001. © Graña Drummond www.carlosdrummond.com.br

De modo semelhante, o terceiro verso apresenta o assíndeto entre as palavras “casa”, “navio” e “terra”.

Relações de repetição

Polissíndeto

Também de origem grega, o polissíndeto é formado pela junção do prefixo “poli”, usado como sinônimo de “muitos”, com o verbo “syndéo”, resultando em uma palavra cujo significado é “muitos conectivos”.

Diferentemente do assíndeto, no polissíndeto ocorre a repetição do mesmo termo conectivo, sobretudo de “e”, “ou” e “nem”. Veja os exemplos a seguir:

Exemplo 1:

[...]
Canto, e canto o presente, e também o passado
e o futuro [...]

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*.
Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993).

No trecho do poema de Fernando Pessoa, percebe-se a repetição intencional do conectivo “e”, resultando em um acúmulo de elementos que ressalta e intensifica o teor do canto.

Exemplo 2:

Ou você lê, ou escuta música. Precisa se
concentrar e aprender e desejar saber cada
vez mais.

Nesse exemplo, é possível identificar dois polissíndetos: a repetição do conectivo “ou” e, posteriormente, a repetição do conectivo “e”.

Anáfora

Semelhante ao polissíndeto, na anáfora ocorre a repetição da mesma palavra ou expressão no início de uma sentença. As duas figuras se diferenciam porque, no polissíndeto, a repetição é feita por meio de um conectivo, e na anáfora pode ser estabelecida por qualquer classe de palavra, como substantivos ou advérbios. Veja os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não in-
veja, não se vangloria, não se orgulha.

Não maltrata, não procura seus interesses, não se
ira facilmente, não guarda rancor.

1 Coríntios. *A Bíblia sagrada*. Cap. 13, vers. 4-5. Disponível em:
www.bibliainfo.org/versiculo/1_corintios_13_4-7/.
Acesso em: 22 jul. 2021.

Podemos perceber o emprego de duas anáforas nesses versículos bíblicos: a primeira consiste na repetição do substantivo “amor”, e a segunda, do advérbio “não”. Nos dois casos, a figura é usada para enfatizar o sentido do ensinamento transmitido no texto.

Exemplo 2:

Mesmo não florescendo a figueira e não ha-
vendo uvas nas videiras, mesmo falhando a safra
de azeitonas e não havendo produção de alimento
nas lavouras, nem ovelhas no curral, nem bois nos
estábulos, ainda assim eu exultarei no Senhor e me
alegarei no Deus da minha salvação.

Habacuque. *A Bíblia sagrada*. Cap. 3, vers. 17-8.
Disponível em: www.bibliainfo.org/versiculo/habacuque_3_17-19/.
Acesso em: 22 jul. 2021.

Nesse exemplo, as duas figuras acontecem de modo simultâneo, o que não é incomum e reforça a ideia de maneira evidente. O emprego de anáfora é predominante no advérbio “mesmo” e na expressão “não havendo”; já o polissíndeto ocorre na repetição dos conectivos “e” e “nem”.

Epístrofe

Muito semelhante à anáfora, corresponde à repetição da mesma palavra ou expressão, porém ocorre apenas no final da sentença, conforme ilustram os versos a seguir.

Consolo na praia

[...]
O primeiro amor passou.
O segundo amor passou.
O terceiro amor passou.
Mas o coração continua.
[...]

ANDRADE, Carlos Drummond de. *A rosa do povo*.
Rio de Janeiro: Record, 2001. © Graña Drummond
<http://www.carlosdrummond.com.br>

Repare que nos três primeiros versos da estrofe ocorre a repetição dos dois últimos vocábulos de cada verso (“amor passou”), o que determina a epístrofe.

! Atenção

A maioria dos vestibulares classifica a anáfora e a epístrofe como a mesma figura. Eventualmente, ambas também podem ser denominadas como paralelismo vocabular.

Pleonasma (ou redundância)

Bastante comum em situações informais, o pleonasma é uma figura marcada pela redundância e ocorre quando o significado de determinada expressão é replicado desnecessariamente. Veja as palavras a seguir:

Entrar – Sair – Descer – História – Prefeito

Todos os vocábulos desse conjunto possuem um sentido consensualmente conhecido pelas pessoas, de modo que é dispensável complementá-lo ou explicá-lo a partir do acréscimo de outras palavras. Sendo assim, as seguintes expressões são consideradas pleonasma:

Entrar para dentro
Sair para fora
Descer para baixo
História do passado
Prefeito da cidade

Afinal, “entrar” implica a ação de “deslocar-se para dentro” de um local, assim como “sair” já supõe o deslocamento para fora e “descer” necessariamente ocorre para baixo. Além disso, uma “história” é sobre o passado e um “prefeito” deve administrar uma cidade.

Naturalmente, em situações cotidianas de fala, é comum que as pessoas recorram a pleonasmos sem sequer perceber seu emprego. Não se trata de um erro propriamente dito, mas, em alguns contextos, como os mais formais, pode ser considerada uma construção estilisticamente deselegante. Com isso, podemos dizer que essa figura é muitas vezes utilizada sem intenção, motivo pelo qual pode ser considerada um vício de linguagem.

Lembre-se: pleonasmos criados acidentalmente, associados a uma fala espontânea e em um contexto informal de comunicação, são chamados de pleonasmos viciosos.

Há, porém, outro emprego para um pleonasmo. Analise o trecho inicial do poema “Mar português”, de Fernando Pessoa:

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram!
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar,
Para que fosses nosso, ó mar!
[...]

PESSOA, Fernando. *Mar português. Mensagem*. São Paulo: Difel, 1986.

Nesses versos, a expressão “mar salgado” é visivelmente redundante, pois o mar é obrigatoriamente salgado. Não existe mar de água doce e, portanto, o eu lírico faz uso de um pleonasmo. Porém, no contexto do poema, a imagem do mar que se torna mais salgado pelas lágrimas das pessoas faz com que o sentido proposto pelo autor se torne mais enfático. Portanto, não podemos considerar a construção pleonástica um simples acidente: o contexto nos permite afirmar que o emprego da figura foi proposital.

Quando o pleonasmo for intencionado pelo enunciador, como no exemplo avaliado acima, devemos nomeá-lo pleonasmo literário. Sua função, dentro de um texto, sempre estará associada ao contexto e promoverá um reforço na ideia pretendida pelo autor.

Relações de ruptura

Silepse

Muito comum na língua falada, a silepse é uma figura em que há uma concordância que não se encaixa na norma-padrão, mas que apresenta sentido lógico. Por esse motivo, alguns gramáticos consideram essa figura uma concordância no campo das ideias. Para compreendê-la, leia o seguinte exemplo.

A multidão correram para o lado oposto.

Veja que a sentença apresenta um problema de concordância verbal: o verbo “correr” não concorda em número (singular) com o sujeito “multidão”. Mas, embora a oração esteja em desacordo com a norma-padrão, é possível perceber alguma lógica na construção, tendo em vista que “multidão” pressupõe muitas pessoas.

Podemos dividir a silepse em três ocorrências distintas:

Silepse de número (desvio na concordância de termos no singular ou no plural): O grupo reivindicaram o trabalho.

Análise: tendo em vista que a palavra “grupo”, apesar de estar no singular, transmite uma ideia de coletividade (diversas pessoas), a concordância é feita com o verbo no plural.

Silepse de pessoa (desvio na concordância de termos pronominais): Os alunos queremos mais aulas pela manhã.

Análise: em um contexto no qual o enunciador faça parte do grupo de alunos, a concordância entre a terceira pessoa (eles, de quem eu falo) é feita com o verbo em primeira pessoa (nós, a quem eu represento), com a intenção de incluir-se no coletivo.

Silepse de gênero (desvio na concordância entre termos no masculino ou feminino): Vossa excelência está desatento.

Análise: o pronome de tratamento “Vossa excelência”, apesar do núcleo feminino, é usado para se referir tanto a homens quanto a mulheres. A concordância nominal, no entanto, é feita com o gênero da pessoa a quem se refere, e não com o pronome de tratamento. No exemplo, é possível inferir que o interlocutor se dirige a um homem.

Anacoluto

Conhecido como “frase quebrada”, trata-se de uma figura muito comum na oralidade, sobretudo em situações de grande emoção e espontaneidade. É criado quando um enunciador inicia uma sentença e, sem finalizá-la, começa outra frase. Analise o exemplo abaixo.

Minha mãe, eu sinto saudades de quando morávamos juntos.

Observe que o termo “minha mãe” não desempenha nenhuma função sintática no período e parece deslocado do restante da sentença. Evidentemente, seu emprego obedece a uma função lógica, visto que o enunciador falava sobre suas memórias. Porém, estruturalmente, a expressão não se conecta com a oração posterior e, por isso, foi isolada pela vírgula. Ocorre, portanto, um anacoluto.

Analisando o contexto desse exemplo, é bem provável que o enunciador tenha pensado em duas sentenças diferentes e, ao juntá-las em um período, tenha deixado o termo “minha mãe” sem função oracional. Veja.

Sentença 1:

Eu sinto saudades da minha mãe.

Sentença 2:

Minha mãe e eu morávamos juntos.

Sentença 3:

Minha mãe, eu sinto saudades de quando morávamos juntos.

Com isso, podemos concluir que o anacoluto é o resultado de um fluxo de pensamento que, na sentença, é representado por uma quebra, o que faz com que algum termo esteja desconectado do restante da oração e não desempenhe nenhuma função sintática. Leia, a seguir, outros exemplos.

Exemplo 1:

Meu amigo, acho que ele não virá à aula.

Exemplo 2:

E o desgraçado tremiam-lhe as pernas e sufocava-o a tosse.

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. [S. l.]: Ediouro, [s.d.].

! Atenção

Por ser resultado de uma sentença incompleta e aglutinada com outra, é muito comum que o anacoluto de um período esteja no começo de uma oração e isolado dos demais termos por vírgula.

Relações de inversão

Quiasmo

Trata-se de uma figura em que a posição de uma ou mais palavras é repetida e cruzada na mesma sentença. Visualmente, essa inversão cruzada assume o formato da letra “X”. Leia o exemplo a seguir.

[...]
Cheguei. Chegaste. Vinhas fatigada
E triste, e triste e fatigado eu vinha,
[...]

BILAC, Olavo. Olhando a corrente. *Antologia: poesias*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

Veja que as palavras “vinhas”, “fatigada” e “triste”, dispostas dessa forma no final do primeiro e início do segundo verso do poema, foram cruzadas para “triste”, “fatigado” e “vinha”, no final do segundo verso. Trata-se de uma figura de certo modo comum em textos literários e que cria um efeito de realce no texto.

É importante destacar, porém, que o quiasmo não precisa, necessariamente, ocorrer em versos diferentes, como na poesia acima. Observe os exemplos seguintes.

Exemplo 1:

Na internet eu falo mal da redação do Enem. Na redação do Enem eu falo mal da internet.

Exemplo 2:

Sempre acordo pensando na hora de dormir. Na hora de dormir penso em quanto tempo tenho antes de acordar.

Veja que, nos dois casos, o quiasmo foi empregado em sequência, em frases comuns. Além disso, nesses exemplos, a figura foi responsável por criar um efeito humorístico, o que traz leveza aos textos.

Hipérbato

Comumente chamado de ordem indireta da oração, corresponde a uma mudança na posição dos termos de uma sentença. Geralmente, essa inversão é feita pelo deslocamento do sujeito. Leia o exemplo abaixo.

São lindos os seus olhos.

Nessa sentença, o sujeito “os seus olhos” está posposto ao verbo “ser”, rompendo a ordem direta.

Usualmente, a ordem com que organizamos uma sentença é iniciada pelo sujeito, seguido pelo verbo e complementos verbais ou nominais, dentro do predicado. Qualquer mudança dessa ordem é chamada de hipérbato. É importante destacar que o hipérbato é uma figura eventualmente produzida em situações informais, como num diálogo do cotidiano.

Analise o exemplo a seguir, retirado da obra poética de Raimundo Correa:

O vinho de Hebe

Quando do Olimpo nos festins surgia (A)

Hebe risonha, os deuses majestosos (B)

Os copos estendiam-lhe, ruidosos, (B)

E ela, passando, os copos lhes enchia... (A)

[...]

CORREIA, Raimundo; LEÃO, Múcio (org.). *Poesias completas*. São Paulo: Editora Nacional, 1948. p. 4.

Nesse poema, o eu lírico apresenta para o leitor uma cena em que os deuses do Olimpo são servidos com vinho por Hebe. É possível perceber o emprego de hipérbato já nos dois primeiros versos, tendo em vista que o sujeito do verbo “surgir” está deslocado para o segundo verso. Leia a seguir a mesma estrofe, reorganizada em ordem direta:

“Quando Hebe surgia risonha nos festins do Olimpo, os deuses majestosos estendiam os copos ruidosos para ela,

E ela, passando, enchia-lhes os copos...”

Ao reorganizar o texto em uma ordem mais próxima àquela usada na comunicação cotidiana, é mais simples compreender o seu significado – embora não gere os mesmos efeitos. Repare, porém, que a reorganização eliminou o padrão de rima dos versos originais. Com isso, podemos destacar outro aspecto do hipérbato: na literatura, seu emprego é frequente em poemas porque facilita o padrão sonoro buscado pelos poetas.

! Atenção

Ao interpretar poemas, sobretudo de escolas como o Barroco e o Parnasianismo, é altamente recomendável que os versos sejam reorganizados em ordem direta, visto que o emprego do hipérbato pode dificultar a interpretação do texto.

Figuras sonoras

Figuras sonoras são aquelas que caracterizam a musicalidade e o ritmo de um texto, criando efeitos de sentido específicos. Por esse motivo, estão muito presentes em gêneros literários, como poemas e letras de canção. É possível classificá-las a partir das relações de repetição e semelhança, conforme o quadro a seguir.

Repetição	Semelhança
Assonância	Onomatopeia
Aliteração	Paronomásia
	Cacofonia

Relações de repetição

Assonância

Corresponde à repetição do som de uma ou mais vogais. Na maioria dos casos, a assonância permite que um texto siga o mesmo padrão de cadência sonora, ou

seja, permite que haja harmonia entre as palavras usadas. Veja, a seguir, os versos da primeira estrofe do poema “Ária do luar (XIV)”, de Alphonsus de Guimaraens.

O luar, sonora barcarola,
Aroma de argental caçoula,
Azul, azul em fora rola...

GUIMARAENS FILHO, Alphonsus de (org.). *Ária do luar. Melhores poemas de Alphonsus de Guimaraens*. Rio de Janeiro: Global, 2013.

Aliteração

Corresponde à repetição de um som consonantal, inclusive por meio de consoantes diferentes, mas que apresentem semelhança sonora. Assim como a assonância, é usada para imprimir ritmo especialmente a textos literários. Analise o exemplo abaixo:

Exemplo 1:

O rato roeu a roupa do rei de Roma.

Nesse trava-línguas, a repetição da consoante “r” é a responsável pela sonoridade do texto. A aliteração, portanto, contribui para o efeito humorístico da sentença.

Veja, a seguir, outro exemplo dessa figura, presente em uma estrofe do poema “Violões que choram”, de Cruz e Sousa, visto anteriormente neste capítulo.

Exemplo 2:

[...]
Quando os sons dos violões vão soluçando,
Quando os sons dos violões nas cordas gemem,
E vão dilacerando e deliciando,
Rasgando as almas que nas sombras tremem.
[...]

CRUZ E SOUSA, João da. *Violões que choram. Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.

Observe que há um jogo de repetições sonoras criado pelo autor a partir das consoantes “s”, “c” e “ç”. Embora sejam consoantes diferentes, o som delas é muito semelhante e, por esse motivo, podemos dizer que se trata de aliteração. A figura faz com que a leitura do poema fique mais ritmada.

Relações de semelhança

Onomatopeia

Corresponde à reprodução escrita de um som. Seu emprego é muito comum em charges, tirinhas e demais textos literários. Veja o exemplo a seguir.



Observe que, no terceiro quadrinho, a expressão “Crunch! Crunch!” é usada para representar o som de Armandinho comendo o chocolate. Temos, portanto, uma onomatopeia.

Diante do que foi visto até o momento, podemos classificar as onomatopeias em dois tipos: onomatopeias simples, com palavras criadas para designar sons, e onomatopeias compostas, criadas por aliterações que, dentro de um contexto, simulam um som específico.

Há, porém, um terceiro tipo de onomatopeia. Para compreendê-lo, veja a questão resolvida a seguir.

Exercício resolvido

1. **Unicamp-SP 2021** Entre todas as palavras do momento, a mais flamejante talvez seja desigualdade. E nem é uma boa palavra, incomoda. Começa com des. Des de desalento, des de desespero, des de desesperança. Des, definitivamente, não é um bom prefixo. Desigualdade. A palavra do ano, talvez da década, não importa em que dicionário. Doravante ouviremos falar muito nela. De-si-gual-da-de. Há quem não veja nem soquete, mas está escrita no destino de todos os ônibus da cidade, sentido centro/subúrbio, na linha reta de um trem. Solano Trindade, no sinal fechado, fez seu primeiro rap, “tem gente com fome, tem gente com fome, tem gente com fome”, somente com esses substantivos. Você ainda não conhece o Solano? Corra, dá tempo. Dá tempo para você entender que vivemos essa desigualdade. Pegue um ônibus da Avenida Paulista para a Cidade Tiradentes, passe o valetreque na catraca e simhora – mais de 30 quilômetros. O patrão jardinesco vive 23 anos a mais, em média, do que um humaníssimo habitante da Cidade Tiradentes, por todas as razões sociais que a gente bem conhece. Evitei as estatísticas nessa crônica. Podia matar de desesperança os leitores, os números rendem manchete, mas carecem de rostos humanos. Pega a visão, imprensa, só há uma possibilidade de fazer a grande cobertura: mire-se na desigualdade, talvez não haja mais jeito de achar que os pontos da bolsa de valores signifiquem a ideia de fazer um país.

(Adaptado de Xico Sá, A vidinha sururu da desigualdade brasileira. Em *El País*, 28/10/2019. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/28/opinion/1572287747_637859.html?fbclid=IwAR1VPA7qDYs1Q0llcdy6UGAJTwBO_snM DUAw4yZpZ3zyA1ExQx_XB9Kq2qU. Acesso em: 25 maio 2020.

A crônica instiga o leitor a ficar atento à desigualdade na cidade de São Paulo.

Assinale a alternativa que identifica corretamente os recursos expressivos (estilísticos e literários) de que se vale o autor.

- a) A desigualdade está escrita nas linhas de trens e resoa nos versos de Solano Trindade: onomatopeia.
- b) No destino dos transportes coletivos no sentido centro subúrbio é possível viver a desigualdade: eufemismo.
- c) A desigualdade se mostra na expectativa de vida dos moradores de bairros bem situados e periferias: alusão.
- d) Na cobertura da imprensa, números da desigualdade perdem para pontos da bolsa de valores: ambiguidade.

Resolução:

No contexto dos versos de Solano Trindade, a expressão “tem gente com fome”, repetida algumas vezes, lembra o som de um trem correndo nos trilhos. Com isso, podemos dizer que a combinação dessas palavras resultou em uma onomatopeia.

Resposta: alternativa: A.

Paronomásia

Comumente chamada de “trocadilho”, trata-se de uma figura em que palavras de sonoridade muito semelhante são aproximadas em um mesmo texto. Muitas vezes, a paronomásia é criada para reforçar um sentido ou, ainda, para gerar humor. Considerando isso, leia os exemplos a seguir:

Exemplo 1:

É dever do Estado vacinar os grupos de risco, mas na minha cidade vacinaram primeiro os grupos de ricos.

Veja que o jogo de palavras “risco” e “ricos” reforça o aspecto crítico do texto.

Exemplo 2:



A proximidade sonora entre “grana” e “grama” produz um aspecto sarcástico na charge.

Cacofonia

Muito comum em situações cotidianas e informais de fala, a cacofonia ocorre quando a junção de dois ou mais sons na mesma sentença produz uma sonoridade cômica ou desagradável para o ouvinte. Leia as sentenças a seguir.

Exemplo 1:

Coloque uma mão na cabeça. (uma mão = um mamão)

Exemplo 2:

Dê canetas aos participantes. Uma por cada grupo. (uma por cada = uma porcada)

Revisando

1. **UFRJ** Segue neste soneto a máxima de bem viver que é envolver-se na confusão dos néscios para passar melhor a vida.

SONETO

Carregado de mim ando no mundo,
E o grande peso embarga-me as passadas,
Que como ando por vias desusadas,
Faço o peso crescer, e vou-me ao fundo.

O remédio será seguir o imundo
Caminho, onde dos mais vejo as pisadas,
Que as bestas andam juntas mais ousadas,
Do que anda só o engenho mais profundo.

Não é fácil viver entre os insanos,
Erra, quem presumir que sabe tudo,
Se o atalho não soube dos seus danos.

O prudente varão há de ser mudo,
Que é melhor neste mundo, mar de enganos,
Ser louco c'os demais, que só, sisudo.

(MATOS, Gregório de. *Poemas escolhidos*.
São Paulo: Cultrix, 1989. p. 253)

Esse texto faz um uso particular de metáforas para concretizar abstrações. Nele, encontram-se vocábulos cujos significados constroem imagens vinculadas à travessia do eu-lírico no mundo. Retire do texto quatro vocábulos desse campo semântico, sendo dois verbos e dois substantivos.

2. **Fuvest-SP (Adapt.)** Leia o trecho de uma canção de Cartola, tal como registrado em gravação do autor:

[...]

Ouçã-me bem, amor,
Preste atenção, o mundo é um moinho,
Vai triturar teus sonhos tão mesquinhos,
Vai reduzir as ilusões a pó.

Preste atenção, querida,
De cada amor tu herdarás só o cinismo
Quando notares, estás à beira do abismo
Abismo que cavaste com teus pés.

Cartola, "O mundo é um moinho".

Na primeira estrofe, há uma metáfora que se desdobra em outras duas. Explique o sentido dessas metáforas.

3. **UFG-GO 2014** Leia os textos para responder à questão.

Texto 1

Discurso do presidente do Uruguai, José Pepe Mujica, na Assembleia da ONU/2013

Sou do sul e venho do sul a esta Assembleia, carrego inequivocamente os milhões de compatriotas pobres, nas cidades, nos desertos, nas selvas, nos pampas, nas depressões da América Latina, pátria de todos que está se formando.

Carrego as culturas originais esmagadas com os restos de colonialismo nas Malvinas, com bloqueios inúteis a este jacaré sob o sol do Caribe que se chama Cuba. Carrego as consequências da vigilância eletrônica, que não faz outra coisa que não despertar desconfiança. Desconfiança que nos envenena inutilmente. Carrego uma gigantesca dívida social com a necessidade de defender a Amazônia, os mares, nossos grandes rios na América. Carrego o dever de lutar por pátria para todos.

Nossa civilização montou um desafio mentiroso e, assim como vamos, não é possível satisfazer esse sentimento de esbanjamento que se deu à vida. Isso se massifica como uma cultura de nossa época, sempre dirigida pela acumulação e pelo mercado.

Prometemos uma vida de esbanjamento, e, no fundo, constitui uma conta regressiva contra a natureza, contra a humanidade no futuro. Civilização contra a simplicidade, contra a sobriedade, contra todos os ciclos naturais.

O pior: civilização contra a liberdade que supõe ter tempo para viver as relações humanas, as únicas que transcendem: o amor, a amizade, aventura, solidariedade, família.

Civilização contra tempo livre que não é pago, que não se pode comprar, e que nos permite contemplar e esquadriñar o cenário da natureza. Arrasamos a selva, as selvas verdadeiras, e implantamos selvas anônimas de cimento. Enfrentamos o sedentarismo com esteiras, a insônia com comprimidos, a solidão com eletrônicos, porque somos felizes longe da convivência humana.

Ouvimos da biologia que defende a vida pela vida, como causa superior, e a suplantamos com o consumismo funcional à acumulação.

A política, eterna mãe do acontecer humano, ficou limitada à economia e ao mercado. De salto em salto, a política não pode mais que se perpetuar, e, como tal, delegou o poder, e se entretém, aturdida, lutando pelo governo. Debochada marcha de historieta humana, comprando e vendendo tudo, e inovando para poder negociar de alguma forma o que é inegociável. Há marketing para tudo, para os cemitérios, os serviços fúnebres, as maternidades, para pais, para mães, passando pelas secretárias, pelos automóveis e pelas férias. Tudo, tudo é negócio.

Todavia, as campanhas de marketing caem deliberadamente sobre as crianças, e sua psicologia para influir sobre os adultos e ter, assim, um território assegurado no futuro. Sobram provas de que essas tecnologias são bastantes abomináveis e que, por vezes, conduzem a frustrações e mais.

O homenzinho médio de nossas grandes cidades perambula entre os bancos e o tédio rotineiro dos escritórios, às vezes temperados com ar-condicionado. Sempre sonha com as férias e com a liberdade, sempre sonha com pagar as contas, até que, um dia, o coração para, e adeus. Haverá outro soldado abocanhado pelas presas do mercado, assegurando a acumulação. A crise é a impotência, a impotência da política, incapaz de entender que a humanidade não escapa nem escapará do sentimento de nação. Sentimento que está quase incrustado em nosso código genético.

Hoje é tempo de começar a talhar para preparar um mundo sem fronteiras. A economia globalizada não tem mais condução que não seja o interesse privado, de muitos

poucos, e cada Estado Nacional mira sua estabilidade continuísta, e hoje a grande tarefa para nossos povos, em minha humilde visão, é o todo.

Talvez nosso mundo necessite menos de organismos mundiais, desses que organizam fóruns e conferências, que servem muito às cadeias hoteleiras e às companhias aéreas e, no melhor dos casos, não reúnem ninguém e nem se transformam em decisões.

Continuarão as guerras e, portanto, os fanatismos, até que, talvez, a mesma natureza faça um chamado à ordem e torne inviáveis nossas civilizações. Talvez nossa visão seja demasiado crua, sem piedade, e vemos ao homem como uma criatura única, a única que há acima da terra capaz de ir contra sua própria espécie. Volto a repetir, porque alguns chamam a crise ecológica do planeta de consequência do triunfo avassalador da ambição humana. Esse é nosso triunfo e também nossa derrota, porque temos impotência política de nos enquadrarmos em uma nova época. E temos contribuído para sua construção sem nos dar conta.

A cobiça, tão negativa e tão motor da história, essa que impulsionou o progresso material, técnico e científico, que fez o que é nossa época e nosso tempo, um fenomenal avanço em muitas frentes, paradoxalmente, essa mesma ferramenta, a cobiça, que nos impulsionou a domesticar a ciência e transformá-la em tecnologia, nos precipita a um abismo nebuloso. A uma história que não conhecemos, a uma época sem história, e estamos ficando sem olhos nem inteligência coletiva para seguir colonizando e para continuar nos transformando.

Porque se há uma característica deste bichinho humano é a de que é um conquistador antropológico.

Parece que as coisas tomam autonomia e essas coisas subjagam os homens. De um lado a outro, sobram ativos para vislumbrar tudo isso e para vislumbrar o rombo. Mas é impossível para nós coletivizar decisões globais por esse todo. A cobiça individual triunfou grandemente sobre a cobiça superior da espécie. Aclaremos: o que é “tudo”, essa palavra simples, menos opinável e mais evidente? Em nosso Ocidente, particularmente, porque daqui viemos, embora tenhamos vindo do sul, as repúblicas, que nasceram para afirmar que os homens são iguais, que ninguém é mais que ninguém, que os governos deveriam representar o bem comum, a justiça e a igualdade. Muitas vezes, as repúblicas se deformam e caem no esquecimento da gente que anda pelas ruas, do povo comum.

Não foram as repúblicas criadas para vegetar, mas, ao contrário, para serem um grito na história, para fazer funcionais as vidas dos próprios povos e, portanto, as repúblicas que devem às maiorias e devem lutar pela promoção das maiorias.

Seja o que for, por reminiscências feudais que estão em nossa cultura, por classismo dominador, talvez pela cultura consumista que rodeia a todos, as repúblicas frequentemente, em suas direções, adotam um viver diário que exclui, que se distancia do homem da rua.

Ouçam bem, queridos amigos: em cada minuto no mundo se gastam US\$ 2 milhões em ações militares nesta Terra. Dois milhões de dólares por minuto em inteligência militar!! Em investigação médica de todas as enfermidades que avançaram enormemente, cuja cura dá às pessoas uns anos a mais de vida, a investigação cobre apenas a quinta parte da investigação militar.

Amigos, creio que é muito difícil inventar uma força pior que nacionalismo chauvinista das grandes potências. A força é que liberta os fracos. O nacionalismo, tão pai dos processos de descolonização, formidável para os fracos, se transforma em uma ferramenta opressora nas mãos dos fortes e, nos últimos 200 anos, tivemos exemplos disso por toda a parte.

Até que o homem não saia dessa pré-história e arquive a guerra como recurso quando a política fracassa, essa é a larga marcha e o desafio que temos daqui adiante. E o dizemos com conhecimento de causa. Conhecemos a solidão da guerra. No entanto, esses sonhos, esses desafios que estão no horizonte, implicam lutar por uma agenda de acordos mundiais que comecem a governar nossa história e superar, passo a passo, as ameaças à vida. A espécie como tal deveria ter um governo para a humanidade que superasse o individualismo e primasse por recriar cabeças políticas que acudam ao caminho da ciência, e não apenas aos interesses imediatos que nos governam e nos afogam.

Paralelamente, devemos entender que os indigentes do mundo não são da África ou da América Latina, mas da humanidade toda, e esta deve, como tal, globalizada, empenhar-se em seu desenvolvimento, para que possam viver com decência de maneira autônoma. Os recursos necessários existem, estão neste depredador esbanjamento de nossa civilização.

Há poucos dias, fizeram na Califórnia, em um corpo de bombeiros, uma homenagem a uma lâmpada elétrica que está acesa há cem anos. Cem anos que está acesa, amigo! Quantos milhões de dólares nos tiraram dos bolsos fazendo deliberadamente porcaria para que as pessoas comprem, comprem, comprem e comprem.

Mas esta globalização de olhar para todo o planeta e para toda a vida significa uma mudança cultural brutal. É o que nos requer a história. Nosso dever biológico, acima de todas as coisas, é respeitar a vida e impulsioná-la, cuidá-la, procriá-la e entender que a espécie é nosso “nós”.

Transcrição e tradução do discurso feitas por Kiko Nogueira.
Disponível em: <http://www.diariodocentrodomundo.com.br/>
Acesso em: 26 set. 2013. (Adaptado).

Texto 2



Os olhos de Sebastião Salgado já viram de tudo neste mundo (e isto talvez não seja exagero). Por oito anos, o fotógrafo mineiro de 69 anos viajou por mais de 30 regiões extremas do globo, coletando imagens de dezenas de tribos, animais em extinção e paisagens raras.

SALGADO, Sebastião. Disponível em: www.estadao.com.br.
Acesso em: 2 out. 2013. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrada.
Acesso em: 2 out. 2013. (Adaptado).

Explique por que o modelo de civilização apresentado por Sebastião Salgado (**Texto 2**) constitui um paradoxo em relação ao modelo de civilização criticado por Mujica (**Texto 1**).

4. Uerj 2013 (Adapt.)

Tempo: cada vez mais acelerado

Pressa. Ansiedade. E a sensação de que nunca é possível fazer tudo – além da certeza de que sua vida está passando rápido demais. Essas são as principais consequências de vivermos num mundo em que para tudo vale a regra do “quanto mais rápido, melhor”. “Para nós, ocidentais, o tempo é linear e nunca volta. Por isso queremos ter a sensação de que estamos tirando o máximo dele. E a única solução que encontramos é acelerá-lo”, afirma Carl Honoré. “É um equívoco. A resposta a esse dilema é qualidade, não quantidade.”

Para James Gleick, Carl está lutando uma batalha invencível. “A aceleração é uma escolha que fizemos. Somos como crianças descendo uma ladeira de skate. Gostamos da brincadeira, queremos mais velocidade”, diz. O problema é que nem tudo ao nosso redor consegue atender à demanda. Os carros podem estar mais rápidos, mas as viagens demoram cada vez mais por culpa dos congestionamentos. Semáforos vermelhos continuam testando nossa paciência, obrigando-nos a frear a cada quarteirão. 1 Mais sorte têm os pedestres, que podem apertar o botão que aciona o sinal verde — uma ótima opção para despejar a ansiedade, mas com efeito muitas vezes nulo. Em Nova York, esses sistemas estão desligados desde a década de 1980. Mesmo assim, milhares de pessoas o utilizam diariamente.

É um exemplo do que especialistas chamam de “botões de aceleração”. Na teoria, deixam as coisas mais rápidas. Na prática, servem para ser apertados e só. Confesse: que raios fazemos com os dois segundos, no máximo, que economizamos ao acionar aquelas teclas que fecham a porta do elevador? E quem disse que apertá-las, duas, quatro, dez vezes, vai melhorar a eficiência?

Elevadores, aliás, são ícones da pressa em tempos velozes. Os primeiros modelos se moviam a vinte centímetros por segundo. Hoje, o mais veloz sobe doze metros por segundo. E, mesmo acelerando, estão entre os maiores focos de impaciência. Engenheiros são obrigados a desenvolver sistemas para conter nossa irritação, como luzes ou alarmes cuja única função é aplacar a ansiedade da espera. Até onde isso vai?

SÉRGIO GWERCAMAN Adaptado de super.abril.com.br.

Mais sorte têm os pedestres, que podem apertar o botão que aciona o sinal verde.

No fragmento, é empregada uma expressão que pode ser considerada irônica, se for relacionada ao conjunto do 2º parágrafo. Transcreva do fragmento a expressão que configura a ironia e explique por que essa expressão é irônica.

5. UFU-MG 2015 (Adapt.)

Visão 1944

Carlos Drummond de Andrade

Meus olhos são pequenos para ver a massa de silêncio concentrada por sobre a onda severa, piso oceânico esperando a passagem dos soldados.

Meus olhos são pequenos para ver o general com seu capote cinza escolhendo no mapa uma cidade que amanhã será pó e pus no arame.

Meus olhos são pequenos para ver o corpo pegajento das mulheres que foram lindas, beijo cancelado na produção de tanques e granadas.

Meus olhos são pequenos para ver a distância da casa na Alemanha a uma ponte na Rússia, onde retratos, cartas, dedos de pé boiam em sangue.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p.163-164.

Elabore um texto explicando a antítese apresentada pelo poeta na penúltima estrofe, ao referir-se à condição feminina, contrapondo as expressões “beijo cancelado” versus “produção de tanques e granadas”.

6. Uerj 2013

Língua

Esta língua é como um elástico que espicharam pelo mundo.

No início era tensa, de tão clássica.

Com o tempo, se foi amaciando, foi-se tornando romântica, incorporando os termos nativos e amolecendo nas folhas de bananeira as expressões mais sisudas.

Um elástico que já não se pode mais trocar, de tão usado; nem se arreventa mais, de tão forte.

Um elástico assim como é a vida que nunca volta ao ponto de partida.

GILBERTO MENDONÇA TELES. *Hora aberta: poemas reunidos*. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1986.

A segunda e a terceira estrofes retratam a língua em imagens opostas. Ao estado de rigidez se segue o de uma mudança gradual.

Considerando a terceira estrofe, apresente o recurso gramatical que o autor utiliza para exprimir essa gradação e o verso que reafirma a rigidez já expressa na segunda estrofe.

7. Fuvest-SP 2021 (Adapt.) Leia o texto e responda à questão.

Só a Rosa parecia capaz de compreender no meio do sentir, mas um sentimento sabido e um compreendido adivinhado. Porque o que Miguilim queria era assim como algum sinal do Dito morto ainda no Dito vivo, ou do Dito vivo mesmo no Dito morto. Só a Rosa foi quem uma vez disse que o Dito era uma alminha que via o Céu por detrás do morro, e que por isso estava marcado para não ficar muito tempo mais aqui. E disse que o Dito falava com cada pessoa como se ela fosse uma, diferente; mas que gostava de todas, como se todas fossem iguais. E disse que o Dito nunca tinha mudado, enquanto em vida, e por isso, se a gente tivesse um retratinho dele, podia se ver como os traços do retrato agora mudavam. Mas ela já tinha perguntado, ninguém não tinha um retratinho do Dito. E disse que o Dito parecia uma pessoinha velha, muito velha em nova.

João Guimarães Rosa. *Campo Geral*.

Sabendo que o quiasmo é uma figura de estilo formada por uma dupla antítese cujos termos se cruzam, identifique um exemplo de quiasmo no texto e explique a sua construção.

8. **Inspere SP 2014** Utilize o texto abaixo para responder à questão.

Sempre desconfie!

Sempre desconfie de narrativas de sonhos. Se já nos é difícil recordar o que vimos despertados e de olhos bem abertos, imagine-se o que não será das coisas que vimos dormindo e de olhos fechados... Com esse pouco que nos resta, fazemos reconstituições suspeitamente lógicas e pomos enredo, sem querer, nas ocasionais variações de um calidoscópio. Me lembro de que, quando menino, minha gente acusava-me de inventar os sonhos. O que me deixava indignado.

Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão.

Por outro lado, o que mais espantoso há nos sonhos é que não nos espantamos de nada. Sonhas, por exemplo, que estás a conversar com o tio Juca. De repente, te lembras de que ele já morreu. E daí? A conversa continua.

Com toda a naturalidade.

Já imaginaste que bom se pudesses manter essa imperturbável serenidade na vida propriamente dita?

(Mario Quintana, *A vaca e o hipogrifo*. São Paulo: Globo, 1995)

Em “Hoje creio que ambas as partes tínhamos razão”, o autor recorre a uma figura de construção, que está corretamente explicada em

- a) silepse, por haver uma concordância verbal ideológica.
- b) eclipse, por haver a omissão do objeto direto.
- c) anacoluto, por haver uma ruptura na estrutura sintática da frase.
- d) pleonasma, por haver uma redundância proposital em “ambas as partes”.
- e) hipérbato, por haver uma inversão da ordem natural e direta dos termos da oração.

9. **ESPM-SP** O escritor Paulo Lins em seu romance “Cidade de Deus” expressa o avanço da violência no Brasil, nas últimas décadas, com a frase:

Falha a fala. Fala a bala.

Nas duas frases só NÃO se pode identificar a seguinte figura de linguagem:

- a) Paronomásia, pelo trocadilho ou jogo de palavras com apelo sonoro.
 - b) Aliteração, pela repetição de fonemas consonantais.
 - c) Assonância, pela repetição da vogal “a”.
 - d) Perífrase, pela substituição de “violência” por um dos elementos que a compõe (bala).
 - e) Personificação, pela característica humana atribuída à “bala”.
10. **Uerj** Daí à pedreira restavam apenas uns cinquenta passos e o chão era já todo coberto por uma farinha de pedra moída que sujava como a cal.
- Aqui, ali, por toda a parte, encontravam-se trabalhadores, uns ao sol, outros debaixo de pequenas barracas feitas de lona ou de folhas de palmeira. De um lado cunhavam

pedra cantando; de outro a quebravam a picareta; de outro afeiçãoavam **lajedos** a ponta de **picão**; mais adiante faziam paralelepípedos a **escopro** e **macete**. E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, como de uma aldeia alarmada; tudo dava a ideia de uma atividade feroz, de uma luta de vingança e de ódio. Aqueles homens gotejantes de suor, bêbedos de calor, desvairados de insolação, a quebrarem, a espicaçarem, a torturarem a pedra, pareciam um punhado de demônios revoltados na sua impotência contra o impassível gigante que os contemplava com desprezo, imperturbável a todos os golpes e a todos os tiros que lhe desfechavam no dorso, deixando sem um gemido que lhe abrissem as entranhas de granito. O membrudo **cavouqueiro** havia chegado à **fralda** do orgulhoso monstro de pedra; tinha-o cara a cara, mediu-o de alto a baixo, arrogante, num desafio surdo.

A pedreira mostrava nesse ponto de vista o seu lado mais imponente. Descomposta, com o **escalavrado** flanco exposto ao sol, erguia-se altaneira e desassombada, afrontando o céu, muito íngreme, lisa, escaldante e cheia de cordas que mesquinamente lhe escorriam pela **ciclópica** nudez com um efeito de teias de aranha. Em certos lugares, muito alto do chão, lhe haviam espetado alfinetes de ferro, amparando, sobre um precipício, miseráveis tábuas que, vistas cá de baixo, pareciam palitos, mas em cima das quais uns atrevidos pigmeus de forma humana equilibravam-se, desfechando golpes de picareta contra o gigante.

O cavouqueiro meneou a cabeça com ar de lástima. O seu gesto desaprovava todo aquele serviço.

– Veja lá! disse ele, apontando para certo ponto da rocha. Olhe para aquilo! Sua gente tem ido às cegas no trabalho desta pedreira. Deviam atacá-la justamente por aquele outro lado, para não contrariar os veios da pedra. Esta parte aqui é toda granito, é a melhor! Pois olhe só o que eles têm tirado de lá – umas lascas, uns **calhaus** que não servem para nada! É uma dor de coração ver estragar assim uma peça tão boa! Agora o que hão de fazer dessa cascalhada que aí está senão **macacos**? E brada aos céus, cria! ter pedra desta ordem para empregá-la em macacos!

O vendeiro escutava-o em silêncio, apertando os beiços, aborrecido com a ideia daquele prejuízo.

Aluísio Azevedo. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 2009.

lajedos: pedras.

picão, escopro, macete: instrumentos de trabalho.

cavouqueiro: aquele que trabalha em minas e pedreiras.

fralda: parte inferior.

escalavrado: golpeado, esfolado.

ciclópica: colossal, gigantesca.

calhaus: pedras soltas.

macacos: paralelepípedos.

O texto de Aluísio Azevedo, que faz parte da estética naturalista, utiliza recursos expressivos de sonoridade, como a onomatopeia.

Considere o seguinte fragmento:

E todo aquele retintim de ferramentas, e o martelar da forja, e o coro dos que lá em cima brocavam a rocha para lançar-lhe fogo, e a surda zoada ao longe, que vinha do cortiço, (2º parágrafo)

Indique dois exemplos do emprego da onomatopeia e justifique a sua presença no texto naturalista.

Exercícios propostos

1. Fuvest-SP (Adapt.) Leia este texto.

O ano nem sempre foi como nós o conhecemos agora. Por exemplo: no antigo calendário romano, abril era o segundo mês do ano. E na França, até meados do século XVI, abril era o primeiro mês. Como havia o hábito de dar presentes no começo de cada ano, o primeiro dia de abril era, para os franceses da época, o que o Natal é para nós hoje, um dia de alegrias, salvo para quem ganhava meias ou uma água-de-colônia barata. Com a introdução do calendário gregoriano, no século XVI, primeiro de janeiro passou a ser o primeiro dia do ano e, portanto, o dia dos presentes. E primeiro de abril passou ser um falso Natal – o dia de não se ganhar mais nada. Por extensão, o dia de ser iludido. Por extensão, o Dia da Mentira.

Luís F. Veríssimo, *As mentiras que os homens contam*. Adaptado.

Tendo em vista o contexto, é correto afirmar que o trecho “meias ou uma água-de-colônia barata” deve ser entendido apenas em seu sentido literal? Justifique sua resposta.

2. ITA-SP 2013

Escravos da tecnologia

¹Não, não vou falar das fábricas que atraem trabalhadores honestos e os tratam de forma desumana. Cada vez que um produto informa orgulhoso que foi desenhado na Califórnia e fabricado na China, sinto um arrepio na espinha. Conheço e amo essas duas partes do mundo.

²Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. ³Parece o sonho de todo patrão: muita margem de lucro e poucos empregados. Se possível, nenhum! Tudo terceiro!

Conheço ainda como a tecnologia é capaz de criar empregos. ⁴Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. O que acontece aí no Brasil, nessa área, acontece igualzinho no Vale do Silício: empresas tentando arrancar talentos umas das outras. ⁵Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria *start-up*, em vez de encher o bolso do patrão. Estou rodeada também de investidores querendo fazer apostas para... voltar a encher os bolsos ainda mais.

Mas queria falar hoje de outro tipo de escravidão tecnológica. ⁶Não dos que dormiram na rua sob chuva para comprar o novo iPhone 4S... Quero reclamar de quanto nós estamos tendo de trabalhar de graça para os sistemas, cada vez que tentamos nos mover na Internet. ⁷Isso é escravidão – e odeio isso.

Outro dia, fiz aniversário e fui reservar uma mesa num restaurante bacana da cidade. Achei o *site* do restaurante, lindo, e pareceu fácil de reservar *on-line*. *Call on* OpenTable, sistema bastante usado e eficaz por aqui. Escolhi dia, hora, informei número de pessoas e, claro, tive de dar meu nome, *e-mail* e telefone.

⁸Dois dias antes da data marcada, precisei mudar o número de participantes, pois tive confirmação de mais pessoas. Entrei no *site*, mas aí nem o *site* nem o Open Table podiam modificar a reserva *on-line*, pela proximidade

do jantar. A recomendação era... telefonar ao restaurante! Humm... Telefonei. Secretária eletrônica. Deixei recado.

No dia seguinte um funcionário do restaurante me ligou, confirmando ter ouvido o recado e tudo certo com o novo tamanho da mesa. Incrível! Que felicidade ouvir um ser humano de verdade me dando a resposta que eu queria ouvir! Hoje, tentando dar conta da leitura dos vários *e-mails* que recebo, tentando arduamente não perder os relevantes, os imprescindíveis, os dos amigos, os da família e os dos leitores, recebi um do OpenTable.

Queriam que avaliasse minha experiência no restaurante. ⁹Tudo bem, concordo que *ranking* de público é coisa legal. ¹⁰Mas posso dizer outra coisa?

Não tenho tempo de ficar entrando em *sites* e preenchendo questionários de avaliação de cada refeição, produto e serviço que usufruo na vida! Simples assim! Sem falar que é chato! Ainda mais agora que os crescentes intermediários eletrônicos se metem no jogo entre o cliente e o fornecedor.

Quando o garçom ou o “maitre” perguntam se a comida está boa, você fica contente em responder, até porque eles podem substituir o prato se você não estiver gostando. Mas quando um terceiro se mete nessa relação sem ser chamado, pode ser excessivo e desagradável. ¹¹Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, tenho agora de preencher fichas pós-venda eletronicamente, de modo que as estatísticas saiam prontas e baratinhas para eles do outro lado da tela, à custa do meu precioso tempo!

Por que o OpenTable tem de perguntar de novo o que achei da comida? ¹²Eu sei. ¹³Porque para o OpenTable essa informação tem um valor diferente. ¹⁴Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes.

O Yelp, por sua vez, invadiu a praia do Zagat (recém-comprado pelo Google), tradicionalíssimo guia (em papel) de restaurantes, que, por décadas, foi alimentado pelas avaliações dos leitores, via correio.

¹⁵As relações cliente-fornecedor estão mudando. Não faltarão “redutores” de custos e atravessadores *on-line*.

(Marion Strecker. *Folha de S.Paulo*, 20/10/2011. Texto adaptado.)

start-up: Empresa com baixo custo de manutenção, que consegue crescer rapidamente e gerar grandes e crescentes lucros em condições de extrema incerteza.

Assinale a opção em que no trecho selecionado **não** se evidencia o recurso à linguagem figurada.

- a) Também conheço a capacidade de a tecnologia eliminar empregos. (referência 2)
- b) Vivo há 15 anos num meio que disputa engenheiros e técnicos a tapa, digo, a dólares. (referência 4)
- c) Aqui, muitos decidem tentar a sorte abrindo sua própria *start-up*, em vez de encher o bolso do patrão. (referência 5)

- d) Parece que todas as empresas do mundo decidiram que, além de exigir informações cadastrais, *logins* e senhas, e empurrar goela abaixo seus sistemas automáticos de atendimento, [...] (referência 11)
- e) Não contente em fazer reservas, quis invadir a praia do Yelp, o grande guia local que lista e traz avaliações dos clientes para tudo quanto é tipo de serviço, a começar pelos restaurantes. (referência 14)

3. IME-RJ 2022 (Adapt.) Considere o excerto a seguir:

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da
[fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos
[antigos.

PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993), p. 144 (texto adaptado).

- I. Nos versos acima, constata-se a utilização recorrente da figura de linguagem do quiasmo, no intuito de enfatizar sentidos e de obter assonâncias.
- II. No verso “À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica...” o poeta se refere aos procedimentos usados para elaborar seus versos.
- III. O vocábulo “fera” é um substantivo que exprime a ideia de eficiência e excelência no desempenho de uma atividade.

Está(ão) correta(s) a(s) assertiva(s):

- | | |
|-----------------|---------------------|
| a) I, apenas. | d) I e II, apenas. |
| b) II, apenas. | e) I e III, apenas. |
| c) III, apenas. | |

4. Uerj 2012

Memórias do cárcere

¹Resolvo-me a contar, depois de muita hesitação, casos passados há dez anos – e, antes de começar, digo os motivos por que silencieei e por que me decido. Não conservo notas: algumas que tomei foram inutilizadas, e assim, ²com o decorrer do tempo, ia-me parecendo cada vez mais difícil, quase impossível, redigir esta narrativa. Além disso, julgando a matéria superior às minhas forças, esperei que outros mais aptos se ocupassem dela. Não vai aqui falsa modéstia, como adiante se verá. ³Também me afligiu a ideia de jogar no papel criaturas vivas, sem disfarces, com os nomes que têm no registro civil. Repugnava-me deformá-las, ⁴dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; mas teria eu o direito de ⁵utilizá-las em história presumivelmente verdadeira? Que diriam elas se se vissem impressas, realizando atos esquecidos, repetindo palavras contestáveis e obliteradas?

[...]

O receio de cometer indiscrição exibindo em público pessoas que tiveram comigo convivência forçada já não me apoquentava. Muitos desses antigos companheiros distanciaram-se, apagaram-se.

⁶Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo ao cabo de longa ausência, alteram-se, completam-se, avivam recordações meio confusas – e não vejo inconveniência em mostrá-los.

[...]

E aqui chego à última objeção que me impus. ⁷Não resguardei os apontamentos obtidos em largos dias e meses de observação: num momento de aperto fui obrigado a atirá-los na água. ⁸Certamente me irão fazer falta, mas terá sido uma perda irreparável? Quase me inclino a supor que foi bom privar-me desse material. ⁹Se ele existisse, ver-me-ia propenso a consultá-lo a cada instante, mortificar-me-ia por dizer com rigor a hora exata de uma partida, ¹⁰quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, em manhã de bruma, a cor das folhas que tombavam das árvores, num pátio branco, a forma dos montes verdes, tintos de luz, frases autênticas, gestos, gritos, gemidos. Mas que significa isso? ¹¹Essas coisas verdadeiras podem não ser verossímeis. E se esmoreceram, deixá-las no esquecimento: valiam pouco, pelo menos imagino que valiam pouco. Outras, porém, conservaram-se, cresceram, associaram-se, e é inevitável mencioná-las. ¹²Afirmarei que sejam absolutamente exatas? Leviandade. [...] ¹³Nesta reconstituição de fatos velhos, neste esmiuçamento, exponho o que notei, o que julgo ter notado. ¹⁴Outros devem possuir lembranças diversas. Não as contesto, mas espero que não recusem as minhas: ¹⁵conjugam-se, completam-se e me dão hoje impressão de realidade. Formamos um grupo muito complexo, que se desagregou. De repente nos surge a necessidade urgente de recompô-lo. Define-se o ambiente, as figuras se delineiam, vacilantes, ganham relevo, a ação começa. ¹⁶Com esforço desesperado arrancamos de cenas confusas alguns fragmentos. Dúvidas terríveis nos assaltam. De que modo reagiram os caracteres em determinadas circunstâncias? O ato que nos ocorre, nítido, irrecusável, terá sido realmente praticado? Não será incongruência? Certo a vida é cheia de incongruências, mas estaremos seguros de não nos haveremos enganado? Nessas vacilações dolorosas, ¹⁷às vezes necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, convencemo-nos de que a minúcia discrepante não é ilusão. Difícil é sabermos a causa dela, ¹⁸desenterrarmos pacientemente as condições que a determinaram. Como isso variava em excesso, era natural que variássemos também, apresentássemos falhas. Fiz o possível por entender aqueles homens, penetrar-lhes na alma, sentir as suas dores, admirar-lhes a relativa grandeza, enxergar nos seus defeitos a sombra dos meus defeitos. Foram apenas bons propósitos: devo ter-me revelado com frequência egoísta e mesquinho. E esse desabrochar de sentimentos maus era a pior tortura que nos podiam infligir naquele ano terrível.

GRACILIANO RAMOS. *Memórias do cárcere*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

Graciliano Ramos busca dar uma explicação mais objetiva ao leitor sobre os motivos que justificam seu relato. Entretanto, já nesta explicação, o autor lança mão de recursos da linguagem figurada, frequentes no discurso literário.

O fragmento do texto que melhor exemplifica o uso de linguagem figurada é:

- a) dar-lhes pseudônimo, fazer do livro uma espécie de romance; (referência 4)
- b) Outros permaneceram junto a mim, ou vão reaparecendo (referência 6)
- c) quantas demoradas tristezas se aqueciam ao sol pálido, (referência 10)
- d) às vezes necessitamos confirmação, apelamos para reminiscências alheias, (referência 17)

5. **Unesp 2018 (Adapt.)** Leia o trecho inicial do artigo “Artifícios da inteligência”, do físico brasileiro Marcelo Gleiser (1959-), para responder à questão.

Considere a seguinte situação: você acorda atrasado para o trabalho e, na pressa, esquece o celular em casa. Só quando engavetado no tráfego ou amassado no metrô você se dá conta. E agora é tarde para voltar. Olhando em volta, você vê pessoas com celular em punho conversando, mandando mensagens, navegando na internet. Aos poucos, você vai sendo possuído por uma sensação de perda, de desconexão. Sem o seu celular, você não é mais você.

A junção do humano com a máquina é conhecida como “transumanismo”. Tema de vários livros e filmes de ficção científica, hoje é um tópico essencial na pesquisa de muitos cientistas e filósofos. A questão que nos interessa aqui é até que ponto essa junção pode ocorrer e o que isso significa para o futuro da nossa espécie.

Será que, ao inventarmos tecnologias que nos permitam ampliar nossas capacidades físicas e mentais, ou mesmo máquinas pensantes, estaremos decretando nosso próprio fim? Será esse nosso destino evolucionário, criar uma nova espécie além do humano?

É bom começar distinguindo tecnologias transumanas daquelas que são apenas corretivas, como óculos ou aparelhos para surdez. Tecnologias corretivas não têm como função ampliar nossa capacidade cognitiva: só regularizam alguma deficiência existente.

A diferença ocorre quando uma tecnologia não apenas corrige uma deficiência como leva seu portador a um novo patamar, além da capacidade normal da espécie humana. Por exemplo, braços robóticos que permitem que uma pessoa levante 300 quilos, ou óculos com lentes que dotam o usuário de visão no infravermelho. No caso de atletas com deficiência física, a questão se torna bem interessante: a partir de que ponto uma prótese como uma perna artificial de fibra de carbono cria condições além da capacidade humana? Nesse caso, será que é justo que esses atletas compitam com humanos sem próteses?

Poderia parecer que esse tipo de hibridização entre tecnologia e biologia é coisa de um futuro distante. Ledo engano. Como no caso do celular, está acontecendo agora. Estamos redefinindo a espécie humana através da interação – na maior parte ainda externa – com tecnologias que ampliam nossa capacidade.

Sem nossos aparelhos digitais – celulares, tablets, *laptops* – já não somos os mesmos. Criamos personalidades virtuais, ativas apenas na internet, outros eus que interagem em redes sociais com selfies arranjados para impressionar; criações remotas, onipresentes. Cientistas e engenheiros usam computadores para ampliar sua habilidade cerebral, enfrentando problemas que, há apenas algumas décadas,

eram considerados impossíveis. Como resultado, a cada dia surgem questões que antes nem podíamos contemplar.

(Folha de S.Paulo, 01.02.2015. Adaptado.)

Cite dois termos empregados em sentido figurado no primeiro parágrafo do artigo.

6. **Unicamp-SP (Adapt.)** O texto a seguir é parte de uma campanha promovida pela ANER (Associação Nacional de Editores de Revistas).

Surfamos a Internet, Nadamos em revistas

A Internet empolga. Revistas envolvem.

A Internet agarra. Revistas abraçam.

A Internet é passageira. Revistas são permanentes.

E essas duas mídias estão crescendo.

Um dado que passou quase despercebido em meio ao barulho da Internet foi o fato de que a circulação de revistas aumentou nos últimos cinco anos. Mesmo na era da Internet, o apelo das revistas segue crescendo. Pense nisto: o Google existe há 12 anos. Durante esse período, o número de títulos de revistas no Brasil cresceu 234%. Isso demonstra que uma mídia nova não substitui uma mídia que já existe. Uma mídia estabelecida tem a capacidade de seguir prosperando, ao oferecer uma experiência única.

É por isso que as pessoas não deixam de nadar só porque gostam de surfar.

(Adaptado de *Imprensa*, n. 267, maio 2011, p. 17.)

O verbo *surf* pode ser usado como transitivo ou intransitivo. Exemplifique cada um desses usos com enunciados que aparecem no texto da campanha. Indique, justificando, em qual desses usos o verbo assume um sentido necessariamente figurado.

7. **Unicamp-SP 2022**

[...] eu sou um pobre relojoeiro que, cansado de ver que os relógios deste mundo não marcam a mesma hora, descrido ofício. [...] Um exemplo. O Partido Liberal, segundo li, estava encasacado e pronto para sair, com o relógio na mão, porque a hora pingava. Faltava-lhe só o chapéu, que seria o chapéu Dantas, ou o chapéu Saraiva (ambos da chapelaria Aristocrata); era só pô-lo na cabeça, e sair. Nisto passa o carro do paço com outra pessoa, e ele descobre que ou o seu relógio está adiantado, ou o de Sua Alteza é que se atrasara. Quem os porá de acordo?

(Machado de Assis, *Bons dias*. Introdução e notas John Gledson. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2008, p. 79.)

Com relação ao excerto da crônica de Machado de Assis, publicada em 05 de abril de 1888 na *Gazeta de Notícias*, é correto afirmar que a metáfora mecânica faz referência à passagem do tempo, aludindo à expectativa de mudança de

- a) regime a partir de discordâncias políticas que levaram à eleição do governo imperial.
- b) século, marcada pela perspectiva da chegada do meteorito de Bendegó na corte imperial.
- c) mentalidade escravagista, com um pacto político para suspensão de costumes imperiais.
- d) legislação, com a alternância entre partidos para a formação de um novo ministério do governo imperial.



Texto para as questões 8 e 9.

Gabriel, o Pensador

Que tiro foi esse?

Não, não vou cair no chão, pelo menos agora

Eu também sou brincalhão, mas brincadeira tem hora

Lá fora, no meu Rio, cada vez mais gente chora

E cada vez mais gente boa tem vontade de ir embora

O Rio que a gente adora comemora o carnaval

E a violência apavora, ou você acha normal?

A boca que explode, o silêncio do medo

O suspiro da morte banal

O lamento de um povo que implora

Por uma vitória do bem sobre o mal

Atenção: confusão, invasão

Tiroteio fechando a avenida outra vez

Muita bala voando e acertando

Até mesmo as crianças; às vezes, bebês

Criança, meu irmão, não é estatística, é gente

[...]

E os valores são invertidos

Se o desonesto é malandro

O menor também quer ser bandido

Alguns, né, a minoria.

[...]

A mãe desmaiou no enterro

Você não desmaiaria?

Que força você teria pra enterrar o seu garoto?

Que forças ainda temos

Pra nos amar uns aos outros?

E nos armar de indignação por justiça e educação

[...]

Pra que essas crianças não tenham morrido em vão

Sofia, Maria Eduarda, Caíque, Fernanda

Arthur, Paulo Henrique, Renan

Eduardo, Vanessa, Vitor

Esses foram ano passado

Quem será que vai ser amanhã?

(<https://genius.com/13846436>. Acesso em 24 de fevereiro 2018)

8. **EPCar-MG 2019** Assinale a alternativa que caracteriza corretamente a figura de linguagem em destaque.

- a) “Tiroteio fechando a avenida outra vez” – Hipérbole
- b) “O lamento de um povo que implora” – Antítese
- c) “Muita bala voando e acertando” – Paradoxo
- d) “O Rio que a gente adora comemora o carnaval” – Metonímia

9. **EPCar-MG 2019** Analise as afirmativas a seguir sobre a canção-protesto de Gabriel, o Pensador.

- I. É possível depreender da leitura do texto a existência de dois Rios de Janeiro, que se contrapõem.
- II. A valorização da malandragem é apontada como um dos fatores responsáveis pela disseminação da violência em nossa sociedade.
- III. Verbos no futuro do pretérito do indicativo são utilizados para apresentar suposições – que dependem de outro fato que talvez nem aconteça – com o objetivo de criar empatia no leitor com a dor das famílias das vítimas.

- IV. A força expressiva dos versos “A boca que explode, o silêncio do medo / O suspiro da morte banal” consiste na utilização concomitante da metáfora, da metonímia e da personificação numa mesma imagem de violência e dor.

Estão corretas as proposições

- a) I e II apenas.
- b) I, III e IV apenas.
- c) II e III apenas.
- d) I, II, III e IV.

10. **ESPM-SP 2019** Aborto, porte de armas e o presidente Donald Trump foram alguns dos assuntos que dominaram a primeira audiência de confirmação do juiz conservador Brett Kavanaugh para a Suprema Corte dos Estados Unidos, realizada em meio a protestos de ativistas e tentativas de adiamento do processo por parte de democratas.

Kavanaugh passará por mais dois dias de sabatina, na quarta e na quinta, e testemunhas contra e a favor do juiz devem ser ouvidas na sexta.

(Folha de S.Paulo, 04/09/2018)

Segundo o Dicionário Aurélio (versão digital), a palavra **sabatina** possui as seguintes acepções:

- 1. Repetição, no sábado, das lições estudadas durante a semana.
- 2. Oração do sábado.
- 3. Tese que os estudantes de filosofia defendiam ao término de seu primeiro ano de curso.
- 4. Fig. Discussão, debate, questão.

Levando-se em conta que o vocábulo **sabatina** ganhou o valor semântico de “exame, prova ou questionamento (não necessariamente realizados num sábado) para o exercício de um cargo”, pode-se afirmar que nesse caso ocorreu um(a):

- a) metáfora, por ter havido uma comparação implícita.
- b) catacrese, por ter havido um empréstimo de palavra.
- c) metonímia, por ter ocorrido substituição de um termo por outro em relação de contiguidade.
- d) pleonasma, já que se repete a ideia de discussão ou debate.
- e) elipse, uma vez que já está subentendida a ideia de prova.

11. **Unifesp 2018** Leia a crônica “Premonitório”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão:

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: “Não saia casa 3 outubro abraços”.

O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melódico de d. Anita, durante o dia.

A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de **arma virumque cano**¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à espera.” “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo” – disse-lhe o chefe. – “Que sabe a respeito do troço?” “Não se faça de bobo, o troço que vai estourar hoje.” “Vai estourar?” “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?” “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro.” “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?” “Sou professor de latim, e corrijo a epígrafe de um trabalho.” “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?” “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.” “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?” “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?” “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho?

Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa. (70 historinhas, 2016.)

Metonímia: figura de retórica que consiste no uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, por ter uma significação que tenha relação objetiva, de contiguidade [vizinhança, proximidade], material ou conceitual, com o conteúdo ou o referente ocasionalmente pensado.

(Dicionário Houaiss da língua portuguesa, 2009.)

arma virumque cano: “canto as armas e o varão” (palavras iniciais da epopeia Eneida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

Verifica-se a ocorrência de metonímia no trecho:

- “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” (5º parágrafo)
- “Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: ‘Passe de largo’;” (3º parágrafo)
- “Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa.” (3º parágrafo)
- “Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte!” (2º parágrafo)
- “Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos.” (4º parágrafo)

12. Enem 2021

O pavão vermelho

Ora, a alegria, este pavão vermelho, está morando em meu quintal agora. Vem pousar como um sol em meu Joelho quando é estridente em meu quintal a aurora.

Clarim de lacre, este pavão vermelho sobrepuja os pavões que estão lá fora. É uma festa de púrpura. E o assemelha a uma chama do lábaro da aurora.

É o próprio doge a se mirar no espelho. E a cor vermelha chega a ser sonora neste pavão pomposo e de chavelho.

Pavões lilases possui outrora. Depois que amei este pavão vermelho, os meus outros pavões foram-se embora.

COSTA, S. *Poesia completa*: Sosígenes Costa. Salvador: Conselho Estadual de Cultura, 2001.

Na construção do soneto, as cores representam um recurso poético que configura uma imagem com a qual o eu lírico

- revela a intenção de isolar-se em seu espaço.
- simboliza a beleza e o esplendor da natureza.
- experimenta a fusão de percepções sensoriais.
- metaforiza a conquista de sua plena realização.
- expressa uma visão de mundo mística e espiritualizada.

13. AFA-SP 2022

TEXTO II

A verdadeira lei de Gérson

Raul Marinho Gregorin

Você se lembra daquele célebre comercial do cigarro Vila Rica, onde nosso tricampeão Gérson falava a famosa frase: “...**Porque você tem que levar vantagem em tudo, cerrrto?**”. A frase teve tanto impacto que acabou sendo criada a “Lei de Gérson”, que simboliza o oportunismo e a falta de escrúpulos típicas de uma grande parcela de nossa sociedade. [...]

Concordo que nossa postura oportunista realmente contribui para nos manter neste estado de atraso econômico e cultural em que vivemos. Só que a “Lei de Gérson”, na verdade é muito mais antiga que o próprio. No excelente livro “Mauá, Empresário do império”, de Jorge Caldeira (Ed. Companhia das Letras), percebe-se que há quase duzentos anos atrás esta lei já era cumprida. Aliás, essa deve ser a lei mais antiga do Brasil, pois desde as capitâneas hereditárias nossa história é pontilhada de exemplos de oportunismo e falta de escrúpulos. A própria escravidão não deixa de ser uma mostra do viés ético de nossa sociedade desde tempos imemoriais, mas isso já é outra história.

Eu não conheço a biografia do Gérson, muito menos do publicitário que criou a frase e o comercial do Vila Rica. Mas acho muito improvável que o Gérson real seja um oportunista sanguinário como ficou sendo sua imagem. Nem acredito que o diretor de criação da agência poderia imaginar que esta frase seria usada mais de vinte anos depois para designar esta nossa característica.

Nossa língua é ferina. Quando a Volkswagen lançou o Fusca com teto solar no final da década de ‘60’, as vendas despencaram depois que passou a ter a conotação de “carro de chifrudo”. A VASP na década de 70 criou um voo noturno ligando São Paulo ao Guarujá para atender aos executivos que deixavam suas famílias no balneário e passavam a semana trabalhando na capital. O nome do voo era “Corujão” devido ao horário. Não demorou muito, o voo passou a ser apelidado de “Cornudão”, pelo fato das esposas ficarem na praia enquanto os maridos ficavam na cidade. A VASP teve que cancelar a linha por falta de passageiros.

E óbvio que a VW tinha introduzido o teto solar baseado no fato do Brasil ser um país quente e ensolarado, perfeito para aquele opcional. Só que o consumidor preferia ficar passando calor a ser visto dirigindo um carro com um buraco no teto para “deixar os chifres de fora”. O voo corujão era perfeito, especialmente na época em que não havia Piaçaguera e, para chegar ao Guarujá de carro na alta temporada, o motorista tinha que enfrentar horas de fila na balsa. Mas era melhor demorar oito ou dez horas de carro do que ir de avião, em meia hora, num voo chamado “Cornudão”... Com o comercial do Gérson foi a mesma coisa. Levar vantagem em tudo não significa que os outros têm que levar desvantagem. O oportunismo foi incorporado à frase por quem a leu/ouvuiu, não por quem a escreveu/disse. O problema é que passou a ficar (para usar um conceito atual) “politicamente incorreto” levar vantagem em alguma coisa.

Na verdade, parece que nossa sociedade se divide em dois grandes blocos: um que leva vantagem em tudo (no sentido pejorativo) e outro que não pode levar vantagem em nada. Acontece que dá para levar vantagem em tudo sem fazer com que os outros saiam em desvantagem. Você não precisa esmagar a outra parte para sair ganhando.

(http://www.geocities.ws/cp_adhemar/leidegerson.html. Acesso em: 10 abril 2017. Texto revisado conforme a nova ortografia.)

De acordo com os episódios da história da propaganda abordados no texto II, podemos notar que as vantagens, às vezes, com o tempo, revelam problemas que as tomam desvantagens. Essa ideia está presente no seguinte trecho:

- a) “Laranja madura, na beira da estrada, está bichada, Zé,/ou ter marimbondado no pé.” (Mário Lago)
- b) “Quando você me ouvir cantar,/Venha não creia, eu não corro perigo.” (Caetano Veloso)
- c) “vão passando os florescentes dias?/As glórias, que vêm tarde, já vem frias;” (T.A. Gonzaga)
- d) “A tarde corre pra noite,/A lua desperta sorrindo,/A menina na janela,/botões em flor se abrindo..” (Wando)

14. **Famema-SP 2022** Assinale a opção que indica a frase que se estrutura a partir de uma metáfora.

- a) A melhor maneira de formar crianças boas é fazê-las felizes.
- b) Crianças são as mensagens vivas para um tempo que não veremos.
- c) Você pode aprender muito com crianças; observe-as.
- d) Seja legal com suas crianças. Elas escolherão seu asilo.
- e) As crianças encontram tudo em nada.

15. **Fuvest-SP 2022**



Disponível em <http://www.malvados.com.br/>.

Considerando a ironia da tirinha, é possível inferir que

- a) o serviço de transporte público é gerido pelo Estado.
- b) a qualidade do transporte é uma forma de punição.
- c) os responsáveis pelo transporte são punidos no Brasil.
- d) o brasileiro é um povo que tolera a criminalidade.
- e) o transporte público é responsável pela mobilidade urbana.

16. IFBA 2018

O gigolô das palavras

Quatro ou cinco grupos diferentes de alunos do Farrouilha estiveram lá em casa numa mesma missão, designada por seu professor de Português: saber se eu considerava o estudo da gramática indispensável para aprender e usar a nossa ou qualquer outra língua. [...] Suspeitei de saída que o tal professor lia esta coluna, se descabelava diariamente com suas afrontas às leis da língua, e aproveitava aquela oportunidade para me desmascarar. Já estava até preparando, às pressas, minha defesa (“Culpa da revisão! Culpa da revisão!”). Mas os alunos desfizeram o equívoco antes que ele se criasse. ¹Eles mesmos tinham escolhido os nomes a serem entrevistados. Vocês têm certeza que não pegaram o Veríssimo errado? Não. Então vamos em frente.

Respondi que a linguagem, qualquer linguagem, é um meio de comunicação e que deve ser julgada exclusivamente como tal. Respeitadas algumas regras básicas da gramática, para evitar os vexames mais gritantes, as outras são dispensáveis. ²A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios. Escrever bem é escrever claro, não necessariamente certo. Por exemplo: dizer “escrever claro” não é certo, mas é claro, certo? ³O importante é comunicar. (E, quando possível, surpreender, iluminar, divertir, mover... Mas aí entramos na área do talento, que também não tem nada a ver com gramática.) ⁴A gramática é o esqueleto da língua. Só predomina nas línguas mortas, e aí é de interesse restrito a necrólogos e professores de latim, gente em geral pouco comunicativa. [...]

⁵Claro que eu não disse isso tudo para meus entrevistadores. E adverti que minha implicância com a gramática na certa se devia à minha pouca intimidade com ela. ⁶Sempre fui péssimo em Português. Mas – isso eu disse – vejam vocês, a intimidade com a gramática é tão indispensável que eu ganho a vida escrevendo, apesar da minha total inocência na matéria. ⁷Sou um gigolô das palavras. Vivo às suas custas. E tenho com elas exemplar conduta de um cáften profissional. Abuso delas. Só uso as que eu conheço, as desconhecidas são perigosas e potencialmente traiçoeiras. Exijo submissão. Não raro, peço delas flexões inomináveis para satisfazer um gosto passageiro. Maltrato-as, sem dúvida. E jamais me deixo dominar por elas. Não me meto na sua vida particular. Não me interessa seu passado, suas origens, sua família nem o que outros já fizeram com elas. Se bem que não tenho também o mínimo escrúpulo em roubá-las de outro, quando acho que vou ganhar com isto. ⁸As palavras, afinal, vivem na boca do povo. (...)

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *O gigolô das palavras*. 8ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1982.

A figura de pensamento denominada “ironia” está presente no trecho:

- “A sintaxe é uma questão de uso, não de princípios.” (referência 2)
- “Sou um gigolô das palavras.” (referência 7)
- “A gramática é o esqueleto da língua.” (referência 4)
- “Claro que eu não disse isso tudo para meus entrevistadores.” (referência 5)
- “As palavras, afinal, vivem na boca do povo.” (referência 8)

17. Unioeste-PR 2018

Descolados e bacanas adotam vira-latas e pedem hóstia ‘gluten free’

A tipologia humana contemporânea chama a atenção pelo ridículo. Descolados e bacanas são pessoas que têm hábitos, afetos e disposições de alma mais avançados do que os “colados” e os “canas”.

Estes são gente que não consegue acompanhar os progressos sociais e se perdem diante das novas formas de economia, de sociabilidade e de direitos afetivos. Vejamos alguns exemplos dessa tipologia dos descolados e bacanas. Se você não se enquadrar, não chore. Ser um “colado” ou “cana” um dia poderá ascender à condição vintage, semelhante ao vinil ou ao filtro de barro.

A busca de uma alimentação saudável é um traço de descolados e bacanas. Um modo rápido e preciso de identificá-los é usar a palavra “McDonald’s” perto deles. Se a pessoa começar a gritar de horror ou demonstrar desprezo, você está diante de um descolado e bacana. Se você não entender o horror e o desprezo dela pelo McDonald’s, você é um “colado” e um “cana”.

Essa busca pela alimentação segura bateu na porta de Jesus, coitado. A demanda dos católicos descolados e bacanas é que o corpo de Cristo venha sem glúten. Uma hóstia “gluten free”. O papa, seguramente uma pessoa desocupada, teve que se preocupar com o corpo de Cristo sem glúten. A commoditização da religião, ou seja, a transformação da religião em produto, um dia chegaria a isso: que Jesus emagreça seus fiéis.

Um segundo tipo de descolado e bacana é aquele pai que fica lambendo o filho pra todo mundo achar que ele é um “novo homem”. Esse “novo homem” é, na verdade, um mito pra cobrir a desarticulação crescente das relações entre homem e mulher. Homens cuidam de filhos há décadas, mas agora pai que cuida de filho virou homem descolado e bacana, com direito à licença-paternidade de 40 dias, dada por empresas descoladas e bacanas.

Além de tornar o emprego ainda mais caro (coisa que a lei trabalhista faz, inviabilizando o emprego no país), a sorte dessas empresas é que as pessoas cada vez mais se separam antes de ter filhos. As que não se separam, por sua vez, ou têm um filho só ou um cachorro. Logo, fica barato posar de empresa descolada e bacana. Queria ver se a moçada fosse corajosa como os antigos e tivesse cinco filhos por casal. Com o crescimento da cultura pet, logo empresas descoladas e bacanas darão licença de uma semana quando o cachorro do casal ficar doente. E esse “direito” será uma exigência do capitalismo consciente. Aliás, descolados e bacanas adotam cachorros vira-latas para comprovar seu engajamento contra a desigualdade social animal.

Um terceiro tipo de gente descolada e bacana é o praticante de formas solidárias de economia. Este talvez seja o tipo mais descolado e bacana dos descritos até aqui nessa tipologia de bolso que ofereço a você, a fim de que aprenda a se mover neste mundo contemporâneo tão avançado em que vivemos.

Uma nova “proposta” (expressões como “proposta” e “projeto” são essenciais se você quer ser uma pessoa descolada e bacana) é oferecer sua casa “de graça” para pessoas morarem com você. Calma! Se o leitor for alguém minimamente inteligente, desconfiará dessa proposta.

Algumas dessas propostas ainda vêm temperadas com um discurso de “empoderamento” das mulheres que colaborariam umas com as outras. Explico.

Imagine que uma mãe single ofereça um quarto na casa dela para outra mulher em troca de ela cuidar do maravilhoso e criativo filho pequeno dessa mãe single. Entendeu? Sim, trabalho escravo empacotado pra presente.

Gourmetizado dentro de um discurso de “solidariedade feminina” e economia colaborativa. Na prática, você trabalharia em troca de casa e comida. Essa proposta é ainda mais ridícula do que aquela em que você, jovem, recebe a “graça” de trabalhar de graça pra um marca famosa que combate a fome na África em troca de experiência e para enriquecer seu “book”. Na China eles são mais solidários do que isso, você ganharia pelo menos um dólar.

Sim, o mundo contemporâneo é ridículo de doer. Com suas modinhas e terminologias chiques. Coitada da esquerda que abraça essas pautas criativas. Saudades do Lênin?

(Por Luiz Felipe Pondé. *Folha de S.Paulo*, 31 de Julho de 2017). Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/colunas/luizfelipeponde/2017/07/1905751-descolados-ebacanas-adotam-viralatas-e-pedem-hostia-gluten-free.shtml>

Considerando as palavras entre aspas no texto, assinale a alternativa em que estas NÃO criam efeito de ironia sobre os termos aspeados:

- “E esse ‘direito’ será uma exigência do capitalismo consciente”.
- “Uma nova ‘proposta’ é oferecer sua casa ‘de graça’ para pessoas morarem com você”.
- “Expressões como ‘proposta’ e ‘projeto’ são essenciais se você quer se tornar uma pessoa descolada e bacana”.
- “Essa proposta é ainda mais ridícula do que aquela em que você, jovem, recebe a ‘graça’ de trabalhar de graça para uma marca famosa”.
- “Algumas dessas propostas ainda vêm temperadas com um discurso de ‘empoderamento’ das mulheres”.

- 18. Unesp 2020** Leia o poema “O sobrevivente”, extraído do livro *Alguma poesia*, de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1930.

O sobrevivente

Impossível compor um poema a essa altura da evolução da humanidade.

Impossível escrever um poema — uma linha que seja — de verdadeira poesia.

O último trovador morreu em 1914.

Tinha um nome de que ninguém se lembra mais.

Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.

Se quer fumar um charuto aperte um botão.

Paletós abotoam-se por eletricidade.

Amor se faz pelo sem-fio.

Não precisa estômago para digestão.

Um sábio declarou a *O Jornal* que ainda falta muito para atingirmos um nível razoável de cultura. Mas até lá, felizmente, estarei morto.

Os homens não melhoraram e matam-se como percevejos.

Os percevejos heroicos renascem.

Inabitável, o mundo é cada vez mais habitado.

E se os olhos reaprendessem a chorar seria um segundo dilúvio.

(Desconfio que escrevi um poema.)

(Poesia 1930-1962, 2012.)

Explicita a antítese contida em “Há máquinas terrivelmente complicadas para as necessidades mais simples.” (2ª estrofe).

19. Enem 2016

O adolescente

A vida é tão bela que chega a dar medo.

Não o medo que paralisa e gela,
estátua súbita,
mas

esse medo fascinante e fremente de curiosidade que faz o jovem felino seguir para frente farejando o vento ao sair, a primeira vez, da gruta.

Medo que ofusca: luz!

Cumplicemente,
as folhas contam-te um segredo
velho como o mundo:

Adolescente, olha! A vida é nova...

A vida é nova e anda nua

– vestida apenas com o teu desejo!

QUINTANA, M. *Nariz de vidro*. São Paulo: Moderna, 1998.

Ao abordar uma etapa do desenvolvimento humano, o poema mobiliza diferentes estratégias de composição. O principal recurso expressivo empregado para a construção de uma imagem da adolescência é a

- hipérbole do medo.
- metáfora da estátua.
- personificação da vida.
- antítese entre juventude e velhice.
- comparação entre desejo e nudez.

- 20. Unesp 2020 (Adapt.)** Examine o cartum:



(Millôr Fernandes. *Guia Millôr da filosofia*, 2016.)

Explicita o conceito explorado pelo cartum. De que modo a imagem ressalta esse conceito?

21. **Unesp 2018 (Adapt.)** Leia o trecho do livro *O maior espetáculo da Terra*, do biólogo britânico Richard Dawkins (1941), para responder à questão.

A seleção natural impele espécies predadoras a tornarem-se cada vez melhores em apanhar presas, e simultaneamente impele espécies que são caçadas a tornarem-se cada vez melhores em escapar dos caçadores. Predadores e presas apostam uma corrida armamentista evolucionária, disputada no tempo evolucionário. O resultado tem sido uma constante escalada na quantidade de recursos econômicos que os animais, dos dois lados, dependem na corrida armamentista, em detrimento de outros departamentos de sua economia corporal. Caçadores e caçados tornam-se cada vez mais bem equipados para correr mais do que (ou surpreender, ou sobrepujar em astúcia etc.) o outro lado. Mas um equipamento aprimorado para correr mais não se traduz obviamente em mais sucesso numa corrida, pela simples razão de que, numa corrida armamentista, o outro lado também está aprimorando seu equipamento: essa é a marca registrada das corridas armamentistas. Poderíamos dizer, como explicou a Rainha de Copas a Alice, que eles correm o mais rápido possível para não sair do lugar.

Darwin tinha plena noção das corridas armamentistas evolucionárias, embora não usasse essa expressão. Meu colega John Krebs e eu publicamos um artigo sobre o tema em 1979, no qual atribuímos a expressão “corrida armamentista” ao biólogo britânico Hugh Cott. Talvez significativamente, Cott publicou seu livro, *Adaptive coloration in animals*, em 1940, em plena Segunda Guerra Mundial:

Antes de afirmar que a aparência enganosa de um gafanhoto ou borboleta é desnecessariamente detalhada, devemos verificar primeiro quais são os poderes de percepção e discriminação dos inimigos naturais desses insetos. Não fazê-lo é como dizer que a blindagem de um cruzador é pesada demais ou que seu conjunto de canhões é demasiado grande, sem investigar a natureza e a eficácia do armamento do inimigo. O fato é que, na **primeira** luta da selva, assim como nos refinamentos da guerra civilizada, vemos em progresso uma grande corrida armamentista evolucionária — cujos resultados, para a defesa, manifestam-se em recursos como velocidade, estado de alerta, couraça, coloração, hábitos subterrâneos, hábitos noturnos, secreções venenosas e gosto nauseante; e, para o ataque, em atributos compensadores como velocidade, surpresa, emboscada, atração, acuidade visual, garras, dentes, ferrões, presas venenosas e coloração atrativa. Assim como a velocidade do perseguido desenvolveu-se em relação a um aumento na velocidade do perseguidor, ou uma couraça defensiva em relação a armas ofensivas, também a perfeição de recursos de disfarce evoluiu em resposta a poderes crescentes de percepção.

Saliento que a corrida armamentista é disputada no tempo evolucionário. Não deve ser confundida com as corridas entre, por exemplo, um guepardo individual e uma gazela individual, que é disputada em tempo real. A corrida no tempo evolucionário é uma corrida que desenvolve equipamento para as corridas em tempo real. E o que isso realmente significa é que os genes para

produzir o equipamento destinado a vencer o adversário em esperteza ou velocidade acumulam-se nos reservatórios gênicos de ambos os lados.

(*O maior espetáculo da Terra*, 2009. Adaptado.)

primevo: antigo, primitivo.

Oximoro: figura de retórica em que se combinam palavras de sentido oposto que parecem excluir-se mutuamente, mas que, no contexto, reforçam a expressão; paradoxismo.

(*Dicionário Houaiss da língua portuguesa*, 2009.)

Há na citação de Hugh Cott uma expressão que pode ser considerada exemplo de oximoro. Identifique-a e justifique sua resposta.

22. **FICSAE-SP (Adapt.)** Leia a crônica “Caso de justiceiro”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

Mercadinho é imagem de confusão organizada. Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos, carrinhos e pirâmides de coisas se comprimindo, apalpamento, cheiração e análise visual de gêneros pelas madamas, e, a dominar o vozerio, o metralhar contínuo das registradoras. Um olho invisível, múltiplo e implacável, controla os menores movimentos da freguesia, devassa o mistério de bolsas e bolsos, quem sabe se até o pensamento. Parece o caos; contudo nada escapa à fiscalização. Aquela velhinha estrangeira, por exemplo, foi desmascarada.

— A senhora não pagou a dúzia de ovos quebrados.
— Paguei.

Antes que o leitor suponha ter a velhinha quebrado uma dúzia de ovos, explico que eles estão à venda assim mesmo, trincados. Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere; casca é embalagem. A senhora ia pagar a dúzia de ovos perfeitos, comprada depois; mas e os quebrados, que ela comprara antes?

A velhinha se zanga e xinga em ótimo português-carioca o rapaz da caixa. O qual lhe responde boas, no mesmo idioma, frisando que gringo nenhum viria lá de sua terra da peste para dar prejuízo no Brasil, que ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranja. A mulher, fúria de indignação, foi perdendo a voz. Caixeiros acorreram, tomando posição em defesa da pátria ultrajada na pessoa do colega; entre eles, alguns portugueses. A freguesia fez bolo. O mercadinho parou.

Eis que irrompe o tarzã de calção de banho ainda roejante e berra para o caixa:

— Para com isso, que eu não conheço essa dona mas vê-se pela cara que é distinta.

— Distinta? Roubou cem cruzeiros à casa e insultou a gente feito uma danada.

— Roubou coisa nenhuma, e o que ela disse de você eu não ouvi mas subscrevo. O que você é, é um calhorda e quer fazer média com o patrão à custa de uma pobre mulher.

O outro ia revidar à altura, mas o tarzã não era de cinema, era de verdade, o que aliás não escapou à percepção de nenhum dos presentes. De modo que enquanto uns socorriam a velhinha, que desmaiava, outros

passavam a apoiá-la moralmente, querendo arrebenhar aquela joça. O partido nacionalista acoelhou-se. Foram tratando de cerrar as portas, para evitar a repetição de Caxias. Quem estava lá dentro que morresse de calor; enquanto não viessem a radiopatrulha e a ambulância, a questão dos ovos ficava em suspenso.

— Ah, é? — disse o vingador. — Pois eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota.

Tirou-a do bolso do calção, fez uma bolinha, puxou para baixo, com dedos de ferro, o queixo do caixa, e meteu-lhe o dinheiro na boca.

Assistência deslumbrada, em silêncio admiracional. Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro. O caixa começou a mastigar, branco, nauseado, engasgado.

Uma voz veio do setor de ovos:

— Ela não roubou mesmo não! Olha o dinheiro embaixo do pacote!

Outras vozes se altearam: “Engole mais os outros cem!” “Os ovos também!” “Salafrá” “Isso!” “Aquilo!”.

A onda era tamanha que o tarzã, instrumento da justiça divina, teve de restabelecer o equilíbrio.

— Espera aí. Este aqui já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltrataram este rapaz.

(Carlos Drummond de Andrade. *Cadeira de balanço*, 2020.)

Observa-se um paradoxo entre os termos que compõem a seguinte expressão:

- a) “assistência deslumbrada” (13º parágrafo)
- b) “pátria ultrajada” (5º parágrafo)
- c) “olho invisível” (1º parágrafo)
- d) “análise visual” (1º parágrafo)
- e) “confusão organizada” (1º parágrafo)

23. Famema-SP 2020 Leia o texto para responder à questão a seguir.

[...] no tempo em que se passavam os fatos que vamos narrando nada mais havia comum do que ter cada casa um, dois e às vezes mais agregados.

Em certas casas os agregados eram muito úteis, porque a família tirava grande proveito de seus serviços, e já tivemos ocasião de dar exemplo disso quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo; outras vezes porém, e estas eram maior número, o agregado, refinado vadio, era uma verdadeira parasita que se prendia à árvore familiar, que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar frutos, e o que é mais ainda, chegava mesmo a dar cabo dela. E o caso é que, apesar de tudo, se na primeira hipótese o esmagavam com o peso de mil exigências, se lhe batiam a cada passo com os favores na cara, se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento, e à menor e mais justa queixa saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho, no segundo aturavam quanto desconcerto havia com paciência de mártir, o agregado tornava-se quase um rei em casa, punha, dispunha, castigava os escravos, ralhava com os filhos, intervinha enfim nos mais particulares negócios.

Em qual dos dois casos estava ou viria estar em breve o nosso amigo Leonardo? O leitor que decida pelo que se vai passar.

(Manuel Antônio de Almeida. *Memórias de um Sargento de Milícias*, 1994.)

A hipérbole é uma figura de linguagem que expressa ideia de exagero; a metáfora, por sua vez, expressa

ideia de semelhança. As passagens do segundo parágrafo do texto que exemplificam essas figuras são, respectivamente:

- a) “Em certas casas os agregados eram muito úteis”; “chegava mesmo a dar cabo dela”.
- b) “o esmagavam com o peso de mil exigências”; “que lhe participava da seiva sem ajudá-la a dar frutos”.
- c) “se lhe batiam a cada passo com os favores na cara”; “quando contamos a história do finado padrinho de Leonardo”.
- d) “saltavam-lhe os pais em cima tomando o partido de seu filho”; “intervinha enfim nos mais particulares negócios”.
- e) “se o filho mais velho da casa, por exemplo, o tomava por seu divertimento”; “que se prendia à árvore familiar”.

24. Famerp-SP 2020 Leia o início do conto “Luís Soares”, de Machado de Assis, para responder à questão.

Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade. O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir, ao passo que a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver. Livre em todas as minhas ações, não quero sujeitar-me à lei absurda que a sociedade me impõe: velarei de noite, dormirei de dia.

Contrariamente a vários ministérios, Soares cumpria este programa com um escrúpulo digno de uma grande consciência. A aurora para ele era o crepúsculo, o crepúsculo era a aurora. Dormia 12 horas consecutivas durante o dia, quer dizer das seis da manhã às seis da tarde. Almoçava às sete e jantava às duas da madrugada. Não ceava. A sua ceia limitava-se a uma xícara de chocolate que o criado lhe dava às cinco horas da manhã quando ele entrava para casa. Soares engolia o chocolate, fumava dois charutos, fazia alguns trocadilhos com o criado, lia uma página de algum romance, e deitava-se.

Não lia jornais. Achava que um jornal era a cousa mais inútil deste mundo, depois da Câmara dos Deputados, das obras dos poetas e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.

(*Contos fluminenses*, 2006.)

Assinale a alternativa que apresenta um trecho do texto e uma figura de linguagem que nele ocorre.

- a) “O calor do sol está dizendo aos homens que vão descansar e dormir” (1º parágrafo) – personificação.
- b) “a frescura relativa da noite é a verdadeira estação em que se deve viver” (1º parágrafo) – eufemismo.
- c) “Trocar o dia pela noite, dizia Luís Soares, é restaurar o império da natureza corrigindo a obra da sociedade” (1º parágrafo) – gradação.
- d) “Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia” (3º parágrafo) – pleonasma.
- e) “Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade” (3º parágrafo) – paradoxo.

25. Famema-SP 2019 Leia o poema “Namorados” de Manuel Bandeira (1886-1968).

O rapaz chegou-se para junto da moça e disse:
— Antônia, ainda não me acostumei com o seu corpo, com a sua cara.
A moça olhou de lado e esperou.
— Você não sabe quando a gente é criança e de repente vê uma lagarta listada?
A moça se lembrava:
— A gente fica olhando...
A menina brincou de novo nos olhos dela.
O rapaz prosseguiu com muita doçura:
— Antônia, você parece uma lagarta listada.
A moça arregalou os olhos, fez exclamações.
O rapaz concluiu:
— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.

(*Estrela da vida inteira*, 2009.)

Verifica-se a ocorrência de personificação no seguinte verso:

- a) “A moça olhou de lado e esperou.”
- b) “A menina brincou de novo nos olhos dela.”
- c) “— Antônia, você é engraçada! Você parece louca.”
- d) “A moça arregalou os olhos, fez exclamações.”
- e) “— Antônia, você parece uma lagarta listada.”

26. Unesp 2019 (Adapt.) Leia o trecho inicial do romance *O Ateneu*, de Raul Pompeia (1863-1895), para responder à questão a seguir.

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”

Bastante experimentei depois a verdade deste aviso, que me despia, num gesto, das ilusões de criança educada exoticamente na estufa de carinho que é o regime do amor doméstico; diferente do que se encontra fora, tão diferente, que parece o poema dos cuidados maternos um artifício sentimental, com a vantagem única de fazer mais sensível a criatura à impressão rude do primeiro ensinamento, têmpera brusca da vitalidade na influência de um novo clima rigoroso. Lembramo-nos, entretanto, com saudade hipócrita dos felizes tempos; como se a mesma incerteza de hoje, sob outro aspecto, não nos houvesse perseguido outrora, e não viesses de longe a enfiada das decepções que nos ultrajam.

Eufemismo, os felizes tempos, eufemismo apenas, igual aos outros que nos alimentam, a saudade dos dias que correram como melhores. Bem considerando, a atualidade é a mesma em todas as datas. Feita a compensação dos desejos que variam, das aspirações que se transformam, alentadas perpetuamente do mesmo ardor, sobre a mesma base fantástica de esperanças, a atualidade é uma. Sob a coloração cambiante das horas, um pouco de ouro mais pela manhã, um pouco mais de púrpura ao crepúsculo – a paisagem é a mesma de cada lado, beirando a estrada da vida.

Eu tinha onze anos.

Frequentara como externo, durante alguns meses, uma escola familiar do Caminho Novo, onde algumas senhoras inglesas, sob a direção do pai, distribuíam educação à infância como melhor lhes parecia. Entrava às nove horas timidamente, ignorando as lições com a maior regularidade, e bocejava até às duas, torcendo-me de insipidez sobre os carcomidos bancos que o colégio comprara, de pinho e

usados, lustrosos do contato da malandragem de não sei quantas gerações de pequenos. Ao meio-dia, davam-nos pão com manteiga. Esta recordação gulosa é o que mais pronunciadamente me ficou dos meses de externato; com a lembrança de alguns companheiros – um que gostava de fazer rir à aula, espécie interessante de mono louro, arrepiado, vivendo a morder, nas costas da mão esquerda, uma protuberância calosa que tinha; outro adamado, elegante, sempre retirado, que vinha à escola de branco, engomadinho e radioso, fechada a blusa em diagonal do ombro à cinta por botões de madrepérola. Mais ainda: a primeira vez que ouvi certa injúria crespada, um palavrão cercado de terror no estabelecimento, que os partistas denunciavam às mestras por duas iniciais como em monograma.

Lecionou-me depois um professor em domicílio.

Apesar deste ensaio da vida escolar a que me sujeitou a família, antes da verdadeira provação, eu estava perfeitamente virgem para as sensações novas da nova fase. O internato! Destacada do conchego placentário da dieta caseira, vinha próximo o momento de se definir a minha individualidade.

(*O Ateneu*, 1999.)

Por que razão o narrador chama de “eufemismo” os “felizes tempos”?

27. Unesp 2022 (Adapt.) Para responder à questão, leia a crônica “Almas penadas”, de Olavo Bilac, publicada originalmente em 1902.

Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão esbatido passava o seu vulto na treva, tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, a desoras, uma avantesma...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se

tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia.

Dizem as **folhas** que a polícia, competentemente munida de **bentinhos** e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho **pardieiro** que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os **sitiantes** empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

(Olavo Bilac. Melhores crônicas, 2005.)

esbatido: de tom pálido.

a desoras: muito tarde.

avantesma: alma do outro mundo, fantasma, espectro.

folha: periódico diário, jornal.

bentinho: objeto de devoção contendo orações escritas.

pardieiro: prédio velho ou arruinado.

sitiente: policial.

Em “o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia” (3º parágrafo), o trecho sublinhado constitui um exemplo de

- a) sinestesia.
- b) paradoxo.
- c) pleonasma.
- d) hipérbole.
- e) eufemismo.

28. Unicamp-SP 2022

O tempo acaba o ano, o mês e a hora,
A força, a arte, a manha, a fortaleza,
O tempo acaba a fama e a riqueza,
O tempo o mesmo tempo de si chora.

O tempo busca, e acaba o onde mora
Qualquer ingratidão, qualquer dureza,
Mas não pode acabar minha tristeza,
Enquanto não quiserdes vós, senhora.

O tempo o claro dia torna escuro,
E o mais ledo prazer em choro triste,
O tempo a tempestade em grã bonança.

Mas de abrandar o tempo estou seguro
O peito de diamante, onde consiste
A pena e o prazer desta esperança.

(Luís de Camões, 20 sonetos. Campinas: Editora da Unicamp, 2018, p. 121.)

- a) Identifique quatro antíteses poéticas constitutivas do núcleo temático desse soneto.
- b) Esse soneto de Camões defende uma tese em seu percurso argumentativo. Apresente essa tese e explique as partes que constituem o percurso argumentativo do poema.

29. Unesp 2018 (Adapt.) Leia o poema de Murilo Mendes (1901-1975) para responder à questão a seguir.

O pastor pianista

Soltaram os pianos na planície deserta
Onde as sombras dos pássaros vêm beber.
Eu sou o pastor pianista,
Vejo ao longe com alegria meus pianos
Recortarem os vultos monumentais
Contra a lua.

Acompanhado pelas rosas migradoras
Apascento os pianos: gritam
E transmitem o antigo clamor do homem

Que reclamando a contemplação,
Sonha e provoca a harmonia,
Trabalha mesmo à força,
E pelo vento nas folhagens,
Pelos planetas, pelo andar das mulheres,
Pelo amor e seus contrastes,
Comunica-se com os deuses.

(As metamorfoses, 2015.)

apascentar: vigiar no pasto; pastorear.

Na segunda estrofe, verifica-se a personificação dos pianos. Que outro elemento também é personificado nessa estrofe? Justifique sua resposta.

30. Unesp 2018 Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à questão.

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é.

O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

(*Essencial*, 2011.)

Verifica-se o emprego de vírgula para indicar a elipse (supressão) do verbo em:

- a) “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?” (1º parágrafo)
- b) “O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]” (3º parágrafo)
- c) “O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres.” (1º parágrafo)
- d) “Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.” (1º parágrafo)
- e) “Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam debaixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam E enforcam.” (3º parágrafo)

31. **Unifesp 2017** Leia o trecho inicial de *Raízes do Brasil*, do historiador brasileiro Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), para responder à questão a seguir:

A tentativa de implantação da cultura europeia em extenso território, dotado de condições naturais, se não adversas, largamente estranhas à sua tradição milenar, é, nas origens da sociedade brasileira, o fato dominante e mais rico em consequências. Trazendo de países distantes nossas formas de convívio, nossas instituições, nossas ideias, e timbrando em manter tudo isso em ambiente muitas vezes desfavorável e hostil, somos ainda hoje uns desterrados em nossa terra. Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevisos, elevar à perfeição o tipo de civilização que representamos: o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem.

Assim, antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas formas de convívio, instituições e ideias de que somos herdeiros.

É significativa, em primeiro lugar, a circunstância de termos recebido a herança através de uma nação ibérica. A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos. Assim, eles constituem uma zona fronteira, de transição, menos carregada, em alguns casos, desse europeísmo que, não obstante, mantêm como um patrimônio necessário.

Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu. Esse ingresso tardio deveria repercutir intensamente em seus destinos, determinando muitos aspectos peculiares de sua história e de sua formação espiritual. Surgiu, assim, um tipo de sociedade que se desenvolveria, em alguns sentidos, quase à margem das congêneres europeias, e sem delas receber qualquer incitamento que já não trouxesse em germe.

Quais os fundamentos em que assentam de preferência as formas de vida social nessa região indecisa entre a Europa e a África, que se estende dos Pireneus a Gibraltar? Como explicar muitas daquelas formas, sem recorrer a indicações mais ou menos vagas e que jamais nos conduziram a uma estrita objetividade?

Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica, uma característica que ela está longe de partilhar, pelo menos na mesma intensidade, com qualquer de seus vizinhos do continente. É que nenhum desses vizinhos soube desenvolver a tal extremo essa cultura da personalidade, que parece constituir o traço mais decisivo na evolução da gente hispânica, desde tempos imemoriais. Pode dizer-se, realmente, que pela importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos semelhantes no tempo e no espaço, devem os espanhóis e portugueses muito de sua originalidade nacional. [...]

É dela que resulta largamente a singular tibieza das formas de organização, de todas as associações que

impliquem solidariedade e ordenação entre esses povos. Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável, a não ser por uma força exterior respeitável e temida.

Raízes do Brasil, 2000.

O *Dicionário Houaiss de língua portuguesa* define “elipse” como “supressão, num enunciado, de um termo que pode ser facilmente subentendido pelo contexto linguístico”. Verifica-se a ocorrência desse recurso em:

- a) “A Espanha e Portugal são, com a Rússia e os países balcânicos (e em certo sentido também a Inglaterra), um dos territórios-ponte pelos quais a Europa se comunica com os outros mundos” (3º parágrafo)
- b) “Em terra onde todos são barões não é possível acordo coletivo durável” (7º parágrafo)
- c) “Precisamente a comparação entre elas e as da Europa de além-Pireneus faz ressaltar uma característica bem peculiar à gente da península Ibérica” (6º parágrafo)
- d) “Foi a partir da época dos grandes descobrimentos marítimos que os dois países entraram mais decididamente no coro europeu” (4º parágrafo)
- e) “o certo é que todo o fruto de nosso trabalho ou de nossa preguiça parece participar de um sistema de evolução próprio de outro clima e de outra paisagem” (1º parágrafo)

32. IME-RJ 2022 (Adapt.) Fernando Pessoa (1888-1935) foi um dos mais importantes poetas da literatura portuguesa. Criou uma obra de natureza filosófica sobre a consciência e as suas mais profundas inquietações existenciais. Expressou uma personalidade estética multifacetada por meio dos heterônimos, os quais consistiam em várias identidades que detinham biografia e características psicológicas distintas: Alberto Caeiro, Ricardo Reis, Bernardo Soares e Álvaro de Campos, um engenheiro naval, a quem se deve a “Ode triunfal”. Esse heterônimo apresenta uma personalidade estética marcada pelas concepções futuristas e pela intenção de assimilar ao eu lírico a realidade exterior, considerada em suas manifestações mais prosaicas, ao mesmo tempo em que aquele se projeta no mundo.

Ode triunfal

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

- 5 Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
- 10 Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um
[excesso

De expressão de todas as minhas sensações,
15 Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza
[tropical –
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força –
Canto, e canto o presente, e também o passado e o
20 [futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes
[eléctricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio
25 [e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez
[cinquenta,
Átomos que hão-de ir ter febre para o cérebro do
[Ésquilo do século cem,
30 Andam por estas correias de transmissão e por estes
[êmbolos e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um acesso de carícias ao corpo numa
[só carícia à alma.

35 Ah, poder exprimir-me todo como um motor se
[exprime!
Ser completo como uma máquina!
Poder ir na vida triunfante como um automóvel
[último-modelo!

40 Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me
[passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

45 Fraternidade com todas as dinâmicas!
Promiscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
Dos comboios estrenuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,
50 Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias
[de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas
55 Entre maquinismos e afazeres úteis!
Grandes cidades paradas nos cafés,
Nos cafés – oásis de inutilidades ruidosas
Onde se cristalizam e se precipitam
Os rumores e os gestos do Útil
60 E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do
[Progressivo!

Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!
Novos entusiasmos de estatura do Momento!
PESSOA, Fernando. *Poesias de Álvaro de Campos*. Lisboa: Ática, 1944
(imp. 1993), p. 144 (texto adaptado).

Em relação ao texto, considere as expressões em negrito e assinale a alternativa que evidencia a construção de analogias entre as máquinas e os entes da natureza:

- a) “Tenho os lábios secos, ó grandes **ruídos modernos**, de vos ouvir demasiadamente de perto.” (linhas 10 e 11)
- b) “Horas europeias, produtoras, entaladas entre maquinismos e **afazeres úteis!** Grandes cidades paradas nos cafés [...]” (linhas 54 a 56)
- c) “Os rumores e os gestos do Útil e as rodas, e as rodas-dentadas e as **chumaceiras do Progressivo!**” (linhas 59 a 61)
- d) “A todos os perfumes de óleos e calores e carvões desta **flora estupenda**, negra, artificial e insaciável!” (linha 43 e 44)
- e) “E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das **luzes eléctricas** só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão.” (linhas 22 a 25)

33. ITA-SP

Canção

Pus o meu sonho num navio
e o navio em cima do mar;
– depois, abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar

Minhas mãos ainda estão molhadas
do azul das ondas entreabertas
e a cor que escorre dos meus dedos
colore as areias desertas.

O vento vem vindo de longe,
a noite se curva de frio;
debaixo da água vai morrendo
meu sonho, dentro de um navio...

Chorei quanto for preciso,
para fazer com que o mar cresça,
e o meu navio chegue ao fundo
e o meu sonho desapareça.

Depois, tudo estará perfeito;
praia lisa, águas ordenadas,
meus olhos secos como pedras
e as minhas duas mãos quebradas

(Cecília Meireles)

Neste poema, há algumas figuras de linguagem. Abaixo, você tem, de um lado, os versos e, do outro, o nome de uma dessas figuras. Observe.

- I. “Minhas mãos ainda estão molhadas / do azul das ondas entreabertas” (sinestesia)
- II. “e a cor que escorre dos meus dedos” (metonímia)
- III. “o vento vem vindo de longe” (aliteração)
- IV. “a noite se curva de frio” (personificação)
- V. “e o meu navio chegue ao fundo / e o meu sonho desapareça” (polissíndeto)

Considerando-se a relação verso/figura de linguagem, pode-se afirmar que

- a) apenas I, II e III estão corretas.
- b) apenas I, III e IV estão corretas.
- c) apenas II está incorreta.
- d) apenas I, IV e V estão corretas.
- e) todas estão corretas.

34. **Unesp (Adapt.)** A questão a seguir se refere a uma passagem do romance *Eurico, o Presbítero*, do romântico português Alexandre Herculano (1810-1877), e a uma passagem do romance *O Missionário*, do escritor naturalista brasileiro Inglês de Sousa (1853-1918).

Eurico, o Presbítero

Os raios derradeiros do sol desapareceram: o clarão avermelhado da tarde vai quase vencido pelo grande vulto da noite, que se alevanta do lado de Septum. Nesse chão tenebroso do oriente a tua imagem serena e luminosa surge a meus olhos, ó Hermengarda, semelhante à aparição do anjo da esperança nas trevas do condenado.

E essa imagem é pura e sorri; orna-lhe a fronte a coroa das virgens; sobe-lhe ao rosto a vermelhidão do pudor; o amículo alvíssimo da inocência, flutuando-lhe em volta dos membros, esconde-lhe as formas divinas, fazendo-as, porventura, suspeitar menos belas que a realidade.

É assim que eu te vejo em meus sonhos de noites de atroz saudade: mas, em sonhos ou desenhada no vapor do crepúsculo, tu não és para mim mais do que uma imagem celestial; uma recordação indecifrável; um consolo e ao mesmo tempo um martírio.

Não eras tu emanação e reflexo do céu? Por que não ousaste, pois, volver os olhos para o fundo abismo do meu amor? Verias que esse amor do poeta é maior que o de nenhum homem; porque é imenso, como o ideal, que ele compreende; eterno, como o seu nome, que nunca perece.

Hermengarda, Hermengarda, eu amava-te muito! Adorava-te só no santuário do meu coração, enquanto precisava de ajoelhar ante os altares para orar ao Senhor. Qual era o melhor dos dois tempos?

Foi depois que o teu desabou, que eu me acolhi ao outro para sempre.

Por que vens, pois, pedir-me adorações quando entre mim e ti está a Cruz ensanguentada do Calvário; quando a mão inexorável do sacerdote soldou a cadeia da minha vida às lájeas frias da igreja; quando o primeiro passo além do limiar desta será a perdição eterna?

Mas, ai de mim! essa imagem que parece sorrir-me nas solidões do espaço está estampada unicamente na minha alma e reflete-se no céu do oriente através destes olhos perturbados pela febre da loucura, que lhes queimou as lágrimas.

(HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. Edição crítica, dirigida e prefaciada por Vitorino Nemésio. 41ª ed. Lisboa: Livraria Bertrand, [s.d.], p. 42-43.)

O Missionário

Entregara-se, corpo e alma, à sedução da linda rapariga que lhe ocupara o coração. A sua natureza ardente e apaixonada, extremamente sensual, mal contida até então pela disciplina do Seminário e pelo ascetismo que lhe dera a crença na sua predestinação, quisera saciar-se do gozo por muito tempo desejado, e sempre impedido. Não seria filho de Pedro Ribeiro de Moraes, o devasso fazendeiro do Igarapé-mirim, se o seu cérebro não fosse dominado por instintos egoísticos, que a privação de prazeres açulava e que uma educação superficial não soubera subjugar. E como os senhores padres do Seminário haviam pretendido destruir ou, ao menos, regular e conter a ação determinante

da hereditariedade psicofisiológica sobre o cérebro do seminarista? Dando-lhe uma grande cultura de espírito, mas sob um ponto de vista acanhado e restrito, que lhe excitara o instinto da própria conservação, o interesse individual, pondo-lhe diante dos olhos, como supremo bem, a salvação da alma, e como meio único, o cuidado dessa mesma salvação. Que acontecera? No momento dado, impotente o freio moral para conter a rebelião dos apetites, o instinto mais forte, o menos nobre, assenhoreara-se daquele temperamento de matuto, disfarçado em padre de S. Sulpício. Em outras circunstâncias, colocado em meio diverso, talvez que padre Antônio de Morais viesse a ser um santo, no sentido puramente católico da palavra, talvez que viesse a realizar a aspiração da sua mocidade, deslumbrando o mundo com o fulgor das suas virtudes ascéticas e dos seus sacrifícios inauditos. Mas nos sertões do Amazonas, numa sociedade quase rudimentar, sem moral, sem educação... vivendo no meio da mais completa liberdade de costumes, sem a coação da opinião pública, sem a disciplina duma autoridade espiritual fortemente constituída... sem estímulos e sem apoio... devia cair na regra geral dos seus colegas de sacerdócio, sob a influência enervante e corruptora do isolamento, e entregara-se ao vício e à depravação, perdendo o senso moral e rebaixando-se ao nível dos indivíduos que fora chamado a dirigir.

Esquecera o seu caráter sacerdotal, a sua missão e a reputação do seu nome, para mergulhar-se nas ardentes sensualidades dum amor físico, porque a formosa Clarinha não podia oferecer-lhe outros atrativos além dos seus frescos lábios vermelhos, tentação demoníaca, das suas formas esculturais, assombro dos sertões de Guaranatuba.

(SOUSA, Inglês de. *O missionário*. São Paulo: Ática, 1987, p. 198.)

A leitura dos dois textos detecta a presença de certos recursos estilísticos, como por exemplo o da anáfora, que consiste na repetição de um mesmo vocábulo ou locução no início de duas ou mais orações ou frases seguidas. Releia ambos os textos e, a seguir, apresente um exemplo, extraído de qualquer dos dois textos, em que se revele o recurso da *anáfora*.

35. Unifesp 2015 Leia o texto para responder à questão.

Cumpridos dez anos de prisão por um crime que não pratiquei e do qual, no entanto, nunca me defendi, morto para a vida e para os sonhos: nada podendo já esperar e coisa alguma desejando – ¹eu venho fazer enfim a minha confissão: isto é, demonstrar a minha inocência.

Talvez não me acreditem. ²Decerto que não me acreditam. Mas pouco importa. O meu interesse hoje em gritar que não assassinei Ricardo de Loureiro é nulo. Não tenho família; não preciso que me reabilitem. Mesmo quem esteve dez anos preso, nunca se reabilita. A verdade simples é esta.

E àqueles que, lendo o que fica exposto, me perguntarem: “Mas por que não fez a sua confissão quando era tempo? Por que não demonstrou a sua inocência ao tribunal?”, a esses responderei: – A minha defesa era impossível. Ninguém me acreditaria. E fora inútil fazer-me passar por um embusteiro ou por um doido... Demais, devo confessar, após os acontecimentos em que me vira envolvido nessa época, ficara tão despedaçado que a prisão se me afigurava uma coisa sorridente. Era o esquecimento, a

tranquilidade, o sono. Era um fim como qualquer outro – um termo para a minha vida devastada. Toda a minha ânsia foi, pois, de ver o processo terminado e começar cumprindo a minha sentença.

De resto, o meu processo foi rápido. Oh! o caso parecia bem claro... Eu nem negava nem confessava. Mas quem cala consente... E todas as simpatias estavam do meu lado.

O crime era, como devem ter dito os jornais do tempo, um “crime passionnal”. *Cherchez la femme**. Depois, a vítima, um poeta – um artista. A mulher romantizara-se desaparecendo. Eu era um herói, no fim de contas. ³E um herói com seus laivos de mistério, o que mais me aureolava. Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes. E a minha pena foi curta.

Ah! foi bem curta – sobretudo para mim... Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses. É que, em realidade, as horas não podem mais ter ação sobre aqueles que viveram um instante que focou toda a sua vida. Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer. Vibradas as sensações máximas, ⁴nada já nos fará oscilar. Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem. As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados* que, muitas vezes, acabam no suicídio.

(Mário de Sá-Carneiro. *A confissão de Lúcio*, 2011.)

cherchez la femme: Procurem a mulher.

Quando se quer chamar atenção para o Objeto Direto que precede o verbo, costuma-se repeti-lo. É o que se chama Objeto Direto Pleonástico, em cuja constituição entra sempre um pronome pessoal átono.

(Celso Cunha e Lindley Cintra. *Nova gramática do português contemporâneo*, 2000.)

Verifica-se a ocorrência de objeto direto pleonástico em:

- “As que o viveram ou são, como eu, os *mortos-vivos*, ou – apenas – os *desencantados*”
- “Esses dez anos esvoaram-se-me como dez meses.”
- “Por tudo isso, independentemente do belo discurso de defesa, o júri concedeu-me circunstâncias atenuantes.”
- “Simplesmente, este momento culminante raras são as criaturas que o vivem.”
- “Atingido o sofrimento máximo, nada já nos faz sofrer.”

36. Uece 2015

A Internet e a neutralidade da rede

A Internet vista, unanimemente, como o território livre, a tecnologia libertadora que, em muitos países, permitiu o florescimento da cidadania, a ampliação das oportunidades de educação, o ambiente para novas empresas e novos empreendedores, para o trabalho colaborativo em rede.

Graças a seu ambiente libertário, internacionalmente ajudou a derrubar ditaduras e monopólios de mídia, o controle da informação, tanto por governos como por cartéis.

¹No entanto, não se considere um modelo consolidado. Em outros momentos da história surgiram novas tecnologias, promovendo rupturas, abrindo espaço para a democratização e, no momento seguinte, quedaram dominadas por novos cartéis e monopólios que se formaram.

²Foi assim com o início da telefonia. Enquanto a Bell Co se consolidava, como grande companhia nacional, surgiram inúmeras experiências locais, como a Mesa Telephone, para localidades rurais norte-americanas, de tecnologia rudimentar porém útil para ligar comunidades agrícolas.

³Nasceram centenas de outras companhias por todo o país. Esse mesmo modelo disseminou-se pelo Brasil dos anos 40 em diante, com companhias municipais levando o telefone a cidades menores, em um surto de pioneirismo extraordinário.

Nos Estados Unidos, o movimento dos “independentes” permitiu às comunidades rurais estreitar laços, criar amizades, sistemas de informação, da mesma maneira que as redes sociais de agora. Através do telefone desenvolveram noticiários sobre o clima, sobre a região, relatórios de mercado etc.

Os “independentes” chegaram a ter 3 milhões de aparelhos, contra 2,5 milhões da Bell.

Com a ajuda do J.P.Morgan, o mais influente banco da época, a Bell reestruturou-se em torno da AT&T.

Em vez de declarar guerra aos “independentes”, a nova direção propôs um trabalho conjunto, facilitando para eles as ligações de longa distância, desde que trocassem seus sistemas rústicos pelos padrões Bell. Quem não aderisse, não teria ligações de longa distância.

Como resultado, a AT&T matou a concorrência dos “independentes” e construiu o mais longo e poderoso monopólio da história, só desmembrado na década de 1980.

O mesmo processo de concentração se repetiu no rádio.

No início, o rádio tornou-se uma ferramenta tão democrática e disseminada quanto a Internet. Não havia controle e qualquer pessoa, adquirindo um kit de rádio, montava sua estação sem fio.

Em 1921 havia 525 estatais transmissoras nos Estados Unidos. Até o final de 1924, mais de 2 milhões de aparelhos de rádio. Segundo Tim Wu, autor do importante “Impérios da Comunicação”, antes da Internet os rádios foram a maior mídia aberta do século.

⁴Repetiu-se o mesmo processo do telefone. À medida que aumentava o público e criava escala, o mercado libertário era enquadrado pelo poder público e a ocupação do espaço entregue a grupos particulares.

Hoje em dia, as concessões de rádio se tornaram ativos de empresas privadas, as rádios comunitárias são criminalizadas e o exercício pessoal se restringe aos rádios amadores.

Esse é o desafio atual da Internet. Se não for garantida a neutralidade da rede – isto é, o direito de qualquer site ou pessoa de ter acesso à rede, sem privilégios – em breve o grande sonho libertário da Internet terá o mesmo destino do telefone e do rádio.

Luís Nassif. Coluna Econômica. 07/09/2013.

Um dos enunciados dispostos a seguir é redundante. O articulista usa excesso de palavra, insistindo em uma ideia. Reconheça e assinale esse enunciado.

- a) “No entanto, não se considere um modelo consolidado.” (ref. 1)
- b) “Repetiu-se o mesmo processo do telefone.” (ref. 4)
- c) “Foi assim com o início da telefonia.” (ref. 2)
- d) “Nasceram centenas de outras companhias por todo o país.” (ref. 3)

37. Unesp 2020 Para responder à questão, leia o trecho de uma fala do personagem Quincas Borba, extraída do romance *Quincas Borba*, de Machado de Assis, publicado originalmente em 1891.

— [...] O encontro de duas expansões, ou a expansão de duas formas, pode determinar a supressão de uma delas; mas, rigorosamente, não há morte, há vida, porque a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra, e a destruição não atinge o princípio universal e comum. Daí o caráter conservador e benéfico da guerra. Supõe tu um campo de batatas e duas tribos famintas. As batatas apenas chegam para alimentar uma das tribos, que assim adquire forças para transpor a montanha e ir à outra vertente, onde há batatas em abundância; mas, se as duas tribos dividirem em paz as batatas do campo, não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição. A paz, nesse caso, é a destruição; a guerra é a conservação. Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos. Daí a alegria da vitória, os hinos, aclamações, recompensas públicas e todos os demais efeitos das ações bélicas. Se a guerra não fosse isso, tais demonstrações não chegariam a dar-se, pelo motivo real de que o homem só comemora e ama o que lhe é aprazível ou vantajoso, e pelo motivo racional de que nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói. Ao vencido, ódio ou compaixão; ao vencedor, as batatas. [...] Aparentemente, há nada mais contristador que uma dessas terríveis pestes que devastam um ponto do globo? E, todavia, esse suposto mal é um benefício, não só porque elimina os organismos fracos, incapazes de resistência, como porque dá lugar à observação, à descoberta da droga curativa. A higiene é filha de podridões seculares; devemos-la a milhões de corrompidos e infectos. Nada se perde, tudo é ganho.

(Quincas Borba, 2016.)

Está empregado em sentido figurado o termo sublinhado em:

- a) “nenhuma pessoa canoniza uma ação que virtualmente a destrói”.
- b) “a supressão de uma é condição da sobrevivência da outra”.
- c) “Uma das tribos extermina a outra e recolhe os despojos”.
- d) “Daí o caráter conservador e benéfico da guerra”.
- e) “não chegam a nutrir-se suficientemente e morrem de inanição”.

38. Uefs-BA 2018 Leia o soneto “LXXII”, de Cláudio Manuel da Costa (1729-1789), para responder à questão.

Já rompe, Nise, a matutina Aurora
O negro manto, com que a noite escura,
Sufocando do Sol a face pura,
Tinha escondido a chama brilhadora.

Que alegre, que suave, que sonora
Aquela fontezinha aqui murmura!
E nestes campos cheios de verdura
Que avultado o prazer tanto melhora!

Só minha alma em fatal melancolia,
Por te não poder ver, Nise adorada,
Não sabe inda que coisa é alegria;

E a suavidade do prazer trocada
Tanto mais aborrece a luz do dia,
Quanto a sombra da noite mais lhe agrada.

(Cláudio Manuel da Costa. *Obras*, 2002.)

Assinale a alternativa em que o trecho “Já rompe, Nise, a matutina Aurora / O negro manto” (1ª estrofe) está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original.

- a) Nise já rompe a matutina Aurora o negro manto.
- b) Nise, o negro manto já rompe a matutina Aurora.
- c) A Aurora matutina já rompe o manto negro de Nise.
- d) Nise já rompe o negro manto da matutina Aurora.
- e) Nise, a Aurora matutina já rompe o manto negro.

39. EsPCEEx-SP 2017 Marque a alternativa em que os termos do período foram escritos na ordem direta.

- a) Em canoa furada eu não embarco.
- b) Sempre lutamos com os mesmos objetivos na educação.
- c) Todos os anos, a cena repetia-se na escola.
- d) “Não tem azul nem estrelas a noite que enlutam os ventos”.
- e) Um grande incêndio reduziu a floresta a cinzas mês passado.

40. Unifesp 2017 Leia o soneto “A uma dama dormindo junto a uma fonte”, do poeta barroco Gregório de Matos (1636-1696), para responder à questão a seguir:

À margem de uma fonte, que corria,
Lira doce dos pássaros cantores
A bela ocasião das minhas dores
Dormindo estava ao despertar do dia.

Mas como dorme Sílvia, não vestia
O céu seus horizontes de mil cores;
Dominava o silêncio entre as flores,
Calava o mar, e rio não se ouvia.

Não dão o parabém à nova Aurora
Flores canoras, pássaros fragrantés,
Nem seu âmbar respira a rica Flora.

Porém abrindo Sílvia os dois diamantes,
Tudo a Sílvia festeja, tudo adora
Aves cheirosas, flores ressonantes.

Poemas escolhidos, 2010.

Assinale a alternativa em que o trecho do soneto está reescrito em ordem direta, sem alteração do seu sentido original.

- a) “Não dão o parabém à nova Aurora / Flores canoras, pássaros fragrantés” → A nova Aurora não dá o parabém às flores canoras e aos pássaros fragrantés.
- b) “Calava o mar, e rio não se ouvia” → O mar se calava e não ouvia o rio.
- c) “não vestia / O céu seus horizontes de mil cores” → O céu não vestia seus horizontes de mil cores.
- d) “Tudo a Sílvia festeja, tudo adora” → A Sílvia festeja tudo, adora tudo.
- e) “A bela ocasião das minhas dores / Dormindo estava ao despertar do dia” → Ao despertar do dia, estava dormindo a bela ocasião de minhas dores.

41. Unifesp 2016 Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes”, de Antônio Vieira (1608-1697), para responder à questão.

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer.

[...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

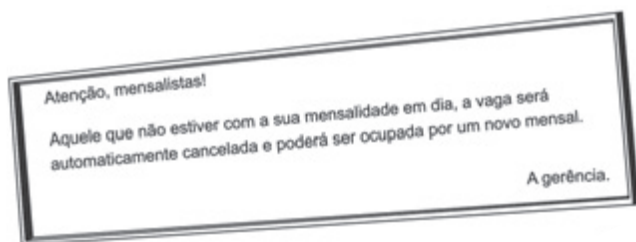
(Antônio Vieira. *Essencial*, 2011.)

“Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe” (2º parágrafo)

Reescrito em ordem direta, tal trecho assume a seguinte forma:

- a) Deus diz que os homens, senão declaradamente a sua plebe, comem não só o seu povo.
- b) Diz Deus que os homens comem não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe.
- c) Deus diz que os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente.
- d) Os homens comem não só o seu povo, senão a sua plebe declaradamente, diz Deus.
- e) Os homens comem não só o seu povo, diz Deus, senão declaradamente a sua plebe.

42. **USF-SP 2016 (Adapt.)** Veja a placa a seguir, encontrada em um estacionamento privado.



- Explique o conceito de anacoluto empregando o período do comunicado.
- A seguir, proponha uma correção para o texto, eliminando o vício sintático.

43. **Unesp 2021** Leia a crônica de Machado de Assis, publicada em 19.05.1888.

Eu pertenço a uma família de profetas *après coup*, *post facto*, depois do gato morto, ou como melhor nome tenha em holandês. Por isso digo, e juro se necessário for, que toda a história desta lei de 13 de maio estava por mim prevista, tanto que na segunda-feira, antes mesmo dos debates, tratei de alforriar um molecote que tinha, pessoa dos seus dezoito anos, mais ou menos. Alforriá-lo era nada; entendi que, perdido por mil, perdido por mil e quinhentos, e dei um jantar.

Neste jantar, a que os meus amigos deram o nome de banquete, em falta de outro melhor, reuni umas cinco pessoas, conquanto as notícias dissessem trinta e três (anos de Cristo), no intuito de lhe dar um aspecto simbólico.

No golpe do meio (*coup du milieu*, mas eu prefiro falar a minha língua), levantei-me eu com a taça de champagne e declarei que, acompanhando as ideias pregadas por Cristo, há dezoito séculos, restituía a liberdade ao meu escravo Pancrácio; que entendia que a nação inteira devia acompanhar as mesmas ideias e imitar o meu exemplo; finalmente, que a liberdade era um dom de Deus, que os homens não podiam roubar sem pecado.

Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés. Um dos meus amigos (creio que é ainda meu sobrinho) pegou de outra taça, e pediu à ilustre assembleia que correspondesse ao ato que eu acabava de publicar, brindando ao primeiro dos cariocas. Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote. Todos os lenços comovidos apanharam as lágrimas de admiração. Caí na cadeira e não vi mais nada. De noite, recebi muitos cartões. Creio que estão pintando o meu retrato, e suponho que a óleo.

No dia seguinte, chamei Pancrácio e disse-lhe com rara franqueza:

— Tu és livre, podes ir para onde quiseres. Aqui tens casa amiga, já conhecida e tens mais um ordenado, um ordenado que...

— Oh! meu senhô! fico.

— ... Um ordenado pequeno, mas que há de crescer. Tudo cresce neste mundo; tu cresceste imensamente. Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu. Deixa ver; olha, és mais alto quatro dedos...

— Artura não qué dizê nada, não, senhô...

— Pequeno ordenado, repito, uns seis mil-réis; mas é de grão em grão que a galinha enche o seu papo. Tu vales muito mais que uma galinha.

— Eu vaio um galo, sim, senhô.

— Justamente. Pois seis mil-réis. No fim de um ano, se andares bem, conta com oito. Oito ou sete.

Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade. Mas eu expliquei-lhe que o peteleco, sendo um impulso natural, não podia anular o direito civil adquirido por um título que lhe dei. Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.

Tudo compreendeu o meu bom Pancrácio; daí para cá, tenho-lhe despedido alguns pontapés, um ou outro puxão de orelhas, e chamo-lhe besta quando lhe não chamo filho do diabo; coisas todas que ele recebe humildemente, e (Deus me perdoe!) creio que até alegre.

O meu plano está feito; quero ser deputado, e, na circular que mandarei aos meus eleitores, direi que, antes, muito antes de abolição legal, já eu, em casa, na modéstia da família, libertava um escravo, ato que comoveu a toda a gente que dele teve notícia; que esse escravo tendo aprendido a ler, escrever e contar (simples suposição) é então professor de Filosofia no Rio das Cobras; que os homens puros, grandes e verdadeiramente políticos, não são os que obedecem à lei, mas os que se antecipam a ela, dizendo ao escravo: *és livre*, antes que o digam os poderes públicos, sempre retardatários, trôpegos e incapazes de restaurar a justiça na terra, para satisfação do céu.

(Machado de Assis. *Crônicas escolhidas*, 2013.)

après coup: a posteriori.

post facto: após o fato.

coup du milieu: bebida, às vezes acompanhada de brindes, que se tomava no meio de um banquete.

Para evitar a repetição de um verbo já mencionado, o narrador recorre à elipse de um verbo na frase

- “Pancrácio, que estava à espreita, entrou na sala, como um furacão, e veio a abraçar-me os pés.” (4º parágrafo)
- “Ouvi cabisbaixo; fiz outro discurso agradecendo, e entreguei a carta ao molecote.” (4º parágrafo)
- “Quando nasceste, eras um pirralho deste tamanho; hoje estás mais alto que eu.” (8º parágrafo)
- “Pancrácio aceitou tudo; aceitou até um peteleco que lhe dei no dia seguinte, por me não escovar bem as botas; efeitos da liberdade.” (13º parágrafo)
- “Ele continuava livre, eu de mau humor; eram dois estados naturais, quase divinos.” (13º parágrafo)

44. **EsPCEX-SP 2015** Assinale a alternativa que apresenta a figura de linguagem anacoluto.

- Eu não me importa a desonra do mundo.
- Passarinho, desisti de ter.
- O que não tenho e desejo é que melhor me enriquece.
- De todas, porém, a que me cativou logo foi uma... uma... não sei se digo.
- E espero tenha sido a última.

45. Unifesp Leia os textos.

- I. Mas esse astro que fulgente
Das águias brilhara à frente,
Do Capitólio baixou.
(Soares de Passos)
- II. Meu saco de ilusões, bem cheio tive-o.
(Mário Quintana)
- III. No berço, pendente dos ramos floridos,
Em que eu pequenino feliz dormitava:
Quem é que esse berço com todo o cuidado
Cantando cantigas alegre embalava?
(Casimiro de Abreu)

Segundo Celso Cunha & Lindley Cintra, o anacoluto é “a mudança de construção sintática no meio do enunciado, geralmente depois de uma pausa sensível”, o que faz uma expressão ficar desligada e solta no período. Com base nesses dados, o nome do menino faz uma alusão a uma figura de sintaxe que está exemplificada apenas em

- a) I.
b) II.
c) III.
d) I e II.
e) I e III.

46. FGV-SP 2016 Examine a seguinte mensagem publicitária de uma empresa do ramo de construção civil:



- a) Tanto a frase quanto a imagem que compõem essa propaganda estão divididas, visualmente, em duas partes. Explique resumidamente a relação de sentido que existe entre imagem e frase, em cada uma das duas partes.
- b) Identifique algum recurso expressivo, sintático ou semântico, presente na frase do anúncio.

47. Esc. Naval-RJ 2017

O dono do livro

Li outro dia um fato real narrado pelo escritor moçambicano Mia Couto. Ele disse que certa vez chegou em casa no fim do dia, já havia anoitecido, quando um garoto humilde de 16 anos o esperava sentado no muro. O garoto estava com um dos braços para trás, o que perturbou o escritor, que imaginou que pudesse ser assaltado.

Mas logo o menino mostrou o que tinha em mãos: um livro do próprio Mia Couto. Esse livro é seu? perguntou o menino. Sim, respondeu o escritor. Vim devolver. O garoto explicou que horas antes estava na rua quando viu uma moça com aquele livro nas mãos, cuja capa trazia a foto do autor.

O garoto reconheceu Mia Couto pelas fotos que já havia visto em jornais. Então perguntou para a moça: Esse livro é do Mia Couto? Ela respondeu: É. E o garoto mais que ligeiro tirou o livro das mãos dela e correu para a casa do escritor para fazer a boa ação de devolver a obra ao verdadeiro dono.

Uma história assim pode acontecer em qualquer país habitado por pessoas que ainda não estejam familiarizadas com os livros – aqui no Brasil, inclusive. De quem é o livro? A resposta não é a mesma de quando se pergunta: “Quem escreveu o livro?”.

O autor é quem escreve, mas o livro é quem lê, e isso de uma forma muito mais abrangente do que o conceito de propriedade privada – comprei, é meu. O livro é de quem lê mesmo quando foi retirado de uma biblioteca, mesmo que seja emprestado, mesmo que tenha sido encontrado num banco de praça.

O livro é de quem tem acesso às suas páginas e através delas consegue imaginar os personagens, os cenários, a voz e o jeito com que se movimentam. São do leitor as sensações provocadas, a tristeza, a euforia, o medo, o espanto, tudo que é transmitido pelo autor, mas que reflete em quem lê de uma forma muito pessoal. É do leitor o prazer. É do leitor a identificação. É do leitor o aprendizado. É o leitor o livro.

Dias atrás gravei um comercial de rádio em prol do Instituto Estadual do Livro em que falo aos leitores exatamente isso: os meus livros são os seus livros. E são, de fato. Não existe livro sem leitor. Não existe. É um objeto fantasma que não serve para nada.

Aquele garoto de Moçambique não vê assim. Para ele, o livro é de quem traz o nome estampado na capa, como se isso sinalizasse o direito de posse. Não tem ideia de como se dá o processo todo, possivelmente nunca entrou numa livraria, nem sabe o que é tiragem.

Mas, em seu desengano, teve a gentileza de tentar colocar as coisas em seu devido lugar, mesmo que para isso tenha roubado o livro de uma garota sem perceber.

Ela era a dona do livro. E deve ter ficado estupefata. Um fã do Mia Couto afanou seu exemplar. Não levou o celular, a carteira, só quis o livro. Um danado de uma amante da literatura, deve ter pensado ela. Assim são as histórias escritas também pela vida, interpretadas a seu modo por cada dono.

Martha Medeiros. Jornal ZERO HORA – 06/11/11.
Revista O Globo, 25 de novembro de 2012.

No trecho “É do leitor o prazer.” (6º parágrafo), a autora usa uma figura de linguagem. Assinale a opção que a identifica corretamente essa figura.

- a) Metáfora.
- b) Elipse.
- c) Metonímia.
- d) Hipérbato.
- e) Anacoluto.

48. EPCar-MG 2020 Em 1934, um redator de Nova York chamado Robert Pirosh largou o emprego bem remunerado numa agência de publicidade e rumou para Hollywood, decidido a trabalhar como roteirista. Lá chegando, anotou o nome e o endereço de todos os diretores, produtores e executivos que conseguiu encontrar e enviou-lhes o que certamente é o pedido de emprego mais eficaz que alguém já escreveu, pois resultou em três entrevistas, uma das quais lhe rendeu o cargo de roteirista assistente na MGM.

Prezado senhor:

Gosto de palavras. ¹Gosto de palavras gordas, untuosas, como lodo, torpitude, glutinoso, bajulador. Gosto de palavras solenes, como pudico, ranzinza, pecunioso, valetudinário. ²Gosto de palavras espúrias, enganosas, como mortiço, liquidar, tonsura, mundana. Gosto de suaves palavras com “V”, como Svengali, avesso, bravura, verve. Gosto de palavras crocantes, quebradiças, crepitanes, como estilha, croque, esbarrão, crosta. ³Gosto de palavras emburradas, carrancudas, amuadas, como furtivo, macambúzio, escabioso, sovina. ⁴Gosto de palavras chocantes, exclamativas, enfáticas, como astuto, estafante, requintado, horrendo. Gosto de palavras elegantes, rebuscadas, como estival, peregrinação, Elísio, Alcíone. Gosto de palavras vermiformes, contorcidas, farinhentas, como rastejar, choramingar, guinchar, gotejar. Gosto de palavras escorregadias, risonhas, como topete, borbulhão, arrote.

Gosto mais da palavra roteirista que da palavra redator, e por isso resolvi largar meu emprego numa agência de publicidade de Nova York e tentar a sorte em Hollywood, mas, antes de dar o grande salto, fui para a Europa, onde passei um ano estudando, contemplando e perambulando. Acabei de voltar e ainda gosto de palavras.

Posso trocar algumas com o senhor?

Robert Pirosh
Madison Avenue, 385
Quarto 610
Nova York
Eldorado 5-6024.

(USHER, Shaun (Org). *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.p. 48.)

Considerando o texto, em que o autor agrupa as palavras para poder classificá-las, assinale a alternativa verdadeira:

- a) “choramingar” significa chorar aos berros, para chamar a atenção dos outros. Equivale à expressão “Quem não chora não mama”.
- b) Em “Gosto de suaves palavras com ‘V’, como Svengali, avesso, bravura”, nota-se a presença do efeito da aliteração, também usado em poesia.

- c) Em “Palavras escorregadias”, está presente a linguagem denotativa, que equivale, por exemplo, a “Os ombros suportam o mundo”.
- d) Em “onde passei um ano estudando”, o termo “onde” indica a posse de um lugar imaginário, a que o autor nunca foi.

49. Uerj 2018

O homem velho

O homem velho deixa a vida e morte para trás
Cabeça a prumo, segue rumo e nunca, nunca mais
O grande espelho que é o mundo ousaria refletir os seus sinais
O homem velho é o rei dos animais
A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol
As linhas do destino nas mãos a mão apagou
Ele já tem a alma saturada de poesia, soul e rock’n’roll
As coisas migram e ele serve de farol

A carne, a arte arde, a tarde cai
No abismo das esquinas
A brisa leve traz o olor fugaz
Do sexo das meninas
Luz fria, seus cabelos têm tristeza de néon
Belezas, dores e alegrias passam sem um som
Eu vejo o homem velho rindo numa curva do caminho de Hebron
E ao seu olhar tudo que é cor muda de tom

Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval
Espalham-no além da ilusão do seu ser pessoal
Mas ele dói e brilha único, indivíduo, maravilha sem igual
Já tem coragem de saber que é imortal

CAETANO VELOSO. caetanoveloso.com.br

A solidão agora é sólida, uma pedra ao sol (v. 5)
Os filhos, filmes, ditos, livros como um vendaval (v. 18)

Os recursos expressivos presentes em cada um dos versos acima são, respectivamente:

- a) aliteração – assíndeto
- b) polissíndeto – antítese
- c) hipérbole – eufemismo
- d) personificação – metonímia

50. EBMSP-BA 2017

A onda
a onda anda
aonde anda
a onda?
a onda ainda
ainda onda
ainda anda
aonde?
aonde?
a onda a onda

BANDEIRA, Manoel. *A onda. A Estrela da Tarde*, 1960. Disponível em: <https://pensador.uol.com.br>. Acesso em: 16 ago. 2016.

Objetivando imitar o movimento da onda, por meio de uma fluidez sonora, Manoel Bandeira utiliza-se de um recurso estilístico denominado

- a) pleonasma poético, enfatizando, a partir da redundância, a potência do fluxo fluvial ou marinho que se move no ambiente aquático.
- b) assonância, valendo-se da repetição da mesma vogal tônica com a intenção de provocar um efeito de estilo associado à força das ondas.
- c) eco, por meio da seleção de termos com terminação idêntica, para sugerir um percurso impreciso do volume de água que segue seu destino.
- d) onomatopeia, mediante o uso de vocábulos, procurando imitar o rumor produzido pelo deslocamento da massa líquida de inestimável valor para a continuidade da vida na Terra.
- e) paronomásia, na medida em que, buscando sugerir o movimento recorrente da vaga, traz um jogo de palavras que se assemelham na pronúncia, mas são diferentes do ponto de vista semântico, em função de um efeito poético.

51. FGV-SP 2016 (Adapt.)

Último trem da Cantareira

Estrada de ferro que ligava o centro da cidade à zona norte foi desativada em 1964

O saudoso “trenzinho da Cantareira”, como era carinhosamente chamado pelos paulistanos, fez sua última viagem há 50 anos, conforme noticiou, na época, o jornal *O Estado*.

Cantareira já não tem trem

O último trem da Cantareira saiu ontem à noite da Estação do Areal, em consequência da extinção do ramal por ato do governador do Estado. A supressão da linha foi determinada pelas obras de construção da ponte “Cruzeiro do Sul” – sobre o rio Tietê, e pela situação deficitária da Estrada. Depois da retirada dos trilhos, o leito do ramal deverá ser pavimentado e transformado em avenida.

O Estado de S. Paulo, 11/11/1964.

Eternizada pelo samba Trem das Onze, de Adoniran Barbosa (embora não havia trem nesse horário), a estrada de ferro conhecida como Tramway foi inaugurada em 1893 com a presença de autoridades e convidados ilustres.

O Estado de S. Paulo, 14/07/2014. Adaptado.

No texto de 1964, ocorre um trocadilho e, no de 2014, um erro gramatical.

Reescreva a frase que contém o trocadilho, de tal forma que ele seja eliminado, fazendo as modificações necessárias.

52. UFU-MG 2016 O texto a seguir é referência para a próxima questão.

Dionisios Dendrites

Seu olhar verde penetra a Noite entre tochas acesas
 Ramos nascem de seu peito
 Pés percutem a pedra enegrecida
 Cantos ecoam tambores gritos mantos desatados.
 Acorre o vento ao círculo demente
 O vinho espuma nas taças incendiadas.
 Acena o deus ao bando: Mar de alvos braços

Seios rompendo as túnicas gargantas dilatadas
 E o vaticínio do tumulto à Noite –
 Chegada do inverno aos lares
 Fim de guerra em campos estrangeiros.

As bocas mordem colos e flancos desnudados:
 À sombra mergulham faces convulsivas
 Corpos se avizinham à vida fria dos valados
 Trêmulas tíades presas ao peito de Dionisios trácio.
 Sussurra a Noite e os risos de ébrios dançarinos
 Mergulham no vórtice da festa consagrada.

E quando o Sol o ingênuo olhar acende
 Um secreto murmúrio ata num só feixe
 O louro trigo nascido das encostas.

SILVA, Dora Ferreira da. *Hídrias*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 42-43.

Considerando a leitura do poema e o uso dos recursos expressivos, em *Dionisios Dendrites*,

- a) a aliteração no verso “Pés percutem a pedra enegrecida” indica um som reproduzido como o dos tambores do verso subsequente.
- b) a gradação em ‘bocas’, ‘faces’ e ‘corpos’, nos três primeiros versos da 3ª estrofe, aponta para a opulência do ritual.
- c) a metonímia em “seu olhar verde penetra a Noite entre tochas acesas” revela o embate estabelecido entre a vida e a morte.
- d) a metáfora em ‘taças incendiadas’, no verso “o vinho espuma nas taças incendiadas”, denota o sentimento de enfado dos presentes em relação ao ritual.

53. Unifesp 2013

Apóstrofe à carne

Quando eu pego nas carnes do meu rosto,
 Pressinto o fim da orgânica batalha:
 – Olhos que o húmus necrófago estraçalha,
 Diafragmas, decompondo-se, ao sol-posto.

E o Homem – negro e heteróclito composto,
 Onde a alva flama psíquica trabalha,
 Desagrega-se e deixa na mortalha
 O tacto, a vista, o ouvido, o olfato e o gosto!

Carne, feixe de mônadas bastardas,
 Conquanto em flâmeo fogo efêmero ardas,
 A dardejar relampejantes brilhos,

Dói-me ver, muito embora a alma te acenda,
 Em tua podridão a herança horrenda,
 Que eu tenho de deixar para os meus filhos!

(Augusto dos Anjos. *Obra completa*, 1994.)

No plano formal, o poema é marcado por

- a) versos brancos, linguagem obscena, rupturas sintáticas.
- b) vocabulário seletivo, rimas raras, aliterações.
- c) vocabulário antilírico, redondilhas, assonâncias.
- d) assonâncias, versos decassílabos, versos sem rimas.
- e) versos livres, rimas intercaladas, inversões sintáticas.

54. Fuvest-SP Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... – ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afa, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

João Guimarães Rosa. “O burrinho pedrês”, *Sagarana*.

Como exemplos da expressividade sonora presente nesse excerto, podemos citar a onomatopeia, em “Chu-áa! Chu-áa...”, e a fusão de onomatopeia com aliteração, em:

- a) “vestindo água”. d) “filho do fundo”.
- b) “ruge o rio”. e) “fora de hora”.
- c) “poço doido”.

55. Fuvest-SP

[...]

Num tempo

Página infeliz da nossa história

Passagem desbotada na memória

Das nossas novas gerações

Dormia

A nossa pátria mãe tão distraída

Sem perceber que era subtraída

Em tenebrosas transações

[...].

“Vai passar”, Chico Buarque e Francis Hime.

É correto afirmar que o verbo “dormia” tem uma conotação positiva, tendo em vista o contexto em que ele ocorre? Justifique sua resposta.

56. Fuvest-SP 2022 Existe o Rio de Janeiro, o Rio de Janeiro e o Rio de Janeiro. O primeiro Rio é aquele que ainda anseia por lpanemas perdidas, de um tempo em que os amores eram re catados e silenciosos, a povo sorridente e polido, a água do mar cristalina e tépida e a música suave e gingada. O segundo Rio é a terra de ninguém, trombeteada nos noticiários de TV, em que cada esquina é um Vietnã ou lorque e não há lugar se guro para correr. Uma cidade de favelas que cercam os redutos de cidadania, favelas dominadas por traficantes e demais bandidos que cada vez mais transbordam para o asfalto a sua violência. Mas há ainda um terceiro Rio de Janeiro. Aquele de quem anda de ônibus, compra nas bancas os jornais populares, zanza pelo camelódromo, permite-se um churrasquinho de gato com cerveja na esquina e sabe que existem muitos matizes entre a preto e a branco, a favela e o asfalto, a lei e o crime. Cidade de pessoas que, seja qual for a cor e a classe social, andam pra lá e pra cá com celulares, rádios minúsculos, CDs piratas ou não e DVDs idem. E uma cidade que pode ir do samba de roda ao techno music, da umbanda ao padre pop, do grito para a casa da vizinha à internet num microinstante. E a Rio de Janeiro que, musicalmente, não cabe mais no com passo da bossa nova – por mais que alguns tenham tentado aditivar eletronicamente o seu balanço – e nem no chamado sambo de raiz, cultuado por setores jovens da classe média, mas definitivamente trocado pela grande massa pelo flexível pagode romântico, que assume sem preconceitos as formas úteis de toda a música popular, seja ela o rock, o sertanejo, o pop negro americano.

Silvio Essinger. Batidão. *Uma história do Funk*. Rio de Janeiro: Record, 2005. Adaptado.

- a) Aponte a figura de linguagem utilizada para descrever o “segundo Rio” e explique como o seu uso contribui para a caracterização em curso no texto.
- b) Com base no texto, explique em que consiste o “terceiro Rio de Janeiro”.

Texto complementar

Dia Mundial da Língua Portuguesa celebra diversidade e cultura

Da América, falam brasileiros. Da África, angolanos, cabo-verdianos, moçambicanos e as populações da Guiné-Bissau, da Guiné-Equatorial e de São Tomé e Príncipe. Da Ásia, falam os habitantes do Timor-Leste. E do continente europeu, os portugueses, responsáveis pela colonização de todos esses países, processo que, para além da instituição do Português como língua oficial nesses territórios, acabou forçando o cruzamento da cultura dos povos originários com os colonizadores europeus.

As palavras do cantor e compositor Chico Buarque, de 1973 [na canção *Fado Tropical*], em alusão à colonização portuguesa no Brasil, refletem sobre a constituição de um idioma falado por mais de 265 milhões de pessoas ao redor do mundo, instituído como língua pátria em nove países distribuídos por quatro continentes do planeta.

No Dia Mundial da Língua Portuguesa [5 de maio], é preciso celebrar a língua e as culturas lusófonas. A data, oficialmente estabelecida em 2009 pela Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), organização intergovernamental e parceira oficial da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), foi criada para promover o multilinguismo e a diversidade cultural, para sensibilizar a comunidade internacional para a história, a cultura e a utilização da língua, em toda a sua extensão geográfica.

Segundo a professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) Denise Weiss, o Português foi se formando a partir de uma mistura de povos em uma pequena parte da península ibérica, na região norte do que hoje é Portugal. “Há mil anos ele já era reconhecido como uma língua diferente das demais da região. Língua imperial e de viajantes, chegou a muitas partes do mundo em navios de

comércio e de colonização. Hoje é uma língua pluricêntrica”. Além dos países que possuem o Português como língua pátria, ele está presente por todo mundo pelas comunidades que migram. “Em cada lugar, é fator de distinção de grupos, língua dos afetos ou dos negócios”, conclui ela exaltando a diversidade cultural celebrada pela data.

Para o docente da Faculdade de Educação (Faced) Alexandre Cadilhe, é fundamental enxergar as línguas como produções coletivas, atravessadas pela história, cultura, geografia, tempo e espaço e que, independentemente de suas origens, são objetos mutáveis. “A Língua Portuguesa, assim como qualquer outra, não se constitui como algo puro. Ela é resultado do latino, do europeu, da contribuição de povos indígenas e africanos. É isso que a torna um conjunto híbrido. O mais importante, portanto, é celebrar a diversidade desses recursos que temos disponíveis sob esse rótulo do que estamos chamando de Língua Portuguesa”, exalta Cadilhe. [...]

DIA MUNDIAL da Língua Portuguesa celebra diversidade e cultura. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/noticias/2022/05/05/dia-mundial-da-lingua-portuguesa-celebra-diversidade-e-cultura/>. Acesso em: 24 jun. 2022

Resumindo

Vimos neste capítulo o conceito de linguagem figurada (conotativa) e literal (denotativa), além das três categorias em que podemos enquadrar as figuras de linguagem: semânticas, que alteram o sentido do enunciado dentro do contexto; sintáticas, que alteram a estrutura do enunciado; e sonoras, que modificam a camada de som e ritmo da mensagem.

Considerando isso, dividimos as figuras de linguagem a partir das relações criadas por elas.

Figuras semânticas

Relações de comparação

- **Metáfora:** figura em que um termo figurado atribui uma característica a outro literal.
- **Alegoria:** conjunto de metáforas agrupadas em um texto.
- **Catacrese:** metáfora de sentido consensualmente conhecido.
- **Metonímia:** figura em que um termo figurado é usado no lugar de outro literal.
- **Antonímia:** figura pela qual um título é atribuído a algo ou alguém.
- **Perífrase:** figura pela qual uma expressão ou um título é atribuído a algo.
- **Personificação:** figura pela qual características humanas são atribuídas a algo não humano.

Relações de oposição

- **Antítese:** aproximação de palavras ou ideias opostas que apresenta coerência com o mundo natural.
- **Paradoxo:** aproximação de palavras ou ideias opostas que apresenta um desafio lógico com as regras do mundo natural.
- **Oxímoro:** tipo de paradoxo; ocorre quando as palavras ou ideias opostas estão aproximadas em uma mesma expressão.
- **Ironia/Sarcasmo:** figura em que uma mensagem é enunciada para transmitir o oposto daquilo que diz.
- **Preterição:** figura pela qual o enunciador diz não falar sobre algo quando, na realidade, já está falando sobre isso.

Relações de intensidade

- **Hipérbole:** corresponde a um exagero proposital atribuído a uma ideia.
- **Eufemismo:** corresponde à tentativa de suavização de uma palavra ou ideia negativa.
- **Gradação:** figura na qual há uma enumeração de sentido crescente ou decrescente.

Relações de realce

- **Sinestesia:** corresponde à fusão de dois ou mais campos sensoriais na mesma expressão.
- **Apóstrofe:** figura pela qual um vocativo é criado com sentido figurado.

Figuras sintáticas

Relações de apagamento

- **Elipse:** corresponde ao apagamento de uma palavra ou expressão recuperável em contexto.
- **Zeugma:** tipo de elipse; ocorre quando o termo apagado já havia sido enunciado.
- **Assíndeto:** apagamento de um termo conectivo entre ideias ou orações.

Relações de repetição

- **Polissíndeto:** repetição de um mesmo termo conectivo entre ideias ou orações.
- **Anáfora:** figura que consiste na repetição da mesma palavra ou expressão no início de uma sentença.
- **Epístrofe:** figura que consiste na repetição da mesma palavra ou expressão no final de uma sentença.
- **Pleonasmo:** figura na qual uma ideia implícita em uma palavra é explicitada e repetida no enunciado.

Relações de ruptura

- **Silepse:** corresponde a uma concordância em desacordo com a norma-padrão, mas que apresenta sentido lógico que a justifique.
- **Anacoluto:** comum na língua falada, ocorre quando a aglutinação de ideias diferentes faz com que um termo não desempenhe função sintática no período.

Relações de inversão

- **Quiasmo:** ocorre quando duas ou mais palavras de um enunciado são repetidas na sentença na ordem contrária em que haviam sido escritas.
- **Hipérbato:** corresponde a uma mudança na ordem direta dos termos da oração.

Figuras sonoras

Relações de repetição

- **Assonância:** figura que consiste na repetição de sons vocálicos semelhantes.
- **Aliteração:** figura que consiste na repetição de sons consonantais semelhantes.

Relações de semelhança

- **Onomatopeia:** corresponde à representação escrita de um som.
- **Paronomásia:** ocorre pela aproximação de palavras distintas, mas sonoramente semelhantes.
- **Cacofonia:** figura na qual a aglutinação de dois sons cria uma sonoridade cômica ou desagradável.

Quer saber mais?



Livro

Figuras de retórica, de José Luiz Fiorin. São Paulo: Contexto, 2014.

Nesse livro, o linguista e professor José Luiz Fiorin analisa a forma como as figuras de linguagem são usadas na construção da argumentação e da persuasão um texto.



Site

Portal da Revista Música

Portal oficial da *Revista Música*, criada pela Escola de Comunicações e Artes da USP. O site disponibiliza diversas curiosidades sobre a estruturação de canções, além de análises sobre músicas populares e o emprego das figuras sonoras em sua composição. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistamusica>. Acesso em: 20 jul. 2022.

Exercícios complementares

1. **Unicamp-SP 2022** Para que as memórias e tradições permaneçam vivas, o Museu da Pessoa, a Rádio Yandê e Ailton Krenak vão realizar uma formação virtual em memória e mídias para que jovens das comunidades originárias registrem as histórias de vida de seus anciãos e anciãs.

O ditado “Cada ancião que morre é uma biblioteca que se queima” é válido para os povos indígenas, portanto nosso lema é “Cada ancião que se preserva é uma biblioteca que se salva”. Na tradição dos povos indígenas, todo conhecimento de plantas, de cura, de mitos e narrativas é produzido de maneira oral. “A gente não sabe até quando que vão ter esse conhecimento completo. A gente vai morrendo e vai se apagando tudo. A gente não é igual vocês, que fica tudo guardado em algum lugar (...)”

(Awapataku Waura, ancião e pajé do povo Waura). (Adaptado de “Projeto Vidas Indígenas”, vídeo institucional do Museu da Pessoa, sobre registro de narrativas orais indígenas. Disponível em: <https://benfeitoria.com/vidasindigenas>. Acessado em 04/04/2021.)

No texto (*Projeto Vidas Indígenas*), é utilizada uma metáfora que relaciona “ancião” e “biblioteca”. As citações a seguir tratam da importância de anciãos e anciãs indígenas para a transmissão do conhecimento. Assinale aquela que também faz uso de uma metáfora.

- a) “Perder um ancião é o mesmo que fechar um livro. Ou mesmo queimar um livro” (Comissão Pró-Índio, *Twitter*, via @g1).
- b) “Morte de anciãos indígenas na pandemia pode fazer línguas inteiras desaparecerem” (manchete da BBC Brasil News).
- c) “A morte de uma anciã ou um ancião é tratada como se uma biblioteca fosse perdida” (site “Racismo Ambiental”).
- d) “Nikaiti Mekranotire é mais uma vítima do covid-19. Perdemos uma enciclopédia” (Mayalú Txucarramãe, *Twitter*).

2. **Unicamp-SP (Adapt.)** Leia o seguinte capítulo do romance *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Capítulo XI

Uma égua

Ficando só, refleti algum tempo, e tive uma fantasia. Já conheceis as minhas fantasias. Conteí-vos a da visita imperial; disse-vos a desta casa do Engenho Novo, reproduzindo a de Matacavalos... A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo. Creio haver lido em Tácito que as éguas iberas concebiam pelo vento; se não foi nele, foi noutro autor antigo, que entendeu guardar essa crendice nos seus livros. Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua iberá; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo cavalo de Alexandre; mas deixemos de metáforas atrevidas e impróprias dos meus quinze anos. Digamos o caso simplesmente. A fantasia daquela hora foi confessar a minha mãe os meus amores para lhe dizer que não tinha vocação eclesiástica. A conversa sobre vocação tornava-me agora toda inteira, e, ao passo que me assustava, abria-me uma porta de saída. “Sim, é isto, pensei; vou dizer a mamãe que não tenho vocação, e confesso o nosso namoro; se ela duvidar, conto-lhe o que se passou outro dia, o penteado e o resto...”

(“Dom Casmurro”, em Machado de Assis, “Obra Completa em quatro volumes”. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008: p. 975.)

Explique a metáfora empregada pelo narrador, neste capítulo, para caracterizar sua imaginação.

3. **Unifesp 2019** Leia o trecho inicial do conto “A doida”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão a seguir.

A doida habitava um chalé no centro do jardim maltratado. E a rua descia para o córrego, onde os meninos costumavam banhar-se. Era só aquele chalezinho, à esquerda, entre o barranco e um chão abandonado; à direita, o muro de um grande quintal. E na rua, tornada maior pelo silêncio, o burro que pastava. Rua cheia de capim, pedras soltas, num declive áspero. Onde estava o fiscal, que não mandava capiná-la?

Os três garotos desceram manhã cedo, para o banho e a pega de passarinho. Só com essa intenção. Mas era bom passar pela casa da doida e provocá-la. As mães diziam o contrário: que era horroroso, poucos pecados seriam maiores. Dos doidos devemos ter piedade, porque eles não gozam dos benefícios com que nós, os sãos, fomos aquinhoados. Não explicavam bem quais fossem esses benefícios, ou explicavam demais, e restava a impressão de que eram todos privilégios de gente adulta, como fazer visitas, receber cartas, entrar para irmandades. E isso não comovia ninguém. A loucura parecia antes erro do que miséria. E os três sentiam-se inclinados a **lapidar** a doida, isolada e agreste no seu jardim.

Como era mesmo a cara da doida, poucos poderiam dizê-lo. Não aparecia de frente e de corpo inteiro, como as outras pessoas, conversando na calma. Só o busto, recortado numa das janelas da frente, as mãos magras, ameaçando. Os cabelos, brancos e desgrenhados. E a boca inflamada, soltando xingamentos, pragas, numa voz rouca.

Eram palavras da Bíblia misturadas a termos populares, dos quais alguns pareciam escabrosos, e todos fortíssimos na sua cólera.

Sabia-se confusamente que a doida tinha sido moça igual às outras no seu tempo remoto (contava mais de sessenta anos, e loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo). Corria, com variantes, a história de que fora noiva de um fazendeiro, e o casamento uma festa estrondosa; mas na própria noite de núpcias o homem a repudiara, Deus sabe por que razão. O marido ergueu-se terrível e empurrou-a, no calor do bate-boca; ela rolou escada abaixo, foi quebrando ossos, arrebrandando-se. Os dois nunca mais se veriam. Já outros contavam que o pai, não o marido, a expulsara, e esclareciam que certa manhã o velho sentira um amargo diferente no café, ele que tinha dinheiro grosso e estava custando a morrer – mas nos **racontos** antigos abusava-se de veneno. De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto. Repudiada por todos, ela se fechou naquele chalé do caminho do córrego, e acabou perdendo o juízo. Perdera antes todas as relações. Ninguém tinha ânimo de visitá-la. O padeiro mal jogava o pão na caixa de madeira, à entrada, e eclipsava-se. Diziam que nessa caixa uns primos generosos mandavam pôr, à noite, provisões e roupas, embora oficialmente a ruptura com a família se mantivesse inalterável. Às vezes uma preta velha arriscava-se a entrar, com seu cachimbo e sua paciência educada no cativoiro, e lá ficava dois ou três meses, cozinhando. Por fim a doida enxotava-a. E, afinal, empregada nenhuma queria servi-la. Ir viver com a doida, pedir a bênção à doida, jantar em casa da doida, passaram a ser, na cidade, expressões de castigo e símbolos de **irrisão**.

Vinte anos de uma tal existência, e a legenda está feita. Quarenta, e não há mudá-la. O sentimento de que a doida carregava uma culpa, que sua própria doidice era uma falta grave, uma coisa aberrante, instalou-se no espírito das crianças. E assim, gerações sucessivas de moleques passavam pela porta, fixavam cuidadosamente a vidraça e lascavam uma pedra. A princípio, como justa penalidade. Depois, por prazer. Finalmente, e já havia muito tempo, por hábito. Como a doida respondesse sempre furiosa, criara-se na mente infantil a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso.

Em vão os pais censuravam tal procedimento. Quando meninos, os pais daqueles três tinham feito o mesmo, com relação à mesma doida, ou a outras. Pessoas sensíveis lamentavam o fato, sugeriam que se desse um jeito para internar a doida. Mas como? O hospício era longe, os parentes não se interessavam. E daí – explicava-se ao forasteiro que porventura estranhasse a situação – toda cidade tem seus doidos; quase que toda família os tem. Quando se tornam ferozes, são trancados no sótão; fora disto, circulam pacificamente pelas ruas, se querem fazê-lo, ou não, se preferem ficar em casa. E doido é quem Deus quis que ficasse doido... Respeitemos sua vontade. Não há remédio para loucura; nunca nenhum doido se curou, que a cidade soubesse; e a cidade sabe bastante, ao passo que livros mentem.

(Contos de aprendiz, 2012.)

lapidar: apedrejar.

raconto: relato, narrativa.

irrisão: zombaria.

- “loucura e idade, juntas, lhe lavraram o corpo” (4º parágrafo)
- “Ninguém tinha ânimo de visitá-la” (4º parágrafo)
- “a ideia de um equilíbrio por compensação, que afogava o remorso” (5º parágrafo)

Os termos sublinhados foram empregados, respectivamente, em sentido

- a) literal, literal e literal.
- b) figurado, literal e figurado.
- c) literal, literal e figurado.
- d) figurado, figurado e literal.
- e) figurado, figurado e figurado.

4. Unifesp 2017 Leia o trecho do conto “A igreja do Diabo”, de Machado de Assis (1839-1908), para responder à questão a seguir:

Uma vez na terra, o Diabo não perdeu um minuto. Deu-se pressa em enfiar a cogula beneditina, como hábito de boa fama, e entrou a espalhar uma doutrina nova e extraordinária, com uma voz que reboava nas entranhas do século. Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

– Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

Clamava ele que as virtudes aceitas deviam ser substituídas por outras, que eram as naturais e legítimas. A soberba, a luxúria, a preguiça foram reabilitadas, e assim também a avareza, que declarou não ser mais do que a mãe da economia, com a diferença que a mãe era robusta, e a filha uma esgalgada. A ira tinha a melhor defesa na existência de Homero; sem o furor de Aquiles, não haveria a *Ilíada*: “Musa, canta a cólera de Aquiles, filho de Peleu”... [...] Pela sua parte o Diabo prometia substituir a vinha do Senhor, expressão metafórica, pela vinha do Diabo, locução direta e verdadeira, pois não faltaria nunca aos seus com o fruto das mais belas cepas do mundo. Quanto à inveja, pregou friamente que era a virtude principal, origem de prosperidades infinitas; virtude preciosa, que chegava a suprir todas as outras, e ao próprio talento.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs.

Nada mais curioso, por exemplo, do que a definição que ele dava da fraude. Chamava-lhe o braço esquerdo

do homem; o braço direito era a força; e concluía: Muitos homens são canhotos, eis tudo. Ora, ele não exigia que todos fossem canhotos; não era exclusivista. Que uns fossem canhotos, outros destros; aceitava a todos, menos os que não fossem nada. A demonstração, porém, mais rigorosa e profunda, foi a da venalidade. Um casuísta do tempo chegou a confessar que era um monumento de lógica. A venalidade, disse o Diabo, era o exercício de um direito superior a todos os direitos. Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no absurdo e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? e o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? Demonstrando assim o princípio, o Diabo não se demorou em expor as vantagens de ordem temporal ou pecuniária; depois, mostrou ainda que, à vista do preconceito social, conviria dissimular o exercício de um direito tão legítimo, o que era exercer ao mesmo tempo a venalidade e a hipocrisia, isto é, merecer duplicadamente.

(*Contos: uma antologia*, 1998.)

cogula: espécie de túnica larga, sem mangas, usada por certos religiosos.

desdouro: descrédito, desonra.

lábaro: estandarte, bandeira.

esgalgado: comprido e estreito.

venalidade: condição ou qualidade do que pode ser vendido.

casuísta: pessoa que pratica o casuísmo (argumento fundamentado em raciocínio enganador ou falso).

Estão empregados em sentido figurado os termos destacados nos seguintes trechos:

- a) “a que podia ser na **boca** de um espírito de negação” (3º parágrafo) e “sem o **furor** de Aquiles, não haveria a *Ilíada*” (4º parágrafo).
- b) “incutia-lhes, a grandes **golpes** de eloquência” (5º parágrafo) e “a **definição** que ele dava da fraude” (6º parágrafo).
- c) “retificar a **noção** que os homens tinham dele” (1º parágrafo) e “congregar, em suma, as multidões ao **pé** de si” (3º parágrafo).
- d) “Sou o vosso verdadeiro **pai**.” (2º parágrafo) e “as **virtudes** aceitas deviam ser substituídas por outras” (4º parágrafo).
- e) “uma voz que reboava nas **entranhas** do século” (1º parágrafo) e “a que se deu aquele nome para arredá-lo do **coração** dos homens” (2º parágrafo).

5. Ifal 2018 Leia o texto a seguir para responder à questão.

A grama do vizinho

Martha Medeiros

Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma.

Estamos todos no mesmo barco.

Há no ar certo queixume sem razões muito claras.

Converso com mulheres que estão entre os 40 e 50 anos, todas com profissão, marido, filhos, saúde, e ainda assim elas trazem dentro delas um não-sei-o-quê perturbador, algo que as incomoda, mesmo estando tudo bem.

De onde vem isso? Anos atrás, a cantora Marina Lima compôs com o seu irmão, o poeta Antonio Cícero, uma música que dizia: “Eu espero/ acontecimentos/ só que quando anoitece/ é festa no outro apartamento”.

Passei minha adolescência com esta sensação: a de que algo muito animado estava acontecendo em algum lugar para o qual eu não tinha convite. É uma das características da juventude: considerar-se deslocado e impedido de ser feliz como os outros são, ou aparentam ser. Só que chega uma hora em que é preciso deixar de ficar tão ligada na grama do vizinho.

As festas em outros apartamentos são fruto da nossa imaginação, que é infectada por falsos holofotes, falsos sorrisos e falsas notícias. Os notáveis alardeiam muito suas vitórias, mas falam pouco das suas angústias, revelam pouco suas aflições, não dão bandeira das suas fraquezas, então fica parecendo que todos estão comemorando grandes paixões e fortunas, quando na verdade a festa lá fora não está tão animada assim. Ao amadurecer, descobrimos que a grama do vizinho não é mais verde coisíssima nenhuma. Estamos todos no mesmo barco, com motivos pra dançar pela sala e também motivos pra se refugiar no escuro, alternadamente.

Só que os motivos pra se refugiar no escuro raramente são divulgados.

Pra consumo externo, todos são belos, sexys, lúcidos, íntegros, ricos, sedutores.

“Nunca conheci quem tivesse levado porrada/ todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo”.

Fernando Pessoa também já se sentiu abafado pela perfeição alheia, e olha que na época em que ele escreveu estes versos não havia esta overdose de revistas que há hoje, vendendo um mundo de faz-de-conta. Nesta era de exaltação de celebridades – reais e inventadas – fica difícil mesmo achar que a vida da gente tem graça. Mas, tem. Paz interior, amigos leais, nossas músicas, livros, fantasias, desilusões e recomeços, tudo isso vale ser incluído na nossa biografia. Ou será que é tão divertido passar dois dias na Ilha de Caras fotografando junto a todos os produtos dos patrocinadores? Compensa passar a vida comendo alface para ter o corpo que a profissão de modelo exige? Será tão gratificante ter um paparazzo na sua cola cada vez que você sai de casa? Estarão mesmo todos realizando um milhão de coisas interessantes enquanto só você está sentada no sofá pintando as unhas do pé? Favor não confundir uma vida sensacional com uma vida sensacionalista.

As melhores festas acontecem dentro do nosso próprio apartamento.

Fonte: Disponível em: <http://www.refletirpararefletir.com.br/4-cronicas-de-marthamedeiros>. Acesso em 12/09/2017, às 15h13.

O texto traz questões intimistas tratadas pela autora. Em gêneros dessa natureza, é comum os autores disporem de passagens metafóricas, relacionadas às trivialidades da vida. No trecho: “As melhores festas

acontecem dentro do nosso próprio apartamento.”, pode-se inferir que a autora utiliza uma linguagem

- a) denotativa para se referir à sua casa.
- b) figurada para tratar sobre a sua terra natal.
- c) denotativa para demonstrar que o apartamento dela não é próprio.
- d) conotativa para se mostrar perdida em seu lar.
- e) conotativa para se referir à sua introspecção, ao seu interior.

6. **Ifal 2017** Leia com atenção o texto abaixo e responda à questão.

Os morros são fardos rompidos. Por lá saltam ecos de fortíssimas vozes, mas a cidade é um enorme silêncio de pesado sono, de um sono estremecido pelas bocas das serras. E parece que a noite das serras é diferente da que mergulha a cidade.

Naquela, são as cores vermelhas dos relâmpagos, trovões arrebetando em gritos enormes, árvores tingindo-se rapidamente e rapidamente voltando ao verde de suas folhas.

ACCIOLY, Breno. *Breno Accioly: Obras reunidas*. São Paulo: Escrituras Editora, 1999, p. 13.

Considerando que uma metáfora consiste em usar uma palavra ou expressão em sentido diferente daquele que lhe é próprio, assinale a opção em que há uma metáfora.

- a) ... a cidade é um enorme silêncio de pesado sono...
- b) Por lá saltam ecos de fortíssimas vozes...
- c) ... trovões arrebetando em gritos enormes...
- d) ... árvores tingindo-se...
- e) ... que a noite das serras é diferente da que mergulha a cidade.

7. **Uece 2016** O texto que você lerá a seguir – o poema “Outro verde”, foi retirado da obra *Delírio da Solidão*, do escritor cearense de Quixeramobim Jáder de Carvalho, que nasceu em 29 de dezembro de 1901 e faleceu no dia sete de agosto de 1985. Jáder de Carvalho foi jornalista, advogado, professor e escritor: poeta e prosador. Sua obra mais conhecida é o romance *Aldeota*.

Outro verde

Teus olhos mostram o verde
que não é do mar.

Não lembram viagens sem fim
nem o céu a abraçar-se com as águas,
num horizonte parado,
que os marujos não alcançam.

Qual o verde dos teus olhos,
se não é o do oceano?
Não é também o das florestas
onde cabem mistérios e distâncias.

Teu olhar não tem a cor
da enseada que eu amo.
Nele não gritam tempestades,
nem afundam ou se perdem veleiros.

Não escondem braços em naufrágios
nem vozes que não se ouvem
na despedida.

O verde dos teus olhos é subjetivo.
Não sugere portos nem a foz de um rio.
Pintores, disse-me:
qual de vós se atreveria
a copiar a cor desses olhos?

Ainda não sofreste.
Ainda não conheces a saudade.
Um dia, entre lembranças doridas,
o verde dos teus olhos mudará.
Já li nas linhas da tua mão esquerda:
tu, sem a estrela dos navegantes,
esperas
pelo navio perdido do meu amor.
(Jáder de Carvalho. *Delírio da Solidão*, p. 46-47.)

Assinale o que está INCORRETO sobre a primeira estrofe do poema.

- a) O primeiro sentido que o leitor atribui ao texto é literal: os olhos são o órgão da visão, e o verde é uma cor, algo perceptível por esse órgão.
- b) Em uma leitura mais atenta, chega-se à conclusão de que os olhos são uma metáfora (com algo de metonímico) para a alma ou o espírito da amada do sujeito lírico. Essa metáfora é o centro do poema e aparece em meio a uma estrutura fortemente metonímica.
- c) As negações intensificam a dificuldade enfrentada pelo eu lírico para determinar o verde dos olhos da amada.
- d) Em “o céu a abraçar-se com as águas”, o verbo “abraçar” (abraçar-se) foi usado literalmente, denotativamente.

8. **Fuvest-SP 2022 (Adapt.)** Leia os seguintes textos de Machado de Assis para responder à questão:

I.

*Suave mari magno**

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

Machado de Assis. *Ocidentais*.

*Expressão latina, retirada de Lucrécio (Da natureza das coisas), a qual aparece no seguinte trecho: *Suave, mari magno, turbantibus aequora ventis/ E terra magnum alterius spectare laborem*. (“É agradável, enquanto no mar revoltoso os ventos levantam as águas, observar da terra os grandes esforços de um outro.”).

II.

Tão certo é que a paisagem depende do ponto de vista, e que o melhor modo de apreciar o chicote é ter-lhe o cabo na mão.

Machado de Assis. *Quincas Borba*, cap. XVIII.

III.

Sofia soltou um grito de horror e acordou. Tinha ao pé do leito o marido:

— Que foi? perguntou ele.

— Ah! respirou Sofia. Gritei, não gritei?

[...]

— Sonhei que estavam matando você.

Palha ficou enternecido. Havê-la feito padecer por ele, ainda que em sonhos, encheu-o de piedade, mas de uma piedade gostosa, um sentimento particular, íntimo, profundo, — que o faria desejar outros pesadelos, para que o assassinassem aos olhos dela, e para que ela gritasse angustiada, convulsa, cheia de dor e de pavor.

Machado de Assis. *Quincas Borba*, cap. CLXI

A analogia consiste em um recurso de expressão comumente utilizado para ilustrar um raciocínio por meio da semelhança que se observa entre dois fatos ou ideias. No texto II, a analogia construída a partir da imagem do chicote pretende sugerir que

- a) o instrumento do castigo nem sempre cai em mãos justas.
- b) o apreço aos objetos independe do uso que se faz deles.
- c) o cabo é metáfora de mérito, e a ponta, metáfora de culpa.
- d) o mais fraco, por ser compassivo, é incapaz de desfrutar do poder.
- e) o prazer verdadeiro se experimenta no lado dos dominantes.

9. **Fuvest-SP 2018 (Adapt.)** Leia o texto e responda o que se pede.

— Não veem teus olhos lá o formoso jacarandá, que vai subindo às nuvens? A seus pés ainda está a seca raiz da **murta** frondosa, que todos os invernos se cobria de rama e bagos vermelhos, para abraçar o tronco irmão. Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto.

José de Alencar, *Iracema*.

murta: arbusto, árvore pequena.

A frase “Se ela não morresse, o jacarandá não teria sol para crescer tão alto” pode ser entendida como uma alegoria do processo de colonização do Brasil? Explique.

10. Uerj 2014

A invasão dos blablablás

O planeta é dividido entre as pessoas que falam no cinema – e as que não falam. É uma divisão recente. Por décadas, os falantes foram minoria. E uma minoria reprimida. Quando alguém abria a boca na sala escura, recebia logo um shhhhhhhhhhhhh. E voltava ao estado silencioso de onde nunca deveria ter saído. Todo pai ou mãe que honrava seu lugar de educador ensinava a seus filhos que o cinema era um lugar de reverência. Sentados na poltrona, as luzes se apagavam, uma música solene saía das caixas de som, as cortinas se abriam e um novo mundo começava. Sem sair do lugar, vivíamos outras vidas, viajávamos por lugares desconhecidos, chorávamos, ríamos, nos apaixonávamos. Sentados ao lado de desconhecidos, passávamos por todos os estados de alma de uma vida inteira sem trocar uma palavra. Comungávamos em silêncio do mesmo encantamento. [...]

Percebi na sexta-feira que não ia ao cinema havia três meses. Não por falta de tempo, porque trabalhar muito não é uma novidade para mim. Mas porque fui expulsa do cinema. Devagar, aos poucos, mas expulsa. Pertencço, desde sempre, às fileiras dos silenciosos. Anos atrás, nem imaginava que pudesse haver outro comportamento além do silêncio absoluto no cinema. Assim como não imagino alguém cochichando em qualquer lugar onde entramos com o compromisso de escutar.

Não é uma questão de estilo, de gosto. Pertence ao campo do respeito, da ética. Cinema é a experiência da escuta de uma vida outra, que fala à nossa, mas nós não falamos uns com os outros. ¹No cinema, só quem fala são os atores do filme. Nós calamos para que eles possam falar. Nossa vida cala para que outra fale.

²Isso era cinema. Agora mudou. É estarrecedor, mas os blablablás venceram. Tomaram conta das salas de cinema. E, sem nenhuma repressão, vão expulsando a todos que entram no cinema para assistir ao filme sem importunar ninguém.

[...]

Eliane Brum. revistaepoca.globo.com, 10/08/2009

No cinema, só quem fala são os atores do filme. Nós calamos para que eles possam falar. Nossa vida cala para que outra fale. (ref. 1)

O trecho acima usa uma figura de linguagem chamada de:

- a) metáfora
- b) hipérbole
- c) eufemismo
- d) metonímia

11. Enem PPL 2013

Mar português

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão rezaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!
Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.

Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,
Mas nele é que espelhou o céu.

PESSOA, F. *Mensagens*. São Paulo: Difel, 1986.

Nos versos 1 e 2, a hipérbole e a metonímia foram utilizadas para subverter a realidade. Qual o objetivo dessa subversão para a constituição temática do poema?

- a) Potencializar a importância dos feitos lusitanos durante as grandes navegações.
- b) Criar um fato ficcional ao comparar o choro das mães ao choro da natureza.
- c) Reconhecer as dificuldades técnicas vividas pelos navegadores portugueses.
- d) Atribuir as derrotas portuguesas nas batalhas às fortes correntes marítimas.
- e) Relacionar os sons do mar ao lamento dos derrotados nas batalhas do Atlântico.

12. Insper-SP 2013

O “gilete” dos tablets



Num mundo capitalista como este em que vivemos, onde as empresas concorrem para posicionar suas marcas e fixar logotipos e slogans na cabeça dos consumidores, a síndrome do “Gillette” pode ser decisiva para a perpetuação de um produto. É isso que preocupa a concorrência do iPad, tablet da Apple.

Assim como a marca de lâminas de barbear tornou-se sinônimo de toda a categoria de barbeadores, eclipsando o nome das marcas que ofereciam produtos similares, o mesmo pode estar acontecendo com o tablet lançado por Steve Jobs. O maior temor do mercado é que as pessoas passem a se referir aos tablets como “iPad” em geral, dizendo “iPad da Samsung” ou “iPad da Motorola”, e assim por diante.

(<http://revistalingua.uol.com.br/textos/blog-edgard/o-gilete-dos-tablets-260395-1.asp>)

No campo da estilística, a figura de linguagem abordada na matéria acima recebe o nome de

- a) metáfora, por haver uma comparação subentendida entre a marca e o produto.
- b) hipérbole, por haver exagero dos consumidores na associação do produto com a marca.
- c) catacrese, por haver um empréstimo linguístico na referência à marca do produto famoso.
- d) metonímia, por haver substituição do produto pela marca, numa relação de semelhança.
- e) perífrase, por haver a designação de um objeto através de seus atributos ou de um fato que o celebrou.

13. Unicamp-SP 2017 Em depoimento, Paulo Freire fala da necessidade de uma tarefa educativa: “trabalhar no sentido de ajudar os homens e as mulheres brasileiras a exercer o direito de poder estar de pé no chão, cavando o chão, fazendo com que o chão produza melhor é um direito e um dever nosso. A educação é uma das chaves para abrir essas portas. Eu nunca me esqueço de uma frase linda que eu ouvi de um educador, camponês de um grupo de Sem Terra: *pela força do nosso trabalho, pela nossa luta, cortamos o arame farpado do latifúndio e entramos nele, mas quando nele chegamos, vimos que havia outros arames farpados, como o arame da nossa ignorância. Então eu percebi que quanto mais inocentes, tanto melhor somos para os donos do mundo.* [...] Eu acho que essa é uma tarefa que não é só política, mas também pedagógica. Não há Reforma Agrária sem isso.”

(Adaptado de Roseli Salette Galdart, *Pedagogia do Movimento Sem Terra: escola é mais que escola*. São Paulo: Expressão Popular, 2008, p. 172.)

No excerto adaptado que você leu, há menção a outros arames farpados, como “o arame da nossa ignorância”. Trata-se de uma figura de linguagem para

- a conquista do direito às terras e à educação que são negadas a todos os trabalhadores.
- a obtenção da chave que abre as portas da educação a todos os brasileiros que não têm terras.
- promoção de uma conquista da educação que tenha como base a propriedade fundiária.
- a descoberta de que a luta pela posse da terra pressupõe também a conquista da educação.

14. Mackenzie-SP 2018 A pergunta era imprudente, na ocasião em que eu cuidava de transferir o embarque. Equivalia a confessar que o motivo principal ou único da minha repulsa ao seminário era Capitu, e fazer crer improvável a viagem. Compreendi isto depois que falei; quis emendar-me, mas nem soube como, nem ele me deu tempo.

— Tem andado alegre, como sempre; é uma tontinha. Aquilo enquanto não pegar algum peralta da vizinhança, que case com ela...

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se entendermos que a audiência aqui não é das orelhas senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia...

Outra ideia, não, – um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: «Algum peralta da vizinhança». Em verdade, nunca pensara em tal desastre. Vivia tão nela, dela e para ela, que a intervenção de um peralta era como

uma noção sem realidade; nunca me acudiu que havia peraltas na vizinhança, vária idade e feitio, grandes passeadores das tardes. Agora lembrava-me que alguns olhavam para Capitu, – e tão senhor me sentia dela que era como se olhassem para mim, um simples dever de admiração e de inveja. Separados um do outro pelo espaço e pelo destino, o mal aparecia-me agora, não só possível mas certo.

“Uma ponta de lago”, *Dom Casmurro*, Machado de Assis.

No trecho de *Dom Casmurro* destacado a seguir, qual figura de linguagem podemos encontrar?

A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo.

- Hipérbole, uma vez que no discurso há um evidente exagero, pautado num estilo demasiadamente enfático.
- Ironia, pois o trecho destacado contradiz o que se afirma no início do período.
- Catacrese, já que a palavra *coração* está empregada conotativamente.
- Onomatopeia, pois há referência ao som que o coração faz ao bater.
- Eufemismo, porque evidentemente o trecho destacado suaviza a emoção sentida pelo narrador.

15. EPCar-MG 2013 Na ocasião da morte de Steve Jobs, a *Época* homenageou-o, através da capa de sua revista.



Analisando-a, só NÃO se pode inferir que

- os óculos fazem uma alusão a Steve Jobs e, por isso, constituem, neste contexto, uma metonímia.
- o estilo da capa (fundo branco e informação sucinta) corresponde ao estilo *clean*, “limpo”, de Jobs, descrito no texto, cujo *design* era agradável.
- a frase escrita por Jobs revela um homem deprimido que vê na morte uma solução para seus conflitos pessoais.
- as linguagens verbal e não-verbal fazem referência à transitoriedade da vida; esta pela ausência do corpo e aquela pela certeza da morte.

16. Uece 2022

O legado feminino nas Olimpíadas de Tóquio

Definitivamente, as mulheres deixaram sua marca nas Olimpíadas de Tóquio, que se encerram neste domingo. Elas se destacaram desde a abertura dos Jogos, com a escolha da japonesa Naomi Osaka, uma tenista negra, para acender a pira olímpica, em uma edição com participação recorde de atletas femininas: 48,8% do total.

Essas atletas, das mais diferentes nacionalidades, não só encantaram o mundo com suas conquistas históricas e quebras de recordes, como também jogaram luz sobre as discriminações, preconceitos e o sexismo ao qual ainda hoje muitas delas são submetidas, seja no esporte ou em tantas outras áreas.

GAROTAS DOURADAS

As atletas brasileiras, em especial, voltam para a casa podendo comemorar o maior número de pódios em uma única edição dos jogos, desde que a nadadora Maria Lenk entrou para a história nacional como a 1ª mulher brasileira a participar de uma Olimpíada em 1932.

Uma trajetória que começou com a dança da nossa 'Fadinha do Skate'? A maranhense Rayssa Leal, de apenas 13 anos de idade, a mais jovem atleta brasileira a subir no pódio olímpico até hoje. Garantiu a prata no 'skate street', uma das novas modalidades olímpicas que fizeram sua estreia em Tóquio.

Em seguida, veio Rebeca Andrade, 1ª ginasta brasileira a ganhar uma medalha olímpica. Na verdade, ela fez história em dose dupla: com 1 medalha de ouro no salto e outra prata no individual geral. O que lhe garantiu o merecido convite para ser a porta-bandeira do Brasil no encerramento dos Jogos de Tóquio.

Como ficar indiferente ao ouro olímpico de Ana Marcela Cunha na maratona aquática ou da dupla Martine Grael e Kahena Kunze, amigas de infância e, agora, bicampeãs olímpicas na classe 49er FX da vela?

Cabe ainda uma reverência à seleção feminina de vôlei, que conseguiu chegar à final, a despeito do baque sofrido com a perda de uma de suas principais jogadoras, flagrada em exame antidoping na reta final da disputa. Aplausos também à garra de Beatriz Ferreira na busca de um ouro inédito para o boxe feminino.

Medalhistas essas que ajudaram o Brasil a ter, em Tóquio, o seu melhor desempenho em Olimpíadas, superando as 19 conquistadas no Rio de Janeiro em 2016. Das 21 medalhas trazidas na bagagem de volta para casa, 9 foram conquistadas por elas, refletindo o equilíbrio entre homens e mulheres na composição da delegação brasileira que desembarcou este ano no Japão.

MUITO ALÉM DA PARIDADE

Mas a pauta levantada pelas atletas femininas desta edição olímpica foi muito além da bem-vinda paridade de gênero, que será adotada a partir dos Jogos de Paris em 2024.

A ginasta norte-americana Simone Biles, por exemplo, chegou ao Japão em busca de um recorde de 6 medalhas de ouro, o que a tornaria a atleta olímpica mais bem-sucedida de todos os tempos. Acabou voltando para os Estados Unidos com uma prata e um bronze, o suficiente para se consagrar como a mulher negra mais vitoriosa da história olímpica da ginástica artística.

Fora da arena olímpica, Biles ainda deflagrou o debate mundial sobre a saúde mental de atletas de alto rendimento. Isso, após ela abandonar parte das provas que disputaria e expor publicamente que estava lidando com *twisties*, uma espécie de bloqueio mental que desorienta atletas em movimentos que desafiam a gravidade.

PROTESTO CONTRA O SEXISMO

Já a equipe de ginastas da Alemanha marcou posição com a opção das atletas de usar macacões até o tornozelo em vez dos tradicionais collants, em protesto contra a sexualização da ginástica artística feminina.

Um posicionamento político que reforça a discussão aberta, durante o último campeonato europeu de handebol, sobre como o sexismo se reflete no controle dos uniformes de atletas. Na ocasião, a equipe feminina da Noruega foi multada em 1,5 mil euros ao trocar o biquíni pelo short, permitido apenas para homens, na modalidade de praia.

MÃES OLÍMPICAS

A meio-fundista queniana Faith Kipyegon foi outra a fazer história em Tóquio, ao vencer a prova dos 1.500 metros feminino e bater o recorde olímpico que resistia desde os Jogos de Seul, em 1988. E de quebra, ainda deu uma resposta dourada àqueles que ela se afastou por 1 ano das pistas, em 2017, para ser mãe.

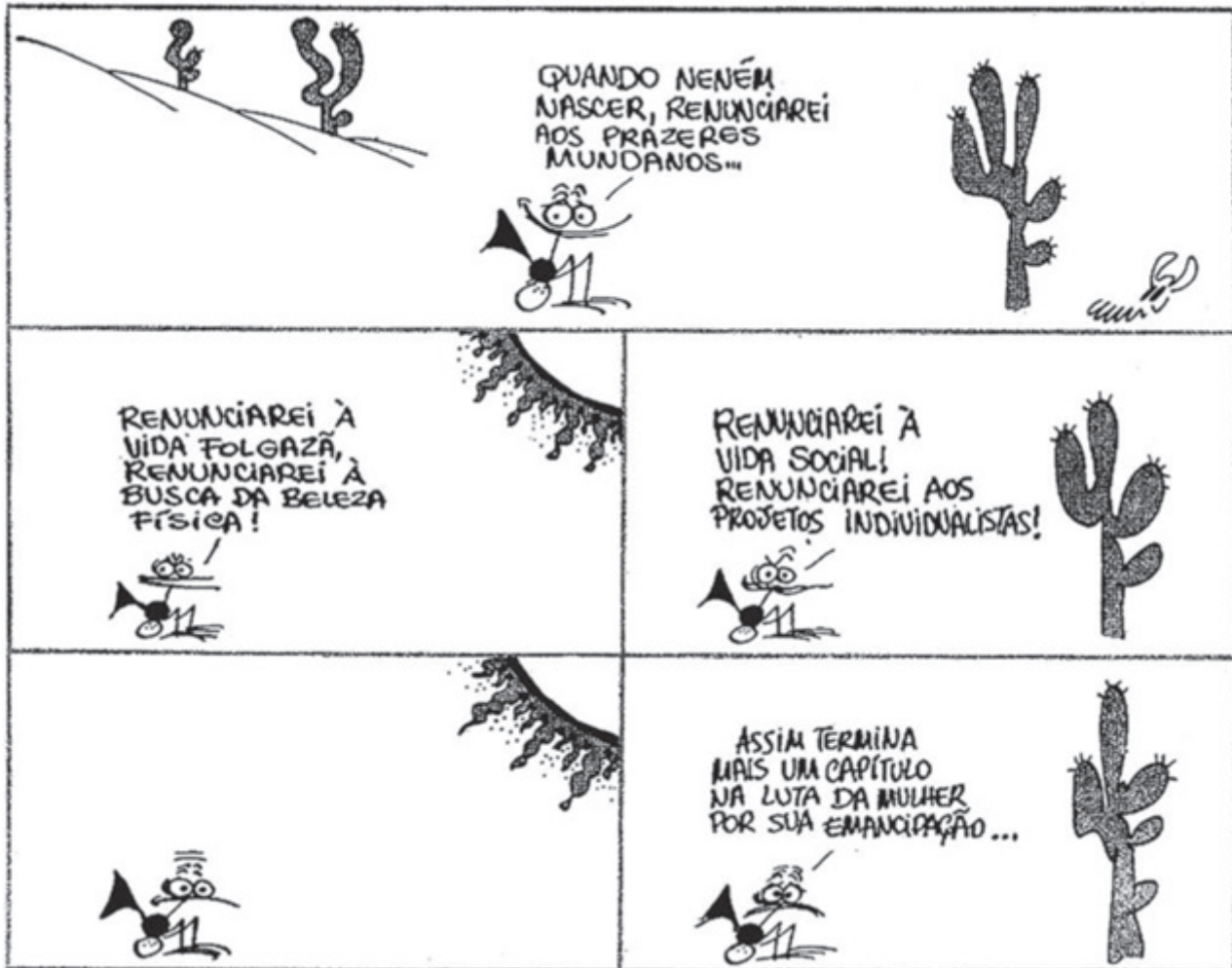
Um enredo parecido com o enfrentado por Allyson Felix, que conquistou sua 10ª medalha em Tóquio e se igualou a Carl Lewis como a maior medalhista olímpica do atletismo dos Estados Unidos. Ela já havia ultrapassado a marca do ex-velocista jamaicano Usain Bolt, em 2019, e se tornado a maior medalhista da história em Campeonatos Mundiais, apenas 10 meses após o nascimento da filha.

VASCONCELOS, ADRIANA. *O LEGADO FEMININO NAS OLIMPÍADAS DE TÓQUIO*. Disponível em <https://www.poder360.com.br/opinio/olimpiada-o-legendofeminino-nas-olimpiadas-de-toquio-escreve-adrianavasconcelos>. Acesso em 16 de agosto de 2021. (Texto adaptado.)

Na expressão “GAROTAS **DOURADAS**” (linha 7), a palavra destacada é exemplo de

- a) hipérbole.
- b) catacrese.
- c) sinestesia.
- d) metáfora.

17. Enem 2021



HENFIL. Disponível em: <https://medium.com>. Acesso em: 29 out. 2018 (adaptado).

Nessa tirinha, produzida na década de 1970, os recursos verbais e não verbais sinalizam a finalidade de

- a) reforçar a luta por direitos civis.
- b) explicitar a autonomia feminina.
- c) ironizar as condições de igualdade.
- d) estimular a abdicação da vida social.
- e) criticar as obrigações da maternidade.

18. Uerj 2014

A namorada

Havia um muro alto entre nossas casas.

¹Difícil de mandar recado para ela.

Não havia e-mail.

²O pai era uma onça.

A gente amarrava o bilhete numa pedra presa por um cordão

E pinchava a pedra no quintal da casa dela.

Se a namorada respondesse pela mesma pedra

Era uma glória!

Mas por vezes o bilhete enganchava nos galhos da

goiabeira

E então era agonia.

No tempo do onça era assim.

Manoel de Barros. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

O pai era uma onça. (ref. 2)

Nesse verso, a palavra *onça* está empregada em um sentido que se define como:

- a) enfático
- b) antitético
- c) metafórico
- d) metonímico

19. Uerj 2019

Soneto da hora final

Será assim, amiga: um certo dia
Estando nós a contemplar o poente
Sentiremos no rosto, de repente
O beijo leve de uma aragem fria.

Tu me olharás silenciosamente
E eu te olharei também, com nostalgia
E partiremos, tontos de poesia
Para a porta de treva aberta em frente.

Ao transpor as fronteiras do Segredo
Eu, calmo, te direi: – Não tenhas medo
E tu, tranquila, me dirás: – Sê forte.

E como dois antigos namorados
Noturnamente tristes e enlaçados
Nós entraremos nos jardins da morte.

MORAES, Vinícius de. *Livro de Sonetos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

No título **Soneto da hora final**, para revelar o tema do poema, recorre-se à figura de linguagem denominada:

- a) eufemismo
- b) metonímia
- c) hipérbole
- d) ironia

20. Uece 2019

Mulher proletária

Jorge de Lima

Mulher proletária — única fábrica
que o operário tem, (fabrica filhos)
tu
na tua superprodução de máquina humana
forneces anjos para o Senhor Jesus,
forneces braços para o senhor burguês.
Mulher proletária,
o operário, teu proprietário
há de ver, há de ver:
a tua produção,
a tua superprodução,
ao contrário das máquinas burguesas,
salvar o teu proprietário.

LIMA Jorge de. *Obra Completa* (org. Afrânio Coutinho). Rio de Janeiro: Aguilar, 1958.

Analisando o verso do poema “forneces braços para o senhor burguês” (ref. 1), a figura de linguagem que aí se destaca é

- a) catacrese, uma vez que, como não há um termo específico para o poeta expressar, de forma adequada, a ideia de “fornecer filhos”, ele se utiliza da expressão “fornecer braços”, lógica semelhante ao que se costuma usar em termos como “braços da cadeira”.
- b) metonímia, tendo em vista que o termo “braços” mantém com o termo “filhos” uma relação de contiguidade da parte pelo todo para o poeta destacar que o que mulher proletária fabrica é só uma parte do seu rebento, os “braços”, utilizados para proveito da atividade capitalista, e não “filhos”, na sua completude como seres humanos, para estabelecer com estes uma relação afetiva.

- c) hipérbole, já que o verso quer enfatizar a ideia de exagero de alguém fornecer inúmeros braços para o trabalho da indústria mercantil.
- d) prosopopeia, pois o poeta está personificando a máquina como se fosse uma mulher produtora de filhos.

21. Unicamp-SP 2019 A noção de *programa genético* [...] desempenhou um papel importante no lançamento do Projeto Genoma Humano, fazendo com que se acreditasse que a decifração de um genoma, à maneira de um livro com instruções de um longo programa, permitiria decifrar ou compreender toda a natureza humana ou, no mínimo, o essencial dos mecanismos de ocorrência das doenças. Em suma, a fisiopatologia poderia ser reduzida à genética, já que toda doença seria reduzida a um ou diversos erros de programação, isto é, à alteração de um ou diversos genes.

(Edgar Morin, *A religião dos saberes: o desafio do século XXI*. Jornadas temáticas idealizadas e dirigidas por Edgar Morin. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2012, p. 157.)

A expressão *programa genético*, mencionada no trecho anterior, é

- a) uma alegoria, pois sintetiza os mecanismos moleculares subjacentes ao funcionamento dos genes e dos cromossomos no contexto ficcional de um programa de computador.
- b) uma analogia, pois diferencia os mecanismos moleculares subjacentes ao código genético e ao funcionamento dos cromossomos dos códigos de um programa de computador.
- c) uma metáfora, pois iguala toda a informação genética e os mecanismos moleculares subjacentes ao funcionamento e expressão dos genes com as instruções e os comandos de um programa.
- d) uma analogia, pois contrasta os mecanismos moleculares dos genes nos cromossomos e das doenças causadas por eles com as linhas de comando de um programa de computador.

22. FGV-RJ 2015 Texto para a questão a seguir.

Catar Feijão

1
Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2
Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviante, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

João Cabral de Melo Neto, *A educação pela pedra*.

Entre os recursos estilísticos de que lança mão o poeta na composição do poema, só NÃO se encontra

- a) a atenuação da distinção entre poesia e prosa.
- b) a estrutura discursiva lógico-argumentativa.
- c) o emprego de neologismos.
- d) a personificação (ou prosopopeia).
- e) o recurso sonoro da aliteração.

23. Uece 2016 ¹Estava conversando com uma amiga, dia desses. Ela comentava sobre uma terceira pessoa, que eu não conhecia. Descreveu-a como sendo ²boa gente, esforçada, ótimo caráter. ³“Só tem um probleminha: ⁴não é habitada”. Rimos. Uma expressão coloquial na França – *habité*, – mas nunca tinha escutado por estas paragens e com este sentido. Lembrei-me de uma outra amiga que, de forma parecida, também costuma dizer ⁵“aquela ali tem gente em casa” quando se refere a ⁶“pessoas que fazem diferença.

⁷Uma pessoa pode ser altamente confiável, gentil, carinhosa, simpática, mas, se não é habitada, rapidinho coloca os outros pra dormir. Uma pessoa habitada é uma pessoa possuída, não necessariamente pelo demônio, ainda que satanás esteja longe de ser má referência. Clarice Lispector certa vez escreveu uma carta a Fernando Sabino dizendo que faltava demônio em Berna, onde morava na ocasião. ⁸A Suíça, de fato, é um país de contos de fada onde tudo funciona, onde todos são belos, onde a vida parece uma pintura, um rótulo de chocolate. Mas ⁹falta uma ebulição que a salve do marasmo.

Retornando ao assunto: pessoas habitadas ¹⁰são aquelas possuídas por si mesmas, em diversas versões. Os habitados estão preenchidos de indagações, angústias, incertezas, mas não são menos felizes ¹¹por causa disso. Não transformam suas “inadequações” em doença, mas em força e curiosidade. Não recuam diante de encruzilhadas, não se amedrontam com transgressões, não adotam as opiniões dos outros para facilitar o diálogo. São pessoas que surpreendem com um gesto ou uma fala fora do script, sem ¹²nenhuma disposição para serem bonecos de ventríloquos. Ao contrário, encantam pela verdade pessoal que defendem. ¹³Além disso, mantêm com a solidão uma relação mais do que cordial.

¹⁴Então são as criaturas mais incríveis do universo? Não necessariamente. Entre os habitados há de tudo, gente fenomenal e também assassinos, pervertidos e demais malucos que não merecem abrandamento de pena pelo fato de serem, em certos aspectos, bastante interessantes. Interessam, mas assustam. Interessam, mas causam dano. ¹⁵Eu não gostaria de repartir a mesa de um restaurante com Hannibal Lecter, “The Cannibal”, ¹⁶ainda que eu não tenha dúvida de que o personagem imortalizado por Anthony Hopkins renderia um papo mais estimulante do que uma conversa com, ¹⁷sei lá, Britney Spears, que ¹⁸só tem gente em casa porque está grávida.

Que tenhamos a sorte de esbarrar com seres habitados e ao mesmo tempo inofensivos, cujo único mal que possam fazer seja nos fascinar e nos manter acordados uma madrugada inteira. Ou a vida inteira, o que é melhor ainda.

MEDEIROS, Martha. In: Org. e Int. SANTOS, Joaquim Ferreira dos. As Cem Melhores Crônicas Brasileiras. Objetiva, 324-325.

Sobre a sequência “boa gente, esforçada, ótimo caráter” (referência 2), é correto fazer a seguinte afirmação:

- a) Constitui uma gradação descendente.
- b) A mudança de posição dos elementos da sequência alteram-lhe o valor intelectual.
- c) Mudando-se a posição dos elementos aleatoriamente, preservam-se na sequência as características de gradação.
- d) Arrumados desta maneira – ótimo caráter, esforçada, boa gente – os elementos deixam de constituir uma gradação.

24. Unesp 2022 (Adapt.) Para responder às questões de 24 e 25, leia o trecho do drama Macário, de Álvares de Azevedo.

MACÁRIO (chega à janela): Ó mulher da casa! olá! ó de casa!

UMA VOZ (de fora): Senhor!

MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-ma aqui...

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!

A VOZ: A mala com o burro?

MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.

A VOZ: O senhor é o moço que chegou primeiro?

MACÁRIO: Sim. Mas vai ver o burro.

A VOZ: Um moço que parece estudante?

MACÁRIO: Sim. Mas anda com a mala.

A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?

MACÁRIO: Esse diabo é doido! Vai a pé, ou monta numa vassoura como tua mãe!

A VOZ: Descanse, moço. O burro há de aparecer.

Quando madrugarem iremos procurar.

OUTRA VOZ: Havia de ir pelo caminho do Nhô Quito. Eu conheço o burro...

MACÁRIO: E minha mala?

A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes!...

MACÁRIO (fecha a janela): Malditos! (atira com uma cadeira no chão)

O DESCONHECIDO: Que tendes, companheiro?

MACÁRIO: Não vedes? O burro fugiu...

O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...

MACÁRIO: Porém a raiva...

[...]

O DESCONHECIDO: A mala não pareceu-me muito cheia. Senti alguma coisa sacolejar dentro. Alguma garrafa de vinho?

MACÁRIO: Não! não! mil vezes não! Não concebeis, uma perda imensa, irreparável... era o meu cachimbo...

O DESCONHECIDO: Fumais?

MACÁRIO: Perguntai de que serve o tinteiro sem tinta, a viola sem cordas, o copo sem vinho, a noite sem mulher – não me pergunteis se fumo!

O DESCONHECIDO (dá-lhe um cachimbo): Eis aí um cachimbo primoroso.

[...]

MACÁRIO: E vós?

O DESCONHECIDO: Não vos importeis comigo. (tira outro cachimbo e fuma)

MACÁRIO: Sois um perfeito companheiro de viagem. Vosso nome?

O DESCONHECIDO: Perguntei-vos o vosso?

MACÁRIO: O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro.

Pois eu sou um estudante. Vadio ou estudioso, talentoso ou estúpido, pouco importa. Duas palavras só: amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo.

O DESCONHECIDO: Tocai! Sois um digno rapaz. (apertam a mão)

MACÁRIO: Gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema, mais de um beijo que do soneto mais harmonioso. Quanto ao canto dos passarinhos, ao luar sonolento, às noites límpidas, acho isso sumamente insípido. Os passarinhos sabem só uma cantiga. O luar é sempre o mesmo. Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.

O DESCONHECIDO: E a poesia?

MACÁRIO: Enquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem. Hoje trocou-se em moeda de cobre; não há mendigo, nem caixeiro de taverna que não tenha esse vintém **azinhavrado**. Entendeis-me?

O DESCONHECIDO: Entendo. A poesia, de popular tornou-se vulgar e comum. Antigamente faziam-na para o povo; hoje o povo fá-la... para ninguém...

(Álvares de Azevedo. Macário/Noite na taverna, 2002.)

azinhavrado: coberto de azinhavre (camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido).

“MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-na aqui...”

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!

A VOZ: A mala com o burro?

MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.”

Para produzir o efeito cômico desse diálogo, o autor lança mão do recurso expressivo denominado

- antítese: a oposição, numa mesma expressão ou frase, de duas palavras ou de dois pensamentos de sentidos contrários.
- eufemismo: o emprego de palavra ou expressão no lugar de outra palavra ou expressão considerada desagradável.
- hipérbole: a ênfase resultante do exagero na expressão ou na comunicação de uma ideia.
- ambiguidade: a presença, num texto, de unidades linguísticas que podem significar coisas diferentes.
- personificação: a atribuição de características humanas a seres inanimados ou irracionais.

25. Unesp 2022 (Adapt.) Observa-se expressão empregada em sentido figurado na seguinte fala:

- “MACÁRIO: Não vedes? O burro fugiu...”
- “A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes!...”
- “A VOZ: Descanse, moço. O burro há de aparecer. Quando madrugarem iremos procurar.”
- “O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...”
- “A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?”

26. Famerp-SP 2022 (Adapt.) Leia o poema “Vaso chinês”, de Alberto de Oliveira, para responder à questão.

Vaso chinês

Estranho mimo aquele vaso! Vi-o.
Casualmente, uma vez, de um perfumado
Contador sobre o **mármor** luzidio,
Entre um leque e o começo de um bordado.

Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio
Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.

Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim
Também lá estava a singular figura;

Que arte em pintá-la! a gente acaso vendo-a,
Sentia um não sei quê com aquele **chim**
De olhos cortados à feição de amêndoa.

(www.academia.org.br)

contador: armário, penteadeira.

mármor: mármore.

chim: chinês.

A sinestesia é a figura de linguagem na qual duas ou mais sensações associadas a diferentes órgãos dos sentidos se mesclam numa mesma expressão. Ocorre sinestesia em:

- “Fino artista chinês, enamorado,
Nele pusera o coração doentio” (2ª estrofe)
- Em rubras flores de um sutil lavrado,
Na tinta ardente, de um calor sombrio.” (2ª estrofe)
- Estranho mimo aquele vaso! Vi-o.” (1ª estrofe)
- “Mas, talvez por contraste à desventura,
Quem o sabe?... de um velho mandarim” (3ª estrofe)
- “De olhos cortados à feição de amêndoa.” (4ª estrofe)

27. Unifesp 2016 Leia o excerto da crônica “Mineirinho”, de Clarice Lispector (1925-1977), publicada na revista *Senhor*, em 1962, para responder à questão.

É, suponho que é em mim, como um dos representantes de nós, que devo procurar por que está doendo a morte de um **facínora**. E por que é que mais me adianta contar os treze tiros que mataram **Mineirinho** do que os seus crimes. Perguntei a minha cozinheira o que pensava sobre o assunto. Vi no seu rosto a pequena convulsão de um conflito, o mal-estar de não entender o que se sente, o de precisar traçar sensações contraditórias por não saber como harmonizá-las. Fatos irreduzíveis, mas revolta irreduzível também, a violenta compaixão da revolta. Sentir-se dividido na própria perplexidade diante de não poder esquecer que Mineirinho era perigoso e já matara demais; e no entanto nós o queríamos vivo. A cozinheira se fechou um pouco, vendo-me talvez como a justiça que se vingava. Com alguma raiva de mim, que estava mexendo na sua alma, respondeu fria: “O que eu sinto não serve para se dizer. Quem não sabe que Mineirinho era criminoso? Mas tenho certeza de que ele se salvou e já entrou no céu”. Respondi-lhe que “mais do que muita gente que não matou”.

Por quê? No entanto a primeira lei, a que protege corpo e vida insubstituíveis, é a de que não matarás. Ela é a minha maior garantia: assim não me matam, porque eu

não quero morrer, e assim não me deixam matar, porque ter matado será a escuridão para mim.

Esta é a lei. Mas há alguma coisa que, se me faz ouvir o primeiro e o segundo tiro com um alívio de segurança, no primeiro me deixa alerta, no quarto desassossegada, o quinto e o sexto me cobrem de vergonha, o sétimo e o oitavo eu ouço com o coração batendo de horror, no nono e no décimo minha boca está trêmula, no décimo primeiro digo em espanto o nome de Deus, no décimo segundo chamo meu irmão. O décimo terceiro tiro me assassina – porque eu sou o outro. Porque eu quero ser o outro.

Essa justiça que vela meu sono, eu a repudio, humilhada por precisar dela. Enquanto isso durmo e falsamente me salvo. Nós, os sonsos essenciais. Para que minha casa funcione, exijo de mim como primeiro dever que eu seja sonsa, que eu não exerça a minha revolta e o meu amor, guardados. Se eu não for sonsa, minha casa estremece. Eu devo ter esquecido que embaixo da casa está o terreno, o chão onde nova casa poderia ser erguida. Enquanto isso dormimos e falsamente nos salvamos. Até que treze tiros nos acordam, e com horror digo tarde demais – vinte e oito anos depois que Mineirinho nasceu – que ao homem acuado, que a esse não nos matem. Porque sei que ele é o meu erro. E de uma vida inteira, por Deus, o que se salva às vezes é apenas o erro, e eu sei que não nos salvaremos enquanto nosso erro não nos for precioso. Meu erro é o meu espelho, onde vejo o que em silêncio eu fiz de um homem. Meu erro é o modo como vi a vida se abrir na sua carne e me espantei, e vi a matéria de vida, placenta e sangue, a lama viva. Em Mineirinho se rebentou o meu modo de viver.

(Clarice Lispector. *Para não esquecer*, 1999.)

facínora: diz-se de ou indivíduo que executa um crime com crueldade ou perversidade acentuada.

mineirinho: apelido pelo qual era conhecido o criminoso carioca José Miranda Rosa. Acuado pela polícia, acabou crivado de balas e seu corpo foi encontrado à margem da Estrada Grajaú-Jacarepaguá, no Rio de Janeiro.

A gradação presente no terceiro parágrafo tem a função de

- justificar a necessidade da violência policial.
- ressaltar a desproporção da ação policial.
- ênfatizar a legitimidade da justiça humana.
- realçar o caráter vingativo da justiça divina.
- ironizar o mandamento “Não matarás”.

- 28 Unesp 2017** Para responder à questão a seguir, leia a letra da canção “Deus lhe pague”, do compositor Chico Buarque (1944-), composta em 1971.

Por esse pão pra comer, por esse chão pra dormir
A certidão pra nascer e a concessão pra sorrir
Por me deixar respirar, por me deixar existir
Deus lhe pague

Pelo prazer de chorar e pelo “estamos aí”
Pela piada no bar e o futebol pra aplaudir
Um crime pra comentar e um samba pra distrair
Deus lhe pague

Por essa praia, essa saia, pelas mulheres daqui
O amor malfeito depressa, fazer a barba e partir
Pelo domingo que é lindo, novela, missa e gibi
Deus lhe pague

Pela cachaça de graça que a gente tem que engolir
Pela fumaça, desgraça, que a gente tem que tossir
Pelos andaimes, pingentes, que a gente tem que cair
Deus lhe pague

Por mais um dia, agonia, pra suportar e assistir
Pelo rangido dos dentes, pela cidade a zunir
E pelo grito demente que nos ajuda a fugir
Deus lhe pague

Pela mulher carpideira pra nos louvar e cuspir
E pelas moscas-bicheiras a nos beijar e cobrir
E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir
Deus lhe pague

www.chicobuarque.com.br.

O eufemismo consiste em atenuar o sentido desagradável de uma palavra ou expressão, substituindo-a por outra, capaz de suavizar seu significado.

Celso Cunha. *Gramática essencial*, 2013. Adaptado.

Transcreva o verso em que se verifica a ocorrência de eufemismo. Justifique sua resposta.

29. Fuvest-SP 2017

Capítulo LIII

Virgília é que já se não lembrava da meia dobra; toda ela estava concentrada em mim, nos meus olhos, na minha vida, no meu pensamento; – era o que dizia, e era verdade.

Há umas plantas que nascem e crescem depressa; outras são tardias e pecas. O nosso amor era daquelas; brotou com tal ímpeto e tanta seiva, que, dentro em pouco, era a mais vasta, folhuda e exuberante criatura dos bosques. Não lhes poderei dizer, ao certo, os dias que durou esse crescimento. Lembra-me, sim, que, em certa noite, abotoou-se a flor, ou o beijo, se assim lhes quiserem chamar, um beijo que ela me deu, trêmula, – coitadinha, – trêmula de medo, porque era ao portão da chácara. Uniu-nos esse beijo único, – breve como a ocasião, ardente como o amor, ¹ prólogo de uma vida de delícias, de terrores, de remorsos, de ² prazeres que rematavam em dor, de aflições que desabrochavam em alegria, – uma ³ hipocrisia paciente e sistemática, único freio de uma ⁴ paixão sem freio, – vida de agitações, de cóleras, de desesperos e de ciúmes, que uma hora pagava à farta e de sobra; mas outra hora vinha e engolia aquela, como tudo mais, para deixar à tona as agitações e o resto, e o resto do resto, que é o fastio e a saciedade: tal foi o ⁵ livro daquele prólogo.

Machado de Assis, *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Dentre os recursos expressivos empregados no texto, tem papel preponderante a

- metonímia (uso de uma palavra fora do seu contexto semântico normal, com base na relação de contiguidade existente entre ela e o referente).
- hipérbole (ênfase expressiva resultante do exagero da significação linguística).
- alegoria (sequência de metáforas logicamente ordenadas).
- sinestesia (associação de palavras ou expressões em que ocorre combinação de sensações diferentes numa só impressão).
- prosopopeia (atribuição de sentimentos humanos ou de palavras a seres inanimados ou a animais).

30. ITA-SP 2016 A questão a seguir refere-se ao seguinte texto:

¹Vou confessar um pecado: às vezes, faço maldades. Mas não faço por mal. Faço o que faziam os mestres zen com seus “koans”. “Koans” eram rasteiras que os mestres passavam no pensamento dos discípulos. Eles sabiam que só se aprende o novo quando as certezas velhas caem. E acontece que eu gosto de passar rasteiras em certezas de jovens e de velhos...

Pois o que eu faço é o seguinte. Lá estão os jovens nos semáforos, de cabeças raspadas e caras pintadas, na maior alegria, celebrando o fato de terem passado no vestibular. Estão pedindo dinheiro para a festa! Eu paro o carro, abro a janela e na maior seriedade digo: “Não vou dar dinheiro. Mas vou dar um conselho. Sou professor emérito da Unicamp. ²O conselho é este: salvem-se enquanto é tempo!”. ³Aí o sinal fica verde e eu continuo.

“Mas que desmancha-prazeres você é!”, vocês me dirão. É verdade. Desmancha-prazeres. Prazeres inocentes baseados no engano. Porque aquela alegria toda se deve precisamente a isto: eles estão enganados.

Estão alegres porque acreditam que a universidade é a chave do mundo. ⁴Acabaram de chegar ao último patamar. ⁵As celebrações têm o mesmo sentido que os eventos iniciáticos – nas culturas ditas primitivas, ⁶as provas a que têm de se submeter os jovens que passaram pela puberdade. Passadas as provas e os seus sofrimentos, os jovens deixaram de ser crianças. Agora são adultos, com todos os seus direitos e deveres. Podem assentar-se na roda dos homens. Assim como os nossos jovens agora podem dizer: “Deixei o cursinho. Estou na universidade”.

Houve um tempo em que as celebrações eram justas. Isso foi há muito tempo, quando eu era jovem. Naqueles tempos, um diploma universitário era garantia de trabalho. Os pais se davam como prontos para morrer quando uma destas coisas acontecia: 1) a filha se casava. Isso garantia o seu sustento pelo resto da vida; 2) a filha tirava o diploma de normalista. Isso garantiria o seu sustento caso não casasse; 3) o filho entrava para o Banco do Brasil; 4) o filho tirava diploma.

⁷O diploma era mais que garantia de emprego. Era um atestado de nobreza. Quem tirava diploma não precisava trabalhar com as mãos, ⁸como os mecânicos, pedreiros e carpinteiros, que tinham mãos rudes e sujas.

Para provar para todo mundo que não trabalhavam com as mãos, os diplomados tratavam de pôr no dedo um anel com pedra colorida. Havia pedras para todas as profissões: médicos, advogados, músicos, engenheiros. Até os bispos tinham suas pedras.

(Ah! Ia me esquecendo: os pais também se davam como prontos para morrer quando o filho entrava para o seminário para ser padre – aos 45 anos seria bispo – ou para o exército para ser oficial – aos 45 anos seria general.)

Essa ilusão continua a morar na cabeça dos pais e é introduzida na cabeça dos filhos desde pequenos. ⁹Profissão honrosa é profissão que tem diploma universitário. Profissão rendosa é a que tem diploma universitário. Cria-se, então, a fantasia de que as únicas opções de profissão são aquelas oferecidas pelas universidades.

Quando se pergunta a um jovem “O que é que você vai fazer?”, o sentido dessa pergunta é “Quando você for preencher os formulários do vestibular, qual das opções oferecidas você vai escolher?”. E as opções não oferecidas? Haverá alternativas de trabalho que não se encontram nos formulários de vestibular?

Como todos os pais querem que seus filhos entrem na universidade e (quase) todos os jovens querem entrar na universidade, ¹⁰configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo, de pessoas desejosas de diplomas e prontas a pagar o preço. Enquanto houver jovens que não passam nos vestibulares das universidades do Estado, haverá mercado para a criação de universidades particulares. É um bom negócio.

¹¹Alegria na entrada. Tristeza ao sair. Forma-se, então, a multidão de jovens com diploma na mão, mas que não conseguem arranjar emprego. Por uma razão aritmética: o número de diplomados é muitas vezes maior que o número de empregos.

Já sugeri que os jovens que entram na universidade deveriam aprender, junto com o curso “nobre” que frequentam, um ofício: marceneiro, mecânico, cozinheiro, jardineiro, técnico de computador, eletricitista, encanador, descupinizador, motorista de trator... O rol de ofícios possíveis é imenso. Pena que, nas escolas, as crianças e os jovens não sejam informados sobre essas alternativas, por vezes mais felizes e mais rendosas.

¹²Tive um amigo professor que foi guindado, contra a sua vontade, à posição de reitor de um grande colégio americano no interior de Minas. Ele odiava essa posição porque era obrigado a fazer discursos. ¹³E ele tremia de medo de fazer discursos. Um dia ele desapareceu sem explicações. Voltou com a família para o seu país, os Estados Unidos. Tempos depois, encontrei um amigo comum e perguntei: “Como vai o Fulano?”. Respondeu-me: “Felicíssimo. ¹⁴É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país!”.

(Rubem Alves. Diploma não é solução, *Folha de S.Paulo*, 25/05/2004.)

Assinale a opção em que o segmento NÃO apresenta a figura de pensamento a ele atribuída.

a)	[...] às vezes, faço maldade. Mas não faço por mal. (referência 1)	Paradoxo
b)	[...] configura-se um mercado imenso, mas imenso mesmo (referência 10)	Gradação
c)	Alegria na entrada. Tristeza ao sair. (referência 11)	Antítese
d)	E ele tremia de medo de fazer discursos. (referência 13)	Ironia
e)	É motorista de um caminhão gigantesco que cruza o país (referência 14)	Hipérbole

31. **Inspers-SP 2012** Ah, Scarlett, mulher sinestesia, seu nome tem o som da cor dos seus lábios: Scarlett, scarlet, escarlate. (Álvaro Pereira Júnior, em referência à atriz Scarlett Johansson. *Folha de S.Paulo*, 17/09/2011)

O que melhor explica o aposto “mulher sinestesia” atribuído à atriz é o(a)

- a) jogo de palavras com apelo sonoro ao final do período.
 - b) enumeração ascendente que intensifica a ideia relacionada à cor vermelha.
 - c) junção de planos sensoriais diferentes numa só impressão.
 - d) modo exagerado e dramático como o autor se refere à beleza da atriz.
 - e) personificação dos lábios da mulher, atribuindo-lhe vida própria.
32. **Unesp 2020** Para responder à questão a seguir, leia o trecho de uma carta enviada por Antônio Vieira ao rei D. João IV em 4 de abril de 1654.

No fim da carta de que **V. M.** me fez mercê me manda V. M. diga meu parecer sobre a conveniência de haver neste estado ou dois capitães-mores ou um só governador.

Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece.

Digo que menos mal será um ladrão que dois; e que mais dificultoso serão de achar dois homens de bem que um. Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam: um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Tais são os dois capitães-mores em que se repartiu este governo: Baltasar de Sousa não tem nada, Inácio do Rego não lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cobiça. Tudo quanto há na capitania do Pará, tirando as terras, não vale 10 mil cruzados, como é notório, e desta terra há-de tirar Inácio do Rego mais de 100 mil cruzados em três anos, segundo se lhe vão logrando bem as indústrias.

Tudo isto sai do sangue e do suor dos tristes índios, aos quais trata como tão escravos seus, que nenhum tem liberdade nem para deixar de servir a ele nem para poder servir a outrem; o que, além da injustiça que se faz aos índios, é ocasião de padecerem muitas necessidades os portugueses e de perecerem os pobres. Em uma capitania destas confessei uma pobre mulher, das que vieram das Ilhas, a qual me disse com muitas lágrimas que, dos nove filhos que tivera, lhe morreram em três meses cinco filhos, de pura fome e desamparo; e, consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeu-me: “Padre, não são esses os por que eu choro, senão pelos quatro que tenho vivos sem ter com que os sustentar, e peço a Deus todos os dias que me os leve também.”

São lastimosas as misérias que passa esta pobre gente das Ilhas, porque, como não têm com que agradecer, se algum índio se reparte não lhe chega a eles, senão aos poderosos; e é este um desamparo a que V. M. por piedade deverá mandar acudir.

Tornando aos índios do Pará, dos quais, como dizia, se serve quem ali governa como se foram seus escravos,

e os traz quase todos ocupados em seus interesses, principalmente no dos tabacos, obriga-me a consciência a manifestar a V. M. os grandes pecados que por ocasião deste serviço se cometem.

(Sérgio Rodrigues (org.). *Cartas brasileiras*, 2017. Adaptado.)

V. M.: Vossa Majestade.

Sempre que haja necessidade expressiva de reforço, de ênfase, pode o objeto direto vir repetido. Essa reiteração recebe o nome de objeto direto pleonástico.

(Adriano da Gama Kury. *Novas lições de análise sintática*, 1997. Adaptado.)

Antônio Vieira recorre a esse recurso expressivo em:

- a) “Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam” (3º parágrafo)
- b) “e, consolando-a eu pela morte de tantos filhos, respondeu-me” (4º parágrafo)
- c) “e desta terra há-de tirar Inácio do Rego mais de 100 mil cruzados em três anos, segundo se lhe vão logrando bem as indústrias” (3º parágrafo)
- d) “São lastimosas as misérias que passa esta pobre gente das Ilhas” (5º parágrafo)
- e) “Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos” (2º parágrafo)

33. ESPM 2017



Acrobata da Dor

Gargalha, ri, num riso de tormenta, como um palhaço, que desengonçado, nervoso, ri, num riso absurdo, inflado de uma ironia e de uma dor violenta.

Da gargalhada atroz, sanguinolenta, agita os guizos, e convulsionado salta, **gavroche**, salta clown, varado pelo **estertor** dessa agonia lenta...

Pedem-se bis e um bis não se despreza! Vamos! retesa os músculos, retesa nessas macabras piruetas d’aço...

E embora caias sobre o **chão**, **freme**nte, afogado em teu sangue **estuoso** e quente, ri! Coração, tristíssimo palhaço.

(Cruz e Sousa)

gavroche: garotos de Paris, figuradamente artista.
estertor: respiração anormal própria de moribundos.
fremente: vibrante, agitado, violento.
estuoso: que ferve, ardente, febril.

Assinale a alternativa em que a indicação entre parênteses não está de acordo com o verso:

- a) “Gargalha, ri, num riso de tormenta,” (pleonasma vicioso)
- b) “salta, gavroche, salta clown, varado” (assonância)
- c) “Da gargalhada atroz, sanguinolenta,” (sinestesia)
- d) “nessas macabras piruetas d’ aço...” (metáfora)
- e) “afogado em teu sangue estuoso e quente,” (aliteração)

34. UFGD-MS 2022



FREITAS, Digo. Disponível em: <https://digofreitas.com>. Acesso em: 02 nov. 2021.

Com base na tirinha Mamu e Le Fan, de autoria de Digo Freitas, assinale a alternativa correta.

- a) Os personagens discutem sobre as inovações tecnológicas e como a Internet tem facilitado o acesso a conteúdos, antes encontrados apenas em livros raros e estrangeiros.
- b) A facilidade de acesso à informação por parte das novas gerações, por si só, justifica a falência do sistema educacional independentemente da plataforma utilizada.
- c) Há ironia na fala do personagem, no segundo quadrinho, ao apresentar uma alternativa de estudo que possa suprir as necessidades de aprendizado de seu interlocutor.
- d) Um dos personagens deveria ser excluído da cena e suas falas canceladas, uma vez que sua opinião contraria a expectativa do colega e torna a tirinha politicamente incorreta.
- e) É evidente o preconceito dos personagens em relação à educação a distância, pois ambos assumem que é impossível aprender algo de qualidade pela Internet, por mais que se assistam aos vídeos tutoriais.

35. Unifesp 2020 Leia a crônica “Inconfiáveis cupins”, de Moacyr Scliar, para responder à questão a seguir.

Havia um homem que odiava Van Gogh. Pintor desconhecido, pobre, atribuía todas suas frustrações ao artista holandês. Enquanto existirem no mundo aqueles horríveis girassóis, aquelas estrelas tumultuadas, aqueles ciprestes deformados, dizia, não poderei jamais dar vazão ao meu instinto criador.

Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh, onde quer que estivessem. Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo.

Seu plano era de uma simplicidade diabólica. Não faria como outros destruidores de telas que entram num museu armados de facas e atiram-se às obras, tentando destruí-las; tais insanos não apenas não conseguem seu intento, como acabam na cadeia. Não, usaria um método científico, recorrendo a aliados absolutamente insuspeitados: os cupins.

Deu-lhe muito trabalho, aquilo. Em primeiro lugar, era necessário treinar os cupins para que atacassem as telas de Van Gogh. Para isso, recorreu a uma técnica pavloviana. Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada. Dessa forma, os insetos aprenderam a diferenciar tais obras de outras.

Mediante cruzamentos sucessivos, obteve um tipo de cupim que só queria comer Van Gogh. Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava.

Conseguiu introduzir os cupins no museu e ficou à espera do que aconteceria. Sua decepção, contudo, foi enorme. Em vez de atacar as obras de arte, os cupins preferiram as vigas de sustentação do prédio, feitas de madeira absolutamente vulgar. E por isso foram detectados.

O homem ficou furioso. Nem nos cupins se pode confiar, foi a sua desconsolada conclusão. É verdade que alguns insetos foram encontrados próximos a telas de Van Gogh. Mas isso não lhe serviu de consolo. Suspeitava que os sádicos cupins estivessem querendo apenas debochar dele. Cupins e Van Gogh, era tudo a mesma coisa.

(O imaginário cotidiano, 2002.)

Observa-se a elipse de um substantivo no trecho:

- a) “Para ele era repulsivo, mas para os insetos era agradável, e isso era o que importava” (5º parágrafo)
- b) “Começaria pelas mais próximas, as do Museu de Arte Moderna de São Paulo” (2º parágrafo)
- c) “Decidiu mover uma guerra implacável, sem quartel, às telas de Van Gogh” (2º parágrafo)
- d) “Seu plano era de uma simplicidade diabólica” (3º parágrafo)
- e) “Reproduções das telas do artista, em tamanho natural, eram recobertas com uma solução açucarada” (4º parágrafo)

36. Unesp 2017 Leia o trecho extraído do artigo “Cosmologia, 100”, de Antonio Augusto Passos Videira e Cássio Leite Vieira, para responder à questão a seguir.

“Vou conduzir o leitor por uma estrada que eu mesmo percorri, árdua e sinuosa.” A frase – que tem algo da essência do hoje clássico *A estrada não percorrida* (1916), do poeta norte-americano Robert Frost (1874-1963) – está em um artigo científico publicado há cem anos, cujo teor constitui um marco histórico da civilização.

Pela primeira vez, cerca de 50 mil anos depois de o *Homo sapiens* deixar uma mão com tinta estampada em uma pedra, a humanidade era capaz de descrever matematicamente a maior estrutura conhecida: o Universo. A façanha intelectual levava as digitais de Albert Einstein (1879-1955).

Ao terminar aquele artigo de 1917, o físico de origem alemã escreveu a um colega dizendo que o que produzira o habitaria a ser “internado em um hospício”. Mais tarde, referiu-se ao arcabouço teórico que havia construído como um “castelo alto no ar”.

O Universo que saltou dos cálculos de Einstein tinha três características básicas: era finito, sem fronteiras e estático – o derradeiro traço alimentaria debates e traria arrependimento a Einstein nas décadas seguintes.

Em “Considerações Cosmológicas na Teoria da Relatividade Geral”, publicado em fevereiro de 1917 nos *Anais da Academia Real Prussiana de Ciências*, o cientista construiu (de modo muito visual) seu castelo usando as ferramentas que ele havia forjado pouco antes: a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.

Esse bloco matemático impenetrável (mesmo para físicos) nada mais é do que uma teoria que explica os fenômenos gravitacionais. Por exemplo, por que a Terra gira em torno do Sol ou por que um buraco negro devora avidamente luz e matéria.

Com a introdução da relatividade geral, a teoria da gravitação do físico britânico Isaac Newton (1642-1727) passou a ser um caso específico da primeira, para situações em que massas são bem menores do que as das estrelas e em que a velocidade dos corpos é muito inferior à da luz no vácuo (300 mil km/s).

Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia, “Teoria da Relatividade Especial e Geral”, na qual populariza suas duas teorias, incluindo a de 1905 (especial), na qual mostrara que, em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.

Tamanho esforço intelectual e total entrega ao raciocínio cobraram seu pedágio: Einstein adoeceu, com problemas no fígado, icterícia e úlcera. Seguiu debilitado até o final daquela década.

Se deslocados de sua época, Einstein e sua cosmologia podem ser facilmente vistos como um ponto fora da reta. Porém, a historiadora da ciência britânica Patricia Fara lembra que aqueles eram tempos de “cosmologias”, de visões globais sobre temas científicos. Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener (1880-1930), marcada por uma visão cosmológica da Terra.

Fara dá a entender que várias áreas da ciência, naquele início de século, passaram a olhar seus objetos de pesquisa por meio de um prisma mais amplo, buscando dados e hipóteses em outros campos do conhecimento.

Folha de S.Paulo, 01.01.2017. Adaptado.

Emprega-se a vírgula para indicar, às vezes, a elipse do verbo: “Ele sai agora: eu, logo mais.”

Evanildo Bechara. *Moderna gramática portuguesa*, 2009. Adaptado.

Verifica-se a ocorrência de vírgula para indicar a elipse do verbo no seguinte trecho:

- a) “Entre essas duas obras de respeito (de 1915 e de 1917), impressiona o fato de Einstein ter achado tempo para escrever uma pequena joia [...]” (8º parágrafo)
- b) “[...] em certas condições, o espaço pode encurtar, e o tempo, dilatar.” (8º parágrafo)
- c) “[...] a teoria da relatividade geral, finalizada em 1915, esquema teórico já classificado como a maior contribuição intelectual de uma só pessoa à cultura humana.” (5º parágrafo)
- d) “[...] Einstein adoeceu, com problemas no fígado, icterícia e úlcera.” (9º parágrafo)
- e) “Ela cita, por exemplo, a teoria da deriva dos continentes, do geólogo alemão Alfred Wegener [...]” (10º parágrafo)

37. Unicamp-SP 2016

É possível fazer educação de qualidade sem escola

É possível fazer educação embaixo de um pé de manga? Não só é, como já acontece em 20 cidades brasileiras e em Angola, Guiné-Bissau e Moçambique.

Decepcionado com o processo de “ensinagem”, o antropólogo Tião Rocha pediu demissão do cargo de professor da UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto) e criou em 1984 o CPCD (Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento).

Curvelo, no Sertão mineiro, foi o laboratório da “escola” que abandonou mesa, cadeira, lousa e giz, fez das ruas a sala de aula e envolveu crianças e familiares na pedagogia da roda. “A roda é um lugar da ação e da reflexão, do ouvir e do aprender com o outro. Todos são educadores, porque estão preocupados com a aprendizagem. É uma construção coletiva”, explica.

O educador diz que a roda constrói consensos. “Porque todo processo eletivo é um processo de exclusão, e tudo que exclui não é educativo. Uma escola que seleciona não educa, porque excluiu alguns. A melhor pedagogia é aquela que leva todos os meninos a aprenderem. E todos podem aprender, só que cada um no seu ritmo, não podemos uniformizar.”

Nesses 30 anos, o educador foi engrossando seu dicionário de terminologias educacionais, todas calçadas no saber popular: surgiu a pedagogia do abraço, a pedagogia do brinquedo, a pedagogia do sabão e até oficinas de cafuné. Esta última foi provocada depois que um garoto perguntou: “Tião, como faço para conquistar uma moleca?” Foi a deixa para ele colocar questões de sexualidade na roda.

Para resolver a falência da educação, Tião inventou uma UTI educacional, em que “mães cuidadoras” fazem “biscoito escrivido” e “folia do livro” (biblioteca em forma de festa) para ajudar na alfabetização. E ainda colocou em uso termos como “empodimento”, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: “Pode [fazer tal coisa], Tião?” Seguida da resposta certa: “Pode, pode tudo”.

Aos 66 anos, Tião diz estar convicto de que a escola do futuro não existirá e que ela será substituída por espaços de aprendizagem com todas as ferramentas possíveis e necessárias para os estudantes aprenderem.

“Educação se faz com bons educadores, e o modelo escolar arcaico aprisiona e há décadas dá sinais de falência. Não precisamos de sala, precisamos de gente. Não precisamos de prédio, precisamos de espaços de aprendizado. Não precisamos de livros, precisamos ter todos os instrumentos possíveis que levem o menino a aprender.”

Sem pressa, seguindo a Carta da Terra e citando Ariano Suassuna para dizer que “terceira idade é para fruta: verde, madura e podre”, Tião diz se sentir “privilegiado” de viver o que já viveu e acreditar na utopia de não haver mais nenhuma criança analfabeta no Brasil. “Isso não é uma política de governo, nem de terceiro setor, é uma questão ética”, pontua.

(Qsocial, 09/12/2014. Disponível em http://www.cpcd.org.br/portfolio/e_possivel_fazer_educacao_de_qualidade_100_escola/.)

Em relação ao trecho “E ainda colocou em uso termos como ‘empodimento’, após várias vezes ser questionado pelas comunidades: ‘Pode [fazer tal coisa], Tião?’ Seguida da resposta certa: ‘Pode, pode tudo’”, é correto afirmar:

- a) A expressão “Seguida da resposta certa” indica a elipse de uma outra expressão.
- b) A criação da palavra “empodimento” é resultado de um processo: sufixação.
- c) A repetição do verbo no enunciado “Pode, pode tudo” exemplifica o estilo reiterativo do texto.
- d) O discurso direto presente no trecho tem a função de dar voz às comunidades.

38. Unesp 2015 A questão focaliza um trecho de uma crônica do escritor Graciliano Ramos (1892-1953).

Para chegar ao soberbo resultado de transformar a banha em fibra, aí vem o futebol.

Mas por que o futebol?

Não seria, porventura, melhor exercitar-se a mocidade em jogos nacionais, sem mescla de estrangeirismo, o murro, o cacete, a faca de ponta, por exemplo?

Não é que me repugne a introdução de coisas exóticas entre nós. Mas gosto de indagar se elas serão assimiláveis ou não.

No caso afirmativo, seja muito bem-vinda a instituição alheia, fecundemo-la, arranjemos nela um filho híbrido que possa viver cá em casa. De outro modo, resignemo-nos às broncas tradições dos sertanejos e dos matutos. Ora, parece-me que o futebol não se adapta a estas boas paragens do cangaço. É roupa de empréstimo, que não nos serve.

Para que um costume intruso possa estabelecer-se definitivamente em um país é necessário, não só que se

harmonize com a índole do povo que o vai receber, mas que o lugar a ocupar não esteja tomado por outro mais antigo, de cunho indígena. É preciso, pois, que vá preencher uma lacuna, como diz o chavão.

¹O do futebol não preenche coisa nenhuma, pois já temos a muito conhecida bola de palha de milho, que nossos amadores **mambembes** jogam com uma perícia que deixaria o mais experimentado *sportman* britânico de queixo caído.

Os campeões brasileiros não teriam feito a figura triste que fizeram em Antuérpia se a bola figurasse nos programas das Olimpíadas e estivessem a disputá-la quatro sujeitos de pulso. Apenas um representante nosso conseguiu ali distinguir-se, no tiro de revólver, o que é pouco lisonjeiro para a vaidade de um país em que se fala tanto. Aqui seria muito mais fácil o indivíduo salientar-se no tiro de espingarda umbiguda, emboscado atrás de um pau.

Temos esportes em quantidade. Para que metermos o bedelho em coisas estrangeiras?

O futebol não pega, tenham a certeza. Não vale o argumento de que ele tem ganho terreno nas capitais de importância. Não confundamos.

As grandes cidades estão no litoral; isto aqui é diferente, é sertão.

As cidades regurgitam de gente de outras raças ou que pretende ser de outras raças; nós somos mais ou menos botocudos, com laivos de sangue cabinda e galego.

Nas cidades os viciados elegantes absorvem o ópio, a cocaína, a morfina; por aqui há pessoas que ainda fumam **liamba**.

(Linhas tortas, 1971.)

mambembe: medíocre, reles, de baixa condição.

liamba: cânhamo, maconha.

Na oração “O do futebol não preenche coisa nenhuma” (ref. 1) é omitida, por elipse, uma palavra empregada anteriormente:

- a) país.
- b) povo.
- c) lugar.
- d) costume.
- e) chavão.

39. Unesp 2013 A questão a seguir toma por base um fragmento de *Glória moribunda*, do poeta romântico brasileiro Álvares de Azevedo (1831-1852).

É uma visão medonha uma caveira?
Não tremas de pavor, ergue-a do lodo.
Foi a cabeça ardente de um poeta,
Outrora à sombra dos cabelos loiros.
Quando o reflexo do viver fogoso
Ali dentro animava o pensamento,
Esta fronte era bela. Aqui nas faces
Formosa palidez cobria o rosto;
Nessas órbitas — ocas, denegridas! —
Como era puro seu olhar sombrio!
Agora tudo é cinza. Resta apenas
A caveira que a alma em si guardava,
Como a concha no mar encerra a pérola,
Como a caçoula a mirra incandescente.

Tu outrora talvez desses-lhe um beijo;
Por que repugnas levantá-la agora?
Olha-a comigo! Que espaçosa frente!
Quanta vida ali dentro fermentava,
Como a seiva nos ramos do arvoredor!
E a sede em fogo das ideias vivas
Onde está? onde foi? Essa alma errante
Que um dia no viver passou cantando,
Como canta na treva um vagabundo,
Perdeu-se acaso no sombrio vento,
Como noturna lâmpada apagou-se?
E a centelha da vida, o eletrismo
Que as fibras tremulantes agitava
Morreu para animar futuras vidas?

Sorris? eu sou um louco. As utopias,
Os sonhos da ciência nada valem.
A vida é um escárnio sem sentido,
Comédia infame que ensanguenta o lodo.
Há talvez um segredo que ela esconde;
Mas esse a morte o sabe e o não revela.
Os túmulos são mudos como o vácuo.
Desde a primeira dor sobre um cadáver,
Quando a primeira mãe entre soluços
Do filho morto os membros apertava
Ao ofegante seio, o peito humano
Caiu tremendo interrogando o túmulo...
E a terra sepulcral não respondia.

(Poesias completas, 1962.)

Como a concha no mar encerra a pérola,
Como a caçoula a mirra incandescente.

Nos versos em destaque, após a palavra *caçoula*,
está subentendida, por elipse, a forma verbal

- a) teme.
- b) seca.
- c) brilha.
- d) queima.
- e) encerra.

40. Uerj ⁷De repente voltou-me a ideia de construir o livro. [...]

¹Desde então procuro descascar fatos, aqui sentado à mesa da sala de jantar [...].

Às vezes, entro pela noite, passo tempo sem fim acordando lembranças. Outras vezes não me ajeito com esta ocupação nova.

Anteontem e ontem, por exemplo, foram dias perdidos. ³Tentei de balde canalizar para termo razoável esta prosa que se derrama como a chuva da serra, e o que me apareceu foi um grande desgosto. ⁸Desgosto e a vaga compreensão de muitas coisas que sinto.

⁹Sou um homem arrasado. Doença? Não. Gozo perfeita saúde. [...] Não tenho doença nenhuma.

O que estou é velho. Cinquenta anos pelo S. Pedro. ¹⁰Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros. O resultado é que endureci, calejei, e não é um arranhão que penetra esta casca espessa e vem ferir cá dentro a sensibilidade embotada.

Cinquenta anos! Quantas horas inúteis! Consumir-se uma pessoa a vida inteira sem saber para quê!

²Comer e dormir como um porco! Como um porco! Levantar-se cedo todas as manhãs e sair correndo, procurando comida! ⁴E depois guardar comida para os filhos, para os netos, para muitas gerações. Que estupidez! [...]

⁵Coloquei-me acima da minha classe, creio que me elevei bastante. Como lhes disse, ⁶fui guia de cego, vendedor de doce e trabalhador alugado. Estou convencido de que nenhum desses ofícios me daria os recursos intelectuais necessários para engendrar esta narrativa. Magra, de acordo, mas em momentos de otimismo suponho que há nela pedaços melhores que a literatura do Gondim. Sou, pois, superior a mestre Caetano e a outros semelhantes. Considerando, porém, que os enfeites do meu espírito se reduzem a farrapos de conhecimentos apanhados sem escolha e mal cosidos, devo confessar que a superioridade que me envaidece é bem mesquinha.

[...]

Quanto às vantagens restantes – casas, terras, móveis, semoventes, consideração de políticos, etc. – é preciso viver em que tudo está fora de mim.

¹¹Julgo que me desnorteei numa errada.

GRACILIANO RAMOS. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Julgo que me desnorteei numa errada. (ref. 11)

Na sentença acima ocorre a elipse de um determinado termo, o qual, no entanto, pode-se deduzir pelo contexto e pela construção gramatical.

Esse termo está indicado em:

- a) trilha
- b) atalho
- c) desvio
- d) armadilha

41. Esc. Naval-RJ 2015 Leia o texto a seguir para responder à questão.

Os celulares

Resolvi optar pela forma de plural, pois vejo tanta gente agora com, pelo menos, dois. O que me pergunto é como se comportaria a maioria das pessoas sem celular, como viver hoje sem ele? Uma epidemia neurótica grave atacaria a população? Certamente! Quem não tem seu celular hoje em dia? Crianças, cada vez mais crianças, lidam, e bem, com ele. Apenas uns poucos retrógrados, avessos ao progresso tecnológico. A força consumista do aparelho foi crescendo com a possibilidade de suas crescentes utilizações. Me poupem de enumerá-las, pois só sei de algumas. De fato, ele faz hoje em dia de um tudo. Diria mesmo que o celular veio a modificar as relações do ser humano com a vida e com as outras pessoas.

Até que não custei tanto assim a aderir a este telefoninho! Nem posso deixar de reconhecer que ele tem me quebrado uns galhos importantes no corre-corre da vida. Mas me utilizo dele pouco e apenas para receber e efetuar ligações. Nem lembro que ele marca as horas, possui calendário. É verdade, recebi uns torpedos, e com dificuldade, enviei outros, bem raros. Imagine tirar fotos, conectá-lo à internet, ao Facebook! Não quero passar por um desajustado à vida moderna. Isto não! No computador,

por exemplo, além dos e-mails, participo de rede social, digito (mal), é verdade, meus textos, faço lá algumas compras e pesquisas... Fora dele, tenho meus cartões de crédito, efetuo pagamentos nas máquinas bancárias e, muito importante, sei de cabeça todas as minhas senhas, que vão se multiplicando. Haja memória!

Mas, no caso dos celulares, o que me chama mesmo a atenção é que as pessoas parecem não se desgrudar dele, em qualquer situação, ou ligando para alguém, ou entrando em contato com a internet, acompanhando o movimento das postagens do face, ou mesmo brincando com seus joguinhos, como procedem alguns taxistas, naqueles instantes em que param nos sinais ou em que o trânsito está emperrado.

Não há como negar, contudo, que esta utilização constante do aparelhinho tem causado desconfortos sociais. Comenta a Danuza Leão: “Outro dia fui a um jantar com mais seis pessoas e todas elas seguravam um celular. Pior, duas delas, descobri depois, trocavam torpedos entre elas.” Me sinto muito constrangido quando, num grupo, em torno de uma mesa, tem alguém, do meu lado, falando, sem parar, pelo celular. Pior, bem pior, quando estou só com alguém, e esta pessoa fica atendendo ligações contínuas, algumas delas com aquela voz abafada, sussurrante... Pode? É frequente um casal se sentar a uma mesa colada à minha, em um restaurante e, depois, feitos os pedidos aos garçons, a mulher e o homem tomam, de imediato, os seus respectivos celulares. E ficam neles conversando quase o tempo todo, mesmo após o início da refeição. Se é um casal de certa idade, podem me argumentar, não devia ter mais nada para conversar. Afinal, casados há tanto tempo! Porém, vejo também casais bem mais jovens, com a mesma atitude, consultando, logo ao se sentarem, os celulares para ver o movimento nas redes sociais, ou enviando torpedos, a maior parte do tempo. Clima de namoro, de sedução, é que não brotava dali. Talvez, alguém parece ter murmurado, em meu ouvido, assim os casais encontraram uma maneira eficiente de não discutirem. Falando com pessoas não presentes ali. A tecnologia a serviço do bom entendimento, de uma refeição em paz.

Mas vivencio sempre outras situações em que o uso do celular me prende a atenção. Entrei em um consultório médico, uma senhora aguardava sua vez na sala de espera. Deu para perceber que ela acabava de desligar seu aparelho. Mas, de imediato, fez outra chamada. Estava sentado próxima a ela, que falava bem alto. A ligação era para uma amiga bem íntima, estava claro pela conversa desenrolada, desenrolada mesmo. Em breves minutos, não é por nada não, fiquei sabendo de alguns “probleminhas” da vida desta senhora. Não, não vou aqui devassar dela, nem a própria me deu autorização para tal... Afinal, sou uma pessoa discreta. Não pude evitar escutar o que minha companheira de sala de espera... berrava. Para não dizer, no entanto, que não contei nada, também é descrição demais, só um pequeno detalhe, sem maior surpresa: ela estava a ponto de estrangular o marido. O homem, não posso afiançar, aprontava as suas. Do outro lado, a amiga parecia estimular bem a infeliz senhora. De repente, me impedindo de saber mais fatos, a atendente chama a senhora, chegara a sua hora de adentrar ao consultório do médico. Não sei como ela, bastante exasperada, iria enfrentar um exame, na verdade, delicado. Não deu para vê-la sair pela outra porta. É, os celulares

criaram estas situações, propiciando já a formação do que poderá vir a ser chamado de auditeurismo, que ficará, assim, ao lado do antigo voyeurismo.

(UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão. Os celulares. In: _____. A vida e o tempo em tom de conversa. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Odisseia, 2013. P. 150-153.)

Em que opção ocorre o mesmo tipo de pleonasma que no trecho “[...] só um pequeno detalhe, sem maior surpresa [...]” (5º parágrafo)?

- a) A mim, só me resta dormir e descansar.
- b) Choveu uma chuva fina durante a noite.
- c) Aos mendigos, deu-lhes dinheiro.
- d) Ele fala sem desconhecer o assunto.
- e) O diretor fará uma breve alocução esta noite.

42. Unesp 2020 Leia o excerto do romance *Clara dos Anjos*, de Lima Barreto.

Cassi Jones, sem mais percalços, se viu lançado em pleno Campo de Sant’Ana, no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar. A sua sensação era que estava numa cidade estranha. No subúrbio tinha os seus ódios e os seus amores; no subúrbio, tinha os seus companheiros, e a sua fama de violeiro percorria todo ele, e, em qualquer parte, era apontado; no subúrbio, enfim, ele tinha personalidade, era bem Cassi Jones de Azevedo; mas, ali, sobretudo do Campo de Sant’Ana para baixo, o que era ele? Não era nada. Onde acabavam os trilhos da Central, acabava a sua fama e o seu valimento; a sua fanfarrone evaporava-se, e representava-se a si mesmo como esmagado por aqueles “caras” todos, que nem o olhavam. [...]

Na “cidade”, como se diz, ele percebia toda a sua inferioridade de inteligência, de educação; a sua rusticidade, diante daqueles rapazes a conversar sobre coisas de que ele não entendia e a trocar pilhérias; em face da sofreguidão com que liam os **placards** dos jornais, tratando de assuntos cuja importância ele não avaliava, Cassi vexava-se de não suportar a leitura; comparando o desembarço com que os fregueses pediam bebidas variadas e esquisitas, lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar; olhando aquelas senhoras e moças que lhe pareciam rainhas e princesas, tal e qual o bárbaro que viu, no Senado de Roma, só reis, sentia-se humilde; enfim, todo aquele conjunto de coisas finas, de atitudes apuradas, de hábitos de polidez e urbanidade, de franqueza no gastar, reduziam-lhe a personalidade de medíocre suburbano, de vagabundo doméstico, a quase coisa alguma.

(*Clara dos Anjos*, 2012.)

placards: nome que se dava às tabuletas que traziam resultados de competições esportivas, publicados nos jornais.

- a) “no meio da multidão que jorrava das portas da Central, cheia da honesta pressa de quem vai trabalhar” (1º parágrafo). Identifique as figuras de linguagem utilizadas pelo narrador nas expressões sublinhadas.
- b) Reescreva o trecho “lembrava-se que nem mesmo o nome delas sabia pronunciar” (2º parágrafo), empregando a ordem direta e adequando-o à norma-padrão da língua escrita.

43. Unifesp 2020 Para responder à questão, leia o trecho do livro *O homem cordial*, de Sérgio Buarque de Holanda.

Já se disse, numa expressão feliz, que a contribuição brasileira para a civilização será de cordialidade — daremos ao mundo o “homem cordial”. A **lhaneza** no trato, a hospitalidade, a generosidade, virtudes tão gabadas por estrangeiros que nos visitam, representam, com efeito, um traço definido do caráter brasileiro, na medida, ao menos, em que permanece ativa e fecunda a influência ancestral dos padrões de convívio humano, informados no meio rural e patriarcal. Seria engano supor que essas virtudes possam significar “boas maneiras”, civildade. São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante. Na civildade há qualquer coisa de coercitivo — ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças. Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinários do convívio social, chega a ponto de confundir-se, por vezes, com a reverência religiosa. Já houve quem notasse este fato significativo, de que as formas exteriores de veneração à divindade, no cerimonial xintoísta, não diferem essencialmente das maneiras sociais de demonstrar respeito.

Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro. Nossa forma ordinária de convívio social é, no fundo, justamente o contrário da polidez. Ela pode iludir na aparência — e isso se explica pelo fato de a atitude polida consistir precisamente em uma espécie de mímica deliberada de manifestações que são espontâneas no “homem cordial”: é a forma natural e viva que se converteu em fórmula. Além disso a polidez é, de algum modo, organização de defesa ante a sociedade. Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência. Equivale a um disfarce que permitirá a cada qual preservar intatas sua sensibilidade e suas emoções.

Por meio de semelhante padronização das formas exteriores da cordialidade, que não precisam ser legítimas para se manifestarem, revela-se um decisivo triunfo do espírito sobre a vida. Armado dessa máscara, o indivíduo consegue manter sua supremacia ante o social. E, efetivamente, a polidez implica uma presença contínua e soberana do indivíduo.

No “homem cordial”, a vida em sociedade é, de certo modo, uma verdadeira libertação do pavor que ele sente em viver consigo mesmo, em apoiar-se sobre si próprio em todas as circunstâncias da existência. Sua maneira de expansão para com os outros reduz o indivíduo, cada vez mais, à parcela social, periférica, que no brasileiro — como bom americano — tende a ser a que mais importa. Ela é antes um viver nos outros.

(*O homem cordial*, 2012.)

lhaneza: afabilidade

Está empregado em sentido figurado o termo sublinhado em:

- a) “Detém-se na parte exterior, epidérmica do indivíduo, podendo mesmo servir, quando necessário, de peça de resistência.” (2º parágrafo)
- b) “Entre os japoneses, onde, como se sabe, a polidez envolve os aspectos mais ordinários do convívio social” (1º parágrafo)
- c) “São antes de tudo expressões legítimas de um fundo emotivo extremamente rico e transbordante.” (1º parágrafo)
- d) “Nenhum povo está mais distante dessa noção ritualista da vida do que o brasileiro.” (2º parágrafo)
- e) “Na civildade há qualquer coisa de coercitivo — ela pode exprimir-se em mandamentos e em sentenças.” (1º parágrafo)

44. Unesp 2018 (Adapt.) Para responder à questão, leia o soneto de Raimundo Correia (1859-1911).

Esbraseia o Ocidente na agonia
O sol... Aves em bandos destacados,
Por céus de ouro e de púrpura raiados,
Fogem... Fecha-se a pálpebra do dia...

Delineiam-se, além, da serra
Os vértices de chama aureolados,
E em tudo, em torno, esbatem derramados
Uns tons suaves de melancolia...

Um mundo de vapores no ar flutua...
Como uma informe nódoa, avulta e cresce
A sombra à proporção que a luz recua...

A natureza apática esmaece...
Pouco a pouco, entre as árvores, a lua
Surge trêmula, trêmula... Anoitece.

(*Poesia completa e prosa*, 1961.)

- a) Que processo o soneto de Raimundo Correia retrata?
- b) A primeira estrofe do soneto é composta por três períodos simples em ordem indireta (“Esbraseia o Ocidente na agonia / O sol”; “Aves em bandos destacados, / Por céus de ouro e de púrpura raiados, / Fogem”; e “Fecha-se a pálpebra do dia”). Reescreva esses três períodos em ordem direta.

45. FGV-SP 2016 Examine esta propaganda da década de 1930:

Lições da crise

Sómente uma organização moderníssima produz uma redução realmente eficaz das despesas que permite atravessar galhardamente épocas de crise.

Sómente a revisão DIARIA do estado financeiro d'uma empresa facilita prevenir-se contra todas as surpresas que poderiam causar serios embaraços, pondo mesmo em perigo a existência da empresa.

A aquisição d'uma Machina de Contabilidade moderna oferece as duas possibilidades:

REDUÇÃO DAS DESPESAS
REVISÃO DIARIA DO ESTADO FINANCEIRO D'UMA EMPRESA.

Entre todas as machinas de contabilidade é a mais moderna e eficaz a:

MERCEDES-ADDELEKTRA



Assim como a imagem, também o texto da propaganda contém marcas da época em que ela foi criada.

- Além da ortografia, em que essas marcas são mais numerosas e visíveis, é possível identificar, no vocabulário, algumas palavras pouco comuns em textos publicitários atuais. Cite um substantivo e um advérbio utilizados no texto que apresentem essa característica e proponha, para eles, sinônimos mais atuais.
- Também na sintaxe é possível identificar pelo menos uma frase estruturada em ordem indireta (sujeito posposto ao verbo), tendência rara hoje em dia. Reescreva-a em ordem direta.

46. Fatec-SP 2017 Leia o poema de Camilo Pessanha para responder à questão a seguir.

INTERROGAÇÃO

Não sei se isto é amor. Procuo o teu olhar,
Se alguma dor me fere, em busca de um abrigo;
E apesar disso, crês? nunca pensei num lar
Onde fosses feliz, e eu feliz contigo.
Por ti nunca chorei nenhum ideal desfeito.
E nunca te escrevi nenhuns versos românticos.
Nem depois de acordar te procurei no leito,
Como a esposa sensual do *Cântico dos Cânticos*.
Se é amar-te não sei. Não sei se te idealizo
A tua cor sadia, o teu sorriso terno...

Mas sinto-me sorrir de ver esse sorriso
Que me penetra bem, como este sol de Inverno.
Passo contigo a tarde e sempre sem receio
Da luz crepuscular, que enerva, que provoca.
Eu não demoro o olhar na curva do teu seio
Nem me lembrei jamais de te beijar na boca.
Eu não sei se é amor. Será talvez começo.
Eu não sei que mudança a minha alma pressente...
Amor não sei se o é, mas sei que te estremeço,
Que adoecia talvez de te saber doente.

(PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. São Paulo: Núcleo, 1989.)

O escritor português Camilo Pessanha faz parte da escola literária denominada Simbolismo. Assinale a alternativa que possui uma característica desse movimento artístico presente no poema.

- Elipse, pois o autor omite todos os pronomes pessoais a fim de criar musicalidade.
- Bucolismo, pois o amor faz grande reverência à natureza ao evocar a sua sonoridade.
- Aliteração, pois o autor explora a repetição harmônica e ritmada de sons consonantais.
- Determinismo, pois o meio em que vive a pessoa amada determina o ritmo de sua vida.
- Ornamentação exagerada, pois há vocabulário ritmado com exclusividade de rimas ricas.

47. **Unifesp** Leia o soneto de Cláudio Manuel da Costa para responder à questão.

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado;
Ali em vale um monte está mudado:
Quanto pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes,
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

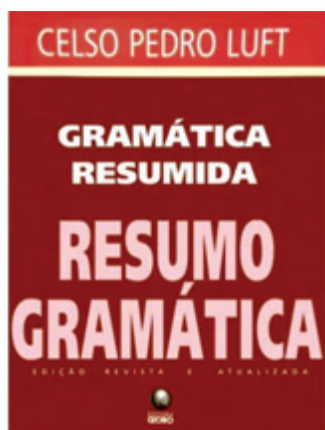
Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera!

(Obras, 1996.)

Nesse soneto, são comuns as inversões, como se vê no verso – Quanto pode dos anos o progresso! – que, em ordem direta, assume a seguinte redação:

- a) Quanto dos anos o progresso pode!
- b) O progresso quanto pode dos anos!
- c) Pode quanto dos anos o progresso!
- d) Quanto o progresso dos anos pode!
- e) Pode quanto o progresso dos anos!

48. **Unicamp-SP 2020 (Adapt.)**



era uma vez uma mulher
e ela queria falar de gênero

era uma vez outra mulher
e ela queria falar de coletivos

e outra mulher ainda
especialista em declinações
a união faz a força
então as três se juntaram

e fundaram o grupo de estudos
celso pedro luft

(Angélica Freitas, *Um útero é do tamanho de um punho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017, p.14.)

Considerando o poema e a imagem, resolva a questão. Que figura de linguagem é usada nos três últimos versos do poema? Justifique sua resposta.

49. **FCMSCSP 2022 (Adapt.)** Para responder à questão, leia o soneto de Luís de Camões.

Amor é um fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.
É um não querer mais que bem querer;
é andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.
É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence o vencedor;
é ter, com quem nos mata, lealdade.
Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

(Luís de Camões. *Sonetos*, 2001.)

O soneto é construído a partir do recurso reiterado

- a) à hipérbole.
- b) ao eufemismo.
- c) ao pleonismo.
- d) ao paradoxo.
- e) à personificação.

50. **Fuvest-SP 2019** Leia os textos.

— Eu acho que nós, bois, — Dançador diz, com baba — assim como os cachorros, as pedras, as árvores, somos pessoas soltas, com beiradas, começo e fim. O homem, não: o homem pode se ajuntar com as coisas, se encostar nelas, crescer, mudar de forma e de jeito... O homem tem partes mágicas... São as mãos... Eu sei...

João Guimarães Rosa, "Conversa de bois". *Sagarana*.

Um boi vê os homens
Tão delicados (mais que um arbusto) e correm
e correm de um para o outro lado, sempre esquecidos
de alguma coisa. Certamente falta-lhes
não sei que atributo essencial, posto se apresentem nobres
e graves, por vezes. Ah, espantosamente graves,
até sinistros. Coitados, dir-se-ia não escutam
nem o canto do ar nem os segredos do feno,
como também parecem não enxergar o que é visível
e comum a cada um de nós, no espaço. E ficam tristes
e no rasto da tristeza chegam à crueldade.
[...]

Carlos Drummond de Andrade, "Um boi vê os homens".
Claro enigma.

- a) Em ambos os textos, o assombro de quem vê decorre das avaliações contrastantes sobre quem é visto. Justifique essa afirmação com base em cada um dos textos.
- b) O conto de Rosa e o poema de Drummond valem-se de uma mesma figura de linguagem. Explícite essa figura e justifique sua resposta.

51. Fuvest-SP 2022

Sweet Home

Quebra-luz, aconchego.
Teu braço morno me envolvendo.
A fumaça de meu cachimbo subindo.

Como estou bem nesta poltrona de humorista inglês.

O jornal conta histórias, mentiras...
Ora afinal a vida é um bruto romance
e nós vivemos folhetins sem o saber.

Mas surge o imenso chá com torradas,
chá de minha burguesia contente.
Ó gozo de minha poltrona!
Ó doçura de folhetim!
Ó bocejo de felicidade!

Carlos Drummond de Andrade. *Alguma Poesia*.

- Por que a expressão em inglês *sweet home* suscita, no título do poema, um teor de ironia?
- Na circunstância do poema, os termos “bruto romance” e “folhetins”, como formas literárias, representam diferentes visões de mundo, estabelecendo entre si um contraste simbólico. Comente.

52. UFU-MG 2016 (Adapt.)

Texto I

Casual encontro que teve o poeta com Brites no seu retiro de uma roça

Fui ver a fonte da roça,
e quando a mais gente vai
a refrescar-se na fonte,
eu me fui nela abrasar.
Dentro da fonte achei Brites,
que ali se foi a banhar
[...]

Convidou-me, a que bebesse
a neve do manancial,
e se a neve assim me abraça,
o incêndio que fará.

Bebi, e não matei a sede,
porque no inferno de amar
fui Tântalo, cuja pena
o beber acende mais.

Queira Amor, Brites ingrata,
que essa fonte, esse cristal
não seja o vosso perigo,
em que Narciso morraís.

MATOS, Gregório de. *Crônica do viver baiano seiscentista*: vol. 2. Rio de Janeiro: Editora Record, 1999. p. 704-705

Texto II

Narciso (II)

Folhas incandescentes fizeram da fonte
vales de fulgores. Bebia Narciso sobre a onda
quando uma face viu de tal beleza
que a luz mais viva se tornou.

E Amor – cujas setas jamais puderam alcançar
seu coração esquivo – nele reinou e jamais do jovem
se apartava, que a seu chamado às águas acorria.
Insidiosa veio a Morte para o levar consigo,
deixando numa flor a forma de Narciso.

SILVA, Dora Ferreira da. *Hídrias*. São Paulo: Odysseus, 2004. p. 39.

Com base nos textos, faça o que se pede.

- Análise os efeitos do amor retratados nos dois poemas. Justifique com elementos dos textos.
- Aponte dois recursos expressivos da linguagem de cada poema, exemplificando-os com passagens dos próprios poemas.

53. Unicamp-SP 2020 (Adapt.)

este livro

Meu filho. Não é automatismo. Juro. É jazz do coração. É prosa que dá prêmio. Um tea for two total, tilintar de verdade que você seduz, charmeur volante, pela pista, a toda. Enfie a carapuça.

E cante.

Puro açúcar branco e blue.

(Ana Cristina César, *A teus pés*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 29.)

No poema “este livro” usa-se um recurso poético chamado aliteração. Explique o que é aliteração e identifique um exemplo de aliteração presente nesse texto poético.

54. Unesp 2016 (Adapt.)

Leia o poema de Manuel Bandeira (1886-1968) para responder à questão a seguir.

Poema só para Jaime Ovalle¹

Quando hoje acordei, ainda fazia escuro
(Embora a manhã já estivesse avançada).

Chovia.

Chovia uma triste chuva de resignação

Como contraste e consolo ao calor tempestuoso da noite.

Então me levantei,

Bebi o café que eu mesmo preparei,

Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei

[pensando...]

– Humildemente pensando na vida e nas mulheres que

[amei.

(*Estrela da vida inteira*, 1993.)

Pleonasma (do grego *pleonasmós*, superabundância): emprego de palavras redundantes, de igual sentido; redundância. Há o pleonasma vicioso, decorrente da ignorância da língua e que deve ser evitado, e o pleonasma estilístico, usado intencionalmente para comunicar à expressão mais vigor ou intensidade.

(Domingos Paschoal Cegalla. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa*, 2009. Adaptado.)

¹Jaime Ovalle (1894-1955): compositor e instrumentista. Aproximou-se do meio intelectual carioca e se tornou amigo íntimo de Villa-Lobos, Di Cavalcanti, Sérgio Buarque de Holanda e Manuel Bandeira. Sua música mais famosa é “Azulão”, em parceria com o poeta Manuel Bandeira. (Dicionário Cravo Albin da música popular brasileira)

Transcreva o verso em que se verifica a ocorrência de um pleonasma. Justifique sua resposta.

55. Uerj 2016

Vagabundo

Eu durmo e vivo ao sol como um cigano,
Fumando meu cigarro vaporoso;
Nas noites de verão namoro estrelas;
Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso!

Ando roto, sem bolsos nem dinheiro
Mas tenho na viola uma riqueza:
Canto à lua de noite serenatas,
E quem vive de amor não tem pobreza.

[...]

Oito dias lá vão que ando cismado
Na donzela que ali defronte mora.
Ela ao ver-me sorri tão docemente!
Desconfio que a moça me namora!...

Tenho por meu palácio as longas ruas;
Passeio a gosto e durmo sem temores;
Quando bebo, sou rei como um poeta,
E o vinho faz sonhar com os amores.

O degrau das igrejas é meu trono,
Minha pátria é o vento que respiro,
Minha mãe é a lua macilenta,
E a preguiça a mulher por quem suspiro.

Escrevo na parede as minhas rimas,
De painéis a carvão adorno a rua;
Como as aves do céu e as flores puras
Abro meu peito ao sol e durmo à lua.

[...]

Ora, se por aí alguma bela
Bem doirada e amante da preguiça
Quiser a nívea mão unir à minha,
Há de achar-me na Sé, domingo, à Missa.

Álvares de Azevedo. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

ditoso: afabilidade.
nívea: branca.

Sou pobre, sou mendigo e sou ditoso! (v. 4)

O verso acima reúne dois traços que podem ser considerados inconciliáveis.
Explicite esses traços e nomeie duas figuras de linguagem que reforçam o significado do verso.

56. Unicamp-SP 2021

Entre os versos de Gilberto Gil transcritos a seguir, podemos identificar uma relação paradoxal em:

- a) “Sou viramundo virado / pelo mundo do sertão.”
- b) “Louvo a luta repetida / da vida pra não morrer.”
- c) “De dia, Diadorim, / de noite, estrela sem fim.”
- d) “Toda saudade é presença / da ausência de alguém.”

1. Leia o texto para responder à questão.

Transcribando o Yãmîy – o espírito e a coisa

José Paulo Paes, sobre o fato de não falar nem ouvir (por não ter contato com falantes) dez das doze línguas de que é tradutor, diz: “sou surdo e mudo em dez línguas”. Portanto posso dizer que sou surdo e mudo em Maxakali. Não falo e nem entendo uma conversação na língua indígena. Mas o que aprendi da língua nos mais de dez anos de contato, muita troca e aprendizado, me permite traduzir, em colaboração com os índios, seus textos, e buscar uma transcrição para o que podemos chamar de poesia (os cantos). No processo de tradução de *yãmîys*, primeiro são elaboradas versões prosaicas, traduzindo palavra por palavra com os índios, na Reserva ou em qualquer outro lugar onde se deem nossos encontros. Depois, com calma, buscamos a reprodução dos sons, a musicalidade dos versos, com certo ritmo. Tentamos criar algumas imagens que se compatibilizem com a profusão metafórica natural da língua maxakali. E outros elementos que fazem de um texto um texto poético.

[...]

Assim, o que pretendemos no caso de *yãmîys* é nos deixar cair na tentação de captar ou capturar o “espírito da coisa” no texto maxakali. Aqui não é o símbolo que determina. É, sim, o ícone que indetermina. Vamos a um exemplo.

O *yãmîy* seguinte foi registrado por Sandro Campos, linguista da UFMG que pesquisa a língua maxakali.

‘ÖNYĂM

‘önyâm tuthi xux mähã ‘önyâm kutet xux mähã ‘önyâm ah hãm
tu yâyhi ah ‘önyâm mîm mōg yîmu yây hih ‘önyâm toktet xux
mähã ‘önyâm ‘âto kopa mōyōn
‘önyâm mîm kox kopa mām hu mōyōn ‘önyâm a hãm tu mō
ka’ok
‘önyâm ‘upip ‘uxâm xi pip ‘uxâm ‘oknăg ‘önyâm năg upnok xi
xepnak um

Numa tradução prosaica temos:

O OURIÇO

o ouriço come folhas de embaúba
o ouriço come folhas de bambu
o ouriço não anda de dia
o ouriço anda em cima do galho da árvore
o ouriço come folhas de mamona
o ouriço dorme dentro do feixe de cipós
o ouriço fica dentro do oco do pau e dorme
o ouriço não anda rápido no chão
tem ouriço que tem espinho e outros que não têm espinho
o ouriço tem rabo e pêlos brancos

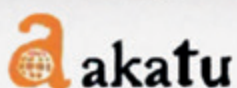
BICALHO, Charles. Yãmîy Maxakali: um gênero nativo de poesia. In: DORRICO, Julie; et al. (Orgs). *Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção* [recurso eletrônico]. Porto Alegre: Fi, 2018. p. 177-178. Disponível em: https://3c290742-53df-4d6f-b12f-6b135a606bc7.filesusr.com/ugd/48d206_093effa656194602b2bb25561277a65d.pdf. Acesso em: 29 jul. 2021.

- a) Qual é a língua indígena estudada e traduzida por José Paulo Paes? Que característica da língua é mencionada no texto?
- b) Que estratégias José Paulo Paes utiliza no momento da tradução do texto em língua maxakali à língua portuguesa?

Sem água somos todos miseráveis.

Leve essa atitude a todos os lugares. Passe essa ideia adiante.

REALIZAÇÃO



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

2

Tipologia textual e gêneros discursivos

A campanha chama a atenção para um problema que diversas regiões brasileiras têm enfrentado atualmente: a crise de abastecimento de água nas cidades. A fim de cumprir essa função, a mensagem é criada a partir da relação entre texto verbal e visual: o *slogan* traz uma estrutura objetiva, que sintetiza a consequência do consumo exagerado de água, evidenciando que, sem esse recurso, o futuro de todos é a miséria, mensagem reforçada pela imagem de fundo: um papelão rasgado, fazendo alusão a situações de vulnerabilidade. Além disso, o texto faz uso do imperativo em “Leve” e “Passe”, com a finalidade de engajar o interlocutor na campanha. Trata-se, portanto, de um texto com função informativa e persuasiva.

Nas próximas páginas, estudaremos as estruturas responsáveis pela criação dos textos e as funções sociocomunicativas que eles podem cumprir na sociedade.

Texto narrativo

Conceito base

Analise a tirinha a seguir:



É possível perceber que os textos dos quadrinhos compõem uma narrativa, construída a partir de um desenvolvimento temporal, sem o qual seria impossível contar a história. Essa é a principal característica do texto narrativo, a que o diferencia dos demais tipos de textos: **a narração sempre irá apresentar passagem de tempo**. Assim, temos como elementos constitutivos de um texto narrativo:

- Tempo: momento em que se dá a ação ou que dura a narrativa.
- Espaço: local em que a ação se desenrola, podendo ser físico, social ou psicológico.
- Personagens: pessoas, animais ou objetos que participam da história, que fazem com que a narração aconteça.
- Enredo: trama da narrativa, é o desenrolar de ações que envolvem as personagens.
- Narrador: responsável por contar a história, podendo estar inserido ou não no enredo.

Portanto, o texto narrativo apresenta personagens que realizam ações (enredo) em um determinado espaço e tempo, contadas por um narrador. Esses elementos se organizam em etapas que estruturam o texto narrativo (a estrutura narrativa) da seguinte forma:

1. Introdução: etapa em que o autor apresenta as personagens e os problemas que serão enfrentados pelos protagonistas. Outros elementos fundamentais da narrativa também são introduzidos aqui, como o cenário em que o texto será desenvolvido, o momento histórico em que ocorrerá, as personalidades das personagens, entre outros.
2. Desenvolvimento: parte da narrativa que envolve o leitor a partir dos esforços feitos pelas personagens para solucionar os problemas vividos. Essa etapa é de grande importância porque concentra os conflitos que justificam as ações das personagens.
3. Clímax: momento ápice da narrativa, em que os problemas e os conflitos das personagens chegam a um ponto máximo de concentração, exigindo ações diretas para enfrentá-los. O momento em que o clímax é alcançado pode ser percebido pelo leitor como aquele em que todas as tensões envolvidas no enredo se encontram na história, o que determina uma passagem para a etapa final.
4. Desfecho: momento resultante do clímax da história; no desfecho, o autor apresenta as consequências das ações das personagens, encerrando o texto.

Leia, a seguir, uma **anedota** que sintetiza todas as etapas de uma narração:

Irritado com seus indisciplinados alunos, um professor arrogante lançou um desafio dizendo:

- Aquele que se julgar burro, faça o favor de ficar de pé!
- Todos os alunos, assustados, continuaram sentados. Alguns minutos depois, um deles, porém, levantou-se.
- Quer dizer que você se julga burro? – perguntou o professor, incrédulo com a postura do menino.
- O garoto, então, respondeu com uma expressão calma:
- Bem, para dizer a verdade, não! Mas fiquei com pena de ver o senhor aí, em pé, sozinho.

anedota: narrativa curta e bem-humorada que apresenta uma cena do cotidiano com um desfecho inusitado. Na maioria das vezes, permite que o leitor conclua uma moral no final da história.

Analisando o texto, é possível identificar todas as etapas das estruturas narrativas estudadas: a introdução é marcada pela apresentação e descrição das personagens, que são os alunos indisciplinados e o professor irritado e arrogante. No desenvolvimento, o conflito do texto é criado quando o mestre desafia os alunos a ficarem de pé. O clímax surge quando, minutos depois do desafio, um deles se levanta, e o professor questiona sua ação. O desfecho, por sua vez, é criado quando o garoto responde, de modo sarcástico, ao professor, colocando um final no desafio lançado pelo docente. Nessa etapa conclusiva, podemos, inclusive, depreender um conselho implícito na narrativa: não devemos usar de uma posição de autoridade para desafiar as pessoas desnecessariamente.

! Atenção

É interessante destacar que nem toda narração obedecerá à ordem convencional das etapas; existem muitos textos narrativos que iniciam a história a partir de algum ponto do desenvolvimento (recurso denominado *in media res*), ou mesmo pelo desfecho, e depois voltam ao ponto inicial dos acontecimentos. Tais recursos estão presentes em narrativas de diversos gêneros, como filmes, séries, novelas, romances, e geralmente são utilizados a fim de aumentar a expectativa do público em relação ao enredo da obra.

Finalidade comunicativa do texto narrativo

Consideramos finalidade comunicativa como a principal função de uma mensagem na sociedade. Os textos narrativos, por exemplo, são sempre idealizados para contar ao leitor uma história, seja ela real ou fictícia. Nesse sentido, também é possível apontar outras finalidades para a narração, dependendo do contexto em que ela é enunciada: o depoimento de um jovem aprovado no vestibular pode ser feito para encorajar estudantes para as provas de seleção; um conto infantil lido pelos pais de uma criança antes da hora de dormir pode ajudá-la a cair no sono. Essas são consideradas finalidades secundárias e surgem apenas em contexto.

Para compreender uma narrativa, devemos sempre, portanto, analisar o propósito do enunciador ao nos apresentar a história.

Ferramentas do texto narrativo: o foco

Veremos, a seguir, as ferramentas textuais usadas na elaboração do texto narrativo. Elas são responsáveis por estruturar a história e permitir seu desenvolvimento.

Uma das mais importantes ferramentas é denominada foco e é responsável por todo o desencadeamento da história, guiando a percepção que o leitor terá dos eventos. O foco narrativo é constituído a partir da visão que o narrador possui da história, podendo ser classificado em:

a) Narrador em primeira pessoa:

Um tio meu, cônego de prebenda inteira, costumava dizer que o amor da glória temporal era a perdição das almas, que só devem cobiçar a glória eterna. Ao que retorquia outro tio, oficial de um dos antigos terços de infantaria, que o amor da glória era a coisa mais verdadeiramente humana que há no homem, e, conseqüentemente, a sua mais genuína feição.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/16_ff646a924421ea897f27cf6d21e6bb23. Acesso em: 18 ago. 2021.

Nesse texto, o narrador vive a história conforme o relato se desenvolve. Por conta disso, devemos classificá-lo como narrador participante, e é possível identificá-lo pela presença de pronomes e desinências verbais de primeira pessoa.

b) Narrador em terceira pessoa:

O Dr. Camargo, médico e velho amigo da casa, logo que regressou do enterro, foi ter com Estácio, a quem encontrou no gabinete particular do finado, em companhia de D. Úrsula. Também a dor tem suas volúpias; tia e sobrinho queriam nutri-la com a presença dos objetos pessoais do morto, no lugar de suas predileções quotidianas. Duas tristes luzes alumiam aquela pequena sala. Alguns momentos correram de profundo silêncio entre os três. O primeiro que o rompeu, foi o médico.

ASSIS, Machado de. *Helena*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/18_6eeff49614c4b3fca0adbd92c8cdb28. Acesso em: 18 ago. 2021.

No exemplo citado, percebemos que o narrador apenas observa a história, como alguém distante dos eventos que apenas nos relata os acontecimentos. Por esse motivo, devemos classificá-lo como narrador observador.

! Atenção

O narrador participante pode ser a personagem principal da história, motivo pelo qual o denominamos protagonista. Quando, porém, ele for uma personagem secundária, e o protagonismo for exercido por outra personagem, devemos chamá-lo de narrador testemunha ou coadjuvante.

Ferramentas do texto narrativo: a percepção narrativa

A percepção narrativa auxilia nos detalhes que são fornecidos pelo narrador conforme o texto é desenvolvido.

Essa percepção pode ser ampla, sem que haja limites para o narrador, ou limitada, restringindo a capacidade do narrador ao campo da observação. Sendo assim, temos:

- a) narrador onisciente: geralmente produzido em terceira pessoa, trata-se de um narrador capaz de interpretar o interior das personagens, bem como seus pensamentos e sentimentos.

Quantas vezes não pensou que bastava-lhe um momento de resolução para arrebatá-la a quem amava, e levá-la ao deserto onde ele não se envergonharia de seu amor, e talvez sentisse orgulho de o inspirar tão possante e extremoso. Mas ele que não temia o mundo e zombava dos perigos, assustava-se só com a ideia de um ressentimento de Besita; e não era preciso mais para espancar de seu espírito a tentação que em si produziam os encantos da menina.

ALENCAR, José de. *Til*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000142.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

Observe que, no exemplo dado, o narrador é capaz de apresentar-nos o que a personagem está pensando no momento da cena. Essa capacidade foge da simples observação visual e atesta a sua onisciência.

- b) narrador observador: diferentemente do narrador que possui onisciência, o observador não é capaz de interpretar o interior das personagens, limitando-se apenas àquilo que pode ser visto por qualquer pessoa. Os pensamentos e sentimentos das personagens podem ser deduzidos por ele a partir do contexto da narrativa, mas ele jamais será capaz de visualizar com clareza aquilo que há em suas mentes.

Diante dela e todo a contemplá-la, está um guerreiro estranho, se é guerreiro e não algum mau espírito da floresta. Tem nas faces o branco das areias que bordam o mar; nos olhos o azul triste das águas profundas. Ignoras armas e tecidos ignotas cobrem-lhe o corpo.

Foi rápido, como o olhar, o gesto de Iracema. A flecha embebida no arco partiu. Gotas de sangue borbulham na face do desconhecido.

De primeiro ímpeto, a mão lesta caiu sobre a cruz da espada, mas logo sorriu. O moço guerreiro aprendeu na religião de sua mãe, onde a mulher é símbolo de ternura e amor. Sofreu mais d'alma que da ferida.

ALENCAR, José de. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000136.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

! Atenção

Independentemente da percepção do narrador acerca da história, há três posturas possíveis que podem ser adotadas por ele conforme a narrativa se desenvolve: sempre que o narrador opinar sobre os fatos contados, deve ser denominado parcial; quando evitar emitir um juízo de valor, deve ser denominado neutro e, finalmente, quando estabelecer um diálogo com o leitor sobre a história, pode ser chamado de intruso.

Ferramentas do texto narrativo: a progressão temporal

Como vimos anteriormente, toda narrativa é organizada com base em uma sequência temporal. Essa sequência permite o desencadeamento da história e pode ser organizada de modo linear (em ordem direta) ou não linear (em ordem indireta). Veremos, a seguir, esses dois tipos de desenvolvimento do texto.

- a) tempo linear: também é conhecido como tempo cronológico; a narrativa é sequenciada em cenas cuja progressão segue uma ordem direta, com início, desenvolvimento do enredo, clímax e desfecho. Observe a tirinha a seguir:



Nessa tirinha, podemos dizer que o tempo é cronológico porque segue a ordem de um atendimento comum em um restaurante. O humor é gerado na passagem do desenvolvimento/clímax para o desfecho, visto que o refrigerante é apresentado pelo autor como uma bebida com imensa concentração de componentes químicos.

- b) tempo não linear: também pode ser denominado como tempo psicológico; nesse tipo de desenvolvimento, a sequência do texto é apresentada em ordem indireta, podendo ser iniciada, por exemplo, com uma lembrança do narrador ou até mesmo pelo desfecho da história. Um dos exemplos clássicos da literatura brasileira em que o tempo da narrativa é apresentado dessa forma é o livro *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, cujo prólogo da história apresenta um narrador já falecido (defunto autor), que nos contará momentos de sua vida a partir da morte, em um caixão. Veja a introdução do livro:

Algum tempo hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/16_ff646a924421ea897f27cf6d21e6bb23. Acesso em: 18 ago. 2021.

Ferramentas do texto narrativo: a quebra temporal

Outro recurso disponível para o desenvolvimento da narrativa é a quebra da sequência narrativa, usada para interromper o fluxo de tempo da história. Muito comum com

narradores em primeira pessoa, essas quebras permitem ao autor inserir reflexões da personagem para justificar comportamentos ou escolhas ou, ainda, revelar momentos da vida da personagem que não fazem parte da história que está sendo narrada. Podem ser classificadas como:

- a) digressões: ao interromper a sequência do texto, o narrador inicia uma reflexão pessoal sobre um assunto diverso, que impede a progressão da história principal.

Saí, afastando-me dos grupos, e fingindo ler os epitáfios. E, aliás, gosto dos epitáfios; eles são, entre a gente civilizada, uma expressão daquele pio e secreto egoísmo que induz o homem a arrancar à morte um farrapo ao menos da sombra que passou. Daí vem, talvez, a tristeza inconsolável dos que sabem os seus mortos na vala comum; parece-lhes que a podridão anônima os alcança a eles mesmos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/16_ff646a924421ea897f27cf6d21e6bb23. Acesso em: 18 ago. 2021.

Nessa cena, o narrador para de contar a história e inicia uma reflexão sobre as frases escritas nos túmulos de um cemitério, denominadas epitáfios.

- b) *flashback*: semelhante à digressão, também marca uma interrupção na sequência temporal. Porém, no *flashback*, o narrador retoma uma cena ou episódio vivido por alguma personagem no passado, o que contribui para o entendimento completo da história.

Parecia ter vinte anos, e contava mais de trinta. Graciosa, afável, nenhum acanhamento, nenhum ressentimento. Olhá-vamos um para o outro, com as mãos seguras, falando de tudo e de nada, como dois namorados. Era minha infância que ressurgia, fresca, travessa e loura; os anos iam caindo como as fileiras de cartas de jogar encurvadas, com que eu brincava em pequeno, e deixavam-me ver a nossa casa, a nossa família, as nossas festas. Suportei a recordação com algum esforço; mas um barbeiro da vizinhança lembrou-se de zangarrear na clássica rabeça, e essa voz – porque até então a recordação era muda – essa voz do passado, fanhosa e saudosa, a tal ponto me comoveu, que... Os olhos dela estavam secos. Sabina não herdara a flor amarela e mórbida. Que importa? Era minha irmã, meu sangue, um pedaço de minha mãe, e eu disse-lho com ternura, com sinceridade...

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: machado.mec.gov.br/obra-completa-lista/item/download/16_ff646a924421ea897f27cf6d21e6bb23. Acesso em: 18 ago. 2021.

- c) monólogo interior (ou fluxo de consciência): também considerado um tipo de digressão, o narrador interrompe a história para que o leitor visualize os pensamentos da personagem. Esses pensamentos, por sua vez, são marcados por um diálogo da personagem consigo mesma.

A cama desaparece aos poucos, as paredes do aposento se afastam, tombam vencidas. E eu estou no mundo solta e fina como uma corça na planície. Levanto-me suave como um sopro, ergo minha cabeça de flor e sonolenta, os pés leves, atravesso campos além da terra, do mundo, do tempo, de Deus. Mergulho

e depois emergo, como de nuvens, das terras ainda não possíveis, ah ainda não possíveis. Daquelas que eu ainda não soube imaginar, mas que brotarão. Ando, deslizo, continuo, continuo... Sempre, sem parar, distraíndo minha sede cansada de pousar num fim. — Onde foi que eu já vi uma lua alta no céu, branca e silenciosa? As roupas lívidas flutuando ao vento. O mastro sem bandeira, ereto e mudo fincando no espaço... Tudo à espera da meia-noite... — Estou me enganando, preciso voltar. Não sinto loucura no desejo de morder estrelas, mas ainda existe a terra.

LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*.

Discurso textual

Conceito base

É necessário abordar também um recurso textual muito comum em um texto narrativo: o discurso. Devemos considerar discurso qualquer **enunciado produzido para expressar uma fala ou pensamento** de uma personagem. Veja, a seguir, um trecho do livro *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, no qual temos contato com uma conversa entre duas personagens:

Nesse ponto um soldado amarelo aproximou-se e bateu familiarmente no ombro de Fabiano: — Como é, camarada? Vamos jogar um trinta-e-um lá dentro?

Fabiano atentou na farda com respeito e gaguejou, procurando as palavras de seu Tomás da bolandeira: — Isto é. Vamos e não vamos. Quer dizer Enfim, contanto, etc. É conforme.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Disponível em: docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnc2NvbGFvbmVpZGV0YXZhcmlVzGd4Ojc4YjNmOThkNDVhYmFhZTA. Acesso em: 17 jul. 2021.

Observe que, após os travessões, o narrador explicita no texto a fala das personagens soldado amarelo e Fabiano, o protagonista da história. Sem que houvesse a transcrição dessas falas, seria impossível mostrar ao leitor a conversa estabelecida entre eles. Sendo assim, podemos dizer que os discursos das personagens são fundamentais para que o texto seja desenvolvido, sobretudo quando há um diálogo entre duas ou mais delas.

Veja, a seguir, um exemplo complementar extraído do livro *Quincas Borba*, de Machado de Assis:

Nisto passou um rapaz alto, que a cortejou sorrindo e vagarosamente. Sofia cortejou-o também um pouco espantada da pessoa e da ação.

— Quem é esse sujeito? — pensou ela.

E entrou a cogitar donde é que o conhecia, porque, em verdade a cara não lhe era estranha, nem as maneiras, nem os olhos plácidos e grandes.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000243.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

Repare que o travessão é usado novamente para introduzir um discurso da personagem. Nesse caso, porém, o narrador não reproduziu um diálogo na história; temos contato, aqui, com um pensamento de Sofia. Com isso, é possível concluirmos que, além de representar diálogos em uma narração, um discurso também pode ser feito para que o autor apresente a mente, a imaginação e os questionamentos individuais das personagens.

Sendo assim, podemos concluir que os discursos permitem ao autor enriquecer uma narrativa na medida em que são usados para expressar a voz das personagens, seja por meio de uma fala ou de um pensamento.

Há três tipos diferentes de discurso usados em um texto. Cada um deles apresenta uma estrutura própria, e podem ser usados simultaneamente em uma narrativa. Veremos, a seguir, a definição de cada um, além das estruturas usadas para criá-los.

Discurso direto

Todas as vezes em que o discurso da personagem for reproduzido livremente em sua própria voz, devemos classificá-lo como discurso direto.

Geralmente, o discurso direto é estruturado no texto a partir de verbos de elocução como “falar”, “responder”, “gritar”, “sussurrar”, entre outros, além do uso de pontuações enunciativas, como travessões, dois-pontos e aspas. Veja os exemplos a seguir:

- Os alunos falaram em voz alta:
— Sim, professora!
- A professora, então, perguntou:
— Vocês têm certeza?

Nos dois casos apresentados, o discurso das personagens é reproduzido no texto a partir de suas vozes.

Veja, a seguir, uma tabela com alguns dos principais verbos de enunciação usados em narrativas:

Falar	Pensar	Gritar
Exclamar	Reclamar	Responder
Questionar	Indagar	Sussurrar
Bradar	Perguntar	Clamar
Argumentar	Concordar	Explicar
Afirmar	Resmungar	Expor
Criticar	Reafirmar	Dialogar
Ponderar	Rebater	Frisar

Exemplos de verbos de enunciação.

! Atenção

Qualquer verbo cuja ação exija o uso da voz deve ser classificado como elocutivo (ou de enunciação). Alguns gramáticos também os classificam como verbos *dicendi*, vocábulo latino que designa “ação de fala”.

Discurso indireto

Todas as vezes em que o discurso da personagem for reproduzido na voz do narrador, devemos classificá-lo como indireto. Nesse tipo de discurso, ocorre uma apropriação da fala ou do pensamento da personagem por parte do narrador e, por conta disso, os verbos são criados com pronomes de terceira pessoa. Analise o exemplo a seguir:

A professora, então, perguntou se os alunos tinham certeza daquilo.

Observe que, diferentemente do discurso direto, nesse exemplo a voz da personagem não é usada no texto. No lugar dela, há uma reprodução da fala da personagem professora feita na voz do narrador. Esse processo torna a leitura do texto mais fluida, com menos interrupções, uma vez que a pontuação iniciativa deixa de ser usada para criar o discurso. Repare, porém, que tanto o discurso direto quanto o indireto fazem uso dos verbos de enunciação para introduzir uma voz. Veja outro exemplo de discurso indireto:

Os alunos reafirmaram que estavam seguros.

! Atenção

Em discursos indiretos, é comum o emprego das conjunções subordinativas “se” e “que” após o verbo de elocução.

Conversão de discurso

Atualmente, muitas provas e exames têm solicitado a mudança de um tipo de discurso para o outro. Grande parte das vezes, são questões que identificam uma fala em discurso direto e demandam que a mesma fala seja reproduzida em discurso indireto. Embora existam exercícios que solicitem o processo inverso (discurso indireto reescrito em direto), trata-se de um tipo menos frequente de questão. Veja, a seguir, essas conversões analisadas:

a) Discurso direto para indireto

Texto original:

O professor entra na sala e diz aos alunos:

— Bom dia a todos. Eu estou animado para essa aula!

Texto convertido:

O professor entrou na sala e disse aos alunos que desejava um bom dia a todos e que ele estava animado para a aula.

É importante avaliar cuidadosamente essa conversão: no texto original, os verbos (“entrar” e “dizer”) foram conjugados no tempo presente do modo indicativo (“entra” e “diz”). Porém, no texto convertido, esses verbos foram alterados para o pretérito perfeito (“entrou” e “disse”). Isso ocorre porque as ações do professor estão em um momento anterior ao da escrita do texto, o que exige

do narrador o emprego do passado para representá-las. Essa mesma lógica se aplica aos verbos “desejar” e “estar”, usados no discurso indireto: ambos marcam um tempo já ocorrido, pois, quando estão sendo escritos, a cena narrada já havia ocorrido.

Além da questão do tempo dos verbos, é possível observar uma nova mudança no discurso: no original, há o emprego da primeira pessoa (eu estou), enquanto no convertido se empregou a terceira pessoa (ele estava). Isso ocorre porque, no primeiro caso, é a própria personagem quem fala de si, ao passo que, no segundo, é o narrador quem fala da personagem.

b) Discurso indireto em direto

Texto original:

A aluna respondeu que ela também estava animada para aquela aula.

Texto convertido:

A aluna responde:

— Eu também estou animada para essa aula!

Observe que, novamente, a conversão exigiu mudanças na pessoa e no tempo dos verbos. Nesse exemplo, porém, o pronome deixa de ser reproduzido em terceira pessoa (ela) e passa a ser redigido em primeira (eu), uma vez que a fala volta a ser enunciada pela própria personagem. Isso também se aplica ao verbo: emprega-se o tempo presente (estou) porque a fala é concomitante ao momento da escrita. Há, ainda, mais uma mudança lógica que precisamos avaliar: na primeira sentença, o narrador fala de uma cena não vivida por ele, o que o obriga a empregar um pronome demonstrativo de distanciamento (aquela), enquanto, na segunda sentença, a personagem se refere àquilo que ela mesma está vivendo na narrativa, o que justifica o emprego do demonstrativo de proximidade (essa).

Repare que, nas duas análises feitas, foi preciso avaliar com cautela três aspectos que influenciam a conversão dos discursos: **a pessoa pronominal, o tempo verbal e os pronomes demonstrativos**. Toda a conversão de discursos exigirá atenção nesses três pontos e, para auxiliar nesse processo, estude sempre a tabela de conversão reproduzida a seguir, com orientações de como proceder às mudanças necessárias.

QUADRO DE CONVERSÃO ENTRE DISCURSOS

Discurso direto	Discurso indireto
CASOS PRONOMINAIS	
Emprego de primeira pessoa (eu) A personagem disse ao amigo: — Eu estou com bastante pressa.	Emprego de terceira pessoa (ele/ela) A personagem disse ao amigo que ela estava com bastante pressa.
CASOS VERBAIS	
Verbo no tempo presente do modo indicativo — Eu estou alegre com a notícia.	Verbo no pretérito imperfeito do indicativo Ele disse que estava alegre com a notícia.

QUADRO DE CONVERSÃO ENTRE DISCURSOS	
Discurso direto	Discurso indireto
Verbo no pretérito perfeito do indicativo — Eu busquei os amigos.	Verbo no pretérito mais-que-perfeito Opção 1. Ele disse que buscara os amigos. Opção 2. Ele disse que havia buscado os amigos.
Verbo no futuro do indicativo — Eu buscarei os amigos amanhã.	Verbo no futuro do pretérito Ele disse que buscaria os amigos no dia seguinte.
Verbo no modo imperativo A personagem ordenou: — Busque os amigos.	Verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo A personagem ordenou que buscasse os amigos.
CASOS ESPACIAIS E TEMPORAIS	
Emprego de pronome demonstrativo “este” O professor pediu: — Pegue este caderno.	Pronome demonstrativo “aquele” O professor pediu que pegasse aquele caderno.
Emprego de pronome demonstrativo “esta” O professor pediu: — Pegue esta caneta.	Pronome demonstrativo “aquela” O professor pediu que pegasse aquela caneta.
Emprego de pronome demonstrativo “isto” O professor pediu: — Pegue isto .	Pronome demonstrativo “aquilo” O professor pediu que pegasse aquilo .
Emprego de marcador temporal “hoje” O aluno respondeu: — Fiz o trabalho hoje .	Emprego de marcador temporal “naquele dia” O aluno respondeu que havia feito o trabalho naquele dia .
Emprego de marcador temporal “amanhã” O aluno respondeu: — Farei o trabalho amanhã .	Emprego de marcador temporal “no próximo dia” O aluno respondeu que faria o trabalho no próximo dia .
Emprego de marcador temporal “ontem” O aluno respondeu: — Fiz o trabalho ontem .	Emprego de marcador temporal “no dia anterior” O aluno respondeu que havia feito o trabalho no dia anterior .

Discurso indireto livre

Diferentemente dos discursos direto e indireto, o discurso indireto livre é um recurso textual usado para explicitar exclusivamente o pensamento de uma personagem. Sendo assim, só pode ser criado com um narrador onisciente. Essa modalidade de discurso ocorre sempre que há uma fusão, uma mistura da voz do narrador com o pensamento da personagem. Trata-se de um recurso textual que exige bastante atenção para ser percebido, principalmente porque é o único tipo de discurso que dispensa o emprego de verbos de enunciação. Observe o exemplo a seguir, extraído do livro *Vidas secas*, de Graciliano Ramos:

Estirou as pernas, encostou as carnes doídas ao muro. **Se lhe tivessem dado tempo, ele teria explicado tudo direitinho. Mas pegado de surpresa, embatucara. Quem não ficaria azuretado com semelhante despropósito?** Não queria capacitar-se de que a malvadez tivesse sido para ele. **Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso. Então porque um sem-vergonha desordeiro se arrelia, bota-se um cabra na cadeia, dá-se pancada nele?** Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Disponível em: docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbXlc2NvbGFvbmVpZGV0YXZhcmlVzGd4Ojc4YjNmOThkNDVhYmFhZTA. Acesso em: 17 jul. 2021.

Nessa cena, o protagonista Fabiano é levado para a cadeia de maneira injusta por um desentendimento com o “soldado amarelo”. Lá, sem entender o que aconteceu, ele começa a divagar sobre as razões de ter sido preso. Repare que os trechos destacados podem representar, simultaneamente, um pensamento da personagem Fabiano, indignado com a violência que sofrera, bem como uma intromissão opinativa do próprio narrador. Isso ocorre porque essas orações são um registro do discurso indireto livre: as duas vozes (narrador e personagem) encontram-se reproduzidas em uma mesma sentença.

Embora esse tipo de discurso dispense o emprego dos verbos elocutivos, há algumas ferramentas estruturais muito usadas para introduzi-lo no texto. Veremos cada uma delas a seguir:

a) Emprego de pontuação exclamativa:

Não podia dizer em voz alta que aquilo era um furto, mas era. Tomavam-lhe o gado quase de graça e ainda inventavam juro. **Que juro!** O que havia era safadeza.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Disponível em: docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbXlc2NvbGFvbmVpZGV0YXZhcmlVzGd4Ojc4YjNmOThkNDVhYmFhZTA. Acesso em: 17 jul. 2021.

b) Emprego de pontuação interrogativa:

Olhou as cédulas arrumadas na palma, os níqueis e as pratas, suspirou, mordeu os beiços. Nem lhe restava o direito de protestar. Baixava a crista. Se não baixasse, desocuparia a terra, largar-se-ia com a mulher, os filhos pequenos e os cacarecos. **Para onde? Hem? Tinha para onde levar a mulher e os meninos? Tinha nada!**

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. Disponível em: docs.google.com/viewer?a=v&pid=sites&srcid=ZGVmYXVsdGRvbWFpbnc2NvbGFvbmVpZGV0YXZhcmlVzfGd4Ojc4YjNmOThkNDVhYmFhZTA. Acesso em: 17 jul. 2021.

c) Emprego de pronomes em primeira pessoa:

“Vejam como Deus escreve direito por linhas tortas”, pensa ele. Se mana Piedade tem casado com Quincas Borba, apenas me daria uma esperança colateral. Não casou; ambos morreram, e aqui está tudo comigo; de modo que o que parecia uma desgraça...

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000243.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

Atenção

Para que uma sentença seja considerada discurso indireto livre, é fundamental que, além desses marcadores indicados, ela esteja inserida em um contexto no qual possa representar simultaneamente a voz do narrador e o pensamento da personagem. Não se esqueça: todo recurso indireto livre exige onisciência do narrador.

Texto descritivo

Conceito base

Para compreendermos a descrição, é preciso diferenciá-la do texto narrativo. Para isso, devemos lembrar o conceito base de narração que vimos anteriormente: todo texto narrativo sempre é marcado por um desenvolvimento temporal. Considerando isso, analise a tirinha a seguir:



Observamos que os quadrinhos não apresentam nenhuma sequência temporal, tampouco desenvolvimento de uma história, o que impossibilita, portanto, classificar o texto como narração. Nessa tirinha, o autor usa os quadros para caracterizar a velocidade do som, da luz, da fofoca etc. Podemos dizer, desse modo, que o objetivo do texto não é apresentar uma história sobre o som, mas sim compor uma caracterização sobre ele. Essa é a definição da descrição, em oposição à narração: **todo texto descritivo é marcado pela caracterização de algo ou alguém, estabelecida por uma sequência de qualificadores.**

Finalidade comunicativa do texto descritivo

Como visto, todo texto descritivo é marcado por uma caracterização, que é usada para transmitir ao leitor as qualidades daquilo que está sendo descrito. A tabela nutricional de um alimento, por exemplo, apresenta os principais componentes nutricionais que qualificam o produto. As informações contidas em um currículo, nesse mesmo sentido, ajudam um entrevistador a conhecer as qualidades de quem se candidata a uma vaga de emprego. Muitas vezes, o próprio texto narrativo faz uso da descrição ao caracterizar as roupas, personalidades e emoções das personagens, por exemplo.

Ferramentas do texto descritivo: a percepção descritiva

A percepção descritiva está relacionada ao modo como o autor faz a caracterização: ele pode envolver-se com aquilo que está sendo descrito, veiculando sua opinião a respeito do que está caracterizando, ou, ainda, pode criar um distanciamento, evitando transmitir parcialidade. Sendo assim, podemos dividir a descrição em dois tipos:

a) descrição subjetiva: apresenta um teor pessoal, pois o autor transmite suas opiniões a respeito do que está sendo apresentado. É bastante comum que haja uma grande recorrência de vocábulos que enalteçam ou desmereçam as qualidades apresentadas.

O moço era alto, esbelto e seus olhos pareciam tão profundos quanto a extensão dos mares mais profundos. Sua voz era firme e rígida, mas transmitia serenidade e gentileza a todos que a ouviam.

b) descrição objetiva: apresenta um teor impessoal, uma vez que o autor não apresenta suas opiniões a respeito daquilo que está sendo descrito. É um tipo de descrição marcado por um estilo fluido, direto, com poucos adjetivos.

Sua camiseta era preta e com detalhes em branco. A gola era em formato de um “v”. Por cima dessa peça, havia uma jaqueta da mesma cor, embora o tipo de tecido fosse outro.

Ferramentas do texto descritivo: o tipo de descrição

Ao descrever uma pessoa, por exemplo, o autor do texto pode concentrar a caracterização a partir dos elementos físicos ou psicológicos que a definem. Observe, a seguir, um trecho do livro *Iracema*, de José de Alencar, no qual o narrador introduz a personagem principal na história:

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna e mais longos que seu talhe de palmeira. O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

ALENCAR, José de. *Iracema*. 24. ed. São Paulo: Ática, 1991. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000136.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

Vemos que a descrição feita se limita apenas aos elementos visuais da personagem, destacando sua beleza de modo bastante explícito. Esse tipo de caracterização é denominado descrição física.

Compare, agora, esse fragmento de *Iracema* com um trecho do livro *O cortiço*, de Aluísio Azevedo:

Das suas hortas recolhia para si e para a companheira os piores legumes, aqueles que, por maus, ninguém compraria; as suas galinhas produziam muito e ele não comia um ovo, do que no entanto gostava imenso; vendia-os todos e contentava-se com os restos da comida dos trabalhadores. Aquilo já não era ambição, era uma moléstia nervosa, uma loucura, um desespero de acumular; de reduzir tudo a moeda.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. 30. ed. São Paulo: Ática, 1997. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000015.pdf. Acesso em: 18 ago. 2021.

Nessa passagem, o narrador nos apresenta a personagem João Romão, conhecida por sua avareza e apego excessivo ao dinheiro. Diferentemente do visto em *Iracema*, essa passagem foca em um traço psicológico e comportamental da personagem: seu vício em poupar bens e moedas era tão grande que preferia viver em péssimas condições para que seu lucro fosse maior.

Todas as vezes que o processo de descrição não se limitar à aparência das personagens, revelando traços de sua psique, personalidade ou comportamento, devemos denominá-la como descrição psicológica.

Diferenciando narração de descrição

Embora sejam tipos de textos distintos, algumas vezes é preciso bastante atenção para diferenciar um trecho narrativo de um descritivo. Para isso, devemos nos apoiar sempre na finalidade comunicativa de cada um: a narração sempre será desenvolvida em uma sequência temporal e apresentará uma história ao leitor; já a descrição sempre será desenvolvida a partir de uma caracterização feita com qualidades de um objeto, de uma pessoa, de uma cena etc.

Além dessas diferenças entre as funções sociocomunicativas de cada tipo de texto, também é possível apontar outras particularidades a partir da estrutura textual, conforme aponta a tabela a seguir:

Narração	Descrição
Predomínio de verbos de ação: fazer, pensar, correr etc.	Predomínio de verbos de ligação: ser, estar, permanecer etc.
Emprego de expressões temporais: ontem, na manhã seguinte, horas depois etc.	Emprego de adjetivos e expressões qualificadoras: grande, empolgante, esbelto etc.
Relato de eventos incomuns. Exemplo: Naquele dia, o professor entrou da sala e questionou os alunos: — Eu pareço triste? Em seguida, alguns responderam: — Você sempre parece estar bem, professor.	Caracterização de eventos rotineiros. Exemplo: Todas as manhãs, o professor estava feliz e parecia animado em ensinar. A sala era bastante receptiva e permanecia participativa quando era necessário.

Texto dissertativo

Conceito base

Como visto anteriormente, o texto narrativo é marcado por desenvolvimento temporal e por uma sequência de eventos usada para contar uma história. Já o texto descritivo, por sua vez, é estruturado pela caracterização de pessoas, objetos, lugares, entre outros. A dissertação, em contraste com esses dois tipos de textos, é organizada a partir de um desenvolvimento lógico e por uma sequência de ideias feita para abordar um assunto de modo explícito. Por conta disso, devemos considerar a dissertação como um texto responsável por trazer informações e propor debates ou reflexões sobre um determinado tema. Analise o texto a seguir:

O **consumo de água no mundo** é um dos grandes temas em debate na atualidade. Em uma média total, a maior parte da utilização da água é realizada pela agricultura, que detém 70% do consumo; seguida pela indústria, que detém 22%; e pelo uso doméstico e comercial com 8%. No entanto, nos países subdesenvolvidos, essa média é diferente: a agricultura representa 82%; a indústria, 10%; e as residências, 8%. Nos países desenvolvidos, a relação dessas atividades com o consumo é de 59% para a indústria, 30% para a agricultura e 11% para o uso doméstico.

“Consumo de água no mundo”. *Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/consumo-agua-no-mundo>. Acesso em: 18 ago. 2021.

Nesse exemplo, percebemos que o autor aborda de maneira explícita um assunto bastante pertinente para nossa sociedade: o consumo de água. Podemos dizer que a dissertação, nesse sentido, é o tipo de texto predominante em jornais e revistas, por exemplo, uma vez que as discussões propostas pelo jornalismo tendem a refletir um debate de interesse público. Esse é um dos motivos pelos quais grande parte dos exames seletivos do país, como os vestibulares e concursos públicos, tende a solicitar aos candidatos a elaboração de uma dissertação — é por meio desse tipo de texto que os examinadores podem tomar conhecimento das posições assumidas pelos autores em respeito a temas relevantes.

Finalidade comunicativa do texto dissertativo

A dissertação está presente em muitas situações cotidianas e permite a articulação de debates, conferências e diversas ocasiões em que um determinado assunto seja trabalhado de forma explícita pelas pessoas. Em entrevistas de emprego, por exemplo, é comum que os candidatos ao cargo disputado tenham que defender por que devem ser selecionados para a vaga.

Tipos de texto dissertativo: dissertação expositiva

Nesse tipo de dissertação, o objetivo do enunciador é transmitir ao interlocutor informações sobre um determinado tema, evitando posicionar-se sobre ele. Para criar esse efeito de imparcialidade, é bastante comum que a dissertação expositiva seja escrita em terceira pessoa.

Já é possível afirmar que a fase de euforia nas bolsas dos EUA em 2018 terminou. Os preços das ações dispararam. E agora?

Comprar, vender ou manter as aplicações? As opções são simples, mas a decisão nunca é fácil.

Há justificativas para otimismo e pessimismo em relação a diferentes temas do mercado.

Argumento pessimista: As ações estão caras. Neste fim de semana, a ex-presidente do banco central Janet Yellen afirmou que as bolsas americanas estão “altas”, com razão entre preço e lucro próxima do teto do intervalo histórico. [...]

Argumento otimista: A perspectiva para os lucros das empresas é excelente. O movimento de revisões para cima nas estimativas para os lucros das empresas componentes do S&P 500 é um dos mais robustos que já se viu. As previsões para os lucros por ação em 2018 subiram em mais de US\$ 10. [...]

LEINZ, Kailey. “Fim de festa nas bolsas dos EUA? Há argumentos dos dois lados”, *Revista Exame*, 7 fev. 2018. Disponível em: <https://exame.com/invest/mercados/fim-de-festa-nas-bolsas-dos-eua-ha-argumentos-dos-dois-lados/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Tipos de texto dissertativo: dissertação argumentativa

Diferentemente da dissertação expositiva, a intenção do enunciador na dissertação argumentativa é convencer o interlocutor a respeito de algum ponto do tema abordado. Para tanto, estrutura-se o texto a partir de uma tese posicional e de argumentos que procuram defendê-la. Trata-se de um tipo bastante comum de texto solicitado em situações que demandem uma opinião.

Numa alusão à profusão dos cursos de Oratória, Rubem Alves cunhou o termo Escutatória em um daqueles textos cheios de inspiração que esse filósofo, educador e poeta compunha como ninguém. Ele dizia que “todo mundo quer aprender a falar. Ninguém quer aprender a ouvir.” Pelo visto, estava certo. Porque, para ouvir, é preciso antes se fazer silêncio dentro. E o mundo anda tão barulhento, há tanta informação e parece que todos temos sempre tanto a falar que, num curso de Escutatória, seríamos todos reprovados.

[...]

Quando a gente se dá conta de que o escutar é algo essencial para um ser humano se desenvolver de maneira saudável, especialmente no que tange a sua saúde psicoemocional, percebe a gravidade do problema. Um problema bem sério.

E que, ao se manifestar de maneira sistêmica, torna-se uma questão de saúde pública, uma pandemia para a qual ainda não inventaram remédio ou vacina.

BETTI, Fabio. “Escutar é uma questão de consciência, não de método”, *Revista Exame*, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/gestao-fora-da-caixa/escutar-e-uma-questao-de-consciencia-nao-de-metodo/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Ferramentas do texto dissertativo: a objetividade

Quando o autor de uma dissertação aborda o tema de modo impessoal, sem relacionar suas experiências de vida com o assunto tratado, dizemos que o texto é composto de modo objetivo. A linguagem usada é predominantemente denotativa e costuma-se empregar a terceira pessoa como forma de reforçar a impessoalidade pretendida pelo autor. Veja o exemplo a seguir:

No Brasil, é crescente a participação da mulher no mercado de trabalho e é notório o aumento de sua importância na economia. É progressiva também a responsabilidade feminina no sustento da família e destaque profissional em diversos setores. Entretanto, as funções exercidas, os cargos e as remunerações dessas mesmas mulheres ainda se encontram em defasagem considerável quando comparados com os dos homens.

As mulheres brasileiras ainda recebem em média 70% do salário que os homens ganham para executar as mesmas tarefas, nos mesmos postos de trabalho. [...] Os cargos de chefia ainda são exercidos, na maioria dos setores, por homens, mesmo em profissões tidas como historicamente femininas.

RIBEIRO, Amarolina. “Participação feminina no mercado de trabalho”. *Mundo Educação*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/participacao-feminina-no-mercado-trabalho.htm>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Ferramentas do texto dissertativo: a subjetividade

Em oposição ao texto objetivo, a dissertação subjetiva relaciona claramente a personalidade do autor ao tema abordado. Suas experiências de vida, memórias e demais particularidades individuais são usadas para propor a discussão do tema. Usualmente, emprega-se linguagem conotativa no texto e é comum estruturá-lo em primeira pessoa. A seguir, temos um exemplo desse recurso:

Mulheres. Somos plurais. Diversas. Força. Potência. Somos mães, leões. Somos líderes natos. Somos 51% da população, mas ganhamos em torno de 22% menos que os homens (IBGE 2019), ocupamos apenas 37% dos cargos de liderança e 12% dos cargos políticos. De acordo com a Unesco somos apenas 28% das pesquisadoras em ciência, engenharia, tecnologia e matemática. E apenas 17 mulheres receberam o prêmio Nobel nessas áreas. Segundo um levantamento de 2018 do Instituto Unibanco quase 2 milhões de meninas e mulheres entre 15 e 29 anos não terminaram o ensino médio.

Só em 1879 as mulheres brasileiras conseguiram o direito de estudar em instituições de ensino superior, e quem seguia esse caminho era criticada. Votar só foi possível na década de 1930. Na Arábia Saudita as mulheres conseguiram o direito de dirigir em 2017, único país que ainda mantinha essa restrição. Mas temos também ótimos exemplos de mulheres na ciência como a Hedy Lamarr, que além de atriz, criou a tecnologia que serviu de base para o Wi-Fi. [...]

STEREA, Yasmine McDougall. “Mulheres mudam o mundo”, *Revista Exame*, 1º jul. 2020. Disponível em: <https://exame.com/colunistas/nosso-olhar/mulheres-mudam-o-mundo/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Ferramentas do texto dissertativo: a dedução

Considerada como uma estratégia de desenvolvimento, a dedução textual é feita quando a dissertação parte de uma ideia em nível geral para, então, restringi-la a algo particular. Analise o texto a seguir:

Há diversas áreas de serviço público no Brasil que carecem de real investimento do Estado. Naturalmente, tais áreas são fundamentais para o correto funcionamento da sociedade e, como não há políticas de valorização desses serviços, o brasileiro vive refém de péssimas condições. É o caso da educação, por exemplo, visto que escolas públicas não dispõem sequer de professores, quanto mais de instalações adequadas para o aprendizado.

Observamos nesse exemplo que a discussão proposta surge a partir de um grupo generalizado (diversas áreas) para que o autor possa discutir a situação de um grupo específico (educação).

Ferramentas do texto dissertativo: a indução

Trata-se de uma estrutura de desenvolvimento em que a dissertação aborda, primeiramente, uma ideia particular para, em seguida, discuti-la de modo geral. Leia o texto de exemplo a seguir:

Os profissionais de educação do Brasil são mal remunerados e, por conta disso, há uma tendência natural de baixos índices de aproveitamento dos alunos. Porém, esse quadro grave de desvalorização salarial também afeta diversas áreas públicas no país, como a saúde e a segurança, motivo pelo qual a nação se encontra em um profundo estado de calamidade nos serviços básicos à população.

É possível observar que a discussão do tema é originada a partir de um grupo particular (profissionais da educação), o que permite ao enunciador desenvolver sua análise também em um nível geral (diversos profissionais do Estado).

Texto injuntivo

Conceito base

O texto injuntivo é organizado para expressar uma instrução ao interlocutor. Por conta disso, é bastante frequente que apresente uma organização em tópicos, como forma de tornar essa instrução mais didática e de fácil compreensão. Visto que se trata de um tipo de texto criado para transmitir uma informação, a injunção é geralmente estruturada com verbos no modo imperativo, conjugados em segunda pessoa do caso reto (tu) ou com pronomes de tratamento como “você”, “senhor”, “senhora”, entre outros. Avalie o texto a seguir:

Para participar desse concurso você deve preencher os requisitos:

- a) Ter entre 18 e 30 anos.
- b) Ser brasileiro(a).
- c) Possuir ensino superior completo.

Envie sua inscrição por e-mail para o endereço que consta na ficha anexada. Informe seus dados no corpo do texto.

Atenção: O título da mensagem deverá ser “inscrição do concurso”.

Finalidade comunicativa do texto injuntivo

Por apresentar teor informativo e instrucional, o texto injuntivo é frequentemente usado para criar campanhas de conscientização pública. A dengue, por exemplo, é uma doença que demanda anualmente propagandas educativas do poder público para alertar as pessoas sobre o perigo de manter água parada e as formas de lutar contra os mosquitos vetores dessa doença. Outro exemplo bastante comum no cotidiano são as receitas médicas, recebidas por um paciente após a consulta com um profissional: trata-se de um texto organizado didaticamente para orientar o leitor sobre como proceder com um tratamento, qual remédio deve ser consumido, por quanto tempo usá-lo etc.

Ferramentas gramaticais do texto injuntivo

Sendo um texto de qualidade instrucional, a injunção deve apresentar verbos conjugados no modo imperativo – esses verbos expressam uma ordem e servem para transmitir a informação. Além desse recurso, o texto injuntivo é frequentemente organizado em tópicos, muitas vezes divididos em etapas para facilitar a compreensão do leitor.

A peça publicitária a seguir é uma campanha da prefeitura do Rio de Janeiro. Nela, os tópicos são usados para melhorar a compreensão da mensagem. Além deles, também observamos dois verbos empregados para transmitir uma ordem: o primeiro, “ligar”, é utilizado informalmente e possui sentido contextual do modo imperativo; o segundo, “procurar”, no lado esquerdo inferior do texto, conclui a mensagem instrucional.

DÚVIDAS SOBRE A VACINAÇÃO CONTRA O SARAMPO? SE LIGA AQUI.

NUNCA VACINADOS

1 A 4 ANOS → 2 DOSES
1ª dose aos 12 meses | 2ª dose aos 15 meses

5 A 29 ANOS → 2 DOSES
com intervalo de 30 dias

30 A 49 ANOS → DOSE ÚNICA

CONTRAINDICAÇÕES:
Gestantes e imunodeprimidos.

Em caso de suspeitas de sarampo, procure a unidade de saúde mais próxima.

! Atenção

Alguns textos injuntivos são organizados para que as instruções fornecidas expressem exigências ao leitor. É o caso das leis, cláusulas contratuais e editais, por exemplo. Nesses casos, a injunção pode ser chamada de prescrição. O texto prescritivo, portanto, é composto de instruções obrigatórias ao leitor.

Gêneros discursivos

Conceito base

Consideramos que qualquer mensagem produzida com um sentido comunicacional deve ser considerada como gênero discursivo (ou textual). Nesse sentido, os gêneros textuais compõem todas as manifestações verbais ou não verbais cujo propósito de criação seja estabelecer uma comunicação com alguém. No cotidiano, fazemos uso de diversos gêneros discursivos para tornar possível a vida em comunidade: escrevemos mensagens em aplicativos de comunicação para conversar com amigos e familiares, trocamos e-mails profissionais para desenvolver um projeto, ouvimos e produzimos *podcasts* para debater um assunto de relevância pública ou apenas para nosso entretenimento, entre outros.

Os gêneros discursivos apresentam uma estrutura relativamente estável, ou seja, costumam ser organizados de uma forma padronizada consensualmente conhecida por grande parte das pessoas. Um bilhete, por exemplo, é produzido com um tamanho reduzido e transmite apenas informações cruciais sobre algo. Difícilmente alguém irá escrevê-lo com muitas linhas e diversos assuntos, uma vez que o padrão desse gênero demanda que o autor seja sucinto. Em contraste ao bilhete, por exemplo, temos um trabalho de conclusão de curso (conhecido pela abreviação TCC),

exigido de graduandos para colação de grau no Ensino Superior: trata-se de um gênero cuja extensão do texto é bastante elevada, justamente por discutir um assunto de modo aprofundado, comprovando que o autor domina a área do conhecimento abordada. Essas características predefinidas dos gêneros textuais auxiliam na produção, no reconhecimento coletivo e na veiculação em sociedade.

Aspectos de formação de gêneros

Veremos, a seguir, os aspectos de formação dos gêneros textuais. Cada um deles é responsável por adequar os textos à situação de comunicação em que são produzidos. Podemos dividi-los em dois grupos: a composição **estilística**, que determina o tipo de linguagem empregada no texto e o nível de formalidade usada pelo autor, e a composição **estrutural**, cujo emprego determina o modo como os parágrafos são compostos.

Composição estilística

Tipo de linguagem

a) Denotativa (ou literal): corresponde ao emprego vocabular cujo sentido das palavras é dicionarizado, ou seja, previsto pelo dicionário.

Esqueci a janela da casa aberta.

Nessa construção, o vocábulo “janela” está limitado ao sentido do dicionário: trata-se de uma abertura na parede externa de uma construção.

b) Conotativa (ou figurada): corresponde ao emprego vocabular cujo sentido das palavras extrapola aquele previsto em dicionário e assume um valor representativo, criado em contexto.

Os olhos são a janela da alma.

Nessa construção, o mesmo vocábulo é usado, mas o sentido atribuído a ele não se limita à definição dicionarizada: aqui, é preciso compreendê-lo com um valor representativo, ou seja, os olhos permitem interpretar a essência de uma pessoa.

Nível de formalidade

a) Formal: corresponde ao emprego vocabular adequado à norma-padrão. Nessa modalidade do idioma, há preocupação com a concordância verbal e nominal, bem como com a busca por clareza e concisão discursivas. Trata-se de um nível de linguagem comum em textos técnicos e jurídicos, assim como em situações comunicativas em que haja distanciamento entre os interlocutores.

b) Informal: corresponde ao emprego vocabular com desvios em relação à norma-padrão. Nessa modalidade do idioma, existe pouca ou nenhuma preocupação com aspectos da gramática normativa. Caracteriza-se por ser uma variedade que privilegia a espontaneidade linguística, composta de gírias, expressões idiomáticas e reduções sonoras. Geralmente, a informalidade é exercida em situações nas quais haja proximidade entre os interlocutores.

Composição estrutural

- Prosa: padrão de parágrafo produzido em linha reta, com pouca ou nenhuma preocupação com ritmos sonoros e a metrificação dos períodos. Comum em textos não literários, como notícias, reportagens e editoriais. A divisão dos textos é feita em parágrafos.
- Verso: padrão de paragrafação oposto à prosa, é comum nos textos literários, como poesias. No verso, há preocupação com o ritmo sonoro e a metrificação das palavras, enquanto a divisão dos textos é feita em estrofes.

! Atenção

Para que os gêneros textuais sejam elaborados, é necessário que haja um suporte em que deverão ser escritos. Devemos considerar suporte como o meio físico (papel, cartolina, caderno, entre outros) ou digital (*blog*, redes sociais, editor de texto, entre outros) no qual produzimos os textos.

Relação entre os aspectos de formação de gêneros

É a relação entre os aspectos de formação vistos anteriormente que irá garantir aos gêneros textuais um padrão consensualmente conhecido e praticado pela sociedade para a produção de cada um deles. Como há infinitas formas de combinar esses aspectos, podemos dizer que há infinitos gêneros textuais que podemos criar. Considerando isso, observe a tabela a seguir em que analisaremos alguns dos gêneros usados no cotidiano e em situações específicas:

Gênero textual	Tipo de linguagem	Nível de formalidade	Composição estrutural	Função social
Gameplay	Conotativa	Informal	Prosa	Produzido em plataformas de <i>streaming</i> , são vídeos geralmente curtos em que os autores avaliam algum game, recomendando ou não ao espectador a compra do jogo.
Detonado	Conotativa	Informal	Prosa	Muito semelhante ao <i>gameplay</i> , pode ser produzido em plataformas de <i>streaming</i> ou impresso em revistas especializadas em jogos eletrônicos. É estruturado como um guia, em passo a passo, para finalizar um game.
Notícia jornalística	Denotativa	Formal	Prosa	Pode ser produzida em suporte digital ou impresso. Cumpre a função de informar o leitor sobre acontecimentos recentes, de modo imparcial.
Quadrilha	Conotativa	Informal	Verso	Música popular veiculada em festas juninas; geralmente é produzida para acompanhar a dança de um grupo e, muitas vezes, apresenta versos bem-humorados.
Cantiga de roda	Conotativa	Informal	Verso	Música infantil de ritmo dançante, é veiculada em contextos educacionais para transmitir ensinamentos às crianças de forma lúdica.

Gêneros textuais da esfera jornalística

Dentre os infinitos gêneros textuais que usamos no nosso cotidiano, destacam-se em importância social aqueles que pertencem à esfera jornalística. Isso porque esses textos auxiliam na divulgação de informações, mantendo a população bem informada, além de contribuírem para a investigação de temas relevantes e de interesse público. Por conta disso, veremos a seguir os principais gêneros jornalísticos na ordem em que geralmente são produzidos.

- Notícia: trata-se do primeiro texto jornalístico que se produz a respeito de algum acontecimento. Sua função é comunicar, de modo imparcial e objetivo, o acontecimento a que se refere. É produzida em terceira pessoa, de modo que não há diálogo entre o enunciador e o interlocutor do texto. Na notícia, predomina a estrutura narrativa, com trechos descritivos. Costuma seguir este modelo:

- Título (ou manchete): resumo brevíssimo do fato noticiado.
- Subtítulo (opcional): explicação brevíssima das informações do título.
- 1º parágrafo: nessa parte inicial do texto, o jornalista procura trazer uma compilação das informações mais importantes da notícia. São elas: **o que** aconteceu, com **quem** aconteceu, **quando** aconteceu, **onde** aconteceu e **como** aconteceu.
- 2º parágrafo em diante: as partes restantes do texto apresentam um aprofundamento da notícia. Trazem informações mais detalhadas e, muitas vezes, contêm depoimentos em discurso direto, como forma de garantir imparcialidade no texto.

Considerando essa estrutura padrão, veja na página seguinte um exemplo de notícia.

Fiscais flagraram 47 crianças em situação de trabalho infantil em MT entre 2016 e 2019

Seminário será realizado para marcar a semana do dia 12 de junho, quando é comemorado o Dia Mundial Contra o Trabalho Infantil.

Quase 50 crianças foram flagradas em situação de trabalho infantil entre 2016 a abril de 2019 em Mato Grosso. Os dados são do Tribunal Regional do Trabalho de Mato Grosso (TRT/MT). Segundo o TRT, apesar de subnotificados, os números de crianças em trabalho infantil preocupam. De 2016 a abril de 2019 foram realizados 47 afastamentos de crianças trabalhando de forma irregular no estado.

No mesmo período também foram realizadas aproximadamente 400 ações de fiscalização com foco no trabalho infantil pela Superintendência Regional do Trabalho em Mato Grosso (SRTb/MT), hoje ligada ao Ministério da Economia.

“Fiscais flagraram 47 crianças em situação de trabalho infantil em MT entre 2016 e 2019”. *GI*, 7 jun. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2019/06/07/fiscais-flagraram-47-criancas-em-situacao-de-trabalho-infantil-em-mt-entre-2016-e-2019.ghtml>. Acesso em: 17 jun. 2021.

Saiba mais

Na linguagem jornalística, as principais informações de uma notícia (o que aconteceu, com quem aconteceu, quando aconteceu, onde aconteceu e como aconteceu) são chamadas de lide (do inglês *LEAD*). Essa denominação é o que chamamos de **jargão**, ou seja, uma linguagem técnica de um grupo profissional. Outro jargão curioso dos jornalistas é a palavra “foca”, usada para denominar os jovens profissionais que começam a carreira jornalística.

- b) Artigo de opinião: na ordem com que os textos jornalísticos são produzidos em um dia, o artigo de opinião tende a ser o próximo gênero criado após a notícia. Sua função é comentar o fato noticioso, apresentando uma opinião parcial, subjetiva e pessoal de um jornalista (ou convidado especial) do grupo que representa. É produzido em primeira pessoa, além de apresentar uma linguagem de teor persuasivo. Dada sua função argumentativa, a estrutura predominante é dissertativa. Avalie o exemplo a seguir:

O grupo especial de fiscalização do governo federal que verifica denúncias de trabalho escravo retirou 27 crianças e adolescentes do trabalho escravo ou de atividades relacionadas na Lista de Piores Formas de Trabalho Infantil do início do ano até agora. A quantidade já é próxima do total que foi encontrado em todo o ano passado (28) não apenas pelo grupo especial, mas por toda fiscalização no Brasil. O número de crianças e adolescentes em trabalho infantil, claro, é muito maior que este, como pode ser visto abaixo. E o grupo móvel não é o único a flagrar esse tipo de ocorrência, fiscalizada também por outras equipes e pelas superintendências regionais do trabalho nos estados.

Mas o dado é um termômetro. Como o grupo especial atua contra a escravidão contemporânea funciona como um indicador da gravidade dos casos de exploração de crianças e adolescentes no país.

SAKAMOTO, Leonardo. “Fiscalização vê aumento de piores formas de trabalho infantil em 2019”. *Blog do Sakamoto*, 12 jun. 2019. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2019/06/12/fiscalizacao-ve-aumento-de-piores-formas-de-trabalho-infantil-em-2019/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

- c) Reportagem: outro gênero muito comum no cotidiano de jornalistas é a reportagem. Trata-se de um texto com função semelhante à da notícia, visto que traz informações sobre um acontecimento, mas é composto de modo extenso e aprofunda a apresentação do fato noticiado. Costuma apresentar entrevistas com diversas personalidades envolvidas diretamente com o tema abordado. Além disso, é um texto em que, geralmente, vários jornalistas diferentes trabalham juntos para elaborá-lo. Assim, podemos considerar a notícia como a apresentação breve de um fato, enquanto a reportagem é o aprofundamento analítico desse fato. Assim como na notícia, a estrutura predominante na reportagem é narrativa, com alguns trechos descritivos.

O texto a seguir é a introdução de uma reportagem:

Há dois anos, Brasil não sabe quantas crianças trabalham no país

Há dois anos, o Brasil não sabe quantas **crianças e adolescentes** estão trabalhando no Brasil. A última informação divulgada pelo IBGE, responsável pelo levantamento de uma das piores **mazelas brasileiras**, foi de 2016, divulgada no ano seguinte. Eram 2,3 milhões naquele ano. A divulgação dos dados de 2017 e 2018 estava programada para junho do ano passado, passou para novembro, depois março deste ano e agora, segundo o instituto, deve acontecer em junho, já trazendo os dados de 2019.

Houve polêmica quando os números do **trabalho infantil** de 2016 foram divulgados. O IBGE mostrou que havia 1,8 milhão de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos trabalhando, número 66% menor que os 2,7 milhões de 2015. A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) foi modificada, estabelecendo outros parâmetros para o que é considerado trabalho e provocou reação das entidades que atuam no combate ao trabalho infantil. O IBGE excluía da conta as crianças e adolescentes que trabalhavam para o próprio consumo. Com a inclusão, o número subiu para 2,3 milhões.

Agência O Globo. “Há dois anos, Brasil não sabe quantas crianças trabalham no país”. *Época Negócios*, 14 jan. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/ha-dois-anos-brasil-nao-sabe-quantas-criancas-trabalham-no-pais-24188446>. Acesso em: 17 jul. 2021.

- d) Editorial: após o acontecimento noticiado, o grupo jornalístico costuma publicar, na ordem em que vimos, artigos de opinião sobre o tema, bem como reportagens para aprofundar a notícia. Após a confecção de todos esses gêneros, resta a elaboração do editorial. Trata-se de um texto escrito, na maior parte das vezes, em terceira pessoa, para expressar o posicionamento do grupo de jornalistas sobre a matéria mais importante da edição diária. Figuradamente, o editorial simula a “voz” do jornal – entre ele e o artigo de opinião há uma diferença crucial: o artigo revela a opinião de um indivíduo específico, e o editorial traduz o posicionamento de um grupo completo de jornalistas. Eventualmente, ele pode ser produzido em primeira pessoa, mas, nesses casos raros, quem assina é o editor-chefe do grupo e, no corpo do texto, os parágrafos revelam que a opinião expressa é um consenso de todos os jornalistas, e não apenas de quem produziu o texto.

Por se tratar de um gênero posicional, a estrutura predominante é dissertativa. Leia com atenção o exemplo a seguir:

O que a Folha pensa

Saneamento urgente

Novo marco traz incentivos à superação do vergonhoso atraso na oferta do serviço

Há muito tempo não surge uma grande novidade tecnológica no saneamento básico. Ao longo dos séculos 19 e 20, diversas nações vieram desenvolvendo seus serviços de entrega de água potável e de coleta e tratamento de esgoto mais ou menos da mesma maneira.

A necessidade de investimentos elevados poderia ser empecilho para países pobres, mas não para os que, como o Brasil, há muito superaram os limiares da baixa renda.

[...]

O vergonhoso estágio do saneamento no Brasil decorre de várias décadas de desprezo pela boa governança, em nome do atendimento a apetites imediatos do patrimonialismo. Será preciso muito esforço para romper com esse legado.

“Saneamento urgente”. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/07/saneamento-urgente.shtml. Acesso em: 17 jul. 2021.

- e) Crônica: embora seja um texto de teor opinativo, a crônica é distinta dos demais gêneros vistos anteriormente. Isso porque ela não está associada a uma notícia: o tema abordado é escolhido livremente pelo autor e, geralmente, trata-se de um assunto relacionado a um evento cotidiano banal, sem relevância pública. Esta é a principal diferença entre a crônica e o artigo de opinião, visto que ambos são produzidos em primeira pessoa e tendem a usar uma linguagem subjetiva e figurada. O trecho do texto a seguir exemplifica a seleção temática de uma crônica, bem como o tipo de linguagem usada para desenvolvê-la:

Amar não é sofrer

A frase que dá título a esta crônica é óbvia, mas milhares de pessoas não a levam a sério e vivem relações absolutamente torturantes sem conseguir rompê-las. Homens e mulheres preferem abrir mão da própria liberdade para continuar sendo amadas: deixam de ser quem são, deixam de externar suas opiniões, deixam de agir como sua natureza manda, deixam de ser elas mesmas para não perderem seu amor, perpetuando assim uma relação esgotante e dolorosa. Acreditam que amar é ser vítima, que o flagelo emocional faz parte do romance.

Para quem se reconheceu nesse primeiro parágrafo, acaba de ser lançado um livro que vem a calhar: *Amores de Alto Risco*, do psicólogo, filósofo e professor italiano Walter Riso. MEDEIROS, Martha. “Amar não é sofrer”. Disponível em: www.refletirpararefletir.com.br/cronicas-martha-medeiros-amar. Acesso em: 17 jul. 2021.

- f) Tirinhas e charges: ainda na esfera jornalística, temos a tirinha e a charge como os primeiros gêneros verbovisuais que veremos. Apresentam sempre uma relação entre um texto verbal com uma imagem e, muitas vezes, o texto visual é fundamental para a compreensão do sentido. A estrutura é predominantemente narrativa, embora possam ser criados apenas por uma descrição. Apresentam linguagem figurada, com posicionamento crítico e, por vezes, humorístico.

Leia os exemplos a seguir:

Tirinha



André Dahmer

A análise dessa tirinha revela que sua estrutura é narrativa, pois os quadros se desenvolvem em uma sequência temporal. A quebra de expectativa nas duas últimas cenas introduz o humor do texto, ao mesmo tempo que permite depreender uma crítica às redes sociais. No geral, a passagem da penúltima para a última cena de uma tirinha é o momento em que o autor revela o aspecto crítico e humorístico do texto.

Charge (ou cartum):



Angeli/Foroarena

Essa charge, por sua vez, deve ser considerada apenas descritiva, visto que não apresenta o desenvolvimento de uma história. Sua crítica se dá no campo da marginalização, sobretudo na apatia da justiça, representada pela estátua, em relação à existência de pessoas em constante contato com a criminalização – é possível depreender que o autor faz referência à incapacidade da justiça em promover ações para que as pessoas possam viver de modo digno, sem recorrer à violência como forma de existência.

Embora os gêneros vistos sejam considerados os mais importantes em uma edição de jornal, há outros que podemos destacar com semelhante relevância. Veja-os a seguir.

- g) Carta do leitor: trata-se de um texto produzido por um leitor do jornal ou revista para comentar alguma matéria da edição anterior em que é publicado. Essa carta pode ser produzida manualmente ou enviada por *e-mail*, o que é mais comum na era digital. Sempre revela a opinião do leitor.

Achei a escolha da matéria de capa da última edição muito pertinente!

Precisamos discutir o correto uso da água para que as próximas gerações tenham acesso igualitário a esse direito universal.

Tenho apenas uma crítica: seria importante trazer mais depoimentos de especialistas para melhorar a reportagem. Tirando isso, ficou perfeita!

Parabéns pelo trabalho.

Carla Figueiredo

- h) Resenha: muito semelhante a um resumo, a resenha apresenta as principais informações sobre uma obra, tal como um álbum musical, um livro literário, uma peça de teatro, entre outros. Sua função é despertar o interesse e a curiosidade do leitor sobre aquilo que está sendo resenhado. Na maior parte dos casos contém a opinião do resenhista, devendo ser nomeada como resenha crítica.

Mulheres que Correm com os Lobos é um best-seller incomum, que desafia rótulos e explicações. Lançado em 1992 pela psicanalista, poeta e contadora de histórias americana Clarissa Pinkola Estés, o livro mistura histórias folclóricas com uma profunda análise psicológica para resgatar a natureza feminina indomável – tudo isso temperado com doses generosas de espiritualidade e sabedoria.

A experiência de ler *Mulheres que Correm...* é multifacetada e poderosa: às vezes sedutora, outras, aterrorizante. Mesmo que as histórias sejam povoadas por mocinhas, bruxas, vilões, animais e criaturas mágicas, a protagonista do livro é a própria leitora. Parte desta mística ao redor do livro tem a ver com o fato de que sua leitura não é lá muito fácil. Ao longo de décadas, incontáveis grupos, círculos, clubes e seminários vêm reunindo leitoras em busca de um entendimento mais profundo sobre os mitos, lendas e contos de fadas com que a autora ilustra o universo feminino profundo.

“25 anos de um best-seller: saiba por que 'Mulheres que Correm com os Lobos' mudou a vida de milhares de leitoras”. *Gaúcha ZH*, 27 jul. 2017. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/donna/noticia/2017/07/25-anos-de-um-best-seller-saiba-por-que-mulheres-que-correm-com-os-lobos-mudou-a-vida-de-milhares-de-leitoras-cjpk6uhex000vc2cnc03cl5aw.html>. Acesso em: 17 jul. 2021.

- i) Sinopse: muito semelhante à resenha, diferencia-se na função do texto e em seu tamanho. Isso porque a sinopse introduz apenas o tema abordado pela obra apresentada, sem desenvolver mais aspectos envolvidos na análise. Por conta disso, é um texto mais curto do que a resenha, limitando-se muitas vezes a um único parágrafo.

PARASITA

7 de novembro de 2019/2h12min/Suspense

Direção: Bong Joon Ho

Elenco: Song Kang-Ho, Woo-sik Choi, Park So-Dam

Nacionalidade Coreia Do Sul

Não recomendado para menores de 16 anos

Em *Parasita*, toda a família de Ki-taek está desempregada, vivendo num porão sujo e apertado. Uma obra do acaso faz com que o filho adolescente da família comece a dar aulas de inglês à garota de uma família rica. Fascinados com a vida luxuosa destas pessoas, pai, mãe, filho e filha bolam um plano

para se infiltrarem também na família burguesa, um a um. No entanto, os segredos e mentiras necessários à ascensão social custarão caro a todos.

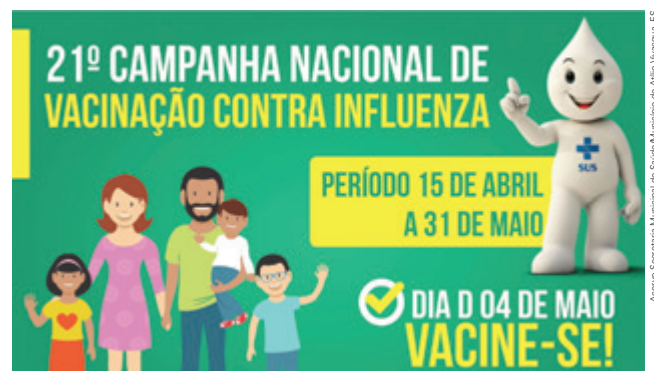
“Parasita”. *Adoro Cinema*. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-255238/>. Acesso em: 17 jul. 2021.

Gêneros textuais da esfera propagandística

Tão importantes quanto os gêneros jornalísticos, as propagandas e campanhas publicitárias fazem parte do nosso cotidiano e permitem a veiculação de produtos, serviços e até mesmo ideias. São geralmente produzidas para estabelecer interlocução com o leitor por meio de um pacto de confiança que auxilia na comercialização de algo: compreendemos pacto de confiança como a tentativa do enunciador de assemelhar-se a alguém próximo do cliente, para que a intenção de venda seja considerada um aconselhamento. Há predomínio de verbos no imperativo e em segunda pessoa. Além disso, costumam fazer uso de linguagem verbal e visual para chamar a atenção dos leitores.

Considerando isso, veremos, a seguir, alguns exemplos de gêneros dessa esfera.

- a) Campanha: texto geralmente motivado por um interesse público, como doação de alimentos, roupas, calçados, entre outros. Por esse motivo, o anunciante é, na maior parte das vezes, um agente público ou uma associação de grupos específicos, como moradores de um bairro ou comerciantes. Uma vez que as campanhas tendem a ser direcionadas a muitas pessoas, é comum o uso de imagens de fácil compreensão, bem como linguagem informal e verbos instrucionais. Analise a seguir uma campanha criada pela prefeitura de uma cidade paulista:



No aspecto visual, percebemos que o enunciador faz uso de figuras que representam grupos diferentes de pessoas: há alguns mais velhos, outros bastante jovens; há homens e mulheres, além de outros contrastes entre as pessoas. Esse efeito reforça o teor global da propaganda, ilustrando que o público-alvo é bastante distinto. Nesse sentido, o texto verbal confirma a intenção do texto de escalar as mais diversas pessoas em prol da vacinação. Finalmente, o uso do termo “Vacine-se” instrui o leitor para aderir à campanha, sintetizando as mensagens verbais e visuais.

- b) Propaganda: diferentemente das campanhas publicitárias, as propagandas tendem a focar um grupo menor como público-alvo e, geralmente, são elaboradas por

empresas privadas com a finalidade de promover uma venda, um produto ou um serviço – nada impede que também veiculem ideologias ou ideias, embora seja menos frequente. Costumam fazer uso de imagens e texto verbal, ao mesmo tempo que constroem um apelo direto ao leitor. Esse apelo pode ser criado com um verbo no modo imperativo ou apenas em contexto. Analise a propaganda a seguir, usada em uma avaliação do Enem:

SOS Mata Atlântica/R&R

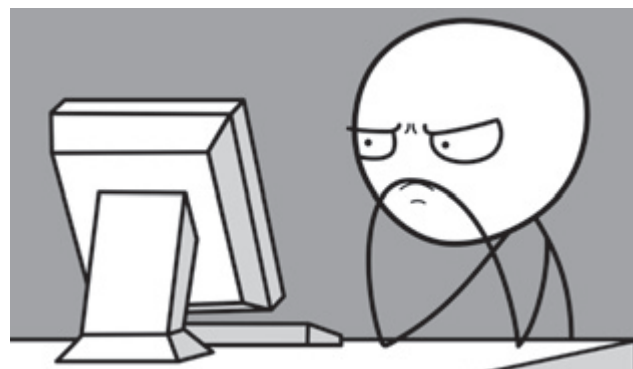


A propaganda explora uma relação de analogia entre a imagem das árvores e o pulmão humano, criando a ideia figurada de que as florestas são indispensáveis para que o planeta ofereça oxigênio para os seres humanos. Essa analogia fundamenta contextualmente a mensagem para que haja o apelo ao leitor, induzindo-o a preservar as matas.

Gêneros textuais da esfera digital

Com o acelerado avanço do uso da internet na atualidade, diversos gêneros textuais que, até o século passado, eram produzidos em papel migraram para os ambientes digitais. Alguns deles, como o artigo de opinião e o editorial, permanecem sendo impressos em jornais e revistas, mesmo com circulação reduzida. A tendência é que, com o tempo, eles percam ainda mais espaço nos impressos, passando integralmente para o meio digital. Alguns gêneros textuais, entretanto, já nasceram com a internet ou ganharam notoriedade por conta dela e, desse modo, podem ser considerados exclusivamente digitais. São eles:

a) *meme*: surgiu ainda no século passado como uma mensagem humorística com grande poder viral. Esse poder se devia, sobretudo, à linguagem oral empregada no texto e às imagens bastantes simples que facilitavam sua interpretação. Atualmente, os memes extrapolaram uma simples função humorística e passaram a ser usados para carregar mensagens políticas, religiosas e discursos posicionais nos mais variados assuntos. Nesse sentido, sua propagação pode ser bastante problemática porque facilita a transmissão de mensagens falsas, voluntariamente compartilhadas pelos usuários com pretexto humorístico.



Reprodução

Veja, a seguir, as características mais comuns dos *memes* atuais:

1. linguagem coloquial: empregada para facilitar sua propagação. A linguagem oral permite que a mensagem seja facilmente interpretada por grande parte dos usuários.
2. emprego de expressões próprias da internet: é muito comum que, além da linguagem oral, os *memes* sejam criados com abreviações, *emoticons*, *emojis* e gírias próprias das redes, como “kkk” e “shippar”, entre outros. Esses recursos também permitem que as mensagens alcancem maior visualização e compartilhamento, o que amplia sua capacidade viral.
3. Emprego de imagens conhecidas: além do texto verbal, outra característica própria dos *memes* é a recorrência com que usam a linguagem não verbal para efeitos cômicos e compartilháveis. Algumas dessas imagens correspondem a apropriações de figuras públicas, como artistas e atletas; outras, entretanto, possuem origem desconhecida.

Por diversas vezes, a imagem que acompanha a mensagem sequer possui relação com o assunto abordado: a função do texto visual, nesses casos, é de apenas facilitar ao leitor a percepção da função humorística da mensagem. Assim, antes mesmo de ler o texto verbal, o interlocutor é induzido a esperar comicidade na mensagem, o que potencializa novamente a carga viral do *meme*.

! Atenção

Por se tratar de um gênero digital criado por diversos tipos de usuários da rede, o *meme* sofre constantes transformações. Embora seja impossível prever quais serão essas modificações, é importante perceber que qualquer mudança na estrutura, tipo de linguagem ou padrão de imagem de um *meme* só será aceita pela comunidade se mantiver o poder viral da mensagem.

b) Tuíte (ou tweet): embora possa parecer restrito a uma rede social específica, o tuíte pode ser considerado como uma revolução da linguagem na internet. Trata-se de uma mensagem curta, com no máximo 280 caracteres, o que obriga o enunciador da mensagem a buscar o máximo de concisão na produção do texto. Essa limitação acarretou mudanças significativas na linguagem escrita: a pontuação não é empregada e as abreviações tornam-se comuns. Por conta dessas características, mais do que um gênero textual, o tuíte pode ser considerado também um novo padrão de escrita, nascido na internet.

Em relação aos tópicos apresentados pelo tuíte, não existem limitações: as mensagens podem abordar assuntos diversos, como política, economia e bastidores de programas televisivos. Diferentemente dos *memes*, porém, o tuíte permite que a mensagem não seja apenas compartilhada, como também respondida pelos usuários.

Esses aspectos estruturais do tuíte fazem com que diversos acontecimentos de relevância pública, como grandes acidentes ou descobertas científicas, sejam primeiramente noticiados em sua plataforma, tendo em vista que a mensagem é rapidamente produzida, comentada e compartilhada.

Analise, a seguir, um tuíte feito pelo jornal *Folha de S.Paulo*:



O tuíte apresenta um resumo da notícia de um veículo jornalístico e um *link* para que o leitor possa acessar o conteúdo completo, na página do jornal. Nesse caso, a limitação da quantidade de caracteres surte um efeito bastante positivo para a mensagem: o conteúdo é apresentado de modo conciso, o que facilita a leitura e amplia a quantidade de compartilhamentos da mensagem. Caso a pessoa queira saber mais sobre o assunto, basta clicar no *link*.

- c) *Podcast*: pode ser considerado uma atração de rádio na versão digital. Trata-se de um programa em áudio, produzido por usuários da *web* ou empresas, com a finalidade de discutir temas variados. Pode ser apresentado por uma única pessoa ou contar com um grupo de locutores. A linguagem informal comumente usada e a ampla abordagem temática facilitam a difusão desse gênero. Diferentemente de um programa de rádio, entretanto, o *podcast* pode ser acessado via aplicativos ou navegadores a qualquer momento; esse recurso permite, inclusive, que o usuário pare sua exibição e a retome quando quiser.
- d) Divulgação científica: embora se trate de um gênero anterior ao surgimento da internet, a divulgação científica tornou-se muito mais frequente graças aos principais serviços de *streaming* da atualidade. Nesse texto, conceitos das mais diversas ciências (como virologia, astronomia e antropologia) são transmitidos aos interlocutores com uma linguagem bastante acessível, sem emprego de jargões ou termos técnicos. Por vezes, o roteiro desse texto é composto de situações do dia a dia, analisadas pelo discurso científico e, em alguns casos, o humor também é utilizado como ferramenta na organização do discurso. Por fim, por se tratar de um gênero de difusão de conhecimento para o público leigo, a mensagem tende a ser concisa e objetiva, sem que haja aprofundamento nos conceitos apresentados.

Revisando

1. Fuvest-SP

Ser consciente é talvez um esquecimento.
Talvez pensar um sonho seja, ou um sono.
Talvez dormir seja, um momento,
Voltar o 'spirito nosso a ser dono.

[Fernando Pessoa]

- a) O trecho anterior, do ponto de vista da composição, classifica-se como descritivo, narrativo ou dissertativo?
- b) Justifique sua resposta, transcrevendo pelo menos dois elementos do texto.



Texto para as questões 2 e 3.

[...] Minutos depois, já sozinhos, o médico foi sentar-se ao lado da mulher, o rapazinho estrábico dormitava num canto do sofá, o cão das lágrimas, deitado, com o focinho sobre as patas dianteiras, abria e fechava os olhos de

vez em quando para mostrar que continuava vigilante, pela janela aberta, apesar da altura a que estava o andar, entrava o rumor das vozes alteradas, as ruas deviam estar cheias de gente, a multidão a gritar uma só palavra, Vejo, diziam-na os que já tinham recuperado a vista, diziam-na os que de repente a recuperavam, Vejo, vejo, em verdade começa a parecer uma história doutro mundo aquela em que se disse, Estou cego. [...] Por que foi que cegámos, Não sei, talvez um dia se chegue a conhecer a razão, Queres que te diga o que penso, Diz, Penso que não cegámos, penso que estamos cegos, Cegos que veem, Cegos que, vendo, não veem.

A mulher do médico levantou-se e foi à janela. Olhou para baixo, para a rua coberta de lixo, para as pessoas que gritavam e cantavam. Depois levantou a cabeça para o céu e viu-o todo branco, Chegou a minha vez, pensou. O medo súbito fê-la baixar os olhos. A cidade ainda ali estava.

JOSÉ SARAMAGO

Ensaio sobre a cegueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Em *Ensaio sobre a cegueira*, o autor testa os limites da expressão ao convencionar um novo sistema de pontuação. Uma dessas inovações diz respeito à representação do discurso direto, como se pode observar no diálogo representado no texto. Com base nisso,

2. **Uerj 2017 (Adapt.)** Identifique dois recursos empregados para representar o discurso direto.
3. **Uerj 2017 (Adapt.)** Explique o efeito que essa representação traz para o fluxo da narrativa.
4. **IFBA 2015** Os diferentes gêneros textuais assumem configurações determinadas em termos formais e também em relação ao conteúdo que veiculam. Sendo assim, observe o texto abaixo e assinale a alternativa adequada.



Disponível em: <http://wp.clicrbs.com.br/guarda-sol/tag/radar/?topo=98,2,18,,15>. Acesso em: set. 2014.

O referido texto pretende:

- a) definir regras de comportamento social pautadas no combate a atos pecaminosos na vida na terra.
- b) defender a importância do conhecimento das leis de trânsito.
- c) influenciar o comportamento, por meio de apelo que visa à conscientização sobre a importância de respeitar os limites de velocidade.
- d) facilitar o uso de veículos de locomoção.
- e) questionar o fato de o homem estar morrendo muito cedo.

5. UEG-GO



O POPULAR, Goiânia, 28 ago. 2007, p. 3.

As manchetes jornalísticas caracterizam-se pela objetividade, evitando comentários avaliativos e/ou explicações causais e descrições. Reescreva o texto em um período, explicitando informações avaliativas e descritivas subentendidas na manchete.

6. **Unicamp-SP 2015** O circo não é mais o mesmo, respeitável público. A tradição do picadeiro itinerante, da arte hereditária, vem se transformando. Uma das grandes mudanças foi a partir da segunda metade do século XX, quando os próprios artistas, preocupados com as exigências da educação formal de seus filhos, decidiram fixar residência. Muitos reduziram as viagens, mandaram as crianças para a casa de parentes e para uma escola fixa e assumiram um novo modo de vida. O circo não é mais o mesmo: encontrou outros modos de organizar-se, muito além da lona. Ocupa espaços nunca antes imaginados, como academias, projetos sociais, oficinas culturais e até hospitais.

No Brasil, grande parte dessa transformação se deve aos próprios artistas que, preocupados ainda com a continuidade da arte circense, participaram da criação de escolas para a formação das novas gerações. Escolas e cursos abertos a quem se interessasse. De fato “os próprios artistas foram abrindo o ambiente para outras pessoas e facilitando esta via de mão dupla. O ‘circo novo’ de hoje estabelece-se a partir desta relação com o novo sujeito histórico”, afirma Rodrigo Mallet Duprat, autor da tese *Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior*.

Rodrigo investigou a formação do profissional de circo no Brasil, na Bélgica, na França e na Espanha. O objetivo do trabalho foi entender a pluralidade da formação do profissional de circo de hoje bem como sua atuação em outros âmbitos, para além do artístico/profissional. A pesquisa foi desenvolvida no programa de pós-graduação em Educação Física, na área de concentração Educação Física e Sociedade.

Rodrigo entende que atualmente a atividade é exercida por diferentes profissionais como professores de teatro, artes ou educação física. A tese propõe formação continuada a fim de habilitar o profissional de circo para atuar em todos os âmbitos, inclusive naqueles que ganharam maior espaço no Brasil nas últimas décadas, como os projetos de circo social. “Há, no mercado, profissionais híbridos, oriundos de várias áreas de formação, inclusive no circo familiar. Mas, como falta um curso superior, muitos artistas que começaram nas artes circenses vão para outras áreas do conhecimento como ciências sociais, dança, teatro, educação física, história... É até bom existir essa amplitude só que aquele profissional poderia ter a possibilidade de se formar, fazer um curso superior de artes do circo”, defende o autor da tese.

Adaptado de Patrícia Lauretti, “Tem diploma no circo”, *Jornal da Unicamp*, no. 607, 22/09/2014, p. 12.

- a) Em um texto jornalístico, fontes fidedignas são usadas para dar credibilidade às informações. Aponte os tipos de fontes usados no texto e dê dois exemplos de discurso reportado que as identificam.
- b) Com base nas informações do texto, descreva o profissional do circo e sua formação nos dias atuais.

7. Unesp 2015 (Adapt.)

Doze anos de escravidão

Houvera momentos em minha infeliz vida, muitos, em que o vislumbre da morte como o fim de sofrimentos terrenos – do túmulo como um local de descanso para um corpo cansado e alquebrado – tinha sido agradável de imaginar. Mas tal contemplação desaparece na hora do perigo. Nenhum homem, em posse de suas forças, consegue ficar imperturbável na presença do “rei dos horrores”. A vida é cara a qualquer coisa viva; o verme rastejante lutar por ela. Naquele momento, era cara para mim, escravizado e tratado tal como eu era. Sem conseguir livrar a mão dele, novamente o peguei pelo pescoço e dessa vez com uma empunhadura medonha que logo o fez afrouxar a mão. Tibeats ficou enfraquecido e desmobilizado. Seu rosto, que estivera branco de paixão, estava agora preto de asfixia. Aqueles olhos miúdos de serpente que exalavam tanto veneno estavam agora cheios de horror – duas órbitas brancas precipitando-se para fora. Havia um “demônio à espreita” em meu coração que me instava a matar o maldito cão naquele instante – a manter a pressão em seu odioso pescoço até que o sopro de vida se fosse! Não ousava assassiná-lo, mas não ousava deixá-lo viver. Se eu o matasse, minha vida teria de pagar pelo crime – se ele vivesse, apenas minha vida satisfaria sua sede de vingança. Uma voz lá dentro me dizia para fugir. Ser um andarilho nos pântanos, um fugitivo e um vagabundo sobre a Terra, era preferível à vida que eu estava levando.

(Doze anos de escravidão, 2014.)

O filme *12 anos de escravidão*, considerado uma excelente obra de arte cinematográfica pela crítica, tem seu roteiro baseado na narrativa *Doze anos de escravidão*. Assistindo-se ao filme e lendo a narrativa, percebe-se, por exemplo, a ausência, no filme, de algumas cenas presentes na narrativa. Esse fato deve ser considerado uma falha do filme? Justifique sua resposta.

8. **Fuvest-SP** Artistas, costureiras, soldados e desenhistas manejam ferro, madeira, isopor e tecido. No galpão do boi Garantido, o do coração vermelho, todos se esmeram (nunca usam o verbo caprichar) para preparar um espetáculo que supere o do rival. No ano passado, foi o Caprichoso, o da estrela azul, o ganhador da disputa de bois-bumbá do famoso Festival de Parintins, que todo final de junho atrai cerca de cem mil pessoas para a doce ilha situada na margem direita do rio Amazonas. No curral da torcida caprichosa, “alegoristas”, passistas e percussionistas preferem não dizer que uma nova vitória está garantida. Dizem, sim, com todas as letras, que está assegurada. Fernanda Pompeu, *Caprichada e garantida*.

As marcas linguísticas e o modo de organização do discurso que caracterizam o texto são, respectivamente,

- verbos no presente e no passado; descritivo-narrativo.
- substantivos e adjetivos; descritivo-dissertativo.
- substantivos; narrativo-dissertativo.
- frases nominais; apenas narrativo.
- adjetivos substantivados; apenas descritivo.

9. **Uema 2015** No texto narrativo, o autor preocupa-se basicamente em relatar a sucessão de fatos que ocorrem em um determinado espaço e tempo. Um dos recursos utilizados por ele é a escolha do discurso que determina a posição do narrador. O texto a seguir é um fragmento do conto “A confissão de Leontina”, que integra a obra *Melhores Contos*, de Lygia Fagundes Telles. Nele o narrador faz uso do discurso indireto. Leia-o com atenção.

“[...] Seu Armando que é pianista lá do salão de danças já me aconselhou a não perder a calma e esperar com confiança que a justiça pode tardar mas um dia vem. Respondi então que confiança podia ter nessa justiça que vem dos homens se nunca nenhum homem foi justo para mim. [...]”

Fonte: PORTELLA, Eduardo. *A confissão de Leontina*. In: *Melhores Contos de Lygia Fagundes Telles*. 12. ed. São Paulo: Global, 2003.

Reescreva o fragmento narrativo, utilizando o discurso direto. Faça as adaptações necessárias.

10. **UFMS 2020** Considere o excerto do texto “Novos letramentos pelos memes: muito além do ensino de línguas”, de Maciel e Takaki, para responder à questão.

“[...] No Facebook, em outra época, foi comentada a frase *Can the twitter speak?* (O twitter pode falar?), fazendo analogia à famosa frase da indiana Gayatri Spivak: *Can the subaltern speak?* (O subalterno pode falar?), defensora da tese de que as pessoas só podem ser ouvidas se forem filiadas a um grupo preferencialmente hegemônico, ou seja, só serão ouvidas se estiverem do lado de dentro. Contudo, o ciberespaço fornece essa possibilidade de expressão, embora apenas como propagação de ideias sem estar necessariamente atrelado a um poder de decisão. Mesmo assim, devido a uma grande participação de internautas, as ideias se revestem de grandes complexidades, sobretudo com a convergência em outras mídias.

Desse modo, destacamos que, no contexto da linguagem, os *memes* representam modelos culturais de pensamentos, ideias, pressupostos, valores, esquemas interpretativos de fenômenos sociais simbólicos e comportamentais que são produzidos por participantes, por exemplo, em “espaços de afinidade” (Gee, 2004, p. 77). Nesses contextos, as pessoas interagem, participam e aprendem num ambiente que sugere muito mais que um mero pertencimento a determinada comunidade. Para o referido teórico, no “espaço de afinidade”, diferente do espaço da comunidade convencional, os integrantes se encontram com maior flexibilidade por questões de interesse comum e não por aquelas vinculadas à [...] classe social, gênero, etnia. Esse “espaço de afinidade” atende aos interesses de usuários que se encontram socialmente saturados por diversas tarefas e que, por isso mesmo, são interpelados a construir sentidos aceitando e deixando o ambiente digital quando sentirem necessidade, sem que precisem passar por seguranças e portarias, como costuma ocorrer em clubes, parques e em outras esferas sociais”.

(MACIEL, Ruberval Franco; TAKAKI, Nara Il. Novos letramentos pelos memes: muito além do ensino de línguas. In: JESUS, D.; MACIEL, R. (Orgs.). *Olhares sobre tecnologias digitais: linguagens, ensino, formação e prática docente*. Campinas: Pontes, 2015).

De acordo com o texto, é correto afirmar que:

- a) os participantes que interagem no ciberespaço determinam as regras na elaboração dos *memes*, já que pertencem a grupos cujas ideias, pensamentos e valores são rigidamente combinados.
- b) várias mídias podem colaborar na construção dos *memes*, uma vez que o contexto da linguagem permite a mobilidade dos internautas, dependendo dos interesses que os motivam.
- c) o ciberespaço possibilita a circulação de ideias, valores e modelos culturais e, em função da visibilidade que apresenta, influencia na tomada de decisão de boa parte dos internautas.
- d) a interação no espaço midiático, por abranger classe social, gênero e etnia, direciona os internautas ao desejo de pertencer a determinado grupo.
- e) as pessoas, de modo geral, só utilizam as mídias pela comodidade que elas oferecem, haja vista que não há necessidade da presença de portarias e de seguranças, como se vê em clubes e em outros locais.

Exercícios propostos

1. Fuvest-SP

Das vãs sutilezas

Os homens recorrem por vezes a sutilezas fúteis e vãs para atrair nossa atenção. [...] Aprovo a atitude daquele personagem a quem apresentaram um homem que com tamanha habilidade atirava um grão de alpiste que o fazia passar pelo buraco de uma agulha sem jamais errar o golpe. Tendo pedido ao outro que lhe desse uma recompensa por essa habilidade excepcional, atendeu o solicitado, de maneira prazenteira e justa a meu ver, mandando entregar-lhe três medidas de alpiste a fim de que pudesse continuar a exercer tão nobre arte. É prova irrefutável da fraqueza de nosso julgamento apaixonarmo-nos pelas coisas só porque são raras e inéditas, ou ainda porque apresentam alguma dificuldade, muito embora não sejam nem boas nem úteis em si.

Montaigne, *Ensaaios*

O texto revela, em seu desenvolvimento, a seguinte estrutura:

- a) formulação de uma tese; ilustração dessa tese por meio de uma narrativa; reiteração e expansão da tese inicial.
- b) formulação de uma tese; refutação dessa tese por meio de uma narrativa; formulação de uma nova tese, inspirada pela narrativa.
- c) desenvolvimento de uma narrativa; formulação de tese inspirada nos fatos dessa narrativa; demonstração dessa tese.
- d) segmento narrativo introdutório; desenvolvimento da narrativa; formulação de uma hipótese inspirada nos fatos narrados.
- e) segmento dissertativo introdutório; desenvolvimento de uma descrição; rejeição da tese introdutória.

2. Enem

Transtorno do comer compulsivo

O transtorno do comer compulsivo vem sendo reconhecido, nos últimos anos, como uma síndrome caracterizada por episódios de ingestão exagerada e compulsiva de alimentos, porém, diferentemente da bulimia nervosa, essas pessoas não tentam evitar ganho de peso com os métodos compensatórios. Os episódios vêm acompanhados de uma sensação de falta de controle sobre o ato de comer, sentimentos de culpa e de vergonha.

Muitas pessoas com essa síndrome são obesas, apresentando uma história de variação de peso, pois a comida é usada para lidar com problemas psicológicos. O transtorno do comer compulsivo é encontrado em cerca de 2% da população em geral, mais frequentemente acometendo mulheres entre 20 e 30 anos de idade. Pesquisas demonstram que 30% das pessoas que procuram tratamento para obesidade ou para perda de peso são portadoras de transtorno do comer compulsivo.

Disponível em: <http://www.abcdasaude.com.br>. Acesso em: 1º maio 2009 (adaptado).

Considerando as ideias desenvolvidas pelo autor, conclui-se que o texto tem a finalidade de

- a) descrever e fornecer orientações sobre a síndrome da compulsão alimentícia.
- b) narrar a vida das pessoas que têm o transtorno do comer compulsivo.
- c) aconselhar as pessoas obesas a perder peso com métodos simples.
- d) expor de forma geral o transtorno compulsivo por alimentação.
- e) encaminhar as pessoas para a mudança de hábitos alimentícios.

3. Unesp 2017

Leia o excerto do livro *Violência urbana*, de Paulo Sérgio Pinheiro e Guilherme Assis de Almeida, para responder à questão.

De dia, ande na rua com cuidado, olhos bem abertos. Evite falar com estranhos. À noite, não saia para caminhar, principalmente se estiver sozinho e seu bairro for deserto. Quando estacionar, tranque bem as portas do carro [...]. De madrugada, não pare em sinal vermelho. Se for assaltado, não reaja – entregue tudo. É provável que você já esteja exausto de ler e ouvir várias dessas recomendações. Faz tempo que a ideia de integrar uma comunidade e sentir-se confiante e seguro por ser parte de um coletivo deixou de ser um sentimento comum aos habitantes das grandes cidades brasileiras. As noções de segurança e de vida comunitária foram substituídas pelo sentimento de insegurança e pelo isolamento que o medo impõe. O outro deixa de ser visto como parceiro ou parceira em potencial; o desconhecido é encarado como ameaça. O sentimento de insegurança transforma e desfigura a vida em nossas cidades. De lugares de encontro, troca,

comunidade, participação coletiva, as moradias e os espaços públicos transformam-se em palco do horror, do pânico e do medo. A violência urbana subverte edes-virtua a função das cidades, drena recursos públicos já escassos, ceifa vidas – especialmente as dos jovens e dos mais pobres –, dilacera famílias, modificando nossas existências dramaticamente para pior. De potenciais cidadãos, passamos a ser consumidores do medo. O que fazer diante desse quadro de insegurança e pânico, denunciado diariamente pelos jornais e alardeado pela mídia eletrônica? Qual tarefa impõe-se aos cidadãos, na democracia e no Estado de direito?

(*Violência urbana*, 2003.)

O modo de organização do discurso predominante no excerto é

- a) a dissertação argumentativa.
- b) a narração.
- c) a descrição objetiva.
- d) a descrição subjetiva.
- e) a dissertação expositiva.

4. **UPE 2022 (Adapt.)** O Texto serve de base para a questão.

Padre Júlio Lancellotti: “Não se humaniza a vida numa sociedade como a nossa sem conflito”

Líder religioso, conhecido por seu trabalho com a população em situação de rua em São Paulo, fala ao EL PAÍS sobre seus 35 anos de sacerdócio. Alvo de críticas da extrema direita, ele voltou a sofrer ameaças durante a pandemia.

São oito horas da manhã de quinta-feira, 17 de setembro, e o padre Júlio Lancellotti (São Paulo, 1948) veste jaleco branco, avental laranja, sandálias pretas, luvas de látex e uma máscara respiratória rosa com filtro embutido. Há uma fila de centenas de pessoas para tomar café da manhã no Núcleo de Convivência São Martinho de Lima, da prefeitura da capital paulista, e é o religioso quem aponta um termômetro para a testa de cada uma delas. Aos 71 anos, pertence ao grupo mais propenso a desenvolver complicações da covid-19, mas nem uma pandemia tão longa e mortífera freou sua convivência diária com a população que vive nas ruas de São Paulo.

Quando Cassiano, de 40 anos, se juntou à fila com o corpo sujo, as roupas rasgadas, machucado na testa e olhar triste, Lancellotti não hesitou em se aproximar e tocar a cabeça do homem com as duas mãos. “Nós vamos cuidar de você”, disse, com a voz suave. Quando ele já estava sentado e comendo, o padre se aproximou de novo para saber o que havia acontecido. Um abraço demorado cobriu, então, a cabeça do rapaz. Um carinho incomum que fez com que ele chorasse. “Não são anjos ou demônios. Eu procuro ver os olhos deles... Tem os que estão com raiva, tristes, solitários, alegres... Desses 40 anos, há quanto tempo Cassiano não recebia um afeto?”, pergunta Lancellotti.

Sua quinta-feira começou como todos os dias, com uma missa na Igreja São Miguel Arcanjo, da qual é pároco. Ali, no bairro da Mooca, zona leste de São Paulo, mantém há 35 anos um compromisso constante com a população em situação de vulnerabilidade. Costumava

servir um café da manhã na própria igreja para cerca de 200 pessoas. Veio a pandemia e o número praticamente triplicou. As atividades tiveram de ser transferidas, com o aval da Prefeitura, para o centro comunitário a algumas quadras dali. “Eu não trabalho com morador de rua. Eu convivo com eles. Porque dizer ‘trabalhar’ parece que eles são objetos. É preciso olhar para a vida de forma humana. Isso não é tarefa só para os religiosos. Mas eu não conseguiria viver a dimensão religiosa sem humanizar a vida”, explica. [...] Até hoje Lancellotti segue vivendo na pequena casa, no bairro do Belém, que era de sua mãe, Wilma, que morreu em 2010, aos 88 anos.

Felipe Betim. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-09-20/padre-julio-lancellotti-nao-se-humaniza-a-vida-numa-sociedade-como-a-nossa-sem-conflito.html>. Acesso em: 2 ago. 2021. Excerto adaptado.

Nos textos narrativos, são comuns partes que buscam descrever elementos, como ambientes e personagens. O Texto 1, de tipologia predominantemente narrativa, apresenta um trecho notadamente descritivo em:

- a) “Aos 71 anos, [o padre] pertence ao grupo mais propenso a desenvolver complicações da covid-19, [...]”.
- b) “Quando Cassiano, de 40 anos, se juntou à fila com o corpo sujo, as roupas rasgadas, machucado na testa e olhar triste, [...]”.
- c) “Quando ele já estava sentado e comendo, o padre se aproximou de novo para saber o que havia acontecido. Um abraço demorado cobriu, então, a cabeça do rapaz”.
- d) “Sua quinta-feira começou como todos os dias, com uma missa na Igreja São Miguel Arcanjo, da qual é pároco”.
- e) “Ali, no bairro da Mooca, zona leste de São Paulo, mantém há 35 anos um compromisso constante com a população em situação de vulnerabilidade”.

5. **Famerp-SP 2016** Leia o texto de Tzvetan Todorov.

Desde o início da história europeia, criamos o hábito de distinguir entre poder temporal e poder espiritual. Quando cada um deles dispõe da autonomia em seu domínio e se vê protegido contra as intrusões do outro, fala-se de uma sociedade laica ou, como se diz também, secular. Poderíamos crer que, na parte do mundo marcada pela tradição cristã, essa relação em torno da questão da autonomia já estaria prontamente organizada, pois o Cristo anunciou que seu reino não era deste mundo, que a submissão a Deus não interferia em nada na submissão a César. No entanto, a partir do momento em que o imperador Constantino impôs o cristianismo como religião de Estado, no século IV, a tentação de apoderar-se de todos os poderes de uma vez revelou-se. É fácil entender a razão desse movimento. Dir-se-á que a ordem temporal reina sobre os corpos, a ordem espiritual sobre as almas. Mas alma e corpo não são entidades simplesmente justapostas, no interior de cada ser eles formam inevitavelmente uma hierarquia. Para a religião cristã, a alma deve comandar o corpo; por isso cabe às instituições religiosas, isto é, à Igreja, não somente dominar diretamente as almas, mas também, indiretamente, controlar os corpos e, portanto, a ordem temporal. Por sua vez, o poder temporal procurar

defender suas prerrogativas e exigirá a manutenção do controle sobre todos os negócios terrestres, inclusive sobre uma instituição como a Igreja. Para proteger sua autonomia, cada um dos dois adversários fica então tentado a invadir o território do outro.

(*O espírito das Luzes*, 2006.)

Considerando o modo como as ideias estão organizadas, é correto afirmar que o texto

- a) defende a ideia de que a verdade sobre os fatos é uma só e independe das opiniões e dos pontos de vista.
- b) descreve uma polêmica com duas soluções possíveis, justapondo argumentos em favor de uma e contra a outra solução.
- c) argumenta sobre como dois pontos de vista opostos podem ser conciliados se os defensores das opiniões divergentes entrarem em diálogo.
- d) expõe uma questão polêmica e elenca elementos para mapear as divergências entre diferentes pontos de vista.
- e) narra a saga das religiões cristãs, do tempo de Cristo até os tempos de hoje.

6. Uerj 2022 (Adapt.)

Soneto

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
Mas não servia ao pai, servia a ela,
E a ela só por prêmio pretendia.

Os dias na esperança de um só dia
Passava, contentando-se com vê-la;
Porém o pai, usando de cautela,
Em lugar de Raquel, lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganoso
Lhe fora assim negada sua pastora,
Como se a não tivera merecida,

Começa de servir outros sete anos,
Dizendo: — Mais servira, se não fora
Para tão longo amor tão curta a vida.

(Luís Vaz de Camões. Sonetos, 2001.)

No soneto, o poeta aborda a frustração amorosa, empregando construções de um tipo textual não usual no gênero lírico. Esse tipo textual é denominado:

- a) dissertativo.
- b) descritivo.
- c) narrativo.
- d) injuntivo.

7. **Inspere-SP 2014** Sua fala era uma vibração de amor, que alvoroçava os corações, o olhar como luz de lâmpada encantada, que fascina e desvaira; o sorriso era um lampejo de volúpia, que fazia sonhar com as delícias do Éden. Era enfim o tipo o mais esmerado da beleza sensual, mas habitado por uma alma virgem, cândida e sensível. Era uma estátua de Vênus animada por um espírito angélico. Ainda que Eugênio não conhecesse e amasse Margarida desde a infância, ainda que a visse então pela primeira

vez, era impossível que toda a virtude e austeridade daquele cenobita em botão não se prostrasse vencido diante daquela deslumbrante visão. Margarida estava vestida de cor-de-rosa com muita graça e simplicidade; tinha por único enfeite na cabeça um simples botão de rosa. Eugênio esteve por muito tempo mudo e entregou a um indizível acanhamento diante da companheira de sua infância, como se se achasse em presença de uma alta e poderosa princesa.

(GUIMARÃES, Bernardo. *O seminarista*. São Paulo: FTD, 1994.)

Considerando-se a organização do texto, é correto afirmar que ele é fundamentalmente

- a) narrativo, pois relata o relacionamento amoroso entre os personagens Margarida e Eugênio.
- b) dissertativo, pois apresenta a defesa do ponto de vista de Eugênio sobre a personagem Margarida.
- c) injuntivo, pois tem a intenção de instruir o leitor acerca das características da personagem.
- d) informativo, pois fornece dados sobre a personagem Margarida de forma clara e objetiva.
- e) descritivo, pois produz um retrato verbal subjetivo ao enumerar as características de Margarida.

8. **Fuvest-SP 2018 (Adapt.)** Examine a transcrição do depoimento de Eduardo Koge, líder indígena de Tadarimana, MT.

Nós vivemos aqui que nem gado. Tem a cerca e nós não podemos sair dessa cerca. Tem que viver só do que tem dentro da cerca. É, nós vivemos que nem boi no curral.

Paulo A. M. Isaac, *Drama da educação escolar indígena Bóe-Bororo*.

Reescreva, em um único período, os trechos “Nós vivemos aqui que nem gado” e “nós não podemos sair dessa cerca”, empregando discurso indireto.

9. **ITA-SP 2022 (Adapt.)** Leia atentamente o trecho do conto “A mão no ombro” e, em seguida, assinale a alternativa CORRETA.

Deixou cair a folha seca,
enfurnou as mãos nos bolsos e
seguiu pisando com a
mesma prudência da estátua.
Contornou o tufo de begônias,
vacilou entre os dois ciprestes
(mas o que significava essa
estátua?) e enveredou por uma
alameda que lhe pareceu menos
sombria. Um jardim inocente.

- a) é um narrador predominantemente em terceira pessoa, que utiliza, por vezes, o discurso indireto livre para se confundir com a personagem protagonista.
- b) é um narrador em primeira pessoa que constrói um monólogo interior.
- c) é um narrador protagonista, que relata, em primeira pessoa, as experiências que outra personagem lhe contou.
- d) é um narrador em terceira pessoa pouco atento aos pensamentos da personagem protagonista.



Para responder às questões **10** e **11**, leia a crônica “Seu Afredo”, de Vinicius de Moraes (1913-1980), publicada originalmente em setembro de 1953.

Seu Afredo (ele sempre subtraía o “l” do nome, ao se apresentar com uma ligeira curvatura: “Afredo Paiva, umseu criado...”) tornou-se inesquecível à minha infância porque tratava-se muito mais de um linguista que de um encerador. Como encerador, não ia muito lá das pernas. Lembro-me que, sempre depois de seu trabalho, minha mãe ficava passeando pela sala com uma flanelinha debaixo de cada pé, para melhorar o lustro. Mas, como linguista, cultor do **vernáculo** e aplicador de sutilezas gramaticais, seu Afredo estava sozinho.

Tratava-se de um mulato quarentão, ultrarrespeitador, mas em quem a preocupação linguística perturbava às vezes a colocação pronominal. Um dia, numa fila de ônibus, minha mãe ficou ligeiramente **ressabiada** quando seu Afredo, casualmente de passagem, parou junto a ela e perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

— Onde *vais* assim tão elegante?

Nós lhe dávamos uma bruta corda. Ele falava horas a fio, no ritmo do trabalho, fazendo os mais deliciosos pedantismos que já me foi dado ouvir. Uma vez, minha mãe, em meio à **lide** caseira, queixou-se do fatigante **ramerrão** do trabalho doméstico. Seu Afredo virou-se para ela e disse:

— Dona Lídia, o que a senhora precisa fazer é ir a um médico e tomar a sua *quilometragem*. Diz que é muito *bão*.

De outra feita, minha tia Graziela, recém-chegada de fora, cantarolava ao piano enquanto seu Afredo, acorçado perto dela, esfregava cera no soalho. Seu Afredo nunca tinha visto minha tia mais gorda. Pois bem: chegou-se a ela e perguntou-lhe:

— Cantas?

Minha tia, meio surpresa, respondeu com um riso amarelo:

— É, canto às vezes, de brincadeira...

Mas, um tanto formalizada, foi queixar-se a minha mãe, que lhe explicou o temperamento do nosso encerador:

— Não, ele é assim mesmo. Isso não é falta de respeito, não. É excesso de... gramática.

Conta ela que seu Afredo, mal viu minha tia sair, chegou-se a ela com ar disfarçado e falou:

— Olhe aqui, dona Lídia, não leve a mal, mas essa menina, sua irmã, se ela pensa que pode cantar no rádio com essa voz, ‘tá redondamente enganada. Nem em programa de calouro!

E, a seguir, ponderou:

— Agora, piano é diferente. Pianista ela é!

E acrescentou:

— *Eximinista* pianista!

Para uma menina com uma flor, 2009.

vernáculo: a língua própria de um país; língua nacional.

ressabiado: desconfiado.

lide: trabalho penoso, labuta.

ramerrão: rotina.

10. Unesp 2017 “[Seu Afredo] perguntou-lhe à queima-roupa, na segunda do singular:

— Onde vais assim tão elegante?” (2º parágrafo/ 3º parágrafo)

Ao se adaptar este trecho para o discurso indireto, o verbo “vais” assume a seguinte forma:

- a) foi.
- b) fora.
- c) vai.
- d) ia.
- e) iria.

11. Unesp 2017 Na crônica, o personagem seu Afredo é descrito como uma pessoa

- a) pedante e cansativa.
- b) intrometida e desconfiada.
- c) expansiva e divertida.
- d) discreta e preguiçosa.
- e) temperamental e bajuladora.



As questões **12** a **14** tomam por base uma passagem do romance regionalista *Vidas secas*, de Graciliano Ramos (1892-1953).

Contas

Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos. Mas como não tinha roça e apenas se limitava a semear na vazante uns punhados de feijão e milho, comia da feira, desfazia-se dos animais, não chegava a ferrar um bezerro ou assinar a orelha de um cabrito.

Se pudesse economizar durante alguns meses, levantaria a cabeça. Forjara planos. Tolice, quem é do chão não se trepa. Consumidos os legumes, roídas as espigas de milho, recorria à gaveta do amo, cedia por preço baixo o produto das sortes.

Resmungava, rezingava, numa aflição, tentando espichar os recursos minguados, engasgava-se, engolia em seco. Transigindo com outro, não seria roubado tão descaradamente. Mas receava ser expulso da fazenda. E rendia-se. Aceitava o cobre e ouvia conselhos. Era bom pensar no futuro, criar juízo. Ficava de boca aberta, vermelho, o pescoço inchando. De repente estourava:

— Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer. Quem é do chão não se trepa.

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.



Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

O patrão zangou-se, repeliu a insolência, achou bom que o vaqueiro fosse procurar serviço noutra fazenda.

Aí Fabiano baixou a pancada e amunhecou. Bem, bem.

Não era preciso barulho não. Se havia dito palavra à toa, pedia desculpa. Era bruto, não fora ensinado. Atrevimento não tinha, conhecia o seu lugar. Um cabra. Lá lá puxar questão com gente rica? Bruto, sim senhor, mas sabia respeitar os homens. Devia ser ignorância da mulher, provavelmente devia ser ignorância da mulher. Até estranhara as contas dela. Enfim, como não sabia ler (um bruto, sim senhor), acreditara na sua velha. Mas pedia desculpa e jurava não cair noutra.

(Graciliano Ramos. *Vidas secas*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1974.)

12. Unesp Identifique, entre os quatro exemplos extraídos do texto, aqueles que se apresentam em discurso indireto livre:

- I. Fabiano recebia na partilha a quarta parte dos bezerros e a terça dos cabritos.
 - II. — Conversa. Dinheiro anda num cavalo e ninguém pode viver sem comer.
 - III. Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!
 - IV. Não era preciso barulho não.
- a) I e II.
 - b) II e III.
 - c) III e IV.
 - d) I, II e III.
 - e) II, III e IV.

13. Unesp Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano.

A forma verbal *queimava*, no período acima, apresenta o sentido de:

- a) ignorava.
- b) assava.
- c) destruía.
- d) marcava.
- e) prejudicava.

14. Unesp Lendo atentamente o fragmento de *Vidas secas*, percebe-se que o foco principal é o das transações entre Fabiano e o proprietário da fazenda. Aponte a alternativa que não corresponde ao que é efetivamente exposto pelo texto.

- a) O proprietário era, na verdade, um benfeitor para Fabiano.
- b) Fabiano declarava-se “um bruto” ao proprietário.
- c) O proprietário levava sempre vantagem na partilha do gado.

- d) Fabiano sabia que era enganado nas contas, mas não conseguia provar.
- e) Fabiano aceitava a situação e se resignava, por medo de ficar sem trabalho.

15. Enem 2017

Aí pelas três da tarde

Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom senso do mundo, aplicando-se em ideias claras apesar do ruído e do mormaço, seguros ao se pronunciarem sobre problemas que afligem o homem moderno (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído), largue tudo de repente sob os olhares a sua volta, componha uma cara de louco quieto e perigoso, faça os gestos mais calmos quanto os tais escribas mais severos, dê um largo “ciao” ao trabalho do dia, assim como quem se despede da vida, e surpreenda pouco mais tarde, com sua presença em hora tão insólita, os que estiveram em casa ocupados na limpeza dos armários, que você não sabia antes como era conduzida. Convém não responder aos olhares interrogativos, deixando crescer, por instantes, a intensa expectativa que se instala. Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto, libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas, pondo-se enfim em vestes mínimas, quem sabe até em pelo, mas sem ferir o decoro (o seu decoro, está claro), e aceitando ao mesmo tempo, como boa verdade provisória, toda mudança de comportamento.

NASSAR, R. *Menina a caminho*. São Paulo: Cia. das Letras. 1997.

Em textos de diferentes gêneros, algumas estratégias argumentativas referem-se a recursos linguístico-discursivos mobilizados para envolver o leitor. No texto, caracteriza-se como estratégia de envolvimento a

- a) prescrição de comportamentos, como em: “[...] largue tudo de repente sob os olhares a sua volta [...]”.
- b) apresentação de contraposição, como em: “Mas não exagere na medida e suba sem demora ao quarto [...]”.
- c) explicitação do interlocutor, como em: “[...] (espécie da qual você, milenarmente cansado, talvez se sinta um tanto excluído) [...]”.
- d) descrição do espaço, como em: “Nesta sala atulhada de mesas, máquinas e papéis, onde invejáveis escreventes dividiram entre si o bom-senso do mundo [...]”.
- e) construção de comparações, como em: “[...] libertando aí os pés das meias e dos sapatos, tirando a roupa do corpo como se retirasse a importância das coisas [...]”.

16. Enem PPL 2021

Espaço e memória

O termo “Na minha casa...” é uma metáfora que guarda múltiplas acepções para o conjunto de pessoas, de adeptos, dos que creem nos orixás. Múltiplos deuses que a diáspora negra trouxe para o Brasil. Múltiplos espaços onde as comunidades edificaram seus templos, referência de orgulho, aludindo ao patrimônio cultural de matriz africana, reelaborado em novo território.

O espaço é fundamental na constituição da história de um povo. Halbwachs (1941, p. 85), ao afirmar que “não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial”, aponta para a importância de aspecto tão significativo no desenvolvimento da vida social.

Lugar para onde está voltada a memória, onde aqueles que viveram a condição-limite de escravo podiam pensar-se como seres humanos, exercer essa humanidade e encontrar os elementos que lhes conferiam e garantiam uma identidade religiosa diferenciada, com características próprias, que constituiu um “patrimônio simbólico do negro brasileiro (a memória cultural da África), afirmou-se aqui como território político-mítico-religioso para sua transmissão e preservação” (SODRÉ, 1988, p. 50).

BARROS, J. F. P. Na minha casa. Rio de Janeiro: Pallas, 2003. Na construção desse texto acadêmico, o autor se vale de estratégia argumentativa bastante comum a esse gênero textual, a intertextualidade, cujas marcas são

- a) aspas, que representam o questionamento parcial de um ponto de vista.
- b) citações de autores consagrados, que garantem a autoridade do argumento.
- c) construções sintáticas, que privilegiam a coordenação temporal de argumentos.
- d) comparações entre dois pontos de vista, que são antagônicos.
- e) parênteses, que representam uma digressão para as considerações do autor.

17. Enem 2018 (Adapt.)

A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo

Resumo: Este artigo tem por finalidade discutir a representação da população negra, especialmente da mulher negra, em imagens de produtos de beleza presentes em comércios do nordeste goiano. Evidencia-se que a presença de estereótipos negativos nessas imagens dissemina um imaginário racista apresentado sob a forma de uma estética racista que camufla a exclusão e normaliza a inferiorização sofrida pelos(as) negros(as) na sociedade brasileira. A análise do material imagético aponta a desvalorização estética do negro, especialmente da mulher negra, e a idealização da beleza e do branqueamento a serem alcançados por meio do uso dos produtos apresentados. O discurso midiático-publicitário dos produtos de beleza rememora e legitima a prática de uma ética racista construída e atuante no cotidiano. Frente a essa discussão, sugere-se que o trabalho antirracismo, feito nos diversos espaços sociais, considere o uso de estratégias para uma “descolonização estética” que empodere os sujeitos negros por meio de sua valorização estética e protagonismo na construção de uma ética da diversidade.

Palavras-chave: Estética, racismo, mídia, educação, diversidade.

SANT’ANA, J. A imagem da negra e do negro em produtos de beleza e a estética do racismo. Dossiê: trabalho e educação básica. *Margens Interdisciplinar*. Versão digital. Abaetetuba, n. 16. jun. 2017 (adaptado).

O cumprimento de função informativa é uma marca característica do gênero resumo de artigo acadêmico. Na estrutura desse texto, essa função é estabelecida, principalmente, pela

- a) impessoalidade, na organização da objetividade das informações, como em “Este artigo tem por finalidade” e “Evidencia-se”.
- b) seleção lexical, no desenvolvimento sequencial do texto, como em “imaginário racista” e “estética do negro”.
- c) metaforização, relativa à construção dos sentidos figurados, como nas expressões “descolonização estética” e “discurso midiático-publicitário”.
- d) nominalização, produzida por meio de processos derivacionais na formação de palavras, como “inferiorização” e “desvalorização”.
- e) adjetivação, organizada para criar uma terminologia antirracista, como em “ética da diversidade” e “descolonização estética”.

18. **Mackenzie-SP 2018** Escrever é um ato não natural. A palavra falada é mais velha do que nossa espécie, e o instinto para a linguagem permite que as crianças engatem em conversas articuladas anos antes de entrar numa escola. Mas a palavra escrita é uma invenção recente que não deixou marcas em nosso genoma e precisa ser adquirida mediante esforço ao longo da infância e depois.

A fala e a escrita diferem em seus mecanismos, é claro, e essa é uma das razões pelas quais as crianças precisam lutar com a escrita: reproduzir os sons da língua com um lápis ou com o teclado requer prática. Mas a fala e a escrita diferem também de outra maneira, o que faz da aquisição da escrita um desafio para toda uma vida, mesmo depois que seu funcionamento foi dominado. Falar e escrever envolvem tipos diferentes de relacionamentos humanos, e somente o que diz respeito à fala nos chega naturalmente. A conversação falada é instintiva porque a interação social é instintiva: falamos às pessoas “com quem temos diálogo”. Quando começamos um diálogo com nossos interlocutores, temos uma suposição do que já sabem e do que poderiam estar interessados em aprender, e durante a conversa monitoramos seus olhares, expressões faciais e atitudes. Se eles precisam de esclarecimentos, ou não conseguem aceitar uma afirmação, ou têm algo a acrescentar, podem interromper ou replicar.

Não gozamos dessa troca de *feedbacks* quando lançamos ao vento um texto. Os destinatários são invisíveis e imperscrutáveis, e temos que chegar até eles sem conhecê-los bem ou sem ver suas reações. No momento em que escrevemos, o leitor existe somente em nossa imaginação. Escrever é, antes de tudo, um ato de fazer de conta. Temos de nos imaginar em algum tipo de conversa, ou correspondência, ou discurso, ou soliloquio, e colocar palavras na boca do pequeno avatar que nos representa nesse mundo simulado.

Adaptado de Steven Pinker, *Guia de Escrita*

O texto, pela sua estrutura e linguagem, pode ser caracterizado corretamente como:

- a) uma descrição sobre um objeto definido, caracterizado detalhadamente.
- b) um texto informativo com teor de divulgação científica.
- c) uma narração com o desenvolvimento de um enredo.
- d) um tratado argumentativo que defende um ponto de vista político.
- e) um texto de teor pessoal com forte presença de índices de subjetividade.

- 19. Mackenzie-SP (Adapt.)** As pessoas que falam uma língua estrangeira sem sotaque são geralmente as que aprenderam o idioma estrangeiro na infância, juntamente com a língua materna. Nesses verdadeiros bilíngues, de alto desempenho, a mesma região do cérebro que produz a fala é compartilhada pela representação dos dois idiomas, enquanto nas pessoas que aprendem a segunda língua, na vida adulta, duas regiões vizinhas, separadas, cuidam cada uma de um idioma. A representação conjunta talvez explique a maior facilidade dos bilíngues verdadeiros em transitar entre os dois idiomas, já que as mesmas redes neurais de associação devem ser acionadas por um idioma e outro.

Adaptado de Suzana Herculano-Houzel

É CORRETO afirmar que no texto há:

- a) diferentes níveis de linguagem, evidenciando a presença de variações no uso da língua.
- b) o predomínio da finalidade persuasiva, com o uso de elementos linguísticos que reforçam o apelo ao leitor, revelado pela linguagem acadêmica.
- c) linguagem formal na transmissão da mensagem, intenção preponderante que indicia finalidade informativa.
- d) uma estrutura típica da argumentação que apresenta duas teses conflitantes, sendo que ao final uma delas é privilegiada.
- e) predomínio da subjetividade, depreendida principalmente pelo uso de expressões como “geralmente” e “talvez”.



As questões **20** e **21** tomam por base uma passagem de uma palestra de Amadeu Amaral (1875-1929) proferida em São Paulo, em 1914, e uma charge de Dum.

Árvores e poetas

Para o botânico, a árvore é um vegetal de grande altura, composto de raiz, tronco e fronde, subdividindo-se cada uma dessas partes numa certa quantidade de elementos: – reduz-se tudo a um esquema. O botânico estuda-lhe o nascimento, o crescimento, a reprodução, a nutrição, a morte; descreve-a; classifica-a. Não lhe liga, porém, maior importância do que aquela que empresta ao mais microscópico dos fungos ou ao mais desinteressante dos cogumelos. O carvalho, com toda a sua corpulência e toda a sua beleza, vale tanto como a relva que lhe cresce

à sombra ou a trepadeira desprezível e teimosa que lhe enrosca os sarmentos colubrinos pelas rugosidades do caule. Por via de regra vale até menos, porque as grandes espécies já dificilmente deparam qualquer novidade. Para o jurista, a árvore é um bem de raiz, um objeto de compra e venda e de outras relações de direito, assim como a paisagem que a enquadra – são propriedades particulares, ou terras devolutas. E há muita gente a quem a vista de uma grande árvore sugere apenas este grito de alma: – “Quanta lenha!...”

O poeta é mais completo. Ele vê a árvore sob os aspectos da beleza e sob o ângulo antropomórfico: encara-a de pontos de vista comuns à humanidade de todos os tempos. Vê-a na sua graça, na sua força, na sua formosura, no seu colorido; sente tudo quanto ela lembra, tudo quanto ela sugere, tudo quanto ela evoca, desde as impressões mais espontâneas até as mais remotas, mais vagas e mais indefiníveis. Dá-nos, assim, uma noção “humana”, direta e viva da árvore, – pelo menos tão verdadeira quanto qualquer outra.

(Letras floridas, 1976.)

sarmento: ramo delgado, flexível.

colubrino: com forma de cobra, sinuoso.

antropomórfico: descrito ou concebido sob forma humana ou com atributos humanos.



- 20. Unesp 2016** Qual a intenção da personagem da charge ao se valer do argumento de que a floresta invadiu suas terras? Analise tal argumento sob os pontos de vista lógico e ético.

- 21. Unesp 2016** De acordo com a concepção de Amadeu Amaral, qual seria a diferença fundamental entre o ponto de vista do botânico e o do poeta? Justifique sua resposta.

- 22. Unicamp-SP 2020** Ao descrever a rotina do protagonista Raimundo Silva, o narrador da História do Cerco de Lisboa afirma que só restaram fragmentos dos sonhos noturnos, “imagens insensatas aonde a luz não chega, indevassáveis até para os narradores, que as pessoas mal informadas acreditam terem todos os direitos e dispõem de todas as chaves.”

(José Saramago, *História do Cerco de Lisboa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989, p. 122.)

Com base nesse excerto e relacionando-o ao conjunto do romance, é correto afirmar que o narrador é

- a) polifônico, pois, ao considerar todos os pontos de vista das personagens, relativiza a visão de mundo e respeita a privacidade delas.
- b) observador, pois dissimula sua avaliação política da realidade ao se mostrar empático ao mundo das personagens.
- c) protagonista, pois, ao fazer parte da própria narrativa, assemelha-se às demais personagens e não pode duvidar dos protocolos necessários para contar a história de Portugal.
- d) onisciente, pois simula ser tolerante com a pluralidade de vozes narrativas, mas é a singularidade de seu modo de narrar que produz a coesão e a autonomia da narração.

23. Enem 2019

Blues da piedade

Vamos pedir piedade
Senhor, piedade
Pra essa gente careta e covarde
Vamos pedir piedade
Senhor, piedade
Lhes dê grandeza e um pouco de coragem

CAZUZA. *Cazuza: O poeta não morreu*. Rio de Janeiro: Universal Music, 2000 (fragmento).

Todo gênero apresenta elementos constitutivos que condicionam seu uso em sociedade. A letra de canção identifica-se com o gênero ladainha, essencialmente, pela utilização da sequência textual

- a) expositiva, por discorrer sobre um dado tema.
- b) narrativa, por apresentar uma cadeia de ações.
- c) injuntiva, por chamar o interlocutor à participação.
- d) descritiva, por enumerar características de um personagem.
- e) argumentativa, por incitar o leitor a uma tomada de atitude.



Texto para as questões 24 e 25.

Todas as variedades linguísticas são estruturadas, e correspondem a sistemas e subsistemas adequados às necessidades de seus usuários. Mas o fato de estar a língua fortemente ligada à estrutura social e aos sistemas de valores da sociedade conduz a uma avaliação distinta das características das suas diversas modalidades regionais, sociais e estilísticas. A língua padrão, por exemplo, embora seja uma entre as muitas variedades de um idioma, é sempre a mais prestigiosa, porque atua como modelo, como norma, como ideal linguístico de uma comunidade. Do valor normativo decorre a sua função coercitiva sobre as outras variedades, com o que se torna uma ponderável força contrária à variação.

Celso Cunha. *Nova gramática do português contemporâneo*. Adaptado.

24. Fuvest-SP

Considere as seguintes afirmações sobre os quatro períodos que compõem o texto:

- I. Tendo em vista as relações de sentido constituídas no texto, o primeiro período estabelece uma causa cuja consequência aparece no segundo período.

- II. O uso de orações subordinadas, tal como ocorre no terceiro período, é muito comum em textos dissertativos.
- III. Por formarem um parágrafo tipicamente dissertativo, os quatro períodos se organizam em uma sequência constituída de introdução, desenvolvimento e conclusão.
- IV. O procedimento argumentativo do texto é dedutivo, isto é, vai do geral para o particular.

Está correto apenas o que se afirma em

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) II, III e IV.

25. Fuvest-SP

De acordo com o texto, em relação às demais variedades do idioma, a língua padrão se comporta de modo

- a) inovador.
- b) restritivo.
- c) transigente.
- d) neutro.
- e) aleatório.



As questões 26 e 27 tomam por base um trecho do artigo *Horror a aprender* (06.01.1957), escrito pelo historiador e crítico literário Afrânio Coutinho (1911-2000), e uma tira do blogue *Blogloides*.

Horror a aprender

Se quiséssemos numa fórmula definir a mentalidade mais ou menos generalizada dos que militam na vida literária brasileira, não lograríamos descobrir outra que melhor se prestasse do que esta: horror a aprender. Nosso autodidatismo enraizado, nossa falta de hábito universitário, fazem com que aprender, entre nós, seja motivo de inferioridade intelectual. Ninguém gosta de aprender. Ninguém se quer dar ao trabalho de aprender. Porque já se nasce sabendo. Todos somos mestres antes de ser discípulos. Aprender o quê? Pois já sabemos tudo de nascença! Ignoramos essa verdade de extrema sabedoria: só os bons discípulos dão grandes mestres, e só é bom mestre quem foi um dia bom discípulo e continua com o espírito aberto a um perpétuo aprendizado. Quem sabe aprender sabe ensinar, e só quem gosta de aprender tem o direito de dar lições. Como pode divulgar e orientar conhecimentos quem mantém o espírito impermeável a qualquer aprendizagem?

Nossos jovens intelectuais, em sua maioria, primam pelo pedantismo, autossuficiência e falta de humildade de espírito. São mestres antes de ter sido discípulos. Saber não os preocupa, estudar, ninguém lhes viu os estudos. É só meter-lhes na mão uma pena e cair-lhes ao alcance uma coluna de jornal, e lá vem doutrinação leviana e prosa de meia-tigela. Não lhes importa verificar se estão arrombando portas abertas ou chovendo no molhado.

(*No hospital das letras*, 1963.)



- 26. Unesp 2014** Considerando a natureza dos respectivos gêneros textuais, estabeleça a diferença entre o artigo e a tira quanto ao modo de manifestarem seus julgamentos críticos.
- 27. Unesp 2014** No primeiro parágrafo, Afrânio Coutinho acusa uma inversão de valores no meio intelectual brasileiro. Explique em que consiste essa inversão e qual a sua consequência, segundo o autor sugere, em termos de ensino.
- 28. Fuvest-SP 2014 (Adapt.)** Avalie a redação das seguintes frases:
- I. Doravante tais fatos, fica claro que o futebol exerce uma grande influência no cotidiano do brasileiro.
 - II. O técnico declarou aos jornalistas que, para o próximo jogo, ele tem uma carta na manga do colete.
- Reescreva-as, eliminando a inadequação vocabular que elas apresentam.
- 29. FICSAE-SP 2022 (Adapt.)** Leia a crônica “Caso de justiceiro”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder à questão.

Mercadinho é imagem de confusão organizada. Todos comprando tudo ao mesmo tempo em corredores estreitos, carrinhos e pirâmides de coisas se comprimindo, apalpamento, cheiração e análise visual de gêneros pelas madamas, e, a dominar o vozerio, o metralhar contínuo das registradoras. Um olho invisível, múltiplo e implacável, controla os menores movimentos da freguesia, devassa o mistério de bolsas e bolsos, quem sabe se até o pensamento. Parece o caos; contudo nada escapa à fiscalização. Aquela velhinha estrangeira, por exemplo, foi desmascarada.

— A senhora não pagou a dúzia de ovos quebrados.

— Paguei.

Antes que o leitor suponha ter a velhinha quebrado uma dúzia de ovos, explico que eles estão à venda assim mesmo, trincados. Por isso são mais baratos, e muita gente os prefere; casca é embalagem. A senhora ia pagar a dúzia de ovos perfeitos, comprada depois; mas e os quebrados, que ela comprara antes?

A velhinha se zanga e xinga em ótimo português-carioca o rapaz da caixa. O qual lhe responde boas, no mesmo idioma, frisando que gringo nenhum viria lá de sua terra da peste para dar prejuízo no Brasil, que ele estava ali para defender nosso torrão contra piratas da estranja. A mulher, fula de indignação, foi perdendo a voz. Caixeiros acorreram, tomando posição em defesa da pátria ultrajada na pessoa do colega; entre eles, alguns portugueses. A freguesia fez bolo. O mercadinho parou.

Eis que irrompe o tarzã de calção de banho ainda rorejante e berra para o caixa:

— Para com isso, que eu não conheço essa dona mas vê-se pela cara que é distinta.

— Distinta? Roubou cem cruzeiros à casa e insultou a gente feito uma danada.

— Roubou coisa nenhuma, e o que ela disse de você eu não ouvi mas subscrevo. O que você é, é um calhorda e quer fazer média com o patrão à custa de uma pobre mulher.

O outro ia revidar à altura, mas o tarzã não era de cinema, era de verdade, o que aliás não escapou à percepção de nenhum dos presentes. De modo que enquanto uns socorriam a velhinha, que desmaiava, outros passavam a apoiá-la moralmente, querendo arrebentar aquela joça. O partido nacionalista acoelhou-se. Foram tratando de cerrar as portas, para evitar a repetição de Caxias. Quem estava lá dentro que morresse de calor; enquanto não viessem a radiopatrulha e a ambulância, a questão dos ovos ficava em suspenso.

— Ah, é? — disse o vingador. — Pois eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota.

Tirou-a do bolso do calção, fez uma bolinha, puxou para baixo, com dedos de ferro, o queixo do caixa, e meteu-lhe o dinheiro na boca.

Assistência deslumbrada, em silêncio admiracional. Não é todos os dias que se vê engolir dinheiro. O caixa começou a mastigar, branco, nauseado, engasgado.

Uma voz veio do setor de ovos:

— Ela não roubou mesmo não! Olha o dinheiro embaixo do pacote!

Outras vozes se altearam: “Engole mais os outros cem!” “Os ovos também!” “Salafrá” “Isso!” “Aquilo!”.

A onda era tamanha que o tarzã, instrumento da justiça divina, teve de restabelecer o equilíbrio.

— Espera aí. Este aqui já pagou. Agora vocês é que vão engolir tudo, se maltratarem este rapaz.

(Carlos Drummond de Andrade. Cadeira de balanço, 2020.)

No discurso indireto livre, a fala de determinada personagem ou fragmentos dela inserem-se discretamente no discurso indireto através do qual o narrador relata os fatos. Ocorre discurso indireto livre no seguinte trecho:

- a) “— Ah, é? — disse o vingador. — Pois eu pago os cem cruzeiros pelos ovos mas você tem de engolir a nota.” (11º parágrafo)
- b) “Antes que o leitor suponha ter a velhinha quebrado uma dúzia de ovos, explico que eles estão à venda assim mesmo, trincados.” (4º parágrafo)
- c) “A senhora ia pagar a dúzia de ovos perfeitos, comprada depois; mas e os quebrados, que ela comprara antes?” (4º parágrafo)
- d) “— Distinta? Roubou cem cruzeiros à casa e insultou a gente feito uma danada.” (8º parágrafo)
- e) “Outras vozes se altearam: ‘Engole mais os outros cem!’ ‘Os ovos também!’ ‘Salafrá’ ‘Isso!’ ‘Aquilo!’” (16º parágrafo)

30. EsPCEX-SP 2017 Assinale a alternativa que apresenta exemplo de discurso indireto livre.

- a) — Desejo muito conhecer Carlota — disse-me Glória, a certo ponto da conversação. — Por que não a trouxe consigo?
- b) Omar queixou-se ao pai. Não era preciso tanta severidade. Por que não tratava os outros filhos com o mesmo rigor?
- c) — Isso não pode continuar assim, respondeu ela; — é preciso que façamos as pazes definitivamente.
- d) Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ele ministro. Ele respondeu que, pela vontade dele, naquele mesmo instante.
- e) Daí a pouco chegou João Carlos e, após ligeiro exame, recebeu alguma coisa, dizendo que nada havia de anormal...

31. Unesp Leia a fábula “O morcego e as doninhas” do escritor grego Esopo (620 a.C.?–564 a.C.?) para responder à questão a seguir.

Um morcego caiu no chão e foi capturado por uma doninha. Como seria morto, rogou à doninha que poupasse sua vida.

— Não posso soltá-lo — respondeu a doninha —, pois sou, por natureza, inimiga de todos os pássaros.

— Não sou um pássaro — alegou o morcego. — Sou um rato.

E assim ele conseguiu escapar.

Mais tarde, ao cair de novo e ser capturado por outra doninha, ele suplicou a esta que não o devorasse. Como a doninha lhe disse que odiava todos os ratos, ele afirmou que não era um rato, mas um morcego. E de novo conseguiu escapar. Foi assim que, por duas vezes, lhe bastou mudar de nome para ter a vida salva.

(Fábulas, 2013.)

doninha: pequeno mamífero carnívoro, de corpo longo e esguio e de patas curtas (também conhecido como furão).

“— Não sou um pássaro — alegou o morcego.” (3º parágrafo)

Ao se transpor este trecho para o discurso indireto, o verbo “sou” assume a seguinte forma:

- a) era.
- b) fui.
- c) fora.
- d) fosse.
- e) seria.



Texto para as questões **32** e **33**.

— Para mim esta é a melhor hora do dia — Ema disse, voltando do quarto dos meninos. — Com as crianças na cama, a casa fica tão sossegada.

— Só que já é noite — a amiga corrigiu, sem tirar os olhos da revista. Ema agachou-se para recolher o quebra-cabeça esparramado pelo chão.

— É força de expressão, sua boba. O dia acaba quando eu vou dormir, isto é, o dia tem vinte quatro horas e a semana tem sete dias, não está certo? — Descobriu um sapato sob a poltrona. Pegou-o e, quase deitada no tapete, procurou, depois, o par embaixo dos outros móveis.

Era bom ter uma amiga experiente. Nem precisa ser da mesma idade — deixou-se cair no sofá — Bárbara, muito mais sábia. Examinou-a a ler: uma linha de luz dourada valorizava o perfil privilegiado. As duas eram tão inseparáveis quanto seus maridos, colegas de escritório. Até ter filhos juntas conseguiram, acreditasse quem quisesse. Tão gostoso, ambas no hospital. A semelhança física teria contribuído para o perfeito entendimento? “Imaginava que fossem irmãs”, muitos diziam, o que sempre causava satisfação.

— O que está se passando nessa cabecinha? — Bárbara estranhou a amiga, só doente pararia quieta. Admirou-a: os cabelos soltos, caídos no rosto, escondiam os olhos cinza, azuis ou verdes, conforme o reflexo da roupa. De que cor estariam hoje seus olhos?

Ema aprumou o corpo.

— Pensava que se nós morássemos numa casa grande, vocês e nós...

Bárbara sorriu. Também ela uma vez tivera a ideia.

— As crianças brigariam o tempo todo.

Novamente a amiga tinha razão. Os filhos não se suportavam, discutiam por qualquer motivo, ciúme doentio de tudo. O que sombreava o relacionamento dos casais.

— Pelo menos podíamos morar mais perto, então.

Se o marido estivesse em casa, seria obrigada a assistir à televisão, porque ele mal chegava, ia ligando o aparelho, ainda que soubesse que ela detestava sentar que nem múmia diante do aparelho — levantou-se, repelindo a lembrança. Preparou uma jarra de limonada. Por que todo aquele interesse de Bárbara na revista? Reformulou a pergunta em voz alta.

— Nada em especial. Uma pesquisa sobre o comportamento das crianças na escola, de como se modificam as personalidades longe dos pais.

Adaptado de: VAN STEEN, Edla. Intimidade. In: MORICONI, Italo (org.) *Os cem melhores contos brasileiros do século*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. p. 440-441.

32. UFRGS 2019 Assinale a alternativa com a afirmação que melhor expressa a ideia central do texto.

- a) As relações de amizade entre casais são importantes para as relações de convívio no trabalho.
- b) O relacionamento íntimo entre casais amigos como possibilidade de uma melhor educação para os filhos.
- c) A amizade entre casais, principalmente entre duas mulheres, como uma relação íntima semelhante às relações familiares.
- d) As diferenças de atividades de lazer de homens, que gostam de assistir à televisão, e de mulheres, que apreciam a leitura de revistas.
- e) A preocupação das mães com os filhos que buscam na amizade o diálogo e mais informações sobre o comportamento das crianças.

33. UFRGS 2019 Assinale a alternativa que realiza adequadamente a transposição para o discurso indireto do trecho a seguir.

— Para mim esta é a melhor hora do dia – Ema disse, voltando do quarto dos meninos. (l. 1-2).

- a) Ema disse, voltando do quarto dos meninos: – aquela era a melhor hora do dia para ela.
- b) Voltando do quarto dos meninos, Ema disse que, para ela, aquela era a melhor hora do dia.
- c) Voltando do quarto dos meninos, Ema disse: Para mim esta é a melhor hora do dia.
- d) Ema disse que aquela, para ela, foi a melhor hora do dia, voltando do quarto dos meninos.
- e) Ao voltar do quarto dos meninos, Ema disse ser-lhe esta a melhor hora do dia.

34. ESPM 2019 (Adapt.) O trecho que segue é da personagem Olga, de *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, romance de Lima Barreto.

O que mais a impressionou no passeio foi a miséria geral, a falta de cultivo, a pobreza das casas, o ar triste, abatido da gente pobre. [...] Havendo tanto barro, tanta água, por que as casas não eram de tijolos e não tinham telhas? Era sempre aquele sapê sinistro e aquele “sopapo” que deixava ver a trama de varas, como o esqueleto de um doente. Por que ao redor dessas casas não havia culturas, uma horta, um pomar? [...] Não podia ser preguiça só ou indolência. Para o seu gasto, para uso próprio, o homem tem sempre energia para trabalhar relativamente. [...] Seria a terra? Que seria? E todas essas questões desafiavam a sua curiosidade, o seu desejo de saber, e também a sua piedade e simpatia por aqueles párias, maltrapilhos, mal alojados, talvez com fome, sorumbáticos!...

(Lima Barreto, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*)

Em Lima Barreto, a sequência grande de perguntas ao longo do texto configura o:

- a) discurso direto, em que há reprodução da fala da personagem ou do diálogo entre personagens.
- b) discurso indireto, em que o narrador conta aos leitores o que a personagem disse. Não há travessão.
- c) discurso indireto livre, em que há o pensamento da personagem, expresso pelo narrador, em meio à narrativa.

- d) monólogo interior, em que a personagem extravasa os seus pensamentos e emoções sem dirigir-se especificamente a qualquer ouvinte.
- e) fluxo da consciência, em que há transcrição do complexo processo de pensamento não linear de uma personagem, com o raciocínio lógico entremeadado com impressões pessoais momentâneas e exibindo os processos de associação de ideias.

35. ITA-SP 2022 Leia atentamente o trecho destacado de Numa e a ninfa e o compare às declarações de I a III. Em seguida, assinale a alternativa CORRETA.

Era a política, era Campelo a garantir-lhe a impunidade e, mais alto, os protetores de Campelo dando a este mão forte e prestígio... Se o Estado é uma coação organizada, essa coação cessava por abdicação do próprio Estado... Era o ruir de tudo... Onde nos levaria tudo isso?... A sua colaboração não seria criminosa? Tinha direito perante a sua própria consciência de contribuir para semelhante ruína? Sentiu perfeitamente que esse afrouxamento da lei e da autoridade tinha por fim recrutar dedicações aos ambiciosos antipáticos à opinião. A coação legal do Estado fizera-se, para uma mascarada eleitoral, ameaça de valentão...

- I. O narrador usa o discurso direto para se distanciar da personagem.
 - II. O discurso indireto é usado unicamente para explicitar ao leitor as certezas da personagem.
 - III. O uso do discurso indireto livre não é evidenciado pela falta de referência direta aos pensamentos da personagem.
- a) apenas I é verdadeira.
 - b) apenas II é verdadeira.
 - c) apenas I e II são falsas.
 - d) apenas III é falsa.
 - e) todas são falsas.

36. Unicamp-SP (Adapt.) A novela de Guimarães Rosa “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”, além de ser ela própria uma estória de vaqueiro, contém outras estórias de boi narradas pelas personagens. Uma delas é a de “Destemida e a vaquinha Cumbuquinha” narrada por Joana Xaviel. Ao ouvirem a história, as pessoas presentes na festa de Manuelzão têm a seguinte reação:

Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa. Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah ela tinha de ter outra parte – faltava a segunda parte? A Joana Xaviel dizia que não, que assim era que sabia, não havia doutra maneira. Mentira dela? A ver que sabia o restante, mas se esquecendo, escondendo. Mas – uma segunda parte, o final – tinha de ter!

(João Guimarães Rosa, “Uma estória de amor (Festa de Manuelzão)”, em *Manuelzão e Miguilim*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984, p. 181.)

A novela é narrada em discurso indireto livre, misturando as falas e pensamentos das personagens com a fala do narrador. Identifique uma passagem do trecho citado anteriormente em que essa mistura ocorre e explique sua escolha.

37. Enem 2018 A trajetória de Liesel Meminger é contada por uma narradora mórbida, surpreendentemente simpática. Ao perceber que a pequena ladra de livros lhe escapa, a Morte afeiçoa-se à menina e rastreia suas pegadas de 1939 a 1943. Traços de uma sobrevivente: a mãe comunista, perseguida pelo nazismo, envia Liesel e o irmão para o subúrbio pobre de uma cidade alemã, onde um casal se dispõe a adotá-los por dinheiro. O garoto morre no trajeto e é enterrado por um coveiro que deixa cair um livro na neve. É o primeiro de uma série que a menina vai surrupiar ao longo dos anos. O único vínculo com a família é esta obra, que ela ainda não sabe ler.

A vida ao redor é a pseudorealidade criada em torno do culto a Hitler na Segunda Guerra. Ela assiste à eufórica celebração do aniversário do Führer pela vizinhança. A Morte, perplexa diante da violência humana, dá um tom leve e divertido à narrativa deste duro confronto entre a infância perdida e a crueldade do mundo adulto, um sucesso absoluto – e raro – de crítica e público.

Disponível em: www.odevoradordelivros.com.
Acesso em: 24 jun. 2014.

Os gêneros textuais podem ser caracterizados, dentre outros fatores, por seus objetivos. Esse fragmento é um(a)

- a) reportagem, pois busca convencer o interlocutor da tese defendida ao longo do texto.
- b) resumo, pois promove o contato rápido do leitor com uma informação desconhecida.
- c) sinopse, pois sintetiza as informações relevantes de uma obra de modo impessoal.
- d) instrução, pois ensina algo por meio de explicações sobre uma obra específica.
- e) resenha, pois apresenta uma produção intelectual de forma crítica.

38. Enem 2015

Embalagens usadas e resíduos devem ser descartados adequadamente

Todos os meses são recolhidas das rodovias brasileiras centenas de milhares de toneladas de lixo. Só nos 22,9 mil quilômetros das rodovias paulistas são 41,5 mil toneladas. O hábito de descartar embalagens, garrafas, papéis e bitucas de cigarro pelas rodovias persiste e tem aumentado nos últimos anos. O problema é que o lixo acumulado na rodovia, além de prejudicar o meio ambiente, pode impedir o escoamento da água, contribuir para as enchentes, provocar incêndios, atrapalhar o trânsito e até causar acidentes. Além dos perigos que o lixo representa para os motoristas, o material descartado poderia ser devolvido para a cadeia produtiva. Ou seja, o papel que está sobrando nas rodovias poderia ter melhor destino. Isso também vale para os plásticos inservíveis, que poderiam se transformar em sacos de lixo, baldes, cabides e até acessórios para os carros.

Disponível em: www.girodasestradas.com.br. Acesso em: 31 jul. 2012.

Os gêneros textuais correspondem a certos padrões de composição de texto, determinados pelo contexto em que são produzidos, pelo público a que eles se destinam, por sua finalidade. Pela leitura do texto apresentado, reconhece-se que sua função é

- a) apresentar dados estatísticos sobre a reciclagem no país.
- b) alertar sobre os riscos da falta de sustentabilidade do mercado de recicláveis.
- c) divulgar a quantidade de produtos reciclados retirados das rodovias brasileiras.
- d) revelar os altos índices de acidentes nas rodovias brasileiras poluídas nos últimos anos.
- e) conscientizar sobre a necessidade de preservação ambiental e de segurança nas rodovias.

39. Enem 2021

Devagar, devagarinho

Desacelerar é preciso. Acelerar não é preciso. Afiados e voltados para o próprio umbigo, operamos, automatizados, falas robóticas e silêncios glaciais. Ilustra bem esse estado de espírito a música Sinal fechado (1969), de Paulinho da Viola. Trata-se da história de dois sujeitos que se encontram inesperadamente em um sinal de trânsito. A conversa entre ambos, porém, se deu rápida e rasteira. Logo, os personagens se despedem, com a promessa de se verem em outra oportunidade. Percebe-se um registro de comunicação vazia e superficial, cuja tônica foi o contato ligeiro e superficial construído pelos interlocutores: “Olá, como vai? Eu vou indo, e você, tudo bem?/ Tudo bem, eu vou indo correndo, pegar meu lugar no futuro. E você?/ Tudo bem, eu vou indo em busca de um sono/tranquilo, quem sabe?/Quanto tempo.../Pois é, quanto tempo.../Me perdoe a pressa é a alma dos nossos negócios.../Oh! Não tem de quê./Eu também só ando a cem”.

O culto à velocidade, no contexto apresentado, se coloca como fruto de um imediatismo processual que celebra o alcance dos fins sem dimensionar a qualidade dos meios necessários para atingir determinado propósito. Tal conjuntura favorece a lei do menor esforço – a comodidade – e prejudica a lei do maior esforço – a dignidade. Como modelo alternativo à cultura fast, temos o movimento slow life, cujo propósito, resumidamente, é conscientizar as pessoas de que a pressa é inimiga da perfeição e do prazer, buscando assim reeducar seus sentidos para desfrutar melhor os sabores da vida.

SILVA, M. F. L. Boletim UFMG. n. 1 749, set. 2011 (adaptado).

Nesse artigo de opinião, a apresentação da letra da canção Sinal fechado é uma estratégia argumentativa que visa sensibilizar o leitor porque

- a) adverte sobre os riscos que o ritmo acelerado da vida oferece.
- b) exemplifica o fato criticado no texto com uma situação concreta.
- c) contrapõe situações de aceleração e de serenidade na vida das pessoas.
- d) questiona o clichê sobre a rapidez e a aceleração da vida moderna.
- e) apresenta soluções para a cultura da correria que as pessoas vivenciam hoje.

40. Enem 2017



Disponível em: <http://impresso.em.com.br>. Acesso em: 22 nov. 2014.

Nessa propaganda, a combinação entre linguagem verbal e não verbal promove um apelo à população para que

- tome a vacina contra gripe.
- se engaje em movimentos pela saúde no trabalho.
- se proteja contra o contágio pelo vírus HIV.
- combata a discriminação no local de trabalho.
- contribua com ações a favor de portadores do vírus HIV.

41. AFA 2022

Texto I

A verdadeira Lei de Gérson

Raul Marinho Gregorin

Você se lembra daquele célebre comercial do cigarro Vila Rica, onde nosso tricampeão Gérson falava a famosa frase: "...Porque você tem que levar vantagem em tudo, cerrrto?". A frase teve tanto impacto que acabou sendo criada a "Lei de Gérson", que simboliza o oportunismo e a falta de escrúpulos típicas de uma grande parcela de nossa sociedade. [...]

Concordo que nossa postura oportunista realmente contribui para nos manter neste estado de atraso econômico e cultural em que vivemos. Só que a "Lei de Gérson", na verdade é muito mais antiga que o próprio. No excelente livro "Mauá, Empresário do império", de Jorge Caldeira (Ed. Companhia das Letras), percebe-se que há quase duzentos anos atrás esta lei já era cumprida. Aliás, essa deve ser a lei mais antiga do Brasil, pois desde as capitânicas hereditárias nossa história é pontilhada de exemplos de oportunismo e falta de escrúpulos. A própria escravidão não deixa de ser uma mostra do viés ético de nossa sociedade desde tempos imemoriais, mas isso já é outra história.

Eu não conheço a biografia do Gérson, muito menos do publicitário que criou a frase e o comercial do Vila Rica. Mas acho muito improvável que o Gérson real seja um oportunista sanguinário como ficou sendo sua imagem. Nem acredito que o diretor de criação da agência poderia imaginar que esta frase seria usada mais de vinte anos depois para designar esta nossa característica.

Nossa língua é ferina. Quando a Volkswagen lançou o Fusca com teto solar no final da década de '60', as vendas despencaram depois que passou a ter a conotação de "carro de chifruado". A VASP na década de 70 criou um voo noturno ligando São Paulo ao Guarujá para atender aos executivos que deixavam suas famílias no balneário e passavam a semana trabalhando na capital. O nome do voo era "Corujão" devido ao horário. Não demorou muito, o voo passou a ser apelidado de "Cornudão", pelo fato das esposas ficarem na praia enquanto os maridos ficavam na cidade. A VASP teve que cancelar a linha por falta de passageiros.

E óbvio que a VW tinha introduzido o teto solar baseado no fato do Brasil ser um país quente e ensolarado, perfeito para aquele opcional. Só que o consumidor preferia ficar passando calor a ser visto dirigindo um carro com um buraco no teto para "deixar os chifres de fora". O voo corujão era perfeito, especialmente na época em que não havia Piaçaguera e, para chegar ao Guarujá de carro na alta temporada, o motorista tinha que enfrentar horas de fila na balsa. Mas era melhor demorar oito ou dez horas de carro do que ir de avião, em meia hora, num voo chamado "Cornudão"...

Com o comercial do Gérson foi a mesma coisa. Levar vantagem em tudo não significa que os outros têm que levar desvantagem. O oportunismo foi incorporado à frase por quem a leu/ouviu, não por quem a escreveu/disse. O problema é que passou a ficar (para usar um conceito atual) "politicamente incorreto" levar vantagem em alguma coisa.

Na verdade, parece que nossa sociedade se divide em dois grandes blocos: um que leva vantagem em tudo (no sentido pejorativo) e outro que não pode levar vantagem em nada. Acontece que dá para levar vantagem em tudo sem fazer com que os outros saiam em desvantagem. Você não precisa esmagar a outra parte para sair ganhando.

(http://www.geocities.ws/cp_adhemar/leidegerson.html. Acesso em: 10 abril 2017. Texto revisado conforme a nova ortografia.)

Texto II

Observe a seguir um dos cartazes da campanha publicitária sobre o cigarro Vila Rica – que circulou no Brasil na década de 1970 – e deu origem à chamada Lei de Gérson, conforme citado no 1º parágrafo do texto I. O personagem do cartaz é o jogador de futebol Gérson, já citado também no texto I.



A partir da leitura da peça publicitária, e considerando as informações do texto I sobre a "Lei de Gérson", analise as afirmativas a seguir como verdadeira ou falsas.

- A marca do cigarro Vila Rica aproveita a popularidade do famoso jogador Gérson para alavancar a venda do produto.
- A "Lei de vantagem", empregada pela arbitragem no futebol, possui regras; essas regras estão explicitadas na argumentação do texto I e na peça publicitária.
- O vocábulo "leve" pode ser entendido tanto como verbo quanto como adjetivo em ambas as ocorrências no cartaz.

IV. No cartaz, o advérbio “também” funciona como um termo fundamental para induzir a uma proximidade entre Gérson – um ídolo do futebol – e o público; e, dessa forma, criar a estratégia de persuasão necessária à propaganda.

Está correto o que se afirma apenas em

- a) I, II e III
- b) II e III
- c) I e IV
- d) II e IV

42. Enem 2017 PROPAGANDA – O exame dos textos e mensagens de Propaganda revela que ela apresenta posições parciais, que refletem apenas o pensamento de uma minoria, como se exprimissem, em vez disso, a convicção de uma população; trata-se, no fundo, de convencer o ouvinte ou o leitor de que, em termos de opinião, está fora do caminho certo, e de induzi-lo a aderir às teses que lhes são apresentadas, por um mecanismo bem conhecido da psicologia social, o do conformismo induzido por pressões do grupo sobre o indivíduo isolado.

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UnB, 1998 (adaptado).

De acordo com o texto, as estratégias argumentativas e o uso da linguagem na produção da propaganda favorecem a

- a) reflexão da sociedade sobre os produtos anunciados.
- b) difusão do pensamento e das preferências das grandes massas.
- c) imposição das ideias e posições de grupos específicos.
- d) decisão consciente do consumidor a respeito de sua compra.
- e) identificação dos interesses do responsável pelo produto divulgado.

43. Enem 2019 O projeto DataViva consiste na oferta de dados oficiais sobre exportações, atividades econômicas, localidades e ocupações profissionais de todo o Brasil. Num primeiro momento, o DataViva construiu uma ferramenta que permitia a análise da economia mineira embasada por essa perspectiva metodológica complexa e diversa. No entanto, diante das possibilidades oferecidas pelas bases de dados trabalhadas, a plataforma evoluiu para um sistema mais completo. De maneira interativa e didática, o usuário é guiado por meio das diversas formas de navegação dos aplicativos. Além de informações sobre os produtos exportados, bem como acerca do volume das exportações em cada um dos estados e municípios do País, em poucos cliques, o interessado pode conhecer melhor o perfil da população, o tipo de atividade desenvolvida, as ocupações formais e a média salarial por categoria.

MANTOVANI, C. A. Guardião de informações. *Minas faz Ciência*. n. 58. jun.-jul.-ago. 2014 (adaptado).

Entre as novas possibilidades promovidas pelo desenvolvimento de novas tecnologias, o texto destaca a

- a) auditoria das ações de governo.
- b) publicidade das entidades públicas.
- c) obtenção de informações estratégicas.
- d) disponibilidade de ambientes coletivos.
- e) comunicação entre órgãos administrativos.

44. Enem 2019

O que é software livre

Software livre é qualquer programa de computador construído de forma colaborativa, via internet, por uma comunidade internacional de desenvolvedores independentes. São centenas de milhares de *hackers*, que negam sua associação com os “violadores de segurança”. Esses desenvolvedores de software se recusam a reconhecer o significado pejorativo do termo e continuam usando a palavra *hacker* para indicar “alguém que ama programar e que gosta de ser hábil e engenhoso”. Além disso, esses programas são entregues à comunidade com o código fonte aberto e disponível, permitindo que a ideia original possa ser aperfeiçoada e devolvida novamente à comunidade. Nos programas convencionais, o código de programação é secreto e de propriedade da empresa que o desenvolveu, sendo quase impossível decifrar a programação.

O que está em jogo é o controle da inovação tecnológica. Software livre é uma questão de liberdade de expressão e não apenas uma relação econômica. Hoje existem milhares de programas alternativos construídos dessa forma e uma comunidade de usuários com milhões de membros no mundo.

BRANCO, M. Software livre e desenvolvimento social e econômico. In: CASTELLS, M.; CARDOSO, G. (Org). *A sociedade em rede: do conhecimento à ação política*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005 (adaptado).

A criação de softwares livres contribui para a produção do conhecimento na sociedade porque

- a) democratiza o acesso a produtos construídos coletivamente.
- b) complexifica os sistemas operacionais disponíveis no mercado.
- c) qualifica um maior número de pessoas para o uso de tecnologias.
- d) possibilita a coleta de dados confidenciais para seus desenvolvedores.
- e) insere profissionalmente os hackers na área de inovação tecnológica.

45. Enem 2021 Naquele tempo, Itaguaí, que, como as demais vilas, arraiais e povoações da colônia, não dispunha de imprensa, tinha dois modos de divulgar uma notícia; ou por meio de cartazes manuscritos e pregados na porta da Câmara, e da matriz; ou por meio de matraca.

Eis em que consistia este segundo uso. Contratava-se um homem, por um ou mais dias, para andar as ruas do povoado, com uma matraca na mão. De quando em quando tocava a matraca, reunia-se gente, e ele anunciava o que lhe incumbiam, – um remédio para sezões, umas terras lavradas, um soneto, um donativo eclesiástico, a melhor tesoura da vila, o mais belo discurso do ano, etc. O sistema tinha inconvenientes para a paz pública; mas era conservado pela grande energia de divulgação que possuía. Por exemplo, um dos vereadores desfrutava a reputação de perfeito educador de cobras e macacos, e aliás nunca domesticara um só desses bichos; mas tinha o cuidado de fazer trabalhar a matraca todos os meses. E dizem as crônicas que algumas pessoas afirmavam ter visto cascavéis dançando no peito do vereador; afirmação perfeitamente falsa, mas só devida à absoluta confiança

no sistema. Verdade, verdade, nem todas as instituições do antigo regime mereciam o desprezo do nosso século.

ASSIS, M. O alienista Disponível em: www.dominiopublico.gov.br. Acesso em: 2 jun. 2019 (adaptado).

O fragmento faz uma referência irônica a formas de divulgação e circulação de informações em uma localidade sem imprensa. Ao destacar a confiança da população no sistema da matraca, o narrador associa esse recurso à disseminação de

- a) campanhas políticas.
- b) anúncios publicitários.
- c) notícias de apelo popular.
- d) informações não fidedignas.
- e) serviços de utilidade pública.

46. Enem 2021

Intenso e original, *Son of Saul* retrata horror do holocausto

Centenas de filmes sobre o holocausto já foram produzidos em diversos países do mundo, mas nenhum é tão intenso como o húngaro *Son of Saul*, do estreador em longa-metragens László Nemes, vencedor do Grande Prêmio do Júri no último Festival de Cannes.

Ao contrário da grande maioria das produções do gênero, que costuma oferecer uma variedade de informações didáticas e não raro cruza diferentes pontos de vista sobre o horror do campo de concentração, o filme acompanha apenas um personagem.

Ele é Saul (Géza Röhrig), um dos encarregados de conduzir as execuções de judeus como ele que, por um dia e meio, luta obsessivamente para que um menino já morto – que pode ou não ser seu filho – tenha um enterro digno e não seja simplesmente incinerado.

O acompanhamento da jornada desse prisioneiro é no sentido mais literal que o cinema pode proporcionar: a câmera está o tempo todo com o personagem, seja por sobre seus ombros, seja com um close em primeiro plano ou em sua visão subjetiva. O que se passa ao seu redor é secundário, muitas vezes desfocado.

Saul percorre diferentes divisões de Auschwitz à procura de um rabino que possa conduzir o enterro da criança, e por isso pouco se envolve nos planos de fuga que os companheiros tramam e, quando o faz, geralmente atrapalha. “Você abandonou os vivos para cuidar de um morto”, acusa um deles.

Ver toda essa via *crucis* é por vezes duro e exige certa entrega do espectador, mas certamente é daquelas C experiências cinematográficas que permanecem na cabeça por muito tempo.

O longa já está sendo apontado como o grande favorito ao Oscar de filme estrangeiro. Se levar a estatueta, certamente não faltará quem diga que a Academia tem uma preferência por quem aborda a 2ª Guerra. Por mais que exista uma dose de verdade na afirmação, premiar uma abordagem tão ousada e radical como *Son of Saul* não deixaria de ser um passo à frente dos votantes.

Carta Capital, n. 873, 22 out 2015.

A resenha é, normalmente, um texto de base argumentativa. Na resenha do filme *Son of Saul*, o trecho da sequência argumentativa que se constitui como opinião implícita é

- a) “[...] do estreador em longa-metragens László Nemes, vencedor do Grande Prêmio do Júri no último Festival de Cannes”.
- b) “Ele é Saul (Géza Röhrig), um dos encarregados de conduzir as execuções de judeus [...]”.
- c) “[...] a câmera está o tempo todo com o personagem, seja por sobre seus ombros, seja com um close [...]”.
- d) “Saul percorre diferentes divisões de Auschwitz à procura de um rabino que possa conduzir o enterro da criança [...]”.
- e) “[...] premiar uma abordagem tão ousada e radical como *Son of Saul* não deixaria de ser um passo à frente dos votantes”.

47. Enem PPL 2019



Disponível em: <http://jconlineinteratividade.ne10.uol.com.br>. Acesso em: 17 set. 2015.

Ao relacionar o problema da seca à inclusão digital, essa charge faz uma crítica a respeito da

- a) ausência de políticas públicas para o acesso da população a computadores.
- b) escolha das prioridades no atendimento às reais necessidades da população.
- c) possibilidade de uso do PC como solução de problemas sociais.
- d) ausência de políticas públicas para o acesso da população a computadores.
- e) escolha das prioridades no atendimento às reais necessidades da população.

48. Enem 2019

Os tipos cheios de si
O difícil é encontrar quem nunca cruzou com (ou se passou por) um desses on-line

O TURISTA EM TEMPO INTEGRAL Posta o ano inteiro fotos das férias (deste e de outros anos). Parece viver viajando.	A ÚNICA BEM-AMADA Só ela tem o parceiro mais especial. Porque momentos a dois são mesmo para divulgar.
O BALADEIRO VIDA LOUCA Quase dá para escutar o "Uhuuu!!!", pelas fotos de bebidas e pistas de dança.	O EXIBIDO HUMILDE Ele (acha que) disfarça ao dar dicas do próprio sucesso. Não engana ninguém.
O BEM RELACIONADO DE OCASIÃO Descobriu quem é o "famoso" que aparece na foto naquela hora. Mas não deixa passar.	O GOURMET DE APARÊNCIAS Por que ir a um restaurante se ninguém souber? É clique no prato.
A MÃE ORGULHOSA DEMAIS Faz questão de contar todas as gracinhas. Até as que só têm graça para a mãe.	O(A) LINDO(A) DEMAIS PARA NÃO MOSTRAR Acha que o dia de cabelo bom desculpa um autorretrato (selfie). Quem nunca, não é?

Disponível em: <http://epoca.globo.com>. Acesso em: 20 mar. 2014.

De acordo com esse infográfico, as redes sociais estimulam diferentes comportamentos dos usuários que revelam

- a) exposição exagerada dos indivíduos.
- b) comicidade ingênua dos usuários.
- c) engajamento social das pessoas.
- d) disfarce do sujeito por meio de avatares.
- e) autocrítica dos internautas.



Texto para as questões 49 e 50.

Desde o final do século 20, toda a engrenagem industrial do mercado musical passa por intensas transformações, como o surgimento e disseminação de novas tecnologias, em grande parte gratuitas, como os arquivos MP3s, as redes de compartilhamento destes arquivos, mecanismos *torrents*, *sites* de armazenamento de conteúdo, ferramentas de publicação *on-line* – tudo à disposição de quem quisesse dividir com os outros suas canções e discos favoritos. A era pós-industrial atingiu toda a indústria do entretenimento, mas o braço da música foi quem mais sofreu, especialmente as grandes gravadoras multinacionais, as chamadas *majors*, que sofreram um declínio em todas as etapas de seu antigo negócio, ao mesmo tempo em que rapidamente se aperfeiçoavam ferramentas baratas e caseiras de produção que diminuía a distância entre amadores e profissionais.

A era digital é também chamada de pós-industrial porque confronta o modelo de produção que dominava até o final do século 20. Esse modelo industrial é baseado na repetição, em formatar e embalar. Por trás disso, a ideia é obter a máxima produção – o que, para produtos em geral, funciona muito bem. Quando esses parâmetros são aplicados à arte, a venda do produto (por exemplo, o disco) depende do conteúdo (a canção). A canção que vai resultar nessa “produção máxima” é buscada por meio de um equilíbrio entre criatividade e uma fórmula de sucesso que desperte o interesse do público. Como estudos ainda não conseguiram decifrar como direcionar a criatividade de uma maneira que certamente despertará esse interesse (e maximizará a produção), a opção normalmente costuma ser pela solução mais simples.

“Cada um tem descoberto suas fórmulas e possibilidades, pois tudo tende a ser cada vez menos homogêneo”, opina o baiano Lucas Santtana, que realizou seus discos recentes às próprias custas. “Claro que ainda existe uma distância em relação aos artistas chamados *mainstream*”, continua. “Mas você muda o tamanho da escala e já está tudo igual em termos de *business*. A pergunta é se essa geração faz uma música para esse grande mercado ou se ela está formando um novo público. Outra pergunta é se o grande mercado na verdade não passa de uma imposição de uma máfia que dita o que vai ser popular.”

(Galileu, março de 2013. Adaptado.)

49. Unesp 2014 Segundo o autor, desde o final do século 20, as novas tecnologias e softwares voltados para a música beneficiaram

- a) as lojas especializadas na venda de discos de vinil e digitais.
- b) os distribuidores de discos de vinil no mercado internacional.
- c) as grandes gravadoras e produtoras nacionais de discos.
- d) as grandes redes de supermercados e *shoppings*.
- e) os usuários interessados em compartilhar músicas.

50. Unesp 2014 Numerosas palavras da língua inglesa são adotadas no mundo todo em jornais, revistas e livros especializados, por terem sido incorporadas aos vocabulários da indústria, do comércio, da tecnologia e de muitas outras atividades. Levando em consideração o contexto do artigo, assinale a alternativa em que a palavra da língua inglesa é empregada para designar algo ou alguém que caiu no gosto do público, com vasta disseminação pela mídia:

- a) *majors*.
- b) *mainstream*.
- c) *torrents*.
- d) *sites*.
- e) *business*.

51. Enem 2020

Caminhando contra o vento,
Sem lenço e sem documento
No sol de quase dezembro
Eu vou
O Sol se reparte em crimes
Espaçonaves, guerrilhas
Em Cardinales bonitas
Eu vou
Em caras de presidentes
Em grandes beijos de amor
Em dentes, pernas, bandeiras
Bombas e Brigitte Bardot
O Sol nas bancas de revista
Me enche de alegria e preguiça
Quem lê tanta notícia
Eu vou

VELOSO, C. Alegria, alegria. In: Caetano Veloso. São Paulo: Phillips, 1967 (fragmento).

É comum coexistirem sequências tipológicas em um mesmo gênero textual. Nesse fragmento, os tipos textuais que se destacam na organização temática são

- a) descritivo e argumentativo, pois o enunciador detalha cada lugar por onde passa, argumentando contra a violência urbana.
- b) dissertativo e argumentativo, pois o enunciador apresenta seu ponto de vista sobre as notícias relativas à cidade.
- c) expositivo e injuntivo, pois o enunciador fala de seus estados físicos e psicológicos e interage com a mulher amada.
- d) narrativo e descritivo, pois o enunciador conta sobre suas andanças pelas ruas da cidade ao mesmo tempo que a descreve.
- e) narrativo e injuntivo, pois o enunciador ensina o interlocutor como andar pelas ruas da cidade contando sobre sua própria experiência.

52. Enem 2019

Expostos na web desde a gravidez

Mais da metade das mães e um terço dos pais ouvidos em uma pesquisa sobre compartilhamento paterno em mídias sociais discutem nas redes sociais sobre a educação dos filhos. Muitos são pais e mães de primeira viagem, frutos da geração Y (que nasceu junto com a internet) e usam esses canais para saberem que não estão sozinhos na empreitada de educar uma criança. Há, contudo, um risco no modo como as pessoas estão compartilhando essas experiências. É a chamada exposição parental exagerada, alertam os pesquisadores.

De acordo com os especialistas no assunto, se você compartilha uma foto ou vídeo do seu filho pequeno fazendo algo ridículo, por achar engraçadinho, quando a criança tiver seus 11, 12 anos, pode se sentir constrangida. A autoconsciência vem com a idade.

A exibição da privacidade dos filhos começa a assumir uma característica de linha do tempo e eles não participaram da aprovação ou recusa quanto à veiculação desses conteúdos. Assim, quando a criança cresce, sua privacidade pode já estar violada.

OTONI, A. C. *O Globo*, 31 mar. 2015 (adaptado).

Sobre o compartilhamento parental excessivo em mídias sociais, o texto destaca como impacto o(a)

- a) interferência das novas tecnologias na comunicação entre pais e filhos.
- b) desatenção dos pais em relação ao comportamento dos filhos na internet.
- c) distanciamento na relação entre pais e filhos é provocado pelo uso das redes sociais.
- d) fortalecimento das redes de relações decorrente da troca de experiências entre as famílias.
- e) desrespeito à intimidade das crianças cujas imagens têm sido divulgadas nas redes sociais.

53. Enem 2017

Romanos usavam redes sociais há dois mil anos, diz livro

Ao tuitar ou comentar em baixo do post de um de seus vários amigos no Facebook, você provavelmente se sente privilegiado por viver em um tempo na história em que é possível alcançar de forma imediata uma vasta rede de contatos por meio de um simples clique no botão “enviar”. Você talvez também reflita sobre como as gerações passadas puderam viver sem mídias sociais, desprovidas da capacidade de verem e serem vistas, de receber, gerar e interagir com uma imensa carga de informações. Mas o que você talvez não saiba é que os seres humanos usam ferramentas de interação social há mais de dois mil anos. É o que afirma Tom Standage, autor do livro *Writing on the Wall – Social Media, The first 2.000 Years* (Escrevendo no mural – mídias sociais, os primeiros 2 mil anos, em tradução livre).

Segundo Standage, Marco Túlio Cícero, filósofo e político romano, teria sido, junto com outros membros da elite romana, precursor do uso de redes sociais. O autor relata como Cícero usava um escravo, que posteriormente tornou-se seu escriba, para redigir mensagens em rolos de papiro que eram enviados a uma espécie de rede de contatos. Estas pessoas, por sua vez, copiavam seu texto, acrescentavam seus próprios comentários e repassavam adiante. “Hoje temos computadores e banda larga, mas os romanos tinham escravos e escribas que transmitiam suas mensagens”, disse Standage à BBC Brasil. “Membros da elite romana escreviam entre si constantemente, comentando sobre as últimas movimentações políticas e expressando opiniões”.

Além do papiro, outra plataforma comumente utilizada pelos romanos era uma tábua de cera do tamanho e da forma de um *tablet* moderno, em que escreviam recados, perguntas ou transmitiam os principais pontos da *acta diurna*, um “jornal” exposto diariamente no Fórum de Roma. Essa tábua, o “iPad da Roma Antiga”, era levada por um mensageiro até o destinatário, que respondia embaixo da mensagem.

NIDECKER, F. Disponível em: www.bbc.co.uk. Acesso em: 7 nov. 2013 (adaptado).

Na reportagem, há uma comparação entre tecnologias de comunicação antigas e atuais. Quanto ao gênero mensagem, identifica-se como característica que perdura ao longo dos tempos o(a)

- a) imediatismo das respostas.
- b) compartilhamento de informações.
- c) interferência direta de outros no texto original.
- d) recorrência de seu uso entre membros da elite.
- e) perfil social dos envolvidos na troca comunicativa.

54. Enem 2018

ABL lança novo concurso cultural:

“Conte o conto sem aumentar um ponto”

Em razão da grande repercussão do concurso de Microcontos do Twitter da ABL, o Abletras, a Academia Brasileira de Letras lançou no dia do seu aniversário de 113 anos um novo concurso cultural intitulado “Conte o conto sem aumentar um ponto”, baseado na obra *A cartomante*, de Machado de Assis.

“Conte o conto sem aumentar um ponto” tem como objetivo dar um final distinto do original ao conto *A cartomante*, de Machado de Assis, utilizando-se o mesmo número de caracteres – ou inferior – que Machado concluiu seu trabalho, ou seja, 1.788 caracteres.

Vale ressaltar que, para participar do concurso, o concorrente deverá ser seguidor do Twitter da ABL, o Abletras. Disponível em: www.academia.org.br. Acesso em: 18 out. 2015 (adaptado).

O Twitter é reconhecido por promover o compartilhamento de textos. Nessa notícia, essa rede social foi utilizada como veículo/suporte para um concurso literário por causa do(a)

- a) limite predeterminado de extensão do texto.
- b) interesse pela participação de jovens.
- c) atualidade do enredo proposto.
- d) fidelidade a fatos cotidianos.
- e) dinâmica da sequência narrativa.

55. Fuvest-SP 2020

Adaptados a esse idioma que se transforma conforme a plataforma, os *memes* e *textões* dominaram a rotina desta década como modos de a gente rir, repercutir notícias, dividir descontentamentos, colocar o dedo em feridas, relatar injustiças e até se informar. Entraram logo no vocabulário para além da internet: “virar *meme*”, “dar *textão*”. Suas características também interferiram no jeito de compreender o mundo e expressar o que acontece à nossa volta. Viktor Chagas, professor e pesquisador da Universidade Federal Fluminense (UFF), os vê como manifestações culturais de grande relevância para entender o período e, também, como “extravasadores de afetos”. [...]

Por mais que o *textão* seja “*ão*”, assim como o *meme* ele é uma expressão sintética típica de hoje, explica Viktor Chagas. Mesmo o *textão* mais longo na verdade é um *textinho*: faz parte da lógica do espaço em que circula.

TAB UOL, “Vim pelo *meme* e era *textão*”. Disponível em <https://tab.uol.com.br/>. Adaptado.

- a) Retire do texto dois argumentos que justifiquem a caracterização de “*memes* e *textões*” como “extravasadores de afetos”.
- b) Em que sentido pode se afirmar que não há uma contradição no trecho “Mesmo o *textão* mais longo na verdade é um *textinho*”?

Texto complementar

Plataforma busca otimizar o ensino de língua portuguesa e matemática

Para Marcelo Aglio, o domínio do idioma e suas manifestações na língua escrita e falada é instrumento para a emancipação social

Uma dissertação do Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras) da USP teve como objetivo o estudo e pesquisa das Tecnologias Digitais da Comunicação (TDICs) em relação à aprendizagem de língua portuguesa no ensino fundamental da rede pública. No trabalho, foi analisada a turma do sexto ano da Escola Estadual Professora Priscila de Fátima Pinto, de Itu-SP, na qual o mestrando, Marcelo Aglio, dá aulas há 11 anos. O professor-pesquisador observou as estratégias para o ensino da língua portuguesa e seus gêneros textuais com a ferramenta *Aventuras Currículo +*, um lançamento da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo disponibilizada para toda rede escolar em 2016.

“*Aventuras Currículo +* é um jogo de RPG (jogo de interpretação de papéis) utilizado para recuperação de conteúdo em língua portuguesa e matemática. Ele coloca o aluno como agente secreto especial que deve cumprir missões para salvar a Terra. Cada missão trabalha com um gênero textual, como o jornalístico e as histórias em quadrinhos. No final de cada missão, deve ser produzido um texto dentro do gênero, tudo atrelado à narrativa do jogo”, explica Marcelo Aglio, mestrando do Profletras da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP, em entrevista ao Jornal da USP no Ar.

Aglio ressalta que a educação e o ensino tradicional não afetam o aluno do século 21, com necessidade de incentivos, como o jogo *Aventuras Currículo +*, para que o jovem possa dominar o conteúdo apresentado aliado à gamificação proposta. “Acredito que a língua é um instrumento de emancipação social”, destaca. “A pessoa que domina o idioma dela e suas diferentes manifestações, na língua escrita e falada, com certeza vai ter um apreço social maior, não só em questão de emprego e formação acadêmica. Infelizmente, estamos em uma realidade no nosso País em que muitas pessoas não têm domínio da língua, tornando mais fácil que essas pessoas sejam dominadas por quem está no poder.”

Uma das observações do estudo é que os alunos costumam chegar ao sexto ano com algumas dificuldades de interpretação, principalmente pela falta de hábito em determinados gêneros que estão em diversas plataformas, como o jornalístico. O jogo de RPG apresentou enorme êxito, pois trabalha com o que está presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), incorporada ao currículo paulista. E, segundo o professor, a palavra do momento é “multiletramentos”, que trabalha com a noção de que existem novos gêneros que circulam na sociedade com fácil acesso aos jovens, como os memes e podcasts.

“Notei na minha pesquisa um estreitamento afetivo que eu tive com meus alunos, fundamental na sala de aula. Eles se envolvem mais com a aula e com o papel do professor, demonstrando mais gratidão e interesse com aquele momento que ele está vivendo na escola”, diz Aglio. Ele conta que não dá mais aula para essa turma, mas acompanha a evolução dos alunos e percebe a mudança que ocorreu antes e após a utilização dessa ferramenta: “Um sujeito que tomou para si a própria aprendizagem dele e começou a enxergar a escola de uma outra maneira”, orgulha-se.

Jornal da USP, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-humanas/dominio-da-lingua-portuguesa-e-instrumento-para-emancipacao-social/>. Acesso em: 20 ago. 2021.

Resumindo

Vimos, neste capítulo, os quatro tipos de textos que formam os incontáveis gêneros discursivos usados para nos comunicarmos em sociedade. Dentre as características principais de cada um desses tipos de textos temos:

Narração

Texto elaborado para contar uma história.
Apresenta mudança de estado físico ou psicológico.
O desenvolvimento do texto é organizado em uma sequência temporal.
A história relata eventos específicos.

Descrição

Texto elaborado para caracterizar algo ou alguém.
Não apresenta mudança de estado físico ou psicológico.
Não há desenvolvimento temporal no texto: o enfoque é dado na caracterização.
A caracterização apresenta eventos rotineiros, comportamentos e qualidades.
É bastante usada para enriquecer textos narrativos.

Dissertação

Texto elaborado para abordar um tema de modo reflexivo e explícito.
O desenvolvimento do texto é organizado em uma sequência lógica.

Pode apresentar uma exposição imparcial do tema ou uma defesa de ponto de vista.

Injunção

Texto elaborado para instruir sobre algo.
Emprega verbos no imperativo e em segunda pessoa.
Costuma apresentar uma sequência enumerativa para facilitar a interpretação.

Além disso, estudamos, também, a importância dos discursos em textos narrativos e descritivos, bem como as formas de citar o discurso das personagens, sendo:

Discurso direto

Não há apropriação do discurso pelo narrador.
A voz da personagem reproduz seu próprio discurso.
É introduzido por verbos elocutivos e costuma apresentar pontuação enunciativa (como dois pontos, travessão e aspas).

Discurso indireto

Há apropriação do discurso pelo narrador.
O narrador se apropria do discurso da personagem.
A voz que reproduz o discurso sempre é a do narrador.
Também é introduzido por verbos elocutivos e apresenta conjunção integrante (partícula “que”).
Garante ao texto mais fluidez discursiva.

Discurso indireto livre

Há uma fusão entre a voz da personagem e a voz do narrador, motivo pelo qual é dificultoso compreender a quem o discurso pertence.

Geralmente é marcado estruturalmente por pontuação exclamativa, interrogativa ou por emprego de primeira pessoa.

Sempre depende de um narrador onisciente.

Exige contextualização para ser percebido.

Após compreender os tipos de textos e a importância dos discursos, estudamos, finalmente, os aspectos de composição dos gêneros discursivos, assim como vimos alguns dos principais gêneros jornalísticos e publicitários, como nos tópicos a seguir:

Aspectos de formação

Tipo de linguagem: denotativa (literal) ou conotativa (figurada).

Nível de formalidade: formal ou informal.

Composição estrutural: prosa ou verso.

Principais gêneros jornalísticos

Notícia: texto de finalidade informativa, é produzido apenas para expor um acontecimento de modo imparcial.

Artigo de opinião: texto de finalidade persuasiva, é elaborado para transmitir um posicionamento de um articulista acerca de uma notícia relevante.

Reportagem: considerada como um aprofundamento da notícia, é um texto que investiga o fato noticiado com maior profundidade.

Editorial: texto de finalidade posicional, é produzido pelo editor-chefe de um grupo jornalístico para expressar a opinião do grupo sobre a notícia mais importante da edição.

Crônica: conserva semelhanças com o artigo de opinião, pois revela um posicionamento próprio do autor, porém aborda temas banais e de pouca importância pública.

Tirinha (ou charge): texto verbovisual que apresenta uma avaliação crítica e, muitas vezes, bem-humorada sobre um fato relevante.

Principais gêneros publicitários

Campanha: geralmente tematizada em um interesse público, constrói um apelo a uma parte da população para uma ação que procura a melhoria da vida particular ou coletiva dos cidadãos. É criada, na maior parte das vezes, pelo poder público.

Publicidade: criada por um grupo específico de anunciantes, promove uma persuasão ao leitor para a venda de um produto, serviço ou ideia.

Principais gêneros digitais

Meme: criado, inicialmente, como uma mensagem humorística viral, é usado atualmente para difundir diversos assuntos, como posicionamentos políticos e questões econômicas. Apresenta linguagem verbal e visual, com textos curtos e informais.

Tuíte: originado inicialmente em uma plataforma específica, revolucionou os demais gêneros textuais ao exigir dos autores um máximo de caracteres na mensagem. Apresenta concisão e objetividade na transmissão do texto.

Podcast: pode ser considerado uma versão digital de programas de rádio. É composto apenas de mensagem oral e apresenta debates sobre os mais variados assuntos. Pode ser acessado por aplicativos ou navegadores da web.

Divulgação científica: embora seja um gênero anterior à internet, tornou-se muito mais frequente nos meios digitais. É formado por linguagem acessível e informal, usada para divulgar conceitos das mais diversas ciências ao público leigo

Quer saber mais?



Livros

SARGENTIM, Hermínio. *Oficina de escritores: dissertação*. São Paulo: IBEP, 2018.

Obra que auxilia no processo de desenvolvimento de textos dissertativos, muito cobrados em vestibulares atuais.

TERRA, Ernani. *Da leitura literária à produção de textos*. São Paulo: Contexto, 2018.

Obra que estabelece uma relação entre a leitura de textos literários, sobretudo dos gêneros crônica, conto, romance e poesia, e a prática de produção de redações.



Sites

Portal da Imprensa Nacional. Disponível em: www.in.gov.br/web/guest/inicio. Acesso em: 21 jun. 2022.

Portal oficial do governo federal com notícias e reportagens sobre assuntos relacionados ao poder público.

Portal EduCapes. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Portal oficial da agência Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) com acesso a milhares de textos de diversos gêneros científicos.

Atila Iamarino – YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCSTIOTcyUmzvhiQi6F8IFi5w>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Canal do YouTube produzido pelo virologista Átila Iamarino. Apresenta diversos conceitos científicos em linguagem simples e acessível.



Podcast

BandNews. Disponível em: <https://www.band.uol.com.br/bandnews-fm/podcasts/elas-com-elas-4847654>. Acesso em: 21 jun. 2022.

Página de acesso ao acervo de *podcast* da rede BandNews, como os programas TOTVS TALKS, que apresenta informações sobre tecnologia, e Elas com Elas, que reúne vozes femininas para debater temas como política, sociedade, comportamento, entre outros.

Exercícios complementares



Leia a crônica “Caso de secretária”, de Carlos Drummond de Andrade, para responder às questões 1 e 2.

Foi trombudo para o escritório. Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data. As crianças também tinham se esquecido. Então era assim que a família o tratava? Ele que vivia para os seus, que se arrebatava de trabalhar, não merecer um beijo, uma palavra ao menos!

Mas, no escritório, havia flores à sua espera, sobre a mesa. Havia o sorriso e o abraço da secretária, que poderia muito bem ter ignorado o aniversário, e entretanto o lembrara. Era mais do que uma auxiliar, atenta, experimentada e eficiente, pé de boi da firma, como até então a considerara; era um coração amigo.

Passada a surpresa, sentiu-se ainda mais borocoxô o carinho da secretária não curava, abria mais a fenda. Pois então uma estranha se lembrava dele com tais requintes, e a mulher e os filhos, nada? Baixou a cabeça, ficou rodando o lápis entre os dedos, sem gosto para viver.

Durante o dia, a secretária redobrou de atenções. Parecia querer consolá-lo, como se medisse toda a sua solidão moral, o seu abandono. Sorria, tinha palavras amáveis, e o ditado da correspondência foi entremeadado de suaves brincadeiras da parte dela.

— O senhor vai comemorar em casa ou numa boate?

Engasgado, confessou-lhe que em parte nenhuma. Fazer anos é uma droga, ninguém gostava dele neste mundo, iria rodar por aí à noite, solitário, como o lobo da estepe.

— Se o senhor quisesse, podíamos jantar juntos insinuou ela, discretamente. E não é que podiam mesmo? Em vez de passar uma noite besta, ressentida – o pessoal lá em casa pouco está me ligando, teria horas amenas, em companhia de uma mulher que reparava agora era bem bonita.

Daí por diante o trabalho foi nervoso, nunca mais que se fechava o escritório. Teve vontade de mandar todos embora, para que todos comemorassem o seu aniversário, ele principalmente. Conteve-se, no prazer ansioso da espera.

— Aonde você prefere ir? – perguntou ao saírem.

— Se não se importa, vamos passar primeiro no meu apartamento. Preciso trocar de roupa,

Ótimo, pensou ele; faz-se a inspeção prévia do terreno, e quem sabe?

— Mas antes quero um drinque para animar – ela retificou.

Foram ao drinque, ele recuperou não só a alegria de viver e fazer anos como começou a fazê-los pelo avesso, remoçando. Saiu bem mais jovem do bar, e pegou-lhe do braço.

No apartamento, ela apontou-lhe o banheiro e disse-lhe que o usasse sem cerimônia. Dentro de quinze minutos ele poderia entrar no quarto, não precisava bater – e o sorriso dela, dizendo isto, era uma promessa de felicidade.

Ele nem percebeu ao certo se estava se arrumando ou se desarrumando, de tal modo os quinze minutos se atropelaram, querendo virar quinze segundos, no calor escaldante do banheiro e da situação. Liberto da roupa

incomoda, abriu a porta do quarto. Lá dentro, sua mulher e seus filhos, em coro com a secretária, esperavam-no atacando “Parabéns pra Você”.

(70 historinhas, 2016)

1. FCMSCSP 2022 (Adapt.)

- Cite duas características do gênero crônica presentes no texto.
- As palavras podem mudar de classe gramatical sem sofrer modificação na forma. A este processo de enriquecimento vocabular pela mudança de classe das palavras da-se o nome de “derivação imprópria”.

(Celso Cunha. Gramática essencial, 2013. Adaptado.)

Considere as seguintes expressões extraídas da crônica: “mínima alusão” (1º parágrafo), “solidão moral” (4º parágrafo), “suaves brincadeiras” (4º parágrafo), “noite besta” (7º parágrafo), “horas amenas” (7º parágrafo), “inspeção prévia” (11º parágrafo). Cite uma expressão em que ocorre derivação imprópria. Justifique sua resposta.

2. FCMSCSP 2022 (Adapt.)

- Além da variedade de discursos diretos e indiretos, a narrativa de ficção, a partir do final do século XIX, utiliza um tipo de discurso, que consiste na combinação dos já existentes, misturando valores estilísticos de um e de outro: é o discurso indireto livre. Como no discurso direto, não há no discurso indireto livre subordinação da fala da personagem ao enunciado do narrador, o enunciado da personagem não se prende a um verbo de elocução, nem é introduzido por conjunção subordinativa. O discurso indireto livre, em muitos casos, não deixa claro quem está com a palavra, se o narrador ou a personagem. O que permite distinguir é estar sendo relatado o pensamento da personagem, o qual é de e não do narrador, por mais que este com ela se identifique

(Nice Sant Anna Martins. Introdução à estríctica, 1989. Adaptado.)

Transcreva duas frases da crônica que podem ser consideradas exemplos de discurso indireto livre.

- Reescreva o trecho “Aonde você prefere ir? – perguntou, ao saírem” (9º parágrafo) em discurso indireto e reescreva o trecho “No apartamento, ela apontou-lhe o banheiro e disse-lhe que o usasse sem cerimônia.” (14º parágrafo) em discurso direto.



Texto para as questões 3 e 4.

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de telhado abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de champagne na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram, e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando suave cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos,

por entre os quais surge, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão outras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacional, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadinhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dandy que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualidades; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam para ver qual delas vence em graças, encantos e donaires, certo sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

(Joaquim Manuel de Macedo. *A Moreninha*, 1997.)

- 3. Unifesp 2013** A forma como se dá a construção do texto revela que ele é predominantemente
- dissertativo, com o objetivo de analisar criticamente o que é um sarau.
 - descritivo, com o objetivo de mostrar o sarau como uma festa fútil e sem atrativos.
 - narrativo, com o objetivo de contar fatos inusitados ocorridos em um sarau.
 - descritivo, com o objetivo de apresentar as características de um sarau.
 - dissertativo, com o objetivo de relatar as experiências humanas em um sarau.
- 4. Unifesp 2013** Considerando os papéis desempenhados pelas personagens no texto, é correto afirmar que
- o diplomata é oportunista; o velho, conservador; os rapazes usufruem exageradamente os prazeres da vida; e as moças são frívolas.
 - o diplomata é astuto; o velho, intimista; os rapazes usufruem a vida dentro de suas possibilidades; e as moças vivem de sonhos.
 - o diplomata é perspicaz; o velho, saudosista; os rapazes usufruem prazerosamente a vida; e as moças encantam a todos.
 - o diplomata é trapaceiro; o velho, desencantado; os rapazes usufruem a vida de modo fútil; e as moças investem tão-somente na beleza exterior.
 - o diplomata é esperto; o velho, avançado; os rapazes usufruem a vida com parcimônia; e as moças vivem de devaneios.



Texto para as questões **5** e **6**.

A mídia realmente tem o poder de manipular as pessoas?

Por Francisco Fernandes Ladeira

À primeira vista, a resposta para a pergunta que intitula este artigo parece simples e óbvia: sim, a mídia é um poderoso instrumento de manipulação. A ideia de que o frágil cidadão comum é impotente frente aos gigantes e poderosos conglomerados da comunicação é bastante atrativa intelectualmente. Influentes nomes, como Adorno e Horkheimer, os primeiros pensadores a realizar análises mais sistemáticas sobre o tema, concluíram que os meios de comunicação em larga escala moldavam e direcionavam as opiniões de seus receptores. Segundo eles, o rádio torna todos os ouvintes iguais ao sujeitá-los, autoritariamente, aos idênticos programas das várias estações. No livro *Televisão e Consciência de Classe*, Sarah Chucid Da Viá afirma que o vídeo apresenta um conjunto de imagens trabalhadas, cuja apreensão é momentânea, de forma a persuadir rápida e transitoriamente o grande público. Por sua vez, o psicólogo social Gustav Le Bon considerava que, nas massas, o indivíduo deixava de ser ele próprio para ser um autômato sem vontade e os juízos aceitos pelas multidões seriam sempre impostos e nunca discutidos. Assim, fomentou-se a concepção de que a mídia seria capaz de manipular incondicionalmente uma audiência submissa, passiva e acrítica.

Todavia, como bons cidadãos céticos, devemos duvidar (ou ao menos manter certa ressalva) de proposições imediatistas e aparentemente fáceis. As relações entre mídia e público são demasiadamente complexas, vão muito além de uma simples análise behaviorista de estímulo/resposta. As mensagens transmitidas pelos grandes veículos de comunicação não são recebidas automaticamente e da mesma maneira por todos os indivíduos. Na maioria das vezes, o discurso midiático perde seu significado original na controversa relação emissor/receptor. Cada indivíduo está envolto em uma “bolha ideológica”, apanágio de seu próprio processo de individuação, que condiciona sua maneira de interpretar e agir sobre o mundo. Todos nós, ao entrarmos em contato com o mundo exterior, construímos representações sobre a realidade. Cada um de nós forma juízos de valor a respeito dos vários âmbitos do real, seus personagens, acontecimentos e fenômenos e, conseqüentemente, acreditamos que esses juízos correspondem à “verdade”. [...]

[...] A mídia é apenas um, entre vários quadros ou grupos de referência, aos quais um indivíduo recorre como argumento para formular suas opiniões. Nesse sentido, competem com os veículos de comunicação como quadros ou grupos de referência fatores subjetivos/psicológicos (história familiar, trajetória pessoal, predisposição intelectual), o contexto social (renda, sexo, idade, grau de instrução, etnia, religião) e o ambiente informacional (associação comunitária, trabalho, igreja). “Os vários tipos de receptor situam-se numa complexa rede de referências em que a comunicação interpessoal e a midiática se completam e modificam”,

afirmou a cientista social Alessandra Aldé em seu livro *A construção da política: democracia, cidadania e meios de comunicação de massa*. Evidentemente, o peso de cada quadro de referência tende a variar de acordo com a realidade individual. Seguindo essa linha de raciocínio, no original estudo *Muito Além do Jardim Botânico*, Carlos Eduardo Lins da Silva constatou como telespectadores do Jornal Nacional acionam seus mecanismos de defesa, individuais ou coletivos, para filtrar as informações veiculadas, traduzindo-as segundo seus próprios valores. “A síntese e as conclusões que um telespectador vai realizar depois de assistir a um telejornal não podem ser antecipadas por ninguém; nem por quem produziu o telejornal, nem por quem assistiu ao mesmo tempo que aquele telespectador”, inferiu Carlos Eduardo.

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/imprensa-em-questao/a-midia-realmente-tem-o-poder-de-manipular-as- pessoas/>. (Publicado em 14/04/2015, na edição 846. Acesso em 13/07/2016.)

5. **ITA-SP 2017** Com relação às estratégias argumentativas utilizadas no texto, é correto afirmar que o autor
- vale-se da pergunta retórica do título, respondida afirmativamente por ele mesmo.
 - apresenta apenas posicionamentos de estudiosos que são idênticos aos seus.
 - vale-se do uso das aspas nos quatro momentos para se distanciar daquilo que é dito.
 - utiliza a primeira pessoa do plural para se aproximar do leitor e o persuadir sobre seu ponto de vista.
 - apresenta com total imparcialidade pontos de vista diversos sobre a manipulação da mídia.
6. **ITA-SP 2017** O autor do texto
- acredita que a mídia controla e manipula todos os cidadãos, independentemente de sua condição socioeconômica e cultural.
 - mostra o poder absoluto da mídia de deturpar a realidade dos fatos, tornando os cidadãos alienados e passivos.
 - mostra ao leitor que a mídia tem total poder de influenciar o seu público, principalmente pelas redes sociais.
 - prova a tese de que a mídia manipula os leitores, respaldando-se em importantes estudiosos da cultura de massa.
 - sustenta a ideia de que a mídia é apenas um dos fatores que interferem na construção da opinião dos indivíduos.
7. **Fuvest-SP** O anúncio luminoso de um edifício em frente, acendendo e apagando, dava banhos intermitentes de sangue na pele de seu braço repousado, e de sua face. Ela estava sentada junto à janela e havia luar; e nos intervalos desse banho vermelho ela era toda pálida e suave.

Na roda havia um homem muito inteligente que falava muito; havia seu marido, todo bovino; um pintor louro e nervoso; uma senhora recentemente desquitada, e eu. Para que recensear a roda que falava de política e de pintura?

Ela não dava atenção a ninguém. Quieta, às vezes sorrindo quando alguém lhe dirigia a palavra, ela apenas mirava o próprio braço, atenta à mudança da cor. Senti que ela fruía nisso um prazer silencioso e longo. “Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se gostara de um certo quadro – e disse mais algumas palavras; mas mudou um pouco a posição do braço e continuou a se mirar, interessada em si mesma, com um ar sonhador.

Rubem Braga, *A mulher que ia navegar*.

“Muito!”, disse quando alguém lhe perguntou se GOSTARA de um certo quadro.”

Se a pergunta a que se refere o trecho fosse apresentada em discurso direto, a forma verbal correspondente a “gostara” seria

- gostasse.
- gostava.
- gostou.
- gostará.
- gostaria.

8. Fuvest-SP

História estranha

Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade. Está com quarenta, quarenta e poucos. De repente dá com ele mesmo chutando uma bola perto de um banco onde está a sua babá fazendo tricô. Não tem a menor dúvida de que é ele mesmo. Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena. Um dia ele estava jogando bola no parque quando de repente aproximou-se um homem e... O homem aproxima-se dele mesmo. Ajoelha-se, põe as mãos nos seus ombros e olha nos seus olhos. Seus olhos se enchem de lágrimas. Sente uma coisa no peito. Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo. Como eu era inocente. Como os meus olhos eram limpos. O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente. Depois sai caminhando, chorando, sem olhar para trás.

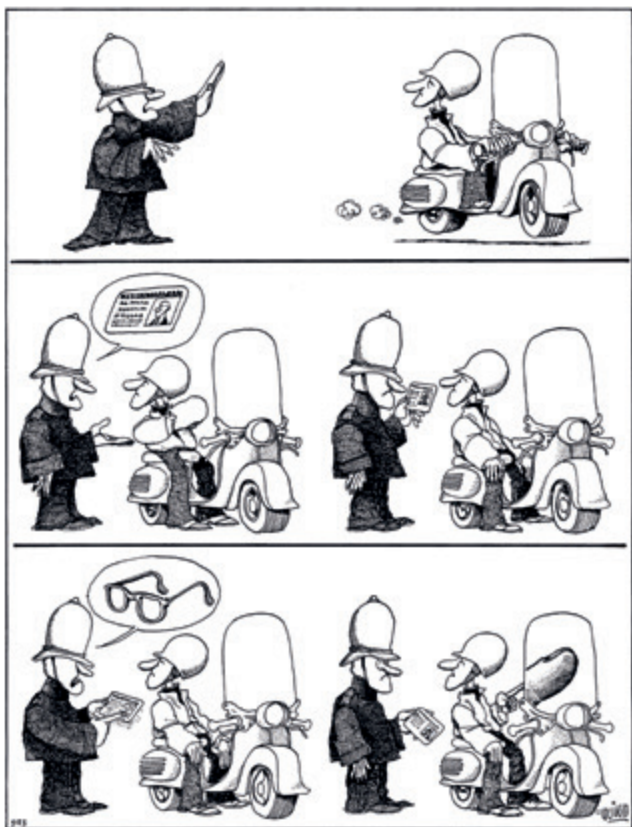
O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta. Também se reconheceu. E fica pensando, aborrecido: quando eu tiver quarenta, quarenta e poucos anos, como eu vou ser sentimental!

(Luis Fernando Veríssimo, *Comédias para se ler na escola*)

O discurso indireto livre é empregado na seguinte passagem:

- Que coisa é a vida. Que coisa pior ainda é o tempo.
- Reconhece a sua própria cara, reconhece o banco e a babá. Tem uma vaga lembrança daquela cena.
- Um homem vem caminhando por um parque quando de repente se vê com sete anos de idade.
- O homem tenta dizer alguma coisa, mas não encontra o que dizer. Apenas abraça a si mesmo, longamente.
- O garoto fica olhando para a sua figura que se afasta.

9. **IFSP 2014** Considere o cartum do artista argentino Joaquín Salvador Lavado, mais conhecido como Quino.



Observando-se a cena, pode-se afirmar corretamente que a comunicação entre as personagens ocorre pelo

- discurso indireto e que o policial comporta-se de maneira autoritária e truculenta ao abordar o motociclista.
- discurso indireto e que o motociclista sente-se constrangido, pois sabe que dirigir um automóvel é mais prudente que dirigir uma moto.
- discurso indireto livre e que o motociclista refuta a advertência do policial, pois dirige cuidadosamente apesar da deficiência visual.
- discurso direto e que o policial parece perplexo diante da solução incomum encontrada pelo motociclista para conduzir a moto.
- discurso direto e que o motociclista reconhece sua situação irregular, pois não possui documentos que lhe permitem dirigir veículos.

10. **Enem PPL 2021**

Texto I

Cadeira de segurança para crianças



* Recomenda-se: antes de utilizar o cinto de segurança, observe o peso e a altura da criança, pois o cinto de segurança do veículo é projetado para um adulto com altura mínima de 1,45 cm e peso mínimo de 36 kg. Observe as orientações do fabricante e use cadeiras certificadas pelo Inmetro.

Disponível em: www.educacaotransito.pr.gov.br. Acesso em: 20 dez. 2012

Texto II

Quem pensa na frente anda com segurança no banco de trás

As consequências de uma colisão no trânsito podem ser minimizadas com o simples ato de SEMPRE utilizar o cinto de segurança, INCLUSIVE NOS PASSAGEIROS DO BANCO DE TRÁS.

A utilização do cinto e dos assentos infantis no banco traseiro é uma determinação prevista em lei e sujeita à multa, mas a maior razão de seu uso é em RESPEITO À VIDA.

Disponível em: <http://portfolio-rocha.blogspot.com.br>. Acesso em: 20 dez. 2012 (adaptado).

A segurança no trânsito tem sido tema de diversas campanhas. Da comparação entre os textos, depreende-se que ambos

- advertem sobre a importância do uso adequado dos artigos de segurança no trânsito.
- criticam o fato de os cintos de segurança serem projetados apenas para adultos.
- apresentam exemplos de consequências da falta de uso do cinto de segurança.
- chamam a atenção para as sanções impostas aos motoristas infratores.
- sugerem aos pais atitudes a serem tomadas na condução de veículos.

11. **Enem PPL 2018**

Reclame

se o mundo não vai bem
a seus olhos, use lentes
... ou transforme o mundo.
ótica olho vivo
agradece a preferência.

CHACAL. Disponível em: www.escritas.org.

Os gêneros podem ser híbridos, mesclando características de diferentes composições textuais que circulam socialmente. Nesse poema, o autor preservou, do gênero publicitário, a seguinte característica:

- Extensão do texto.
- Emprego da injunção.
- Apresentação do título.
- Disposição das palavras.
- Pontuação dos períodos.



Texto para as questões 12 e 13.

Mais que Orwell, Huxley previu nosso tempo

Hélio Gurovitz

Publicado em 1948, o livro *1984*, de George Orwell, saltou para o topo da lista dos mais vendidos [...]. A distopia de Orwell, mesmo situada no futuro, tinha um endereço certo em seu tempo: o stalinismo. [...] O mundo da “pós-verdade”, dos “fatos alternativos” e da anestesia intelectual nas redes sociais mais parece outra distopia, publicada em 1932: *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley.

Não se trata de uma tese nova. Ela foi levantada pela primeira vez em 1985, num livreto do teórico da comunicação americano Neil Postman: *Amusing ourselves to death* (Nos divertindo até morrer), lembrado por seu

filho Andrew em artigo recente no The Guardian. “Na visão de Huxley, não é necessário nenhum Grande Irmão para despojar a população de autonomia, maturidade ou história”, escreveu Postman. “Ela acabaria amando sua opressão, adorando as tecnologias que destroem sua capacidade de pensar. Orwell temia aqueles que proibiriam os livros. Huxley temia que não haveria motivo para proibir um livro, pois não haveria ninguém que quisesse lê-los. Orwell temia aqueles que nos privariam de informação. Huxley, aqueles que nos dariam tanta que seríamos reduzidos à passividade e ao egoísmo. Orwell temia que a verdade fosse escondida de nós. Huxley, que fosse afogada num mar de irrelevância.”

No futuro pintado por Huxley, [...] não há mães, pais ou casamentos. O sexo é livre. A diversão está disponível na forma de jogos esportivos, cinema multissensorial e de uma droga que garante o bem-estar sem efeito colateral: o soma. Restaram na Terra dez áreas civilizadas e uns poucos territórios selvagens, onde grupos nativos ainda preservam costumes e tradições primitivos, como família ou religião. “O mundo agora é estável”, diz um líder civilizado. “As pessoas são felizes, têm o que desejam e nunca desejam o que não podem ter. Sentem-se bem, estão em segurança; nunca adoecem; não têm medo da morte; vivem na ditosa ignorância da paixão e da velhice; não se acham sobrecarregadas de pais e mães; não têm esposas, nem filhos, nem amantes por quem possam sofrer emoções violentas; são condicionadas de tal modo que praticamente não podem deixar de se portar como devem. E se, por acaso, alguma coisa andar mal, há o soma.”

Para chegar à estabilidade absoluta, foi necessário abrir mão da arte e da ciência. “A felicidade universal mantém as engrenagens em funcionamento regular; a verdade e a beleza são incapazes de fazê-lo”, diz o líder. “Cada vez que as massas tomavam o poder público, era a felicidade, mais que a verdade e a beleza, o que importava.” A verdade é considerada uma ameaça; a ciência e a arte, perigos públicos. Mas não é necessário esforço totalitário para controlá-las. Todos aceitam de bom grado, fazem “qualquer sacrifício em troca de uma vida sossegada” e de sua dose diária de soma. “Não foi muito bom para a verdade, sem dúvida. Mas foi excelente para a felicidade.”


No universo de Orwell, a população é controlada pela dor. No de Huxley, pelo prazer. “Orwell temia que nossa ruína seria causada pelo que odiamos. Huxley, pelo que amamos”, escreve Postman. Só precisa haver censura, diz ele, se os tiranos acreditam que o público sabe a diferença entre discurso sério e entretenimento. [...] O alvo de Postman, em seu tempo, era a televisão, que ele julgava ter imposto uma cultura fragmentada e superficial, incapaz de manter com a verdade a relação reflexiva e racional da palavra impressa. O computador só engatinhava, e Postman mal poderia prever como celulares, tablets e redes sociais se tornariam – bem mais que a TV – o soma contemporâneo. Mas suas palavras foram prescientes: “O que afligia a população em *Admirável mundo novo* não é que estivessem rindo em vez de pensar, mas que não sabiam do que estavam rindo, nem tinham parado de pensar”.

Adaptado, *Revista Época* nº 973 – 13 de fevereiro de 2017, p. 67.

distopia: Pensamento, filosofia ou processo discursivo caracterizado pelo totalitarismo, autoritarismo e opressivo controle da sociedade, representando a antítese de utopia.

(BECHARA, E. *Dicionário da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011, p. 533).

- 12. AFA-SP 2018** Do ponto de vista da composição, só NÃO é correto afirmar que o texto se vale de
- apresentação de ideias contrárias que vão conduzindo a argumentação.
 - descrição de uma realidade imaginária que dá ensejo à discussão.
 - exemplos que esclarecem conceitos menos acessíveis ao leitor.
 - citações que conferem autenticidade aos argumentos.
- 13. AFA-SP 2018** Sobre o texto é correto afirmar que
- apresenta as ideologias presentes nas obras de ficção científica dos autores George Orwell, Aldous Huxley e Neil Postman.
 - na visão Orwell, a própria população se encarregaria de se autodestruir por sua capacidade de pensar e de ler.
 - nas obras de Orwell e Huxley, havia o temor à proibição dos livros, mesmo não havendo quem os desejasse ler.
 - tanto Orwell quanto Huxley temiam pela manipulação da informação: o primeiro, pela falta e o segundo, pelo excesso.

 Leia o seguinte excerto de um artigo sobre o teólogo João Calvino para responder às questões **14** e **15**.

Foi preciso o destemor conceitual de um teólogo exigente feito ele para dar o passo racional necessário.

Ousou: para salvar a onipotência de Deus, não dá para não sacrificar pelo menos um quê da bondade divina.

Antônio Flávio Pierucci, *Folha de S.Paulo*, 12/07/2009.

- 14. Fuvest-SP (Adapt.)** O excerto está redigido em linguagem que apresenta traços de informalidade. Identifique dois exemplos dessa informalidade.
- 15. Fuvest-SP (Adapt.)** Redija o excerto alterando as expressões informais por outras adequadas a um contexto jornalístico formal.
- 16. Uece 2018 (Adapt.)**

Transferência de Neymar ao PSG é golpe de ‘soft power’ do Catar a países do Golfo, dizem especialistas

A transferência do ¹fenômeno brasileiro Neymar ao Paris Saint-Germain (PSG) representa uma estratégia de marketing e um golpe de ‘soft power’ do Catar contra os países do Golfo que cortaram relações diplomáticas com o emirado. Esta é a análise de especialistas ouvidos pela agência de notícias France Presse e do ²comentarista da GloboNews, Marcelo Lins.

Neymar se tornou o jogador mais caro da história do futebol, com o pagamento da cláusula de rescisão no valor de € 222 milhões (R\$ 812 milhões).

Segundo Mathieu Guidere,³ especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP, o anúncio da transferência do jogador ao PSG,⁴ que é de um fundo de investimentos do Catar, “foi testado entre catarianos como uma espécie de estratégia de comunicação que ofuscaria o debate em torno de outras considerações, como o terrorismo”.

Marcelo Lins, comentarista da GloboNews,⁵ afirmou que a transferência beneficia a imagem do Catar. “Um pequeno país riquíssimo em petróleo, do Golfo, que bota tanto dinheiro para dar alegria a uma torcida, ou a milhões de torcedores espalhados pelo mundo... você tem uma volta disso na imagem do Catar, que é muito grande”,⁶ disse à GloboNews. “É uma grande jogada de marketing do Catar como um todo”, acrescentou.

O Catar enfrenta a sua pior crise política em décadas, com a Arábia Saudita e outros países do Golfo tendo cortado relações diplomáticas com o emirado por acusações de apoio a grupos terroristas. O Catar nega as acusações e diz que o objetivo é prejudicar o emirado rico em gás.

Com a transferência de Neymar, Doha pode estar de olho em investir em ‘soft power’. O conceito de ‘soft power’ (‘poder suave’, em tradução livre) foi elaborado para definir a influência de países nas relações internacionais por meio de investimentos em ações positivas.

“Esse é um golpe de ‘soft power’.⁹ O Catar precisa demonstrar ao mundo que, apesar de todas as acusações, é o país mais resiliente no Oriente Médio”,¹⁰ disse à AFP Andreas Krieg,¹¹ analista de risco político no King’s College de Londres. “Ter o melhor jogador do mundo mostra ao resto do mundo que se o Catar é determinado, eles ainda têm os maiores recursos para tirar e, se necessário, usar o dinheiro que têm para promover a sua agenda”, acrescentou.

O custo da transferência de Neymar “envia um sinal muito forte para o mundo esportivo e um sinal muito forte de desafio contra os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita”, disse Krieg. “Eles queriam esse jogador e usaram o dinheiro para comprá-lo a qualquer preço”. [...]

<https://g1.globo.com/mundo/noticia/transferenciade-neymar-ao-psg-e-golpe-de-soft-power-docatar-a-paises-do-golfo-dizem-especialistas.ghtml>

A notícia é tomada como um gênero textual da esfera jornalística que tem como objetivo divulgar temas da atualidade de maneira imparcial. Na notícia acima, este objetivo é alcançado pelo enunciador por meio de alguns recursos linguísticos textuais, EXCETO pelo(a)

- a) uso predominante do discurso direto como forma de o enunciador atribuir a outrem as informações divulgadas.
- b) presença de elementos linguísticos avaliativos, como o termo “fenômeno” (referência 1), que amplia a dimensão informativa do gênero notícia.
- c) emprego de verbos dicendi, como “afirmou” (referência 5) e “disse” (referências 6 e 10), para isentar o enunciador de revelar o seu ponto de vista.

- d) presença do relato em terceira pessoa, o qual busca um distanciamento em relação ao fato, o que constrói a ideia da objetividade, de forma a sustentar a credibilidade da informação.

17. **Enem PPL 2019** É através da linguagem que uma sociedade se comunica e retrata o conhecimento e entendimento de si própria e do mundo que a cerca. É na linguagem que se refletem a identificação e a diferenciação de cada comunidade e também a inserção do indivíduo em diferentes agrupamentos, estratos sociais, faixas etárias, gêneros, graus de escolaridade. A fala tem, assim, um caráter emblemático, que indica se o falante é brasileiro ou português, francês ou italiano, alemão ou holandês, americano ou inglês, e, mais ainda, sendo brasileiro, se é nordestino, sulista ou carioca. A linguagem também oferece pistas que permitem dizer se o locutor é homem ou mulher, se é jovem ou idoso, se tem curso primário, universitário ou se é iletrado. E, por ser um parâmetro que permite classificar o indivíduo de acordo com sua nacionalidade e naturalidade, sua condição econômica ou social e seu grau de instrução, é frequentemente usado para discriminar e estigmatizar o falante.

LEITE, Y.; CALLOU, D. *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

Nesse texto acadêmico, as autoras fazem uso da linguagem formal para

- a) estabelecer proximidade com o leitor.
- b) atingir pessoas de vários níveis sociais.
- c) atender às características do público leitor.
- d) caracterizar os diferentes falares brasileiros.
- e) atrair leitores de outras áreas do conhecimento.



As questões 18 a 20 tomam por base uma crônica de Clarice Lispector (1925-1977) e uma passagem do *Manual do Roteiro*, do professor de Técnica do roteiro, consultor e conferencista Syd Field.

Escrever

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva.

Não estou me referindo muito a escrever para jornal. Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance. É uma maldição porque obriga e arrasta como um vício penoso do qual é quase impossível se livrar, pois nada o substitui. E é uma salvação.

Salva a alma presa, salva a pessoa que se sente inútil, salva o dia que se vive e que nunca se entende a menos que se escreva. Escrever é procurar entender, é procurar reproduzir o irreproduzível, é sentir até o último fim o sentimento que permaneceria apenas vago e sufocador. Escrever é também abençoar uma vida que não foi abençoada.

Que pena que só sei escrever quando espontaneamente a “coisa” vem. Fico assim à mercê do tempo. E, entre um verdadeiro escrever e outro, podem-se passar anos.

Lembro-me agora com saudade da dor de escrever livros.

(Clarice Lispector. *A descoberta do mundo*, 1999.)

Escrevendo o roteiro

Escrever um roteiro é um fenômeno espantoso, quase misterioso. Num dia você está com as coisas sob controle, no dia seguinte sob o controle delas, perdido em confusão e incerteza. Num dia tudo funciona, no outro não; ninguém sabe como ou por quê. É o processo criativo; que desafia análises; é mágica e maravilha.

Tudo o que foi dito ou registrado sobre a experiência de escrever desde o início dos tempos resume-se a uma coisa – escrever é sua experiência particular, pessoal. De ninguém mais.

Muita gente contribui para a feitura de um filme, mas o roteirista é a única pessoa que se senta e encara a folha de papel em branco.

Escrever é trabalho duro, uma tarefa cotidiana, de sentar-se diariamente diante de seu bloco de notas, máquina de escrever ou computador, colocando palavras no papel. Você tem que investir tempo.

Antes de começar a escrever, você tem que achar tempo para escrever.

Quantas horas por dia você precisa dedicar-se a escrever?

Depende de você. Eu trabalho cerca de quatro horas por dia, cinco dias por semana. John Millius escreve uma hora por dia, sete dias por semana, entre 5 e 6 da tarde. Stirling Silliphant, que escreveu *The Towering Inferno* (Inferno na Torre), às vezes escreve 12 horas por dia. Paul Schrader trabalha com a história na cabeça por meses, contando-a para as pessoas até que ele a conheça completamente; então ele “pula na máquina” e a escreve em cerca de duas semanas. Depois ele gastará semanas polindo e consertando a história.

Você precisa de duas a três horas por dia para escrever um roteiro.

Olhe para a sua agenda diária. Examine o seu tempo. Se você trabalha em horário integral, ou cuidando da casa e da família, seu tempo é limitado. Você terá que achar o melhor horário para escrever. Você é o tipo de pessoa que trabalha melhor pela manhã? Ou só vai acordar e ficar alerta no final da tarde? Tarde da noite pode ser um bom horário. Descubra.


(Syd Field. *Manual do roteiro*, 1995.)

- 18. Unesp 2013** Mas escrever aquilo que eventualmente pode se transformar num conto ou num romance.

Ao empregar na frase apresentada o advérbio *eventualmente*, o que revela Clarice Lispector sobre a criação de um conto ou romance?

- 19. Unesp 2013** No sétimo parágrafo do texto de Syd Field, que informação o autor passa ao aprendiz de roteirista com os diversos exemplos que apresenta?

- 20. Unesp 2013** Clarice Lispector coloca inicialmente o processo da criação literária como uma *maldição*. Em seguida, ressalva que é também uma *salvação*. Com base no texto da crônica, explique como a autora resolve essa diferença de conceitos sobre a criação literária.

 Texto para as questões **21 a 23**.

Os humanos são uma parte importante da biosfera

As maravilhas do mundo natural atraem a nossa curiosidade sobre a vida e tudo que nos cerca. Para muitos de nós, nossa curiosidade sobre a Natureza e os desafios de seu estudo são razões suficientes. ¹Além disso, contudo, nossa necessidade de compreender a Natureza está se tornando mais e mais urgente, ²à medida que o crescimento da população humana estressa a capacidade dos sistemas naturais em manter sua estrutura e funcionamento.

Os ambientes que as atividades humanas dominam ou criaram – incluindo nossas áreas de vida urbanas e suburbanas, nossas terras cultivadas, nossas áreas de recreação, plantações de árvore e pesqueiros – são também ecossistemas. O bem-estar da humanidade depende de manter o funcionamento desses sistemas, sejam eles naturais ou artificiais. Virtualmente toda a superfície da Terra é, ou em breve será, fortemente influenciada por pessoas, se não completamente sob seu controle. ³Os humanos já usurpam quase metade da produtividade biológica da biosfera. Não podemos assumir essa responsabilidade de forma negligente.

⁴A população humana se aproxima da marca de 7 bilhões, e consome energia e recursos, e produz rejeitos muito além do necessário ditado pelo metabolismo biológico. Essas atividades causaram dois problemas relacionados de dimensões globais. O primeiro é o seu impacto nos sistemas naturais, incluindo a interrupção de processos ecológicos e a exterminação de espécies. O segundo é a firme e constante deterioração do próprio ambiente da espécie humana à medida que pressionamos os limites dentro dos quais os ecossistemas podem se sustentar. ⁵Compreender os princípios ecológicos é um passo necessário para lidar com esses problemas.

RICKLEFS, Robert E. *A economia da natureza*. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010. p. 15. (Adaptado).

- 21. UEG-GO 2015** Os elementos estilísticos, composicionais e temáticos indicam que o texto é predominantemente elaborado a partir de qual sequência textual?

- a) Injunção
- b) Narração
- c) Descrição
- d) Exposição

22. UEG-GO 2015 No trecho “Os humanos já usurpam quase metade da produtividade biológica da biosfera. Não podemos assumir essa responsabilidade de forma negligente.” (ref. 3), os períodos apresentam pessoas verbais diferentes. O uso da primeira pessoa do plural, no segundo período, constitui um recurso linguístico por meio do qual o autor:

- a) assume ser parte da comunidade humana e, conseqüentemente, responsável pelo modo como ela tem explorado os recursos naturais.
- b) evidencia sua concordância sobre o modo como os humanos usam, de forma desequilibrada e devastadora, os recursos da terra.
- c) retira de si a responsabilidade sobre o modo como os recursos da biosfera têm sido consumidos pelas sociedades urbanas e suburbanas.
- d) conclama a humanidade à invenção de tecnologias que possibilitem a descoberta de novos organismos e a criação de novos bens de consumo.

23. UEG-GO 2015 A expressão “Além disso” (ref. 1) tem, no texto, a função de

- a) apresentar um argumento oposto àquele que o autor defende.
- b) negar parcialmente as ideias apresentadas no início do parágrafo.
- c) adicionar um elemento à argumentação que o autor desenvolve.
- d) introduzir uma releitura que explica ideias já mencionadas no texto.

24. IFPE 2019 Neste segundo volume de sua obra-prima, Simone de Beauvoir analisa a condição da mulher em todas as suas dimensões: sexual, psicológica, social e política. Começa pela sua formação: na infância, na adolescência, na vida sexual, tudo parece disposto a aumentar a distância que a separa do homem para transformar as diferenças em desigualdade, e essa desigualdade em inferioridade. Em seguida, Simone descreve a situação da mulher no casamento – com suas premissas e suas tradições –, na maternidade, na vida social, na prostituição, na maturidade e na velhice. Por fim, ela contempla os problemas que se apresentam às mulheres e o caminho da libertação.

“As mulheres de hoje estão destronando o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente sua independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente sua condição de ser humano. [...]”

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo: a experiência vivida*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016. v. 2. (adaptado).



O texto corresponde à quarta capa de um livro. Assinale a alternativa que se refere ao objetivo desse texto.

- a) Descrever as principais características da personagem que protagoniza o livro.
- b) Construir argumentação que convença o leitor sobre o mérito da teoria defendida no livro.
- c) Resumir os fatos mais importantes ocorridos na vida da autora que escreveu o livro.
- d) Fornecer informações ao leitor para que ele levante hipóteses sobre o conteúdo do livro.
- e) Apresentar a avaliação de alguns estudiosos sobre as ideias presentes no livro.

25. ITA-SP 2019



Fonte: desdiscursos.blogspot.com. Disponível em <http://desdiscursos.blogspot.com/2011/12/crimes-ambientais.html>. Acesso em: set. 2018.

Assinale a alternativa que exprime o teor crítico da charge.

- a) A pichação somente contribui para o aumento da poluição visual da cidade.
- b) É necessário investir efetivamente em educação para a conscientização ambiental.
- c) Há incoerência entre a proibição governamental e sua efetiva fiscalização.
- d) A pichação é uma forma ilegítima de protesto social e educacional.
- e) Os pichadores demonstram total indiferença com o meio ambiente e a lei.

26. Enem PPL 2019

Prezada senhorita,

Tenho a honra de comunicar a V. S. que resolvi, de acordo com o que foi conversado com seu ilustre progenitor, o tabelião juramentado Francisco Guedes, estabelecido à Rua da Praia, número 632, dar por encerrados nossos entendimentos de noivado. Como passei a ser o contabilista-chefe dos Armazéns Penalva, conceituada firma desta praça, não me restará, em face dos novos e pesados encargos, tempo útil para os deveres conjugais.

Outrossim, participo que vou continuar trabalhando no varejo da mancebia, como vinha fazendo desde que me formei em contabilidade em 17 de maio de 1932, em solenidade presidida pelo Exmo. Sr. Presidente do Estado e outras autoridades civis e militares, bem assim como representantes da Associação dos Varejistas e da Sociedade Cultural e Recreativa José de Alencar.

Sem mais, creia-me de V. S. patricio e admirador,
Sabugosa de Castro

CARVALHO, J. C. Amor de contabilista. In: *Porque Lulu Bergatim não atravessou o Rubicon*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1971.

A exploração da variação linguística é um elemento que pode provocar situações cômicas. Nesse texto, o tom de humor decorre da incompatibilidade entre

- a) o objetivo de informar e a escolha do gênero textual.
- b) a linguagem empregada e os papéis sociais dos interlocutores.
- c) o emprego de expressões antigas e a temática desenvolvida no texto.
- d) as formas de tratamento utilizadas e as exigências estruturais da carta.
- e) o rigor quanto aos aspectos formais do texto e a profissão do remetente.

27. Enem 2019

Faz com que o BULLYING passe à história!

STOP

Bullying

És vítima:

- Fica calmo(a). Os bullies adoram reações nervosas. Finge que não é contigo!
- Não dês troco. Lembra-te: o agressor é ele, não és tu.
- Evita ficar sozinho(a) com o bullie, junta-te com os teus amigos.
- Mostra-te confiante, não demonstres medo e acredita em ti!
- Conta a uma pessoa de confiança o que está a acontecer contigo.

Conheces alguma vítima:

- Nunca deixes o teu amigo(a) sozinho(a). Assim farás com que ele(a) se sinta seguro(a).
- Ajuda-o(a) a contar a alguém de confiança o que se passa!

Conheces o(a) agressor(a):

- Tenta convencê-lo(a) a mudar o seu comportamento.
- Caso não tenhas sucesso, denuncia o caso às autoridades.

Disponível em: www.essl.pt. Acesso em: 9 maio 2019 (adaptado).

Essa campanha se destaca pela maneira como utiliza a linguagem para conscientizar a sociedade da necessidade de se acabar com o bullying. Tal estratégia está centrada no(a)

- chamamento de diferentes atores sociais pelo uso recorrente de estruturas injuntivas.
- variedade linguística caracterizadora do português europeu.
- restrição a um grupo específico de vítimas ao apresentar marcas gráficas de identificação de gênero como “o(a)”.
- combinação do significado de palavras escritas em línguas inglesa e portuguesa.
- enunciado de cunho esperançoso “passe à história” no título do cartaz.

28. ITA-SP 2017



http://2.bp.blogspot.com/_wBWh8NQA78/TBWEMQ8147I/AAAAAAACE/zmfW9c8uAKk/s1600/Tirinha_Sensacionalismo.jpg. (Acesso em 12/05/2016)



http://4.bp.blogspot.com/-20adcvrO4Kw/U_4ga8lc56I/AAAAAAAZQ/hq2oxMLA7yY/s1600/mafalda-1.jpg. (Acesso em 12/05/2016)

Analisando as duas tirinhas, NÃO se pode afirmar que

- Calvin se revela incapaz de compreender o noticiário, diferentemente do pai de Mafalda.
- Calvin e Mafalda, apesar de crianças, são críticos em relação ao conteúdo televisivo.
- a reação de Calvin e a de Mafalda são diferentes diante do conteúdo televisivo.
- ambas tratam da relação entre telespectador e mídia televisiva.
- ambas apresentam personagens que questionam o noticiário veiculado pela TV.

29. IFBA 2018



Disponível em: <https://www.slideshare.net/multiplicadora/quadrinhos-1>. Acesso em: 27 jul. 2017

Da leitura do texto, é possível concluir:

- A evolução tecnológica permitiu uma mudança no papel da mulher na sociedade.
- O texto mostra que as mulheres agora, além de terem que aprender corte e costura, deverão também aprender a programar computadores.
- Em relação às tarefas femininas, houve apenas uma mudança tecnológica.
- Segundo o texto, falta às mulheres habilidade para manipular os avanços tecnológicos.
- A tira denuncia a exclusão digital das mulheres modernas.

30. FGV-SP 2014 Examine o seguinte texto, extraído de uma matéria jornalística:

Segundo estudos da USP, por ano, 50 milhões de raios caem no país. Especialistas dizem que numa tempestade a pessoa deve evitar lugares altos e abertos, como campos de futebol e ficar sob árvores, dentro de mar ou piscina.

Folha de S.Paulo, 07/01/2012.

Tendo em vista sua finalidade comunicativa, pode-se apontar, nesse texto, o defeito da

- a) ambiguidade.
- b) redundância.
- c) prolixidade.
- d) inadequação léxica.
- e) mistura de variedades linguísticas.

31. IFSC 2016 Apesar do apoio popular, é bastante difícil que ocorram alterações na forma de punir adolescentes infratores no médio prazo. Isso porque a maioria penal em 18 anos (estabelecida pelo artigo 228 da Constituição Federal) é considerada um direito fundamental dos adolescentes. Por isso, Ministério Público Federal, Ordem dos Advogados do Brasil e especialistas argumentam que o artigo se trata de uma cláusula pétreia, que não pode ser alterada.

“É uma cláusula imutável. Para alterar a maioria penal seria necessário fazer uma nova constituição”, diz Melina Fachin, professora de Direito Constitucional da UFPR.

Ainda que Câmara e Senado tenham interpretações diferentes e aproveem uma das Propostas de Emenda à Constituição (PECs), alterando o artigo 228 da Carta Magna, a decisão se estenderia ao Supremo Tribunal Federal.

Outra alternativa seria mudar pontos do ECA [Estatuto da Criança e do Adolescente], prevendo outras formas e períodos de punição aos menores de 18 anos. MPF e OAB também já se manifestaram contra a hipótese. “O ECA é uma norma infraconstitucional. Então, sua alteração também seria inconstitucional, porque haveria conflito com o que a Constituição disciplina”, observa Melina.

Além do viés constitucional, o doutor em sociologia e coordenador do Núcleo de Estudos de Violência da UFPR, Pedro Bodê, defende o ECA e questiona as intenções de alteração na legislação. “Mais uma vez, o jovem é tornado em bode expiatório da derrocada dos governos e falência das políticas públicas que eles representam. É transformar a vítima em réu”, afirma.

O deputado Fernando Francischini (PEN) discorda e se apega ao clamor público para justificar a redução. “A Constituição é feita para proteger a população. A gente não pode dizer que a Constituição é imutável, se a própria população quer mudá-la.”

Fonte: Câmara dos Deputados e Senado Federal. (Disponível em: <http://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/90-apoiam-reducao-da-idade-penalc8e24o0vlosyway5n00aryvi/>. Acesso em: 27 maio de 2015.)

A respeito do texto, é CORRETO afirmar:

- a) Trata-se de um texto dissertativo, embora nele predominem elementos próprios da narração.
- b) Trata-se de um texto narrativo, pois relata a tramitação de um projeto de lei no Senado e na Câmara dos Deputados.

- c) Trata-se de um texto descritivo, pois ocorre uma descrição detalhada dos argumentos do projeto de lei sobre a redução da maioria penal.
- d) É um texto dissertativo, pois trata de ideias e opiniões.
- e) É um texto dissertativo, pois tem a intenção de defender a redução da maioria penal.

32. FGV-SP 2014

Capítulo XXI

Na estação de Vassouras, entraram no trem Sofia e o marido, Cristiano de Almeida e Palha. Este era um rapagão de trinta e dois anos; ela ia entre vinte e sete e vinte e oito.

Vieram sentar-se nos dois bancos fronteiros ao do Rubião [...].

[Rubião] — O senhor é lavrador?

[Palha] — Não, senhor.

[Rubião] — Mora na cidade?

[Palha] — De Vassouras? Não; viemos aqui passar uma semana. Moro mesmo na Corte. Não teria jeito para lavrador, conquanto ache que é uma posição boa e honrada.

Da lavoura passaram ao gado, à escravatura e à política. Cristiano Palha maldisse o governo, que introduzira na fala do trono uma palavra relativa à propriedade servil; mas, com grande espanto seu, Rubião não acudiu à indignação. Era plano deste vender os escravos que o testador lhe deixara, exceto um pajem; se alguma coisa perdesse, o resto da herança cobriria o desfalque. Demais, a fala do trono, que ele também lera, mandava respeitar a propriedade atual. Que lhe importavam escravos futuros, se os não compraria? O pajem ia ser forro, logo que ele entrasse na posse dos bens. Palha desconversou, e passou à política, às câmaras, à guerra do Paraguai, tudo assuntos gerais, ao que Rubião atendia, mais ou menos. Sofia escutava apenas; movia tão somente os olhos, que sabia bonitos, fitando-os ora no marido, ora no interlocutor.

— Vai ficar na Corte ou volta para Barbacena? perguntou o Palha no fim de vinte minutos de conversação.

— Meu desejo é ficar, e fico mesmo, acudiu Rubião; estou cansado da província; quero gozar a vida. Pode ser até que vá à Europa, mas não sei ainda. Os olhos do Palha brilharam instantaneamente.

Entre as técnicas narrativas que entram na composição do excerto encontra-se

- I. o emprego dos discursos direto, indireto e indireto livre;
- II. o foco da narração incidindo primeiramente sobre a vida mental e de relação, mas bem situado em contexto histórico-social determinado;
- III. o narrador onisciente, que, no entanto, constitui as personagens principalmente a partir da disseminação de indícios e de sugestões, demandando a perspicácia do leitor.

Está correto o que se afirma em

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) I e III, apenas.
- d) II e III, apenas.
- e) I, II e III.

- 33. Unicamp-SP 2022** No ano seguinte, o Ateneu revelou-se-me noutra aspecto. Conhecerá-o interessante, com as seduções do que é novo, com as projeções obscuras de perspectiva, desafiando curiosidade e receio; conheceu-o insípido e banal como os mistérios resolvidos, caído de tédio; conhecia-o agora intolerável como um cárcere, murado de desejos e privações.

(Raul Pompeia, *O Ateneu*. 7ª ed. São Paulo: Ática, 1980, p. 98.)

Com base no excerto que inicia o capítulo VIII do romance de Raul Pompéia e no seu subtítulo – crônica de saudades –, é correto afirmar que a obra é

- a) um relato, em primeira pessoa, de experiências coletivas e íntimas, no qual o protagonista mostra aspectos da realidade social, valorizando o sistema escolar e prisional.
- b) um romance de formação, no qual o protagonista revela condutas e intrigas no ambiente escolar, com elogios à pedagogia corretiva e aos valores morais da burguesia.
- c) uma narrativa memorialista de experiências vividas num internato, na qual o protagonista revela aspectos do sistema educacional da época, com críticas à hipocrisia burguesa.
- d) um relato saudosista de experiências vividas no internato, no qual o protagonista mostra o poder de sedução e corrupção das amizades, com críticas à falsidade da burguesia.

34. Enem

Machado de Assis

Joaquim Maria Machado de Assis, cronista, contista, dramaturgo, jornalista, poeta, romancista, crítico e ensaísta, nasceu na cidade do Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839. Filho de um operário mestiço de negro e português, Francisco José de Assis, e de D. Maria Leopoldina Machado de Assis, aquele que viria a tornar-se o maior escritor do país e um mestre da língua, perde a mãe muito cedo e é criado pela madrasta, Maria Inês, também mulata, que se dedica ao menino e o matricula na escola pública, única que frequentou o autodidata Machado de Assis.

Disponível em: <http://www.passeiweb.com>. Acesso em: 1º maio 2009.

Considerando os seus conhecimentos sobre os gêneros textuais, o texto citado constitui-se de

- a) fatos ficcionais, relacionados a outros de caráter realista, relativos à vida de um renomado escritor.
- b) representações generalizadas acerca da vida de membros da sociedade por seus trabalhos e vida cotidiana.
- c) explicações da vida de um renomado escritor, com estrutura argumentativa, destacando como tema seus principais feitos.
- d) questões controversas e fatos diversos da vida de personalidade histórica, ressaltando sua intimidade familiar em detrimento de seus feitos públicos.
- e) apresentação da vida de uma personalidade, organizada sobretudo pela ordem tipológica da narração, com um estilo marcado por linguagem objetiva.

- 35. Mackenzie-SP 2017** Parece quase impossível existir algo tão complexo como o cérebro humano. Um neurocientista dedica anos de estudo apenas para se familiarizar com as principais regiões deste órgão, e não é para menos – são bilhões de células e trilhões de conexões. Por trás da fascinante estrutura neural, encontram-se funções bastante simples em seu objetivo. O cérebro existe para que possamos perceber o mundo e saber como reagir. É comum tratarmos a consciência como uma atividade passiva, mas não é bem assim – consciência requer metas, expectativas, capacidade de filtrar informações.

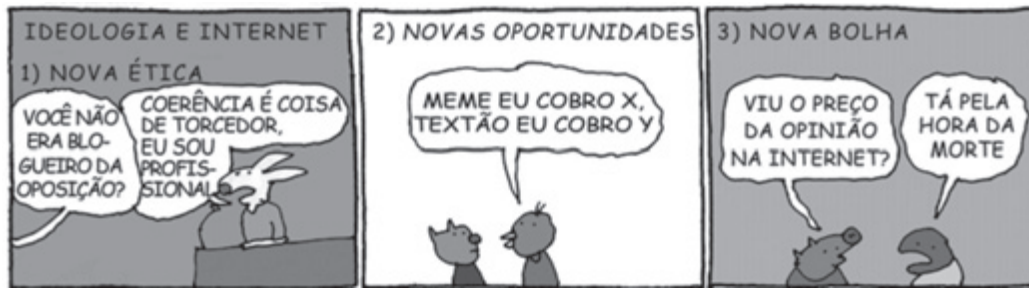
Se a mente lhe parece um espaço ativo, preenchido com mais coisas do que costuma aparecer em uma massa de circuitos, então você está certo ou certa. Você é a expressão física de uma história de desenvolvimento social muito maior do que imaginou. Seu cérebro é uma delicada entidade num constante frenesi de produção de conhecimento. A riqueza de suas vias reflete a riqueza de nossa vida.

Adaptado de *Como o cérebro funciona*, de John McCrone

Assinale a alternativa correta.

- a) A função expressiva evidencia-se como predominante no texto, marcada inclusive pelo uso reiterado da primeira pessoa.
- b) O texto está elaborado em torno da função referencial, uma vez que a transmissão objetiva de um conteúdo é o interesse principal do autor.
- c) Como todo texto científico, a exposição que se faz sobre o cérebro humano é estruturada em torno do uso predominante da função fática.
- d) O destaque que se dá, no texto, para o uso expressivo da língua e seus recursos conotativos permite evidenciar a função poética como predominante.
- e) A utilização de outros tipos de linguagem, além da verbal, permite que se reconheça no texto como predominante uma função argumentativa.

36. Enem 2018



BRANCO, A. Disponível em: www.oesquema.com.br. Acesso em: 30 jun. 2015 (adaptado)

A internet proporcionou o surgimento de novos paradigmas sociais e impulsionou a modificação de outros já estabelecidos nas esferas da comunicação e da informação. A principal consequência criticada na tirinha sobre esse processo é a

- a) criação de *memes*.
- b) ampliação da blogosfera.
- c) supremacia das ideias cibernéticas.
- d) comercialização de pontos de vista.
- e) banalização do comércio eletrônico.

37. Enem PPL 2021

A invenção de Hugo Cabret

O livro conta a jornada de Hugo Cabret, um menino órfão que mora em uma estação de trem parisiense, nos anos 1930. Seu trabalho é a manutenção do relógio da estação, porém a tarefa que lhe tem uma importância maior é completar a construção de um autômato, espécie de robô deixado a ele pelo pai. Junto de sua mais nova amiga, Isabelle, sobrinha do amargo mercador de brinquedos, Hugo embarca em uma enorme aventura em busca de respostas para suas inúmeras perguntas.

O que chama atenção antes mesmo do início da leitura é o visual do livro. Muito bonito, colorido e simbólico. Brian, além de escrever, ilustrou toda a sua obra. E são essas mesmas ilustrações que constroem o grande clímax ao redor da leitura. O autor simula a experiência do cinema em suas páginas, colocando, por exemplo, páginas pretas no início, representando a escuridão das salas de cinema. Os desenhos, que estão presentes na maioria das páginas, não são apenas ilustrações. São parte complementar da história, pois substituem as em vários trechos.

Leitura rápida, experimental e muito interessante - ainda mais se você é amante da história do cinema.

Disponível em: www.cantodosclassicos.com. Acesso em: 1º dez 2017 (adaptado).

Nesse texto, os elementos constitutivos do gênero são utilizados para atender à função social de

- a) explicar para o leitor os acontecimentos da narrativa.
- b) informar ao leitor sobre o conteúdo do livro de modo impessoal.
- c) convencer o leitor sobre a tese defendida ao longo da descrição da obra.
- d) oferecer ao leitor uma avaliação do livro por meio de uma síntese crítica.
- e) divulgar para o leitor a obra cuja temática interessa a um grande público.

38. Enem PPL 2018 Qualquer que tivesse sido o seu trabalho anterior, ele o abandonara, mudara de profissão e passara pesadamente a ensinar no curso primário: era tudo o que sabíamos dele.

O professor era gordo, grande e silencioso, de ombros contraídos. Em vez de nó na garganta, tinha ombros contraídos. Usava paletó curto demais, óculos sem aro, com um fio de ouro encimando o nariz grosso e romano. E eu era atraída por ele. Não amor, mas atraída pelo seu silêncio e pela controlada impaciência que ele tinha em nos ensinar e que, ofendida, eu adivinhava. Passei a me comportar mal na sala. Falava muito alto, mexia com os colegas, interrompia a lição com piadinhas, até que ele dizia, vermelho:

— Cale-se ou expulso a senhora da sala.

Ferida, triunfante, eu respondia em desafio: pode me mandar! Ele não mandava, senão estaria me obedecendo. Mas eu o exasperava tanto que se tornara doloroso para mim ser objeto do ódio daquele homem que de certo modo eu amava. Não o amava como a mulher que eu seria um dia, amava-o como uma criança que tenta desastrosamente proteger um adulto, com a cólera de quem ainda não foi covarde e vê um homem forte de ombros tão curvos.

LISPECTOR, C. Os desastres de Sofia. In: *A legião estrangeira*. São Paulo: Ática, 1997.

Entre os elementos constitutivos dos gêneros está a sua própria estrutura composicional, que pode apresentar um ou mais tipos textuais, considerando-se o objetivo do autor. Nesse fragmento, a sequência textual que caracteriza o gênero conto é a expositiva, em que se apresentam as razões da atitude provocativa da aluna.

- a) expositiva, em que se apresentam as razões da atitude provocativa da aluna.
- b) injuntiva, em que se busca demonstrar uma ordem dada pelo professor à aluna.
- c) descritiva, em que se constrói a imagem do professor com base nos sentidos da narradora.
- d) argumentativa, em que se defende a opinião da enunciadora sobre o personagem-professor.
- e) narrativa, em que se contam fatos ocorridos com o professor e a aluna em certo tempo e lugar.

39. Enem PPL 2018

Deserto de sal

O silêncio ajuda a compor a trilha que se ouve na caminhada pelo Salar de Atacama.

Com 100 quilômetros de extensão, o Salar de Atacama é o terceiro maior deserto de sal do mundo. De acordo com estudo publicado pela Universidade do Chile, o Salar de Atacama é uma depressão de 3 500 quilômetros quadrados entre a Cordilheira dos Andes e a Cordilheira de Domeiço. Sua origem está no movimento das placas tectônicas. Mais tarde, a água evaporou-se e, desta forma, surgiram os desertos de sal do Atacama. Além da crosta de sal que recobre a superfície, há lagoas formadas pelo degelo de neve acumulada nas montanhas.

FORNER, V. *Terra da Gente*, n. 96, abr. 2012.

Os gêneros textuais são textos materializados que circulam socialmente. O texto *Deserto de sal* foi veiculado em uma revista de circulação mensal. Pelas estratégias linguísticas exploradas, conclui-se que o fragmento apresentado pertence ao gênero

- a) relato, pela apresentação de acontecimentos ocorridos durante uma viagem ao Salar de Atacama.
- b) verbete, pela apresentação de uma definição e de exemplos sobre o termo Salar de Atacama.
- c) artigo de opinião, pela apresentação de uma tese e de argumentos sobre o Salar de Atacama.
- d) reportagem, pela apresentação de informações e de dados sobre o Salar de Atacama.
- e) resenha, pela apresentação, descrição e avaliação do Salar de Atacama.

40. Uerj 2016

Felicidade

Olhou para o céu, certificando-se de que não ia chover.

— Passa já pra dentro, Jaú. Olha a carrocinha!

Jaú, costelas à mostra e rabinho impertinente, continuou impassível a se espichar ao sol, num desrespeito sem nome à sua dona e numa ignorância santa das perseguições municipais.

Clarete também teve o bom senso de não insistir, o que aliás era uma das suas mais evidentes qualidades. Carregou mais uma vez a boina escarlate sobre o olhar **cinemático**, bateu a porta com força — té logo, mamãe! — e desceu apressada, sob um sol de rachar pedras, a extensa ladeira para apanhar o bonde, pois tinha de estar às oito e meia, sob pena de repreensão, na estação Sul da Cia. Telefônica. No bonde, afinal, tirou da bolsa o

reloginho-pulseira e deu-lhe corda. Era um bom relógio aquele. Também, era Longines e no rádio do vizinho, que se mudara, um sujeito mal-encarado, ouvira sempre dizer que era o relógio mais afamado do mundo inteiro. Fora presente de seu Rosas quando ela morava na avenida. E, à falta de outra coisa, foi remexendo o seu passado pequenino com a lembrança do seu Rosas.

Rosas. Que nome! Não lhe entrava na cabeça que uma pessoa pudesse se chamar Rosas. Nem Rosas, nem Flores. Que esquisitice, já se viu?

Arregalou os olhos fotográficos.

— Que amor!

Uma senhora ocupava o banco da frente, com um chapéu, rico, de feltro, enterrado até às sobrelhas. O solavanco da curva não a deixou ter inveja. Calculou o preço, assim por alto: cento e poucos mil-réis, no mínimo. Quase seu ordenado. Quase... E sem querer voltou a seu Rosas.

Fora ele quem lhe dera aquele relóginho. A mãe torcera o nariz, nada, porém, dissera. Devia contudo ter pensado dela coisas bem feias. Clarete sorriu. O rapaz da ponta, com o Rio Esportivo aberto nas mãos e os olhos pregados nela, sorriu também. Clarete **arrumou-lhe** em cima um olhar que queria dizer: idiota! e o rapaz zureta afundou os óculos de tartaruga na entrevista do **beque** carioca sobre o jogo contra os paulistas.

[...]

Praia de Botafogo. Meu Deus! Pendurou-se nervosamente na campainha, saltou e atravessou a rua sob o olhar perseguidor da rapaziada que ia no bonde.

Houve tempo em que Clarete se chamava simplesmente Clara. Tinha, então, os cabelos compridos, pestanas sem rímel, sobrelhas cerradas, uma magreza de menina que ajuda a mãe na vida difícil e um desejo indisfarçável de acabar com as sardas que lhe **pintalgavam** as faces e punham no narizinho arrebitado uma graça brejeira.

Trabalhava numa fábrica de caixas de papelão e vinha para a casa às quatro e meia, quando não havia serão, doidinha de fome e recendendo a cola de peixe.

Quando ela passava, os meninos buliam na certa:

— Ovo de tico-tico! Ovo de tico-tico!

Ela arredondava-lhes um palavrãozinho que aprendera na fábrica com a Santinha e continuava a subir a ladeira comprida, rebolando, provocante. [...]

Verdade é que eles a chamavam de ovo de tico-tico, menos pelas sardas do que por despeito. Ela não dava confiança a nenhum — vê lá!... — e no coração deles andava uma loucura por Clarete. Ai! se ela quisesse!... — suspiravam todos intimamente. Ela, porém, não queria, estava mais que visto. E eles ficavam se regalando amoravelmente com o palavrãozinho jogado assim num desprezo superior, pela boca minúscula que todas as noites aparecia, tentadoramente se ofertando, nos seus sonhos juvenis.

Marques Rebello

Contos reunidos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

cinemático: que se movimenta em várias direções.

arrumar-lhe: dirigir-lhe.

beque: zagueiro.

pintalgar: pintar.

“Rosas. Que nome! Não lhe entrava na cabeça que uma pessoa pudesse se chamar Rosas. Nem Rosas, nem Flores. Que esquisitice, já se viu?

Arregalou os olhos fotogênicos.

— Que amor!

Uma senhora ocupava o banco da frente, com um chapéu, rico, de feltro, enterrado até às sobrancelhas.”

No trecho acima, o autor utiliza tanto o discurso indireto livre quanto o discurso direto.

Transcreva uma frase que exemplifica o emprego do discurso indireto livre. Indique, ainda, a cena desse mesmo trecho que motivou o uso do discurso direto pela personagem.

41. Fuvest-SP 2019 (Adapt.) Examine o anúncio.



Ministério Público do Trabalho

Qual a relação entre o uso da imagem sobre um fundo escuro e o texto do anúncio?

42. Unesp 2022 (Adapt.) Para responder à questão, leia a crônica “Almas penadas”, de Olavo Bilac, publicada originalmente em 1902.

Outro fantasma?... é verdade: outro fantasma. Já tardava. O Rio de Janeiro não pode passar muito tempo sem o seu lobisomem. Parece que tudo aqui concorre para nos impelir ao amor do sobrenatural [...]. Agora, já se não adormecem as crianças com histórias de fadas e de almas do outro mundo. Mas, ainda há menos de cinquenta anos, este era um povo de beatos [...]. [...] Os tempos melhoraram, mas guardam ainda um pouco dessa primitiva credulidade. Inventar um fantasma é ainda um magnífico recurso para quem quer levar a bom termo qualquer grossa patifaria. As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando.

O novo espectro que nos aparece é o de Catumbi. Começou a surgir vagamente, sem espalhafato, pelo pacato bairro – como um fantasma de grande e louvável modéstia. E tão **esbatido** passava o seu vulto na treva,

tão sutilmente deslizava ao longo das casas adormecidas – que as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea. [...] O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas... Também, ninguém lhe falava – não por experiência, mas por medo. Porque, enfim, pode um homem ter nascido num século de luzes e de descrenças, e ter mamado o leite do liberalismo nos estafados seios da Revolução Francesa, e não acreditar nem em Deus nem no Diabo – e, apesar disso, sentir a voz presa na garganta, quando encontra na rua, **a desoras**, uma **avantesma**...

Assim, um profundo mistério cercava a existência do lobisomem de Catumbi – quando começaram de aparecer vestígios assinalados de sua passagem, não já pelas ruas, mas pelo interior das casas. Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi, ou que os empregados do cemitério de S. Francisco de Paula tenham achado alguma sepultura vazia, ou que algum circunspecto pai de família, certa manhã, ao despertar, tenha dado pela falta... da própria alma. Nada disso. Os fenômenos eram outros. Desta casa sumiram-se as arandelas, daquela outra as galinhas, daquela outra as joias... E a polícia, finalmente, adquiriu a convicção de que o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos, e dando-se à prática de excessos menos merecedores de exorcismos que de cadeia. Dizem as **folhas** que a polícia, competentemente munida de **bentinhos** e de revólveres, de amuletos e de sabres, assaltou anteontem o reduto do fantasma. Um jornal, dando conta da diligência, disse que o delegado achou dentro da casa sinistra – um velho **pardieiro** que fica no topo de uma ladeira íngreme – alguns objetos singulares que pareciam instrumentos “pertencentes a gatunos”. E acrescentou: “alguns morcegos esvoaçavam espavoridos, tentando apagar as velas acesas que os **sitiantes** empunhavam”.

Esta nota de morcegos deve ser um chique romântico do noticiário. No fundo da alma de todo o repórter há sempre um poeta... Vamos lá! nestes tempos, que correm, já nem há morcegos. Esses feios quirópteros, esses medonhos ratos alados, companheiros clássicos do terror noturno, já não aparecem pelo bairro civilizado de Catumbi. Os animais, que esvoaçavam espavoridos, eram sem dúvida os frangões roubados aos quintais das casas... Ai dos fantasmas! e mal dos lobisomens! o seu tempo passou.

(Olavo Bilac. Melhores crônicas, 2005.)

esbatido: de tom pálido.

a desoras: muito tarde.

avantesma: alma do outro mundo, fantasma, espectro.

folha: periódico diário, jornal.

bentinho: objeto de devoção contendo orações escritas.

pardieiro: prédio velho ou arruinado.

sitiante: policial.

Constitui exemplo de interação do cronista com o leitor o trecho

- “o lobisomem, para perpétua e suprema vergonha de toda a sua classe, andava acumulando novos pecados sobre os pecados antigos” (3º parágrafo).
- “As almas simples vão propagando o terror, e, sob a capa e a salvaguarda desse temor, os patifes vão rejubilando” (1º parágrafo).
- “Não vades agora crer que se tenham sumido, por exemplo, as hóstias consagradas da igreja de Catumbi” (3º parágrafo).
- “as primeiras pessoas que o viram não puderam em consciência dizer se era duende macho ou duende fêmea” (2º parágrafo).
- “O fantasma não falava – naturalmente por saber de longa data que pela boca é que morrem os peixes e os fantasmas” (2º parágrafo).

43. Fuvest-SP 2015 (Adapt.) Examine a seguinte matéria jornalística:

Sem-teto usa topo de pontos de ônibus em SP como cama

Às 9h desta segunda (17), ninguém dormia no ponto de ônibus da rua Augusta com a Caio Prado. Ninguém a não ser João Paulo Silva, 42, que chegava à oitava hora de sono em cima da parada de coletivos.



Eu sempre durmo em cima desses pontos novos. É gostoso. O teto tem um vidro e uma tela embaixo, então não dá medo de que quebre. É só colocar um cobertor embaixo, pra ficar menos duro, e ninguém te incomoda”, disse Silva depois de acordar e descer da estrutura. No dia, entretanto, ele estava sem a coberta, “por causa do calor de matar”.

Por não ter trabalho em local fixo (“Cato lata, ajudo numa empresa de carro. Faço o que dá”), ele varia o local de pouso. “Às vezes é aqui no centro, já dormi em Pinheiros e até em Santana. Mas é sempre nos pontos, porque eu não vou dormir na rua”.

www1.folha.uol.com.br, 19/03/2014. Adaptado.

Qual é o efeito de sentido produzido pela associação dos elementos visuais e verbais presentes na imagem anterior? Explique.

44. Unicamp-SP 2016 No livro *Veneno Remédio – o futebol e o Brasil* (São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 14), o músico, compositor e ensaísta José Miguel Wisnik afirma que o futebol se tornou uma espécie de “língua geral”, válida para todos, que põe “em contato as populações de todos os continentes”. Leia a seguir dois trechos em que o autor explora essa analogia:

“[...] Nada nos impede de dizer que os lances criativos mais surpreendentes não dispensam a prosa corrente do ‘arroz com feijão’ do jogo, necessário a toda partida. Ou de constatar, na literatura como no futebol, que a ‘prosa’ pode ser bela, íntegra, articulada e fluente, ou burocrática e anódina, e a ‘poesia’, imprevisível, fulgurante e eficaz, ou firula retórica sem nervo e sem alvo.

[...] o futebol é o esporte que comporta múltiplos registros, sintaxes diversas, estilos diferentes e opostos, e gêneros narrativos, a ponto de parecer conter vários jogos dentro de um único jogo. A sua narratividade aberta às diferenças terá relação, muito possivelmente, com o fato de ter se tornado o esporte mais jogado no mundo, como um modelo racional e universalmente acessível que fosse guiado por uma ampla margem de diversidade interna, capaz de absorver e expressar culturas.”

- O autor vê o futebol como formas de “prosa” e de “poesia”. Embora ambas as formas sejam consideradas necessárias, cada uma tem um lado negativo. Indique-os.
- Apresente dois argumentos por meio dos quais o autor justifica sua afirmação de que o futebol é uma espécie de “língua geral”.

45. Fuvest-SP 2019 (Adapt.)

Meu caro amigo eu bem queria lhe escrever
Mas o correio andou arisco
Se me permitem, vou tentar lhe remeter
Notícias frescas nesse disco
Aqui na terra tão jogando futebol
Tem muito samba, muito choro e rock’n’roll
Uns dias chove, noutros dias bate sol
Mas o que eu quero é lhe dizer que a coisa aqui tá preta
A Marieta manda um beijo para os seus
Um beijo na família, na Cecília e nas crianças
O Francis aproveita pra também mandar lembranças
A todo pessoal
Adeus

Meu caro amigo. Chico Buarque e Francis Hime, 1976.

A letra da canção apresenta características de qual gênero discursivo? Aponte duas dessas características.

46. Enem PPL 2021

Amor na escola

Duas da madrugada. O casal que discute no andar de baixo está tentando aprender. Eles pensavam que era só vestir branco, caprichar na decoração e fazer os convites chegarem a tempo. Mas não. Na escola, até logaritmo nos foi ensinado. Decoramos a tabela periódica. Nos empurraram química orgânica. Mas nada nos foi dito sobre o amor.

GUERRA, C. Disponível em: <http://vejabh.abril.com.br>. Acesso em: 19 nov. 2014.

Qual é o recurso que identifica esse texto como uma crônica?

- a) A referência a um fato do cotidiano na vida de um casal.
- b) A marcação do tempo em “Duas da madrugada”.
- c) A descrição do espaço em “andar de baixo”.
- d) A enumeração de conteúdos escolares.
- e) A utilização dupla da conjunção “mas”.

47. ITA-SP 2020 Assinale a alternativa que relaciona corretamente um trecho em discurso indireto livre e sua função.

- a) Dar a conhecer os pensamentos da personagem, como em: “Dionóra amara-o três anos, dois anos dera-os às dúvidas, e o suportara os demais. Agora, porém, tinha aparecido outro. Não, só de pôr aquilo na ideia, já sentia medo... Por si e pela filha... Um medo imenso. Se fosse, se aceitasse de ir com o outro, Nhô Augusto era capaz de matá-la. Para isso, sim, ele prestava muito. Matava, mesmo, como dera conta do homem da foice, pago por vingança de algum ofendido.” [Sagarana, p. 298].
- b) Caracterizar a personagem principal, como em: “[...] finalmente o Padre Lopes explicou tudo com este conceito digno de um observador: — Sabe a razão por que não vê as suas elevadas qualidades, que aliás todos nós admiramos? É porque tem ainda uma qualidade que realça as outras: — a modéstia.” [Contos, p. 326].
- c) Analisar psicologicamente o narrador, como em: “Fui indo sempre de mal a pior. Tive a impressão de que me achava doente, muito doente. Fastio, inquietação constante e raiva. Madalena, Padilha, D. Glória, que trempe!” [S. Bernardo, p. 163].
- d) Registrar na escrita a linguagem falada popular, como em: “E, pois, foi aí por aí, dias depois, que aconteceu uma coisa até então jamais vista, e té hoje mui lembrada pelo povinho do Tombador.” [Sagarana, p. 313].
- e) Conversar com o leitor para aguçar a sua imaginação, como em: “— O que é que me está dizendo? perguntou o alienista quando um agente secreto lhe contou a conversação do barbeiro com os principais da vila.” [Contos, p. 321].

48. Fuvest-SP (Adapt.) Leia o seguinte texto:

Um músico ambulante toca sua sanfoninha no viaduto do Chá, em São Paulo.

Chega o “rapa”* e o interrompe:

- Você tem licença?
- Não, senhor.
- Então me acompanhe.
- Sim, senhor. E que música o senhor vai cantar?

Rapa: carro de prefeitura municipal que conduz fiscais e policiais para apreender mercadorias de vendedores ambulantes não licenciados. Por extensão, o fiscal ou o policial do rapa.

Reescreva o diálogo que compõe o texto, usando o discurso indireto. Comece com: O fiscal do “rapa” perguntou ao músico.

49. Enem PPL 2019

10 anos de “hashtag”: a ferramenta que mobiliza a internet

A “hashtag”, ícone das redes sociais, celebrou em 2017 seus primeiros 10 anos de uso no acompanhamento dos grandes eventos mundiais com um efeito de mobilização e expressão de emoção e humor.

A palavra-chave precedida pelo símbolo do jogo da velha foi popularizada pelo Twitter antes de ser incorporada por outras redes sociais. A invenção foi de Chris Messina, *designer* americano especialista em redes sociais. Em 23 de agosto de 2007, o usuário intensivo do Twitter propôs em um tuíte usar o jogo da velha para reagrupar mensagens sobre um mesmo assunto. Ele lançou, então, a primeira “hashtag” #barcamp sobre oficinas participativas dedicadas à inovação na web.

O compartilhamento das palavras-chaves – que já são citadas 125 milhões de vezes por dia no mundo – já serviu de trampolim para mobilizações em massa.

Alguns *slogans* que tiveram grande efeito mobilizador foram o #BlackLivesMatter (Vidas negras importam), após a morte de vários cidadãos americanos negros pela polícia, e #OccupyWallStreet (Ocupem Wall Street), referente ao movimento que acampou no coração de Manhattan para denunciar os abusos do capitalismo.

AFP. Disponível em: <http://exame.abril.com.br>. Acesso em: 24 ago. 2017 (adaptado).

Ao descrever a história e os exemplos de utilização da *hashtag*, o texto evidencia que

- a) a incorporação desse recurso expressivo pela sociedade impossibilita a manutenção de seu uso original.
- b) a incorporação desse recurso expressivo pela sociedade o flexibilizou e o potencializou.
- c) a incorporação pela sociedade caracterizou esse recurso expressivo de forma definitiva.
- d) esse recurso expressivo se tornou o principal meio de mobilização social pela internet.
- e) esse recurso expressivo precisou de uma década para ganhar notabilidade social.

50. Famema-SP 2020 Leia a charge do cartunista Duke para responder à questão a seguir.



(www.otempo.com.br)

Depreende-se com a leitura da charge que as redes sociais

- a) melhoram a saúde do homem, quando usadas intensamente.
- b) podem ocasionar prejuízos à saúde do ser humano.
- c) promovem situações salutaras de convivência humana.
- d) permitem o aguçamento da percepção das pessoas.
- e) influenciam pouco a saúde, assim como as atividades físicas.



Texto para as questões 51 a 53.

Vídeos falsos confundem o público e a imprensa

Por Jasper Jackson, tradução de Jo Amado.

Cerca de duas horas depois da divulgação dos atentados de terça-feira (22/03) em Bruxelas, apareceu um vídeo no YouTube, sob a alegação de que seriam imagens do circuito fechado de televisão (CCTV), mostrando uma explosão no aeroporto Zaventem, da cidade. As imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e foram divulgadas por alguns dos principais sites de notícias. Depois desse, surgiu outro vídeo, supostamente mostrando uma explosão na estação de metrô Maelbeek, próxima ao Parlamento Europeu, e ainda um outro, alegando ser do aeroporto.

Entretanto, nenhum dos vídeos era o que alegava ser. Os três vídeos eram gravações de 2011, dois de um atentado ao aeroporto Domodedovo, de Moscou, e um de uma bomba que explodiu numa estação de metrô de Minsk, capital da Belarus.

As imagens distorcidas dos cliques do circuito fechado de televisão foram convertidas de cor em preto e branco, horizontalmente invertidas, novamente etiquetadas e postadas como se tivessem surgido dos acontecimentos do dia. Embora a conta do YouTube que compartilhou as imagens com falsos objetivos tenha sido rapidamente tirada do ar, outros veículos as reproduziram dizendo que eram de Bruxelas.

Os vídeos ilusórios são exemplos de um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em quase todas as matérias importantes que tratam de acontecimentos violentos e que ocorrem rapidamente. Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.

A disseminação e divulgação de falsas informações não têm nada de novo, mas a internet tornou mais fácil plantar matérias e provas falsas e ilusórias, que serão amplamente compartilhadas pelo Twitter e pelo Facebook.

Alastair Reid, editor administrativo do site First Draft, ¹que é uma coalizão de organizações ²que se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse ³que parte do problema é que qualquer pessoa ⁴que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas ⁵que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques

e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele. “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”

Nesse meio-tempo, a rápida divulgação das notícias online e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.

Uma página na *web* não só pode ser atualizada de maneira a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa, mas, quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o *website* em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso. Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.

Alastair Reid disse: “Agora talvez haja mais pressão junto a algumas organizações para agirem rapidamente, para clicar, para ser a primeira... E há, evidentemente, uma pressão comercial para ter aquele vídeo fantástico, aquela foto fantástica, para ser de maior interesse jornalístico, mais compartilhável e tudo isso pode se sobrepor ao desejo de ser certo.”

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br/terrorismo/videos-falsos-confundem-o-publico-e-a-imprensa/>.
(Publicado originalmente no jornal *The Guardian* em 23/3/2016.
Acesso em: 30/03/2016.)

51. ITA-SP 2017 De acordo com o texto,

- a) a divulgação deliberada de informações e vídeos falsos pela internet é um comportamento antiético.
- b) notícias veiculadas em redes sociais, como Facebook e Twitter, não merecem credibilidade por parte do leitor.
- c) as adaptações feitas em fotos normalmente são grosseiras e, por isso, despertam a desconfiança dos leitores.
- d) acontecimentos extremamente sérios são banalizados e propositalmente deturpados por organizações jornalísticas respeitáveis.
- e) a concorrência acirrada pela audiência é a única responsável pela eventual divulgação de dados incorretos pela imprensa.

52. ITA-SP 2017 De acordo com o texto, é INCORRETO afirmar que

- a) a reputação de um jornal impresso é mais vulnerável do que a de uma página na *web* quanto à divulgação de notícias falsas.
- b) interesses comerciais podem ser razões para a divulgação precipitada de fotos e vídeos na rede.
- c) as organizações jornalísticas deveriam ter exclusividade na divulgação de fatos violentos, como atos terroristas.
- d) falsas notícias são facilmente divulgadas e compartilhadas nas redes sociais por motivos diversos.
- e) as organizações jornalísticas de credibilidade também são responsáveis pela divulgação de notícias falsas.

- 53. ITA-SP 2017** Marque a opção que NÃO constitui causa de divulgação de informações falsas na internet por organizações jornalísticas respeitáveis, de acordo com o texto.
- a) A rapidez com que as informações são divulgadas *on-line*.
 - b) A pressão para serem as primeiras a divulgar as novidades.
 - c) A concorrência com as redes sociais.
 - d) A credibilidade despertada pela boa qualidade das imagens falsas.
 - e) A impossibilidade de retirada de algo já veiculado.

54. UFJF-MG 2020

O que é um meme?

Por Nova Escola

02/06/2015

Você sabia que o criador do termo é um biólogo que não estava nem aí para a cultura digital? O renomado (e polêmico) biólogo britânico Richard Dawkins, um dos principais cientistas que estuda a evolução das espécies, esteve na Editora Abril na semana passada para uma palestra e explicou a origem do conceito, cunhado em seu best-seller *O gene egoísta*, de 1976.

O livro *O gene egoísta* popularizou a ideia de que a seleção natural acontece a partir dos genes. Eles “buscam” a sobrevivência, por meio de corpos capazes de sobreviver e de se reproduzir (para replicar os genes). O biólogo contou que queria terminar o livro com a proposta de que a cultura também se espalha como os genes. O meme é o equivalente cultural do gene, a unidade básica de transmissão cultural, que se dá por meio da imitação.

Sobre o uso do termo para descrever os virais da internet, ele disse que não se importa com a apropriação: “A internet é um fenômeno novo, que não existia quando eu criei o meme. É um belo ambiente para o meme espalhar!”, disse.

(Texto adaptado. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/4629/o-que-e-um-meme#>. Acesso em: 18 jul. 2019.)

Com base no texto, pode-se dizer que meme:

- a) É um termo recente, criado no contexto da internet, para nomear conteúdos digitais satíricos, que apresentam a característica de se propagar rapidamente.
- b) É um termo criado fora do contexto da internet para descrever informações genéticas que são capazes de se espalhar rapidamente de um organismo para outro.
- c) É um termo que, embora nascido fora do contexto da internet, foi aplicado ao mundo multimídia pelo próprio criador do termo, através de uma comparação do conceito de gene na biologia.
- d) É um termo proposto fora do contexto da internet, sendo uma analogia ao conceito biológico de gene, em alusão à sua capacidade de se propagar de um indivíduo para outro.
- e) É um termo de origem grega, cunhado por um biólogo, para nomear conteúdos culturais que se propagam, exclusivamente pela internet, através das redes sociais.

- 55. Enem** É muito raro que um novo modo de comunicação ou de expressão suplante completamente os anteriores. Fala-se menos desde que a escrita foi inventada? Claro que não. Contudo, a função da palavra viva mudou, uma parte de suas missões nas culturas puramente orais tendo sido preenchida pela escrita: transmissão dos conhecimentos e das narrativas, estabelecimento de contratos, realização dos principais atos rituais ou sociais etc. Novos estilos de conhecimento (o conhecimento “teórico”, por exemplo) e novos gêneros (o código de leis, o romance etc.) surgiram. A escrita não fez com que a o sistema da comunicação e da memória social.

A fotografia substituiu a pintura? Não, ainda há pintores ativos. As pessoas continuam, mais do que nunca, a visitar museus, exposições e galerias, compram as obras dos artistas para pendurá-las em casa. Em contrapartida, é verdade que os pintores, os desenhistas, os gravadores, os escultores não são mais – como foram até o século XIX – os únicos produtores de imagens.

LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 1999 (fragmento).

A substituição pura e simples do antigo pelo novo ou do natural pelo técnico tem sido motivo de preocupação de muita gente. O texto encaminha uma discussão em torno desse temor ao

- a) considerar as relações entre o conhecimento teórico e o conhecimento empírico e acrescenta que novos gêneros textuais surgiram com o progresso.
 - b) observar que a língua escrita não é uma transcrição fiel da língua oral e explica que as palavras antigas devem ser utilizadas para preservar a tradição.
 - c) perguntar sobre a razão das pessoas visitarem museus, exposições, etc., e reafirma que os fotógrafos são os únicos responsáveis pela produção de obras de arte.
 - d) reconhecer que as pessoas temem que o avanço dos meios de comunicação, inclusive *on-line*, substitua o homem e leve alguns profissionais ao esquecimento.
 - e) revelar o receio das pessoas em experimentar novos meios de comunicação, com medo de sentirem retrógradas.
- 56. Unesp 2022 (Adapt.)** Para responder à questão, leia o artigo “Pó de pirlimpimpim”, do neurocientista brasileiro Sidarta Ribeiro.

Alcançar o aprendizado instantâneo é um desejo poderoso, pois o cérebro sem informação é pouco mais que estofo de **macela**. Emília, a sabida boneca de Monteiro Lobato, aprendeu a falar copiosamente após engolir uma pílula, adquirindo de supetão todo o vocabulário dos seres humanos ao seu redor. No filme *Matrix* (1999), a ingestão de uma pílula colorida faz o personagem Neo descobrir que todo o mundo em que sempre viveu não passa de uma simulação chamada *Matrix*, dentro da qual é possível programar qualquer coisa. Poucos instantes depois de se conectar a um computador, Neo desperta e profere estupefato: “I know kung fu”.

Entretanto, na matriz cerebral das pessoas de carne e osso, vale o dito popular: “Urubu, pra cantar, demora.” O aprendizado de comportamentos complexos é difícil e demorado, pois requer a alteração massiva de conexões neuronais. Há consenso hoje em dia de que o conteúdo dos nossos pensamentos deriva dos padrões de ativação de vastas redes neuronais, impossibilitando a aquisição instantânea de memórias intrincadas.

Mas nem sempre foi assim. Há meio século, experimentos realizados na Universidade de Michigan pareciam indicar que as planárias, vermes aquáticos passíveis de condicionamento clássico, eram capazes de adquirir, mesmo sem treinamento, associações estímulo-resposta por ingestão de um extrato de planárias já condicionadas. O resultado, aparentemente revolucionário, sugeria que os substratos materiais da memória são moléculas. Contudo, estudos posteriores demonstraram que a ingestão de planárias não condicionadas também acelerava o aprendizado, revelando um efeito hormonal genérico, independente do conteúdo das memórias presentes nas planárias ingeridas.

A ingestão de memórias é impossível porque elas são estados complexos de redes neuronais, não um quantum de significado como a pílula da Emília. Por outro lado, é sim possível acelerar a consolidação das

memórias por meio da otimização de variáveis fisiológicas envolvidas no processo. Uma linha de pesquisa importante diz respeito ao sono, cujo benefício à consolidação de memórias já foi comprovado. Em 2006, pesquisadores alemães publicaram um estudo sobre os efeitos mnemônicos da estimulação cerebral com ondas lentas (0,75 Hz) aplicadas durante o sono por meio de um estimulador elétrico. Os resultados mostraram que a estimulação de baixa frequência é suficiente para melhorar o aprendizado de diferentes tarefas. Ao que parece, as oscilações lentas do sono são puro pó de pirlimpimpim.

(Sidarta Ribeiro. *Limiar: ciência e vida contemporânea*, 2020.)

macela: planta herbácea cujas flores costumam ser usadas pela população como estofa de travesseiros.

Por se tratar de um artigo de divulgação científica (e não um artigo científico propriamente), predomina no texto uma linguagem

- a) técnica.
- b) acessível.
- c) informal.
- d) figurada.
- e) hermética.

BNCC em foco



Texto para as questões 1 e 2.

Carolina Maria de Jesus desconstrói a falsa ideia de que os pobres não leem livros

“Mais do que isso: evidencia o descalabro da proposta de taxação de livros”, escreve a mestra em educação Luana Tolentino



Arquivo UH/Folhapress

Em abril do ano passado, dediquei este espaço à escritora afro-mineira **Carolina Maria de Jesus**, autora do best-seller *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. Passadas mais de seis décadas de seu lançamento, o livro em que ela narra a crueza da vida na extinta favela do Canindé permanece na lista dos mais vendidos do país.

Mesmo correndo o risco de soar repetitiva, não poderia abrir mão da oportunidade de escrever sobre Carolina mais uma vez. Foi na escritora – recentemente laureada

com o título de doutora *honoris causa* pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – que pensei ao tomar conhecimento de um dos trechos da proposta de reforma tributária defendida pelo atual governo, que propõe a taxação dos livros. Como argumento para tal medida, parte-se do pressuposto de que “as pessoas mais pobres não consomem livros não didáticos”.

[...]

Além de envenenada de preconceitos e da total falta de compromisso com a formação intelectual dos brasileiros, a defesa da taxação de livros revela um desconhecimento da realidade do País. De acordo com a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil (2020)*, 46% das pessoas com renda familiar de menos de um salário mínimo são leitoras. Entre aquelas que recebem até dois salários mínimos, 51% cultivam o hábito de ler.

Carolina Maria de Jesus é prova disso. Ao longo das páginas de *Quarto de despejo*, a ex-catadora de papel e materiais recicláveis, que conheceu de perto a fome e a miséria, relatou sua paixão pelos livros, pela leitura e pela escrita. A escritora sabia que o apreço pelo saber a distinguiu positivamente dos demais moradores da favela do Canindé, como também lhe garantia recursos para enfrentar as agruras do cotidiano. Conforme registrado no livro, no dia 23 de julho de 1955, Carolina escreveu: “Todos têm um ideal. O meu é gostar de ler”.

[...]

TOLENTINO, Luana. *Carta Capital*, 9 abr. 2021. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/carolina-maria-de-jesus-desconstrui-a-falsa-ideia-de-que-os-pobres-nao-leem-livros/>. Acesso em: 2 maio 2021.

1. Após a leitura do texto, avalie as proposições e some a(s) **correta(s)**.
01. O texto é uma notícia, cujo objetivo é comunicar, de modo imparcial e objetivo, o acontecimento da taxaço de livros.
02. O texto é um artigo de opinião, cujo objetivo é comentar o fato noticioso da taxaço de livros, apresentando uma opinião parcial.
04. Por conter a opinião da jornalista, o texto está escrito em 1ª pessoa, como no trecho: “Em abril do ano passado, dediquei este espaço à escritora afro-mineira Carolina Maria de Jesus”.
08. A passagem “De acordo com a pesquisa Retratos da Leitura no Brasil (2020)” evidencia um argumento da jornalista para defender seu ponto de vista no texto, dando a ele um teor persuasivo.
16. O trecho “as pessoas mais pobres não consomem livros não didáticos” mostra um argumento contrário, o qual a jornalista rebate.
32. O texto representa a opinião do editorial e/ou de um grupo de jornalistas que trabalha no veículo de comunicação.
64. O texto apresenta uma avaliação crítica e bem-humorada sobre um fato relevante, como o da taxaço de livros, com uma estrutura predominantemente dissertativa.

Soma:

2. Assinale a alternativa **incorreta**.
- a) O texto faz parte da esfera jornalística.
- b) O texto faz parte da esfera digital.
- c) A migração de textos do papel para os ambientes digitais permite aos leitores uma participação mais ativa na leitura, podendo dar opiniões e interagir com jornais e revistas.
- d) Textos como artigo de opinião, notícia e editorial permanecem circulando em suportes impressos e digitais de jornais e revistas, mas a tendência é que se tornem apenas digitais.
- e) Textos que circulam em plataformas digitais tendem a dificultar o acesso e a interação dos leitores.

3. NTABAYINGWE

Ser voluntário na África faz com que os momentos mais simples e cotidianos tornem-se os mais especiais. A relação humana sobrepõe-se às belezas naturais, aos pontos turísticos e aos animais selvagens. Durante as quatro semanas de trabalho, as lembranças mais marcantes são aquelas ocorridas durante o trabalho, quando menos eu esperava por algo significativo. Foi o que aconteceu quando visitamos a vila de Ntabayingwe (Morro do Leopardo), que fica próxima à cidade de Victoria Falls.

O objetivo era vivenciar o dia a dia de pessoas em ambiente rural. Antes de irmos para a vila, relembramos algumas palavras em ndebele, o idioma local: salubonani (oi), litshone njani? (boa tarde), siyabonga (obrigado) e hamba kahle (tchau).

Lá chegando, as mulheres nos apresentaram o pilão, que tivemos a oportunidade de usar por alguns minutos, e nos ensinaram como elas fazem para caminhar longas distâncias equilibrando longos galhos ou baldes na cabeça. Dobrando um lenço da maneira correta, ele protege a cabeça e, ao mesmo tempo, ajuda no equilíbrio. Conversamos com as pessoas da vila sobre os mais diversos assuntos e, no final, assistimos a uma apresentação de dança por parte das crianças.

[...]

FERNANDES, Gustavo Leutwiler. *Africanamente: o que vivi e aprendi como voluntário na África*. Rio de Janeiro: Autografia, 2017. p. 151.

Assinale a alternativa **incorreta**.

- a) A finalidade comunicativa do texto é contar uma história.
- b) O texto narrativo contempla as quatro etapas de uma sequência temporal: início, desenvolvimento, clímax e desfecho.
- c) A progressão temporal tem um tempo não linear na narrativa.
- d) De acordo com o foco narrativo, o narrador é participante e protagonista, uma vez que vive a história conforme o relato se desenvolve.
- e) Pode-se afirmar que, pela percepção narrativa, o narrador é observador.

FRETE ÚNICA

CAPÍTULO

3

Funções da linguagem

A linguagem é uma ferramenta de comunicação que possibilita a integração entre o emissor, ou seja, aquele que produz a mensagem, e o receptor, aquele a quem a mensagem é dirigida. Porém, para que isso ocorra sem ruídos e de forma assertiva, é necessário compreender aspectos mais profundos e que, ao serem empregados de modo adequado, vão contribuir para que esse processo ocorra como o esperado. A ferramenta linguística usada para compor a mensagem, o meio pelo qual a mensagem será transmitida e até mesmo o assunto que se quer tratar são elementos importantes e que caracterizam essa enunciação. É preciso conhecer esses e outros elementos para que, então, seja possível compreender as diversas funções da linguagem, seja ela informativa, conativa ou expressiva. Neste capítulo, estudaremos quais são esses elementos da enunciação, bem como as funções da linguagem e seus impactos nas mais diversas situações de comunicação.

Conceito base

Todo enunciador possui um objetivo predefinido para seu enunciado. Com isso, as mensagens são estruturadas para cumprir uma finalidade sociocomunicativa, como comover uma plateia ao contar uma história emocionante ou convencer o recrutador das qualidades que possui para determinada função de trabalho.

Sendo assim, podemos considerar que toda mensagem é dotada de uma função específica. Algumas, inclusive, podem conter mais de uma função, mesmo que uma delas se destaque sobre a outra. Entretanto, antes de compreender as funções possíveis para um enunciado, é fundamental conhecer todos os elementos envolvidos no ato da enunciação, conforme veremos a seguir.

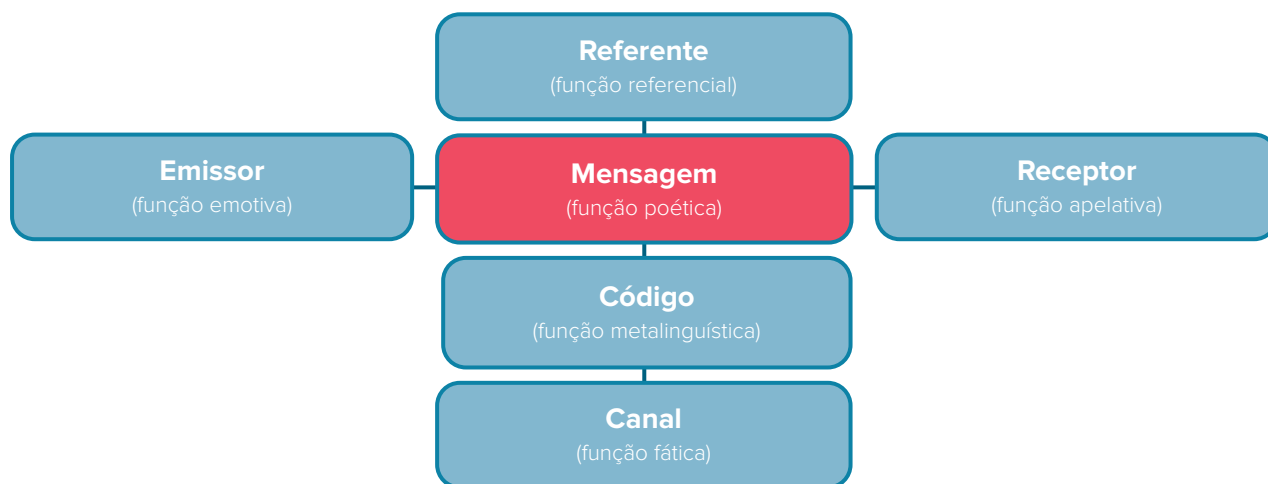
Elementos da enunciação

Consideramos elementos da enunciação as pessoas e estruturas necessárias para a comunicação. As funções da linguagem são classificadas de acordo com o foco atribuído a cada um desses componentes e, por esse motivo, é fundamental estudá-los. Analise as tabelas a seguir:

Pessoas da comunicação	
Emissor da mensagem	Também conhecido como “enunciador” ou “locutor”, corresponde àquele que produz a mensagem e idealiza a função do enunciado.
Receptor da mensagem	Também chamado de “enunciatário” ou “interlocutor”, é aquele a quem se dirige a mensagem .

Estruturas da comunicação	
Mensagem	Corresponde ao enunciado propriamente dito; devemos considerar a mensagem como qualquer texto verbal ou não verbal criado com uma finalidade comunicativa.
Referente	Trata-se do assunto da mensagem. Em uma notícia jornalística, por exemplo, o referente será o acontecimento narrado pelo jornalista.
Código	Refere-se à ferramenta linguística usada para estruturar a mensagem. Os idiomas, como o português, o inglês e a língua de sinais, devem ser considerados códigos linguísticos. Existem, porém, outros tipos de código muito usados no cotidiano ou em situações específicas, por exemplo, o código Morse.
Canal	Diz respeito à via em que a mensagem irá circular , como as ondas de um rádio ou o microfone de um celular. Também pode se referir ao contexto locativo em que a mensagem é transmitida, por exemplo, uma sala de aula ou auditório.

Toda situação de comunicação será dotada desses elementos e é preciso conhecê-los para compreender as diversas funções da linguagem, pois cada uma delas foca em um desses elementos, conforme indica o esquema a seguir:



Função apelativa (ou conativa)

Corresponde à mensagem criada pelo emissor para persuadir o receptor. O **foco** dessa função, portanto, sempre será o **receptor**. Por conta disso, é comum que textos apelativos dirijam-se diretamente ao interlocutor, por meio de pronomes em segunda pessoa ou vocativos. Além disso, são frequentemente estruturados com teor subjetivo, usado para comover ou aproximar-se de quem recebe o texto. Veja, a seguir, uma campanha de doação de sangue, promovida pelo Ministério da Saúde:



Nessa campanha, a atenção do interlocutor é captada, inicialmente, pela imagem dos braços e das mãos de duas pessoas diferentes, partes que se estendem e formam um coração. Esse aspecto de integração pode ser considerado um mecanismo subjetivo de persuasão, tendo em vista que cria a ideia (confirmada pelo texto verbal com destaque em azul) de que a causa defendida pela campanha é amplamente apoiada pelas pessoas e que a união delas é capaz de fortalecê-la. O texto verbal em letras maiores, por sua vez, reafirma essa intenção ao dirigir-se diretamente ao leitor pelo verbo no imperativo “doe”, responsabilizando-o, inclusive, pela função de fortalecer a corrente de doadores. Assim, podemos dizer que toda a organização da mensagem (inclusive o texto em letras miúdas) tem a finalidade comunicativa de convencer o receptor a doar sangue.

Ferramentas da função apelativa

Podemos resumir a função apelativa a partir das características mais comuns de sua estrutura, conforme a tabela a seguir:

Características principais	
Estrutura	Objetivo
Pronomes e verbos em segunda pessoa	Estabelecer interlocução direta com o receptor
Verbos no modo imperativo	Organizar a mensagem para persuadir o receptor
Emprego de subjetividade	Tornar a mensagem comovente para o receptor

Características secundárias

Por se tratar de uma mensagem persuasiva, é bastante comum que textos de função apelativa façam uso de linguagem figurada para melhorar a expressividade da mensagem, como as figuras sonoras, que facilitam as rimas em um texto e, portanto, são rapidamente memorizadas pelo leitor, e até mesmo antíteses, que auxiliam a convencer o receptor de que não existem concorrentes de qualidade para o produto anunciado. Além das figuras, é comum que a função apelativa abuse de imagens sedutoras: uma campanha que use essa função pode, por exemplo, afirmar que determinado produto é específico para um público diferenciado, ou, ainda, induzir o leitor a acreditar que sua participação em um projeto social é fundamental para que ele exista.

Gêneros textuais da função apelativa

Não é possível dizer que existe um único padrão para os gêneros textuais, levando em conta que eles podem sofrer mudanças em virtude do contexto de produção ou da finalidade do seu usuário; porém, é comum que a função apelativa seja frequentemente verificada em:

Propagandas	São criadas por empresas para vender um produto ou serviço. Nesse gênero, a função apelativa é facilmente percebida.
Campanhas	Têm estruturas semelhantes às propagandas e, geralmente, são usadas para influenciar um comportamento; por conta disso, também fazem uso da linguagem apelativa.
Discursos políticos	Possuem um teor persuasivo muito forte e procuram apelar ao receptor, sobretudo a partir das ideias subjetivas de esperança e medo.
Materiais didáticos	Fazem uso da linguagem apelativa ao organizar um conteúdo e ditar etapas para facilitar o aprendizado do estudante.

Função referencial (ou informativa)

Corresponde à mensagem criada pelo emissor para transmitir uma informação ao receptor, de modo impessoal. Assim sendo, podemos dizer que o **foco** dessa função é o **referente**, ou seja, o objetivo do texto é apresentar o assunto abordado. Diferentemente da função anterior, portanto, a função referencial não estabelece diálogo com o leitor, empregando pronomes em terceira pessoa como forma de neutralizar a voz do enunciador e do receptor. Além disso, é comum o uso de verbos no modo indicativo, visando mais imparcialidade na transmissão das informações. Outro aspecto importante dessa função se refere à linguagem usada: em mensagens referenciais, o vocabulário é denotativo e objetivo, impedindo uma interpretação pessoal do leitor. Leia um exemplo a seguir:

Malala recebe diploma da Universidade de Oxford

A paquistanesa Malala Yousafzai, símbolo da luta pela educação, expressou nesta sexta-feira sua “alegria” por receber um diploma da Universidade de Oxford, no Reino Unido.

“É difícil expressar minha alegria e gratidão agora que recebi meu diploma em filosofia, política e economia da Oxford”, disse a jovem de 22 anos no Twitter.

Sua mensagem foi acompanhada de fotos, uma delas em que aparece comemorando seu diploma comendo um bolo com seus parentes.

“Não sei o que vai acontecer agora. No momento, será Netflix, leitura e sonhos”, disse.

[...]

Malala recebe diploma da Universidade de Oxford. *Agence France-Presse*, 19 jun. 2020. Disponível em: <https://bellamais.correiopovo.com.br/negociosefinancas/direitos/malala-recebe-diploma-da-universidade-de-oxford-1.438502>. Acesso em: 31 ago. 2021. © Agence France-Presse.

Nessa notícia, o objetivo foi apenas transmitir a informação; o jornalista se absteve de expressar sua opinião sobre a vitória da ativista, limitando-se, portanto, a veicular o fato. Diferentemente de textos com função apelativa, essa notícia não se dirige ao leitor, optando por empregar sistematicamente verbos e pronomes em terceira pessoa. A linguagem escolhida pelo autor é objetiva, imparcial e denotativa, o que evita interpretações pessoais sobre o evento relatado. Levando em consideração todas essas características, é possível afirmar que o objetivo do texto é trabalhar o assunto da mensagem.

Ferramentas da função referencial

Analise, a seguir, as principais ferramentas linguísticas usadas para compor a função referencial. Repare que suas estruturas são o oposto daquelas usadas em textos apelativos.

Características principais	
Estrutura	Objetivo
Pronomes e verbos em terceira pessoa	Impossibilitar interlocução direta com o receptor
Verbos no modo indicativo	Organizar a mensagem para tentar transmitir imparcialidade
Emprego de objetividade	Eliminar possibilidades de impressões pessoais do autor no texto

Características secundárias
Textos com função referencial sempre procuram abordar o referente de modo mais impessoal, motivo pelo qual é comum que sua linguagem seja amplamente denotativa. Além disso, é frequente o emprego de discurso direto e indireto, o que permite a veiculação de informações de maneira objetiva. Nesse sentido, podemos dizer que a linguagem referencial busca anular a figura do autor do texto, focando apenas no assunto que está sendo transmitido.

Gêneros textuais da função referencial

Considerando essas características, podemos afirmar que mensagens impessoais tendem a se caracterizar como gêneros de função referencial. Veja alguns deles a seguir:

Notícias jornalísticas	Imprescindíveis para a cultura da sociedade atual, transmitem ao leitor informações sobre eventos de interesse público. Geralmente, são textos curtos que se restringem a comunicar os fatos sem profundidade.
Reportagens	Podem ser consideradas uma forma de ampliar a notícia. Por apresentarem mais tempo para investigação dos temas noticiados, as reportagens apresentam informações detalhadas sobre os fatos que noticiam.
Artigos científicos	Veiculam informações sobre pesquisa científica e, por esse motivo, esse tipo de artigo busca informar uma comunidade acadêmica com o máximo de precisão e objetividade, a fim de garantir que o conhecimento científico não seja analisado sob a ótica pessoal do autor do texto.
Relatórios acadêmicos ou empresariais	Semelhantes aos artigos, os relatórios podem ser considerados ainda mais objetivos, tendo em vista que sua organização exige completa impessoalidade.

Função emotiva (ou expressiva)

A função emotiva transmite opiniões, pensamentos, impressões e sentimentos do próprio enunciador, portanto, o **foco** da mensagem é o seu **emissor**. Pode ser considerada a função com mais teor subjetivo na maioria dos textos em que é usada. O texto é organizado a partir de pronomes e verbos em primeira pessoa, usados para explicitar a personalidade do autor. Outros recursos de personalidade, como interjeições e constantes adjetivações, também são comuns na função emotiva.

Considerando essas características, leia, a seguir, um poema de autoria de Daniel Munduruku:

Hoje vi um beija-flor assentado no batente de minha janela.

Ele riu para mim com suas asas a mil.

Pensei nas palavras de minha avó:

“Beija-flor é bicho que liga o mundo de cá com o mundo de lá.

É mensageiro das notícias dos céus. Aquele-que-tudo-pode fez deles seres ligeiros para que pudessem levar notícias para seus escolhidos. ‘Quando a gente dorme pra sempre, acorda beija-flor’.

Achava vovó estranha quando assim falava. Parecia que não pensava direito!

Mamãe diz que é por causa da idade. Vovó já está doente faz tempo. Mas eu sempre achei bonito o jeito dela contar histórias. Diz coisas bonitas, de tempos antigos.

Eu gostava de ficar ouvindo. Ela sempre começava assim: “Tininha, há um mundo dentro da gente. Esse mundo sai quando a gente abre o coração”... e contava coisas que ela tinha vivido... e contava coisas de papai e mamãe... e contava coisas de hoje e de ontem. Ela só não gostava de falar do futuro... dizia que não valia a pena. Futuro é tempo que não veio, ela dizia.

Pensei nisso tudo por causa do beija-flor. Até esqueci de visitar vovó em seu quarto. Fazia isso sempre que acordava. Vou fazer isso agora...

Nesse exato momento mamãe entrou no meu quarto. Estava triste. Trazia um papel na mão. Sentou-se na borda da cama e esticou para mim o papel. Abri-o devagar. Dentro tinha uma mensagem escrita com a caligrafia de vovó. Lá estava escrito:

“Tininha, hoje acordei beija-flor”.

Sorri para mamãe, que nada entendeu. Eu entendi.

MUNDURUKU, Daniel. Hoje acordei beija-flor. *O Lorenense*, 19 mar. 2015. Disponível em: www.olorenense.com.br/2015/03/19/hoje-acordei-beija-flor/. Acesso em: 21 ago. 2021.

Podemos perceber que o texto gira em torno das lembranças do eu lírico: o desfecho da poesia, inclusive, contribui para que o texto tenha caráter confessional. Para expressar as reflexões pessoais do enunciador sobre a vida, a obra é composta de uma introdução em que o eu lírico apresenta seu contexto, seguida por argumentos que se dividem em momentos da vida e uma conclusão a respeito da passagem do tempo e o relacionamento do enunciador com sua avó. Estruturalmente, a pontuação exclamativa, assim como as diversas reticências, transmite ao leitor o estado de espírito do locutor, que está presente no texto a partir do emprego da primeira pessoa.

Ferramentas da função emotiva

A função emotiva se distingue das anteriores porque sua estrutura é focada na personalidade do enunciador. Por conta disso, é comum que textos com essa finalidade apresentem os seguintes recursos textuais:

Características principais	
Estrutura	Objetivo
Pronomes e verbos em primeira pessoa	Transmitir impressões, opiniões e sentimentos do enunciador
Emprego de subjetividade	Ampliar a capacidade do texto de veicular a personalidade do enunciador
Pontuação exclamativa e reticências	Ilustrar o estado de espírito do enunciador

Características secundárias
Como forma de explicitar os sentimentos e impressões pessoais do enunciador, é comum que textos emotivos sejam criados em linguagem figurada. Ao empregar a conotação, por exemplo, o enunciador pode construir metáforas para expressar suas emoções ou valer-se da adjetivação.

Gêneros textuais da função emotiva

Mensagens que carreguem as impressões pessoais do enunciador de modo explícito devem ser caracterizadas como gêneros da função emotiva. A lista a seguir apresenta alguns deles:

Entrevistas	Entrevistas de emprego ou algumas mais informais têm o objetivo de explicitar o pensamento do entrevistado. Podem ser textos de assuntos gerais ou focados na própria pessoa entrevistada.
Relatos de viagem	Têm o objetivo de expressar, por meio da memória, as experiências vividas pelo enunciador em roteiros turísticos. Em textos como o relato é bastante comum que o enunciador se emocione ao relembrar momentos que viveu.
Diários	Possuem grande teor de subjetividade. São criados pelo enunciador para si, ou seja, correspondem a textos em que o autor pode discorrer livremente sobre qualquer sensação ou pensamento que julgar relevante.
Declarações de amor	Seja para explicitar o sentimento ou reafirmá-lo, as declarações de amor sempre procuram transmitir, em mensagens curtas ou complexas, aquilo que há no âmago do autor e, por isso, são textos amplamente emotivos.

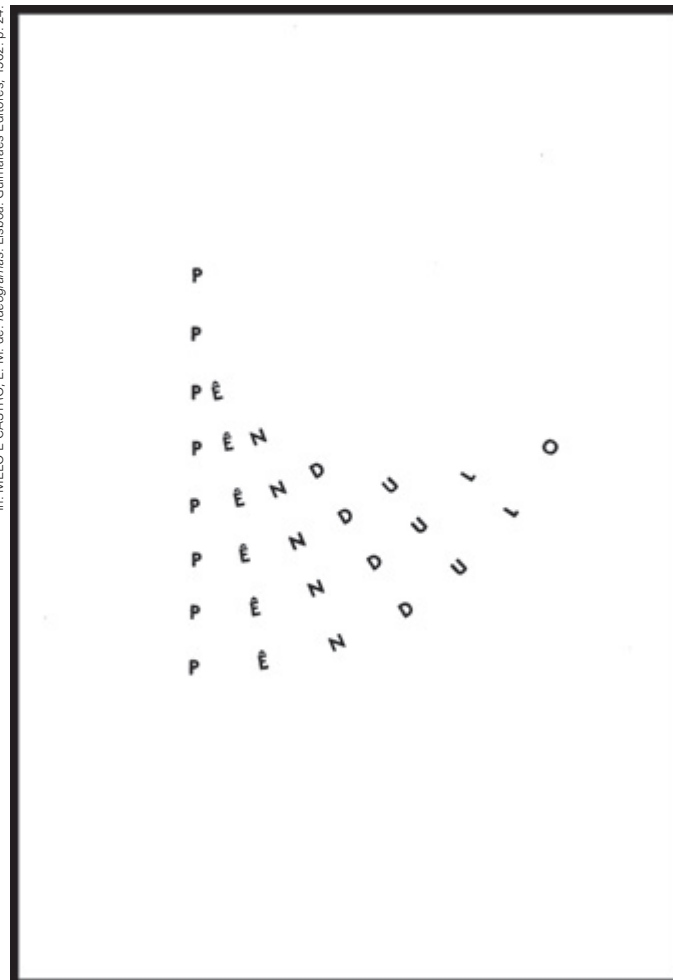
Função poética

Trata-se de uma função em que o enunciador procura estruturar a mensagem de modo criativo, inusitado. Essa busca revela uma preocupação estética com o texto, ou seja, um cuidado especial com o modo como ele será apresentado. Assim, na função poética, a **forma** de apresentação ganha **mais destaque do que o conteúdo apresentado**.

Considere, por exemplo, o gênero textual piada. Muitas vezes, a mesma piada contada por pessoas distintas pode surtir efeitos opostos: podemos gargalhar genuinamente ao ouvi-la sendo contada por alguém ou simplesmente não achar graça nenhuma se contada por outro indivíduo. Isso ocorre porque, nesse gênero, o modo de apresentar o texto, como a entonação e os gestos, acaba sendo mais importante do que o próprio texto. É por esse motivo que a função poética tem como **foco a própria mensagem**, pois revela a intenção do enunciador de melhorar a apresentação do enunciado.

Para exemplificar com outro gênero, avalie a seguir um poema concreto denominado “Pêndulo”:

In: MELO E CASTRO, E. M. de. *Isocogramas*. Lisboa: Guimarães Editores, 1962. p. 24.



Veja que a forma de apresentação do texto desperta muito mais a atenção do leitor do que o próprio conteúdo. Ainda com a poesia, leia um curioso texto de autoria de Millôr Fernandes:

Era um homem bem vestido
Foi beber no botequim
Bebeu muito, bebeu tanto
Que
saiu
de
já
assim.

FERNANDES, Millôr. *Trinta anos de mim mesmo*. São Paulo: Circulo do livro, 1972. © by Ivan Rubino Fernandes.

Nesse poema, o efeito cômico nasce no destaque dado à forma de apresentação do conteúdo. Podemos, inclusive, concluir que o autor teve o objetivo de inovar esteticamente na construção do texto. A função poética, portanto, se revela quando há demonstração de cuidado, atenção e criatividade na transmissão do texto.

Ferramentas da função poética

Não existem elementos obrigatórios para que uma mensagem seja considerada poética. Porém, é bastante comum que as seguintes características acompanhem essa função:

Características principais
Emprego de figuras de linguagem
Emprego de rimas
Relação entre textos verbais e visuais
Uso de trocadilhos
Emprego de ambiguidades propositais
Organização visual das palavras

Gêneros textuais da função poética

Embora o nome dessa função possa sugerir uma relação direta com o gênero poesia, há diversos outros textos em que ela pode ser empregada. Veja, a seguir, alguns gêneros em que seu uso é recorrente:

Poesia concreta	Trata-se de um tipo de poesia em que o sentido do poema (conteúdo) é relacionado à organização visual do texto (forma).
Piadas	Revela-se como um texto de função poética, por ser um gênero em que o modo de apresentar a mensagem é, muitas vezes, mais importante do que o próprio enunciado.
Fotografias	Ao colocar em evidência o texto visual, as fotografias buscam surpreender o leitor e destacar o modo como a imagem é apresentada.
Charges e tirinhas	Apresentam a mensagem, ao leitor, de maneira inesperada e objetivam inovar a forma como o conteúdo crítico e humorístico é apresentado.

Função metalinguística

Na metalinguagem, o objetivo da mensagem é definir, conceituar ou promover uma reflexão sobre o código usado para construir o enunciado. Os verbetes de dicionários em língua portuguesa, por exemplo, fazem uso do código (a língua portuguesa) para explicar as palavras do próprio idioma. Trata-se, portanto, de um exercício da metalinguagem, cujo **foco** está no **código** da mensagem.

Situações em que uma linguagem descreve ela mesma (ainda que não seja verbal), por exemplo, também podem ser consideradas metalinguagem. Para exemplificar, veja a imagem a seguir.



Turistas tiram fotos da vista do Cabo da Roca, em Sintra, Portugal. Ao fundo está o Oceano Atlântico.

A fotografia é composta de pessoas tirando fotos de um ponto turístico, com destaque para o ato de fotografar. Nesse sentido, portanto, devemos considerá-la um exemplo de metalinguagem.

O poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa, apresenta um processo semelhante à gravura. Leia:

O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,

Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.

PESSOA, Fernando. *Poesias*. Lisboa: Ática, 1942.

Podemos considerar esse poema um exemplo de função metalinguística porque o objetivo do eu lírico é tecer uma reflexão sobre o ofício do poeta e, para isso, cria um poema, utilizando o próprio texto para refletir sobre sua criação. Assim, podemos dizer que qualquer mensagem usada para definir a si mesma pode ser considerada metalinguagem.

Gêneros textuais da função metalinguística

Por se tratar de um exercício reflexivo, a metalinguagem não possui ferramentas estruturais próprias ou muitos gêneros textuais exclusivos em que seja usada. Na prática, qualquer gênero pode apresentar essa função, desde que o objetivo da mensagem seja usar o texto para explicá-lo. Existem, porém, alguns gêneros em que é mais comum encontrar a metalinguagem, conforme ilustra o quadro a seguir:

Dicionários	Pode ser considerado o único gênero exclusivamente metalinguístico, porque a função do dicionário é conceituar, definir e explicar o próprio idioma.
Contos, crônicas e romances	Para que determinado trecho de um texto narrativo possua metalinguagem, é fundamental que o objetivo da mensagem seja promover uma reflexão sobre a própria narração. Em uma crônica, por exemplo, se o autor decide pensar sobre a importância desse gênero, podemos considerá-la um texto metalinguístico.
Manuais de instrução	Embora apresentem linguagem referencial, é comum que manuais de instrução tenham uma seção para informar como localizar informações no próprio manual (o título dessa seção geralmente é “Como ler esse manual”). Dessa forma, essa parte do texto pode ser considerada uma metalinguagem.

Função fática

A mensagem fática apresenta uma característica peculiar que a diferencia das demais: sua função não existe necessariamente em nenhum gênero textual, mas pode ser considerada uma das mais comuns no cotidiano. Nessa função, a intenção do emissor é abrir, manter aberto ou encerrar o canal de comunicação. Usamos a mensagem fática, por exemplo, ao cumprimentar alguém ou ao nos despedir das pessoas. Desse modo, o **foco** da mensagem é o **canal** da comunicação.

Considerando que o objetivo da função fática é apenas a abertura, a manutenção ou o encerramento do canal comunicativo, podemos dizer que as mensagens criadas por ela servem somente como marcadores interativos. Em uma situação cotidiana, frequentemente nos encontramos com as pessoas e, antes de iniciar uma conversa, perguntamos a elas como estão, ou se estão passando bem. É realmente estranho, e até um pouco desconfortável, quando um desconhecido ignora o valor fático da conversa e começa a detalhar a própria vida. Esse estranhamento deve-se ao fato de termos usado a pergunta apenas como uma mensagem fática, para abrir a comunicação. Em “A hora da estrela”, de Clarice Lispector, ocorre algo parecido quando duas personagens decidem se encontrar em uma praça. Veja a narrativa a seguir:

Enfim o que fosse acontecer, aconteceria. E por enquanto nada acontecia, os dois não sabiam inventar acontecimentos. Sentavam-se no que é de graça: banco de praça pública. E ali acomodados, nada os distinguia do resto do nada. Para a grande glória de Deus.

Ele: — Pois é.

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse pois é!

Ela: — Mas “pois é” o quê?

Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: — Entender o quê?

Ele: — Santa Virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. 23 ed. [s.n.t.]. p. 53. Disponível em: https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/305284/mod_resource/content/2/Lispector_1999_Estrela.pdf. Acesso em: 21 ago. 2021.

O efeito cômico do diálogo reside em um desencontro entre as personagens. Esse desencontro, por sua vez, surge quando Macabéa ignora o valor fático de “Pois é.” Na leitura, podemos compreender que a primeira personagem que fala procura apenas iniciar o diálogo, motivo pelo qual sua mensagem é fática. Macabéa, entretanto, não percebe isso e procura extrair um sentido dialogal inexistente na mensagem.

Mensagens fáticas, porém, não existem apenas para iniciar o diálogo. Também são responsáveis por encerrá-lo e são usadas até mesmo para testar a atenção do ouvinte em uma conversa. Eventualmente, quando desconfiamos de que nosso interlocutor está distraído, perguntamos algo como “concorda?”, “não é mesmo?”. Essas perguntas, na verdade, são elaboradas para garantir atenção à mensagem. Assim, dizemos que a função fática permite a manutenção do canal. Outros marcadores, como “né”, “então”, na linguagem formal, e “eita”, “caramba”, na linguagem informal, cumprem o mesmo papel.

Ferramentas linguísticas da função fática

Considerando que a função fática não existe em um gênero específico, podemos dizer que se trata de uma mensagem produzida em diversos contextos de comunicação, principalmente naqueles em que há interação com o público, como palestras e seminários. Do ponto de vista estrutural, entretanto, alguns marcadores podem ser destacados nessa função, conforme a tabela:

Para abertura do canal	Para manutenção do canal	Para encerramento do canal
Olá! Bom dia! Como você está? Tudo bem?	Então Nossa Verdade? Jura? Né? Interjeições em geral	É isso Obrigado Até mais! Foi um prazer

Emprego simultâneo de diversas funções

Agora que estudamos todos os elementos da comunicação e as funções da linguagem focadas em cada um deles, podemos discutir o emprego de mais de uma função no mesmo texto. Tendo em vista que os gêneros textuais são vivos, podendo sofrer mudanças estruturais para atender o propósito do autor, é bastante razoável concluir que as seis funções da linguagem podem ser usadas simultaneamente, garantindo que o texto cumpra a finalidade sociocomunicativa pretendida pelo emissor.

Considerando isso, imagine a seguinte campanha política veiculada pela televisão:

“Vote no candidato X! Vote 90

O candidato é o mais preparado para assumir a prefeitura e o povo sabe disso! Ele se preparou a vida toda para garantir empregos, atendimento de saúde digno e boas escolas para nossas crianças.

Na sua última gestão, o candidato melhorou a vida das pessoas e devolveu ao povo a vontade de sonhar!

É o caso do senhor José, que conseguiu um emprego para ele e vagas na creche para seus dois filhos quando o candidato foi prefeito.

‘Quando o candidato estava na prefeitura, eu sentia que poderia realmente viver feliz! Consegui um emprego com um bom salário e não me preocupava com quem deixar as crianças, porque havia vagas na creche pertinho de casa. Quando eu penso nele, meu único sentimento é de gratidão!’.

E não é somente o senhor José quem sabe disso! As últimas pesquisas de intenção de voto revelam: o candidato X subiu mais de dez pontos percentuais em relação ao começo da campanha. Os outros candidatos, entretanto, caíram mais de vinte por cento nas últimas semanas.

É a vitória do candidato X e do povo cada vez mais perto!

Vote 90 e volte a sonhar com uma cidade melhor!”

Embora se trate de um roteiro fictício, é bem provável que você já tenha visto algumas propagandas assim. Afinal, essa estrutura é muito comum em campanhas nas mais diversas regiões do país. Analisando o texto, podemos destacar o emprego de três funções simultaneamente: função apelativa, emotiva e referencial.

Veja a análise de cada parágrafo a seguir:

Texto de abertura:

“Vote no candidato X! Vote 90”

O emprego dos verbos no modo imperativo e na segunda pessoa busca persuadir o interlocutor, motivo pelo qual classificamos a abertura como apelativa.

Texto de desenvolvimento inicial:

“O candidato é o mais preparado para assumir a prefeitura e o povo sabe disso! Ele se preparou a vida toda para garantir empregos, atendimento de saúde digno e boas escolas para nossas crianças.

Na sua última gestão, o candidato melhorou a vida das pessoas e devolveu ao povo a vontade de sonhar!”

A sedução do interlocutor é criada por mecanismos de subjetividade, como a promessa de uma vida melhor e a garantia das boas intenções e capacidades do candidato, o que configura novamente a função apelativa.

Texto de desenvolvimento intermediário:

“É o caso do senhor José, que conseguiu um emprego para ele e vagas na creche para seus dois filhos quando o candidato foi prefeito.

‘Quando o candidato estava na prefeitura eu sentia que poderia realmente viver feliz! Consegui um emprego com um bom salário e não me preocupava com quem deixar as crianças, porque havia vagas na creche pertinho de casa. Quando eu penso nele, meu único sentimento é de gratidão!’.”

Nesse trecho, o depoimento dado por um eleitor do candidato é marcado por verbos e pronomes em primeira pessoa. Além disso, há forte adjetivação que reflete o sentimento do entrevistado, o que configura, portanto, a função emotiva.

Texto de desenvolvimento final:

“E não é somente o senhor José quem sabe disso! As últimas pesquisas de intenção de voto revelam: o candidato X subiu mais de dez pontos percentuais em relação ao começo da campanha. Os outros candidatos, entretanto, caíram mais de vinte por cento nas últimas semanas.”

Para ratificar o depoimento dado no parágrafo anterior, a campanha apresenta dados objetivos a respeito do desempenho do candidato na corrida eleitoral. Os números e a linguagem objetiva são usados para gerar confiabilidade na apresentação da mensagem, o que configura emprego da função referencial.

Texto conclusivo:

“É a vitória do candidato X e do povo cada vez mais perto!

Vote 90 e volte a sonhar com uma cidade melhor!”

O aspecto apelativo da mensagem volta a se tornar evidente pelos verbos no modo imperativo, pela segunda pessoa e pela tentativa de sedução do interlocutor.

Feita essa análise, podemos concluir que a mensagem apresenta as três funções divididas em partes distintas do texto. Porém, é fundamental perceber que uma delas se destaca em relação às outras: a finalidade principal da campanha é convencer o leitor a votar no candidato X, resultando na função apelativa. Nesse sentido, é fácil perceber que o depoimento com função emotiva e os dados da pesquisa com função referencial foram usados apenas para melhorar o aspecto de persuasão. Isso não ocorre somente nessa campanha: em qualquer texto, as funções usadas sofrerão um processo de subordinação, pois uma delas será a principal e as demais, secundárias. Em casos como esse, o mais importante é interpretar o gênero textual para definir qual é a função principal.

Veja, a seguir, mais um exemplo das funções usadas simultaneamente:



Esse texto é uma campanha publicitária alertando as pessoas sobre a importância de mudar os hábitos e preservar o meio ambiente. Para isso, é utilizada a imagem de uma ampulheta (usada para medir o tempo), com uma árvore tornando-se pó, simulando que as florestas estão sendo destruídas. Ao utilizar esse recurso da imagem, a campanha procura sensibilizar as pessoas para sua causa. Sendo assim, é adequado dizer que a peça publicitária fez uso da função poética.

Entretanto, considerando o gênero propaganda, bem como o verbo no modo imperativo “não deixe”, conclui-se que o texto também apresenta linguagem apelativa e, naturalmente, se trata da principal função do texto publicitário. Assim, a função poética foi usada de modo subordinado à apelativa, apenas para melhorar o aspecto de convencimento do interlocutor.

! Atenção

Para determinar qual é a função predominante em um texto que apresente mais de uma delas, sempre avalie a qual gênero pertence esse texto e o contexto em que ele foi veiculado. Uma das funções sempre será a principal meta do emissor e as demais auxiliarão no objetivo pretendido pelo autor.

Revisando


 Texto para as questões 1 e 2.

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

CAEIRO, Alberto. O guardador de rebanhos. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/pe001600.pdf. Acesso em: 21 ago. 2021.

1. Qual é a função de linguagem predominante no poema?

2. Identifique estruturas textuais que justifiquem sua escolha.

 Leia, a seguir, um trecho do “Sermão da Sexagésima”, de Padre Antônio Vieira, para responder às questões 3 e 4.

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

VIEIRA, Padre Antônio. “Sermão da Sexagésima”. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000034.pdf. Acesso em: 15 jul. 2021.

- Nesse fragmento, é possível identificar duas funções de linguagem distintas. Quais são elas?
- Considerando tratar-se do gênero sermão, qual é a função principal do texto? Justifique sua resposta.
- Leia, a seguir, uma anedota que transmite uma reflexão cômica ao leitor:

Um paciente chega no consultório médico aparentando ser saudável. Ele até sorri para os outros que aguardam atendimento, mesmo sentindo alguma dor, enquanto espera ansioso sua vez de ser chamado para a sala do médico.

Assim que é convocado para entrar no consultório, ele se levanta rapidamente e se dirige ao doutor de modo gentil:

— Boa tarde, doutor! Tudo bem com o senhor?

Em seguida, o médico responde:

— Tudo ótimo. E o senhor, está bem?

Animado, o paciente diz na sequência:

— Estou bem, doutor. Obrigado pela pergunta.

O médico responde, para a surpresa do paciente, com tom de deboche:

— Se está bem, então pode ir embora!

O efeito cômico da anedota é gerado porque o médico ignora o valor fático do diálogo. Você concorda com essa afirmação? Explique.



Texto para as questões de **6 a 8**.

Invejo o ourives quando escrevo:

Imito o amor

Com que ele, em ouro, o alto relevo

Faz de uma flor.

Imito-o. E, pois, nem de Carrara

A pedra firo:

O alvo cristal, a pedra rara,

O ônix prefiro.

Por isso, corre, por servir-me,

Sobre o papel

A pena, como em prata firme

Corre o cinzel.

Corre; desenha, enfeita a imagem,

A ideia veste:

Cinge-lhe ao corpo a ampla roupagem

Azul-celeste.

Torce, aprimora, alteia, lima

A frase; e, enfim,

No verso de ouro engasta a rima,

Como um rubim.

Quero que a estrofe cristalina,

Dobrada ao jeito

De ourives, saia da oficina

Sem um defeito:

[...]

Assim procedo. Minha pena

Segue esta norma,

Por te servir, Deusa serena,

Serena Forma!

BILAC, Olavo. Profissão de fé. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000179.pdf. Acesso em: 21 ago. 2021.

- É possível identificar o emprego da função metalinguística no poema. Explique como ela é construída.
- Considerando o emprego das rimas e a composição estética do poema, é possível afirmar que o autor fez uso da função poética da linguagem. Você concorda com essa afirmação? Justifique.
- Há elementos de função emotiva no poema? Justifique sua resposta.



Textos para as questões **9 e 10**.

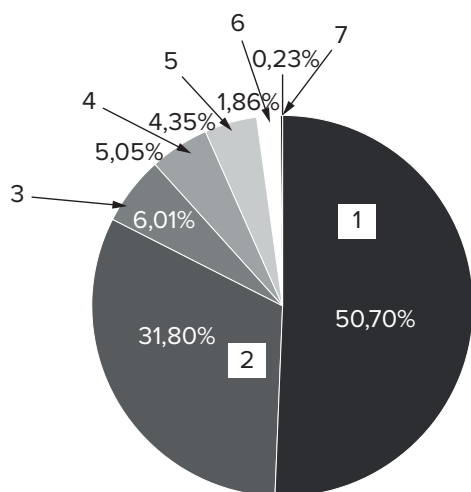
Texto I

Art. 3º – Serão asseguradas às mulheres as condições para o exercício efetivo dos direitos à vida, à segurança, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, à moradia, ao acesso à justiça, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

BRASIL. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: <https://goo.gl/bZiD4Q>. Acesso em: 12 mar. 2018.

Texto II

Relatos de violência



Total de relatos: 140.350

- 1 - Violência Física
- 2 - Violência Psicológica
- 3 - Violência Moral
- 4 - Violência Sexual
- 5 - Cárcere Privado
- 6 - Violência Patrimonial
- 7 - Tráfico de Pessoas

BRASIL. Secretaria Nacional de Políticas para as Mulheres. *Balancô anual 2016*. Disponível em: <https://goo.gl/W59kFm>. Acesso em: 12 abr. 2018.

- UFU-MG 2018** Indique a função da linguagem predominante no texto I e justifique sua resposta.
- UFU 2018-MG** Considerando-se o total de 140 350 relatos de violência à Central de Atendimento à Mulher, escreva um parágrafo com, no máximo 10 linhas, a partir do texto II, cuja função da linguagem predominante seja a referencial.

Exercícios propostos

1. **Enem 2020** Vou-me embora p'ra Pasárgada foi o poema de mais longa gestação em toda a minha obra. Vi pela primeira vez esse nome Pasárgada quando tinha os meus dezesseis anos e foi num autor grego. [...] Esse nome de Pasárgada, que significa “campo dos persas” ou “tesouro dos persas”, suscitou na minha imaginação uma paisagem fabulosa, um país de delícias, como o de *L'invitation au Voyage*, de Baudelaire. Mais de vinte anos depois, quando eu morava só na minha casa da Rua do Curvelo, num momento de fundo desânimo, da mais aguda sensação de tudo o que eu não tinha feito em minha vida por motivo da doença, saltou-me de súbito do subconsciente este grito estapafúrdio: “Vou-me embora p'ra Pasárgada!” Senti na redondilha a primeira célula de um poema, e tentei realizá-lo, mas fracassei. Alguns anos depois, em idênticas circunstâncias de desalento e tédio, me ocorreu o mesmo desabafo de evasão da “vida besta”. Desta vez o poema saiu sem esforço como se já estivesse pronto dentro de mim. Gosto desse poema porque vejo nele, em escorço, toda a minha vida; [...] Não sou arquiteto, como meu pai desejava, não fiz nenhuma casa, mas reconstruí e “não de uma forma imperfeita neste mundo de aparências”, uma cidade ilustre, que hoje não é mais a Pasárgada de Ciro, e sim a “minha” Pasárgada.

BANDEIRA, M. *Itinerário de Pasárgada*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.

Os processos de interação comunicativa preveem a presença ativa de múltiplos elementos da comunicação, entre os quais se destacam as funções da linguagem. Nesse fragmento, a função da linguagem predominante é a

- a) emotiva, porque o poeta expõe os sentimentos de angústia que o levaram à criação poética.
 - b) referencial, porque o texto informa sobre a origem do nome empregado em um famoso poema de Bandeira.
 - c) metalinguística, porque o poeta tece comentários sobre a gênese e o processo de escrita de um de seus poemas.
 - d) poética, porque o texto aborda os elementos estéticos de um dos poemas mais conhecidos de Bandeira.
 - e) apelativa, porque o poeta tenta convencer os leitores sobre sua dificuldade de compor um poema.
2. **Mackenzie-SP 2017** Ciência é uma das formas de busca de conhecimento desenvolvida pelo homem moderno. Sob seu escopo inserem-se as mais diferentes realidades físicas, sociais e psíquicas, entre outras. A linguagem, manifestação presente em todos os momentos de nossas vidas e em todas as nossas atividades, podendo até ser tomada como definidora da própria natureza humana, passou a ser tratada sob a perspectiva dessa forma de conhecimento, ou seja, passou a ser objeto de investigação científica, a partir do início do século XX.

Por ter um papel central na vida dos seres humanos, a linguagem tem como sua característica primordial ser multifacetada. Tal característica exige que, ao submeter-se ao tratamento científico, essa realidade multifacetada sofra cortes e abstrações, tendo como consequência o fato de que ela só pode ser entendida a partir de diferentes perspectivas, gerando uma pluralidade de teorias que buscam compreendê-la e explicá-la.

Esmeralda Vailati Negrão, “A cartografia sintática”, em *Novos caminhos da linguística*.

Assinale a alternativa correta.

- a) O texto encontra na exploração das possibilidades estéticas de uso da linguagem sua principal característica.
- b) Marcas de interação com o leitor evidenciam que a função fática é a predominante no texto.
- c) A presença de índices de subjetividade, como o uso destacado da 1ª pessoa, indica que a função expressiva está em destaque no texto.
- d) A linguagem objetiva e direta é uma das características que possibilitam definir a função referencial como a predominante no texto.
- e) Como o texto trata de características da própria linguagem humana, pode-se afirmar que a função conativa é a predominante, dando prioridade a dados concretos e fatos.

3. Enem 2017

Texto I

Fundamentam-se as regras da Gramática Normativa nas obras dos grandes escritores, em cuja linguagem as classes ilustradas põem o seu ideal de perfeição porque nela é que se espelha o que o uso idiomático estabilizou e consagrou.

LIMA, C. H. R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

Texto II

Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de palavravar. As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas. Talvez porque a sensualidade real não tem para mim interesse de nenhuma espécie – nem sequer mental ou de sonho –, transmutou-se-me o desejo para aquilo que em mim cria ritmos verbais, ou os escuta de outros. Estremeço se dizem bem. Tal página de Fialho, tal página de Chateaubriand, fazem formigar toda a minha vida em todas as veias, fazem-me raivar tremulamente quieto de um prazer inatingível que estou tendo. Tal página, até, de Vieira, na sua fria perfeição de engenharia sintática, me faz tremer como um ramo ao vento, num delírio passivo de coisa movida.

PESSOA, F. *O livro do desassossego*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

A linguagem cumpre diferentes funções no processo de comunicação. A função que predomina nos textos I e II

- a) destaca o “como” se elabora a mensagem, considerando-se a seleção, combinação a sonoridade do texto.
- b) coloca o foco no “com o que” se constrói a mensagem, sendo o código utilizado o seu próprio objeto.
- c) focaliza o “quem” produz a mensagem, mostrando seu posicionamento e suas impressões pessoais.
- d) orienta-se no “para quem” se dirige a mensagem, estimulando a mudança de seu comportamento.
- e) enfatiza sobre “o quê” versa a mensagem, apresentada com palavras precisas e objetivas.

4. Enem PPL 2021

Anatomia

Qual a matéria do poema?

A fúria do tempo com suas unhas e algemas?

Qual a semente do poema?

A fornalha da alma com os seus divinos dilemas?

Qual a paisagem do poema?

A selva da língua com suas feras e fonemas?

Qual o destino do poema?

O poço da página com suas pedras e gemas?

Qual o sentido do poema?

O sol da semântica com suas sombras pequenas?

Qual a pátria do poema?

O caos da vida e a vida apenas?

CAETANO, A. Disponível em: www.antonimiranda.com.br. Acesso em: 27 set. 2013 (fragmento).

Além da função poética, predomina no poema a função metalinguística, evidenciada

- a) pelo uso de repetidas perguntas retóricas.
- b) pelas dúvidas que inquietam o eu lírico.
- c) pelos usos que se fazem das figuras de linguagem.
- d) pelo fato de o poema falar de si mesmo como linguagem.
- e) pela prevalência do sentido poético como inquietação existencial.

5. Enem 2015

14 coisas que você não deve jogar na privada

Nem no ralo. Elas poluem rios, lagos e mares, o que contamina o ambiente e os animais. Também deixa mais difícil obter a água que nós mesmos usaremos. Alguns produtos podem causar entupimentos:

- cotonete e fio dental;
- medicamento e preservativo;
- óleo de cozinha;
- ponta de cigarro;
- poeira de varrição de casa;
- fio de cabelo e pelo de animais;
- tinta que não seja à base de água;
- querosene, gasolina, solvente, tiner.

Jogue esses produtos no lixo comum. Alguns deles, como óleo de cozinha, medicamento e tinta, podem ser levados a pontos de coleta especiais, que darão a destinação final adequada.

MORGADO, M.; EMASA. Manual de etiqueta. *Planeta Sustentável*, jul.-ago. 2013 (adaptado).

O texto tem objetivo educativo. Nesse sentido, além do foco no interlocutor, que caracteriza a função conativa da linguagem, predomina também nele a função referencial, que busca

- a) despertar no leitor sentimentos de amor pela natureza, induzindo-o a ter atitudes responsáveis que beneficiarão a sustentabilidade do planeta.
- b) informar o leitor sobre as consequências da destinação inadequada do lixo, orientando-o sobre como fazer o correto descarte de alguns dejetos.
- c) transmitir uma mensagem de caráter subjetivo, mostrando exemplos de atitudes sustentáveis do autor do texto em relação ao planeta.
- d) estabelecer uma comunicação com o leitor, procurando certificar-se de que a mensagem sobre ações de sustentabilidade está sendo compreendida.
- e) explorar o uso da linguagem, conceituando detalhadamente os termos utilizados de forma a proporcionar melhor compreensão do texto.

6. Enem 2014

O exercício da crônica

Escrever prosa é uma arte ingrata. Eu digo prosa fiada, como faz um cronista; não a prosa de um ficcionista, na qual este é levado meio a tapas pelas personagens e situações que, azar dele, criou porque quis. Com um prosador do cotidiano, a coisa fia mais fino. Senta-se ele diante de sua máquina, olha através da janela e busca fundo em sua imaginação um fato qualquer, de preferência colhido no noticiário matutino, ou da véspera, em que, com as suas artimanhas peculiares, possa injetar um sangue novo. Se nada houver, resta-lhe o recurso de olhar em torno e esperar que, através de um processo associativo, surja-lhe de repente a crônica, provinda dos fatos e feitos de sua vida emocionalmente despertados pela concentração. Ou então, em última instância, recorrer ao assunto da falta de assunto, já bastante gasto, mas do qual, no ato de escrever, pode surgir o inesperado.

MORAES, V. *Para viver um grande amor: crônicas e poemas*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

Predomina nesse texto a função da linguagem que se constitui

- a) nas diferenças entre o cronista e o ficcionista.
- b) nos elementos que servem de inspiração ao cronista.
- c) nos assuntos que podem ser tratados em uma crônica.
- d) no papel da vida do cronista no processo de escrita da crônica.
- e) nas dificuldades de se escrever uma crônica por meio de uma crônica.

7. Enem 2013

Quadrinho quadrado



XAVIER, C. Disponível em: www.releituras.com. Acesso em: 24 abr. 2010.

Os objetivos que motivam os seres humanos a estabelecer comunicação determinam, em uma situação de interlocução, o predomínio de uma ou de outra função de linguagem. Nesse texto, predomina a função que se caracteriza por

- tentar persuadir o leitor acerca da necessidade de se tomarem certas medidas para a elaboração de um livro.
- ênfaticamente a percepção subjetiva do autor, que projeta para sua obra seus sonhos e histórias.
- apontar para o estabelecimento de interlocução de modo superficial e automático, entre o leitor e o livro.
- fazer um exercício de reflexão a respeito dos princípios que estruturam a forma e o conteúdo de um livro.
- retratar as etapas do processo de produção de um livro, as quais antecedem o contato entre leitor e obra.

8. Enem 2021

Estojo escolar

Rio de Janeiro – Noite dessas, ciscando num desses canais a cabo, vi uns caras oferecendo maravilhas eletrônicas, bastava telefonar e eu receberia um notebook capaz de me ajudar a fabricar um navio, uma estação espacial.

[...] Como pretendo viajar esses dias, habilitei-me a comprar aquilo que os caras anunciavam como o top do top em matéria de computador portátil.

No sábado, recebi um embrulho complicado que necessitava de um manual de instruções para ser aberto.

[...] De repente, como vem acontecendo nos últimos tempos, houve um corte na memória e vi diante de mim o meu primeiro estojo escolar. Tinha 5 anos e ia para o jardim de infância.

Era uma caixinha comprida, envernizada, com uma tampa que corria nas bordas do corpo principal. Dentro, arrumados em divisões, havia lápis coloridos, um apontador, uma lapiseira cromada, uma régua de 20 cm e uma borracha para apagar meus erros.

[...] Da caixinha vinha um cheiro gostoso, cheiro que nunca esqueci e que me tonteava de prazer. [...]

O notebook que agora abro é negro e, em matéria de cheiro, é abominável. Cheira vilmente a telefone celular, a cabine de avião, a aparelho de ultrassonografia onde outro dia uma moça veio ver como sou por dentro. Acho que piorei de estojo e de vida.

CONY C. H. *Crônicas para ler na escola*. São Paulo: Objetiva, 2009 (adaptado).

No texto, há marcas da função da linguagem que nele predomina. Essas marcas são responsáveis por colocar em foco o(a)

- mensagem, elevando-a à categoria de objeto estético do mundo das artes.
- código, transformando a linguagem utilizada no texto na própria temática abordada.
- contexto, fazendo das informações presentes no texto seu aspecto essencial.
- enunciador, buscando expressar sua atitude em relação ao conteúdo do enunciado.
- interlocutor, considerando-o responsável pelo direcionamento dado à narrativa pelo enunciador.

9. IFSP 2017 (Adapt.) Sobre funções da linguagem, associe os itens de 1 a 4 às quatro imagens a seguir e, posteriormente, assinale a alternativa que apresenta a sequência correta.

1. Metalinguagem. 2. Função Referencial. 3. Função Conativa. 4. Função Expressiva.



- a) 2/ 1/ 3/ 4
 b) 4/ 1/ 3/ 2
 c) 3/ 1/ 4/ 2
 d) 3/ 2/ 4/ 1
 e) 2/ 4/ 1/ 3

10. Enem 2016

Poema tirado de uma notícia de jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número.

Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro

Bebeu

Cantou

Dançou

Depois se atirou na lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado.

BANDEIRA, M. *Estrela da vida inteira: poesias reunidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

No poema de Manuel Bandeira, há uma ressignificação de elementos da função referencial da linguagem pela

- atribuição de título ao texto com base em uma notícia veiculada em jornal.
- utilização de frases curtas, características de textos do gênero jornalístico.
- indicação de nomes de lugares como garantia da veracidade da cena narrada.
- enumeração de ações, com foco nos eventos acontecidos à personagem do texto.
- apresentação de elementos próprios da notícia, tais como *quem, onde, quando* e *o quê*.

11. UPE 2022 (Adapt.)

Texto 1

CXXXVI inutilidade

Mas, ou muito me engano, ou acabo de escrever um capítulo inútil.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1997. Excertos. p. 158.

Texto 2

CXXXVII a um crítico

Meu caro crítico, Algumas páginas atrás dizendo eu que tinha cinquenta anos, acrescente: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias”. Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece. Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! é preciso explicar tudo.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Ática, 1997. Excertos. p. 160

Texto 3



Disponível em: <https://tirasdidaticas.wordpress.com/2015/03/30/odeio-machado-de-assis/> Acesso em: 16 jul. 2021

Com base na leitura dos **Textos 1, 2 e 3**, e considerando as características da prosa de **Machado de Assis**, assinale a alternativa **CORRETA**.

- Machado de Assis desenvolveu um estilo único na construção de sua prosa neorrealista e utiliza a estratégia de diálogo entre o autor empírico e o leitor real para construir a narração na obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, como se nota no **Texto 2**.
- O **Texto 1** apresenta a irreverência neorrealista do narrador onisciente na obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas” ao apontar a escrita de um “capítulo inútil” para o desenvolvimento da narração construída por Brás Cubas.
- A metalinguagem é um recurso estilístico importante na organização da obra “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, como se nota nos **Textos 1 e 2**, nos quais o narrador personagem reflete sobre o próprio estilo de linguagem.
- No **Texto 3**, é evidente a crítica ao estilo de linguagem de Machado de Assis, rotulado como complexo, chato e inacessível. O **Texto 2** reforça essa complexidade do estilo machadiano, quando o narrador onisciente comenta: “Valha-me Deus! é preciso explicar tudo”.
- Em “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, percebe-se a importância do leitor na construção da narração, o qual assume a função de crítico literário e interfere diretamente nos fatos narrados pelo narrador onisciente, como se nota no **Texto 2**.

12. **Unicamp-SP 2022** O texto a seguir faz parte de um glossário publicado nas redes sociais do Alto-comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR).

Refugiado

Pessoas refugiadas são aquelas que estão fora de seu país de origem por medo de perseguição relacionada a questões de raça, religião, nacionalidade, opinião política ou pertencimento a determinado grupo social, como também à grave violação de direitos humanos e violência generalizada (conceito este aplicado pela Declaração de Cartagena de 1984).

Migrante

Refere-se à pessoa que se desloca dentro de seu próprio país, mas também pode ser usada para falar dos deslocamentos internacionais, sobre quem busca melhores condições de vida, motivada por fatores econômicos ou educacionais, podendo retornar com segurança ao seu país de origem, caso assim desejem.



(Fonte: Perfil de Instagram do ACNUR Brasil: Disponível em: <https://www.instagram.com/acnurbrasil>. Acessado em 26/06/2021.)

Sobre os verbetes do glossário do ACNUR, é correto dizer que

- contextualizam os usos dos dois termos pela agência.
 - ênfaticam a sinonímia dos termos no uso pela agência.
 - evidenciam uma antonímia dos significados dos termos.
 - informam as acepções figuradas de cada um dos termos.
13. **IFCE 2016** Leia os textos a seguir e indique a alternativa que contém, respectivamente, a classificação correta quanto à função da linguagem neles predominante.

Texto I

Entendo que poesia é negócio de grande responsabilidade, e não considero honesto rotular-se de poeta quem apenas verseje por dor de cotovelo, falta de dinheiro ou momentânea tomada de contato com as forças líricas do mundo, sem se entregar aos trabalhos cotidianos e secretos da técnica, da leitura, da contemplação e mesmo da ação. Até os poetas se armam, um poeta desarmado é, mesmo, um ser à mercê de inspirações fáceis, dócil às modas e compromissos.

(Carlos Drummond de Andrade)

Texto II

Quando criança, e depois adolescente, fui precoce em muitas coisas. Em sentir um ambiente, por exemplo, em apreender a atmosfera íntima de uma pessoa. Por outro lado, longe de precoce, estava em incrível atraso em relação a outras coisas importantes. Continuo, aliás, atrasada em muitos terrenos. Nada posso fazer: parece que há em mim um lado infantil que não cresce jamais.

(Clarice Lispector)

Texto III

Era um homem bem vestido

Foi beber no botequim

Bebeu muito, bebeu tanto

Que

saiu

de

lá

assim.

Millôr Fernandes. *Trinta anos de mim mesmo*, Nórdica.

- Referencial – apelativa – poética.
- Fática – poética – apelativa.
- Metalinguística – emotiva – poética.
- Poética – metalinguística – emotiva.
- Metalinguística – referencial – emotiva.

14. **UPE 2022 (Adapt.)**

Leia os textos 1 e 2 para responder à questão.

Texto 1

O povo, Doroteu, é como as moscas,
Que correm ao lugar, aonde sentem
O derramado mel; é semelhante
Aos corvos, e aos abutres, que se juntam
Nos ermos, onde fede a carne podre.
À vista pois dos fatos que executa
O nosso grande Chefe, decisivos
Da piedade, que finge, a louca gente
De toda a parte corre a ver, se encontra
Algum pequeno alívio à sombra dele.

GONZAGA, Tomás Antônio. *Cartas Chilenas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 53.

Texto 2



Cartas Chilenas em quadrinhos, de Newton Foot. Disponível em: <https://newtonfoot.com.br/cartas-chilenas/> Acesso em: 10 jul. 2021.

Com base na leitura dos **Textos 1 e 2**, e tendo em vista as características da obra “*Cartas Chilenas*”, de Tomás Antônio Gonzaga, bem como a importância das **funções da linguagem** na análise de textos literários e não literários, assinale a alternativa **CORRETA**.

- a) A poesia satírica foi utilizada no Arcadismo para representar a crítica social ao povo brasileiro, como se pode notar na obra “*Cartas Chilenas*”, composta por sonetos, com metrificação igual à da epopeia camoniana.
- b) O **Texto 1** retoma o narrador Doroteu da obra “*Cartas Chilenas*” e destaca a função metalinguística da linguagem na construção da sátira social.
- c) O **Texto 1** apresenta Doroteu, destinatário das cartas escritas por Critilo, personagens importantes na organização da obra “*Cartas Chilenas*”, a qual se destaca no Arcadismo brasileiro pelo tom satírico de crítica social.
- d) Ao explorar a sátira e o tom humorístico, a obra “*Cartas Chilenas*” inaugura a poesia satírica no Brasil, priorizando temas, como: bucolismo, abusos de poder, corrupção, cobrança de altos impostos, como se nota nos **Textos 1 e 2**.
- e) Com destaque para o seu valor histórico e documental, o **Texto 1** prioriza a função referencial da linguagem, quando mostra a comparação entre o “povo” e as “moscas”, evidenciando relação harmônica entre o povo e o governo.

15. UMC-SP 2022 Leia o fragmento de Dom Casmurro escrito por Machado de Assis.

A imaginação foi a companheira de toda a minha existência, viva, rápida, inquieta, alguma vez tímida e amiga de empacar, as mais delas capaz de engolir campanhas e campanhas, correndo. Creio haver lido em Tácito que as éguas iberas concebiam pelo vento; se não foi nele, foi noutro autor antigo, que entendeu guardar essa crendice nos seus livros. Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua iberá; a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo a cavalo de Alexandre; mas deixemos de metáforas atrevidas e impróprias dos meus quinze anos.

Nesse trecho do romance há um comentário metalinguístico, isto é, um comentário que utiliza o código para falar dele próprio. Assinale a passagem que pode ser considerada como metalinguística.

- a) A imaginação foi a companheira de toda a minha existência.
- b) Creio haver lido em Tácito que as éguas iberas concebiam pelo vento.
- c) Neste particular, a minha imaginação era uma grande égua iberá.
- d) [...] a menor brisa lhe dava um potro, que saía logo a cavalo de Alexandre.
- e) [...] mas deixemos de metáforas atrevidas e impróprias dos meus quinze anos.

16. Enem PPL 2015

Anfíbio com formato de cobra é descoberto no Rio Madeira (RO)

Animal raro foi encontrado por biólogos em canteiro de obras de usina. Exemplares estão no Museu Emilio Goeldi, no Pará

O trabalho de um grupo de biólogos no canteiro de obras da Usina Hidrelétrica Santo Antônio, no Rio Madeira, em Porto Velho, resultou na descoberta de um anfíbio de formato parecido com uma cobra. *Atretochoana eiselti* é o nome científico do animal raro descoberto em Rondônia. Até então, só havia registro do anfíbio no Museu de História Natural de Viena e na Universidade de Brasília. Nenhum deles tem a descrição exata de localidade, apenas “América do Sul”. A descoberta ocorreu em dezembro do ano passado, mas apenas agora foi divulgada.

XIMENES, M. Disponível em: <http://g1.globo.com>. Acesso em: 1º ago. 2012.

A notícia é um gênero textual em que predomina a função referencial da linguagem. No texto, essa predominância evidencia-se pelo(a)

- a) recorrência de verbos no presente para convencer o leitor.
- b) uso da impessoalidade para assegurar a objetividade da informação.
- c) questionamento do código linguístico na construção da notícia.
- d) utilização de expressões úteis que mantêm aberto o canal de comunicação com o leitor.
- e) emprego dos sinais de pontuação para expressar as emoções do autor.

Texto complementar

Em uma empresa de mídia tudo é responsabilidade social

Importante lembrar que uma empresa de mídia, guardadas as diferentes possibilidades, reúne organizações de geração/produção, comercialização e transmissão de conteúdos de natureza jornalística e de entretenimento. A paisagem midiática brasileira apresenta uma configuração bastante singular, com a presença de grupos de mídia verticalizados com empresas produzindo conteúdos que serão veiculados na TV aberta e fechada, emissoras de rádio, jornais impressos, revistas, plataformas digitais, mídias exteriores e outros, em um exercício de articulação e transbordamento midiáticos, além das empresas autônomas não integradas em grupos e que compõem a cena como produtoras de natureza diversa, retransmissoras, empresas de infraestrutura, empresas de dados, agências etc.

[...]

Detentoras desta capacidade (construída e/ou recebida em concessão) de levar mensagens às pessoas, as empresas de mídia expressam a importante função de mediadoras de informações, acontecimentos, relatos, refletindo a realidade na medida em que desempenham uma ação espectral, mas simultaneamente sua função é também simbólica, uma vez que representam essa mesma realidade a partir das escolhas empreendidas e dos modos de representá-la. Assim, a realidade e o simbólico se encapsulam. [...]

Nos processos comunicacionais engendrados nas e pelas mídias, cada um dos atores é simultaneamente também espectador, na medida em que a visibilidade do desempenho dos papéis é inseparável do espetáculo que os atores oferecem de si, mais evidente ainda nos meios audiovisuais. As mídias ocupando um papel emblemático, de produção e reprodução do simbólico no contexto social, além de sua característica expressiva da realidade e do favorecimento imaginativo principalmente nas ficções, são assim organizações “semiotecnológicas” que integram as dinâmicas sociais, políticas, econômicas e culturais, por meio de seus valores mais profundos expressos na seleção e edição das mensagens, suas práticas internas, suas decisões que determinam o que deve se tornar público e visível ou não.

[...]

A pergunta-mantra que todo executivo de mídia deve se fazer obsessivamente é: o que eu estou fazendo está pautado na responsabilidade que tenho com a sociedade? E se quiser refinar suas reflexões, seguem-se outras: esta ação é a melhor ação visando ao bem-estar social prioritariamente? Os efeitos de sentido que tenho produzido a partir das minhas decisões são afetivamente os melhores para o País e para os brasileiros?

[...]

Na empresa de mídia tudo é responsabilidade social e é só com essa clareza de propósitos que essas empresas cumprirão com sua missão primordial de ser espelho da realidade, representá-la, portanto, assumir sua função simbólica, mas também de proporcionar a imersão sensível tão necessária como estímulo à nossa capacidade criativa e à nossa estabilidade emocional.

PEREZ, Clotilde. *Em uma empresa de mídia tudo é responsabilidade social*.

Disponível em: <https://jornal.usp.br/artigos/em-uma-empresa-de-midia-tudo-e-responsabilidade-social/>. Acesso em: 8 jun. 2022.

Resumindo

Elementos da comunicação:

Emissor: aquele que produz a mensagem.

Receptor: aquele a quem a mensagem é dirigida.

Mensagem: o enunciado transmitido do emissor para o receptor.

Referente: o assunto que será transmitido pela mensagem.

Código: ferramenta linguística usada para compor a mensagem.

Canal: o meio e o contexto pelo qual a mensagem será transmitida.

Funções da linguagem:

Apelativa (ou conativa): focada no receptor; sua finalidade é persuadir o interlocutor.

Referencial (ou informativa): focada no referente; sua finalidade é apresentar a mensagem de modo objetivo.

Emotiva (ou expressiva): focada no emissor; sua finalidade é apresentar uma opinião, sentimento ou pensamento do próprio enunciador.

Poética: focada na mensagem; sua finalidade é estruturar o enunciado de modo inovador, criativo, inusitado.

Metalinguística: focada no código; sua finalidade é conceituar, definir ou explicar o código usado na construção da mensagem.

Fática: focada no canal; sua finalidade é abrir, manter aberto e encerrar o canal em que a comunicação é feita.

Quer saber mais?



Livro

***Todos os homens do presidente*, de Bob Woodward e Carl Bernstein. São Paulo: Três Estrelas, 2014.**

O livro apresenta uma reconstituição do trabalho jornalístico investigativo que levou à renúncia do presidente Richard Nixon em 1974, nos EUA. Trata-se de um livro interessante a respeito do debate sobre a importância do trabalho informativo da mídia.



Documentário

***O dilema das redes*. Direção: Jeff Orlowski, 2020.**

Esse documentário analisa a manipulação de dados e comportamentos dos usuários de redes sociais. Os depoimentos colhidos para compor o filme se mesclam a cenas narrativas em uma história fictícia, contada para facilitar a interpretação do tema.

Exercícios complementares

1. Enem PPL 2015

Perder a tramontana

A expressão ideal para falar de desorientados e outras palavras de perder a cabeça

É perder o norte, desorientar-se. Ao pé da letra, “perder a tramontana” significa deixar de ver a estrela polar, em italiano *stella tramontana*, situada do outro lado dos montes, que guiava os marinheiros antigos em suas viagens desbravadoras.

Deixar de ver a tramontana era sinônimo de desorientação. Sim, porque, para eles, valia mais o céu estrelado que a terra. O Sul era região desconhecida, imprevisível; já o Norte tinha como referência no firmamento um ponto luminoso conhecido como a estrela Polar, uma espécie de farol para os navegantes do Mediterrâneo, sobretudo os genoveses e os venezianos. Na linguagem deles, ela ficava trasmontes, para além dos montes, os Alpes. Perdê-la de vista era perder a tramontana, perder o Norte.

No mundo de hoje, sujeito a tantas pressões, muita gente não resiste a elas e entra em parafuso. Além de perder as estribeiras, perde a tramontana...

COTRIM, M. *Língua Portuguesa*, n. 15, jan. 2007.

Nesse texto, o autor remonta às origens da expressão “perder a tramontana”. Ao tratar do significado dessa expressão, utilizando a função referencial da linguagem, o autor busca

- a) apresentar seus indícios subjetivos.
- b) convencer o leitor a utilizá-la.
- c) expor dados reais de seu emprego.
- d) explorar sua dimensão estética.
- e) criticar sua origem conceitual.

2. IFSP 2014

A jabuticaba só nasce mesmo no Brasil?

Em seu discurso de agradecimento pelo prêmio de Economista do ano em 2003, Pécio Arida, um dos idealizadores do Plano Real, utilizou um argumento inusitado para justificar a taxa de juros de equilíbrio de 8% ao ano no Brasil. “Certas coisas são iguais à jabuticaba, só ocorrem no Brasil”, explicou ele na época. Rapidamente, jornalistas e intelectuais passaram a citar a frase como parte da chamada “Teoria da Jabuticaba”, com o objetivo de explicar em seus textos o porquê de alguns fenômenos só acontecerem no Brasil.

Se nas Ciências Humanas a tal teoria parece fazer sucesso, do ponto de vista biológico ela está equivocada. Quem garante isso é o pesquisador da APT (Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios) Eduardo Suguino que tratou de derrubar alguns mitos sobre a ocorrência do famoso fruto. “A jabuticaba pode até ser nativa do Brasil, mas não ocorre só aqui”, explicou. “Ela já apareceu em países como Argentina e México em sua forma natural”.

Ainda de acordo com Suguino, a jabuticabeira pode ser cultivada em qualquer canto do planeta. Como se trata de uma planta propagada por semente, são necessárias apenas três condições para que ela se desenvolva: água, oxigênio e calor. Mesmo assim, ele faz questão de ponderar sobre a suposta universalidade do tradicional vegetal. “Apesar de possuir essa capacidade de ser cultivada em qualquer lugar, a jabuticabeira pode ser prejudicada por alguns fatores ambientais”, afirma. Depois, o pesquisador ainda forneceu exemplos de casos em que o vegetal pode sofrer danos. “Se levar um exemplar para a Europa durante o inverno, ele dificilmente sobreviverá fora de um vaso ou de ambiente protegido”.

(Disponível em <http://www.blogdoscuriosos.com.br>. Acesso em 19.10.2013. Adaptado)

De acordo com o texto, pode-se afirmar que a função da linguagem utilizada predominantemente pelo autor é

- a) a emotiva, pois está centrada em depoimentos subjetivos de pesquisadores que desejam demonstrar seus sentimentos em relação às jabuticabeiras.
- b) a apelativa, já que seu objetivo é o de convencer o leitor a plantar uma jabuticabeira, porque é necessário água, oxigênio e calor para que se desenvolva.
- c) a referencial, pois faz uso da impessoalidade, marcada pelos verbos na terceira pessoa tais como “utilizou”, “explicou” e “passaram”.
- d) a metalinguística, já que se trata de um texto de caráter científico cujo principal assunto é a ciência do plantio de jabuticaba por toda parte.
- e) a poética, uma vez que a ênfase está na construção da mensagem a partir da sonoridade e do ritmo explorados nas palavras “jabuticabas” e “jabuticabeiras”.

3. Ifal 2014

A vingança do Cebolinha

ROGÉRIO GENTILE

SÃO PAULO – O Brasil é pródigo em aprovar leis absurdas, inúteis ou simplesmente idiotas. Já houve cidade que aprovou a criação de um aeroporto para extraterrestre, município que vetou o uso de camisinha porque estava perdendo repasse federal com a queda da população e até mesmo prefeito que decidiu proibir o cidadão de morrer por falta de vaga em cemitério. Nem mesmo o acadêmico Fernando Henrique Cardoso escapou de colocar sua assinatura em grandes bobagens.

Em 1998, o então presidente sancionou uma lei estabelecendo punições para crimes ambientais. O texto determinou, por exemplo, detenção de até um ano para quem utilizar motosserra em florestas sem a devida autorização legal. Até aí, tudo bem. O problema é que a norma instituiu pena mais dura para quem cometer o crime durante a noite, num domingo ou em um feriado. Vá entender a lógica...

No início da semana, o Distrito Federal aprovou mais uma lei que merece entrar para os anais do folclore legal brasileiro. Simplesmente proibiu a comercialização de armas de brinquedo, mesmo as que disparam espumas ou luzes de laser. A justificativa do governo Agnelo Queiroz (PT) é que a proibição, sob pena de multa de R\$ 100 mil e fechamento do estabelecimento comercial, é importante no processo de “construção da paz e na conscientização das crianças”. Trata-se de uma grande asneira, ainda que em sintonia com a mentalidade politicamente correta dos tempos atuais. Desde quando brincar de mocinho e bandido torna alguém um criminoso em potencial? Para ser coerente, o governador deveria proibir também a comercialização no Distrito Federal de certos games, de filmes de ação, dos sabres de luz tipo “Star Wars” e, claro, até mesmo dos gibis da “Turma da Mônica”. Afinal, faz 50 anos que a menina resolve todas as suas pendengas com o Cebolinha e o Cascão na base da coelhada...

Fonte: <http://app.folha.com/#noticia/315224>.
Acessado em 26 set. 2013.

Com base no texto, assinale a alternativa correta.

- a) A função predominante no texto é a conativa, porque tenta convencer o leitor que determinadas leis não são importantes para um país.
- b) A função predominante é a referencial, porque discute o fato, em pauta, de uma forma clara, objetiva.
- c) A função predominante é a fática, porque tenta dialogar com o leitor como comprova o seguinte fragmento: “Vá entender a lógica”.
- d) A função predominante é a metalinguística, porque visa modificar a opinião do leitor em relação ao uso de armas de brinquedos por crianças.
- e) A função predominante é a expressiva, porque o autor expõe sua opinião e porque transmite a subjetividade da mensagem.

4. Insper-SP 2013

Palavras, palavras, palavras

Um amigo erudito, que ocasionalmente vem visitar meu enfisema, como não tem fundos para flores ou presentes, me traz o prazer de sua presença e um papo — monólogo ou preleção, a bem dizer — sobre seu assunto favorito: vida, paixão e morte das palavras.

Sabe que eu tenho o mesmo gosto por elas que ele, embora indigno de beijar seus pés incalustres (obsoleto, português do Brasil: livre de calos). Sempre que posso tomo nota depois de pedir a devida vênica (outro termo nosso em vias de extinção) e fico por uns dias pesquisando e, que me resta?, meditando.

Meu amigo, que ensina inglês para emigrantes lusos e brasileiros recém-chegados à Grã-Bretanha (pois é, nem todo mundo está indo embora), gosta de se dizer poliglota, embora mais de uma vez tenha me explicado, e eu sempre esquecendo, a contradição existente na confecção do termo formado por poli + glota. “Trata-se de um idiotismo lusitano seiscentista”, já me explicou e, tamanha sua verve formal e presença avassaladora, que eu já me esqueci. Em matéria de idiotismos minha cota já se esgotou.

[...] Mas eu tenho minha forma de apoquentá-lo. Como o dileto (Dileto não é seu verdadeiro nome) se encontra fora do país natal, que é o mesmo meu, gosto de atazaná-lo, ou melhor, espicaçar sua mente viva, com os neologismos que pesco aqui e ali nas águas bravias do mare *nostrum* cibernético.

Já o pus frente a frente com brasileirismos atuais que o deixaram rubro de vergonha ou ódio, pois ele é difícil de distinguir quando se queima. Taquei-lhe brasileirismos atuais como *bullying*, *point*, *fashion week*, os irmãos Loxas e Lunda e vi-o deixar minha casa falando sozinho entredentes, como se tivesse sido assaltado pelo mundo.

[...] De certa feita, fui contra as regras do jogo e deixei-o zozno por desconhecer o significado de biringaço, que, após revelar-me sua total ignorância, danou-se quando eu expliquei tratar-se de lusitanismo obsoleto significando, nas altas camadas sociais do século 17, uma espécie de guarda-costas alugado a preços de arrasar.

Palavras. Há nelas, embutida, uma tremenda luta corporal. Urge dela participar, mesmo passando rasteira (regionalismo, Brasil).

(<http://www1.folha.uol.com.br/bbQuec/1093251-ivan-lessa-palavras-palavras-palavras.shtml>)

Considerando-se a temática central explorada no texto de Ivan Lessa, é possível identificar a predominância da função

- a) apelativa, já que destaca o receptor.
- b) emotiva, já que destaca o emissor.
- c) referencial, já que destaca a informação.
- d) metalinguística, já que destaca o código.
- e) poética, já que destaca a mensagem.

5. UFU-MG 2018

Texto I

Enciclopédia

Hécate ou Hécata, em gr. Hekáté. Mit gr. Divindade lunar e marinha, de tríplice forma (muitas vezes com três cabeças e três corpos). Era uma deusa órfica, parece que originária da Trácia. Enviava aos homens os terrores noturnos, os fantasmas e os espectros. Os romanos a veneravam como deusa da magia infernal.

CESAR, Ana Cristina. Enciclopédia. In: *Destino: poesia*. Organização de Italo Moriconi. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2016. p. 35.

Texto II

I

Enquanto leio meus seios estão a descoberto. É difícil concentrar-me ao ver seus bicos. Então rabisco as folhas deste álbum. Poética quebrada pelo meio.

II

Enquanto leio meus textos se fazem descobertos. É difícil escondê-los no meio dessas letras. Então me nutro das tetas dos poetas pensados no meu seio.

CESAR, Ana Cristina. Sem título. In: *Destino: poesia*. Organização de Italo Moriconi. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 2016. p. 39.

- a) Explique, em **um parágrafo**, de que maneira a função metalinguística se presentifica no texto I.
- b) A respeito do texto II, explique, em **um parágrafo**, a relação que se estabelece entre seios e textos.

6. UFU-MG 2018 Parado, com a colher suspensa sobre a bancada de aço inox, o sujeito atravancava minha passagem. Ia enfiá-la no pote de ervilhas, arremeteu, pousou-a na bandeja de beterrabas, levantou uma rodela, soltou-a, duas gotas vermelhas respingaram no talo de uma couve-flor. Fosse mais para trás, lá pela travessa do agrião, eu poderia ultrapassá-lo e chegar aos molhos a tempo de colocar azeite e vinagre antes que ele se aproximasse, mas da beterraba aos temperos é um passo e então seria eu a atrapalhar sua cadência. (Segundo a etiqueta não escrita dos restaurantes por quilo, a ultrapassagem só é permitida se não for reduzir a velocidade do ultrapassado – o que seria equivalente a furar a fila).

Tudo é movimento, dizia Heráclito; o mundo gira, a lusitana roda, anunciava a televisão: só eu não me mexia, preso diante da cumbuca de grãos de bico com atum. Fiquei irritado. Aquele homem hesitante estava travando o fluxo de minha vida, dali para frente todos os eventos estariam quinze segundos atrasados: da entrega desta crônica ao meu último suspiro.

PRATA, A. A zona do agrião. *Estadão*, 23 dez. 2008. Disponível em: <https://goo.gl/oE4E42>. Acesso em: 30 mar. 2018.

Narrada na primeira pessoa do singular, a crônica parte de um evento corriqueiro na fila de um restaurante por quilo para elaborar uma reflexão sobre a passagem do tempo. No texto, a função metalinguística da linguagem é evidenciada no fragmento

- a) “Segundo a etiqueta não escrita dos restaurantes por quilo, a ultrapassagem só é permitida se não for reduzir a velocidade do ultrapassado [...]”
 - b) “[...] dali para frente todos os eventos estariam quinze segundos atrasados: da entrega desta crônica ao meu último suspiro.”
 - c) “Parado, com a colher suspensa sobre a bancada de aço inox, o sujeito atravancava minha passagem.”
 - d) “Tudo é movimento, dizia Heráclito; o mundo gira, a lusitana roda, anunciava a televisão [...]”
- 7. Ifal 2018** Quando alguém visita uma cidade pela primeira vez e se hospeda num hotel, depois das formalidades que o hóspede tem de atender, recebe do funcionário da recepção um mapa da cidade. Dessa forma o visitante rapidamente toma conhecimento das ruas, avenidas praças próximas e afastadas do hotel, habilitando-se com mais eficiência e rapidez a desfrutar dos pontos mais atrativos que a cidade lhe oferecerá.
- A leitura de uma gramática para quem quer conhecer uma língua será tão proveitosa quanto foi para o nosso visitante a leitura do mapa da cidade. Isto porque a gramática procura mostrar como os elementos que compõem uma língua se estruturam e se organizam para a elaboração de textos, pelos quais as pessoas se comunicam umas com as outras.

Está claro que o visitante da cidade, no nosso primeiro exemplo, desprezando a consulta ao mapa, poderá chegar a conhecer a cidade; mas, se assim proceder, levará mais tempo, e, nas suas andanças, sentirá mais dificuldade de orientação, podendo perder-se muitas vezes, ao querer retornar ao hotel.

Assim também, a pessoa que desejar aprender ou se mostrar mais eficiente no manejo da língua poderá dispensar a leitura reflexiva da gramática, e a aprender somente ouvindo e repetindo como falam as pessoas instruídas, ou lendo artigos e livros bem escritos. Mas este caminho lhe exigirá, com certeza, mais tempo e esforço.

[...]

(BECHARA, Evanildo. *Gramática fácil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014, p. 14)

Quanto ao circuito comunicativo e aos elementos que o constituem, assinale a alternativa verdadeira relativamente ao texto de Evanildo Bechara.

- a) Trata-se de um texto centrado no canal da comunicação, a língua, que é o objeto da discussão do autor.
- b) O texto constitui um evento comunicativo em que predomina a função conativa da linguagem, porque se preocupa em refletir sobre o código, isto é, sobre a importância da língua.
- c) A reflexão que se estabelece no excerto evidencia uma preocupação do autor em discutir a própria língua, razão por que há nesse texto a predominância da função metalinguística.
- d) Como a comparação é uma figura de linguagem e o autor se vale desse expediente para construir seu texto, predomina neste último a função poética da linguagem.
- e) Nota-se uma importância maior em relação ao autor do texto; isso faz predominar a função emotiva da linguagem.

8. Ifal 2017 A análise sintática tem sido causa de crônicas e incômodas enxaquecas nos alunos de ensino médio. É que muitos professores, por tradição ou por comodismo, a têm transformado no próprio conteúdo do aprendizado da língua, como se aprender português fosse exclusivamente aprender análise sintática. O que deveria ser um instrumento de trabalho, um meio eficaz de aprendizagem, passou a ser um fim em si mesmo. Ora, ninguém estuda a língua só para saber o nome, quase sempre rebarbativo, de todos os componentes da frase.

Vários autores e mestres têm condenado até mesmo com veemência o abuso no ensino da análise sintática. Não obstante, o assunto continua a ser, salvo as costumeiras exceções, o “prato de substância” da cadeira de português no ensino fundamental. Apesar disso, ao chegar ao fim do curso, o estudante, em geral, continua a não saber escrever, mesmo que seja capaz de destrinchar qualquer estrofe camoniana ou qualquer período barroco de Vieira, nomenclaturando devidamente todos os seus termos. Então, “pra que análise sintática?” – perguntam aflitos alunos e mestres por esse Brasil a fora.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em prosa moderna*: aprenda a escrever, aprendendo a pensar. Rio de Janeiro: FGV, 2010, p. 31.

Com relação aos elementos da comunicação e às funções da linguagem, marque a alternativa que expressa uma afirmação verdadeira.

- a) Há uma incidência da função conativa da linguagem, pois o objeto da comunicação é a reflexão sobre a própria linguagem.
- b) Pode-se notar uma preocupação com o arranjo da linguagem, fenômeno que caracteriza a presença da função poética.
- c) O foco recai sobre o emissor da mensagem, para quem a atenção do interlocutor se volta, objetivando estabelecer um diálogo.
- d) Fica evidente a preocupação em discutir o código linguístico, o que revela a predominância da função metalinguística.
- e) Focaliza-se o destinatário da mensagem, a quem se quer explicar um problema; por isso, predomina a função apelativa da linguagem.

9. AFA-SP 2015

Mulher boazinha

(Martha Medeiros)

Qual o elogio que uma mulher adora receber?

Bom, se você está com tempo, pode-se listar aqui uns setecentos: mulher adora que verbalizem seus atributos, sejam eles físicos ou morais.

- 5 Diga que ela é uma mulher inteligente, e ela irá com a sua cara.
- Diga que ela tem um ótimo caráter e um corpo que é uma provocação, e ela decorará o seu número.
- 10 Fale do seu olhar, da sua pele, do seu sorriso, da sua presença de espírito, da sua aura de mistério, de como ela tem classe: ela achará você muito observador e lhe dará uma cópia da chave de casa.
- Mas não pense que o jogo está ganho: manter o cargo vai depender da sua perspicácia para encontrar novas qualidades nessa mulher poderosa, absoluta.
- 15 Diga que ela cozinha melhor que a sua mãe, que ela tem uma voz que faz você pensar obscenidades, que ela é um avião no mundo dos negócios.
- Fale sobre sua competência, seu senso de oportunidade, seu bom gosto musical.
- 20 Agora quer ver o mundo cair?
Diga que ela é muito boazinha.
Descreva aí uma mulher boazinha.
Voz fina, roupas pastel, calçados rente ao chão.
- 25 Aceita encomendas de doces, contribui para a igreja, cuida dos sobrinhos nos finais de semana.
Disponível, serena, previsível, nunca foi vista negando um favor.
Nunca teve um chique.
- 30 Nunca colocou os pés num show de rock.
É queridinha.
Pequeninha.

Educadinha.

Enfim, uma mulher boazinha.

- 35 Fomos boazinhas por séculos.
Engolíamos tudo e fingíamos não ver nada, ceguinhas.
Vivíamos no nosso mundinho, rodeadas de panelinhas e nenezinhos.
A vida feminina era esse fregê: bordados, paredes
- 40 brancas, crucifixo em cima da cama, tudo certinho.
Passamos um tempão assim, comportadinhas, enquanto íamos alimentando um desejo incontrolável de virar a mesa.
Quietinhas, mas inquietas.
- 45 Até que chegou o dia em que deixamos de ser as coitadinhas.
Ninguém mais fala em namoradinhas do Brasil: somos atrizes, estrelas, profissionais.
Adolescentes não são mais brotinhos: são garotas da
- 50 geração teen.
Ser chamada de patricinha é ofensa mortal.
Pitchulinha é coisa de retardada.
Quem gosta de diminutivos, definha.
Ser boazinha não tem nada a ver com ser generosa.
- 55 Ser boa é bom, ser boazinha é péssimo.
As boazinhas não têm defeitos.
Não têm atitude.
Conformam-se com a coadjuvância.
PH neutro.
- 60 Ser chamada de boazinha, mesmo com a melhor das intenções, é o pior dos desaforos.
Mulheres bacanas, complicadas, batalhadoras, persistentes, ciumentas, apressadas, é isso que somos hoje.
Merecemos adjetivos velozes, produtivos, enigmáticos.
- 65 As "inhas" não moram mais aqui.
Foram para o espaço, sozinhas.

(Disponível em: <http://pensador.uol.com.br/frase/NTc1ODIy/> acesso em 28/03/14)

Assinale a alternativa que apresenta uma análise correta acerca de aspectos linguísticos tratados no texto.

- a) A função poética da linguagem se faz presente no texto por meio da repetição do sufixo -inha que, através da sonoridade, expressa depreciação.
- b) O emprego da vírgula que antecede o conectivo na linha 5 não está de acordo com a norma padrão; seu uso foi decorrente da predominância da norma popular da língua.
- c) Os dois pontos foram utilizados na linha 13 para indicar a supressão da conjunção subordinativa causal.
- d) O predomínio da função metalinguística da linguagem no texto se manifesta nas interrogações presentes nas linhas 1 e 21.

10. Ifal

Morre Steve Jobs, fundador da Apple e revolucionário da Tecnologia



À frente da empresa que criou, o executivo foi o responsável pelo lançamento de aparelhos que mudaram o mundo, como o iPad, o iPhone e o Macintosh.

O Estado de S. Paulo

CUPERTINO – Morreu, aos 56 anos, Steve Jobs, co-fundador da Apple. Ele havia renunciado à presidência da empresa em agosto, após 14 anos no comando. “Estamos profundamente entristecidos com o anúncio de que Steve Jobs morreu hoje”, informou a empresa, em um pequeno comunicado. “O brilho, paixão e energia de Steve são fontes de inúmeras inovações que enriqueceram e melhoraram todas as nossas vidas. O mundo é imensuravelmente melhor por causa de Steve.”

Jobs foi responsável por lançamentos de equipamentos que mudaram o mundo, como o Macintosh, o iPod, o iPhone e o iPad. Ele sofreu por anos de uma forma rara de câncer pancreático e passou por um transplante de fígado. [...]

Em 2004, Jobs foi submetido a uma cirurgia para tratamento de câncer no pâncreas. Cinco anos mais tarde, precisou realizar um transplante de fígado. Os dois procedimentos são complicadíssimos e de elevado risco para a vida do paciente.

(<http://economia.estadao.com.br/noticias/negocios%20tecnologia,morre-steve-jobs-fundador-da-apple-e-revolucionario-da-tecnologia,87094.0.htm> e www.geekaco.com/apple-steve-jobs. Acessado em 10/10/11.)

Podemos identificar a(s) seguinte(s) função(ões) da linguagem presente(s) no texto:

- a) referencial, expressiva e poética.
- b) metalinguística e referencial.
- c) referencial e expressiva.
- d) metalinguística e fática.
- e) conativa, referencial e fática.

11. **IFCE** Seria o fogo em minha casa? Correriam risco de arder todos os meus manuscritos, toda a expressão de toda a minha vida? Sempre que esta ideia, antigamente, simplesmente me ocorresse, um pavor enorme me fazia estarrecer. E agora reparei de repente, não sei já se com pasmo ou sem pasmo, não sei dizer se com pavor ou não, que me não importaria que ardessem. Que fonte – que fonte secreta mas tão minha – se me havia secado na alma?

Fernando Pessoa: *Barão de Teive: a educação do insólito*. As interrogações como autoquestionamento e o emprego da primeira pessoa do singular, de verbos no futuro do pretérito, elaborando hipóteses, são marcas textuais referentes

- a) a uma busca de testar a eficiência do canal de comunicação, medindo o nível do contato no ambiente comunicativo, e caracterizam a função fática da linguagem.
- b) ao apelo à atenção ou tentativa de persuasão dirigida ao decodificador da mensagem, e caracterizam a função conativa ou apelativa da linguagem.
- c) à emotividade ou à expressividade do enunciador da mensagem, e caracterizam a função emotiva ou expressiva da linguagem.
- d) à conceitualização, à referência e à informação objetiva do elemento temático da mensagem, e caracterizam a função referencial da linguagem.
- e) a uma explicação, definição e análise dos elementos do código da mensagem, e caracterizam a função metalinguística da linguagem.

12. IFCE

Fofoca: uma obra sem autor

O próprio som da palavra fofoca dá a ela um certo ar de frivolidade. Fofoca, mexerico, coisa sem importância. Difamação é crime, mas fofoca é só uma brincadeira. O que seria da vida sem um bom diz que me diz que, não?

Não. Dispensar fofocas e fofoqueiros. Quando alguém se aproxima de mim, segura no meu braço e olha para o lado antes de começar a falar, já sei que vem aí uma lama que não me diz respeito. Se não tiver como fugir, deixo que a indiscrição entre por um ouvido e saia pelo outro, dando assim o pior castigo para o meu interlocutor: não passarei adiante nem uma palavra.

Não recuso uma olhada na revista *Caras*, especializada em entregar quem dormiu com quem, quem traiu quem, quem faliu, quem casou, quem separou. É a única publicação do gênero que passa alguma credibilidade, porque sei que os envolvidos foram escutados, deram declarações por vontade própria, deixaram-se fotografar. São fofocas profissionais, consentidas e quase sempre assinadas. Fofoca anônima é que é golpe baixo.

A fofoca nasce na boca de quem? Ninguém sabe. Ouviu-se falar. É uma afirmação sem fonte, uma suspeita sem indício, uma leviandade órfã de pai e mãe. Quem fabrica uma fofoca quer ter a sensação de poder. Poder o quê? Poder divulgar algo seu, ver seu “trabalho” passado adiante, provocando reações, mobilizando pessoas. Quem dera o criador da fofoca pudesse contribuir para a sociedade com um quadro, um projeto de arquitetura, um plano educacional, mas sem talento para tanto, ele gera boatos.

Quem faz intrigas sobre a vida alheia quer ter algo de sua autoria, uma obra que se alastre e cresça, que se torne pública e que seja muito comentada. Algo que lhe dê continuidade. É por isso que fofocar é uma tentativa. Porque nos dá, por poucos minutos, a sensação de ser portador de uma informação valiosa que está sendo gentilmente dividida com os outros. Na verdade, está-se exercitando uma pequena maldade, não prevista

no Código Penal. Fofocas podem provocar lesões emocionais. Por mais inocente ou absurda, sempre deixa um rastro de desconfiança. Onde há fumaça há fogo, acreditam todos, o que transforma toda fofoca numa verdade em potencial. Não há fofoca que compense. Se for mesmo verdade, é uma bala perdida. Se for mentira, é um tiro pelas costas.

MEDEIROS, Martha. *Almas gêmeas*, 20 set. 1999. Disponível em: http://almas.terra.com.br/martha/martha_2D_09.html/. Acesso em: 7 dez. 2005.

A função da linguagem predominante no texto é a

- referencial.
- metalinguística.
- apelativa.
- poética.
- expressiva.

13. **AFA-SP 2020** Em 1934, um redator de Nova York chamado Robert Pirosh largou o emprego bem remunerado numa agência de publicidade e rumou para Hollywood, decidido a trabalhar como roteirista. Lá chegando, anotou o nome e o endereço de todos os diretores, produtores e executivos que conseguiu encontrar e enviou-lhes o que certamente é o pedido de emprego mais eficaz que alguém já escreveu, pois resultou em três entrevistas, uma das quais lhe rendeu o cargo de roteirista assistente na MGM.

Prezado senhor:

Gosto de palavras. Gosto de palavras gordas, untuosas, como lodo, torpitude, glutinoso, bajulador. Gosto de palavras solenes, como pudico, ranzinza, pecunioso, valetudinário. Gosto de palavras espúrias, enganosas, como mortício, liquidar, tonsura, mundana. Gosto de suaves palavras com “V”, como Svengali, avesso, bravura, verve. Gosto de palavras crocantes, quebradiças, crepitantes, como estilha, croque, esbarrão, crosta. Gosto de palavras emburradas, carrancudas, amuadas, como furtivo, macambúzio, escabioso, sovina. Gosto de palavras chocantes, exclamativas, enfáticas, como astuto, estafante, requintado, horrendo. Gosto de palavras elegantes, rebuscadas, como estival, peregrinação, Elísio, Alcíone. Gosto de palavras vermiformes, contorcidas, farinhentas, como rastejar, choramingar, guinchar, gotejar. Gosto de palavras escorregadias, risonhas, como topete, borbulhão, arrote.

Gosto mais da palavra roteirista que da palavra redator, e por isso resolvi largar meu emprego numa agência de publicidade de Nova York e tentar a sorte em Hollywood, mas, antes de dar o grande salto, fui para a Europa, onde passei um ano estudando, contemplando e perambulando. Acabei de voltar e ainda gosto de palavras.

Posso trocar algumas com o senhor?

Robert Pirosh
Madison Avenue, 385
Quarto 610
Nova York
Eldorado 5-6024.

(USHER, Shaun (Org). *Cartas extraordinárias: a correspondência inesquecível de pessoas notáveis*. Trad. de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 48.)

Analisando a forma e o objetivo do texto, é correto afirmar que

- a linguagem utilizada é acentuadamente formal, já que o remetente está em um contexto que necessita desse tipo de tratamento.
- para convencer o destinatário, Robert utilizou, ao longo da carta, discurso direto, caracterizando assim um tom de proximidade e amizade com o receptor.
- o texto é marcadamente denotativo, possibilitando ao destinatário perceber a versatilidade linguística do remetente.
- a carta se utiliza de elementos da função emotiva – centrada no emissor – ainda que a intenção predominante do autor seja a função apelativa – conquistar o receptor.

14. Enem 2021

Disponível em: <https://g1.globo.com>. Acesso em: 18 jun. 2019 (adaptado).

No texto, os recursos verbais e não verbais empregados têm por objetivo

- divulgar informações científicas sobre o uso indiscriminado de aparelhos celulares.
- influenciar o leitor a mudar atitudes e hábitos considerados prejudiciais às crianças.
- relacionar o uso da tecnologia aos efeitos decorrentes da falta de exercícios físicos.
- indicar medidas eficazes para desestimular a utilização de telefones pelo público infantil.
- sugerir aos pais e responsáveis a substituição de dispositivos móveis por atividades lúdicas.

15. **FMABC-SP 2022** Examine a tirinha de Maurício de Sousa, publicada no Instagram por Tirinhas Inteligentes, em 28.01.2021.



Contribui decisivamente para o efeito de humor da tirinha o recurso

- a) à metalinguagem. c) à intertextualidade. e) à personificação.
b) ao pleonasma. d) ao eufemismo.

16. **IFSP (Adapt.)**

O desgaste das palavras

Sou um tonto. Dia destes recebi um recado na secretária eletrônica pedindo retorno urgente. Liguei.

Era um corretor de imóveis querendo me vender um lançamento.

— Qual era a urgência? — perguntei, irritado.

— Bem... Estamos selecionando alguns clientes e...

Conversa mole. As pessoas usam a palavra “urgente” em mensagens de todo tipo. Ainda sou daqueles que se assustam de leve com um e-mail “urgente” para, logo depois, descobrir que se trata de um assunto muito corriqueiro. A palavra está perdendo a força. Daqui a pouco não vai significar mais nada.

A mesma coisa acontece com o verbo “revelar”. Abro uma revista e vejo: atriz “revela” que vai pintar o cabelo de loiro. Isso é revelação que se preze? Resultado: quando se quer realmente revelar algo se usa “denuncia” ou “confessa”.

E vip? A sigla surgiu como abreviação de “*very important people*”. Os vips tinham acesso preferencial a festas e eventos de todo tipo. Obviamente, todo mundo quis ser tratado como vip. Alguns shows e camarotes carnavalescos ficam lotados por manadas de vips. Para diferenciar “vips” entre si, nos lugares mais disputados surgiram chiqueirinhos para os “supervips” ou “vips dos vips”. Em resumo: “vip” não significa absolutamente coisa nenhuma – somente que a pessoa é rápida para descolar um convite com pulseirinha.

Os anúncios imobiliários são pródigos em detonar palavras. “Exclusivo” é um exemplo. Quase todos falam em “condomínio exclusivo”, “espaço exclusivo” (e não havia de ser, se o proprietário está pagando?). De tão comum, “exclusivo” deixou de ser “exclusivo”. Veio o “diferenciado”. Ou “único”. Mas como um apartamento pode ser “diferenciado” ou “único” se está em um prédio com mais cinquenta iguais?

A palavra “amigo” é incrível. Implica uma relação especial, mas a maioria fala em “amigos” referindo-se a conhecidos distantes. O mesmo ocorre com “abraço”. Terminar a mensagem com um “abraço” era suficiente, pois era uma forma de oferecer nosso carinho à pessoa. Foi tão banalizado que agora se usa “grande abraço”, “forte abraço”, mas agora é pouco, pois já surgiu o “beijo no coração”. A seguir, o que virá?

Por que deixar que as palavras se desgastem? Se o que têm de mais belo é justamente sua história e o sentimento que contêm? Enfim, tudo o que lhes dá realmente significado.

(Walcyr Carrasco, *Veja SP*, 13.08.2008. Adaptado)



(BROWNE, Dik. O melhor de Hagar, o Horrível – v.1 Porto Alegre: L&PM, 2009.)

Considerando o texto “O desgaste das palavras” e a tirinha, pode-se concluir que, em ambos os textos, está presente a função da linguagem denominada

- a) fática, pois vários termos, embora desprovidos de significado, permitem o início do processo comunicativo.
b) metalinguística, pois se reflete sobre o valor das palavras, isto é, sobre o uso da língua e sua função social.
c) apelativa, pois está ausente a intenção de atingir o receptor com o intuito de modificar o seu comportamento.
d) emotiva, pois o eu lírico pode expressar livremente as emoções com as quais está em conflito.
e) poética, pois o importante é passar as informações de forma clara e objetiva, desprezando-se a preocupação com a elaboração da linguagem.

EM13LGG101 e EM13LP01

1. Observe a campanha de conscientização no trânsito.



Assinale a alternativa cuja palavra evidencia a função apelativa na campanha.

- a) Amarelo. d) Trânsito.
b) Respeito. e) Pratique.
c) Responsabilidade.

EM13LGG101, EM13LP01 e EM13LP44

2. Leia o seguinte trecho de um resumo de artigo acadêmico.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar um *advergame*, ou game publicitário oferecido ao consumidor que esteja conectado à internet. Os estudos teóricos sobre publicidade na internet ainda estão em processo de construção e a utilização deste tipo de publicidade teve explosão nos últimos anos, mas apesar da ampla propagação da internet, a sua lógica, linguagem e limites ainda não são completamente compreendidos. Os *advergames* apresentam-se como uma mídia híbrida, uma ferramenta promissora para profissionais da área que enfrentam uma crise na publicidade tradicional. A presente análise atenta para o jogo publicitário “O impossível é possível: minha vida de game”, da Coca Cola Zero, que conta a história de um jovem buscando tempo para poder estar com os amigos e com a namorada. Algumas questões emergem neste percurso: de que forma o ciberespaço tem sido utilizado para novas plataformas e linguagens publicitárias? Em que medida as narrativas dos games atuais se parecem com as narrativas dos romances na construção do herói? Como os processos sógnicos são construídos para a identificação com o público-alvo no *advergame* objeto desta pesquisa? [...]. Os resultados iniciais nos conduzem a uma compreensão do uso contínuo da referencialidade cotidiana do consumidor jovem, que é um cidadão comum imerso no mundo pós-moderno que tem como o vilão o tempo. A narrativa presente se entrelaça no mundo onde a Coca Zero está inserida para ajudar o cidadão (herói) e instaurar uma realidade em que a felicidade está sempre presente.

BONINI, Luci M. de M; NASCIMENTO, Gilbson F. do. *Advergames: uma nova forma de se fazer publicidade. PragMATIZES*. Niterói, ano 4, n. 6, p. 143, mar. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufr.br/pragmatizes/article/view/10378>. Acesso em: 7 maio 2021.

Assinale a alternativa incorreta.

- a) Há o predomínio da função referencial da linguagem no texto sobre *advergames*.
b) O uso da terceira pessoa visa neutralizar a voz do enunciador.
c) No texto, são utilizados verbos conjugados no modo indicativo para apresentar as fases da pesquisa sobre os efeitos de games publicitários em relação ao público-alvo.
d) O texto apresenta pessoalidade, organizando as informações de forma parcial.
e) A divulgação científica de um estudo acadêmico utiliza vocabulário denotativo e objetivo.

EM13LGG101 e EM13LP07

3. Leia o trecho do relatório do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN).

De acordo com dados relativos a dezembro de 2020, o IPHAN é responsável por 1.265 bens tombados em todo país, sendo: 935 bens isolados, 71 bens integrados e 259 bens tombados em conjunto (como a cidade de Ouro Preto ou Brasília, por exemplo). Na federação, o Rio de Janeiro (244) e Minas Gerais (208) abrigam a maior parte dos bens tombados. Desse total, 14 são sítios integrantes do patrimônio cultural mundial (Brasília/DF, cais do Valongo/RJ, centro histórico da cidade de Goiás/GO, Diamantina/MG, Ouro Preto/MG, Olinda/PE, São Luís/MA, Salvador/BA, Belo Horizonte/Pampulha/MG, Ruínas de São Miguel das Missões/RS, Serra da Capivara/PI, São Cristóvão/SE, Rio de Janeiro/RJ e Congonhas/MG). O Brasil possui ainda 7 sítios inscritos como Patrimônio Natural Mundial (Parque do Iguaçu, Mata Atlântica, Amazônia central, Costa do Descobrimento, Pantanal, áreas do Cerrado e ilhas atlânticas [Fernando de Noronha]). Mais recentemente, em julho de 2019, Paraty e Ilha Grande também foram reconhecidos como patrimônio cultural mundial, com a especificidade de serem inscritos na categoria de sítio misto, ou seja, cultural e natural. Como facilmente se constata, é vasto, diverso e abrangente o patrimônio material tombado pelo IPHAN, que inclui templos religiosos, sítios arqueológicos, quilombos, locais remanescentes dos povos indígenas, patrimônio ferroviário, paisagístico, arquitetônico, entre outros.

Por outro lado, em contraste com a quase centenária legislação de tombamento, a política de proteção de bens culturais imateriais é bem mais recente na legislação brasileira, tendo como marco inicial o Decreto 3.551, de 4 de agosto de 2000. Desde então, foi concluído pelo IPHAN o trabalho de identificação de 160 bens culturais, representativos da diversidade étnica, cultural e linguística brasileira. Em dezembro de 2020 o Brasil contava com 48 bens culturais imateriais formalmente registrados pelo IPHAN: livros dos saberes (13 bens registrados), celebrações (13 bens registrados), formas de expressão (18 bens registrados) e lugares (4 bens registrados). No âmbito da federação, merecem destaque os estados do Pará e Pernambuco, com seis bens registrados cada um.

O Brasil conta ainda com 5 bens inscritos na lista representativa do patrimônio imaterial da humanidade (samba de roda, arte Kusiwa, frevo, Círio de Nazaré e roda de capoeira) e 7 línguas incluídas no Inventário Nacional da Diversidade Linguística – INDL (Asurini, Guarani M’bya, Nahukuá, Matipu, Kuikuro, Kalapalo e Talian).

[...] INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. *Relatório de Gestão do IPHAN: exercício de 2020*. Brasília: IPHAN, 2020. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Relatorio_de_Gestao_2020.pdf. Acesso em: 7 maio 2021. p. 10.

Leia as proposições e assinale a alternativa correta.

- I. O relatório é um texto objetivo com foco no referente.
II. A função de linguagem predominante no texto é a referencial, já que os dados anuais são apresentados de forma impessoal.
III. Na enumeração dos bens registrados, são usados verbos conjugados no modo subjuntivo.
IV. No relatório, é usada a primeira pessoa para marcar a voz do enunciador.
- a) I e III. c) I e II. e) II e IV.
b) II e III. d) III e IV.



FRENTE ÚNICA

CAPÍTULO

4

Coesão

É impossível imaginar o mundo atual sem acesso à internet. Desde interações cotidianas, como o uso de aplicativos de entrega ou serviços de transporte, até *e-mails* e transações sigilosas utilizadas para fechar contratos milionários, tudo via internet. De nada adiantaria, porém, se a imensa rede de dados e fluxo de informações não possuísse servidores para conectar as pessoas por meio de seus computadores e celulares (ou até mesmo televisores e geladeiras mais modernas). Ou seja, a informação sem conexão é um desperdício de oportunidades.

Nos textos, acontece algo semelhante: há diversas informações transmitidas por palavras, orações e períodos. Porém, se a conexão entre eles não estiver adequada, pouco sentido será gerado pela mensagem.

Neste capítulo, estudaremos como estruturar as conexões de um texto e garantir que todas as suas informações estejam organizadas para o interlocutor.

Conceito base

Para definir coesão textual, vamos partir de uma analogia com a construção de uma casa. Qualquer parede de uma residência precisa de, pelo menos, dois elementos para ser erguida e permanecer firme: tijolos, para formar a estrutura, e cimento, para garantir que haja solidez entre os tijolos. Nesse sentido, podemos dizer que, sem o cimento, os tijolos até podem ser ordenados, mas qualquer impacto vai derrubar a parede. Da mesma forma, se houver excesso de cimento entre eles, a parede ficará “embotada”, “rugosa” ao toque e com péssima aparência. Assim, é preciso que o construtor aplique o cimento com maestria, tornando a parede firme e lisa. O processo de criação de um texto é muito semelhante ao processo de erguer uma parede; para compreender a analogia, leia o parágrafo narrativo a seguir, com tema ficcional.

O jardim era repleto de rosas. Árvores como macieiras e árvores com cheiro de carvalho. A grama verde se estendia por todo o jardim. O cheiro da grama era agradável, principalmente quando chovia, e o cheiro da grama se misturava ao cheiro de terra marrom. Algumas rosas possuíam espinhos e machucariam se as agarrássemos sem cuidado. O jardim era perfeito. Sinto saudades dele.

Embora seja possível compreender o parágrafo sem muito esforço, observamos que algumas partes do texto não estão, de fato, bem conectadas. Nesse sentido, podemos concluir que os tijolos, como as orações e os períodos, ou não possuem cimento entre si, ou apresentam excesso desse material. Isso porque faltam articuladores coesivos em algumas partes, enquanto há repetições desnecessárias em outras. Compare a versão lida acima com o mesmo texto reorganizado a seguir.

O jardim era repleto de rosas. **Além disso**, havia árvores, como as macieiras, e **outras**, com cheiro de carvalho. A grama verde, **por sua vez**, se estendia por todo o **terreno**. O cheiro **dela** era agradável, principalmente quando chovia e se misturava **ao aroma** da terra marrom. Algumas rosas, **porém**, possuíam espinhos e machucariam se as agarrássemos sem cuidado. **Mesmo assim**, o jardim era perfeito. **Por isso**, sinto saudades dele.

Embora a reorganização do parágrafo tenha mantido todas as ideias originais, ficou muito mais fácil compreendê-lo por conta da inserção de alguns conectivos, como “além disso”, “porém” e “por isso”, além do apagamento de termos repetidos desnecessariamente, como “grama” e “dela”. Outras repetições foram eliminadas a partir de sinônimos, como “terreno” no lugar de “jardim” e “aroma” no lugar de “cheiro”. Relacionando essas mudanças à analogia proposta, devemos concluir que as inserções entre as orações e os períodos equivalem a cimentar os tijolos, enquanto os apagamentos e as substituições dos períodos representam remover o excesso de cimento da parede.

Assim, percebemos que a produção de um texto exige que suas partes sejam organizadas para que haja progressão entre as ideias e, ao mesmo tempo, não existam redundâncias. Com base nisso, vamos dividir o estudo da coesão textual de acordo com as seguintes relações:

Mecanismos coesivos	
Progressão (ou sequenciamento)	É a coesão que estabelece continuidade entre as partes do texto. É criada a partir das conjunções e locuções conjuntivas.
Relações de remissão (ou retomada de termos)	É a coesão responsável pela retomada de termos sem que haja repetição em excesso. É feita por pronomes, elipses e sinônimos.
Relações de antecipação	É a coesão que introduz palavras ou ideias que ainda não foram apresentadas no texto. Também é estruturada por pronomes.

Relações de progressão (ou sequenciamento)

Conhecida como coesão sequencial, a relação de progressão de um texto auxilia na continuidade entre as ideias apresentadas em orações, períodos e parágrafos. Sua articulação é feita por conjunções ou locuções conjuntivas, que conectam orações e relacionam períodos e parágrafos.

Ferramentas de progressão

Conjunções subordinativas			
Relação	Mecanismos	Objetivo	Exemplo
Causal	como, porque, tendo em vista que, uma vez que	Apresentar o motivo expresso pela outra oração.	Foi aprovado porque havia estudado com garra.
Condicional	desde que, se, somente se, a menos que	Propor uma condição para a outra oração.	Você será aprovado, desde que se dedique ao estudo.



Conjunções subordinativas			
Relação	Mecanismos	Objetivo	Exemplo
Concessão	não obstante, apesar de, embora, ainda que	Estabelecer uma concessão em relação a outra oração.	Embora tenha ficado cansado, continuou se esforçando.
Comparação	assim como, tal qual, igual, semelhante a, como	Indicar semelhanças nas ideias entre as orações.	Não desanimou, assim como seu colega.
Consequência	de modo que, de forma que, tanto que	Apresentar uma consequência em relação a outra oração.	Estudou com garra, de forma que foi aprovado.
Conformidade	de acordo com, segundo o/a, conforme, como	Expressar conformidade com a outra oração.	Todos colhem algo na vida, de acordo com o que plantam.
Proporção	quanto mais, quanto menos, à medida que, ao passo que	Indicar relação de simultaneidade com a outra oração.	Já era dedicado ao estudo, quanto mais agora, que fará um intercâmbio.
Tempo	tão logo, assim que, no momento (em) que, enquanto	Apresentar uma relação temporal entre as orações.	Assim que foi aprovado, correu para abraçar os pais.
Finalidade	a fim de que, para que, que	Indicar a finalidade para a outra oração.	Continue se esforçando, para que seus conhecimentos aumentem ainda mais.

Conjunções coordenativas			
Relação	Mecanismos	Objetivo	Exemplo
Adição	e, não só... mas também, além de, como também	Acrescentar uma ideia a outra oração.	Foi um ótimo aluno e fez uma excelente universidade.
Oposição	mas, porém, entretanto, todavia, contudo, e	Introduzir uma ruptura em relação a outra oração.	Possui excelentes habilidades; contudo, tem dificuldade para redigir uma carta.
Explicação	porque, porquanto, que, ou seja, isto é, pois	Apresentar uma justificativa para o sentido da outra oração.	Estudo com empenho, porque o conhecimento é fundamental para o sucesso.
Conclusão	logo, assim, por conseguinte, portanto, desse modo, com isso	Concluir a ideia apresentada pela outra oração.	Fui muito dedicado, portanto consegui ser aprovado.
Alternância	ora... ora, ou... ou, já... já, seja... seja, nem... nem	Expressar ideias que se opõem e não podem ser executadas simultaneamente.	Ora estudava com afinco, ora descansava para manter saudável.

! Atenção

É bastante comum que os vestibulares solicitem que o candidato escolha um articulador coesivo para substituir outro de igual valor. Por isso, é importante estudá-los com cuidado, dando especial atenção àqueles pouco usuais.

Relações de remissão (ou retomada de termos)

Corresponde a um mecanismo coesivo pelo qual termos já usados dentro do texto são recuperados de modo organizado, evitando repetições desnecessárias e redundantes. Por conta desse aspecto, é comum denominar relações de retomada como **coesão anafórica**. Podemos considerar que a remissão também promove o encadeamento e a progressão das ideias, porque, sem ela, seria impossível desenvolver um texto complexo. Veremos, a seguir, os principais elementos usados para promover a remissão.



Ferramentas de remissão

Coesão pronominal

Nesse tipo de coesão, pronomes são usados para evitar repetições desnecessárias. Há diversas situações em que seu emprego garante a qualidade da leitura. Estudaremos, a seguir, as mais comuns.

Pronomes pessoais do caso reto

São pronomes usados como sujeito de um verbo.

Exemplo 1:

O professor pediu aos alunos que fizessem silêncio. **Ele** parecia cansado.

Exemplo 2:

Os alunos respeitaram o pedido. **Eles** gostavam muito do professor.

Pronomes pessoais do caso oblíquo

São pronomes usados como objeto de um verbo.

Conhece o professor? Comprei-**lhe** um livro de presente.

O pronome “**lhe**” é usado como objeto indireto e refere-se à terceira pessoa (para ele).

Reconheço teu esforço. Comprei-**te** um livro de presente.

O pronome “**te**” é usado como objeto indireto e refere-se à segunda pessoa (para ti).

Pronomes possessivos

Exemplo 1:

Gostei da bolsa da garota. A roupa **dela** combina com o acessório.

Exemplo 2:

Achei lindos os óculos que você está usando. **Teu** rosto fica harmonioso com eles.

No segundo exemplo, embora o pronome de tratamento “**você**” seja conjugado em terceira pessoa, ele estabelece interlocução com o receptor da mensagem, equivalendo, em determinadas situações, ao pronome “**tu**”.

Pronomes demonstrativos

Os pronomes “**esse**”, “**aquela**” e “**isso**” devem ser usados somente com função anafórica. Os demonstrativos “**este**” e “**isto**” podem, eventualmente, desempenhar a mesma função, desde que sejam usados para desfazer uma possível ambigüidade.

Exemplo 1:

O professor foi advertido pelo aluno sobre as aulas. **Esse** (ou **aquela**) estava muito descuidado com a apresentação do conteúdo.

Exemplo 2:

O professor advertiu o aluno sobre as notas. **Este** estava muito descuidado com o desempenho escolar.

Pronomes relativos

Exemplo 1:

O professor, **que** havia viajado para a Argentina, voltará no final do semestre.

Exemplo 2:

O professor da escola primária, **a qual** estava fechada, pediu transferência para prefeitura.

Exemplo 3:

A escola **cuj**a parede havia sido pintada será reaberta amanhã.

Coesão por sinônimos

Palavras distintas usadas para se referir a um mesmo termo são chamadas de sinônimos. Assim como nas relações pronominais, eles são usados frequentemente para evitar repetições de termos próximos em uma sentença. Veja os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

A escola havia sido reformada no final do semestre. Era agora um **colégio** bastante moderno.

Exemplo 2:

Os alunos pediram aos professores que elaborassem mais exercícios.

Os **docentes** reconheceram que era preciso aumentar a carga prática para os **discentes**.

Como podemos observar, os sinônimos desempenham um papel de substituição bastante útil para a coesão do texto, assim como os pronomes. Existem, porém, categorias distintas de sinônimos em relação à abrangência alcançada por eles. Todas as vezes que um termo possui diversos sinônimos ou várias ideias relacionadas a ele, devemos considerá-lo um **hiperônimo**. Por outro lado, quando um termo apresentar poucas palavras sinônimas ou ideias relacionadas a si, deve ser chamado de **hipônimo**. Para compreender melhor cada um deles, veja os exemplos a seguir.

Tipos de sinônimos	
Hiperônimo (prefixo <i>hiper</i>)	Hipônimo (prefixo <i>hipo</i>)
Relativo à ideia de excesso ou com muitos significados. Corresponde a um termo que possui muitos termos distintos relacionados a si.	Relativo à ideia de insuficiência ou com poucos significados. Corresponde a um termo que possui limitados termos distintos relacionados a si.
Exemplos: Verbete 1: veículo (substantivo usado para se referir a um meio de transporte automotor, dotado de grande potência e movido a combustão ou energia elétrica). Hiperônimos: carro automóvel auto viatura (palavra relacionada) motocicleta (palavra relacionada) meio de transporte (expressão relacionada) Comentário: Ao organizar um texto com a palavra “veículo”, é fácil localizar sinônimos que possam se referir a ele, visto que se trata de um substantivo com abundância de termos semelhantes. Verbete 2: salgado (substantivo usado para se referir a um alimento, geralmente frito, feito com uma massa levemente temperada com sal de cozinha). Hiperônimos: coxinha rissole empada <i>croissant</i> enroladinho de salsicha Comentário: Ao se dirigir a uma lanchonete e pedir um “salgado”, é fácil imaginar que o atendente vai questionar a qual salgado nos referimos, tendo em vista que esse substantivo possui várias palavras relacionadas a si.	Exemplos: Verbete 1: motocicleta (substantivo usado para se referir a um meio de transporte com duas rodas e movido a combustão). Hipônimos: moto veículo Comentário: Embora possua sinônimos disponíveis, como “moto” e “veículo”, é muito difícil imaginar outras palavras que possam ser usadas para se referir a uma motocicleta. Verbete 2: coxinha (substantivo usado para se referir a um alimento frito, feito com massa à base de farinha e recheado com carne de frango). Hipônimos: salgado salgadinho Comentário: Ao se dirigir a uma lanchonete e pedir uma “coxinha”, dificilmente seremos questionados pelo atendente sobre qual alimento queremos, tendo em vista que esse substantivo não possui muitas palavras relacionadas a si.

! Atenção

Uma boa forma de distinguir hiperônimos e hipônimos é imaginar uma situação em que você vai “comprar” a palavra. Por exemplo: ao chegar em uma loja e pedir por um “calçado”, é provável que o vendedor questione qual você pretende comprar, visto que a palavra pode se referir a um tênis, uma bota, um sapato, um chinelo, entre outros. A palavra, portanto, é um hiperônimo. Porém, se na mesma loja você pedir por um “tênis”, dificilmente o atendente vai questionar o que você deseja, pois não existem muitas palavras relacionadas a ele como sinônimos. Por isso, consideramos que “tênis” é um hipônimo.

Coesão por elipse (ou apagamento)

Embora possua a mesma finalidade dos demais articuladores vistos até aqui, a elipse promove a coesão por ocultar um termo depreendido em contexto ou pela terminação do verbo. Nesse sentido, portanto, é uma figura de linguagem que atua para evitar repetições e redundâncias. Leia os exemplos a seguir.

Exemplo 1:

Dou aula todos os dias da semana em duas escolas diferentes, mas querem aumentar ainda mais minha carga de trabalho.

Repare que a terminação (desinência) dos verbos “dar” e “querer” exige que os pronomes que os conjuguem sejam, respectivamente, a primeira pessoa do singular (eu) e a terceira pessoa do plural (elas). Concluímos, portanto, que o apagamento dos termos foi feito porque era desnecessário citá-los nas orações.

Exemplo 2

Sou formado em Letras, e meu amigo, em Matemática.

Veja que, nesse período, a segunda vírgula foi usada para indicar o apagamento da expressão (é formado), visto que ela é facilmente depreendida pelo contexto. Assim, a elipse contribui para evitar uma repetição desnecessária, promovendo a coesão do texto.

Relações de antecipação

Corresponde a um mecanismo coesivo que promove o encadeamento das ideias a partir da introdução de um termo que será abordado na sequência do texto. Por esse motivo, as relações de antecipação são chamadas de **coesão catafórica** e podem ser feitas por pronomes ou expressões sinonímicas. Analise os exemplos a seguir.

Ferramentas de antecipação

Pronomes demonstrativos

A melhor notícia da minha vida é **esta**: serei papai!

Expressões sinonímicas

Preciso que você compre **alguns materiais** para os alunos: cadernos, lápis, borrachas e canetas.

A coesão catafórica é muito comum em textos publicitários e campanhas públicas. Isso porque permite enumerar uma série de vantagens ou medidas antes de anunciá-la, por exemplo. Considerando isso, veja a seguir um exemplo do mecanismo de antecipação:



Nele, a expressão “atitudes recomendadas para evitar a propagação da covid-19 no ambiente de trabalho” se antecipa ao referente, que será listado na sequência.

Revisando

1. Como você estudou neste capítulo, um texto não pode ser um punhado de frases soltas sem ligação entre si; ele precisa apresentar conexões, que podem ser gramaticais e/ou de ideias. Para explicar o conceito de coesão textual, foi estabelecida uma analogia entre a construção de um texto e a construção da parede de uma residência.

Explique essa analogia indicando as correspondências entre os materiais utilizados para se construir a parede e os mecanismos coesivos estudados.

- Tijolos, blocos.
 - Cimento.
 - Acabamento (remoção do excesso de cimento, massa corrida, tinta).
2. Pense em outra analogia que funcione para explicar os mecanismos de coesão textual e descreva o papel de cada um dos componentes do exemplo utilizado, como na questão anterior.



Texto para as questões de 3 a 7.

O Amor

O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.

- 5 Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente
Cala: parece esquecer
Ah, mas se ela adivinhasse,
- 10 Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
Pr'a saber que a estão a amar!
Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
- 15 Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!
Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
- 20 Porque lhe estou a falar...

PESSOA, Fernando. *Poesias inéditas*. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp000002.pdf. Acesso em: 11 ago. 2021.

3. Conjunção é um termo que liga duas orações ou duas palavras de mesmo valor gramatical, estabelecendo uma relação entre elas. Considerando o conectivo que inicia o verso 11, responda:
- Que tipo de conjunção foi utilizada?
 - Qual a relação expressa entre as orações do verso 11 e do verso anterior? Explique o uso desse recurso.
4. O primeiro verso do poema contém a palavra “Quando”.
- Entre as opções a seguir, indique que relação é instituída por essa palavra.
 espacial; temporal;
 causal; final.

- b) Explique a relação expressa pelo uso desse recurso no contexto do excerto reproduzido abaixo.

O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar p'ra ela,
Mas não lhe sabe falar.

5. Observe o trecho a seguir:

Ah, mas se ela adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
Pr'a saber que a estão a amar!

Considerando as ferramentas de progressão estudadas neste capítulo, identifique a relação expressa pelo uso do conectivo “se” e como ele se relaciona com os sentimentos apontados pelo eu lírico.

6. Considerando os mecanismos coesivos (progressão, remissão e antecipação) estudados neste capítulo, identifique qual se faz presente nos versos a seguir e qual a ferramenta de coesão adotada.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente
Cala: parece esquecer

7. Observe o trecho a seguir:

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ousou contar,
Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar...

Qual a relação estabelecida pelo conectivo “porque”?
Dê outros exemplos com o mesmo valor semântico.

8. Empregue um conectivo que una os dois períodos apresentados a seguir e mantenha a mesma ideia. Depois, aponte o valor semântico dele.

Carla trabalhou bem e mostrou resultados. Ela foi promovida.

9. **Unicamp-SP 2017 (Adapt.)** Leia o excerto a seguir, adaptado do ensaio *Para que servem as humanidades?*, de Leyla Perrone-Moisés, para responder à questão.

As humanidades servem para pensar a finalidade e a qualidade da existência humana, para além do simples alongamento de sua duração ou do bem-estar baseado no consumo. Servem para estudar os problemas de nosso país e do mundo, para humanizar a globalização. Tendo por objeto e objetivo o homem, a capacidade que este tem de entender, de imaginar e de criar, esses estudos servem à vida tanto quanto a pesquisa sobre o genoma. Num mundo informatizado, servem para preservar, de forma articulada, o saber acumulado por nossa cultura e por outras, estilizado no imediatismo da mídia e das redes. Em tempos de informação

excessiva e superficial, servem para produzir conhecimento; para “agregar valor”, como se diz no jargão mercadológico. Os cursos de humanidades são um espaço de pensamento livre, de busca desinteressada do saber, de cultivo de valores, sem os quais a própria ideia de universidade perde sentido. Por isso merecem o apoio firme das autoridades universitárias e da sociedade, que eles estudam e à qual servem.

(Adaptado de Leyla Perrone-Moisés, Para que servem as humanidades? *Folha de S.Paulo*, S Paulo, 30 jun. 2002, Caderno Mais!.)

No último período do texto, são utilizados dois elementos coesivos: “eles” e “à qual”. Aponte a que se refere, respectivamente, cada um desses elementos.

10. **Uerj 2019** Leia um trecho de *O crime do padre Amaro*, de Eça de Queirós, para responder à questão.

Fragmento IV

- 5 Ela então, movendo-se com uma cautela solene, chegou-se ao espelho da sacristia – um antigo espelho de reflexo esverdeado, com um caixilho negro de carvalho lavrado, tendo no topo uma cruz. Mirou-se um momento, naquela seda azul-celeste que a envolvia toda, picada do brilho agudo das estrelas, com uma magnificência sideral. Sentia-lhe o peso rico. A santidade que o manto adquirira no contacto com os ombros da imagem penetrava-a numa voluptuosidade beata.
- 10 Um fluido mais doce que o ar da terra envolvia-a, fazia-lhe passar no corpo a carícia do éter do Paraíso. Parecia-lhe ser uma santa no andor, ou mais alto, no Céu... Amaro babava-se para ela:

— Oh filhinha, és mais linda que Nossa Senhora!

- 15 Ela deu uma olhadela viva ao espelho. Era, decerto, linda. Não tanto como Nossa Senhora... Mas com o seu rosto trigueiro, de lábios rubros, alumiado por aquele rebrilho dos olhos negros, se estivesse sobre o altar, com cantos ao órgão e um culto sussurrando em redor, faria palpitar bem forte o coração dos fiéis...
- 20 Amaro então chegou-se por detrás dela, cruzou-lhe os braços sobre o seio, apertou-a toda – e estendendo os lábios por sobre os dela, deu-lhe um beijo mudo, muito longo... Os olhos de Amélia cerravam-se, a cabeça inclinava-se-lhe para trás, pesada de desejo. [...]

- 25 Mas endireitou-se de repente, fixou Amaro batendo as pálpebras como acordada de muito longe; uma onda de sangue escaldou-lhe o rosto:

— Oh Amaro, que horror, que pecado!...

- 30 — Tolice! disse ele.

Mas ela desprendia-se do manto, toda aflita:

— Tira-mo, tira-mo! gritava, como se a seda a queimasse. Então Amaro fez-se muito sério. Realmente não se devia brincar com coisas sagradas...

(CAPÍTULO XVIII)

Tendo em vista o papel coesivo dos pronomes, leia as frases a seguir, retiradas do fragmento IV.

(1) Sentia-lhe o peso rico. (l. 7)

(2) Parecia-lhe ser uma santa no andor, (l. 11-12)

(3) uma onda de sangue escaldou-lhe o rosto: (l. 27-28)

(4) – Tira-mo, tira-mo! (l. 32)

Reescreva essas quatro frases, recuperando os termos retomados pelos pronomes sublinhados.

Exercícios propostos

1. **Unesp 2022 (Adapt.)** Para responder à questão, leia o trecho do livro *A solidão dos moribundos*, do sociólogo alemão Norbert Elias.

Não mais consideramos um entretenimento de domingo assistir a enforcamentos, esquartejamentos e suplícios na roda. Assistimos ao futebol, e não aos gladiadores na arena. Se comparados aos da Antiguidade, nossa identificação com outras pessoas e nosso compartilhamento de seus sofrimentos e morte aumentaram. Assistir a tigres e leões famintos devorando pessoas vivas pedaço a pedaço, ou a gladiadores, por astúcia e engano, mutuamente se ferindo e matando, dificilmente constituiria uma diversão para a qual nos prepararíamos com o mesmo prazer que os senadores ou o povo romano. Tudo indica que nenhum sentimento de identidade unia esses espectadores àqueles que, na arena, lutavam por suas vidas. Como sabemos, os gladiadores saudavam o imperador ao entrar com as palavras “*Morituri te salutant*” (Os que vão morrer te saudam). Alguns dos imperadores sem dúvida se acreditavam imortais. De todo modo, teria sido mais apropriado se os gladiadores dissessem “*Morituri moriturum salutant*” (Os que vão morrer saudam aquele que vai morrer). Porém, numa sociedade em que tivesse

tido possível dizer isso, provavelmente não haveria gladiadores ou imperadores. A possibilidade de se dizer isso aos dominadores – alguns dos quais mesmo hoje têm poder de vida e morte sobre um sem-número de seus semelhantes – requer uma desmitologização da morte mais ampla do que a que temos hoje, e uma consciência muito mais clara de que a espécie humana é uma comunidade de mortais e de que as pessoas necessitadas só podem esperar ajuda de outras pessoas. O problema social da morte é especialmente difícil de resolver porque os vivos acham difícil identificar-se com os moribundos.

A morte é um problema dos vivos. Os mortos não têm problemas. Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos. Embora compartilhem o nascimento, a doença, a juventude, a maturidade, a velhice e a morte com os animais, apenas eles, dentre todos os vivos, sabem que morrerão; apenas eles podem prever seu próprio fim, estando cientes de que pode ocorrer a qualquer momento e tomando precauções especiais – como indivíduos e como grupos – para proteger-se contra a ameaça da aniquilação.

(*A solidão dos moribundos*, 2001.)

Em “De todo modo, teria sido mais apropriado se os gladiadores dissessem ‘*Morituri morituum salutant*’ (Os que vão morrer saúdam aquele que vai morrer)” (1º parágrafo), o termo sublinhado pertence à mesma classe gramatical do termo sublinhado em

- a) “Não mais consideramos um entretenimento de domingo assistir a enforcamentos, esquartejamentos e suplícios na roda.” (1º parágrafo)
- b) “Porém, numa sociedade em que tivesse sido possível dizer isso, provavelmente não haveria gladiadores ou imperadores.” (1º parágrafo)
- c) “Alguns dos imperadores sem dúvida se acreditavam imortais.” (1º parágrafo)
- d) “as pessoas necessitadas só podem esperar ajuda de outras pessoas.” (1º parágrafo)
- e) “Entre as muitas criaturas que morrem na Terra, a morte constitui um problema só para os seres humanos.” (2º parágrafo)

2. Cefet-RJ 2014

Turismo na favela: E os moradores?

Água morro abaixo, fogo morro acima e invasão de turistas em favelas pacificadas são difíceis de conter. Algo precisa ser feito para que a positividade do momento não transforme esses lugares em comunidades “só pra inglês ver”. As favelas pacificadas tornaram-se alvo de uma volúpia consumidora poucas vezes vista no Rio de Janeiro. O momento em que se instalaram as Unidades de Polícia Pacificadora em algumas favelas foi como se tivesse sido descoberto um novo sarcófago de Tutankamon, o faraó egípcio: uma legião de turistas, pesquisadores, empresários, comerciantes “descobriram” as favelas.

O Santa Marta, primeira favela a ter uma UPP, ao longo dos seus quase 80 anos, sempre recebeu, na maioria das vezes de forma discreta, visitantes estrangeiros. E, em alguns casos, ilustres: Rainha Elizabeth, Senador Kennedy, Gilberto Gil. Até mesmo Michael Jackson, quando gravou seu clipe na favela, não permitiu a presença da mídia. A partir de 2008, iniciou-se a era das celebridades e a exposição da favela para o mundo.

Algumas perguntas, porém, precisam ser feitas e respondidas no momento em que o poder público pensa em investir nesse filão: o que é uma favela preparada para receber turistas? Que “maquiagem” precisa ser feita para que o turista se sinta bem? Que produtos os turistas querem encontrar ali? O comércio local deve adaptar-se aos turistas ou servir aos moradores? Se o Morro não é uma propriedade particular, se não tem um dono, todo e cada morador tem o direito de opinar sobre o que está se passando com o seu lugar de moradia.

Essas e outras questões devem pautar o debate entre moradores e gestores públicos sobre o turismo nas favelas pacificadas. Se os moradores não se organizarem e se não assumirem o protagonismo das ações de turismo e de entretenimento no Santa Marta, vamos assistir aos nativos – os de dentro – servindo de testa de ferro para empreendimentos e iniciativas dos de fora, às custas de uma identidade local que aos poucos vai perdendo suas características.

Tomar os princípios do turismo comunitário – integridade das identidades locais, protagonismo e autonomia dos moradores – talvez ajude-nos a encontrar estratégias para receber os de fora sem sucumbir às regras violentas de um turismo mercadológico.

Itamar Silva é Presidente do Grupo Eco - Santa Marta e diretor do Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase).
Adaptado de: Jornal O Dia, 31 jan. 2013.

“Água morro abaixo, fogo morro acima e invasão de turistas em favelas pacificadas são difíceis de conter. Algo precisa ser feito para que a positividade do momento não transforme esses lugares em comunidades ‘só pra inglês ver’”.

Embora os dois períodos anteriores não estejam ligados por meio de um conectivo, é possível identificar uma relação de sentido entre eles, atribuindo-se coerência ao fragmento. Essa relação de sentido poderia ser explicitada pelo uso do seguinte elemento de coesão:

- a) apesar disso.
- b) além disso.
- c) depois disso.
- d) graças a isso.

3. **Cesmac-AL 2022** A coesão – propriedade constitutiva dos textos – requer alguns recursos, como, por exemplo: certas reiterações, ou seja, tudo que possa reforçar a continuidade semântica do que é dito. É assim que, em cada texto, se costuma reiterar certas ideias ou expressões. Analise, a propósito das regularidades exigidas pela coesão, as alternativas seguintes:

- 1. Há palavras que se repetem ou que guardam afinidade de sentido ou de forma, como ‘língua’, ‘linguagem’, ‘linguístico’ e nomes semanticamente afins.
- 2. Expressões que têm como função estabelecer conexão entre partes do texto, como: “por isso”; “Dado que”, “nos quais”, “ou seja”, etc.
- 3. O uso de retomadas pronominais, isto é, o uso de pronomes em contextos de retomada, como em: ‘seus usuários’, ‘seus signos’, expressões que retomam referências feitas em segmentos anteriores do texto.
- 4. Afinidade semântica entre as palavras do texto, o que contribui, fortemente, para a desejada continuidade referencial ou predicativa do que é dito.
- 5. A utilização de palavras sinônimas, como “cognitivo” e “significado”, “linguagem” e “escrita”, “divulgação” e “aprendizagem”.

Estão corretas:

- a) 1, 2, 3, 4 e 5.
- b) 1, 2 e 3 apenas.
- c) 1, 2, 3 e 4 apenas.
- d) 3, 4 e 5 apenas.
- e) 2, 3 e 5 apenas.

4. **Unifesp 2022 (Adapt.)** Leia o trecho do texto “A invenção das crenças”, de Adauto Novaes, para responder à questão.

Nos três últimos livros publicados na série “Mutações”, procuramos analisar as principais questões postas pelas grandes transformações por que passa o Ocidente a partir das revoluções tecnocientífica, biotecnológica e da informática. Os três livros foram:

- *Mutações* — Novas configurações do mundo. Este primeiro livro mostra de que maneira a ciência e a técnica estão produzindo transformações sem precedentes na história, em todas as áreas da atividade humana.
- *Mutações* — A condição humana. No segundo livro, os ensaios respondem à questão: o que é viver neste novo mundo?
- *Mutações* — A experiência do pensamento. Este terceiro livro procurou analisar um problema muito específico dessa mutação: posto que ela se origina da revolução tecnocientífica e praticamente sem a ação dos pressupostos das ciências humanas, tendemos a dizer que ela é feita no vazio do pensamento. Ou melhor, vivemos uma realidade tão inteiramente nova que nem mesmo os velhos conceitos conseguem explicar o que acontece. Como escreveu, portanto, Montaigne: quando a razão falha, voltemos à experiência. O que há de peculiar na mutação hoje é que ela não recorre às “duas maiores invenções da humanidade, o passado e o futuro”. Tomemos como exemplo outra prodigiosa mutação que foi o Renascimento: ela apontava ao mesmo tempo para o futuro e para o passado, verdadeira paixão pelo novo e paixão pelo antigo. Seus eruditos, escreve o filósofo Alexandre Koyré, “exumaram todos os textos esquecidos em velhas bibliotecas monásticas: leram tudo, estudaram tudo, tudo editaram. Fizeram renascer todas as doutrinas esquecidas dos velhos filósofos da Grécia e do Oriente: Platão, Plotino, o estoicismo, o epicurismo e pitagorismo, o hermetismo e a cabala. Seus sábios tentaram fundar uma nova ciência, uma nova física, uma nova astronomia; ampliação sem precedente da imagem histórica, geográfica, científica do homem e do mundo. Efervescência confusa e fecunda de ideias novas e ideias renovadas. Renascimento de um mundo esquecido e nascimento de um mundo novo. Mas também: crítica, abalo e, enfim, destruição e morte progressiva das antigas crenças, das antigas concepções, das antigas verdades tradicionais, que davam ao homem a certeza do saber e a segurança da ação”. Nada disso vemos hoje na mutação tecnocientífica, a não ser o elogio dos fatos e dos acontecimentos técnicos e, principalmente, o elogio do presente eterno, sem passado nem futuro.

(<https://artepensamento.ims.com.br>. Adaptado.)

“posto que ela se origina da revolução tecnocientífica e praticamente sem a ação dos pressupostos das ciências humanas, tendemos a dizer que ela é feita no vazio do pensamento.” (4º parágrafo)

Em relação ao trecho que a sucede, a oração sublinhada expressa ideia de

- | | |
|----------------|------------------|
| a) comparação. | d) causa. |
| b) conclusão. | e) consequência. |
| c) condição. | |

5. Unesp 2022 (Adapt.)

Para responder à questão, leia o trecho do drama Macário, de Álvares de Azevedo.

MACÁRIO (chega à janela): Ó mulher da casa! olá! ó de casa!

UMA VOZ (de fora): Senhor!

MACÁRIO: Desate a mala de meu burro e tragam-me aqui...

A VOZ: O burro?

MACÁRIO: A mala, burro!

A VOZ: A mala com o burro?

MACÁRIO: Amarra a mala nas tuas costas e amarra o burro na cerca.

A VOZ: O senhor é o moço que chegou primeiro?

MACÁRIO: Sim. Mas vai ver o burro.

A VOZ: Um moço que parece estudante?

MACÁRIO: Sim. Mas anda com a mala.

A VOZ: Mas como hei de ir buscar a mala? Quer que vá a pé?

MACÁRIO: Esse diabo é doido! Vai a pé, ou monta numa vassoura como tua mãe!

A VOZ: Descanse, moço. O burro há de aparecer. Quando madrugar iremos procurar.

OUTRA VOZ: Havia de ir pelo caminho do Nhô Quitto. Eu conheço o burro...

MACÁRIO: E minha mala?

A VOZ: Não vê? Está chovendo a potes!...

MACÁRIO (fecha a janela): Malditos! (atira com uma cadeira no chão)

O DESCONHECIDO: Que tendes, companheiro?

MACÁRIO: Não vedes? O burro fugiu...

O DESCONHECIDO: Não será quebrando cadeiras que o chamareis...

MACÁRIO: Porém a raiva...

[...]

O DESCONHECIDO: A mala não pareceu-me muito cheia. Senti alguma coisa sacolejar dentro. Alguma garrafa de vinho?

MACÁRIO: Não! não! mil vezes não! Não concebeis, uma perda imensa, irreparável... era o meu cachimbo...

O DESCONHECIDO: Fumais?

MACÁRIO: Perguntai de que serve o tinteiro sem tinta, a viola sem cordas, o copo sem vinho, a noite sem mulher – não me pergunteis se fumo!

O DESCONHECIDO (dá-lhe um cachimbo): Eis aí um cachimbo primoroso.

[...]

MACÁRIO: E vós?

O DESCONHECIDO: Não vos importeis comigo. (tira outro cachimbo e fuma)

MACÁRIO: Sois um perfeito companheiro de viagem. Vosso nome?

O DESCONHECIDO: Perguntei-vos o vosso?

MACÁRIO: O caso é que é preciso que eu pergunte primeiro.

Pois eu sou um estudante. Vadio ou estudioso, talentoso ou estúpido, pouco importa. Duas palavras só: amo o fumo e odeio o Direito Romano. Amo as mulheres e odeio o romantismo.

O DESCONHECIDO: Tocai! Sois um digno rapaz. (apertam a mão)

MACÁRIO: Gosto mais de uma garrafa de vinho que de um poema, mais de um beijo que do soneto mais harmonioso. Quanto ao canto dos passarinhos, ao luar sonolento, às noites límpidas, acho isso sumamente insípido. Os passarinhos sabem só uma cantiga. O luar é sempre o mesmo. Esse mundo é monótono a fazer morrer de sono.

O DESCONHECIDO: E a poesia?

MACÁRIO: Enquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem. Hoje trocou-se em moeda de cobre; não há mendigo, nem caixeiro de taverna que não tenha esse vintém **azinhavrado**. Entendeis-me?

O DESCONHECIDO: Entendo. A poesia, de popular tornou-se vulgar e comum. Antigamente faziam-na para o povo; hoje o povo fá-la... para ninguém...

(Álvares de Azevedo. Macário/Noite na taverna, 2002.)

azinhavrado: coberto de azinhavre (camada de cor verde que se forma na superfície dos objetos de cobre ou latão, resultante da corrosão destes quando expostos ao ar úmido).

“Enquanto era a moeda de ouro que corria só pela mão do rico, ia muito bem.”

Em relação à oração que o sucede, o trecho sublinhado expressa noção de

- a) tempo.
- b) comparação.
- c) concessão.
- d) causa.
- e) condição.

6. FMABC-SP 2022 (Adapt.) Leia o capítulo CVI, “Jogo perigoso” do romance Memórias póstumas de Brás Cubas, de Machado de Assis, para responder à questão.

Respirei e sentei-me. D. Plácida atroava a sala com exclamações e lágrimas. Eu ouvia, sem lhe dizer coisa nenhuma; refletia comigo se não era melhor ter fechado Virgília na alcova e ficado na sala; mas adverti logo que seria pior; confirmaria a suspeita, chegaria o fogo à pólvora, e uma cena de sangue... Foi muito melhor assim. Mas depois? que ia acontecer em casa de Virgília? matá-la-ia o marido? espancá-la-ia? encerrá-la-ia? expulsá-la-ia? Estas interrogações percorriam lentamente o meu cérebro, como os pontinhos e vírgulas escuras percorrem o campo visual dos olhos enfermos ou cansados. lam e vinham, com o seu aspecto seco e trágico, e eu não podia agarrar um deles e dizer: és tu, tu e não outro.

De repente vejo um vulto negro; era D. Plácida, que fora dentro, enfiara a mantilha, e vinha oferecer-se-me para ir à casa do Lobo Neves. Ponderei-lhe que era arriscado, porque ele desconfiaria da visita tão próxima.

Sossegue, interrompeu ela; eu saberei arranjar as coisas. Se ele estiver em casa não entro.

Saiu; eu fiquei a ruminar o sucesso e as consequências possíveis. Ao cabo, parecia-me jogar um jogo perigoso, e perguntava a mim mesmo se não era tempo de levantar e espairecer. Sentia-me tomado de uma saudade do casamento, de um desejo de canalizar a vida. Por que não? Meu coração tinha ainda que explorar, não me sentia incapaz de um amor casto, severo e puro. Em verdade, as aventuras são a parte torrencial e vertiginosa da vida, isto é, a exceção; eu estava enfiado delas; não sei até se me punha algum remorso. Mal pensei naquilo, deixei-me ir atrás da imaginação; vi-me logo casado, ao pé de uma mulher adorável, diante de um baby, que dormia no regaço da ama, todos nós no fundo de uma chácara sombria e verde, a espiarmos através das árvores uma nesga do céu azul, extremamente azul...

(Memórias póstumas de Brás Cubas, 2001.)

“Mal pensei naquilo, deixei-me ir atrás da imaginação” (4º parágrafo)

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho sublinhado expressa ideia de

- a) comparação.
- b) tempo.
- c) consequência.
- d) concessão.
- e) condição.

7. ITA-SP 2017 O Brasil será, em poucas décadas, um dos países com maior número de idosos do mundo, e precisa correr para poder atendê-los no que eles têm de melhor e mais saudável: o desejo de viver com independência e autonomia. [...]

O mantra da velhice no século XXI é “envelhecer no lugar”, o que os americanos chamam de *aging in place*. O conceito que guia novas políticas e negócios voltados para os longevos tem como principal objetivo fazer com que as pessoas consigam permanecer em casa o maior tempo possível, sem que, para isso, precisem de um familiar por perto. Não se trata de apologia da solidão, mas de encarar um dado da realidade contemporânea: as residências não abrigam mais três gerações sob o mesmo teto e boa parte dos idosos de hoje prefere, de fato, morar sozinha, mantendo-se dona do próprio nariz.

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/brasil/envelhecer-no-seculo-XXI/>>, 18 mar. 2016. Adaptado. Acesso em: 10 ago. 17.

A conjunção em destaque na frase “Não se trata de apologia da solidão, **mas** de encarar um dado da realidade contemporânea: ...” possui a função semântica de:

- a) retificação.
- b) compensação.
- c) complementação.
- d) separação.
- e) acréscimo.

8. UFPR 2022 (Adapt.)

Da Violência Hannah Arendt

Estas reflexões foram causadas pelos eventos e debates dos últimos anos comparados com o background do século vinte, que se tornou realmente, como Lênin tinha previsto, um século de guerras e revoluções; um século daquela violência que se acredita comumente ser o denominador comum destas guerras e revoluções. Há, todavia, um outro fator na situação atual que, embora não previsto por ninguém, é pelo menos de igual importância. O desenvolvimento técnico dos implementos da violência chegou a tal ponto que nenhum objetivo político concebível poderia corresponder ao seu potencial destrutivo, ou justificar seu uso efetivo num conflito armado. Assim, a arte da guerra – desde tempos imemoriais o impiedoso árbitro final em disputas internacionais – perdeu muito de sua eficácia e quase todo seu fascínio. O “apocalíptico” jogo de xadrez entre as superpotências, ou seja, entre os que manobram no plano mais alto de nossa civilização, está sendo jogado segundo a regra “se qualquer um ‘ganhar’ é o fim de ambos”; é um embate sem qualquer semelhança com os outros embates militares precedentes. Seu objetivo “racional” é intimidação e não vitória, e a corrida armamentista, já não sendo uma preparação para a guerra, só pode ser justificada agora pela ideia de que quanto mais intimidação houver maior é a garantia de paz.

(Extraído e adaptado de: Arendt, H. *Crises da República*. SP: Perspectiva, 2017.)

Acerca dos relatores de coesão presentes no texto, assinale a alternativa correta.

- O termo grifado em “um século daquela violência que se acredita” (linhas 4 e 5) é conjunção integrante com valor aditivo.
- O vocábulo “assim” (linha 12) tem valor adversativo, de oposição ao período precedente.
- Na linha 16, a locução “ou seja” tem o mesmo valor semântico de “quer seja”.
- O valor semântico de “embora” (linha 7) corresponde a “por mais que”.
- A locução “já não” (linha 21) tem valor concessivo equivalente a “ainda que”.

9. Fuvest-SP Leia o seguinte texto:

Era o que ele estudava. “A estrutura, quer dizer, a estrutura” – ele repetia e abria as mãos branquíssimas ao esboçar o gesto redondo. Eu ficava olhando seu gesto impreciso porque uma bolha de sabão é mesmo imprecisa, nem sólida nem líquida, nem realidade nem sonho. Película e oco. “A estrutura da bolha de sabão, compreende?” Não compreendia. Não tinha importância. Importante era o quintal da minha meninice com seus verdes canudos de mamoeiro, quando cortava os mais tenros que sopravam as bolas maiores, mais perfeitas.

Lygia Fagundes Telles, *A estrutura da bolha de sabão*, 1973.

A “estrutura” da bolha de sabão é consequência das propriedades físicas e químicas dos seus componentes. As cores observadas nas bolhas resultam da interferência que ocorre entre os raios luminosos refletidos em suas superfícies interna e externa.

Considere as afirmações seguintes sobre o início do conto de Lygia Fagundes Telles e sobre a bolha de sabão:

- O excerto recorre, logo em suas primeiras linhas, a um procedimento de coesão textual em que pronomes pessoais são utilizados antes da apresentação de seus referentes, gerando expectativa na leitura.
- Os principais fatores que permitem a existência da bolha são a força de tensão superficial do líquido e a presença do sabão, que reage com as impurezas da água, formando a sua película visível.
- A óptica geométrica pode explicar o aparecimento de cores na bolha de sabão, já que esse fenômeno não é consequência da natureza ondulatória da luz.

Está correto apenas o que se afirma em:

- I.
- I e II.
- I e III.
- II e III.
- III.

- 10. UFRGS 2022** Esse delírio que por aí vai pelo futebol seus fundamentos na própria natureza humana. O espetáculo da luta sempre foi o maior encanto do homem; e o prazer da vitória, pessoal ou do partido, foi, é e será a ambrosia dos deuses manipulada na Terra. Admiramos hoje os grandes filósofos gregos, Platão, Sócrates, Aristóteles; seus coevos, porém, admiravam muito mais os atletas que venciam no estádio. Milon de Crotona, campeão na arte de torcer pescoços de touros, só para nós tem menos importância que seu mestre Pitágoras. Para os gregos,

para a massa popular grega, seria inconcebível a ideia de que o filósofo pudesse no futuro ofuscar a glória do lutador.

- Na França, o homem hoje mais popular é George Carpentier, mestre em socos de primeira classe; e, se derem nas massas um balanço sincero, verão que ele sobrepuja em prestígio aos próprios chefes supremos vencedores da guerra.

- Nos Estados Unidos, há sempre um campeão de boxe tão entranhado na idolatria do povo que está em suas mãos subverter o regime político.

E os delírios coletivos provocados pelo combate de dois campeões em campo? Impossível assistir-se a espetáculo mais revelador da alma humana que os jogos de futebol.

- Não é mais esporte, é guerra. Não se batem duas equipes, mas dois povos, duas nações. Durante o tempo da luta, de quarenta a cinquenta mil pessoas deliram em transe, estáticas, na ponta dos pés, coração aos pulos e nervos tensos comocordas de viola. Conforme corre o jogo, pausas de silêncio absoluto na multidão suspensa, ou deflagrações violentíssimas de entusiasmo, que só a palavra delírio classifica. E gente pacífica, bondosa, incapaz de sentimentos exaltados, sai fora de si, torna-se capaz de cometer os mais horrorosos desatinos. A luta de vinte e duas feras no campo transforma em feras os cinquenta mil espectadores, possibilitando um enfraquecimento mútuo, num conflito horrendo, caso um incidente qualquer funda em corisco, eletricidades psíquicas acumuladas em cada indivíduo.

- O jogo de futebol teve a honra de despertar o nosso povo do marasmo de nervos em que vivia.

Adaptado de LOBATO, Monteiro. *A onda verde*. São Paulo: Globo, 2008. p. 119-120.

Considere as seguintes afirmações.

- O pronome possessivo **seus** (l. 02) expressa uma relação entre **fundamentos** (l. 02) e **natureza humana** (l. 02).
- O pronome possessivo **seu** (l. 10) expressa uma relação entre **campeão** (l. 08) e **mestre Pitágoras** (l. 10).
- O pronome possessivo **suas** (l. 20) expressa uma relação entre **um campeão de boxe** (l. 19) e **mãos** (l. 20).

Quais estão corretas?

- Apenas I.
- Apenas II.
- Apenas III.
- Apenas II e III.
- I, II e III.

11. Cefet-RJ 2014

Descrição de gravura

(Reinaldo Jardim)

Eu vejo uma gravura, grande e rasa.
No primeiro plano, uma casa.
À direita da casa, outra casa.
À esquerda da casa, outra casa.
Lá no fundo da casa, outra casa.
Em frente da casa, uma vala:
Onde corre a lama, doutra casa.
E no chão da casa, outra vala
Onde corre o esgoto doutra casa.
Esta casa que eu vejo, não se casa

Com o que chamamos de uma casa.
Pois as paredes são esburacadas,
Onde passam aranhas e baratas.
E os telhados são folhas de zinco.
E podem cair a qualquer vento
E matar a mulher que mora dentro

E matar a criança, que está dentro
Da mulher que mora nessa casa.
Ou da mulher que mora noutra casa.
É preciso pintar outra gravura
Com casa de argamassa na paisagem
Crianças cantando a segurança da vida construída à
[sua imagem].

O pronome relativo “onde”, de uso recorrente no texto, refere-se, em cada uma de suas aparições no texto, respectivamente a:

- a) vala, vala, paredes.
- b) lama, vala, esburacadas.
- c) vala, esgoto, paredes.
- d) lama, esgoto, esburacadas.

- 12. Fuvest-SP 2022 (Adapt.)** No modelo hegemônico, quase todo o treinamento é reservado para o desenvolvimento muscular, sobrando muito pouco tempo para a mobilidade, a flexibilidade, o treino restaurativo, o relaxamento e o treinamento cardiovascular. Na teoria, seria algo em torno de 70% para o fortalecimento, 20% para o cárdio e 10% para a flexibilidade e outros. Na prática, muitos alunos direcionam 100% do tempo para o fortalecimento.

Como a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.

Nuno Cobra Jr. “Fitness não é saúde”. Uol. 06/05/2021.
Adaptado.

Sem alteração de sentido, o segundo parágrafo do texto poderia ser reescrito da seguinte maneira:

- a) Ainda que a prática cardiovascular seja infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, essa ordem deveria ser revista, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.
- b) Para evitar que a prática cardiovascular se torne infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.
- c) Quando a prática cardiovascular for infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, essa ordem deveria ser revista, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.
- d) Quanto mais a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa

saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável, essa ordem deveria ser revista.

- e) Essa ordem deveria ser revista: a prática cardiovascular é infinitamente mais significativa e determinante para a nossa saúde orgânica como um todo, podendo ser considerada o “coração” de um treinamento consciente e saudável.

13. Unir-RO (Adapt.)

Por onde anda Emília?

Dona Benta e Tia Anastácia faleceram, Rabicó virou presunto há muito tempo, Pedrinho e Narizinho tornaram-se adultos e sumiram. Mas Emília continua viva. Idosa agora – mesmo bonecas envelhecem –, ela continua a mesma contestadora de sempre. Continua em busca da Casa das chaves, aquela em que penetrou buscando desligar a Chave da Guerra (mas enganou-se: desligou a Chave do Tamanho, e tornou-se a precursora – bem melhor que a sequela – do filme Querida, encolhi as crianças). As chaves que Emília agora quer desligar são as chaves da Pobreza, do Desemprego, da Fome. Mas será difícil. Se não conseguiu isso há 50 anos, não conseguirá agora, que sua energia é muito menor.

Emília sonha. Com que sonha? Com o Sítio do Picapau Amarelo. E sonha que o sítio está sendo invadido pelos sem-terra, que ali tentam se instalar. Querem plantar, no que era o território da fantasia, milho e feijão. Emília hesita; seu lado anarquista quer aderir aos invasores, seu lado conservador acha isso uma barbaridade. Procura uma resposta, mas não acha; o único que poderia aconselhá-la, o amável escritor chamado Monteiro Lobato, morreu há muito tempo.

SCLIAR, Moacyr. In: MESQUITA, R.M. Gramática da Língua Portuguesa. São Paulo: Saraiva, 2007.

Sobre usos de recursos coesivos, analise as afirmativas.

- I. Nas expressões mesmo bonecas e mesma contestadora, os vocábulos grifados são elementos coesivos por referirem-se a sentido apresentado anteriormente.
- II. Em *Se não conseguiu isso*, o pronome retoma *desligar [...] as chaves da Pobreza, do Desemprego, da Fome*.
- III. A personagem Emília é retomada ao longo do texto pelos pronomes *ela*, *aquela* e *la*, destacados no texto.
- IV. Para evitar repetição da palavra *chave*, o cronista poderia ter usado elipse: *buscando desligar a Chave da Guerra (mas enganou-se: desligou a do Tamanho...)* e *As chaves que Emília agora quer desligar são as da Pobreza, do Desemprego, da Fome*.

Estão corretas as afirmativas

- a) I, II e III, apenas.
- b) II, III e IV, apenas.
- c) II e IV, apenas.
- d) I e IV, apenas.
- e) I, II, III e IV.

14. **UEMG 2015** Cruéis convenções nos convocam: estar em forma, ser competente, ser produtivo, mostrar serviço, prover, pagar, e ainda ter tempo para ternura, cuidados, amor. O curso da existência começa a ser para muitos uma ameaça real. A sociedade é uma mãe terrível, a vida um corredor estreito, o tempo um perseguidor implacável: belos e competentes, ou belos ou competentes, atordoados entre deveres e frestas estreitas demais de liberdade ou sonho.

Nós construímos isso.

Só não prevíamos as corredeiras, as gargantas, os redemoinhos, a noite lá no fundo dessas águas. É quando toda a competência, a eficiência, o poder, se encolhem e ficamos nus, e sós, na nossa frágil maturidade, sob o império das perdas que começam a se apresentar sem cerimônia.

LUFT, 2014, p. 79.

Em gramáticas e em manuais de língua portuguesa, costuma-se recomendar o uso da vírgula para indicar a elipse (omissão) de um verbo, como neste exemplo: “Ele prefere filmes de suspense; a namorada, filmes de aventura”.

Com base nessa regra, seria necessário alterar a pontuação da seguinte passagem:

- a) “Cruéis convenções nos convocam: estar em forma, ser competente, ser produtivo, mostrar serviço, prover, pagar, e ainda ter tempo para ternura, cuidados, amor.”
- b) “A sociedade é uma mãe terrível, a vida um corredor estreito, o tempo um perseguidor implacável [...]”
- c) “Só não prevíamos as corredeiras, as gargantas, os redemoinhos, a noite lá no fundo dessas águas.”
- d) “É quando toda a competência, a eficiência, o poder, se encolhem e ficamos nus, e sós, na nossa frágil maturidade [...]”.

15. **Enem 2ª aplicação 2016**

Apesar de

Não lembro quem disse que a gente gosta de uma pessoa não por causa de, mas apesar de. Gostar daquilo que é gostável é fácil: gentileza, bom humor, inteligência, simpatia, tudo isso a gente tem em estoque na hora em que conhece uma pessoa e resolve conquistá-la. Os defeitos ficam guardadinhos nos primeiros dias e só então, com a convivência, vão saindo do esconderijo e revelando-se no dia a dia. Você então descobre que ele não é apenas gentil e doce, mas também um tremendo casca-grossa quando trata os próprios funcionários. E ela não é apenas segura e determinada, mas uma chorona que passa 20 dias por mês com TPM. E que ele ronca, e que ela diz palavrão demais, e que ele é supersticioso por bobagens, e que ela enjoa na estrada, e que ele não gosta de criança, e que ela não gosta de cachorro, e agora? Agora, convoquem o amor para resolver essa encrenca.

MEDEIROS, M. *Revista O Globo*, n. 790, 12 jun. 2011 (adaptado).

Há elementos de coesão textual que retomam informações no texto e outros que as antecipam. Nos trechos, o elemento de coesão sublinhado que antecipa uma informação do texto é

- a) “Gostar daquilo que é gostável é fácil [...]”.
- b) “[...] tudo isso a gente tem em estoque [...]”.
- c) “[...] na hora em que conhece uma pessoa [...]”.
- d) “[...] resolve conquistá-la.”
- e) “[...] para resolver essa encrenca.”

16. **Uerj**

Sobre a origem da poesia

A origem da poesia se confunde com a origem da própria linguagem. Talvez fizesse mais sentido perguntar quando a linguagem verbal deixou de ser poesia. Ou: qual a origem do discurso não poético, já que, restituindo laços mais íntimos entre os signos e as coisas por eles designadas, a poesia aponta para um uso muito primário da linguagem, que parece anterior ao perfil de sua ocorrência nas conversas, nos jornais, nas aulas, conferências, discussões, discursos, ensaios ou telefonemas.

Como se ela restituísse, através de um uso específico da língua, a integridade entre nome e coisa – que o tempo e as culturas do homem civilizado trataram de separar no decorrer da história.

A manifestação do que chamamos de poesia hoje nos sugere mínimos *flashbacks* de uma possível infância da linguagem, antes que a representação rompesse seu cordão umbilical, gerando essas duas metades – significante e significado.

Houve esse tempo? Quando não havia poesia porque a poesia estava em tudo o que se dizia? Quando o nome da coisa era algo que fazia parte dela, assim como sua cor, seu tamanho, seu peso? Quando os laços entre os sentidos ainda não se haviam desfeito, então música, poesia, pensamento, dança, imagem, cheiro, sabor, consistência se conjugavam em experiências integrais, associadas a utilidades práticas, mágicas, curativas, religiosas, sexuais, guerreiras?

Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico, projetado sobre um passado pré-babélico, tribal, primitivo. Ao mesmo tempo, cada novo poema do futuro que o presente alcança cria, com sua ocorrência, um pouco desse passado.

Lembro-me de ter lido, certa vez, um comentário de Décio Pignatari, em que ele chamava a atenção para o fato de, tanto em chinês como em tupi, não existir o verbo ser, enquanto verbo de ligação. Assim, o ser das coisas ditas se manifestaria nelas próprias (substantivos), não numa partícula verbal externa a elas, o que faria delas línguas poéticas por natureza, mais propensas à composição analógica.

Mais perto do senso comum, podemos atentar para como colocam os índios americanos falando, na maioria dos filmes de *cowboy* – eles dizem “maçã vermelha”, “água boa”, “cavalo veloz”; em vez de “a maçã é vermelha”, “essa água é boa”, “aquele cavalo é veloz”. Essa forma mais sintética, telegráfica, aproxima os nomes da própria existência – como se a fala não estivesse se referindo àquelas coisas, e sim apresentando-as (ao mesmo tempo em que se apresenta).

No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam nossa relação com as coisas, impedindo nosso contato direto com elas. A linguagem poética inverte essa relação, pois, vindo a se tornar, ela em si, coisa, oferece uma via de acesso sensível mais direto entre nós e o mundo.

[...]

Já perdemos a inocência de uma linguagem plena assim. As palavras se desapegaram das coisas, assim como os olhos se desapegaram dos ouvidos, ou como a criação se desapegou da vida. Mas temos esses pequenos oásis – os poemas – contaminando o deserto da referencialidade.

ARNALDO ANTUNES. www.arnaldoantunes.com.br

Na coesão textual, ocorre o que se chama catáfora quando um termo se refere a algo que ainda vai ser enunciado na frase.

Um exemplo em que o termo destacado constrói uma catáfora é:

- a) Como se ela restituísse,
- b) Pode ser que essas suposições tenham algo de utópico,
- c) não numa partícula verbal externa a elas,
- d) No seu estado de língua, no dicionário, as palavras intermedeiam

Texto complementar

O texto como um evento comunicativo

A produção textual é uma interação entre sujeitos com objetivos sociocomunicativos, sendo a comunicação o principal. Produzir um texto é lidar com várias situações relevantes, tais como: expectativa, crenças, as mais diversas visões de mundo, pré-conhecimentos, pressuposições, convicções, entre outras. E, ao considerar todas essas situações, o produtor usa o texto como instrumento mediador para atingir a sua principal meta, a de comunicar. O texto precisa ser visto como uma unidade de sentido.

Uma gama de regras, no entanto, precisa ser observada e seguida [...]. Um texto é uma unidade mínima significativa de sentido, independentemente de sua extensão, conforme ressaltam Halliday e Hasan (1976). Falar de texto é falar de comunicação e produção de sentidos que edificam o ambiente da interação entre um produtor e um receptor, por isso um texto não pode ser escrito de qualquer forma, haja vista que o sistema da língua não permite tal situação, como frisa Rocha (2015).

Nesse entendimento, afirmam Azevedo e Tardelli (2004, p.45): “produzir um texto na escola é, pois, realizar uma atividade de elaboração que se apura nas situações interlocutivas criadas em sala de aula; é um trabalho de reflexão individual e coletiva e não um ato mecânico, espontaneísta ou meramente reprodutivo”. Um texto é uma produção de sentido e requer o máximo de cuidado ao ser produzido. [...]

No que diz respeito à coesão, convém frisar que é a ligação coerente entre as partes de um texto, produzida por uma escolha correta de operadores textuais; ela funciona como um conector entre frases e parágrafos e tem como função agir, juntamente com a coerência, para dar um sentido amplo ao texto.

[...]

ROCHA, Max S. da; SILVA, Maria M. de P. A linguística textual e a construção do texto: um estudo sobre os fatores de textualidade. *A Cor das Letras*. Feira de Santana, v. 18, n. 2, p. 31 e 35, 2017. Disponível em: <http://periodicos.uefs.br/index.php/acordasletras/article/view/1866>. Acesso em: 30 ago. 2021. (Adapt.).

Resumindo

Coesão textual: relação de sentido estabelecida para promover a progressão, a remissão e a antecipação de termos em um texto.

Relações de progressão: criadas pelo emprego de conjunções e locuções conjuntivas, garantem que as ideias do texto sejam desencadeadas de modo lógico e organizado. Podem ser feitas por subordinação ou coordenação entre as orações do período. Subordinação: exprimem causa, condição, concessão, comparação, consequência, confirmação, proporção, tempo e finalidade. Coordenação: exprimem adição, oposição, explicação, conclusão e alternância.

Relações de remissão: também chamadas de coesão anafórica e criadas a partir de pronomes, elipses e sinônimos, permitem que uma palavra ou expressão seja retomada sem que haja redundância no texto. São desencadeadas principalmente por:

Pronomes pessoais: eu, tu, ele, nós, vós, eles, me, mim, comigo, te, ti, consigo, o(s), a(s), lhe(s), nos, conosco, vos, convosco, se, si, consigo.

Pronomes possessivos: meu(s), minha(s), seu(s), sua(s), teu(s), tua(s), dele(s), dela(s), nosso(s), nossa(s), vosso(s), vossa(s). Pronomes demonstrativos: esse(s), essa(s), aquele(s), aquela(s), aquilo, este(s), esta(s), isto, isso.

Pronomes relativos: que, quem, onde, cuja(s), cujo(s), a(s) qual(is), quanto(s), quanta(s).

Hiperônimos: sinônimos de referentes abundantes.

Hipônimos: sinônimos de referentes restritos.

Relações de antecipação: também chamadas de coesão catafórica e criadas a partir de pronomes que introduzem um referente ainda não citado no texto. Muito comum na linguagem publicitária e em campanhas públicas, trata-se de uma coesão frequentemente usada para destacar vantagens de um produto para somente depois anunciá-lo.

Quer saber mais?



Livro

A coesão textual, de Ingedore Villaça Koch. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2002

Livro produzido pela professora e pesquisadora da Unicamp traz uma análise minuciosa dos mecanismos constitutivos dos textos em língua portuguesa.



Cartilha

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A redação no Enem 2020: cartilha do participante. Brasília: Inep, 2020. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/institucionais/avaliacoes_e_exames_da_educacao_basica/a_redacao_do_enem_2020_-_cartilha_do_participante.pdf. Acesso em: 23 jun. 2022.

Manual elaborado pelo Inep em parceria com o Ministério da Educação, contendo diversas orientações sobre a prova de redação do Enem, com análises dos corretores a respeito da qualidade dos textos que pontuaram a nota máxima no exame. Oferece uma leitura didática sobre a competência de coesão na redação, orientando como desenvolvê-la de modo prático.

Exercícios complementares

1. **Fuvest-SP 2022 (Adapt.)** A escrita faz de tal modo parte de nossa civilização **que** poderia servir de definição dela própria. A história da humanidade se divide em duas imensas eras: antes e a partir da escrita. Talvez venha o dia de uma terceira era – depois da escrita. Vivemos os séculos da civilização escrita. Todas as nossas sociedades baseiam-se no escrito. A lei escrita substitui a lei oral, o contrato escrito substitui a convenção verbal, a religião escrita se seguiu à tradição lendária. E **sobretudo** não existe história que não se funde sobre textos.

Charles Higounet. *A história da escrita*. Adaptado.

A locução conjuntiva “de tal modo... que” e o advérbio “sobretudo”, respectivamente, expressam noção de:

- a) conformidade e dúvida.
- b) consequência e realce.
- c) condição e negação.
- d) consequência e negação.
- e) condição e realce.

2. **Famerp-SP 2022 (Adapt.)** Leia o trecho do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, para responder à questão.

A propósito das botas

Meu pai, que não me esperava, abraçou-me cheio de ternura e agradecimento. “— Agora é deveras?, disse ele. Posso enfim...?”

“Deixei-o nessa reticência, e fui descalçar as botas, que estavam apertadas. Uma vez aliviado, respirei à larga, e deitei-me a fio comprido, enquanto os pés, e todo eu atrás deles, entrávamos numa relativa bem-aventurança. Então considerei que as botas apertadas são uma das maiores venturas da Terra, porque, fazendo doer os pés, dão azo ao prazer de as descalçar. Mortifica os pés, desgraçado, desmortifica-os depois, e aí tens a felicidade barata, ao sabor dos sapateiros e de **Epicuro**. [...] Quatro ou cinco dias depois, saboreava esse rápido, inefável e incoercível momento de gozo, que sucede a uma dor pungente, a uma preocupação, a um incômodo... Daqui inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, porque só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer, e não inventou os calos, senão porque eles aperfeiçoam a felicidade terrestre.

Em verdade vos digo que toda a sabedoria humana não vale um par de botas curtas.

Tu, minha Eugênia, é que não as descalçaste nunca; foste aí pela estrada da vida, manquejando da perna e do amor, triste como os enterros pobres, solitária, calada, laboriosa, até que vieste também para esta outra margem...

(Memórias póstumas de Brás Cubas, 2008.)

Epicuro: filósofo grego (341 a.C. – 271 a.C.).

“Daqui inferi eu que a vida é o mais engenhoso dos fenômenos, **porque** só aguça a fome, com o fim de deparar a ocasião de comer” (2ª parágrafo)

Em relação ao trecho que a precede, a palavra sublinhada introduz uma oração que expressa

- a) uma finalidade.
- b) uma explicação.
- c) uma condição.
- d) uma conclusão.
- e) uma consequência.

3. **Fuvest-SP 2022** A crise atual no mundo – no Oriente Médio, em Israel e na Palestina – não diz respeito aos valores do Islã. Não diz respeito, de jeito algum, à mentalidade dos árabes, como querem alguns racistas. Diz respeito à luta antiga entre fanatismo e pragmatismo. Entre fanatismo e pluralismo. Entre fanatismo e tolerância. O 11 de setembro não tem a ver nem mesmo com a questão de se a América é boa ou má, se o capitalismo é ameaçador ou transparente, se a globalização deveria cessar ou não. Diz respeito, isto sim, à reivindicação típica dos fanáticos: se julgo algo mau, elimino-o, junto com seus vizinhos. [...] Minha própria infância em Jerusalém tomou-me um especialista em fanatismo comparado. Jerusalém da minha infância, lá pelos idos dos anos 1940, era cheia de profetas espontâneos, Redentores e Messias. Mesmo atualmente, cada um dos jerosolimitanos tem sua fórmula pessoal de salvação instantânea. Todos dizem que vieram a Jerusalém – e aqui cito uma frase famosa de uma velha canção – para construí-la e para serem construídos por ela. De fato, alguns deles e algumas delas, judeus, cristãos e muçulmanos, realmente vieram a Jerusalém não tanto para construí-la, para serem construídos por ela, mas antes para serem crucificados, ou para crucificar outros, ou ambas as coisas. Há

um transtorno mental reconhecido, uma doença mental designada “síndrome de Jerusalém”: as pessoas vão pra Jerusalém, inalam o maravilhoso ar transparente da montanha e, em seguida, repentinamente, inflamam-se e põem fogo numa mesquita, numa igreja ou sinagoga. Ou, de outra forma, tiram as roupas, sobem numa pedra e começam a profetizar. Ninguém escuta, jamais.

Amós Oz. *Contra o fanatismo*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

- a) Como a “síndrome de Jerusalém” pode ser relacionada à “reivindicação típica dos fanáticos”?
- b) As duas ocorrências da palavra “transparente” apresentam o mesmo sentido no texto? Justifique.

4. **Fuvest-SP 2022 (Adapt.)** A taxação de livros tem um efeito cascata **que** acaba custando caro não apenas ao leitor, como também ao mercado editorial – **que** há anos não anda bem das pernas – e, em última instância, ao desenvolvimento econômico do país. A gente explica. Taxar um produto significa, quase sempre, um aumento no valor do produto final. Isso porque ao menos uma parte desse imposto será repassada ao consumidor, especialmente se considerarmos que as editoras e livrarias enfrentam há anos uma crise **que** agora está intensificada pela pandemia e não poderiam retirar o valor desse imposto de seu já apertado lucro. Livros mais caros também resultam em queda de vendas, **que**, por sua vez, enfraquece ainda mais editoras e as impede de investir em novas publicações – especialmente aquelas de menor apelo comercial, mas igualmente importantes para a pluralidade de ideias. Já deu para perceber a confusão, não é? Mas, além disso, qual seria o custo de uma sociedade com menos leitores e menos livros? Taís Ilhéu.

“Por que taxar os livros pode gerar retrocesso social e econômico no país”.
Guia do Estudante. Setembro/2020. Adaptado.

No texto, os pronomes em negrito referem-se, respectivamente, a:

- a) taxação de livros, mercado editorial, crise, queda de vendas.
 - b) taxação de livros, leitor, crise, queda de vendas.
 - c) efeito cascata, mercado editorial, crise, queda de vendas.
 - d) efeito cascata, mercado editorial, livrarias, livros.
 - e) efeito cascata, leitor, crise, livros.
5. **FCMSCSP 2022 (Adapt.)** Leia o artigo intitulado “Tempus fugit”, de Hélio Schwartzman, para responder à questão.

Depois de nos privar de Plutão, que teve sua planetariedade cassada em 2006, cientistas agora ameaçam bagunçar o tempo.

Pretendem eliminar os segundos bissexto ocasionalmente introduzidos no calendário para fazer com que o tempo dos relógios atômicos (oficialmente, 1 segundo equivale a 9.192.631.770 ciclos de radiação emitidos pelo céso-133) não se divorcie de vez do tempo astronômico, em que o segundo vale 1/86.400 do dia.

Até os anos 60, a astronomia era a guardiã absoluta do tempo, mas aí descobrimos que o planeta é pouco pontual: a velocidade da rotação terrestre atrasa um número variável de milissegundos a cada ano.

Se os segundos corretivos forem de fato eliminados [...], o tempo se tornará mais abstrato. Não dirá mais respeito à noite, ao dia, às estações e aos anos.

Os cientistas, é claro, têm suas razões. O problema é que nossos corações são insensíveis a elas. O tempo encerra uma dimensão psicológica à qual não podemos escapar.

Nas “Confissões”, santo Agostinho vislumbrou o tamanho da encrenca: “Se nada sobreviesse, não haveria tempo futuro, e se agora nada houvesse, não existiria o tempo presente. De que modo existem aqueles dois tempos – o passado e o futuro –, se o passado já não existe e o futuro ainda não veio? Quanto ao presente, se fosse sempre presente, e não passasse para o pretérito, já não seria tempo, mas eternidade.”

Não é por acaso que, além de Agostinho, vários filósofos se apressaram a concluir que o tempo não passa de uma ilusão. Mesmo que ele seja uma realidade ontológica, como querem os físicos, continua despertando perplexidades e até paixões.

Nem toda ciência, filosofia e poesia do mundo nos fazem deixar de lamentar o passado e temer o futuro. Quem traduziu bem esse sentimento foi Virgílio: “*Sed fugit interea, fugit irreparabile tempus*” (mas ele foge: foge irreparavelmente o tempo).

(Folha de S.Paulo, 20.01.2012.)

“Mesmo que ele seja uma realidade ontológica, como querem os físicos, continua despertando perplexidades e até paixões.” (7º parágrafo)

Considerada no contexto, a oração “Mesmo que ele seja uma realidade ontológica” expressa ideia de

- a) condição.
- b) causa.
- c) consequência.
- d) comparação.
- e) concessão.

6. UEMG 2015

Luz em resistência

Estou sentada em minha cama, em semiobscuridade e me percebo com a cabeça entre as mãos, tenho a compulsão de me ajoelhar e prostrar-me, é dramático o que faço. Me sento de novo e de novo ponho a cabeça entre as mãos. Será possível que estou representando e representando pra Deus? Quero ficar natural, estou sozinha, não dá pra enganar ninguém, mas tenho um corpo e de algum modo ele se coloca no espaço, impossível não perceber a importância essencial do corpo, preciso da língua pra falar. Mas não é porque estou sozinha que vou dizer olha eu aqui, Deus, baratear o texto. Falo assim: eis-me aqui, dá um jeito do Franz aparecer em nossa casa, enquanto o Miguel estiver viajando. Percebo — ai que nojo, percebo demais — que disse ‘eis-me’ e depois “dá” no lugar de dai, mas não é desrespeito, é fluxo de sentimento que não tolera preocupação com a gramática e — percebo de novo — faço isso desde o primário, se corrigir tira a seiva da coisa. Gosto de pérola barroca e cerâmica torta, só não gosto de ter tomado consciência de meus lapsos gramaticais. “A língua fala dos tesouros do coração?”. Então este é o meu tesouro desejo, vou falar com força e pausadamente: Deus faz eu ficar com o Franz sozinha, por uma hora inteira — uma hora só, não, passa muito depressa —, duas horas, só conversando, só isso que eu quero, me dá esta graça, meu Pai. Acho que hoje escandalizei a Ester, não acontecerá mais. Não sei o que fazer com a Sabina que nos interroga como se

fôssemos culpadas das estranhezas da Bíblia. Ninguém sabe que o Franz está em Riachinho e desta vez não é pra fazer ponte nenhuma, veio só pra me ver, eu sei, veio por minha causa, o bacana. Quando as duas chegarem na segunda-feira, informo assim bem casual: amigo nosso passou por aqui, etc. e etc., não saberão do que se trata. Ao fim do rosário faço o agradecimento pela enormíssima graça recebida que é esta — sei que falo como se o Senhor fosse se esquecer, mas sou humana — a graça, dada pelo Senhor, de ter tido duas horas inteiras para ficar com o Franz. Mãe de Deus, pede por mim. *Perhaps Love*, gravar uma fita só com esta música começando e acabando e começando de novo e acabando e começando. Julinha me surpreendeu decorando e falou: tadinha. E eu sei que não foi por causa do meu inglês deficitário, ficou com pena é da minha menopausa em flor. Em qual dos dois espelhos acredito, no que me põe melhor ou no que me dá vontade de nunca mais sair de casa? Mãe de Deus, minha saudade do Franz é no corpo mas é ilocalizável. Ah, estou com saudade dele é na alma, Franz Bota, até o apelido dele é precioso, quero o precioso, meu deus, me ajuda a ver aquele homem. Se isso fosse teatro, acabava com *Perhaps Love*.

PRADO, 2011, 2014, p. 17-19.

Ao longo do texto, nota-se que a narradora se vê envolvida em uma série de conflitos. Uma das estratégias que a língua tem de expressar ideias conflitantes é o uso das conjunções adversativas, como a conjunção “mas” (“adverso” equivale a “oposto”, “contrário”). De acordo com o linguista Oswald Ducrot, as ideias adversas articuladas por “mas” geralmente estão subentendidas. Exemplo: “Está chovendo, mas vou sair”. Nota-se que o ato de “chover”, em si, não é oposto ao de “sair”. O que ocorre é que, quando se diz “está chovendo”, conclui-se, implicitamente, que não se deve sair. Essa conclusão é que se opõe, de fato, à segunda oração.

Com base nessa explicação, assinale a única opção em que a conjunção “mas” articula ideias explicitamente opostas:

- “Quero ficar natural, estou sozinha, não dá pra enganar ninguém, **mas** tenho um corpo e de algum modo ele se coloca no espaço”.
- “Percebo — ai que nojo, percebo demais — que disse ‘eis-me’ e depois ‘dá’ no lugar de dai, **mas** não é desrespeito.”
- “sei que falo como se o Senhor fosse se esquecer, **mas** sou humana”.
- “Mãe de Deus, minha saudade do Franz é no corpo **mas** é ilocalizável.”



As questões 7 e 8 referem-se ao texto a seguir.

Entre a desordem carnavalesca, que permite e estimula o excesso, e a ordem, que requer a continência e a disciplina pela obediência estrita às leis, como é que nós, brasileiros, ficamos? Qual a nossa relação e a nossa atitude para com e diante de uma lei universal que teoricamente deve valer para todos? Como procedemos diante da norma geral, se fomos criados numa casa onde, desde a mais tenra idade, aprendemos que há sempre um modo de satisfazer nossas vontades e desejos, mesmo que isso vá de encontro às normas do bom-senso e da coletividade em geral?

Num livro que escrevi — *Carnavais, malandros e heróis* —, lancei a tese de que o dilema brasileiro residia

numa trágica oscilação entre um esqueleto nacional feito de leis universais cujo sujeito era o indivíduo e situações onde cada qual se salvava e se despachava como podia, utilizando para isso o seu sistema de relações pessoais. Haveria, assim, nessa colocação, um verdadeiro combate entre as leis que devem valer para todos e as relações que evidentemente só podem funcionar para quem as tem.

- O resultado é um sistema social dividido e até mesmo equilibrado entre duas unidades sociais básicas: o indivíduo (o sujeito das leis universais que modernizam a sociedade) e a pessoa (o sujeito das relações pessoais, que conduz ao polo tradicional do sistema). Entre os dois, o coração dos brasileiros balança. E no meio dos dois, a malandragem, o “jeitinho” e o famoso e antipático “sabe com quem está falando?” seriam modos de enfrentar essas contradições e paradoxos de modo tipicamente brasileiro. Ou seja: fazendo uma mediação também pessoal entre a lei, a situação onde ela deveria aplicar-se e as pessoas nela implicadas, de tal sorte que nada se modifique, apenas ficando a lei um pouco desmoralizada, mas, como ela é insensível e não é gente como nós, todo mundo fica, como se diz, numa boa, e a vida retorna ao seu normal...

De fato, como é que reagimos diante de um “proibido estacionar”, “proibido fumar”, ou diante de uma fila quilométrica? Como é que se faz diante de um requerimento que está sempre errado? Ou diante de um prazo que já se esgotou e conduz a uma multa automática que não foi divulgada de modo apropriado pela autoridade pública? Ou de uma taxação injusta e abusiva?

Adaptado de: DA MATTA, Roberto. *O que faz o Brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984. p. 97-9

- UFGRS 2022 (Adapt.)** Assinale a alternativa que apresenta relações, contextualmente adequadas, para **se** (l. 07), **assim** (l. 17) e **De fato** (l. 36), nessa ordem.
 - Condição – causalidade – adição.
 - Causalidade – explicação – reforço.
 - Condição – causalidade – reforço.
 - Demonstração – explicação – adição.
 - Condição – demonstração – reforço.

- UFGRS 2022 (Adapt.)** Assinale com V (verdadeiro) ou F (falso) as afirmações a seguir.

- O pronome **isso** (l. 09) se refere ao trecho **um modo de satisfazer nossas vontades e desejos** (l. 08-09).
- O pronome **cujo** (l. 14) expressa uma relação de posse entre **trágica oscilação** (l. 13) e **sujeito** (l. 14).
- O pronome **isso** (l. 16) se refere à ideia de cada um se salvar e se despachar como pode, expressa na linha 15.
- O pronome **ela** (l. 30) se refere à expressão **uma mediação** (l. 29).

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- V – F – F – V.
- V – F – V – F.
- F – V – F – V.
- V – V – V – F.
- F – V – F – F.

9. UFPE (Adapt.)

Por que ler é fundamental?

Afinal por que se afirma que é tão importante ler? Para responder a essa questão, vamos lembrar que o texto – seja de que natureza for – está sempre pronto a ser compreendido, decifrado e interpretado. O processo da leitura exige um esforço que garante uma compreensão ampliada do mundo, de nós mesmos e da nossa relação com o mundo.

Na Roma antiga, o verbo “ler” - do latim *legere* - além de ler, também podia significar “colher”, “recolher”, “espionar”, “reconhecer traços”, “tomar”, “roubar”. Para os romanos, então, ler era muito mais do que simplesmente reconhecer as palavras e frases dos *outdoors* de uma avenida, dos índices de desempregos noticiados nos jornais, do discurso político de um candidato à presidência da República, de um poema ou de um conto, de um romance ou de um filme.

Ler é compreender os discursos, mas também é completá-los, descobrindo o que neles não está claramente dito. Talvez “recolher” seja buscar as pistas que o texto tem, “espionar” seja distanciar-se um pouco e não de imediato daquilo que está sendo proposto, “tomar” e “roubar” talvez queiram dizer estar prontos a captar, capturar, se apropriar daquilo que está escondido nas entrelinhas de um texto. É assim que a leitura se torna criativa e produtiva, pela descoberta dos sentidos do texto e a atribuição de outros. Do contrário, ela se torna apenas o ato de assistir a um desfile de letras, palavras e frases vazias, diante de olhos tão passivos quanto sonolentos.

O mundo simbólico se amplia diariamente. A maior parte dos fenômenos, sejam de natureza política, econômica, social ou cultural, fazem parte de um registro contínuo do homem. Também a reinvenção da realidade por meio dos textos literários, que constroem uma nova linguagem, nos dá a dimensão de emoções, sentimentos, críticas e vivências do homem, na sua busca de sentido para a existência.

Nos contos, crônicas, romances, poemas, nos mais variados textos criados, há sempre um universo interior e exterior de pessoas que vivem ou viveram num determinado tempo e espaço. Ler os textos escritos e as diversas linguagens inerentes ao ser humano é ampliar o nosso próprio mundo simbólico, é desenvolver nossa capacidade de comunicar e criticar, enfim, é um ato contínuo de recriação e invenção.

(Carla Caruso. Texto disponível em: <http://educacao.uol.com.br/portugues/leitura-por-que-ler-efundamenta.jhtm>. Acesso em: 5 nov. 2011. Adaptado)

A coesão do texto é assegurada pela articulação entre suas diferentes partes, graças a um conjunto de recursos lexicais e gramaticais. Nesse sentido, analise as considerações que são feitas a seguir e julgue-as verdadeiras (V) ou falsas (F).

- Considerando a especificidade desse gênero textual, uma pergunta como a que aparece no título dificulta a identificação dos nexos coesivos do texto.
- Pode-se reconhecer a recorrência de termos ligados ao campo semântico da leitura e de suas diversas funções, um dos recursos da coesão.

- A repetição da palavra “ler” – que ocorre no primeiro e no último parágrafo – é indicativa de que o núcleo temático do texto se manteve.
- O segmento “Para os romanos” cumpre a função de retomar uma referência anterior, embora expressa com outra formulação.
- Em “Ler é compreender os discursos, mas também é completá-los”, a coesão se evidencia pela relação de oposição expressa pelo conectivo.

10. **Enem** Os filhos de Ana eram bons, uma coisa verdadeira e sumarenta. Cresciam, tomavam banho, exigiam para si, malcriados, instantes cada vez mais completos. A cozinha era enfim espaçosa, o fogão enguiçado dava estouros. O calor era forte no apartamento que estavam aos poucos pagando. **Mas** o vento batendo nas cortinas que ela mesma cortara lembrava-lhe que se quisesse podia parar e enxugar a testa, olhando o calmo horizonte. Como um lavrador. Ela plantara as sementes que tinha na mão, não outras, **mas** essas apenas.

LISPECTOR, C. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

A autora emprega por duas vezes o conectivo **mas** no fragmento apresentado. Observando aspectos da organização, estruturação e funcionalidade dos elementos que articulam o texto, o conectivo **mas**:

- a) expressa o mesmo conteúdo nas duas situações em que aparece no texto.
- b) quebra a fluidez do texto e prejudica a compreensão, se usado no início da frase.
- c) ocupa posição fixa, sendo inadequado seu uso na abertura da frase.
- d) contém uma ideia de sequência temporal que direciona a conclusão do leitor.
- e) assume funções discursivas distintas nos dois contextos de uso.

11. IME-RJ 2022

Engenheiros da Vitória

Solução de problemas na história

[...] Quando se fala na eficiência em conseguir equipamentos de combate e transferir combatentes de A para B, os britânicos são campeões; certamente isso não foi por causa de alguma inteligência especial, mas pela ampla experiência em organização e senso crítico depois de enfrentar chances adversas em 1940, juntamente com a perspectiva de derrota. Aqui a necessidade foi a mãe da invenção. Eles tinham que defender suas cidades, transportar tropas até o Egito, apoiar os gregos, proteger as fronteiras da Índia, trazer os Estados Unidos para a guerra e depois levar aquele imenso potencial americano para a área da Europa. Era mais um problema a ser resolvido. Como foi possível fazer com que 2 milhões de soldados americanos, depois de chegar às bases de Clyde, fossem para bases no sul da Inglaterra preparando-se para o ataque à Normandia, quando a maior parte das ferrovias britânicas estava ocupada em transportar vagões de carvão para as fábricas de ferro e aço que não podiam parar de produzir?

Como se viu, uma organização composta por pessoas que cresceram decorando os horários da estrada de ferro de Bradshaw como passatempo pode fazer isso, enquanto os altos comandantes consideravam que tudo estava garantido porque confiavam na capacidade de seus administradores de nível médio. Churchill acreditava que o melhor era não se preocupar demais com os problemas, pois tudo se resolveria, isto é, uma maneira havia de ser encontrada, passo a passo.

Há uma outra forma de pensar sobre essa história de soluções de problemas, e ela vem de um exemplo bem contemporâneo. Em novembro de 2011, enquanto o genial líder da Apple, Steve Jobs, recebia inúmeras homenagens póstumas, um artigo intrigante foi publicado na revista *New Yorker*. Nele o autor, Malcom Gladwell, argumentava que Jobs não era o inventor de uma máquina ou de uma ideia que mudou o mundo; poucos seres o são (exceto talvez Leonardo da Vinci e Thomas Edison). Na verdade, seu brilhantismo estava em adotar invenções alheias que não deram certo, a partir das quais construía, modificava e fazia aperfeiçoamentos constantes. Para usar uma linguagem atual, ele era um *tweaker*, e sua genialidade impulsionou como nunca o aumento de eficiência dos produtos de sua companhia.

A história do sucesso de Steve Jobs, contudo, não era nova. A chegada da Revolução Industrial do século XVIII na Grã-Bretanha – muito provavelmente a maior revolução para explicar a ascensão do Ocidente – ocorreu porque o país possuía uma imensa coleção de *tweakers* em sua cultura que encorajaram o progresso [...]

A história da evolução do tanque T-34 soviético, de um grande pedaço de metal mal projetado e fraco para uma arma de guerra mortífera, segura e de grande mobilidade, não foi uma história contínua de *tweaking*? Não foi esse também o caso do grande bombardeiro americano, o B-29, que no início estava tão mergulhado em dificuldades que chegou a se propor seu cancelamento até que as equipes da Boeing resolveram os problemas? E as miraculosas histórias do P-51 Mustang, dos tanques de Percy Hobart e de um poderoso sistema de radar tão pequeno que poderia ser inserido no nariz de um avião patrulha de longa distância e virar a maré na Batalha do Atlântico? Depois que se unem os diversos pedaços espalhados, tudo se encaixa. Mas todos esses projetos exigiram tempo e apoio.

Na verdade, os administradores de grandes companhias mundiais provavelmente se surpreendam diante, digamos, do planejamento e orquestração do almirante Ramsay nos cinco desembarques simultâneos no Dia D e gostariam de poder realizar um décimo do que ele fez.

Em suma, a vitória em grandes guerras sempre requer organização superior, o que, por sua vez, exige pessoas que possam dirigir essas organizações, não com um interesse apenas moderado, mas da maneira mais competente possível e com estilo que permitirá às pessoas de fora propor ideias novas na busca da vitória. Os chefes não podem fazer isso tudo sozinhos, por mais que sejam criativos e dotados de energia. É necessário haver um sistema de apoio, uma cultura de encorajamento, *feedbacks* eficientes, uma capacidade de aprender com os reveses, uma habilidade de fazer as coisas acontecerem. E tudo isto tem de ser feito de uma maneira que seja melhor do que aquela do inimigo. É assim que as guerras são vencidas. [...]

O mesmo reconhecimento merecem, por certo, os militares de nível médio que mudaram a Segunda Guerra Mundial, transformando as agressões do Eixo em 1942 em avanços irreversíveis dos Aliados em 1943-44, e finalmente destruindo a Alemanha e o Japão. É verdade, alguns desses indivíduos, armamentos e organizações são reconhecidos, mas em geral de uma forma fragmentada e popularizada. É raro que esses fios isolados sejam tecidos em conjunto para mostrar como os avanços afetaram as muitas campanhas, fazendo a balança pender para o lado dos Aliados durante o conflito global. Mais raro ainda é a compreensão de como o trabalho desses vários solucionadores de problemas também precisa ser incluído numa importante “cultura do encorajamento” para garantir que simples declarações e intenções estratégicas de grandes líderes se tornem realidade e não murchem nas tempestades da guerra. Se isso é o que acontece, então vivemos com uma grande lacuna em nossa compreensão de como a Segunda Guerra Mundial foi vencida em seus anos cruciais.

KENNEDY, Paul. *Engenheiros da Vitória: Os responsáveis pela reviravolta na Segunda Guerra Mundial*. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014, p. 407- 428 (texto adaptado).

Leia atentamente o excerto extraído do texto:

“**Na verdade**, os administradores de grandes companhias mundiais provavelmente apenas fiquem maravilhados diante, **digamos**, do planejamento e orquestração do almirante Ramsay nos cinco desembarques simultâneos no Dia D e gostariam de poder realizar um décimo do que ele fez.

Em suma, a vitória em grandes guerras sempre requer organização superior, o que, **por sua vez**, exige pessoas que possam dirigir essas organizações, não com um interesse apenas moderado, **mas** da maneira mais competente possível e com estilo que permitirá às pessoas de fora propor ideias novas na busca da vitória”. (6º e 7º parágrafos)

A coesão ao refere-se aos mecanismos de encadeamento lógico-semântico do conteúdo apresentado, que criam relações entre o que é dito, de modo a orientar o leitor na construção do significado geral de um texto. Ela inclui os operadores argumentativos. Isso posto, considera-se que a análise desses elementos em negrito no texto mostra que o operador:

- a) “na verdade” contesta argumentos que apoiam a ideia de que a inventividade prática na guerra é reconhecida por profissionais do mundo dos negócios.
- b) “digamos” estabelece o questionamento das razões que justificam o encantamento dos admiradores das companhias mundiais.
- c) “em suma” menciona sucessivamente quais são os aspectos que contribuem para uma vitória na guerra.
- d) “por sua vez” estabelece a contestação do papel dos dirigentes na obtenção das vitórias militares na 2ª Guerra Mundial.
- e) “mas” evidencia a especificação de outras qualidades dos dirigentes das operações militares para obter êxito na guerra.

12. Enem 2014 Há qualquer coisa de especial **nisso** de botar a cara na janela em crônica de jornal – eu não fazia **isso** há muitos anos, enquanto me escondia em poesia e ficção. Crônica algumas vezes também é feita, intencionalmente, para provocar. Além do mais, em certos dias mesmo o escritor mais escolado não está lá grande coisa. Tem os que mostram sua cara escrevendo para reclamar: moderna demais, antiquada demais. **Alguns** discorrem sobre o assunto, e é gostoso compartilhar ideias. Há os textos que parecem passar despercebidos, outros rendem um mo tão de recados: “Você escreveu exatamente o que eu sinto”, “Isso é exatamente o que falo com meus pacientes”, “É isso que digo para meus pais”, “Comentei com minha namorada”. Os estímulos são valiosos pra quem nesses tempos andava meio **assim**: é como me botarem no colo – também eu preciso. Na verdade, nunca fui tão posta no colo por leitores como na janela do jornal. De modo que está sendo ótima, essa brincadeira séria, com alguns textos que iam acabar neste livro, outros espalhados por aí. Porque eu levo a sério ser sério... mesmo quando parece que estou brincando: **essa** é uma das maravilhas de escrever. Como escrevi há muitos anos e continua sendo a minha verdade: palavras são meu jeito mais secreto de calar.

LUFT, L. *Pensar é transgredir*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

Os textos fazem uso constante de recursos que permitem a articulação entre suas partes. Quanto à construção do fragmento, o elemento:

- “nisso” introduz o fragmento “botar a cara na janela em crônica de jornal”.
- “assim” é uma paráfrase de “é como me botarem no colo”.
- “isso” remete a “escondia em poesia e ficção”.
- “alguns” antecipa a informação “É isso que digo para meus pais”.
- “essa” recupera a informação anterior “janela do jornal”.

13. Uerj (Adapt.)

Competição e individualismo excessivos ameaçam saúde dos trabalhadores

Ideologia do individualismo

O novo cenário mundial do trabalho apresenta faces como a da competição globalizada e a da ideologia do individualismo. A afirmação foi feita pelo professor da Universidade de Brasília (UnB) Mário César Ferreira, ao participar do seminário Trabalho em Debate: Crise e Oportunidades.

Segundo ele, pela primeira vez, há uma ligação direta entre trabalho e índices de suicídio, sobretudo na França, em função das mudanças focadas na ideia de excelência.

Fim da especialização

¹“A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil”, disse o professor. Ele destacou ainda a crescente expansão do terceiro setor, do trabalho em domicílio e do trabalho feminino, bem como a exclusão de perfis como o de trabalhadores jovens e dos fortemente

especializados. “As organizações preferem perfis polivalentes e multifuncionais.” Desta forma, a escolarização clássica do trabalhador amplia-se para a qualificação contínua, enquanto a ultraespecialização evolui para a multiespecialização.

Metamorfoses do trabalho

Ele ressaltou que as “metamorfoses” no cenário do trabalho não são “indolores” para os que trabalham e provocam erros frequentes, retrabalho, danificação de máquinas e queda de produtividade.

²Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores, que leva à alta rotatividade nos postos de trabalho e aos casos de suicídio. ³“Trata-se de um cenário em que todos perdem, a sociedade, os governantes e, em particular, os trabalhadores”, avaliou.

Articulação entre econômico e social

Para a coordenadora da Diretoria de Cooperação e Desenvolvimento do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), Christiane Girard, a problemática das relações de trabalho envolve também uma questão: ⁴qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter?

Segundo Christiane, é preciso “articular” o econômico e o social, como acontece na economia solidária. “Ela é uma das alternativas que aparecem e precisa ser discutida. A resposta do trabalhador se manifesta por meio do estresse, de doenças diversas e do suicídio. A gente não se pergunta o suficiente sobre o peso da gestão do trabalho”, disse a representante do Ipea.

Adaptado de www.diariodasaude.com.br

Na coesão textual, os pronomes podem ser empregados para fazer a ligação entre o que está sendo dito e o que foi enunciado anteriormente.

O pronome sublinhado que estabelece ligação com uma parte anterior do texto está na seguinte passagem:

- “A configuração do mundo do trabalho é cada vez mais volátil” (ref. 1)
- Outra grande consequência, de acordo com o professor, diz respeito à saúde dos trabalhadores. (ref. 2)
- “Trata-se de um cenário em que todos perdem” (ref. 3)
- qual o tipo de desenvolvimento que nós, como cidadãos, queremos ter? (ref. 4)

14. Unigranrio-RJ 2018

Algumas dúvidas sobre a pílula do dia seguinte

Karolina Bergamo

Os especialistas dizem que, ainda que todas as mulheres do planeta usassem corretamente qualquer um dos métodos anticoncepcionais existentes, cerca de 6 milhões de gestações inesperadas ocorreriam. Essa estimativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) dá uma dimensão da possibilidade de falha nas estratégias disponíveis para evitar uma gravidez. Cenários como esses explicam por que a chamada pílula do dia seguinte (também conhecida pela sigla PDS) passou a ser tão procurada nas farmácias.

Muita gente se refere à pílula do dia seguinte como uma “bomba de hormônios”. “Uma dose da PDS contém o equivalente à metade de uma cartela de pílulas anticoncepcionais tradicionais, dessas que a mulher usa todos os dias”, esclarece a ginecologista Albertina Duarte Takiuti, coordenadora do Programa de Saúde do Adolescente da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo. E, segundo a ginecologista Luciana Potiguara, da Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia, essa enxurrada hormonal pode trazer efeitos colaterais, sim. “Além de desregular o ciclo menstrual, é possível que provoque vômitos. Aliás, se isso acontecer nas primeiras duas horas após a ingestão, a dose deve ser repetida. Outros sintomas como vertigem, cefaleia e dor nas mamas também podem aparecer”, alerta a médica.

“A pílula do dia seguinte é, na verdade, uma conquista das mulheres”, afirma Albertina. “Você ter acesso a um método de emergência é bacana. O perigo está em fazer dessa emergência um ritual cotidiano”, arremata. A *expert* ainda faz questão de lembrar que, mesmo tomando a pílula direitinho (no máximo 72 horas após a relação), ela ainda falha em 15% dos casos. “A cada 20 mulheres que tomam, três engravidam”, calcula. “A PDS deve ser usada somente em situações de relação sexual desprotegida próxima do período fértil, de ruptura do preservativo, de estupro ou de relação sexual sem uso de nenhum método contraceptivo”, completa Luciana.

A pílula é lembrada como aquela “do dia seguinte”, mas, entre os especialistas, ela é mais conhecida como “pílula de emergência” ou “contracepção de emergência”. Isso quer dizer que ela realmente só deve entrar em cena em um caso de extrema necessidade. “O ideal é utilizá-la uma vez por ano. Ela é menos segura que a pílula normal e ingeri-la direto aumenta o risco de gravidez e de confusão no ciclo menstrual. A mulher passa a não reconhecer o funcionamento do próprio corpo”, esclarece Albertina.

“A pílula do dia seguinte é uma medicação de emergência e não foi testada para uso frequente”, reforça Eduardo Zlotnik, ginecologista e obstetra do Hospital Albert Einstein, em São Paulo.

É possível que a pílula do dia seguinte cause (ou contribua para) a ocorrência da gravidez ectópica, ou seja, fora do útero. A explicação para isso é que a pílula do dia seguinte diminui o movimento natural das trompas. Só que é a atividade dessa estrutura que faz com que o óvulo fecundado seja enviado ao útero para se desenvolver. Então, se as trompas não se movimentam, o óvulo pode ficar parado ali. E é aí que está o perigo. Com o desenvolvimento do feto no lugar errado, as trompas podem se romper, causando uma hemorragia.

Há contraindicações em relação ao uso desse contraceptivo de emergência. “Em paciente com histórico ou risco conhecido de trombose”, responde Zlotnik, do Einstein. “Na verdade, todas as contraindicações para a pílula anticoncepcional servem também para a do dia seguinte”, afirma Albertina. E lembre-se: caso passe mal com o uso do comprimido, é necessário buscar ajuda médica. “Não se trata de terrorismo. Mas é fundamental ser cuidadosa, quando se recorre a esse o método”, conclui a especialista.

(Adaptado de Revista *Superinteressante*, abr. de 2018.)

“Isso quer dizer que ela realmente só deve entrar em cena em um caso de extrema necessidade.” (4º parágrafo)

Os pronomes sublinhados referem-se a termos do texto. A letra que apresenta tais termos, respectivamente, é...

- a) ... métodos contracepcionais existentes (1º parágrafo) / OMS (1º parágrafo).
- b) ... entre os especialistas, ela é mais conhecida como “pílula de emergência” ou “contracepção de emergência (4º parágrafo) / A pílula (4º parágrafo).
- c) ... muita gente (2º parágrafo) / o ciclo menstrual (2º parágrafo).
- d) ... um caso de extrema necessidade (4º parágrafo) / o risco de gravidez (4º parágrafo).
- e) ... A mulher (4º parágrafo) / o funcionamento (4º parágrafo).

15. UEMG 2016

Os princípios da conversa

José Luiz Fiorin

As condições gerais de linguagem que permitem fazer inferências na troca verbal

Uma anedota conhecida conta que um agente alfandegário pergunta a um passageiro que desembarcara de um voo internacional e passava pela aduana:

— Licor, conhaque, grapa...?

O passageiro responde:

— Para mim, só um cafezinho.

A graça da piada reside no fato de que o passageiro fez, propositadamente ou não, uma inferência errada nessa situação de comunicação. Inferiu que o fiscal aduaneiro lhe oferecia um digestivo, como no final de uma refeição num restaurante, quando, na realidade, a inferência correta é se ele trazia alguma bebida alcoólica na bagagem. Ele violou o princípio de pertinência que rege o uso da linguagem.

Chama-se inferência pragmática aquela que resulta do uso dos princípios que governam a utilização da linguagem na troca verbal. Paul Grice (1975) postula que um princípio de cooperação preside à comunicação. Ele enuncia-se assim: sua contribuição à comunicação deve, no momento em que ocorre, estar de acordo com o objetivo e a direção em que você está engajado.

Categorias

Esse princípio é explicitado por quatro categorias gerais – a da quantidade das informações dadas, a de sua verdade, a de sua pertinência e a da maneira como são formuladas, que constituem as máximas conversacionais. [...]

Não são regras

Pode-se infringir uma máxima para não transgredir outra, cujo respeito é considerado mais importante.

No exemplo que segue, a resposta do interlocutor viola a máxima da quantidade para não desobedecer à da qualidade:

— Onde João trabalha? Ele saiu daquela firma?

— No Rio de Janeiro.

Com efeito, quem pergunta quer de fato saber é a firma onde João presta serviços. A resposta mais vaga permite inferir que o interlocutor não sabe exatamente onde João trabalha.

Pode-se explorar a infringência de uma máxima com vistas a criar um dado efeito de sentido. Por exemplo, a ironia é a exploração de uma transgressão da máxima da qualidade. O que o texto irônico está dizendo não é verdade. Deve-se entendê-lo pelo avesso. No exemplo que segue, “modesto” quer dizer o oposto:

“Tenho uma voz conhecida, então não é qualquer narrador, é o Falabella contando a história”, diz o modesto autor-locutor”

(+ Miguel Falabella) (Veja, 11 jan. 2012, p. 109)

Máximas conversacionais

Máximas da quantidade

- Que sua contribuição contenha o tanto de informação exigida;
- Que sua contribuição não contenha mais informação do que é exigido.

Máximas da qualidade (da verdade)

- Que sua contribuição seja verídica;
- Não diga o que pensa que é falso;
- Não afirme coisa de que não tem provas.

Máxima da relação (da pertinência)

Fale o que é concernente ao assunto tratado (seja pertinente).

Máximas de maneira

Seja claro.

- Evite exprimir-se de modo obscuro;
- Evite ser ambíguo;
- Seja breve (evite a prolixidade inútil);
- Fale de maneira ordenada.

<http://revistalingua.com.br/textos/100artigo304577-1.asp>. (Adaptado).

A textualidade tem a referência como um de seus princípios. Trata-se de um processo pelo qual introduzimos ideias no texto e as recuperamos, por meio de recursos diversos. Um dos recursos muito utilizados é a **sinonímia**, que consiste no emprego de palavras com sentidos semelhantes, de modo a evitar a repetição desnecessária. Em relação aos pares de palavras a seguir, marque **V** (verdadeiro) para os pares de sinônimos corretos e **F** (falso) para os pares de sinônimos incorretos, de acordo com o texto.

- anedota – piada
- agente alfandegário – fiscal aduaneiro
- infringência – transgressão
- máxima – regra
- interlocutor – narrador

A sequência CORRETA é:

- V – F – V – F – V. c) F – V – F – F – V.
- V – V – V – F – F. d) V – F – F – F – V.

16. Uerj

Juventude e participação

Inicialmente, gostaria de destacar que toda avaliação é feita a partir de uma comparação. Neste caso, essa comparação poderia ser feita em duas direções. Uma delas em relação a outras faixas etárias e a outra

- em relação à juventude de épocas passadas. Em relação à primeira dimensão, me parece que o comportamento político da juventude não seja diferente do de outras faixas etárias. Os que avaliam como baixa a participação política da juventude atual não podem afirmar
- que seja diferente da participação política das outras faixas. Existem parcelas da população passivas (e entre elas há jovens e também adultos), assim como existem parcelas da população com alta taxa de participação política, e entre elas podemos igualmente
- identificar jovens e adultos.

Logo, uma comparação entre faixas etárias não nos leva a concluir que seja baixa a participação política da juventude. Agora, em relação à outra dimensão, a comparação entre juventudes de épocas diferentes, podemos constatar diferenças que aparentemente levem algumas pessoas a afirmações do tipo “a juventude atual não está com nada”, “antigamente os jovens tinham maior consciência e atuação política”. E aqui, novamente, devemos analisar a questão por partes. Jovens alienados e passivos sempre existiram ao lado de jovens conscientizados e ativos politicamente.

Deve-se reconhecer que a proporção entre essas duas categorias muda com o tempo, tem épocas em que a proporção de jovens ativos se amplia e em outras épocas diminui. Mas esse aumento ou diminuição é uma expressão da sociedade como um todo e não de uma determinada faixa etária. Se numa época a parcela de jovens cresce e se torna mais intensa, é porque esse mesmo fenômeno se manifesta na sociedade como um todo. O comportamento juvenil expressa as tendências gerais da sociedade como um todo.

A grande diferença está nos meios de que dispõem os jovens para desenvolver sua consciência crítica ou para manifestar sua postura política. Aí, sim, registramos mudanças radicais em relação a outras épocas.

Atualmente, os jovens têm acesso aos meios de comunicação que permitem ampliar a velocidade e a abrangência da transmissão de ideias, o que oferece facilidades nunca antes disponíveis para a expressão política da juventude.

A minha resposta pode parecer otimista e tenho plena consciência de que ela é. Os jovens da atualidade não são diferentes dos jovens de outras épocas, aceitam ou rejeitam valores, assumem ou não atitudes políticas com a mesma postura dos jovens do passado, a diferença não está no grau e sim na forma. Não muda o caminho, muda a forma de caminhar.

LUÍS DE LA MORA. Adaptado de www.cipo.org.br

Nos processos de coesão textual, há vocábulos que substituem palavras, expressões ou ideias anteriormente expostas.

Um exemplo em que o vocábulo grifado retoma algo enunciado em parágrafo anterior é:

- “a proporção entre essas duas categorias” (linhas 27-28)
- “é porque esse mesmo fenômeno” (linhas 33-34)
- “ou para manifestar sua postura política.” (linha 39)
- “e tenho plena consciência de que ela é.” (linhas 46-47)

EM13LGG101, EM13LP02, EM13LP08 e EM13LP52

1. Leia um trecho do conto “O rei Midas”, de Charles Perrault, para responder à questão.

Era uma vez um rei muito avarento, que se chamava Midas. Era fabulosamente rico, mas queria ser bem mais rico ainda. Embora não gastasse mais do que o indispensável, estava sempre repreendendo seu tesoureiro pelos gastos feitos. Nunca dava esmolas e os necessitados saíam de seu palácio desolados. Passava o dia nos cofres, contando suas riquezas e contemplando seu tesouro, encantado.

PERRAULT, Charles. O rei Midas. In: *Contos de Andersen, Grimm e Perrault*. PAZ, Maria Luisa de Abreu Lima (Tradução) São Paulo: Girassol, 2005. p. 204.

Assinale a alternativa correta.

- a) “Era uma vez” é uma expressão raramente usada no início de contos infantojuvenis.
- b) A conjunção “embora” exprime concessão entre as duas orações do período.
- c) O advérbio “nunca” poderia ser substituído por “deveras” sem prejuízo de sentido.
- d) Um rei avarento é um rei generoso.
- e) “Fabulosamente” é uma conjunção subordinativa.



Texto para as questões **2** e **3**.

A Carta

de Pero Vaz de Caminha

Senhor,

Posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que — para o bem contar e falar — o saiba pior que todos fazer!

Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosentar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.

Da marinhagem e das singraduras do caminho não darei aqui conta a Vossa Alteza — porque o não saberei fazer — e os pilotos devem ter este cuidado.

E portanto, Senhor, do que hei de falar começo:

E digo quê:

A partida de Belém foi — como Vossa Alteza sabe, segunda-feira 9 de março. E sábado, 14 do dito mês, entre as 8 e 9 horas, nos achamos entre as Canárias, mais perto da Grande Canária. E ali andamos todo aquele dia em calma, à vista delas, obra de três a quatro léguas. E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau, segundo o dito de Pero Escolar, piloto.

Na noite seguinte à segunda-feira amanheceu, se perdeu da frota Vasco de Ataíde com a sua nau, sem haver tempo forte ou contrário para poder ser!

Fez o capitão suas diligências para o achar, em umas e outras partes. Mas... não apareceu mais!

CAMINHA, Pero Vaz de. A carta de Pero Vaz de Caminha. Disponível em: www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ua000283.pdf. Acesso em: 21 ago. 2021.

EM13LGG103, EM13LP02 e EM13LP08

2. Após a leitura de um trecho da Carta de Pero Vaz de Caminha sobre o “descobrimento” do Brasil, escrita pelo escrivão português ao rei Dom Manuel, em 1500, identifique uma oração subordinada que exprima comparação e uma oração subordinada que exprima confirmação, ambas utilizando a progressão.

EM13LGG103, EM13LP02, EM13LP06 e EM13LP52

3. Transcreva o trecho da carta em que se estabelece a coesão pronominal e explique o uso em contexto.

Frente Única

Capítulo 1 – Figuras de linguagem

Revisando

- No texto, os vocábulos que constroem imagens metafóricas vinculadas especificamente ao campo semântico da travessia desse eu lírico no mundo são: ando, seguir, andam, anda, erra (verbos) e passadas, vias, caminho, pisadas, atalho (substantivos).
- O poeta desdobra a metáfora “o mundo é um moinho” em outras duas: que o mundo “vai triturar” os sonhos e “reduzir as ilusões a pó”. Com isso, ele expressa o sentido de destruição.
- Enquanto o modelo de civilização exposto por Sebastião Salgado apresenta uma comunidade indígena em harmonia e equilíbrio com a natureza, o modelo de civilização criticado por Mujica expõe as características negativas da sociedade contemporânea, criando um paradoxo.
- O fragmento “Mais sorte têm os pedestres...” configura ironia, pois o botão do sinal verde nem sempre funciona e acaba apenas remediando a ansiedade do pedestre.
- As expressões “beijo cancelado” e “produção de tanques e granadas” vão contra a ideia de carinho e afeição, culturalmente relacionada às mulheres.
- O autor utiliza o gerúndio como recurso gramatical para exprimir a mudança gradual. A rigidez expressa no segundo verso deve-se ao trecho “as expressões mais sisudas”.
- Há um exemplo de quiasmo no trecho “[...] como algum sinal do Dito morto ainda no Dito vivo, ou do Dito vivo mesmo no Dito morto”. O autor vale-se da antítese expressa pelas palavras “vivo” e “morto” para explicar a angústia de Miguilim com a morte do irmão.
- A 9. D
- Os dois exemplos de onomatopeia são “retintim” e “zoada”, que buscam reproduzir sons de objetos metálicos e ruídos de pessoas.

Exercícios propostos

- Não deve ser entendido em seu sentido literal porque, no contexto, os termos fazem alusão a presentes que não têm grande valor, sendo usados ironicamente para se referir a itens banais, que não causam grande impacto naqueles que os recebem.
- A 3. A 4. C
- Podem ser citados os termos “amassado”, para falar sobre pessoas que estão no metrô lotado, e “havigando”, referindo-se aos acessos à internet.
- Transitivo direto: “Surfamos a Internet”, expressão usada no título do texto com sentido figurado.
Intransitivo: “[...] só porque gostam de surfar”, frase que aparece em seu sentido literal, no último parágrafo do texto.
- D 10. B 13. A 16. B
- D 11. B 14. B 17. C
- D 12. D 15. B
- A antítese neste trecho reforça o fato de que não faz sentido ter máquinas complicadas para fazer tarefas simples.

- C
- O conceito explorado pelo cartum é o do paradoxo: na imagem, está ressaltado que o animal – um pato – aparenta ser, no reflexo das águas, um cisne – contradição que leva a uma afirmação, de fato, paradoxal, porque o reflexo dos seres deveria corresponder ao que eles são de verdade.
- Há, na expressão “refinamentos da guerra civilizada”, um paradoxo ou oxímoro porque o conceito de guerra exclui os conceitos de “refinamento” e “civilizada”; uma guerra não pode ser refinada, muito menos civilizada. Portanto, para a palavra “guerra”, estão combinadas palavras de sentido oposto, o que caracteriza um oxímoro.
- E 23. B 24. A 25. B
- O narrador chama de “eufemismo” os “felizes tempos”, pois atribui-se que também sofria, mas, por já ter passado, parece que foram mais simples.
- E
- a) Há antítese nos três versos do primeiro terceto (claro/escuro; ledo prazer/choro triste; tempestade/grã bonança) e no último verso do segundo terceto (pena/prazer).
b) A tese apresentada pelo eu lírico é a de que o tempo promove uma constante mudança no mundo e na vida das pessoas. Embora o tempo não consiga aplacar a sua tristeza, dado que sua felicidade depende de ser aceito por sua amada, o eu lírico se mantém esperançoso, como se vê no último verso do primeiro terceto já que, metaforicamente, o eu lírico afirma que o tempo transforma a tempestade (tristeza por ser rejeitado) em grã bonança (alegria por ser amado). No último terceto, essa esperança se intensifica e o eu lírico afirma estar seguro de “abrandar o tempo”, ou seja, vencer as resistências de sua amada.
- Ainda na segunda estrofe, as rosas são personificadas porque adquirem características humanas, ou seja, as rosas migradoras podem se deslocar de uma região para outra.
- C 31. C 32. D 33. E
- Há ocorrência de anáfora no penúltimo parágrafo do primeiro texto com a repetição de “quando”.
- D 37. A 39. E 41. C
- B 38. E 40. C
- a) O anacoluto é a quebra da estrutura sintática. O anúncio começa direcionado para o mensalista e muda de sujeito, direcionando-se à vaga.
b) Aquele que não estiver com a mensalidade em dia perderá automaticamente a sua vaga, a qual poderá ser ocupada por outro mensalista.
- E 44. A 45. C
- a) O anúncio se divide em desenho e fotografia. A parte do desenho reforça a visão de projeto e de planos, trabalhada no primeiro trecho da frase (“O nosso papel no seu projeto [...]”); já a parte da fotografia mostra a concretização desse projeto, também reforçado pela imagem.

- O anúncio apresenta a polissemia ao utilizar a palavra “papel” com o sentido de “função” e, depois, como objeto.
- D 48. B 49. A 50. E
- Cantareira já não possui mais trem.
- A 53. B 54. B
- Não. Pelo contexto é possível perceber que a palavra “dormia” foi usada como sinônimo de estar desatento, ou seja, sem reação aos problemas vivenciados pela pátria.
- a) A figura de linguagem utilizada para descrever “o segundo Rio” é a metáfora, caracterizando-o como “terra de ninguém”.
b) O terceiro Rio de Janeiro é a cidade como ela é de fato, com pessoas de diferentes etnias, classes sociais, crenças e gostos.

Exercícios complementares

- D
- O narrador caracteriza sua imaginação como “rápida”, “inquieta”, “fértil”, “viva” no sentido de produzir fantasias aos montes. Nesse sentido, ele metaforiza sua imaginação como sendo uma égua ibera, que é concebida pelo vento. Essa semelhança de significados caminha no sentido da fertilidade, da velocidade e da pujança, ou seja, imaginação e égua ibera compartilham noções comuns.
- B 5. E 7. D
- E 6. A 8. E
- Sim, a frase pode ser interpretada como a murta representando os povos indígenas e o jacarandá, o colonizador europeu.
- D 15. C 20. B 25. B
- A 16. D 21. C 26. B
- D 17. C 22. D 27. B
- D 18. C 23. D
- A 19. A 24. D
- A expressão “E pela paz derradeira que enfim vai nos redimir” contém um eufemismo porque o tom da letra é extremamente desagradável, mas a ideia contida na expressão coloca a morte na perspectiva de paz e de redenção, ou seja, atenua-se a ideia de morte.
- C 33. A 37. A 41. E
- D 34. C 38. D
- C 35. B 39. E
- E 36. B 40. A
- a) O termo “jorrava” apresenta a figura de linguagem hipérbole. Já a expressão “honesta pressa” marca a personificação.
b) Lembra-se de que nem mesmo sabia pronunciar o nome delas.
- A
- a) O poema descreve o anoitecer.
b) O sol esbraseia o Ocidente na agonia,/ Aves fogem em bandos destacados por céus de ouro e púrpura raiados/A pálebra do dia fecha-se.
- a) Podem ser citados o substantivo “aquisição”, o qual pode ser substituído por “compras”, e o advérbio “galhardamente”, que pode ser trocado por “tranquilamente”.
b) A Mercedes-Addelektra é a mais moderna e eficaz entre todas as máquinas [máquinas] de contabilidade.

46. C 47. D
48. Os três últimos versos utilizam zeugma e metonímia.
49. D
50. a) No excerto de “Conversa de Bois”, a análise feita pelo boi Dançador observa contrastes no ser humano, que pode tanto se “ajuntar com as coisas”, como também é capaz de “mudar de forma”. O homem é um ser que não tem constância, transforma-se magicamente. Nos versos de “Um boi vê os homens”, o eu lírico observa vários contrastes nos seres humanos, que são “Tão delicados (mais que um arbusto)” mas, em compensação, são “graves e até sinistros”. Além disso, apesar de os homens apresentarem-se “nobres”, “chegam à crueldade” quando ficam tristes.
- b) Tanto no excerto do conto, como nos versos do poema, os autores valem-se da prosopopeia (ou personificação), figura de linguagem em que se transferem sentimentos, pensamentos e atitudes humanas a animais ou objetos. Ambos os textos personificam os bois, já a partir dos títulos: “Conversa de bois” e “Um boi vê os homens”. Os animais põem-se a analisar os seres humanos, como exemplificam as passagens, entre outras, “O homem tem partes mágicas...” (Rosa); “Tão delicados (mais que um arbusto)...” (Drummond).
51. a) A expressão *Sweet home* suscita ironia, porque contrasta a vida doméstica “burguesa” do eu lírico com as realidades social, política e econômica brasileiras. Assim, a expressão demonstra a alienação da burguesia, que vive em “gozo”, “doçura” e “bocejo”.
- b) Ao dizer que “a vida é um bruto romance”, o eu lírico se refere ao gênero literário romance, geralmente composto de conflitos que se desenrolam entre as personagens e a própria vida. Já em “e nós vivemos folhetins sem saber”, o eu lírico se refere às histórias curtas, geralmente apresentadas parcialmente em revistas e jornais, com narrativa ágil e ganchos que visam prender o leitor.
52. a) No texto I, o amor é retratado de forma carnal. Já no texto II, o amor aparece como algo impossível cujo destino é o sofrimento.
- b) No texto I, ocorrem o paradoxo (“esse a neve assim me abraça”) e o hipérbato (“Dentro da fonte achei Brites/que ali se foi a banhar”). No texto II, ocorrem a aliteração (folhas, fizeram, fonte, fulgores) e a prosopopeia (“Folhas incandescentes fizeram da fonte/vales de fulgores”).
53. Aliteração é a repetição de fonemas idênticos ou parecidos, com o objetivo de obter efeito estilístico. Pode ser identificado no trecho “tea for two total, tilintar”.
54. O pleonasma pode ser identificado no verso “Chovia uma triste chuva de resignação”. O autor utiliza esse recurso para reforçar a ideia de chuva, configurando um pleonasma estilístico.
55. Pobre, mendigo e ditoso. Pois, muitas vezes, a pobreza e a mendicância podem ser consideradas opostas à felicidade. Portanto, as duas figuras de linguagem que reforçam o significado do verso são: antítese e anáfora.
56. D

BNCC em foco

1. a) A língua indígena é maxakali. A característica mencionada é que essa língua tem uma profusão metafórica natural, ou seja, há uma abundância de metáforas.
- b) O tradutor busca criar imagens compatíveis com as duas línguas, cuidando para que a reprodução dos sons e da musicalidade dos versos respeite a cultura de ambos os povos.
2. No primeiro verso, há uma metáfora representada pela expressão “muro de nuvens densas”, uma comparação implícita no sentido de que as nuvens densas parecem uma estrutura sólida, como um muro. No quinto verso, a sinestesia aparece na expressão “céu frio”, com efeito de sentido do tato. Na terceira estrofe, “pena” e “alegria” são usadas como ideias opostas, criando o efeito da antítese. Na quarta estrofe, os versos “Minha alma é a sombra presente/De uma presença passada” também trazem a antítese, uma vez que “sombra” e “presença”, assim como “presente” e “passada” são ideias opostas colocadas no mesmo contexto. Na última estrofe há uma metáfora no verso “Meus sentimentos são rastros”, construída por meio de uma comparação sem conectivo; há também um paradoxo em “Só meu pensamento sente”, pois há uma mescla entre pensamentos, que são racionais, e sentimentos, que são emocionais; por fim, há uma metonímia no verso “A noite esfria-se de astros”, pois há a permuta do vocábulo “estrelas” pela expressão “astros”.
3. E

Capítulo 2 – Tipologia textual e gêneros discursivos

Revisando

1. a) Descritivo e dissertativo.
- b) Descritivo por caracterizar “Ser consciente”, por exemplo; dissertativo pelo uso repetitivo do advérbio “talvez”, que introduz uma reflexão do autor, e pela abordagem temática explícita acerca dos sonhos.
2. O discurso direto é introduzido por letras maiúsculas e por vírgulas.
3. Permite ao autor garantir maior fluidez ao fluxo da narrativa, processo muitas vezes prejudicado pelo discurso direto comum.
4. C
5. Possibilidade de resposta: Umidade do ar chega ao baixíssimo nível de 11%, o que resulta no dobro de incêndios.
6. a) O artigo de Patrícia Lauretti faz basicamente uso do argumento de autoridade, recorrendo a uma tese (“Realidades e particularidades da formação do profissional circense no Brasil: rumo a uma formação técnica e superior”) e a seu respectivo autor para corroborar suas informações no artigo, por meio de citações diretas e indiretas.
- b) Atualmente, o profissional do circo abrange professores de teatro, de artes e de educação física. Por isso, a formação desse profissional é bastante plural, e sua atuação vai além do artístico e do profissional.
7. É fundamental reconhecer que a omissão, na versão cinematográfica, de cenas presentes na narrativa de Solomon não se

constitui em um erro, não configura uma falha, pois os dois textos pertencem a gêneros diferentes, utilizando-se, portanto, de recursos diferentes, de maneiras distintas para contar a mesma história. O filme possui restrições, limitações, tais como de tempo e de gastos; por isso, o roteiro no qual se sustenta privilegia outros aspectos que não a fidelíssima adaptação à obra original. Cabe ao roteirista e ao diretor ree laborar o texto para que os seus objetivos sejam atingidos, quer seja a produção de uma obra artística de qualidade, quer seja a produção de uma obra com intuito de captação de bilheteria.

8. A
9. O pianista lá do salão de dança, senhor Armando, me aconselhou:
— Não perca a calma e espere com confiança, pois a justiça pode tardar, mas ela vem um dia.
A isso, então, respondi:
— Que confiança pode ter essa justiça que vem dos homens se nunca homem foi justo para mim.
10. B

Exercícios propostos

1. A 3. A 5. D 7. E
2. D 4. B 6. C
8. Eduardo Koge, líder indígena de Tadarimana, MT, disse que eles vivem lá igual ao gado e que não podem sair daquela cerca.
9. A 12. C 15. C 18. B
10. D 13. D 16. B 19. C
11. C 14. A 17. A
20. A fala procura persuadir os membros da bancada ruralista a promover o desmatamento de florestas localizadas em regiões de interesse no campo do agronegócio. Considerando o campo da lógica, o argumento de estratégia de posse (“invadiu nossas terras”) é incoerente, uma vez que a existência do ecossistema antecede a criação da propriedade privada, tendo ocorrido há “milhares de anos”. Além disso, a posição assumida pela personagem fere a ética coletiva ao subordinar a preservação de uma floresta ao interesse individual e monetário.
21. Sob uma perspectiva objetiva e de cunho técnico, o botânico estuda o vegetal de maneira classificatória, atribuindo-lhe características descritivas, como altura e composição. Em contrapartida, o poeta produz uma análise subjetiva e mais completa acerca da árvore, atribuindo-lhe uma noção verdadeiramente ampla, viva e desenraizada de limitações técnicas e objetivas.
22. D 23. C 24. E 25. B
26. O artigo científico é estruturado com linguagem predominantemente literal, objetiva e formal. O autor manifesta sua opinião a partir de uma tese e um desenvolvimento argumentativo, o que permite classificar o texto como dissertativo. A tira, por sua vez, apresenta uma sequência narrativa e faz uso de linguagem subjetiva e informal, além de possuir humor no desfecho do último quadro.
27. Segundo o autor, a maior parte dos jovens pesquisadores é arrogante e não aceita aprender lições antes de ensiná-las. Com isso, a atual geração é formada, paradoxalmente, por mestres que nunca foram discípulos.

28. I. Considerando isso, fica claro que o futebol exerce uma grande influência no cotidiano do brasileiro.
- II. O técnico declarou aos jornalistas que, para o próximo jogo, ele teria uma carta na manga.

29. C 31. A 33. B 35. E
30. B 32. C 34. C

36. O discurso indireto livre é marcado pela mistura da voz da personagem com o pensamento do narrador. Muitas vezes, essa fusão dificulta compreender a quem o discurso pertence, além de ser um recurso estilístico que dinamiza a narrativa. Na novela de Guimarães Rosa, o indireto livre é verificado nas orações exclamativas (Mas essa estória estava errada, não era toda!) e interrogativas (“Mentira dela?”).

37. E 42. C 47. E 52. E
38. E 43. C 48. A 53. B
39. B 44. A 49. E 54. A
40. E 45. D 50. B
41. C 46. E 51. D

55. a) Ao caracterizar “memes e textões” como “extravasadores de afetos”, o autor demonstra que ambos são gêneros textuais capazes de exprimir aquilo que sentimos, seja em um estado eufórico, seja em um estado disfórico. Essa ideia é justificada por seguimentos como, por exemplo, “modos de a gente rir”, “dividir acontecimentos” e “colocar o dedo em feridas”.
- b) Não existe contradição na ideia expressa pelo trecho considerando-se a “plataforma”, ou seja, o suporte textual, em que os “textões” são escritos. Isso porque esse gênero é criado exclusivamente na internet, sobretudo em redes sociais (algumas, inclusive, com um limite de palavras para cada publicação), o que obriga o autor a produzir textos com o máximo de concisão possível. Assim, embora sejam conhecidos como “textões”, seu tamanho dificilmente é, de fato, extenso – na realidade, são apenas maiores do que aqueles com que o usuário está acostumado a lidar em redes sociais, sem que realmente sejam grandes.

Exercícios complementares

1. a) A crônica é um gênero textual curto cujo assunto e linguagem devem estar ligados ao cotidiano, recebendo um tratamento irônico ou humorístico. É o que se nota em “Caso de secretária”, de Carlos Drummond de Andrade, em que um fato corriqueiro, como a comemoração de um aniversário, ganha graça quando um homem nu é surpreendido pela família em uma festa surpresa.
- b) Entre as expressões citadas “mínima alusão” (1^o parágrafo), “solidão moral” (4^o parágrafo), “suaves brincadeiras” (4^o parágrafo), “noite besta” (8^o parágrafo), “horas amenas” (8^o parágrafo) e “inspeção prévia” (12^o parágrafo), a expressão “noite besta” (8^o parágrafo) possui um termo criado por derivação imprópria; no caso, o termo “besta”. Tal palavra é originalmente classificada, do ponto de vista da morfologia, como substantivo; no entanto, é empregada, na expressão, como adjetivo de “noite”. Dessa forma, a palavra

“besta” teve sua classe gramatical original alterada sem que houvesse alteração de sua estrutura; portanto, seu processo de formação corresponde à derivação imprópria.

2. a) São exemplos de discurso indireto livre: “Era dia de seu aniversário, e a esposa nem sequer o abraçara, não fizera a mínima alusão à data. As crianças também tinham se esquecido. Então era assim que a família o tratava?”.
- b) A primeira frase, transcrita em discurso indireto, dá-se da seguinte maneira: “Perguntou, ao saírem, aonde ele preferia ir”. A segunda frase, transcrita em discurso direto, dá-se da seguinte maneira: “No apartamento, ela apontou o banheiro e disse-lhe: Use-o sem cerimônia”.
3. D 6. E 9. D 12. C
4. C 7. C 10. A 13. D
5. D 8. A 11. B
14. A informalidade é criada pelas expressões “feito ele”, “dar o passo” e “um quê”.

15. Foi preciso o destemor conceitual de um teólogo exigente como ele para propor uma mudança racional necessária. Ousou: para salvar a onipotência de Deus, é impossível não sacrificar pelo menos uma faceta da bondade divina.
16. B 17. C
18. O advérbio “eventualmente” deixa pressuposto que não é toda ideia que surge que é transformada em conto ou romance. A criação desses gêneros ocorre, portanto, casualmente, quando, nas palavras da escritora, “espontaneamente a ‘coisa’ vem”.
19. No sétimo parágrafo, Syd Field explicita ao leitor o fato de que todo e qualquer roteirista tem uma dinâmica durante o processo de criação de um roteiro (“Depende de você”).
20. Segundo Clarice Lispector, escrever é uma “maldição” porque o indivíduo que se vê assaltado pelo desejo de transformar a própria experiência em relato perde o controle sobre o próprio desejo. No entanto, durante o processo de elaboração da escrita, os mais diferentes aspectos da existência passam a encontrar uma significação, ainda que precária. Dessa forma, escrever é, paradoxalmente, uma “maldição” e uma “salvação”.
21. D 26. B 31. D 36. D
22. A 27. A 32. E 37. D
23. C 28. A 33. C 38. E
24. D 29. C 34. E 39. D
25. C 30. A 35. B

40. Rosas. **Que nome!** Não lhe entrava na cabeça que uma pessoa pudesse se chamar Rosas. Nem Rosas, nem Flores. **Que esquisite, já viu?**
Cena: a visão do chapéu da senhora no banco da frente.
41. A imagem de mãos amarradas em um fundo escuro reforçam a mensagem de que, nos dias atuais, ainda existe escravidão no Brasil. A escuridão e a privação da liberdade demonstradas pela imagem são signos metafóricos que representam a condição de escravidão.
42. C
43. Na imagem, há um homem, um sem-teto, dormindo sobre um ponto de ônibus. Nesse ponto, há uma publicidade com o seguinte mote: “Conforto, segurança e beleza. Aqui,

os benefícios não são passageiros”. Associando esse mote à situação do sem-teto, tem-se nitidamente um efeito contrastante e contraditório, originando um paradoxo: não há conforto, segurança e beleza (muito menos benefícios) quando se dorme na rua (no caso, sobre um ponto de ônibus). Nesse sentido, o mote pode ser considerado irônico também, com a ressalva de que a ironia é produzida pelo contexto, ou seja, não foi a intenção do publicitário.

44. a) Ao criar a analogia do futebol como “língua geral”, José Miguel Wisnik destaca valores negativos para o conceito de “prosa” no universo futebolístico e literário, quando esta se torna “burocrática e anódina” – ou seja, rígida à estrutura e sem inovação criativa. Além disso, o autor classifica aspectos negativos também da “poesia”, quando se torna “firula retórica sem nervo e sem alvo” – ou seja, com aparente inovação e liberdade, que não resultam em algo de fato inovador ou objetivo.
- b) Ao classificar o futebol como uma espécie de “língua geral”, Wisnik atribui ao esporte um caráter universal e de expressiva amplitude, uma vez que se trata do “esporte mais jogado no mundo”, ao mesmo tempo que é “capaz de absorver e expressar culturas”.
45. A letra da canção apresenta características de uma carta pessoal. Pode-se fazer tal afirmação pela presença de marcadores de interlocução, como a primeira pessoa “eu”, que marca o remetente, o vocativo “meu caro amigo” e o pronome oblíquo “lhe”, que marcam o destinatário; pela presença de marcadores dêiticos, como o advérbio “aqui”, que situa a enunciação num espaço que se opõe a outro (aqui x ali); pelo próprio conteúdo da letra da canção, na qual se atualizam acontecimentos cotidianos; e pela despedida (“Adeus”) ao final do texto.
46. A 47. A
48. O fiscal do rapa perguntou ao músico se ele tinha licença. Diante da negativa, o fiscal, então, pediu para que o músico o acompanhasse. Este, por sua vez, respondeu afirmativamente e perguntou-lhe qual música o fiscal iria cantar.
49. B 51. A 53. E 55. A
50. B 52. C 54. D 56. B

BNCC em foco

1. Soma: 02 + 04 + 08 + 16 = 30
2. E 3. C

Capítulo 3 – Funções da linguagem

Revisando

1. No poema, predomina o emprego da função emotiva (ou expressiva), usada para que o emissor exponha um pensamento.
2. Dentre as estruturas que atestam o emprego da função emotiva, verifica-se o uso de pronomes na primeira pessoa (“eu”, “meu”) e de linguagem subjetiva, que permitem ao eu lírico transmitir seus sentimentos de forma mais expressiva.
3. É possível identificar o emprego simultâneo de linguagem emotiva (ou expressiva) e apelativa, também conhecida como “conativa”.

4. Considerando-se que o texto pertence ao gênero sermão, é correto afirmar que sua função principal é a apelativa. Isso porque esse gênero possui finalidade exortativa, ou seja, é feito para convencer o leitor a respeito de uma reflexão religiosa.
5. A afirmação é verdadeira. A função fática é feita para estabelecer uma comunicação, ou seja, abrir o canal comunicativo. Essa finalidade é comum quando nos encontramos com alguém pela primeira vez e, nessa história, o paciente fez uso dela para ser gentil com o médico. Ao ignorar o valor fático do diálogo, o interlocutor rompeu de modo abrupto a comunicação, o que gerou o efeito de humor da anedota.
6. A metalinguagem é estabelecida porque o eu lírico faz uso da linguagem poética para explicar o processo de criação de um poema.
7. A afirmação é verdadeira. Ao empregar rimas e estabelecer uma relação comparativa entre o ourives (profissional que trabalha com pedras preciosas) e um poeta, o eu lírico melhora a apresentação estética do texto, o que configura o uso da função poética.
8. Além das funções metalinguística e poética, o eu lírico faz uso constante de linguagem emotiva ao expressar seu sentimento enquanto autor.
9. Predomina, no primeiro texto, a função referencial. Ela é criada a partir da linguagem objetiva, produzida em terceira pessoa e com verbos no modo indicativo. Sua finalidade principal é transmitir ao interlocutor uma informação de modo imparcial; portanto, o foco da mensagem é o próprio referente.
10. Para que o parágrafo contenha apenas a função referencial, conforme solicitado pelo enunciado, é preciso que a resposta não contenha marcadores opinativos explícitos, como “eu acho”, “é importante”, dentre outros. Além disso, é obrigatório que não apresente interlocução pelo uso dos pronomes “tu” e “você”, assim como seja estruturada de modo impessoal, pela terceira pessoa. O foco da mensagem, nesse sentido, deve ser a transmissão da informação, ou seja, o próprio referente.

Exercícios propostos

- | | | | |
|------|------|-------|-------|
| 1. C | 5. B | 9. C | 13. C |
| 2. D | 6. E | 10. E | 14. C |
| 3. B | 7. D | 11. C | 15. E |
| 4. D | 8. D | 12. A | 16. B |

Exercícios complementares

- | | | | |
|------|------|------|------|
| 1. C | 2. C | 3. B | 4. D |
|------|------|------|------|
5. a) A função metalinguística acontece quando a linguagem se usa para explicar a si própria, como em verbetes de dicionário. No caso do texto I, tem-se um verbete etimológico que objetiva explicar a etimologia da deusa Hécate e suas características.
- b) A relação estabelecida entre seios e textos caminha no sentido da sensualidade, do erotismo, da beleza, como se a leitura fosse um ato intrinsecamente erótico e quase indissociável da ideia de prazer.
- | | | | |
|------|-------|-------|-------|
| 6. B | 9. A | 12. E | 15. A |
| 7. C | 10. C | 13. D | 16. B |
| 8. D | 11. C | 14. B | |

BNCC em foco

- | | | |
|------|------|------|
| 1. E | 2. D | 3. C |
|------|------|------|

Capítulo 4 – Coesão

Revisando

- São partes ou blocos constituintes do texto, tais como palavras, frases e parágrafos.
 - São os conectores, ou seja, vocábulos que realizam as articulações gramaticais, tais como substantivos, pronomes, conjunções, preposições etc.
 - São as elipses e substituições dos períodos por sinônimos, pronomes ou outros vocábulos, para eliminar as repetições de palavras e evitar redundâncias.
- Resposta pessoal. É possível pensar, por exemplo, nas peças de uma bicicleta (guidão, banco, quadro, coroa, pedal, garfo etc.) como as unidades constituintes do texto e nos jogos de porcas e parafusos como os conectores (conjunções, pronomes etc.). O uso de uma quantidade adequada de jogos de porcas e parafusos, bem como a correta regulação das peças, poderiam representar o ajuste fino do equipamento, que contribui para seu bom funcionamento (uso adequado dos mecanismos progressão, remissão, antecipação).
- Conjunção coordenativa.
 - Nos versos citados, o uso da conjunção expressa uma relação de adição. Esse recurso tem por objetivo acrescentar uma ideia ao termo ou oração anterior.
- Temporal.
 - A conjunção temporal “quando” alude ao momento em que o sentimento do amor é despertado, sendo difícil demonstrá-lo.
- No contexto do poema, a conjunção “se” expressa uma hipótese. O eu lírico diz que, quando se ama alguém, é tarefa árdua expor os sentimentos à pessoa amada, sugerindo que “se ela adivinhasse”, “se pudesse ouvir o olhar”, “e se um olhar lhe bastasse”, seria mais fácil revelar o amor que se sente.
- Em “Fala: parece que mente” e “Cala: parece esquecer”, ocorre o ocultamento do sujeito, que pode ser recuperado no primeiro verso do trecho apresentado, evitando repetições desnecessárias. Assim, a ferramenta de coesão utilizada foi a elipse, que é um tipo de remissão.
- A relação estabelecida é a de causa, motivo. Pode ser substituído por “pois”, “uma vez que”, “já que”, entre outros.
- Carla trabalhou bem e mostrou resultados, tanto que foi promovida. O conectivo “tanto que” traduz a ideia de consequência.
- O pronome “eles” refere-se a “cursos de humanidades”, e o pronome “à qual” refere-se a “sociedade”.
- (1) Sentia o peso rico do manto.
(2) Parecia a Amélia ser uma santa no andar,
(3) uma onda de sangue esaldou o rosto de Amélia:
(4) Tira o manto de mim!

Exercícios propostos

- | | | | |
|------|------|------|------|
| 1. B | 3. C | 5. A | 7. A |
| 2. A | 4. D | 6. B | 8. D |

- | | | | |
|-------|-------|-------|-------|
| 9. A | 11. A | 13. C | 15. A |
| 10. C | 12. E | 14. B | 16. D |

Exercícios complementares

- | | |
|------|------|
| 1. B | 2. B |
|------|------|
3. a) De acordo com o autor, há um transtorno mental reconhecido, definido como síndrome de Jerusalém, que se caracteriza por atitudes violentas injustificadas que resultam da influência que o fanatismo religioso exerce nas pessoas, levando-as a inflamarem-se e cometerem atos de terror, como incendiar um templo ou símbolo de outra fé ou religião.
- b) As ocorrências da palavra “transparente” diferem em sentido. Na primeira delas, a palavra é usada em sentido conotativo para caracterizar o capitalismo, em oposição à palavra “ameaçador”. Na segunda ocorrência, a palavra é usada em seu sentido denotativo para descrever o ar puro das montanhas de Jerusalém.
- | |
|------------------|
| 4. C |
| 5. E |
| 6. D |
| 7. E |
| 8. B |
| 9. F; V; V; V; F |
| 10. E |
| 11. E |
| 12. A |
| 13. B |
| 14. B |
| 15. B |
| 16. A |

BNCC em foco

- | |
|------|
| 1. B |
|------|
2. O primeiro período da carta “Posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!” apresenta uma oração subordinada de comparação por meio da locução conjuntiva “assim como”, indicando semelhanças nas ideias entre as orações “não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza” e “assim como eu melhor puder”. Ao final do trecho da carta, há uma oração subordinada de confirmação por meio da conjunção “segundo” em “segundo o dito de Pero Escolar, piloto”, expressando conformidade com a oração anterior: “E domingo, 22 do dito mês, às dez horas mais ou menos, houvemos vista das ilhas de Cabo Verde, a saber da ilha de São Nicolau”.
3. O trecho em que há a coesão pronominal é: “Todavia tome Vossa Alteza minha ignorância por boa vontade, a qual bem certo creia que, para aformosantar nem afear, aqui não há de pôr mais do que aquilo que vi e me pareceu.”. Nesse tipo de coesão, o pronome relativo “a qual” é usado para evitar a repetição desnecessária da expressão “boa vontade”, que aparece anteriormente no texto.